REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

COLETÂNEA FRANCESA

CONTENDO

Os fatos de manifestação dos Espíritos, assim como todas as notícias relativas ao Espiritismo. - O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do mundo invisível, sobre as ciências, *a* moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e seu futuro. - A história do Espiritismo na antigüidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO

DE ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito

DÉCIMO-PRIMEIRO ANO. – 1868

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPIRITA

Av Otto Barreto, 1067 - Caixa Postal 110
Fone: (19) 541-0077 - Fax: (19) 541-0966
CEP 13 602 970 - Araras - Estado de São Paulo - Brasil
C.GC. (MF) 44.220.101/0001-43 Inscrição Estadual 182 010 405.118

Título original em francês:

REVUE SPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA

1ª edição - 1.000 exemplares - 2000

ÍNDICE GERAL DAS MATÉRIAS

DO DÉCIMO-PRIMEIRO VOLUME

ANO 1868

JANEIRO

A Fome na Argélia
Dissertações dos Espíritos
JUNHO
A Mediunidade no copo d'água
Fotografia do Pensamento
Morte do Sr Bizet, cura de Sétif
O Espiritismo por toda a parte- O jornal *La Solidaríté*
Conferências
Notícias Bibliográficas -A religião e a política na sociedade moderna,
por Sr Herrenschneider, resumo entregue por Emile Barrault
JULHO
A Ciência da concordância dos números e a fatalidade
A Geração espontânea e a Gênese
O partido espírita
O Espiritismo por toda a parte- O jornal *Lê Siècle- Paris sonâmbula*
Teatro - *Cornélio - O Galo de Miycille*
Alexandre Dumas -*Monte-Crísto*
Bibliografia - *A Alma,* demonstração de sua realidade, deduzida do estudo dos efeitos do clorofórmio, pelo Sr Ramon de Ia Sagra
AGOSTO
O materialismo e o direito (Extrato do jornal te *Droit)*
O jornal *La Solidarité*
O partido espírita, Explicação
Perseguições - Instruções dos Espíritos
Espiritismo retrospectivo - A mediunidade pelo copo d'água, em ,
na casa do duque de Orléans
A reencarnação no Japão São Francisco Xavier
e o bonzo Japonês
Carta do Sr Monico ao jornal de *Mahouna,* de Guelma (Argélia)
Bibliografia- O Espiritismo em Lyon, jornal
SETEMBRO
Crescimento e diminuição do volume da terra, a propósito de A Gênese
A alma da terra
Da proteção do Espírito dos santos modelos
A poltrona dos antepassados
Círculo da moral espírita
As memórias de um marido
Bibliografia- O regimento fantástico
Conferências sobre a alma, por Sr Alexandre Chaseray
Instruções dos Espíritos- O que se fez de mim?
Liga Internacional da paz
O Espiritismo na Bíblia (No prelo)
OUTUBRO
Meditações, por C Tschokke
Doutrina de Lao-Tseu, filósofo chinês
Funerais da Senhora Victor Hugo
Efeito moralizador da reencarnação
Uma profissão de fé materialista
Profissão de fé semi-espírita
Instruções dos Espíritos - Influência dos planetas sobre as perturbações do
globo terrestre
Variedade- Belo exemplo de caridade evangélica

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO **NO. 1** **JANEIRO 1868**

GOLPE DE VISTA RETROSPECTIVO.

O ano de 1867 havia sido anunciado como devendo ser particularmente proveitoso ao Espiritismo, e esta previsão realizou-se plenamente. Ele viu aparecer várias obras que, sem levar-lhe o nome, popularizam seus princípios, e entre as quais lembraremos *Mirette,* do Sr. Sauvage; Lê *Roman de l'avenir,* do Sr. Bonnemère; *Dieu dans Ia nature,* pelo Sr. Camille Flammarion. *La Raison du Spiritisme,* pelo Sr. juiz de instrução Bonnamy, é um acontecimento nos anais da Doutrina, porque sua bandeira é altamente e corajosamente arvorada porum homem cujo nome, justamente estimado e considerado, é uma autoridade, ao mesmo tempo que sua obra é um protesto contra os epítetos dos quais a crítica gratifica geralmente os adeptos da idéia. Os Espíritas têm todos apreciados esse livro como o merece, e lhe compreenderam a importância. É uma resposta peremptória a certos ataques; também pensamos que eles considerarão como um dever propagá-lo no interesse da Doutrina.

Não tivesse o ano somente esses resultados, seria preciso felicitá-lo; mas produziu mais de efetivos. O número das sociedades ou grupos oficialmente conhecidos, é verdade, não aumentou sensivelmente; antes mesmo diminuiu em conseqüência das intrigas com a ajuda das quais procuraram miná-los, neles introduzindo elementos de dissolução; mas em contrapartida, o número das reuniões particulares ou de família cresceu numa proporção muito grande.

Além disso, é notório para todo mundo, e da própria confissão de nossos adversários, que as idéias espíritas ganharam terreno consideravelmente, assim como o constata o autor da obra da qual demos conta acima. Eles se infiltram por uma multidão de saídas; tudo a isto concorre; as coisas que, à primeira vista, ali parecem as mais estranhas, são meios com a ajuda dos quais essas idéias se fazem luz. É que o Espiritismo toca a um tão grande número de questões que é bem difícil abordar o que quer que seja sem nisso ver surgir um pensamento Espírita, de tal sorte que, mesmo nos meios refratários, essas idéias eclodem sob uma forma ou sob uma outra, como essas plantas de cores variadas que brotam através das pedras. E, como nesses meios, geralmente, rejeita-se o Espiritismo por espírito de prevenção, sem saber o que ele diz, não é surpreendente que, quando os pensamentos espíritas ali aparecem, não se os reconhece, e, então, são aclamados porque são achados bons, sem desconfiar que são do Espiritismo.

A literatura contemporânea, pequena ou grande, séria ou leviana, semeia essas idéias em profusão; ela está delas matizada, e não lhe falta absolutamente senão o nome. Se se reunissem todos os pensamentos espíritas que correm o mundo, se constituiria o Espiritismo completo. Ora, aí está um fato considerável, e um dos mais característicos do ano que acaba de se escoar. Ele prova que todos possuem dele, de si para si, elementos no estado de intuição, e que, entre seus antagonistas e ele, o mais freqüentemente, não há senão uma questão de palavras. Os que o repelem, com perfeito conhecimento de causa são aqueles que têm interesse em combatê-lo.

Mas, então, como chegar a fazê-lo conhecer para triunfar dessas prevenções? Isto é obra do tempo. É preciso que as circunstâncias o conduzam naturalmente, e pode-se contar para isto com os Espíritos que sabem fazê-las nascer em tempo oportuno. Estas circunstâncias são particulares ou gerais; as primeiras agem sobre os indivíduos e as outras sobre as massas. As últimas, pela sua repercussão, fazem o efeito de minas que, a cada explosão, levantam alguns fragmentos do rochedo.

Que cada Espírita trabalhe de seu lado, sem se desencorajar pela pouca importância do resultado obtido individualmente, e pense que à força de acumular grãos de areia forma-se uma montanha.

Entre os fatos materiais que assinalaram esse ano, as curas do zuavo Jacob estão em primeiro lugar; elas fizeram uma ressonância que todo o mundo conhece; e, se bem que o Espiritismo ali não haja figurado senão incidentemente, a atenção geral por isso não foi menos vivamente chamada sobre um fenômeno dos mais sérios e que a ele se liga de maneira direta. Esses fatos, se produzindo em condições vulgares, sem aparelho místico, não por um único indivíduo mas por vários, têm, por isto mesmo, perdido o caráter miraculoso que se lhes atribuía até então; eles reentraram, como tantos outros no domínio dos fenômenos naturais. Entre aqueles que os rejeitam como milagres, muitos se tornaram menos absolutos

na negação do fato, e lhe admitiram a possibilidade como resultado de uma lei da Natureza desconhecida; era um primeiro passo num caminho fecundo em conseqüências, e mais de um céptico foi abalado. Certamente, todo o mundo não foi convencido, mas isto fez muito falar; disso resultou, num grande número, uma impressão profunda que fez refletir mais do que se crê; são sementes que, se não dão uma abundante colheita imediata, não estão perdidas para o futuro.

O Sr. Jacob se mantém sempre à parte de maneira absoluta; ignoramos *os* motivos de sua abstenção e se deve ou não retomar o curso de suas sessões. Se há intermitência em sua faculdade, como ocorre freqüentemente em semelhante caso, isto seria uma prova de que ela não se prende exclusivamente à sua pessoa, e que, fora do indivíduo, há alguma coisa, uma vontade independente.

Mas, dir-se-á, por que essa suspensão, deste o instante em que a produção desses fenômenos era uma vantagem para a Doutrina? Tendo as coisas sendo conduzidas até aqui com uma sabedoria que não se desmentiu, é preciso supor que aqueles que dirigem o movimento julgaram o efeito suficiente para o momento, e que era útil dar um tempo de parada à efervescência; mas a idéia foi lançada, e pode-se estar certo de que ela não permanecerá no estado de letra morta.

Em suma, como se vê, o ano foi bom para o Espiritismo; suas falanges recrutaram homens sérios, cuja opinião é tida por alguma coisa em um certo mundo. Nossa correspondência nos assinala, de quase toda parte, um movimento geral de opinião para essas idéias, e, coisa bizarra neste século positivo, as que ganham mais terreno são as idéias filosóficas, bem mais do que os fatos materiais de manifestação que muitas pessoas se obstinam ainda em rejeitar. De sorte que, diante da maioria, o melhor meio de fazer proselitismo é começar pela filosofia, e isto se compreende. As idéias fundamentais sendo latentes em sua maioria, basta despertá-las; são compreendidas porque possuem seus germes em si, ao passo que os fatos, para serem aceitos e compreendidos, pedem um estudo e observações que muitos não querem se dar ao trabalho de fazer.

Depois o charlatanismo, que se apoderou dos fatos para explorá-los em seu proveito, desacreditou-os na opinião de certas pessoas expondo-os à crítica; isto não podia ser assim com a filosofia que não era tão fácil de arremedar, e que, alias, não é matéria explorável.

O charlatanismo, por sua natureza, é agitador e intrigante, sem isto não seria charlatanismo. A crítica, que se cuida, geralmente, pouco em ir ao fundo do poço procurar a verdade, viu o charlatanismo se exibindo, e esforçou-se para a ele ligar a etiqueta do

Espiritismo; daí, contra esta palavra, uma prevenção que se apaga à medida que o Espiritismo verdadeiro é melhor conhecido, porque não há ninguém, que tendo-o estudado seriamente, o confunda com o Espiritismo grotesco de fantasia, que a negligência ou a malevolência procuram a aquele substituir. Foi uma reação nesse sentido que se manifestou nestes últimos tempos.

Os princípios que se acreditam com mais facilidade são os da *pluralidade dos mundos habitados* e da *pluralidade das existências,* ou *reencarnação;* o primeiro pode ser considerado como admitido sem contestação pela ciência e pelo assentimento unânime, mesmo no campo materialista; o segundo está no estado de intuição em uma multidão de indivíduos em que é uma crença inata; encontra numerosas simpatias, como princípio racional de filosofia, fora mesmo do Espiritismo. É uma idéia que sorri a muitos incrédulos, porque nela encontram *imediatamente* a solução das dificuldades que os tinham levado à dúvida. Assim esta crença tende, cada vez mais, a se vulgarizar. Mas para quem reflete, esses dois princípios têm conseqüências forcadas que conduzem em linha direta ao Espiritismo. Pode-se, pois, considerar o progresso dessas idéias como um primeiro passo para a Doutrina, uma vez que elas lhe são partes integrantes. A imprensa que sofre, sem dúvida, com o seu desconhecimento, a influência da difusão das idéias espíritas, porque estas penetram até em seu seio, se abstém em geral, senão por simpatia, pelo menos por prudência; não é quase mais de bom gosto falar dos Davenport. Dir-se-ia mesmo que ela afeta de evitar a questão do Espiritismo; se, de tempo a outro, lança algumas piadas contra seus adeptos, são como as últimas espoletas de um bosquete de artifício; mas não há mais esse fogo de mosqueteria de invectivas que se ouvia há dois anos apenas. Se bem que ela tenha feito quase tanto barulho do Sr. Jacob quanto dos Davenport, sua linguagem foi toda outra e há a anotar, que, em sua polêmica, o nome do Espiritismo não figurou senão muito acessoriamente.

No exame da situação, não é preciso considerar somente os grandes movimentos ostensivos, mas é preciso sobretudo levar em conta o estado íntimo da opinião e das causas que podem influenciá-la. Assim como dissemos em outra parte, observando-se atentamente o que se passa no mundo, se reconhecerá que uma multidão de fatos, em aparências estranhos ao Espiritismo, parecem vir de propósito para lhe abrir os caminhos. É no conjunto das circunstâncias que é preciso procurar os verdadeiros sinais do progresso. Deste ponto de vista, a situação é, pois, tão satisfatória quanto se pode desejá-la. Disto é preciso concluir que a oposição está desarmada, e que as coisas vão doravante caminhar sem obstáculo? Guardemo-nos de crê-lo e de nos adormecermos numa segurança enganosa. O futuro do Espiritismo está assegurado, sem contradita, e precisar-se-ia ser cego para disto duvidar; mas seus piores dias não passaram; ele não recebeu ainda o batismo que consagra todas as grandes idéias. Os Espíritos são unânimes para nos pressentir contra uma luta inevitável, mas necessária, afim de provar sua invulnerabilidade e sua força; dela sairá maior e mais forte; será então somente que conquistará seu lugar no mundo, porque aqueles que terão querido derrubá-lo terão preparado seu triunfo. Que os Espíritas sinceros e devotados se fortaleçam pela união e se confundam numa santa comunhão de pensamentos. Lembremo-nos da parábola das dez virgens e velemos para não sermos tomados de surpresa.

Aproveitemos esta circunstância para exprimir toda nossa gratidão àqueles de nossos irmãos espíritas que, como nos anos precedentes, por ocasião da renovação das assinaturas da *Revista,* nos dão novos testemunhos de sua afetuosa simpatia; estamos felizes com os testemunhos que nos dão de seu devotamento à causa sagrada que todos defendemos, e que é a da Humanidade e do progresso. Àqueles que nos dizem: coragem! diremos que não recuaremos jamais diante de nenhuma das necessidades de nossa posição, por duras que sejam. Que contem conosco como contamos, no dia da vitória, encontrar neles os soldados da véspera, e não os soldados do dia seguinte.

O ESPIRITISMO

DIANTE DA HISTÓRIA E DIANTE DA IGREJA, SUA ORIGEM, SUA NATUREZA, SUA CERTEZA, SEUS PERIGOS.

pelo abade Poussin, professor do Seminário de Nice.

Esta obra é uma refutação do Espiritismo do ponto de vista religioso; sem contradita, é uma das mais completas e das mais bem feitas que conhecemos. Ela está escrita com moderação e conveniência, e não sai pelos epítetos grosseiros aos quais nos habituaram a maioria dos controversistas do mesmo partido; lá, nada de declamações coléricas, nada de personalidades ultrajantes: é o próprio princípio que é discutido. Pode-se ser da opinião do autor, achar que as conclusões que ele tira de suas premissas são de uma lógica contestável; dizer que depois de ter demonstrado, por exemplo, peças na mão, que o sol brilha ao meio-dia, tem o erro de concluir que deve fazer noite, mas não se lhe censurará pela falta de urbanidade na forma.

A primeira parte da obra está consagrada à história do Espiritismo na antigüidade e na idade média; esta parte é rica em documentos tirados dos autores sacros e profanos, que atestam laboriosas pesquisas e um estudo sério. É um trabalho que nos propúnhamos fazer um dia, e estamos felizes que o Sr. abade Poussin nos tenha poupado esse trabalho.

Na segunda parte, intitulada: *Parte doutrinária,* o autor, discutindo os fatos que vem de citar, ali compreendidos os fatos atuais, conclui, segundo a infalibilidade da Igreja e seus próprios argumentos, que todos os fenômenos magnéticos e espíritas são obra do demônio. É uma opinião como uma outra, e respeitável quando ela é sincera. Ora, cremos na sinceridade das convicções do Sr. Poussin, embora não tenhamos a honra de conhecê-lo. O que se pode lhe censurará de não invocarem favor de sua tese senão a opinião dos adversários conhecidos do Espiritismo, assim como as doutrinas e alegações que ele desaprova. Procurar-se-ia em vão, nesse livro, a menção das obras fundamentais, não mais do que uma refutação direta das respostas que foram feitas às alegações contraditórias. Em uma palavra, ele não discute a doutrina propriamente dita; não lhe toma os argumentos corpo a corpo para esmagá-los sob o peso de uma lógica mais rigorosa.

Pode-se, além disso, achar estranho que o Sr. abade Poussin se apoie, para combater o Espiritismo, sobre a opinião de homens conhecidos por suas idéias materialistas, tais como os Srs. Littré e Figuier; ele faz, sobretudo a este último, que mais brilhou por suas contradições do que por sua lógica, numerosos empréstimos. Esses senhores, combatendo o princípio do Espiritismo, negando a causa dos fenômenos físicos, negam, por isto mesmo, o princípio da Espiritualidade; solapam, pois, a base da religião pela qual não professam, como se sabe, uma grande simpatia. Invocando sua opinião, a escolha não é feliz; poder-se-ia mesmo dizer que ela é inábil, porque é motivar os fiéis a lerem os escritos que não são nada menos ortodoxos. Vendo-o tirar de tais fontes, poder-se-ia crer que ele não julgou as outras bastante preponderantes.

O Sr. abade Poussin não contesta nenhum dos fenômenos espíritas; com isto prova virtualmente a existência pelos fatos autênticos que cita, e que tira indiferentemente na história sagrada e na história paga. Aproximando uns dos outros, não se pode

impedir de reconhecer sua analogia; ora, em boa lógica, da semelhança dos efeitos deve-se concluir com a semelhança das causas. No entanto, o Sr. Poussin conclui que os mesmos fatos são miraculosos e de fonte divina em certos casos, e diabólicos em outros.

Os homens que professam as mesmas crenças que o Sr. Figuier têm também, sobre esses mesmos fatos, duas opiniões: negam-nos decididamente e os atribuem ao malabarismo; quanto àqueles que são averiguados, se esforçam em ligá-los unicamente

às leis da matéria. Perguntai-lhes o que pensam dos milagres do Cristo: eles vos dirão que são fatos lendários, contos inventados para as necessidades da causa, ou produtos de imaginações superexcitadas e em delírio.

O Espiritismo, é verdade, não reconhece aos fenômenos psíquicos um caráter sobrenatural; ele os explica pelas faculdades e pelos atributos da alma, e como a alma está na Natureza, eles consideram como efeitos naturais se produzindo em virtude de leis especiais, até então desconhecidas, e que o Espiritismo faz conhecer. Esses fenômenos cumprindo-se sob nossos olhos, em condições idênticas, acompanhados das mesmas circunstâncias, e por intermédio de indivíduos que nada têm de excepcional, disto conclui na possibilidade daqueles que se passaram em tempos mais recuados, e isto pela mesma causa natural.

O Espiritismo não se dirige às pessoas convencidas da existência desses fenômenos, e que são perfeitamente livres de ver neles milagres, se tal é a sua opinião, mas àqueles que os negam precisamente por causa do caráter miraculoso que se lhes quer dar. Provando que esses fatos não têm de sobrenatural senão a aparência, fá-los aceitar por aqueles mesmos que os repeliam. Os Espíritas foram recrutados, em imensa maioria, entre os incrédulos, e, no entanto, hoje não há um único deles que negue os fatos realizados pelo Cristo; ora, o que vale mais crer na existência desses fatos, sem o sobrenatural, ou de neles não crer totalmente? Aqueles que os admitem a título qualquer não estão mais perto de vós do que aqueles que os rejeitam completamente? Desde o instante em que o fato é admitido, não resta mais senão provar-lhe a fonte miraculosa, o que deve ser mais fácil, se esta fonte for real, do que quando o próprio fato é contestado.

O Sr. Poussin, se apoiando, para combater o Espiritismo, sobre a autoridade daqueles que repelem até o princípio Espiritual, seria daqueles que pretendem que a incredulidade absoluta é preferível à fé adquirida pelo Espiritismo?

Citamos integralmente o prefácio do livro do Sr. Poussin, que faremos seguir de algumas reflexões:

"O Espiritismo, é preciso bem reconhecê-lo, *envolve como numa imensa rede a sociedade inteira,* e por seus profetas, por seus oráculos, por seus livros e por seu jornalismo, se esforça para minar surdamente a Igreja católica. Se e/e nos *prestou o serviço de derrubar as teorias materialistas do século dezoito,* nos dá em troca uma revelação nova, que solapa pela base todo o edifício da revelação cristã. E, no entanto, por um fenômeno estranho, ou melhor, em conseqüência da ignorância e da fascinação que desperta a curiosidade, quantos católicos brincam cada dia com o Espiritismo sem se preocuparem em nada com seus perigos! É bem verdade que os espíritos estão ainda divididos sobre a essência e mesmo sobre a realidade do Espiritismo, e é provavelmente por causa dessas incertezas, que a maioria crê poder se formar a consciência e usar do Espiritismo como de um curioso divertimento. No entanto, no fundo dessas almas timoratas e delicadas se manifesta uma grande ansiedade. Quantas vezes ouvimos estas perguntas incessantes: "Dizei-nos bem a *verdade.* O que é o Espiritismo? Qual é sua origem? Credes nessa genealogia que gostaria de ligar os fenômenos do Espiritismo à magia antiga? Admitis os fatos estranhos do magnetismo e das mesas girantes? Credes na intervenção dos Espíritos e na evocação das almas; no papel dos anjos ou dos demônios? É permitido interrogar as mesas girantes, consultar os Espiritistas? Que pensam sobre todas estas perguntas os teólogos, os bispos?... A Igreja romana deu algumas decisões, etc., etc."- Estas perguntas, que ressoam ainda aos nossos ouvidos, inspiraram o pensamento deste livro, que tem por objetivo responder a todas no limite de nossas forças. Também, para estar mais seguros e convencidos, jamais afirmaremos nada, sem uma autoridade *séria,* e não decidiremos nada que os bispos e Roma não tenham decidido. -Entre aqueles que estudaram especialmente essas matérias, uns rejeitam em massa todos os fatos *extraordinários* que o Espiritismo se atribui. Outros, fazendo em tudo uma larga parte às alucinações e ao charlatanismo, reconhecem que é

impossível não admitir certos fenômenos inexplicáveis e inexplicados, tão inconciliáveis com os ensinos gerais das ciências naturais, quanto confundidos pela razão humana; no entanto, procuram interpretá-los, ou por certas leis misteriosas da fisiologia, ou bem pela intervenção da

grande alma da Natureza, da qual a nossa não é senão uma emanação, etc. Vários escritores católicos, forçados a admitir os fatos, achando a solução natural às vezes impossível, e a explicação panteísta absurda, não hesitam em reconhecer em certos fatos do Espiritismo a intervenção direta do demônio. Para estes, o Espiritismo não é senão a continuação dessa magia paga que aparece em toda a história, desde os mágicos de Faraó, à pitonisa de Endor, os oráculos de Delfos, as profecias das sibilas e dos adivinhos, até as possessões demoníacas do Evangelho e aos fenômenos extraordinários e constatados do magnetismo contemporâneo. A Igreja não se pronunciou sobre as discussões *especulativas;* ela abandona a questão histórica das origens do Espiritismo e a questão psicológica de seus agentes misteriosos, à vã disputa dos homens. Os teólogos sérios, os bispos e os doutores particulares sustentaram estas últimas opiniões; *oficialmente* Roma não as aprova nem as censura. Mas se a Igreja guardou prudentemente o silêncio sobre as teorias, ela levantou a voz nas questões práticas, e em presença das incertezas da razão, ela assinala os perigos para a consciência. Uma ciência séria e mesmo inocente em si, pode, por causa dos abusos freqüentes, se tornar uma fonte de perigos; também Roma condenou como perigosas para os costumes, certas práticas e certos abusos do magnetismo, dos quais os próprios Espíritas não dissimulam os graves inconvenientes. Bem mais, os bispos acreditaram dever interditar, em suas dioceses, e em toda hipótese, como *supersticiosos* e *perigosos para os costumes e para a fé,* não só os *abusos* do magnetismo, mas o uso de *interrogar as mesas girantes.*

"Para nós, na questão *especulativa,* posta em presença daqueles que vêem o demônio por toda parte a daqueles que não o vêem em toda nenhuma parte, nós quisemos, mantendo-nos à distancia dos dois escolhos, estudar as origens históricas do Espiritismo, examinar a certeza dos fatos e discutir imparcialmente os sistemas psicológicos e panteístas pelos quais se quer tudo interpretar. Evidentemente, quando refutamos vários desses sistemas, não pretendemos impor a ninguém nossos próprios pensamentos, embora as autoridades sobre as quais nos apoiamos nos pareçam da mais alta seriedade. Separando das opiniões livres tudo o que é de *fé,* como a existência dos anjos e dos demônios, as possessões e as obsessões demoníacas do Evangelho, a legitimidade e a força dos exorcismos na Igreja, etc., deixamos a cada um o direito, não de negar o comércio voluntário dos homens com o demônio, o que seria *temerário,* disse o P. Perronne, e conduziria ao pirronismo histórico; mas reconhecemos a todo católico o direito de não ver no Espiritismo a intervenção do demônio, se nossos argumentos parecem mais especiosos do que sólidos, e se a razão e o estudo mais atento dos fatos provam o contrário.

"Quanto à questão *prática,* não nos reconhecemos o direito de absolver o que Roma condena, e se algumas almas hesitam ainda, nós as reenviaremos simplesmente às decisões romanas, às interdições episcopais e mesmo às decisões teológicas que reproduzimos inteiramente.

"O plano deste livro é muito simples: a primeira parte, ou *parte histórica,* depois de ter dado o ensino das santas Escrituras e a tradição de todos os povos sobre a existência e o papel dos Espíritos, iniciamos nos fatos mais salientes do Espiritismo ou da magia, desde a origem do mundo até nossos dias.

"A segunda parte, ou parte *doutrinária,* expõe e discute os diversos sistemas imaginados para descobrir o agente verdadeiro do Espiritismo; depois de ter precisado de nosso melhor, o ensino da teologia católica sobre a intervenção geral dos Espíritos, e dado livre curso a opiniões livres sobre o agente misterioso da magia moderna,

assinalamos aos fiéis os perigos do Espiritismo para a fé, para os *costumes e* mesmo para a saúde ou para a vida.

"Possam essas páginas, em mostrando o perigo, acabar o bem que outras começaram!... Inútil acrescentar, que filhos dóceis da Igreja, condenamos antecipadamente tudo o que Roma poderia desaprovar."

O Sr. abade Poussin reconhece duas coisas: 1° que o Espiritismo envolve, como numa imensa rede, a sociedade inteira; 2° que prestou à Igreja o serviço de derrubar as teorias materialista do século dezoito. Vejamos que conseqüências ressaltam desses dois fatos.

O Espiritismo, como dissemos, é na grande maioria recrutado entre os incrédulos; com efeito, perguntai aos nove décimos dos adeptos em que acreditavam antes de serem Espíritas; eles responderão que não acreditavam em nada, ou pelo menos que duvidavam de tudo; a existência da alma era para eles uma hipótese, sem dúvida, desejável mas incerta; a vida futura uma quimera; o Cristo um mito ou pelo menos um filósofo; Deus, se existisse, deveria ser injusto, cruel e parcial, era porque eles gostavam mais de crer que ele não existia.

Hoje eles crêem e sua fé é inabalável, porque ela está assentada sobre a evidência e a demonstração, e satisfaz sua razão; o futuro não é mais uma esperança, mas uma certeza, porque eles vêem a vida espiritual se manifestar sob seus olhos; dele não duvidam mais como não duvidam do levantar do sol. É verdade que não crêem nem nos demônios, nem nas chamas eternas do inferno, mas em troca acreditam firmemente em um Deus soberanamente justo, bom e misericordioso; não crêem que o mal venha dele, que é a fonte de todo o bem, nem dos demônios, mas das próprias imperfeições do homem; que o homem se reforme, e o mal não mais existirá; vencer a si mesmo *é* vencer o demônio; tal é a fé dos Espiritas, e a prova de seu poder, é que se esforçam por se tornarem melhores, de domarem seus maus pendores, e de pôr em prática as máximas do Cristo, olhando a todos os homens como irmãos sem exceção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, restituindo o bem pelo mal, ao exemplo do divino modelo.

Sobre quem o Espiritismo devia ter o mais fácil acesso? não é sobre aqueles que tendo a fé e a quem essa fé bastava, que não pediam nada e não tinham necessidade de nada; mas sobre aqueles a quem a fé faz falta. Como o Cristo, ele foi aos doentes e não às pessoas que se acham bem; àqueles que têm fome e não àqueles que estão saciados; ora, os doentes são aqueles que são torturados pelas angústias da dúvida e da incredulidade.

E que fez para conduzi-los a ele? Foi à força de reclames? Foi indo pregara Doutrina nas praças públicas? Foi *violentando* as consciência? De nenhum modo, porque esses meios são os da fraqueza, e, se os tivesse usado, teria mostrado que duvidava de sua força moral. Ele tem por regra invariável, conforme à lei de caridade ensinada pelo Cristo, de não constranger ninguém, de respeitar todas as convicções; ele contentou-se em anunciar os seus princípios, de desenvolverem seus escritos as bases sobre as quais estão assentadas as suas crenças, e deixou vir a ele aqueles que quisessem; se vieram muitos, é que convenceu a muitos, e que muitos encontraram nele o que não tinham encontrado em outra parte. Como ele recrutou principalmente entre os incrédulos, se, em alguns anos, enlaçou o mundo, isto prova que os incrédulos e aqueles que não estão satisfeitos com aquilo que se lhes dá são numerosos, porque não se é atraído senão para lá onde se encontre alguma coisa melhor do que a que se tem. Dissemos cem vezes: Querem combater o Espiritismo? Que dêem melhor do que ele.

Reconheceis, senhor abade, que o Espiritismo prestou à Igreja o serviço de derrubar as teorias materialistas; é um grande resultado, sem dúvida, e do qual se glorifica; mas como o obteve? precisamente com ajuda desses meios que chamais diabólicos, das provas materiais que dá da alma e da vida futura; foi com as manifestações dos Espíritos

que confundiu a incredulidade, e que triunfará definitivamente. E dissestes que esse serviço é a obra de Satã? Mas, então, não deveríeis tanto isto querer-lhe, uma vez que ele mesmo destrói a barreira que retinha aqueles que havia açambarcado. Lembrai-vos da resposta do Cristo aos Fariseus que lhe tiveram exatamente a mesma linguagem, acusando-o de curar os doentes e de expulsar os demônios pelos demônios. Lembrai-vos também desta palavra do Mons. Frayssinous, bispo de Hermópolis, a esse respeito, em suas conferências sobre a religião: "Certamente, um demônio que procurasse destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude seria um estranho demônio, porque se destruiria a si mesmo."

Se esse resultado obtido pelo Espiritismo foi a obra de Satã, como ocorre que a Igreja disto lhe tenha deixado o mérito e que não haja obtido ela mesma; que tenha deixado a incredulidade invadir a sociedade? No entanto, esses não são os meios de ação que lhe faltaram; não tem ela um pessoal e recursos materiais imensos? as pregações desde as capitais até as menores aldeias? a pressão que ela exerce sobre as consciências pela confissão? o terror das penas eternas? a instrução religiosa que segue a criança durante todo o curso da sua educação? o prestígio das cerimônias do culto e os de sua antigüidade? Como ocorre que uma Doutrina *apenas eclodida,* que não tem sacerdotes, nem templos, nem culto, nem pregações; que é combatida com todo o exagero pela Igreja, caluniada, perseguida como o foram os primeiros cristãos, haja reconduzido, então pouco tempo, à fé e à crença na imortalidade um tão grande número de incrédulos? No entanto, a coisa não era muito difícil, uma vez que basta à maioria ler alguns livros para ver desaparecerem suas dúvidas.

Tirai daí todas as conseqüências que quiserdes; mas convinda que se for a obra do diabo, ela fez o que vós não pudestes fazer, vós mesmos, e que se desobrigou de vosso trabalho.

O que testemunha contra o Espiritismo, direis sem dúvida, é que ele não emprega, para convencer, os mesmos argumentos vossos, e que, se triunfa da incredulidade, é que não a conduz completamente a vós.

Mas o Espiritismo não tem a pretensão de caminhar nem convosco, nem com ninguém; ele mesmo faz seus negócios e como o entende. De boa fé, credes que, se a incredulidade foi refratária aos vossos argumentos, o Espiritismo tenha dela triunfado em se servindo deles? Se um médico não cura um doente com um remédio, um outro médico o curará empregando o mesmo remédio?

O Espiritismo não procura mais conduzir os incrédulos ao regaço absoluto do catolicismo do que ao de qualquer outro culto. Fazendo-lhe aceitar as bases comuns a todas as religiões, destrói o principal obstáculo, e manda lhes fazer a metade do caminho; a cada uma de fazer o resto, no que lhe concerne; as que fracassam dão uma prova manifesta de impotência.

Desde o instante em que a Igreja reconhece a existência de todos os fatos de manifestação sobre os quais se apoia o Espiritismo; que ela os reivindica por si mesma, a título de milagres divinos; que há entre os fatos, que se passam nos dois campos uma completa analogia quanto aos efeitos, analogia que o Sr. abade Poussin demonstrou com a última evidência e peças de apoio colocando-as em frente, toda questão se reduz, pois, a saber se é Deus que age de um lado e o diabo do outro; é uma questão de pessoa; ora, quando duas pessoas fazem exatamente a mesma coisa, disto se conclui que elas são tão poderosas uma quanto a outra; toda a argumentação do Sr. Poussin leva, assim, a demostrar que o diabo é tão poderoso quanto Deus.

De duas coisas uma, ou os efeitos são idênticos, ou não o são; se são idênticos, é que provêm de uma mesma causa, ou de duas causas equivalentes; se não o são, mostrai em que eles diferem. É nos resultados? Mas, então, a comparação seria em vantagem do Espiritismo, uma vez que ele conduz a Deus aqueles que nele não acreditavam.

É, pois, bem entendido, conforme a decisão formal das autoridades competentes, que os Espíritos que se manifestam não são, e não podem ser, senão os demônios. Convinde, no entanto, senhor abade, que se esses mesmos Espíritos, em lugar de contradizer a Igreja sobre alguns pontos, tivessem tido em tudo a sua opinião, se tivessem vindo apoiar todas as suas pretensões temporais e espirituais, a provar sem restrição tudo o que ela disse e tudo o que fez, ela não os chamaria de demônios, mas bem de Espíritos angélicos.

O Sr. abade Poussin escreveu seu livro tendo em vista, disse ele, premunir os fiéis contra os perigos que sua fé pode correr, pelo estudo do Espiritismo. É testemunhar pouca confiança na solidez das bases sobre as quais essa fé está assentada, uma vez que pode ser abalada tão facilmente. O Espiritismo não tem o mesmo medo. Tudo o que se pôde dizer e fazer contra ele não o fez perder uma polegada de terreno, uma vez que o ganha todos os dias, e, no entanto, o talento não tem faltado a mais de um de seus adversários. As lutas que se têm empenhado contra ele, longe de enfraquecê-lo, o fortaleceram; elas contribuíram poderosamente para difundi-lo mais prontamente quanto não o teria feito sem isto; de tal sorte que a rede que, em alguns anos, envolveu a sociedade inteira, é em grande parte a obra de seus antagonistas. Sem nenhum dos meios materiais de ação que fazem os sucessos neste mundo, não se propagou senão pela força da idéia. Uma vez que os argumentos com a ajuda dos quais se o combateu não o derrubaram, é, aparentemente, que foram achados menos convincentes do que os seus. Quereis ver o segredo de sua fé? hei-lo: é que antes de crer, eles compreendem.

O Espiritismo não teme a luz; ele a chama sobre suas doutrinas, porque quer ser aceito livremente pela razão. Longe de temer, pela fé dos Espíritas, a leitura das obras que o combatem, diz: Lede tudo; o pró e o contra, e fazei a escolha com o conhecimento de causa. É por isto que assinalamos, à sua atenção, a obra do Sr. abade Poussin (1). (1) Um vol. in-12; preço, 3 fr. Casa Sarlit, livraria, 25, rua Saint-Sulpice, Paris.

Damos adiante, sem comentários, alguns fragmentos tirados da primeira parte.

I. - Certos católicos, mesmo piedosos, têm em matéria de fé singulares idéias, resultado inevitável do ceticismo ambiente que, com seu desconhecimento, os domina e dos quais sofrem a deletéria influência. *Falai de Deus, de Jesus Cristo, eles aceitam tudo no instante; mas se tentais lhes falar do demônio e sobretudo da intervenção diabólica na vida humana, eles não vos entendem mais.* Como nossos racionalistas contemporâneos tomam voluntariamente o demônio por um mito ou por uma personificação fantástica do gênio do mal, os êxtases dos santos por fenômenos de catalepsia, e as possessões diabólicas, mesmo as do Evangelho, senão por epilepsia, pelo menos por parábolas. Santo Tomás, em sua linguagem precisa, responde em duas palavras a esse perigoso ceticismo: "Se a facilidade em ver falar do demônio, disse ele, procede da ignorância das leis da Natureza e da credulidade, a tendência geral a não ver sua ação em nenhuma parte, procede da irreligião e da incredulidade." Negar o demônio é negar o cristianismo e negar Deus.

2. - A crença na existência dos Espíritos e sua intervenção no domínio de nossa vida, bem mais, o próprio Espiritismo ou a prática da evocação dos Espíritos, almas, anjos ou demônios, remontam à mais alta antigüidade, e são tão antigas quanto o mundo. - Interroguemos primeiro, sobre a existência e o papel dos Espíritos, nossos livros santos, os mais antigos e os mais incontestáveis livros da história, ao mesmo tempo que são o código divino de nossa fé. O demônio seduzindo, sob uma forma sensível, Adão e Eva no Paraíso; os querubins que lhe guardam a entrada; os anjos que visitam Abraão e discutem com ele a questão da salvação de Sodoma; os anjos insultados na cidade imunda, arrancando Lot ao incêndio; o anjo de Isaac, de Jacob, de Moisés e de Tobias; o demônio que mata os sete maridos de Sara; o que tortura a alma e o corpo de Job; o anjo exterminador dos Egípcios sob Moisés, e dos Israelitas sob Davi; a mão invisível que

escreveu a sentença de Baltazar; o anjo que fere Heliodore; o anjo da Encarnação, Gabriel, que anuncia São João e Jesus Cristo; o que é preciso mais para mostrar a existência dos Espíritos e a crença na intervenção desses Espíritos, bons ou maus, nos atos da vida humana? Deus fez os Espíritos seus embaixadores, disse o Salmista; são os ministros de Deus, disse São Paulo; São Pedro nos ensina que os demônios rodam, sem cessar, ao nosso redor, como leões rugidores; São Paulo, tentado por eles, nos declara que o ar deles está cheio.

3. -Anotemos aqui que as tradições pagas estão em perfeita harmonia com as tradições judias e cristãs. O mundo, segundo Tales e Pitágoras, está cheio de *substâncias espirituais,* todos esses autores as dividem em Espíritos bons e maus; Empédocles disse que os demônios são punidos pelas faltas que cometeram; Platão fala de um príncipe, de uma natureza malfazeja, preposto a esses Espíritos expulsos pelos deuses e caídos do céu, disse Plutarco. Todas as almas, acrescenta Porfírio, que têm por princípio a alma do universo, governam os grandes países situados sob a lua: são os bons *demônios* (Espíritos); e, estejamos disto bem convencidos, eles não agem senão no interesse de seus administrados, seja no cuidado que tomam dos animais, seja que velam sobre os frutos da Terra, seja que presidem às chuvas, aos ventos moderados, ao bom tempo. É preciso ainda alinhar na categoria dos bons *demônios* aqueles que, segundo Platão, estão encarregados de levar aos deuses as preces dos homens, e que relatam aos homens as advertências, as exortações, os oráculos dos deuses.

4. - Os Árabes chamam o chefe dos demônios Aba; os Caldeus com eles enchem o ar; enfim, Confúcio ensina absolutamente a mesma doutrina: "Que as virtudes dos Espíritos são sublimes! dizia ele; se os olha e não se os vê; se os escuta e não se os ouve; unidos à substância das coisas, não podem delas se separar; são causa que todos os homens em todo o universo se purifiquem e se revistam de roupas de festa para oferecer sacrifícios; estão esparramados como as ondas do Oceano acima de nós, à nossa esquerda e à nossa direita."

O culto de Manitu, difundido entre os selvagens da América, não é senão o culto dos Espíritos.

5. - Os Pais da Igreja, de seu lado, interpretaram admiravelmente a doutrina das Escrituras sobre a existência e a intervenção dos Espíritos: Não há nada neste mundo visível que não seja regido e disposto pela criatura invisível, disse São Gregório. Cada ser vivo tem neste mundo um anjo que o rege, acrescenta Santo Agostinho. Os anjos, disse São Gregório de Nazianze, são os ministros da vontade de Deus; eles têm, naturalmente e para comunicação, uma força extraordinária; percorrem todos os lugares e se acham por toda parte, tanto para a prontidão com a qual exercem seu ministério quanto pela leveza de sua natureza. Uns estão encarregados de velar sobre alguma parte do universo que lhes é marcada por Deus, de quem eles dependem em todas as coisas; outros estão na guarda das cidades e das igrejas; eles nos ajudam em tudo o que fazemos de bem.

6. - Com relação à razão fundamental, Deus governa imediatamente o universo; mas relativamente à execução, há coisas que ele governa por outros intermediários.

7. - Quanto à própria *evocação* dos Espíritos, almas, anjos ou demônios e a todas as práticas da magia, das quais o Espiritismo não é senão uma forma, mais ou menos envolvida de charlatanismo, é uma prática tão antiga quanto a crença nos próprios Espíritos.

8. - São Cipriano explica assim os mistérios do Espiritismo pagão:

"Os demônios, disse ele, se introduzem nas estátuas e nos simulacros que o homem adora; são eles que animam as fibras das vítimas, que inspiram com seu sopro o coração dos adivinhos e que dão uma voz aos oráculos. Mas, como podem eles curar? *Loedunt primo,* disse Tertuliano, *postque Icedere desinunt, et curasse creduntur.* Eles ferem primeiro, e, deixando de ferir, passam por curar."

Na índia, são os Lamas e os Brahamites que, desde a mais alta antigüidade, têm o monopólio dessas mesmas evocações que ainda continuam. "Eles fazem comunicar o céu com a Terra, o homem com a divindade, absolutamente como nos *médiuns* atuais. A origem desse privilégio parece remontará própria Gênese dos Hindus e pertencer à casta sacerdotal desses povos. Saída do cérebro de Brahma, a casta sacerdotal deve permanecer mais perto da natureza desse deus criador e entrar mais facilmente em comunicação com ele, do que a casta guerreira, nascida de seus braços, e, com mais forte razão, do que a casta dos Párias, formada do pó de seus pés."

9. - Mas o fato mais interessante e mais autêntico da história, sem contradita, é a evocação de Samuel pelo *médium* da Pitonisa de Endor, que interroga Saul: "Samuel estava morto, diz as Escrituras; toda Israel o havia chorado, e o havia enterrado na cidade de Ramatha, lugarde seu nascimento. E Saul tinha expulsado os mágicos e os adivinhos de seu reino. Os Filisteus, estando, pois, reunidos, vieram acampar em Sunam; Saul, de seu lado, reuniu todas as tropas de Israel, e veio a Gelboé. E tendo visto o exército dos Filisteus, foi tomado de espanto, e o medo o tomou até o fundo de seu coração. Ele consultou o Senhor; mas o Senhor não lhe respondeu nem em sonhos, nem por sacerdotes, nem pelos profetas. Então, ele disse aos seus oficiais: "Procurai-me *uma mulher que tenha um Espírito de Piton, a* fim de que eu vá encontrá-la, e que, por seu meio, possa consultá-la." Seus servidores lhe disseram: "Há em Endor uma mulher que tem um Espírito de Piton." Saul se disfarça, pois, muda de roupa, e dali se vai, acompanhado somente de dois homens. À noite, ele foi a casa dessa mulher, e lhe disse: "Consultai por mim o Espírito de Piton, e evocai-me aquele que eu vos direi." Essa mulher lhe respondeu: "Sabeistudo o que Saul fez, e de que maneira ele exterminou os mágicos e os adivinhos de todas suas terras. Porque, pois, estendei-me uma armadilha para me perder?" Saul lhe jurou pelo Senhor, e lhe disse: "Viva o Senhor! e não vos chegará dele nenhum mal." A mulher lhe disse: "Que quereis ver?" Ele lhe respondeu: "Fazei-me vir Samuel." A mulher tendo visto Samuel, lançou um grande grito, e disse a Saul: "Por que me enganastes? porque sois Saul." O rei lhe disse: "Não temais. O que vistes? *-Eu* w, disse-lhe ela, *um deus que saía da terra."* Saul lhe disse: "Como ocorre? - "É. disse ela, um velho coberto de um manto." Saul reconheceu, pois, que era Samuel; e lhe fez uma profunda reverência, abaixando-se até a terra. Samuel disse a Saul: "Por que perturbastes meu repouso fazendo-me evocar?" Saul lhe respondeu: "Estou numa estranha extremidade. Os Filisteus me fazem a guerra e Deus se retirou de mim; ele não me quis responder nem pelos profetas nem em sonhos. Foi porque vos fiz evocar, a fim de que me ensineis o que devo fazer." Samuel lhe disse: "Por que vos dirigis a mim, uma vez que o Senhor vos abandonou, e que passou ao vosso rival? Por que o Senhor vos tratará como eu vos disse de sua parte. Ele dividirá vosso reino de vossas mãos para dá-lo a Davi, vosso genro, porque nem obedecestes à voz do Senhor, nem executastes o decreto de sua cólera contra os Amalecistas. É por isto que o Senhor vos envia hoje o que sofreis. Ele entregará mesmo Israel convosco nas mãos dos Filisteus. *Amanhã estareis comigo e vossos filhos;* e o Senhor abandonará aos Filisteus o próprio campo de Israel." Saul caiu logo, e permaneceu estendido sobre a terra, porque as palavras de Samuel o tinham apavorado; e as forças lhe faltaram, porque não tinha ainda comido naquele dia. A maga veio a ele na perturbação em que estava, e ela lhe disse: "Vês que vossa serva vos obedeceu, que expus *minha vida por vós,* e que me entreguei ao que desejáveis de mim."

"Eis *quarenta anos que faço profissão de evocar os mortos* ao serviço dos estranhos, disse Filon em conseqüência desse relato; mas jamais vi semelhante aparição. O Eclesiastes está encarregado de nos provar que se trata de uma verdadeira aparição e não de uma alucinação de Saul: "Samuel *depois de sua morte falou ao rei,* disse o Espírito Santo, lhe predisse o fim de sua vida *e, saindo da terra,* elevou sua voz para profetizara ruína de sua nação, por causa de sua impiedade."

OS AÍSSAOUA

OU OS CONVULSIONÁRIOS DA RUA LÊ PELETIER.

Entre as curiosidades atraídas a Paris pela Exposição, uma das mais estranhas, seguramente, *é* a dos exercícios executados pelos Árabes da tribo dos Aíssaoua. O *Monde illustré,* de 19 de outubro de 1867, dá uma relação, acompanhada de vários desenhos, das diversas cenas das quais o autor do artigo foi testemunha na Argélia. Ele começa assim seu relato:

"Os Aíssaoua formam uma seita religiosa muito difundida na África e sobretudo na Argélia. Seu objetivo, não o conhecemos; sua fundação remonta, dizem uns, à Aissa, a escrava favorita do Profeta; outros pretendem que sua confraria foi fundada por Aíssa, piedosa e sábia religiosa muçulmana do século dezesseis. O que quer que seja, os Aíssaoua sustentam que seu piedoso fundador lhes deu o privilégio de serem insensíveis ao sofrimento."

Tomamos emprestado ao *Petit Journal,* de 30 de setembro de 1867, o relato de uma das sessões que uma companhia de Aíssaoua deu em Paris, durante a Exposição, primeiro no teatro do Champ-de-Mars, e em último lugar na sala da arena atlética da rua Lê Peletier. Sem dúvida, a cena não tem o caráter imponente e terrível daquelas que se realizam nas mesquitas, cercadas do prestígio das cerimônias religiosas; mas, à parte algumas nuanças do detalhe, os fatos são os mesmos e os resultados idênticos, e está aí o essencial. As coisas, aliás, tendo-se passado em plena Paris, sob os olhos de um numeroso público, o relato não pode ser suspeito de exagero. É o Sr. Timothée Trimm quem fala:

"Confesso bem que vi, ontem à noite, coisas que deixam atrás, muito longe, as dos irmãos Davenport e os pretensos milagres do magnetismo. Os espantos se produzem numa pequena sala que não é ainda classificada na hierarquia dos espetáculos. Isso se passa numa arena atlética da rua Lê Peletier. Eis, sem dúvida, porque é tão pouca questão dos feiticeiros da qual eu falo hoje.

"É evidente que nos relacionamos com iluminados, porque eis vinte e seis Árabes que se agacham e se servem primeiro de castanholas de ferro para acompanhar seus cantos.

"Do corpo de bale muçulmano, primeiro, saiu um jovem Árabe que pegou um carvão ardente. Eu não supus que esse pudesse ser um carvão de um calor factício, preparado de pura invenção, porque senti seu ardor quando o passaram diante de mim, e queimou o assoalho quando escapou das mãos daquele que o tinha. O homem pegou esse carvão ardente; colocou-o em sua boca com gritos horríveis, e lá guardou-o.

"É evidente para mim que esses selvagens Aíssaoua são verdadeiros convulsionários maometanos. No século último, houve os convulsionários de Paris. Os Aíssaoua da rua Lê Peletier, seguramente, encontraram essa curiosa descoberta do prazer, da volúpia e do êxtase na mortificação corpórea.

"Théophile Gautier, com seu estilo inimitável, pintou as danças desses convulsionários árabes. Eis o que deles disse *no Moniteur,* de 29 de julho último:

"O primeiro intermédio de dança era acompanhado de três tambores e três oboés tocando em modo menor uma cantilena de uma melancolia nostálgica, sustentada por um desses ritmos implacáveis que acabam por se apoderar de vós e vos dar a vertigem. Dir-se-ia uma alma lamentosa que a fatalidade força a caminhar com um passo sempre igual para um fim desconhecido, mas que se pressente doloroso.

"Logo uma dançarina se levanta com esses ar acabrunhado que têm as dançarinas orientais, como uma morta que desperta um encanto mágico, e por imperceptíveis

deslocamentos de pés se aproximou do proscênio; uma de suas companheiras se uniu a ela, e começaram, em animando pouco a pouco sob a pressão do compasso, essas torções dos quadris, essas ondulações de busto, esses balanceios de braço agitando os lenços de seda raiados de ouro, e essa pantomima langorosamente voluptuosa que forma o fundo da dança das alméias. Levantara perna para uma pirueta ou um *jeté-battu* seria, aos olhos dessas dançarinas, o cúmulo da indecência.

"No fim, toda a companhia se colocou à parte, e notamos, entre as outras, uma dançarina de uma beleza selvagem e bárbara, vestida de véus brancos e touca de uma espécie de *chachia* cercada de cordinhas. Suas sobrancelhas negras unidas com o *surmeh* na raiz do nariz, sua boca vermelha como uma pimenta no meio da face pálida, lhe davam uma fisionomia ao mesmo tempo terrível eencantadora; mas a atração principal da noite era a sessão dos Aíssaoua ou discípulos de Aissaoua, a quem o senhor legou o singular privilégio de devorar impunemente tudo que se lhes apresentem."

"Aqui, para fazer compreender a excentricidade de nossos convulsionários argelinos, prefiro minha prosa simples e sem arte, à fraseologia elegante e sábia do senhor. Eis, pois, o que vi:

"Um Árabe chega; é-lhe dado um ladrilho de vidro para comer! Ele o pega, coloca-o em sua boca, e o come inteiro!... Ouvem-se, durante vários minutos, seus dentes esmagarem o vidro. O sangue aparece na superfície de seus lábios trementes... ele engole o ladrilho de vidro esmagado, o todo com energia, dança e genuflexões, ao som dos tam-tam inevitáveis.

"Àquele, sucede um Árabe que leva na mão ramos de figueira de Barbárie, o cactus de longos espinhos. Cada rugosidade da folhagem é como um ponto afiado. O Árabe come essa picante folhagem, como comeríamos uma salada de alface ou de chicória.

"Quando a folhagem mortífera do cactus foi absorvida, veio um Árabe que dançava tendo uma lança à mão. Ele apoiou essa lança sobre seu olho direito dizendo versos sagrados, que nossos oculista deveriam muito compreender... E saiu seu olho direito inteiro da órbita!... Todos os assistentes deram logo um grito de terror!

"Então veio um homem que se fez apertar o corpo com uma corda... vinte homens estiram; ele luta, sente a corda entrar em suas carnes; ele ri e canta durante essa agonia.

"Eis um outro energúmeno diante do qual se leva um sabre turco. Passei meus dedos sobre sua lâmina fina e cortante como a de uma navalha. O homem solta seu cinto, mostra seu ventre nu e se deita sobre a lâmina; não se lhe o empurra, mas a lâmina respeita sua epiderme; o Árabe venceu o aço.

"Passo sob silêncio os Aissaoua que comem fogo, tudo em colocando seus pés nus num braseiro ardente. Fui olhar o braseiro nos bastidores, e atesto que é ardente e composto de madeira em chamas. Examinei igualmente a boca daqueles que são chamados os comedores de fogo. Os dentes são queimados, as gengivas são calcinadas, a abóbada palatina parece ser endurecida. Mas é bem de fogo, todos esses tições que tinham, com as contorções de condenados, procurando se aclimatar no inferno...., que passa por uma região quente.

O que mais me impressionou nessa estranha exibição dos convulsionários da rua Lê Peletier, foi o comedor de serpentes. Figurai-vos um homem que abre um cesto. Dez cobras de cabeça ameaçadora dele saindo sibilantes. O Árabe modela as serpentes, as provoca, falas enrolarem seu busto nu. Depois ele escolhe a mais grossa e a mais vivaz, e, com seus dentes, a morde e lhe levanta a cauda. Então, o réptil se contorce nas angústias da dor. Ele apresenta sua cabeça irritada ao Árabe que coloca sua língua à altura da língua da cobra; e, de repente, com um golpe de dente, ele corta a cabeça da serpente e a come. Ouve-se estalar o corpo d o réptil sob o dente do selvagem, que mostra, através de seus lábios ensangüentados, o monstro decapitado.

"E, durante esse tempo, a música melancólica dos tam-tam continua seu ritmo sagrado. E o devorador de serpentes vai cair, perdido e aturdido, aos pés dos cantores

místicos. Não se tinha, até a última semana, experimentado esse exercício senão com serpentes da Argélia que teriam podido se civilizar no caminho; mas as serpentes argelinas se esgotam como todas as coisas. Foi ontem o início das cobras de Fontainebleau; e o Argelino parecia cheio de desconfiança com respeito aos nossos répteis nacionais.

"Passado pelo fogo devorador, suportado nas extremidades... na planta dos pés e nas palmas das mãos... mais o roedor de vidro e o comedor de cobras!.... estes são inexplicáveis fenômenos.

"Nós os tínhamos visto outrora num aduar, nas cercanias de Blidah, disse o Sr. Théophile Gautier, e essa *algazarra* noturna nos deixou lembranças ainda muito palpitantes. Os Aíssaoua, depois de serem excitados pela música, o vapor dos perfumes e esse balanço de cabritos que agita como uma crina a sua imensa cabeleira, morderam folhas de cactus, mascaram carvões ardentes, lamberam pás vermelhas, mastigaram vidros moídos que se ouviam estalar sob suas mandíbulas, atravessaram a língua e as bochechas com agulhas, fizeram saltar seus olhos fora das pálpebras, caminharam sobre o fio de um sabre em aço de Damasco; um deles, circulado no nó corrente de uma corda puxada por sete ou oito homens, parecia cortado em dois; o que não lhes impediu, seus exercícios acabados, de vir nos saudar em nosso camarote à maneira oriental de receber seu *bacehich.*

Das horríveis torturas às quais vinham de se submeter, não restava nenhuma marca. Que um mais sábio nos explique o prodígio, de nossa parte a isto renunciamos."

"Sou de opinião que meu ilustre colega e venerado superior na grande arte de escrever, tão difícil quanto a de engolir répteis. Eu não procuro explicar essa maravilhas; mas era meu dever de cronista não passá-las sob silêncio."

Nós mesmos assistimos a uma sessão dos Aíssaoua, e podemos dizer que este relato nada tem de exagerado; vimos tudo o que nele está relatado, e, além disto, um homem se atravessando a face e o pescoço com um espeto cortante em forma de lardeadeira; tendo tocado o instrumento e examinado a coisa de muito perto, estamos convencidos de que não havia ali nenhum subterfúgio, e de que o ferro atravessava verdadeiramente as carnes. Mas, coisa estranha, é que o sangue não corria, e que a ferida se cicatrizou quase instantaneamente. Vimos ali um outro manter na boca os carvões ardentes de coque, grandes como ovos, dos quais ativava a combustão por seu sopro, passeando em torno da sala, e lançando centelhas. Era fogo tão real que, nele, vários espectadores acenderam seus cigarros.

Não se trata, pois, aqui de torneio de agilidades, de simulacros, nem de malabarismos, mas de fatos positivos; de um fenômeno fisiológico que confunde as noções mais vulgares da ciência; no entanto, por estranho que ele seja, não pode ter senão uma causa natural. O que é mais estranho ainda, é que a ciência parece não lhe ter prestado nenhuma atenção. Como ocorre que os sábios, que passam sua vida à procura das leis da vitalidade, permaneçam indiferentes em vista de semelhantes fatos e não lhes procurem as causas? Eles se crêem dispensados de toda explicação dizendo que "são muito simplesmente os convulsionários, como os havia no último século;" seja, somos dessa opinião; mas, então, explicai o que se passa nos convulsionários. Uma vez que os mesmos fenômenos se produzem hoje, sob nossos olhos, diante do público, que qualquer um pode vê-los e tocá-los, isso não era, pois, uma comédia; esses pobres convulsionários, dos quais tanto se zombou, não eram, pois, escamoteadores e charlatães, como se pretendeu? Os mesmos efeitos se reproduzindo à vontade por ímpios em nome de Alá e de Maomé, não são, pois, milagres, assim como outros o pensaram? *São iluminados,* diz-se; seja ainda; mas então seria preciso explicar o que é ser iluminado. É preciso que a iluminação não seja uma qualidade tão ilusória quanto se supõe, uma vez que seria capaz de produzir efeitos materiais tão singulares; isto seria, em todos os casos, uma razão a mais para estudá-lo com cuidado. Desde que esses

efeitos não são nem milagres, nem torneios de prestidigitação, disto é preciso concluir que são efeitos naturais, cuja causa é desconhecida, mas que, sem dúvida, pode ser encontrada. Quem sabe se o Espiritismo, que já nos deu a chave de tantas coisas incompreendidas, nos dará ainda esta? É o que examinaremos num próximo artigo.

UMA MANIFESTAÇÃO ANTES DA MORTE.

A carta seguinte nos foi dirigida de Marennes, no mês de janeiro último:

Senhor Allan Kardec,

Eu acreditaria faltar ao meu dever se, no começo deste ano, não tivesse vindo vos agradecer da boa lembrança que consentistes conservar de mim, em dirigindo a Deus novas preces para o meu restabelecimento. Sim, Senhor, elas lhe foram salutares, e reconheço bem aí a vossa boa influência, assim como a dos bons Espíritos que vos cercam; porque, desde 14 de maio, estou obrigado a guardar o leito de tempos em tempos em conseqüência de más febres que me tinham posto em um muito triste estado. Há um mês, estou melhor; eu vos agradeço mil vezes, pedindo para agradecerem meu nome a todos os nossos irmãos da Sociedade de Paris, que consentiram juntar as suas preces *às* vossas.

Freqüentemente, tive manifestações, como o sabeis; mas uma das mais marcantes foi a do fato que vou vos reportar.

No mês de maio último, meu pai veio a Marennes passar alguns dias conosco; apenas chegado, caiu doente e morreu ao cabo de oito dias. Sua morte me causou uma dor tanto mais viva quanto dela havia sido advertido seis meses antes, mas não lhe tinha acrescentado fé. Eis o fato:

No mês de dezembro precedente, sabendo que ele deveria vir, tinha mobiliado um pequeno quarto para ele, e meu desejo era de que ninguém nele deitasse antes dele. Desde o instante em que manifestei esse pensamento, tive a intuição de que aquele que deitasse nesse leito nele morreria, e esta idéia, que me perseguia sem cessar, me apertava o coração ao ponto que não ousava mais ir àquele quarto. No entanto, na esperança de disto me desembaraçar, fui orar junto ao leito. Acreditei ver ali um corpo amortalhado; para me tranqüilizar, levantei a coberta e não vi nada; então, disse a mim mesmo, que todos esses pressentimentos não são senão ilusões ou resultados de obsessões. No mesmo instante, ouvi suspiros como de uma pessoa que se acaba, depois senti minha mão direita pressionada fortemente por uma mão lépida e úmida. Saí do quarto e não ousei mais ali reentrar sozinho. Durante seis meses fui atormentado por essa triste advertência, e ninguém ali se deitou antes da chegada de meu pai. Foi ali que ele morreu; seus últimos suspiros foram os mesmos que aqueles que eu tinha ouvido, e, antes de morrer, sem que eu lhe pedisse, apertou-me a mão direita e ma pressionou da mesma maneira que tinha sentido seis meses antes; a sua tinha o suor tépido que eu tinha igualmente notado. Não posso, pois, duvidar de que isto não me seja uma advertência que me foi dada.

Tive muitas outras provas da intervenção dos Espíritos, mas que seria muito longo vos detalhar numa carta; não me lembraria senão o fato de uma discussão de quatro horas que tive, no mês de agosto último, com dois sacerdotes, e durante a qual me senti verdadeiramente inspirado, e forçado a falar com uma facilidade da qual eu mesmo estava surpreso. Lamento não poder vos reportar essa conversa; isto não vos admiraria, mas vos diverti.

Recebei, etc.

Há todo um estudo a fazer sobre esta carta. Nela vemos primeiro um encorajamento a orar pelos doentes, depois, uma nova prova da assistência dos Espíritos pela inspiração das palavras que se devem pronunciar, nas circunstâncias em que se estaria muito embaraçado para falar, estando-se entregue às próprias forças. É talvez um dos gêneros de mediunidade o mais comum, e que vem confirmar o princípio de que todo mundo é mais ou menos Médium sem disto desconfiar. Seguramente, se cada um se reportasse às diversas circunstâncias de sua vida, observasse com cuidado os efeitos que sente, ou dos quais foi testemunha, não há ninguém que não reconheça ter alguns efeitos de mediunidade inconsciente.

Mas o fato mais saliente é o da advertência da morte do pai da senhora de Ogé, e do pressentimento que a perseguiu durante seis meses. Sem dúvida, quando ela ia orar nesse quarto, e que acreditou ver um corpo na cama que ela constata estar vazia, poder-se-ia, com alguma verossimilhança, admitir o efeito de uma imaginação tocada. Poderia ocorrer o mesmo com os suspiros que ela ouviu. A pressão da mão poderia ser atribuída a um efeito nervoso, provocado pela superexcitação de seu espírito. Mas como explicar a coincidência de todos esses fatos com o que se passou na morte de seu pai? A incredulidade dirá: puro efeito do acaso; o Espiritismo diz: fenômeno natural devido à ação de fluidos cuja propriedade eram desconhecidas até hoje, submetido à lei que rege as relações do mundo espiritual com o mundo corpóreo.

O Espiritismo, ligando às leis da Natureza à maioria dos fenômenos reputados sobrenaturais, vem precisamente combater o fanatismo e o maravilhoso que o acusam de querer fazer reviver; ele dá, daqueles que são possíveis, uma explicação racional, e demonstra a impossibilidade daqueles que seriam uma derrogação às leis da Natureza. A causa de uma multidão de fenômenos está no princípio espiritual do qual eles vêm provar a existência; mas como aqueles que negam esse princípio podem admitir-lhe as conseqüências? Aquele que nega a alma e a vida extra corpórea, não pode reconhecer-lhes os efeitos.

Para os Espíritas, o fato do qual se trata nada tem de surpreendente, e se explica, por analogia, como uma multidão de fatos do mesmo gênero, cuja autenticidade não pode ser contestada. No entanto, as circunstâncias nas quais ele se produziu apresentam uma dificuldade; mas o Espiritismo jamais disse que não tinha nada mais a aprender. Ele possui uma chave da qual está ainda longe de conhecer todas as aplicações; é a estudá-las que ele se aplica, a fim de chegar a um conhecimento tão completo quanto possível das forças naturais e do mundo invisível, no meio do qual vivemos, mundo que nos interessa a todos, porque todos, sem exceção, deverão nele entrar cedo ou tarde, e vemos todos os dias, pelo exemplo daqueles que partem a vantagem que há em conhecê-lo antes.

Não saberíamos muito repeti-lo, o Espiritismo não faz nenhuma teoria preconcebida; ele vê, observa, estuda os efeitos, e dos efeitos procura remontará causa, de tal sorte que, quando formula um princípio ou uma teoria, se apoia sempre na experiência. É, pois, rigorosamente verdadeiro dizer que é uma ciência de observação. Aqueles que mostram não ver nele senão uma obra de imaginação, provam que dele não sabem a primeira palavra.

Se o pai da senhora de Ogé estivesse morto, sem que ela o soubesse, na época em que ela sentiu os efeitos dos quais falamos, esses efeitos se explicariam da maneira mais simples. O Espírito livre do corpo teria vindo até ela para adverti-la de sua partida deste mundo, e atestar sua presença por uma manifestação sensível, com a ajuda de seu fluido perispiritual; é o que é mais freqüente. Compreendemos perfeitamente que, aqui, o efeito é devido ao mesmo princípio fluídico, quer dizer, à ação do perispírito; mas como a ação material do corpo, que ocorre no momento da morte, pôde se produzir identicamente seis

meses antes dessa morte, então que nada de ostensivo, doença ou outra causa, não podia fazê-la pressentir?

Eis a explicação que disto foi dada à Sociedade de Paris:

"O Espírito do pai dessa senhora, no estado de desligamento, tinha um conhecimento antecipado de sua morte, e da maneira pela qual ela se daria. Sua visão espiritual, abarcando um certo espaço de tempo, a coisa era, para ele, como presente; mas no estado de vigília disto não conservou nenhuma lembrança. Foi ele mesmo quem se manifestou à sua filha, seis meses antes, nas condições que deveriam se reproduzir, a fim de que, mais tarde, ela soubesse que era ele, e que estando preparada uma separação próxima, ela não ficasse surpresa com sua partida. Ela mesma, como Espírito, disso tinha conhecimento, porque os dois Espíritos se comunicam em conjunto em seus momentos de liberdade; era o que lhe dava a intuição de que alguém deveria morrer naquele quarto. Essa manifestação, igualmente, ocorreu no objetivo de fornecer um assunto de instrução com respeito ao conhecimento do mundo invisível."

VARIEDADES.

ESTRANHA VIOLAÇÃO DE SEPULTURA.
(Estudo psicológico.)

O *Observateur,* de Avesnes (vinte de abril de 1867) relata o fato seguinte:

"Há três semanas, um operário de Louvroil, chamado Magnan.com a idade de vinte e três anos, teve a infelicidade de perder sua mulher atingida de uma doença do peito. O desgosto profundo que disto sentiu foi logo acrescido pela morte de seu filho, que não sobreviveu senão alguns dias à sua mãe. Magnan falava sem cessar de sua mulher, não podendo acreditar que ela o tivesse deixado para sempre e imaginando que ela não tardaria a voltar; foi em vão que seus amigos procuraram lhe oferecer algumas consolações, ele as repelia todas e se fechava em sua aflição.

"Quinta-feira última, depois de muitas dificuldades, seus camaradas da oficina decidiram acompanhar, até a estrada de ferro, um amigo comum, militar em licença que retornava ao seu regimento. Mas apenas chegaram à estação e Magnan se esquivou e retornou só à cidade, mas preocupado ainda do que de hábito. Ele tomou num cabaré alguns copos de bebida que acabaram por perturbá-lo, e foi nestas disposições que retornou à sua casa pelas nove horas da noite. Ele se achava só, o pensamento de que sua mulher não estava mais lá o super excitava ainda, e sentiu um desejo insuperável de revê-la. Então, tomou uma velha pá e um mau sulcador, foi ao cemitério, e, apesar da obscuridade e da chuva horrível que caía nesse momento, ele começou logo a tirar a terra que recobria sua querida defunta.

Não foi senão várias horas depois de um trabalho sobre-humano que ele chegou a retirar o caixão de sua fossa. Unicamente com as suas mãos, e quebrando todas as unhas, arrancou a tampa, depois, tomando em seus braços o corpo de sua pobre companheira, ele levou-a à sua casa e deitou-a em seu leito. Deveria ser, então, em torno de três horas da manhã. Depois de ter aceso um bom fogo descobriu o rosto da morta, depois, quase feliz, correu à casa da vizinha que a tinha enterrado, para lhe dizer que sua mulher tinha voltado, como ele o havia predito.

"Sem dar nenhuma importância às palavras de Magnan, que, dizia ela, tinha visões, levantou-se e o acompanhou até sua casa, a fim acalmá-lo e fazê-lo deitar. Que se julgue de sua surpresa e de seu pavor vendo o corpo exumado. O infeliz operário falava a morta como se ela pudesse ouvi-lo e procurava, com uma tenacidade tocante obter uma

resposta, dando à sua voz a doçura e toda a persuasão da qual era capaz; essa afeição além do túmulo oferecia um espetáculo doloroso.

"No entanto, a vizinha teve a presença de espírito de convidar o pobre alucinado a levar de novo sua mulher e seu caixão, o que prometeu vendo o silêncio obstinado daquela que ele acreditava ter voltado à vida; foi sob a fé dessa promessa que ela reentrou em sua casa mais morta do que viva.

Mas Magnan não se conservou lá e correu a despertar dois vizinhos que se levantaram, como a enterradora, para procurar tranqüilizar o infortunado. Como ela também, o primeiro momento de estupefação passado, convidaram-no a repor a morta no cemitério, e desta vez este, sem hesitar, tomou sua mulher em seus braços e retornou a depositá-lo no caixão mortuário de onde a havia tirado, colocou-a na fossa e cobriu-a de terra.

"A mulher de Magnan foi enterrada há dezessete dias; no entanto, ela se encontrava ainda num estado perfeito de conservação, porque a expressão de seu rosto era exatamente a mesma do momento em que foi enterrada.

"Quando se interrogou Magnan, no dia seguinte, ele pareceu não se lembrar do que havia feito nem do que tinha se passado algumas horas antes; disse somente que acreditava ter visto sua mulher durante a noite." (Siecle, 20 de abril de 1867.)

INSTRUÇÕES SOBRE O FATO PRECEDENTE.

(Sociedade de Paris, 10 de maio de 1867; médium, Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo.)

Os fatos se mostram de toda parte, e tudo o que se produz parece ter uma direção especial que leva aos estudos espirituais. Observai bem, e vereis, a cada instante, coisas que parecem, à primeira vista, anomalias na vida humana, e das quais se procuraria inutilmente a causa em outra parte do que na vida espiritual. Sem dúvida, para muitas pessoas, são simplesmente fatos curiosos nos quais não pensam mais, a página virada; mas outros pensam mais seriamente; procuram uma explicação, e, à força de ver a vida espiritual se levantar diante deles, serão muito obrigados em reconhecer que só lá está a solução do que não podem compreender. Vós que conheceis a vida espiritual, examinai bem os detalhes do fato que acaba de vos ser lido, e vede se ela não se mostra ali com evidência.

Não penseis que os estudos que fazeis sobre esses assuntos da atualidade e outros estejam perdidos para as massas, porque, até o presente, elas não vão pouco senão aos Espíritas, àqueles que já estão convencidos; não. Primeiro, estejais certos que os escritos Espíritas vão a outra parte do que a casa dos adeptos; há pessoas muito interessadas na questão para não se manterão corrente de tudo o que fazeis e da marcha da Doutrina. Sem que isto pareça, a sociedade, que é o centro onde se elaboram os trabalhos, é um ponto de mira, e as soluções sábias e racionais que dela saem fazem refletir mais do que não credes. Mas um dia virá em que esses mesmos escritos serão lidos, comentados, analisados publicamente; ali se haurirá a mancheias os elementos sobre os quais devem assentaras novas idéias, porque ali se encontrará a verdade. Ainda uma vez, estejais convencidos de que nada do que fazeis está perdido, mesmo para o presente, com mais forte razão para o futuro.

Tudo é assunto de instrução para o homem que reflete. No fato que vos ocupa, vedes um homem possuindo suas faculdades intelectuais, suas forças materiais, e que parece, por um momento, completamente despojado das primeiras; ele faz um ato que parece, de início, insensato. Pois bem! há nisso um grande ensinamento.

Isto aconteceu? dirão algumas pessoas. O homem estava num estado de sonambulismo natural ou sonhou? O Espírito da mulher está por alguma coisa lá dentro? Tais são as perguntas que se podem fazer a esse respeito. Pois bem! o Espírito da

senhora Magnan foi por muito nesse negócio, e por muito mais do que poderiam supô-lo mesmo os Espíritas.

Seguindo-se o homem com atenção, desde o momento da morte de sua mulher, é visto mudar pouco a pouco; desde as primeiras horas da partida de sua mulher, vê-se seu Espírito tomar uma direção que se acentua, cada vez mais, para chegar ao ato de loucura da exumação do cadáver. Há neste ato outra coisa que o desgosto; e, como o ensina O *Livro dos Espíritos,* como ensinam todas as comunicações: o que não está na vida presente, está no passado, onde lhe é preciso procurar a causa. Não estamos neste mundo senão para cumprir uma missão ou pagar uma dívida; no primeiro caso realiza-se uma tarefa voluntária; no segundo, fazei a contrapartida dos sofrimentos que sentis e tereis a causa desses sofrimentos.

Quando a mulher morreu, ela lá ficou em Espírito, e como o casamento dos fluidos espirituais e os do corpo era difícil de se romper em razão da inferioridade do Espírito, foi-lhe necessário um certo tempo para retomar sua liberdade de ação, um novo trabalho para a assimilação dos fluidos; depois, quando estava preparada, ela se apoderou do corpo do homem e o possuiu. É, pois, aqui, um verdadeiro caso de possessão.

O homem não é *mais ele,* e notai: não é mais ele senão quando a noite vem. Seria preciso entrarem explicações muito longas para vos fazer compreender a causa dessa singularidade; mas, em duas palavras: a mistura de certos fluidos, como em química o ou de certos gases, não pode suportar o brilho da luz. Eis porque certos fenômenos espontâneos ocorrem mais freqüentemente à noite do que de dia.

Ela possui esse homem; manda-o fazer o que ela quer; *é* ela quem o conduz ao cemitério para lhe mandar fazer um trabalho sobre-humano *e* fazê-lo sofrer; e no dia seguinte, quando se pergunta ao homem o que se passou, ele está todo estupefato e não se lembra senão de ter sonhado com sua mulher. O sonho era a realidade; ela tinha prometido retornar, e retornou; retornará e o arrastará.

Numa outra existência, houve um crime de empregado; aquele que tinha do que se vingar, deixou o primeiro se encarnar e escolheu uma existência que, pondo-se em relação com ele, lhe permitia realizar sua vingança. Perguntareis por que essa permissão? mas Deus não concede nada que não seja justo e lógico. Um quer se vingar é preciso que haja, como prova, a ocasião de superar seu desejo de vingança, e o outro deve sentir e pagar o que fez sofrer ao primeiro. O caso aqui é o mesmo; somente os fenômenos não estando terminados, não se estende por mais longo tempo: existirá outra coisa ainda.

BIBLIOGRAFIA.

A VENDA EM 6 DE JANEIRO DE 1868
A GÊNESE

OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES SEGUNDO O ESPIRITISMO
Por Allan Kardec(1)

(1) Livraria internacional, 15, bulevar Montmartre cm Paris.- Um grande volume in-12. Preço: 3 fr. 50, pelo correio 4 fr. As despesa de correio para esta obra, como para as outras, são as da França e Argélia; para o estrangeiro, as despesas variam segundo os países, a saber:

Bélgica, 65 c.- Itália, 75 c. - Inglaterra, Suíça, Espanha, Grécia, Constantinopla, Egito, l fr.- Prússia, Bavária, l fr. 20 c.- Holanda, l fr. 50 c. - Portugal, Estados Unidos, Canadá, Canárias, Guadalupe, Guiania, México, Maurício, China, Buenos Aires, Montevideo, l fr. 45 c.- Holanda, l fr. 50 c. - Ducado de Bade, 2 fr. 25 c. Peru, 2 fr. 60 c. - Áustria, 3 fr. 20 c.

ÍNDICE DAS MATÉRIAS

INTRODUÇÃO.

CAPÍTULO L. CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPIRITA.

II. DEUS. - Existência de Deus. - Da natureza divina. - A Providência. - A visão de Deus.

III. O BEM E O MAL. - Fonte do bem e do mal. - A inteligência e o instinto. - Destruição dos seres vivos uns pelos outros.

IV. PAPEL DA CIÊNCIA NA GÊNESE.

V. SISTEMAS DOS MUNDOS ANTIGOS E MODERNOS.

VI. URANOGRAFIA GERAL. - O espaço e o tempo. - A matéria. - A leis e as forças. - A criação primeira. - A criação universal. - Os sóis e os planetas. - Os satélites. - Os cometas. - A via láctea. - As estrelas fixas. - Os desertos do espaço. - Sucessão eterna dos mundos. - A vida universal. - A ciência. - Considerações morais.

VII. ESBOÇO GEOLÓGICO DA TERRA. - Períodos geológicos. -Estado primitivo do globo. - Período primário. - Período de transição. -Período secundário. - Período terciário. - Período diluviano. - Período pós-diluviano ou atual. - Nascimento do homem.

VIII. TEORIAS DA TERRA. - Teoria da projeção (Buffon). - Teoria da condensação. - Teoria da incrustação.

IX. REVOLUÇÕES DO GLOBO. - Revoluções gerais ou parciais. - Dilúvio bíblico. - Revoluções periódicas. - Cataclismos futuros.

X. GÊNESE ORGÂNCA. - Primeira formação dos seres vivos. -Princípio vital. - Geração espontânea. - Escala dos seres corpóreos. - O homem.

XI. GÊNESE ESPIRITUAL. -Princípio espiritual. -União do princípio espiritual e da matéria. - Hipótese sobre a origem dos corpos humanos. -Encamação dos Espíritos. - Reencarnação. -Emigração e imigração dos Espíritos. - Raça adâmica. - Doutrina dos anjos decaídos.

XII. GÊNESE MOSAICA. - Os seis dias. - O paraíso perdido

OS MILAGRES.

XIII. CARACTERES DOS MILAGRES.

XIV. OS FLUIDOS. -Natureza e propriedade dos fluidos. - Explicação natural de alguns fatos reputados sobrenaturais.

XV. OS MILIGRES DO EVANGELHO. -Observações preliminares. - Sonhos. - Estrela dos Magos. - Dupla vista. - Curas. - Possuídos.

- Ressurreições. - Jesus caminha sobre a água. - Transfiguração. -Tempestade apaziguada. -Bodas de Cana. - Multiplicação dos pães.

- Tentação de Jesus. - Prodígios na morte de Jesus. - Aparição de Jesus depois de sua morte. - Desaparecimento do corpo de Jesus.

-

AS PREDIÇÕES.

XVI. TEORIA DA PRESCIÊNCIA.

XVII. PREDIÇÕES DO EVANGELHO. -Ninguém é profeta em seu país.

- Morte e paixão de Jesus. - Perseguição dos apóstolos. - Cidades impenitentes. - Ruína do Templo e de Jerusalém. - Maldições aos Fariseus. - Minhas palavras não passarão. - A pedra angular. -Parábola dos vinhateiros homicidas. -Um só rebanho e um só pastor.

- Advento de Elias. - Anúncio do Consolador. - Segundo advento do Cristo. - Sinais precursores. - Vossos filhos e vossas filhas profetizarão. - Julgamento final.

XVIII. OS TEMPOS SÃO CHEGADOS. -Sinais dos tempos. -A geração

ERRATA (já corrigido na versão arquivada com Eny)

Número de julho de 1867, página 196, 10" linha: As pessoas mais *ilustres* compreendem... - Lede: *illettrés.*

Número de novembro de 1867, página 341,40" linha: É pois o fluido que agita *sem* o impulso do Espirito...- Lede: *sob* o impulso.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO **NO. 2** **FEVEREIRO 1868**

EXTRATO DOS MANUSCRITOS DE UM JOVEM MÉDIUM BRETÃO

OS *ALUCINADOS, OS INSPIRADOS, OS FLUÍDICOS E OS SONÂMBULOS*

Nossos leitores se lembram de ter lido, no correr de junho de 1867, a análise do *Roman de l'Avenir,* que o Sr. Bonnemère havia emprestado, aos manuscritos de um jovem médium bretão, que lhe havia entregue seus trabalhos.

Foi, ainda, na volumosa coletânea dos manuscritos que o autor encontrou essas páginas escritas na hora da inspiração, e que vem submeterá apreciação dos leitores da *Revista Espírita.* Vai sem dizer que deixamos ao médium, ou antes ao Espírito que o inspira, a responsabilidade das opiniões emitidas, nos reservando apreciá-las mais tarde. Do mesmo modo que *Roman de l'Avenir, é* um curioso espécime de mediunidade inconsciente.

I

OS ALUCINADOS

Temos pouca coisa a dizer sobre a alucinação, estado provocado por uma causa moral que influi sobre o físico, e ao qual se mostram mais voluntariamente acessíveis as naturezas nervosas, sempre mais prontas a se impressionarem.

As mulheres sobretudo, por sua organização íntima, são levadas à exaltação, e a febre se apresenta mais freqüentemente nelas, acompanhada de delírio que toma as aparências de loucura momentânea.

A alucinação, é preciso reconhecê-lo, toca por um pequeno lado à loucura, assim como todas as super excitações cerebrais, e ao passo que o delírio se exala sobretudo em palavras incoerentes, ela representa mais particularmente a ação, a encenação. Mas, no entanto, é errado que, às vezes, sejam as confundidas juntas.

Presa de uma espécie de febre interior que não se traduz fora por nenhuma perturbação aparente dos órgãos, o alucinado vive no meio do mundo imaginário que cria, por um momento, sua imaginação perturbada; tudo está em desordem nele como ao seu redor; leva tudo ao extremo: a alegria por vezes, a tristeza quase sempre, e lágrimas rolam em seus olhos enquanto que seus lábios dissimulam um sorriso doentio.

Essas visões fantásticas existem para ele; ele as vê, as toca, delas está amedrontado. Mas, no entanto, conserva o exercício de sua vontade; conversa com seus interlocutores e lhes esconde o objeto de seus terrores ou de suas sombrias preocupações.

Conhecemos um deles que, durante mais ou menos seis meses, assistia todas as manhãs ao enterro de seu corpo, tendo plenamente consciência de que sua alma sobrevivia. Nada parecia mudado nos hábitos de sua vida, e, no entanto, esse pensamento incessante, essa visão, às vezes, o seguia mesmo em todos os lugares. A palavra morte ressoava incessantemente em seu ouvido. Quando o sol brilhava, dissipava

a noite ou atravessava a nuvem, a assustadora visão se apagava pouco a pouco e desaparecia no fim. À noite, ele dormia triste e desesperado, porque sabia que horrível despertar o esperava no dia seguinte.

Por vezes, quando o excesso do sofrimento físico impunha silêncio à sua vontade e lhe levantava essa força de dissimulação que conservava comumente, exclamava de repente: - Ah! hei-los!... eu os vejo!... E, então, descrevia ao seu redor os mais íntimos detalhes da lúgubre cerimônia, contava as cenas sinistras que se desenrolavam sob seus olhares, onde a ronda de personagens fantásticos desfilava diante dele.

O alucinado vos dirá as loucas percepções de seu cérebro doente, mas nada tem a vos repetir daquilo que os outros viriam revelar-lhe; porque, para ser inspirado, é preciso que a paz e a harmonia reine em vossa alma, e que estejais desligados de todo pensamento material ou mesquinho; algumas vezes a disposição doentia provoca a inspiração, é então como um socorro que os amigos que partiram primeiro vêm vos trazer para vos aliviar.

Esse louco, que ontem gozava da plenitude de sua razão, não apresenta desordens exteriores perceptíveis ao olhar do observador; são numerosos, no entanto, existem e são reais. O mal, freqüentemente, está na alma, lançado fora dela mesma pelo excesso do trabalho, da alegria, da dor; o homem físico não está mais em equilíbrio com o homem moral; o choque moral foi mais violento do que o podia suportar o físico: daí o cataclismo.

O alucinado sofre igualmente as conseqüências de uma perturbação grave em seu organismo nervoso. Mas o que raramente ocorre na loucura - nele essas desordem são intermitentes e tanto mais facilmente curáveis, quanto sua vida, de alguma sorte, é dupla, que pensa com a vida real e sonha com a vida fantástica.

Esta última, freqüentemente, é o despertar de sua alma doente, e escutando-o com inteligência, chega-se a descobrir a causa do mal que, freqüentemente, ele quer esconder. Entre o fluxo de palavras incoerentes que uma pessoa em delírio lança fora, e que parecem não se reportar em nada às causas prováveis de sua doença, nela se encontra uma que retornará sem cessar e como apesar dele, que queria reter, e que, no entanto, escapa. Aquela é a causa verdadeira que é preciso combater.

Mas o trabalho é longo e difícil, porque o alucinado é um hábil comediante, e, percebendo que é observado, seu espírito se lança em estranhos desvios e toma as aparências da loucura para escapar a essa pressão inoportuna que vos parece decidida a exercer sobre ele. É preciso, pois, estudá-lo com um tato extremo, sem contradizê-lo nunca, ou tentar retificar os erros de seu cérebro em delírio.

Estão aí as diversas fases de excitações cerebrais, ou antes, de excitações do ser inteiramente, porque não é preciso localizara sede da inteligência. A alma humana, que a dá, plana por toda parte; é o sopro do alto que faz vibrar e agir toda a máquina. O alucinado pode, de boa fé, se acreditar inspirado, e profetizar, seja que tenha consciência daquilo que diz, seja que aqueles que o cercam possam sozinhos, com o seu desconhecimento, recolher suas palavras. Mas juntar fé às indicações de um alucinado seria se preparar estranhas decepções, e foi assim que, muito freqüentemente, se levou ao passivo da inspiração, os erros que não eram senão o fato da alucinação.

O físico é coisa material, sensível, exposta à luz, que cada um pode ver, admirar, criticar, cuidar ou tentar endireitar. Mas quem pode conhecer o homem moral? Quando nós mesmos ignoramos, como os outros nos julgariam? Se lhe entregarmos alguns de nossos pensamentos ocorre bem mais ainda que ocultaremos, aos seus olhares, e que gostaríamos de esconder de nós mesmos

Essa dissimulação é quase um crime social. Criada para o progresso, nossa alma, nosso coração, nossa inteligência são feitos para expandir sobre todos os irmãos da grande família, para lhes prodigalizar tudo o que está em nós, como para se enriquecer, aos mesmo tempo, de tudo o que podem nos comunicar.

A expansão recíproca é, pois, a grande lei humanitária, e a concentração, quer dizer, a dissimulação de nossas ações, de nossos pensamentos, de nossas aspirações é uma espécie de roubo que cometemos em prejuízo de todo o mundo. Que progresso se fará, se guardarmos em nós tudo o que a Natureza e a educação colocaram em nós, e se cada um agir do mesmo modo a nosso respeito?

Exilados voluntários e nos mantendo fora do comércio de nossos irmãos, nós nos concentramos em uma idéia fixa; a imaginação obsidiada procura a isto subtrair-se perseguindo todas as espécies de pensamentos sem continuidade, e pode-se chegar assim até a loucura, justo castigo que nos é infligido por não querer caminhar nas vias naturais.

Vivamos, pois, nos outros, e eles em nós, a fim de que todos nós não façamos senão um. As grandes alegrias, como as grandes dores, nos cansam quando não estão confiadas a um amigo. Toda solidão é má e condenada, e toda coisa contrária ao voto da Natureza conduz à sua conseqüência de inevitáveis, de imensas desordens interiores.

II
OS INSPIRADOS

A inspiração é mais rara do que a alucinação, porque ela não se prende só ao estado físico, mas ainda e sobretudo à situação moral do indivíduo predisposto a recebê-la.

Todo homem não dispõe senão de uma certa parte de inteligência que lhe é dado desenvolver pelo seu trabalho. Chegado ao ponto culminante onde lhe é permitido atingir, se detém um momento, depois retorna ao estado primitivo, ao estado de criança, menos essa própria inteligência que, num cresce cada dia, e no velho diminui, se extingue e desaparece. Então, tendo tudo dado, e não podendo mais nada acrescentar à bagagem de seu século, ele parte, mas para ir continuar em outra parte sua obra interrompida neste mundo; ele parte, mas deixando o lugar rejuvenescido a um outro que, chegando à idade viril, terá a força de cumprir, a seu turno, uma missão maior e mais útil.

O que chamamos a morte não é senão o devotamento ao progresso e à Humanidade. Mas nada morre, tudo sobrevive e se reencontra pela transmissão do pensamento dos seres que partiram primeiro que têm ainda, pela parte mais etérea de si mesmos, a pátria deixada, mas não esquecida, que amam sempre, uma vez que é habitada pelos continuadores de sua vida, pelos herdeiros de suas idéias, aos quais se comprazem em insuflar por momentos as que não tiveram tempo de semear em torno deles, ou que não puderam ver progredir ao gosto de suas esperanças.

Não tendo mais órgãos ao serviço de sua inteligência, vêm pedir aos homens de boa vontade que apreciam, de lhes ceder, por um momento, o lugar. Sublimes benfeitores ocultos, impregnam seus irmãos da quintessência de seus pensamentos, a fim de que sua obra esboçada prossiga e termine passando pelo cérebro daqueles que podem lhe mandar fazer seu caminho no mundo.

Entre os amigos desaparecidos e nós, o amor continua, e o amor é a vida. Eles nos falam com a voz de nossa consciência posta em alerta. Purificados e melhores, não nos trazem senão coisas puras, libertos que são de toda parte material como de todas as mesquinharias de nossa pobre existência. Eles nos inspiram no sentimento que tinham neste mundo, mas nesse sentimento livre de toda mistura.

Resta-lhes ainda uma parte de si mesmos para dar: eles no-la trazem, e nos deixando crer que a obtivemos unicamente pelo nosso trabalho pessoal. Daí vêm essas revelações inesperadas que confundem a ciência. O espírito de Deus sopra onde quer... Desconhecidos fazem as grandes descobertas, e o mundo oficial das academias está lá para entravar-lhes a passagem.

Não pretendemos dizer que, por ser inspirado, seja indispensável nos manter incessantemente nos caminhos estreitos do bem e da virtude; mas, no entanto, comumente são seres morais aos quais se vem, freqüentemente como compensações dos males que sofreram pelo fato dos outros, conceder manifestações que lhes permitem se vingarem à sua maneira, trazendo o tributo de alguns benefícios que os menosprezava os escárnios e as calúnias.

Encontram-se tantas categorias de inspirações, e de inspirados conseqüentemente, quanto existem faculdades no cérebro humano para assimilar conhecimentos diferentes.

A luta assusta os Espíritos depurados partidos para os mundos mais avançados, e desejam que sejam escutados com docilidade. Também os inspirados são geralmente seres puros, ingênuos e simples, sérios e refletidos, formados de abnegação e de devotamento, sem personalidade revelada, de impressões profundas e duráveis, acessíveis às influências exteriores, sem tomar partido sobre as coisas que ignoram, bastante inteligentes para assimilar os pensamentos de outrem, mas não bastante fortes moralmente para discuti-los.

Se o inspirado se prender às suas próprias convicções, ele toma, de boa fé, seu eco pela advertência das vozes que falam nele, e, de boa fé também, engana em lugar de esclarecer. A bondade preside às revelações, que jamais ocorrem senão com um objetivo útil e moral ao mesmo tempo.

Quando uma dessas organizações simpáticas e sofredoras, em conseqüência de uma decepção cruel, ou de um mal físico, um amigo se interessa por ela e vem, dando um outro alimento ao seu pensamento, trazer-lhe alívio por ela mesma, mas sobretudo por aqueles que lhe são caros.

Não é raro que o inspirado haja começado por ser um alucinado. É como um noviciado, uma preparação de seu cérebro para concentrar seu espírito e com poder de aceitar a coisa que lhe será dita.

Por que um inspirado não possa nada formular de concludente, em um certo momento, não é para dizer por isto que não o poderá fazerem outros. As manifestações permanecem livres, espontâneas; vêm quando são necessárias. Também os inspirados, mesmo os melhores, não o são em dia e hora fixos, e as sessões anunciadas antecipadamente, freqüentemente, preparam inevitáveis decepções.

Fazendo-se evocações muito freqüentes, corre-se o risco de não se chegar senão a um estado de superexcitação mais vizinho da alucinação do que da inspiração. Então, não são mais que os jogos de nossa imaginação em delírio, em lugar dessas luzes de um outro mundo destinadas a esclarecer os passos da Humanidade em seu caminho providencial.

Isto explica esses erros dos quais a incredulidade faz uma arma para negar, de maneira absoluta, a intervenção dos Espíritos superiores.

Os inspirados o são portados aqueles que, partidos antes da hora, têm alguma coisa a nos ensinar.

Pode ocorrer que a mulher mais simples, a menos instruída, tenha revelações médicas. Vimos uma delas que, sem mesmo saber ler e escrever, achava nela diferentes nomes de plantas que podiam curar. A credulidade popular a tinha quase forçado a explorar essa faculdade. Também não era sempre igualmente bem esclarecida, ainda que sondando a pessoa doente, se coloca em relação com ela: porque ela era também desses *fluídicos* dos quais falaremos dentro em pouco. Se bem que fraca e delicada, ela podia, por seu contato, restituir o equilíbrio àquele a quem faltava e pôr em circulação os princípios vitais parados sem disto se dar conta, ela fazia, freqüentemente, por um simples toque, sobre certas pessoas cujo fluido era idêntico ao seu, mais bem do que pelos remédios que prescrevia, algumas vezes pelo hábito somente, e com variantes insignificantes, qualquer que fosse o mal para o qual era consultada.

A Providência colocou junto de cada homem um remédio para cada doença. Somente existem tantas naturezas diferentes quanto indivíduos. Os remédios agem diferentemente também sobre cada organismo, o qual influi sobre os caracteres do mal; é o que faz que seja quase impossível ao médico prescrever o remédio eficaz. Ele conhece seus efeitos gerais, mas ignora absolutamente em que sentido agirá sobre tal sujeito que se lhe apresenta.

É aqui que se manifesta a superioridade dos fluídicos e dos sonâmbulos, uma vez que, quando se acham em certas condições de simpatia com aqueles que vêm consultá-los, os seres superiores os guiam com uma infalibilidade quase certa.

Freqüentemente essa inspiração é inconsciente em si mesma; freqüentemente um doutor, mas somente junto de certos doentes, encontra subitamente o remédio que pode curá-los. Não foi a ciência que o guiou, foi a inspiração. A ciência punha à sua disposição vários modos de tratamento, mas uma voz interior lhe gritava um nome; ele foi forçado a dize-lo, e esse nome era o do remédio que deveria agir, com exclusão de qualquer outro.

O que dizemos da medicina existe com o mesmo título em todos os outros ramos de trabalho humano. A certas horas, o fogo da inspiração nos devora, é preciso ceder; e se pretendemos concentrar em nós mesmos o que deve sair, um verdadeiro sofrimento se torna o castigo de nossa revolta.

Todos aqueles a quem Deus concedeu o dom sublime da criação, os poetas, os sábios, os artistas, os inventores, todos têm dessas iluminações inesperadas, às vezes numa ordem de fatos bem diferentes de seus estudos comuns, se se pretendesse violentar a sua vocação. Mas os Espíritos sabem o que devemos e o que podemos fazer, eles vêm incessantemente despertarem nós as nossas atrações abafadas.

Sabe-se como Molière explicava essas desigualdades que desenfeitam as mais belas peças de Corneille: "Esse diabo de homem, dizia, tem um gênio familiar que vem, por momentos, lhe soprarão ouvido as coisas sublimes; depois, de repente, ele planta ali, dizendo-lhe: "Saia daí como puderes!" e então não fez mais nada que valha." Molière estava na verdade. O orgulhoso gênio de Corneille não tinha adócil passividade necessária para sofrer sempre a inspiração do alto. Os Espíritos o abandonaram, e então ele adormeceu, como o próprio Homeroofazia algumas vezes.

Assim o é, -Sócrates e Jeanne d'Arc eram daqueles, -quem ouve vozes interiores que falam neles. Outros não ouvem nada, mas são constrangidos a obedecer a uma força vitoriosa que os domina.

Outras vezes, um nome vem ferir o ouvido do inspirado; é o de um amigo, de um indivíduo que nem mesmo conhecia, do qual apenas ouviu falar. A personalidade desse amigo desconhecido o penetra, se introduz nele; pensamentos estranhos vêm substituir pouco a pouco aos seus. Tem por um momento o espírito daquele; obedece, escreve, com o seu desconhecimento, apesar de si, se o faz, coisas que não sabe e como se essa obediência passiva ao qual está condenado lhe era amarga para suportar no estado de vigília, foram essas coisas escritas sob uma inspiração opressiva, e não quer lê-las.

Esses pensamentos podem estarem desacordo formal com suas crenças, com seus sentimentos, ou antes com aqueles que a educação impôs, porque, para que certos Espíritos venham a ele, é preciso que existam algumas relações entre eles. Dão-lhe o pensamento deixando-lhe o cuidado de encontrar a forma; é preciso, pois, que saibam que sua inteligência pode compreendê-los, e assimilar momentaneamente suas idéias, para as traduzir.

É que é raro que as circunstâncias nos tenham permitido de nos desenvolver no sentido de nossas aptidões inatas. Os Espíritos mais avançados sabem que corda é preciso tocar para que ela entre em vibração. Tinha permanecido muda, porque se lhe havia atacado as outras em negligenciando aquela. Por um momento, ele lhe restitui a vida. É um germe por longo tempo abafado que eles fecundam. Depois o inspirado

retorna ao seu estado habitual, não se lembra mais, porque vive uma existência dupla, da qual cada uma é absolutamente independente da outra.

Ocorre, no entanto, também que ele conserva com uma maior facilidade de compreensão, e conquista um maior grau de desenvolvimento intelectual. É a recompensa do esforço que fez para dar uma forma compreensível aos pensamentos que outros vieram lhe revelar.

Não cremos que todo inspirado possa tudo conhecer. Cada um, segundo suas predisposições naturais, mas permanecidas freqüentemente desconhecidas a si mesmo como aos outros, é inspirado por tal ou tal coisa, mas não o é igualmente por todas. Existem, com efeito, naturezas de tal modo antipáticas a certos conhecimentos, que os Espíritos não virão jamais bater numa porta que sabem não poder abrir.

O futuro não é conhecido dos inspirados senão em uma certa medida. Também não é verdadeiro dizer que um inspirado predisse em que mundo tal pessoa irá depois de sua morte, e que julgamento Deus pronunciará sobre ela. Isto é um jogo da imaginação alucinada. O homem, tão alto que tenha subido na escala dos mundos, não conhece qual será o destino de seu irmão. É a parte reservada a Deus: jamais a criatura poderá intrometer-se em seus direitos.

Sim, há manifestações, mas não são continuadas, e nossa impaciência, a seu respeito, freqüentemente, é culpada.

Sim, tudo se mantém, e nada se rompe no imenso Universo. Sim, existe entre esta existência e as outras um laço simpático e indissolúvel que liga e une uns aos outros todos os membros da família humana, e que permite aos melhores virem nos dar o conhecimento daquilo que não sabemos. É por esse labor que se realiza o progresso. Que se chame trabalho da inteligência ou inspiração, é a mesma coisa. A inspiração é o progresso superior, é o fundo: o trabalho pessoal lhe dá a forma, acrescentando-lhe ainda a quintessência dos conhecimentos anteriormente adquiridos.

Nem uma única invenção nos pertence propriamente, porque outros lançaram, antes de nós, a semente que recolhemos. Apliquemo-nos à obra que queremos prosseguir, as forças e o trabalho da Natureza que está para todos, e sem a ajuda da qual nada se faz, depois as forças e o trabalho acumulados pelos outros que nos prepararam os meios de triunfar.

A bem dizer, tudo é obra comum e coletiva, para confirmar ainda esse grande princípio de solidariedade e de associação que á a base das sociedades e inteiramente a lei da criação.

O trabalho do homem jamais se tornará inútil pela inspiração. O Espírito que vem traze-lo respeitará sempre essa parte reservada ao indivíduo; respeitá-la-á como uma coisa nobre e santa, uma vez que o trabalho coloca o homem na posse das faculdades que Deus depositou em germe em sua alma, a fim de que o objetivo de sua vida fosse de fecundá-las. Foi pelo seu desenvolvimento que aprendeu a bem se conhecer, e que mereceu se aproximar dele.

A inspiração vem indiferentemente de dia, de noite, na vigília ou durante o sono. Ela só exige o recolhimento. Necessita encontrar naturezas que possam se abstrair de toda preocupação do mundo real, para dar o lugar livre e vago ao ser que virá envolvê-lo inteiramente e lhe infundir seus pensamentos.

Nas horas da inspiração, o homem se torna muito mais acessível a todos os ruídos exteriores, e tudo o que vem do mundo real o perturba. Ele não é mais deste mundo, está num meio transitório entre este e o outro, uma vez que, de alguma sorte, está embebido da personalidade moral e intelectual de um ser subido em uma outra esfera, e que, no entanto, seu corpo se prende a este.

Se bem que ela se dirija a todos, a inspiração descerá, mais geralmente, sobre as naturezas doentias ou gastas por uma sucessão de sofrimentos, materiais ou morais.

Uma vez que ela é um benefício, não é justo que aqueles que sofrem estejam mais facilmente aptos a recebê-la?

A alucinação é um estado doentio que o magnetismo pode modificar de um modo salutar. A inspiração é uma assimilação moral que é preciso se guardar de provocar por passes magnéticos. O alucinado se entrega voluntariamente aos arrebatamentos, a contorções ridículas. O inspirado é calmo.

Os inspirados são melancólicos. Têm necessidade de ser refletidos; para ser jovial, não é preciso refletir muito; é preciso gozar, em sua saúde, de um equilíbrio que os inspirados nem sempre possuem. Mas não vamos crer que sejam difíceis e fantásticos. Ao contrário, eles se mostram dóceis e fáceis com aqueles que amam.

Há inspirados de vários graus. Uns vêm vos dizer coisas palpáveis, fatos de segunda vista, para que se possa constatar *a* realidade da iniciação. Os outros, mais clarividentes e pouco cuidadosos dos procedimentos materiais dos quais não são chamados a divulgar os segredos, repetem, como lhe vêm, os pensamentos trazidos por Espíritos de progresso. Os primeiros curam o corpo, os segundos são os médicos da alma.

A missão dos mais modestos se limita a revelar como essas coisas lhes vêm. É um fato constatado que forças avançadas de muitos graus sobre nós, vêm nos dominar e nos inspirar. Para que repeti-lo? Crera quem quiser. Mas as constatações estando bem estabelecidas, não é preciso tomar do inspirado senão o lado útil e sério. Pouco importa, se as idéias são boas, de que fontes elas vêm.

EUG. BONNEMÈRE.

OS VOTOS DE FELIZ ANO NOVO DE UM ESPÍRITA DE LEIPZIG

Um Espírita de Leipzig fez imprimir, em língua alemã, a correspondência seguinte da qual nos fazemos um prazer dar a tradução.

MEUS DESEJOS A TODO S OS ESPIRITAS E ESPIRITUALISTAS DE LEIPZIG, PELO ANO NOVO

A vós também, que vos chamais materialistas, porque não quereis conhecer senão a matéria, serei tentado de vos enviar meus desejos de felicidade, mas temo que não considerareis isto como um atrevimento de um estrangeiro que não tem o direito de contar-se entre vós.

Ocorre de outro modo com Espiritualistas, que estão sobre o mesmo terreno que os Espíritas no que toca à convicção da imortalidade da alma, de sua individualidade e de seu estado feliz ou infeliz depois da morte. Os Espiritualistas e os Espíritas reconhecem em cada homem uma alma irmã da sua, e por isso me dão o direito de lhes enviar meus votos. Uns e outros agradecem o Senhor pelo ano que vem de se escoar, e esperam que, sustentados por sua graça, terão a coragem de suportar as provas dos dias infelizes, *à* força de trabalhar em seu aperfeiçoamento, domando suas paixões.

A vós, caros Espíritas, irmãos e irmãs conhecidos e desconhecidos, eu vos desejo particularmente um ano feliz, porque recebestes de Deus, para vossa peregrinação terrestre, um grande apoio no Espiritismo. A religião veio trazer a todos a f é e bem felizes aqueles que a conservaram. Infelizmente, ela está extinta num grande número; é porque Deus envia uma nova arma para combatera incredulidade, o orgulho e o egoísmo que tomam proporções cada vez maiores. Esta arma nova é a comunicação com os Espíritos; por ela temos a fé, porque nos dá a certeza da vida da alma, e nos permite lançar um golpe de vista na outra vida; reconhecemos assim a vaidade da felicidade terrestre, e

temos a solução das dificuldades que nos fazem duvidar de tudo, mesmo da existência de Deus.

Jesus disse a seus discípulos: "Teria ainda muitas coisas a vos dizer, mas não poderíeis ainda suportá-las." Hoje, tendo a Humanidade progredido, pode compreendê-las; foi porque Deus nos deu a ciência do Espiritismo, e a prova de que a Humanidade está madura para esta ciência, é que esta ciência existe. É inútil negar e zombar, como outrora foi inútil negar e zombar dos fatos adiantados por Copérnico e Galileu. Então esses fatos eram tão pouco reconhecidos quanto o são agora os do mundo dos Espíritos. Como outrora, os primeiros opositores são os sábios, até o dia em que, vendo-se isolados, reconhecerão humildemente que as novas descobertas, como o vapor, a eletricidade e o magnetismo, que outrora eram desconhecidos, não são a última palavra das leis da Natureza. Eles serão responsáveis, diante das gerações futuras, por não terem acolhido a ciência nova como a irmã da outras, e de tê-la repelido como uma loucura.

É verdade que ela não ensina nada de novo proclamando a vida da alma, uma vez que o Cristo disto falou; mas o Espiritismo levanta todas as dúvidas e lança uma nova luz sobre esta questão. Guardemo-nos, no entanto, de considerar como inúteis os ensinamentos do cristianismo e de crê-los substituídos pelo Espiritismo; fortaleçamo-nos, ao contrário, na fonte das verdades cristãs, para as quais o Espiritismo não é senão uma nova bandeira, a fim de que nossa inteligência e nosso orgulho não nos desviem. O Espiritismo nos ensina, antes de qualquer coisa, que: "Sem o amor e a caridade, não há felicidade", quer dizer que é preciso amar seu próximo como a si mesmo; apoiando-se sobre esta verdade cristã, abre o caminho para o cumprimento desta palavra do Cristo: "Um só rebanho e um só pastor."

Assim, pois, caros irmãos e irmãs espíritas, permiti-me que aos meus votos para o ano novo eu acrescente ainda este pedido: que não medireis jamais o poder de se comunicar com o mundo espiritual. Não nos esqueçamos de que, segundo a lei sobre a qual repousam nossas relações com os Espíritos, os maus não são excluídos das comunicações. Se é difícil constatar a identidade de um Espírito que não conhecemos, é fácil distinguir os bons dos maus. Estes podem se esconder sob a máscara da hipocrisia, mas um bom Espírita os reconhece sempre; é porque não é preciso se ocupar dessas coisas levianamente, porque pode-se tornar-se o joguete de Espíritos maus, embora inteligentes, como são encontrados, às vezes, no mundo dos encarnados. Se compararmos nossas comunicações com aquelas que são obtidas nas reuniões de Espíritas fervorosos e sinceros, saberemos logo reconhecer se estamos no bom caminho. Os Espíritos elevados se fazem reconhecer pela sua linguagem, que é por toda parte a mesma, sempre de acordo com o Evangelho e a razão humana.

O meio de se preservar dos maus Espíritos é, primeiro, fazer uma prece sincera a Deus; segundo, não empregar jamais o Espiritismo para as coisas materiais. Os maus Espíritos estão sempre prontos a satisfazer a todos os pedidos, e se, às vezes, dizem coisas justas, o mais freqüentemente, enganam com intenção ou por ignorância, porque os Espíritos inferiores não sabem mais do que durante sua existência terrestre. Os bons Espíritos nos ajudam, ao contrário, em nossos esforços para nos melhorar, e nos fazem conhecer a vida espiritual, a fim de que possamos assimilá-la à nossa. Tal é objetivo para o qual devem tender todos os Espíritas sinceros.

Adolf, conde PONINSKI.

Leipzig, 1°de janeiro de 1868.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS.

OS *MESSIAS DO ESPIRITISMO*

1.- Foi-vos dito que um dia todas as religiões se confundirão numa mesma crença; ora, eis como isto ocorrerá. Deus dará um corpo a alguns Espíritos superiores, e eles pregarão o Evangelho puro. Um novo Cristo virá; ele porá fim a todos os abusos que duram há muito tempo, e reunirá os homens sob uma mesma bandeira.

Ele nasceu, o novo Messias, e restabelecerá o Evangelho de Jesus Cristo. Glória ao seu poder!

Não é permitido revelar o lugar onde ele nasceu; e se alguém vier vos dizer: "Ele está em tal lugar", não o creiai, porque ninguém o saberá antes que seja capaz de se revelar, e, daqui até lá, é preciso que grandes coisas se cumpram para aplainar os caminhos.

Se Deus vos deixar viver bastante tempo, vereis pregar o verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo pelo novo Missionário de Deus, e uma grande mudança será feita pelas pregações desse Filho bendito; à sua palavra poderosa, os homens, de diferentes crenças, dar-se-ão as mãos.

Glória a esse divino enviado, que vai restabelecer as leis mal compreendidas e mal praticadas do Cristo! Glória ao Espiritismo que o precede e que vem esclarecer todas estas coisas!

Crede-me, meus irmãos, que não há senão vós que recebeis semelhantes comunicações; mas tende esta em segredo até nova ordem. (São José; Sétif (Argélia), 1861.)

Nota. Esta revelação foi uma da primeiras deste gênero que nos foram transmitidas; mas outras a tinham já precedido. Depois, foram dadas espontaneamente um grande número de comunicações sobre o mesmo assunto, em diferentes centros espíritas da França e do Estrangeiro, que todas concordam pelo fundo do pensamento; e como por toda parte compreendeu-se a necessidade de não divulgá-las, e que nenhuma foi publicada, elas puderam ser o reflexo uma das outras. É um dos mais notáveis exemplos da simultaneidade e da concordância dos ensinos dos Espíritos quando o tempo de uma questão é chegado (1). (1) As comunicações deste gênero são inumeráveis; delas não relatamos aqui senão algumas, e se as publicamos hoje, é que chegou o momento de levar o fato ao conhecimento de todos, e que é útil, para os espiritas, saber em que sentido se pronuncia a maioria dos Espíritos.

2.- Incontestavelmente, está reconhecido que vossa época é uma época de transição e de fermentação geral; mas ela ainda não chegou a esse grau de maturidade que marca a vida das nações. É ao vigésimo século que está reservado o retoque da Humanidade; todas as coisas que vão aqui se cumprir não são senão as preliminares da grande renovação. O homem chamado a completá-la, ainda não está amadurecido para cumprir sua missão; mas eleja nasceu, e sua estrela apareceu na França marcada com uma auréola, e vos foi mostrado na África há pouco tempo. Seu caminho está marcado antecipadamente. A corrupção dos costumes, as infelicidades que serão a conseqüência do desencadeamento das paixões, o declínio da fé religiosa, serão os sinais precursores de seu advento.

A corrupção, no seio das religiões, é o sintoma de sua decadência, como ela é o da decadência dos povos e dos regimes políticos, porque é o indício de uma falta de fé verdadeira; os homens corrompidos arrastam a Humanidade a um pendor funesto, de onde ela não pode sair senão por uma crise violenta. Ocorre o mesmo com as religiões que substituem, ao culto da Divindade, o culto do dinheiro e das honras, e que se mostrem mais ávidos de bens materiais da Terra do que de bens espirituais do céu.

(FÉNELON; Constantinopla, dezembro de 1861.)

3.- Quando uma transformação da Humanidade deve se operar, Deus envia em missão um Espírito capaz, por seus pensamentos e por uma inteligência superior, de

dominar seus contemporâneos, e de imprimir, às gerações futuras, as idéias necessárias para uma revolução moral civilizadora.

De tempos em tempos, assim, vêem-se elevar-se, acima do comum dos homens, seres que, como faróis, os guiam no caminho do progresso, e lhes fazem transpor, em alguns anos, as etapas de vários séculos. O papel de alguns está limitado a um país ou a uma raça; são como oficiais conduzindo cada um sob sua ordem, uma divisão do exército; mas há outros cuja missão é agir sobre a Humanidade inteira, e que não aparecem senão nas épocas mais raras que marcam a era das transformações gerais.

Jesus Cristo foi um desses enviados excepcionais; do mesmo modo tereis para os tempos chegados, um Espirito superior que dirigirá o movimento do conjunto, e dará uma coesão poderosa às forças esparsas do Espiritismo.

Deus sabe a propósito modificar nossas leis e nossos hábitos, e quando um fato novo se apresente, esperai e orai, porque o Eterno não faz nada que não seja segundo as leis de divina justiça que regem o universo.

Para vós que tendes a fé, e que consagrastes a vossa vida à propaganda da idéia regeneradora, isso deve ser simples e justo; mas só Deus conhece o que é prometido; limito-me a vos dizer: Esperai e orai, porque o tempo é chegado, e o novo Messias não faltará: Deus saberá designá-lo a seu tempo; aliás, será por suas obras que ele se afirmará.

Podeis esperar muitas coisas, vós que vedes tantas estranhas com relação às idéias admitidas pela civilização moderna. (BALUZE; Paris, 1862.)

4- Eis uma pergunta que se repete por toda parte: O Messias anunciado é a mesma pessoa do Cristo?

Junto de Deus estão os Espíritos numerosos chegados ao cume da escala dos Espíritos puros, que mereceram ser iniciados em seus desígnios, para dirigir-lhes a execução. Deus escolhe entre eles seus enviados superiores encarregados das missões especiais. Podeis chamá-los *Cristos: é* a mesma escola; são as mesmas idéias modificadas segundo os tempos.

Não vos admireis, pois, de todas as comunicações que vos anunciam a vinda de um Espírito poderoso sob o nome do Cristo; é o pensamento de Deus revelado a uma certa época, e que é transmitido pelo grupo dos Espíritos superiores que se aproximam de Deus, e que dele recebe as emanações para presidir ao futuro dos mundos gravitando no espaço.

Aquele que morreu sobre a cruz tinha uma missão a cumprir, e essa missão se renova hoje por outros Espíritos desse grupo divino, que vêm, eu o repito, presidir aos destinos de vosso mundo.

Se o Messias, do qual falam essas comunicações, não for a personalidade de Jesus, é o mesmo pensamento. É aquele que Jesus anunciou quando disse: "Eu vos enviarei o *Espírito de Verdade* que deverá restabelecer todas as coisas", quer dizer, conduzir os homens à sadia interpretação de seus ensinos, porque ele previa que os homens se desviariam do caminho que lhes havia traçado.

Era preciso, aliás, completar o que não havia podido dizer então, porque não teria sido compreendido. Foi porque uma multidão de Espíritos de todas as ordens, sob a direção do Espírito de Verdade, veio em todas as partes do mundo e em todos os povos, revelar as leis do mundo espiritual, das quais Jesus havia adiado o ensinamento, e lançar, pelo Espiritismo, os fundamentos da nova ordem social. Quando todas as bases lhe forem postas, então virá o Messias que deverá coroar o edifício e presidir à reorganização com a ajuda dos elementos que terão sido preparados. Mas não creiais que esse Messias esteja só; haverá vários deles que abraçarão, pela posição que cada um ocupará no mundo, as grandes partes da ordem social: a política, a religião, a legislação, a fim de fazê-las concordar com o mesmo objetivo.

Além dos Messias principais, Espíritos de elite surgirão em todas as partes do detalhe, e que, como lugares-tenentes animados da mesma fé e do mesmo desejo, agirão de comum acordo sob o impulso do pensamento superior.

Será assim que, pouco a pouco, se restabelecerá a harmonia do conjunto; mas é necessário, preliminarmente, que certos acontecimentos se realizem.

(LACORDAIRE; Paris, 1862.)

OS ESPÍRITOS MARCADOS

5.- Há muitos Espíritos superiores que concorrem poderosamente à obra regeneradora, mas nem todos são messias. É preciso distinguir:

1° Os Espíritos superiores que agem livremente, e de sua própria vontade;

2° Os Espíritos *marcados,* quer dizer, designados para uma missão importante. Eles têm a irradiação luminosa que é o sinal característico de sua superioridade. São escolhidos entre os Espíritos capazes de cumpri-la; no entanto, como têm seu livre-arbítrio, podem falhar por falta de coragem, de perseverança e de fé, e não estão ao abrigo dos acidentes que podem abreviar seus dias. Mas como os desígnios de Deus não estão a mercê de um homem, o que um não faz, um outro é chamado a fazê-lo. É porque há muitos chamados e poucos escolhidos. Feliz aquele que cumpriu sua missão segundo os objetivos de Deus e sem desfalecimento!

3° Os *Messias,* seres superiores chegados ao mais alto grau da hierarquia celeste, depois de terem chegado a uma perfeição que os torna, doravante, infalíveis e acima das fraquezas humanas, mesmo na encarnação. Admitidos no conselho do Mais Alto recebem diretamente sua palavra, que estão encarregados de transmitir e de fazer cumprir. Verdadeiros representantes da Divindade, da qual têm o pensamento, é entre eles que Deus escolhe seus enviados especiais, ou *seus Messias para* as grandes missões gerais, cujos detalhes de execução são confiados a outros Espíritos, encarnados ou desencarnados, agindo por suas ordens e sob sua inspiração.

Os Espíritos destas três categorias devem concorrer ao grande movimento regenerador que se opera. (Êxtase sonambúlico; Paris 1866.)

6.- Venho, meus amigos confirmar a esperança dos altos destinos que esperam o Espiritismo. Esse glorioso futuro que vos anunciamos será realizado pela vinda de um Espírito superior que resumirá, na essência de sua perfeição, todas as doutrinas antigas e novas e que, pela autoridade de sua palavra, unirá os homens às crenças novas. Semelhante ao sol levante, dissipará todos os obstáculos amontoados sobre a eterna verdade pelo fanatismo e a inobservância dos preceitos do Cristo.

A estrela da nova crença, o futuro Messias, cresce na sombra; mas já seus inimigos tremem, e as virtudes dos céus são abaladas.

Perguntais se esse novo Messias é a própria pessoa de Jesus de Nazaré? Que vos importa, se é o mesmo pensamento que amima a ambos! São as imperfeições que dividem os Espíritos; mas quando as perfeições são iguais, nada os distingue; formam unidades coletivas sem perderem sua individualidade.

O começo de todas as coisas é obscuro e vulgar; o que é pequeno cresce; nossas manifestações, acolhidas de início com desdém, violência ou indiferença banal da curiosidade ociosa, espalharão as ondas de luz sobre os cegos e os regenerarão.

Todos os grandes acontecimento tiveram seus profetas, alternativamente incensados e menosprezados. Assim como Moisés conduziu os Hebreus, nós vos conduziremos para a terra prometida da inteligência.

Semelhança chocante! os mesmos fenômenos se reproduzem, não mais no sentido material destinado a impressionar homens crianças, mas em sua acepção espiritual. As crianças se tornaram adultos; o objetivo crescendo, os exemplos não se dirigem mais aos olhos; a vara de Ãarão está quebrada, e a única transformação que operamos é a de vossos corações tomados atentos ao grito de amor que, do céu, repercute na Terra.

Espíritas! compreendei a seriedade de vossa missão; tremei de alegria, porque a hora não está longe em que o divino enviado alegrará o mundo. Espíritas laboriosos, sede benditos em vossos esforços, e sede perdoados em vossos erros. A ignorância e a perturbação vos esconde ainda uma parte da verdade que só o celeste Mensageiro pode revelar inteiramente. (São Luís; Paris, 1862.)

7.- A vinda do Cristo restabeleceu vossa Terra aos sentimentos que, por um instante, a submeteram à vontade de Deus; mas os homens, cegados por suas paixões, não puderam guardar em seu coração o amor ao próximo, o amor ao Senhor do céu. O enviado do Todo-Poderoso abriu à Humanidade o caminho que conduz à morada bem-aventurada; mas a Humanidade recuou do passo imenso que o Cristo a tinha feito dar; ela caiu no trilho do egoísmo, e o orgulho fê-la esquecer seu Criador.

Deus permite que, uma vez ainda, sua palavra seja pregada na Terra e tereis a glorificá-lo daquilo que consentiu vos chamar, os primeiros, a crerem o que mais tarde seria ensinado. Regozijai-vos, porque os tempos estão próximos em que essa palavra se fará ouvir. Melhorai-vos, aproveitando os ensinamentos que ele nos permite vos dar.

Que a árvore da fé, que toma neste momento raízes tão vivazes, traga seus frutos; que esses frutos amadureçam como amadurecerá a fé que anima hoje alguns dentre vós!

Sim, meus filhos, o povo caminhará mais depressa na nova mensagem anunciada pelo próprio Cristo, e todos virão escutar essa divina palavra, porque nela reconhecerão a linguagem da verdade e o caminho da salvação. Deus que nos permitiu esclarecer, sustentar vossa caminhada até esse dia, nos permitirá ainda vos dar as instruções que vos são necessárias.

Mas vós também que, os primeiros, fostes favorecidos pela crença, tendes vossa missão a cumprir; tendes que trazer aqueles, dentre vós, que duvidam ainda dessas manifestações que Deus permite; tereis que fazer luzir, aos seus olhos, os benefícios que tanto vos tem consolado; porque, em vossos dias de tristeza e de abatimento, vossa crença não vos sustentou; não fez nascer em vosso coração essa esperança que, sem ela, teríeis ficado no desencorajamento?

Será aí que será preciso partilhar com aqueles que não crêem ainda, não por uma precipitação intempestiva, mas com prudência e sem chocar de frente os preconceitos há muito tempo enraizados. Não se arranca uma velha árvore com um só golpe; como um talo de erva, mas pouco a pouco.

Semeai, desde o presente, o que mais tarde quereis colher; semeai o grão que virá frutificar no terreno que preparaste e do qual vós mesmo recolhereis os frutos, porque Deus vos terá em conta do que tiverdes feito por vossos irmãos.

(LAMENNAIS; lê Havre, 1862.)

FUTURO DO ESPIRITISMO

8.- Depois de suas primeiras etapas, o Espiritismo, acostumando-se aos perigos, livrando-se cada vez mais das obscuridades que lhes serviram de cueiros, fará logo seu aparecimento no grande palco do mundo.

Os acontecimentos caminham com uma rapidez tal, que não se pode menosprezar a poderosa intervenção dos Espíritos que presidem aos destinos da Terra. Há como um estremecimento nos flancos de vosso globo em trabalho de parto; novas raças saídas das altas esferas vêm turbilhonar ao vosso redor, esperando a hora de sua encarnação messiânica, e ali se prepara pelo estudo de vastas questões que comovem hoje a Terra.

Vêem-se, de todos os lados, sinais de decrepitude nos usos e nas legislações que não estão mais em relação com as idéias modernas. As velhas crenças, adormecidas há séculos, parecem despertar de seu torpor secular, e se admiram de se ver em luta com as novas crenças emanadas dos filósofos e dos pensadores deste século e do século passado. O sistema degenerado de um mundo que não era senão um simulacro se desmorona diante da aurora do mundo real, do mundo novo. A lei de solidariedade da família passou aos habitantes dos Estados para conquistar em seguida a Terra inteira; mas essa lei tão sábia, tão progressista, essa lei divina, em um palavra, não se limita a esse resultado único; enfiltrando-se nos corações de grandes homens, ensinou-lhes que, não só era necessária ao grande melhoramento de vossa morada, mas que se estendia a todos os mundos de vosso sistema solar, para se estender dali a todos os mundos da imensidade!

Ela é bela, essa lei da solidariedade universal, porque nessa lei se encontra esta sublime máxima: Todos por um e cada um por todos.

Eis, meus filhos, a verdadeira lei do Espiritismo, a verdadeira conquista de um futuro próximo. Caminhai, pois, em vosso caminho imperturbavelmente, sem vos preocupar com as zombarias de uns e amor-próprio ferido de outros. Estamos e ficaremos convosco, sob a égide do Espírito de Verdade, meu senhor e o vosso. (ERASTO; Paris, 1863.)

9.- O Espiritismo estende, cada dia, o círculo de seu ensino moralizador. Sua grande voz ressoou de um extremo da Terra ao outro. A sociedade com ele se emocionou, e de seu seio partiram os adeptos e os adversários.

Adeptos fervorosos, adversários hábeis, mas cuja própria habilidade e reputação serviram à causa que queriam combater, chamando sobre a nova doutrina o olhar das massas, e dando-lhes o desejo de conhecer os ensinos regeneradores que seus adeptos preconizam, e que os fazem zombar e cair no ridículo.

Contemplai o trabalho realizado e alegrai-vos do resultado! Mas que efervescência indizível se produzirá nos povos, quando os nomes de seus escritores mais queridos virão se juntar aos nomes mais obscuros, ou menos conhecidos, daqueles que seguem de perto em torno da bandeira da verdade!

Vede o que produziram os trabalhos de alguns grupos isolados, para a maioria entravados pela intriga e a má vontade, e julgai da revolução que se operará quando todos os membros da grande família Espírita se estenderem as mãos, e declararão, cabeça alta e o coração confiante, a sinceridade de sua fé e de sua crença na realidade do ensino dos Espíritos.

As massas amam o progresso, procuram-no, mas o temem. O desconhecido inspira um secreto terror às crianças ignorantes de uma sociedade embalada em preconceitos, que tenta seus primeiros passos no caminho da realidade e do progresso moral. As grandes palavras de liberdade, de progresso, de amor, de caridade, tocam o povo sem comovê-lo; freqüentemente, prefere seu estado presente e medíocre a um futuro melhor, mas desconhecido.

A razão desse terror do futuro está na ignorância do sentimento moral num grande número, e do sentimento inteligente nos outros. Mas não é verdade, como disseram vários filósofos célebres, que uma concepção falsa da origem das coisas fez errar, como eu mesmo disse, - por que envergonhar-me de dize-lo; não pude me enganar? - não é verdadeiro, digo eu, que a Humanidade seja má por essência; não, aperfeiçoando sua inteligência, ela não dará um vôo mais longo às suas qualidade más. Afastai de vós esses pensamentos desesperadores que repousam sobre um falso conhecimento do espírito humano.

A Humanidade não é má por natureza; mas é ignorante, e, por isto mesmo, mais apta a se deixar governar por suas paixões. Ela é progressiva e deve progredir para alcançar seus destinos; esclarecei-a; mostrai-lhe seus inimigos escondidos na sombra; desenvolvei sua essência moral, que é inata nela, e somente adormecida sob a influência

dos maus instintos, e reanimareis a centelha da eterna verdade, da eterna presciência do infinito, do belo e do bom que reside para sempre no coração do homem, mesmo o mais perverso.

Filhos de uma doutrina nova, reuni vossas forças; que o sopro divino e o socorro dos bons Espíritos vos sustentem, e fareis grandes coisas. Tereis a glória de ter colocado as bases dos princípios imperecíveis, dos quais vossos descendentes recolherão os frutos. (MONTAIGNE; Paris, 1865.)

AS ESTRELAS CAIRÃO DO CÉU.

10.- Oh! quanto a luz do Senhor é bela! que brilho prodigioso seus raios derramam! Santo Sião! bem-aventurados aqueles que estão sentados à sombra de teus tabernáculos! Oh! que harmonia é comparável às esferas do Senhor! Beleza incompreensível para olhos mortais, incapazes de perceberem tudo que não pertence ao domínio dos sentidos!

A aurora esplêndida de um dia novo, o Espiritismo vem esclarecer os homens. Já seus clarões mais fortes aparecem no horizonte; já os Espíritos das trevas, vendo que seu império vai desmoronar estão presos de raivas inúteis, e lançam seu último vigor nas conspirações infernais. Já o anjo radioso do progresso estende suas brancas asas matizadas; já as virtudes dos céus se abalam, e as estrelas caem de sua abóbada, mas transformadas em puros Espíritos, que vêm, como anunciam as Escrituras em linguagem figurada, proclamar sobre as ruínas do velho mundo o advento do Filho do homem.

Bem-aventurados aqueles cujo coração está preparado para receber a semente divina que os Espíritos do Senhor lançam a todos os ventos do céu! Bem-aventurados aqueles que cultivam, no santuário de sua alma, as virtudes que o Cristo veio lhes ensinar, e que lhes ensina ainda pela voz dos médiuns, quer dizer, dos instrumentos que repetem as palavras dos Espíritos! Bem-aventurados os justos, porque o reino dos céus lhes pertencerá!

Ó meus amigos! continuai a caminhar no caminho que vos está traçado; não sede obstáculo à verdade que quer clarear o mundo; não, sede propagadores zelosos e infatigáveis como os primeiros apóstolos, que não tinham teto para abrigar suas cabeças, mas que caminhavam à conquista que Jesus havia começado; que caminhavam sem pensamento dissimulado, sem hesitação; que sacrificavam tudo, até a última gota do seu sangue, para que o cristianismo fosse estabelecido.

Vós, meus amigos, não tendes necessidade de sacrifícios tão grandes; não, Deus não vos pede vossa vida, mas vosso coração, vossa boa vontade. Sede, pois, zelosos, e caminhai unidos e confiantes repetindo a palavra divina: "Meu Pai, que vossa vontade seja feita e não a minha!" (DUPUCH, bispo de Argel; Bordeaux, 1863.)

OS MORTOS SAIRÃO DE SEUS TÚMULOS

11.- Povos, escutai!... Uma grande voz se faz ouvir de um canto ao outro dos mundos; é a do precursor anunciando a vinda do Espírito de Verdade que vem endireitar os caminhos tortuosos onde o Espírito humano se desvia em falsos sofismas. É a trombeta do anjo vindo despertar os mortos para que saiam de seus túmulos.

Freqüentemente, tendes lido a revelação de João, e vos perguntastes: Mas o que quer dizer? Como, pois, se cumprirão essas coisas surpreendentes? E vossa razão confundida, se enfia numa tenebrosa complicação de onde não pode sair, porque queríeis tomar ao pé da letra o que estava dado num estilo figurado.

Agora que o tempo chegou, em que uma parte dessas predições vai se cumprir, aprendeis, pouco a pouco, a ler nesse livro onde o discípulo bem-amado consignou as coisas que lhe havia sido dado ver. No entanto, as más traduções e as falsas interpretações vos embaraçarão ainda um pouco, mas, com trabalho perseverante, chegareis a compreender o que, até o presente, havia sido para vós letra fechada.

Compreendei somente que, se Deus permite que os selos sejam levantados mais cedo para alguns, não é porque esse conhecimento permanece estéril em suas mãos, mas porque, pioneiros infatigáveis, eles desmoitam as terras incultas; é a fim de que fecundem, com o doce orvalho da caridade, os corações ressecados pelo orgulho e impedidos, pelos embaraços humanos, onde a boa semente da palavra de vida não pôde ainda germinar.

Ai! quantos olham a vida humana como devendo ser uma festa perpétua onde as distrações e os prazeres se sucedem sem interrupção! Eles inventam mil nadas para encantar seus lazeres; cultivam seu espírito, porque é uma das facetas brilhantes servindo para fazer ressaltar sua personalidade: são semelhantes a essas bolhas efêmeras refletindo as cores do prisma e balançando no espaço: elas atraem por um tempo os olhares, depois vós as buscareis... desapareceram sem deixar traços. Do mesmo modo essas almas mundanas brilharam com um brilho emprestado, durante sua curta passagem terrestre, e nelas nada ficou de útil, nem para os seus semelhantes, nem para si mesmas.

Vós que conheceis o preço do tempo, vós a quem as leis da eterna sabedoria são pouco a pouco reveladas, sede nas mãos do Todo-Poderoso instrumentos dóceis servindo para levar a luz e a fecundidade a essas almas das quais foi dito: "Elas têm olhos e não vêem, ouvidos que não ouvem," porque estando desviadas do facho da verdade, e tendo escutado a voz das paixões, sua luz não é senão trevas no meio das quais o Espírito não pode reconhecer a rota que o faz gravitar para Deus.

O Espiritismo é esta voz poderosa que já ressoa até as extremidades da Terra; todos a ouvirão. Felizes aqueles que, não tapando voluntariamente os ouvidos, sairão de seu egoísmo, como o fariam os mortos de seus sepulcros, e cumprirão doravante os atos da verdadeira vida, a do Espírito se libertando dos entraves da matéria, como fez Lázaro com sua mortalha à voz do Salvador.

O Espiritismo marca a hora solene do despertar das inteligências, tendo usado seu livre-arbítrio para retardar nas veredas lamacentas, cujos miasmas deletérios infectaram a alma com veneno lento que lhe dá as aparências da morte. O Pai celeste tem piedade desses filhos pródigos, caídos tão baixo que nem pensam mesmo na morada paterna, e é para eles que permite essas manifestações brilhantes destinadas a convencer que, mais além desse mundo de formas perecíveis, a alma conserva a lembrança, o poder e a imortalidade.

Possam esses pobres escravos da matéria sacudir o torpor que lhes impediu de ver e compreender até hoje; possam estudar com sinceridade, a fim de que a luz divina, penetrando-lhes a alma, dela expulse a dúvida e a incredulidade.

(JOÃO O EVANGELISTA; Paris, 1866.)

O JULGAMENTO FINAL

12.- Jesus virá sobre as nuvens para julgar os vivos e os mortos. Sim, Deus o enviará, como o envia todos os dias, para dar essa justiça soberana nas planícies imensas do éter. Ah! quando São Tiago foi precipitado do alto da torre do templo de Jerusalém, pelos pontífices e pelos fariseus, por ter anunciado ao povo reunido essa verdade ensinada pelo Cristo e seus apóstolos, lembrai-vos que, a essa palavra do justo, a multidão se prosterna exclamando: Glória a Jesus, filho de Deus, no mais alto dos Céus!

Ele virá sobre as nuvens em terrível reunião plenária: não é para vos dizer, ó Espíritas, que ele venha perpetuamente receber as almas daqueles que entram na erraticidade? Passai à minha direita, diz às suas ovelhas o pastor, vós que bem agistes segundo as vistas de meu Pai, passai à minha direita e subi até ele; quanto a vós que vos deixastes dominar pelas paixões da Terra, passai à minha esquerda, estais condenados.

Sim, estais condenados a recomeçar o caminho percorrido, numa nova existência terrestre, até que estejais saciados de matérias e de iniqüidades, e que, enfim, tenhais expulsado o impuro que vos domina. Sim, estais condenados; ide e retornai, pois, ao inferno da vida humana, enquanto que vossos irmãos da mão direita vão se lançar para as esferas superiores, de onde as paixões da Terra estão excluídas, até o dia em que entrarão no reino de meu Pai para uma maior purificação.

Sim, Jesus virá julgar os vivos e os mortos; os vivos: os justos, os de sua direita; os mortos: os impuros, os de sua esquerda; e quando as asas empurrarem os justos, a matéria se apoderará ainda dos impuros; e isto, até que estes saiam vencedores dos combates contra a impureza, e se despojem, enfim, para sempre, de suas crisálidas humanas.

Ó Espíritas! vedes que vossa doutrina é a única que consola, a única que dá a esperança, e não condenando a uma condenação eterna os infelizes que se comportaram mal durante alguns minutos da eternidade; a única, enfim, que prediz o fim verdadeiro da Terra pela elevação gradual dos Espíritos.

Progredi, pois, despojando o velho homem, para entrar na região dos Espíritos amados por Deus. (ERASTO; Paris, 1861.)

13.-A sociedade em geral, ou, melhor dizendo, a reunião de seres, tanto encarnados quanto desencarnados, que compõem a população flutuante de um mundo, em uma palavra, uma Humanidade, não é outra senão uma grande criança coletiva que, como todo ser dotado de vida, passa por todas as fases que se sucedem em cada um, desde do nascimento até a idade mais avançada; e, do mesmo modo que o desenvolvimento do indivíduo é acompanhado de certas perturbações físicas e intelectuais que incumbem, mais particularmente, em certos períodos da vida, a Humanidade tem suas doenças de crescimento, seus transtornos morais e intelectuais. É a uma dessas grandes épocas, que terminam um período e que começam um outro, a que vos é dado assistir. Participando, ao mesmo tempo, das coisas do passado e as do futuro, aos sistemas que se desmoronam e às verdades que se fundem, tende cuidado, meus amigos, de vos colocar ao lado da solidez, do progresso e da lógica, se não quereis ser arrastados à deriva; e abandonar os palácios suntuosos quanto à aparência, mas vacilantes pela base, e que enterrarão logo sob suas ruínas os infelizes bastante insensatos para não querer deles sair, apesar das advertências de toda natureza que lhes são prodigalizadas.

Todas as frontes se entristecem e *a* calma aparente, que julgais gozar, não serve senão para acumular um maior número de elementos destruidores.

Algumas vezes, a tempestade que destrói o fruto dos suores de um ano é precedida de precursores que permitem tomar as precauções necessárias para evitar, tanto quanto possível, a devastação. Desta vez, isso não será assim. O céu ensombrecido parecerá clarear; as nuvens fugirão; depois, de repente, todos os furores por muito tempo comprimidos desencader-se-ão com uma violência estranha.

Infelizes daqueles que não tiverem preparado um abrigo! infelizes dos fanfarrões que irão ao perigo com o braço desarmado e o peito descoberto! infelizes daqueles que afrontarão o perigo com a taça à mão! Que decepção terrível os espera! A taça presa em sua mão não chegará aos seus lábios, que serão feridos!

À obra, pois, Espíritas, e não vos esqueçais que devereis ser todo prudência e todo previdência. Tendes um escudo, sabei dele vos servir; uma âncora de salvação, não a negligencieis. (CLÉLIE DUPLANTIER, Paris, 1867.)

APRECIAÇÃO DA OBRA SOBRE A GÊNESE
(Paris, 18 de dezembro de 1867; Médium, Sr. Desliens.)

Esta obra vem a propósito, neste sentido de que a Doutrina hoje está bem colocada sob o aspecto moral e religioso. Qualquer que seja a direção que ela tome doravante, ela tem precedentes muito enraizados no coração de seus adeptos, para que ninguém possa temer que ela se desvie de seu caminho.

O que importava antes de tudo satisfazer, eram as aspirações da alma; era suprir o vazio deixado pela dúvida nas almas vacilantes em sua fé. Esta primeira missão está hoje cumprida. O Espiritismo entra atualmente numa nova fase; ao atributo de *consolador,* acrescenta o de instrutor e de diretor do espírito, em ciência e em filosofia, como em moralidade. A caridade, sua base inabalável, dele fez o laço das almas ternas; a ciência, a solidariedade, a progressão, o Espírito liberal dele farão o traço de união das almas fortes. Ele conquistou os corações ternos com as armas da doçura; viril hoje, é às inteligências viris que se dirige. Materialistas, positivistas, todos aqueles que, por um motivo qualquer, se afastaram de uma espiritualidade da qual sua inteligência lhes mostrava as imperfeições, vão nele encontrar novos alimentos para sua insaciabilidade. A ciência é sua senhora, mas uma descoberta lhe chama uma outra, e o homem avança sem cessar com ela, sem encontrar completa satisfação. É que o espírito tem suas necessidades, ele também; é que a alma, a mais ateia, tem aspirações secretas, inconfessadas, e que essas aspirações reclamam seu alimento.

A religião, antagonista da ciência, respondia, pelo mistério, a todas as perguntas da filosofia cética. Ela violava as leis da Natureza e as torturava à sua fantasia, para dela extrair uma explicação coxa de seus ensinos. Vós, ao contrário, vos sacrificais à ciência; aceitais todos os seus ensinos sem exceção, e lhe abris os horizontes que ela supunha intransponíveis. Tal será o efeito da nova obra; não poderá senão assegurar antes os fundamentos da crença espírita nos corações que já a possuíam, e dará um passo à frente para a unidade a todos os dissidentes, com exceção, no entanto, daqueles que o são por interesse ou por amor-próprio; estes a vêem com despeito sobre bases cada vez mais inabaláveis, que apisoam atrás e as recusam na sombra. Não havia senão um ponto de terreno comum onde pudesse se reencontrar; hoje, o materialismo vos acotovela por toda parte, porque estando sobre seu terreno, não estareis menos no vosso, e ele não poderá fazer de outro modo senão aprender a conhecer os hóspedes que a filosofia espírita lhe conduz. É um instrumento de duplo efeito: é uma destruição progressiva, uma mina que ainda derruba algumas das ruínas do passado, e uma colher de pedreiro que edifica para o futuro.

A questão de origem que se prende à Gênese é uma questão efervescente para todos; um livro escrito sobre esta matéria deve, em conseqüência, interessar a todos os espíritas sérios. Por este livro, como eu disse, o Espiritismo entra numa nova fase, e esta preparará os caminhos da fase que se abrirá mais tarde, porque cada coisa deve vir a seu tempo. Antecipar o momento propício é tão nocivo quanto deixá-lo escapar.

SÃOLUIS.

BIBLIOGRAFIA.

RESUMO DA DOUTRINA ESPÍRITA, por Florent Loth, de Amiens (1).

(1) Brochura pequena, in-8° de 150 páginas, preço 1 fr. 25 c. - Pelo correio, 1 fr. 50 c. - Amiens, nas principais livrarias. Pode-se também procurá-la no escritório da *Revista Espírita.*

Este livro, que não pudemos anunciar em nosso último número, é um resumo dos princípios mais essenciais da Doutrina Espírita; ele se compõe, na maior parte, de

citações textuais tomadas às obras fundamentais, e de exemplos tirados do *CieletEnfer,* próprios a dar, sobre as conseqüências da maneira pela qual se emprega a vida, uma idéia mais justa, mais racional, mais impressionante, e sobretudo mais conforme à justiça de Deus, do que a doutrina das chamas eternas. O autor não faz, de seu livro, nem uma questão de amor-próprio nem uma questão de interesse; Espírita fervoroso e devotado, o publicou tendo em vista sobretudo propagar a Doutrina nos campos de seu departamento; a modéstia de seus objetivos não impede que este pequeno livro não possa ser muito útil em outras partes.

Eis a apreciação que *o Journal d'Amiens,* de 29 de dezembro de 1867, deu deste opúsculo. Nós a fazemos seguir da carta dirigida, a respeito dessa apreciação, pelo Sr. Loth, ao autor do artigo, e que o mesmo jornal publicou em seu número de 17 de janeiro.

RESUMO DA DOUTRINA ESPÍRITA.

Eis um pequeno livro bastante curioso, escrito por um camponês de Saint-Sauflieu. É verdade que oautor habitou Paris por muito tempo e que foi nessa cidade que ele pôde se colocar em relação com os apóstolos do Espiritismo.

Como temos interesse em todas as publicações de nosso país, quisemos dar conhecimento desta obra. Foi-nos dito que a obra do Sr. Florent Loth tinha sido posta no index das comunas vizinhas de sua aldeia; essa novidade picou nossa curiosidade, e nos decidimos a ler o *Resumo da Doutrina Espírita.* Gosta-se tanto do fruto proibido.

Quanto a nós, que não temos nenhum interesse em censurar ou aprovara obra do autor, diremos francamente, para nos colocarmos à vontade, que não cremos no Espiritismo, que não ligamos nenhuma fé às mesas girantes ou falantes, porque nossa razão repugna admitir que objetos materiais possam estar dotados da menor inteligência. Não cremos mais no dom da segunda vista, ou, dizendo melhor, na faculdade de ver através de separações espessas, ou de distinguir a grandes distâncias o que se passa ao longe, quer dizer, a várias centenas de léguas. Enfim, para continuar nossas declarações preliminares, declaramos que não juntamos nenhuma fé aos Espíritos dos fantasmas, e que o homem, mais ou menos inspirado, não tenha o poder de evocar, e sobretudo de fazer falar, as almas dos mortos.

Isto dito, para separar o terreno de tudo que não entra em nossos objetivos, reconhecemos que o livro do Sr. Florent Loth não é um mau livro. A moral nele é pura, o amor ao próximo ali está recomendado, a tolerância para com as crenças ali está defendida: isto explica a venda dessa obra. Mas dizer que os adeptos convictos da doutrina espírita, *com todas as suas partes admitidas,* se formarão em conseqüência da leitura da obra de nosso compatriota, isto seria avançar um fato que não se realizará. No que nos parece razoável e, decidamos a palavra, ter o senso comum, segundo a melhor acepção destes termos, nela há excelentes coisas. Assim, certos abusos são repelidos com razões claras, limpas e precisas, e se o autor procura convencer, é sempre pela doçura e pela persuasão.

Portanto, deixando de lado tudo o que se prende às *práticas materiais* do Espiritismo, prática às quais não cremos de nenhum modo, poder-se-á retirar da leitura do livro em questão muito boas noções de moral, de tolerância e de amor ao próximo. Sob estes pontos de vista, aprovamos inteiramente o Sr. Florent Loth, e não compreendemos a proibição lançada contra seu opúsculo.

O *Resumo da Doutrina Espírita* será proibido um dia pela congregação do *Index,* cuja sede está em Roma? É uma questão ainda não resolvida, porque esse pequeno livro não está destinado a ultrapassar as nossas fronteiras picardas. Se, no entanto, esse fato

ocorrer, o Sr. Florent Loth, por sua obra, recolheria uma notoriedade com a qual jamais sonhou.

Quanto às *experiências físicas* do Espiritismo, cremos dever deixar falar aqui o Sr. Georges Sauton, um de nossos confrades, o qual, no *Liberte,* de quarta-feira, 11 de setembro de 1867, assim se exprimiu sobre uma sessão espírita que ocorrera na casa de um doutorem medicina em Paris:

"O doutor F... amontoou uma certa fortuna. Ele a gasta dando saraus de Espiritismo que lhe custam muito caro em velas e em médiuns.

"Ontem à noite, convidou a imprensa à sua reunião mensal. Os espíritos deveriam ser interrogados sobre a conta do zuavo Jacob, e dizer seu modo de pensar com respeito a esse interessante militar. O Sr. Babinet, do Instituto, - perdoai o pouco! -tinha prometido honrar a reunião com sua presença; pelo menos o anfitrião, nas cartas de convite, tinha deixado entender.

"Albert Brun, Victor Noir e eu, fomos à casa do doutor. Nada do Sr. Babinet senão sobre a mão, como se diz.

"Dez pessoas ao redor de uma mesa faziam esse móvel girar, que gira mal; trinta outras, entre as quais muitos ornamentados, os olhavam.

"Os Espíritos, sem dúvida, mal dispostos, cederam com dificuldade para falar. Apenas dignaram-se imitar o grito da serra, dos martelos do toneleiro e do ferreiro batendo sobre os toneis ou sobre a bigorna. Foi pedido para canta r *Ia Femme à barbee J'aidubom tabac,* que não cantaram. São intimados a fazer saltar no ar uma pera, e a pera não salta."

Não acrescentaremos nada a este pequeno e espirituoso relato.

Terminamos por um extrato do prefácio do autor, no qual a *parte moral de* suas idéias esta exposta:

"O Espiritismo não tem a pretensão de impor sua crença; é unicamente pela persuasão que ele espera chegarão seu objetivo, que é o bem da Humanidade. Liberdade de consciência: assim, eu creio firmemente na existência da alma e na sua imortalidade; creio nas penas e nas recompensas futuras; creio na manifestação dos Espíritos, quer dizer, nas almas daqueles que viveram sobre esta Terra ou em outros mundos; creio nisto em virtude do direito que meu vizinho tem de não o crer; mas me é tão fácil provar-lhe minha afirmação, quanto lhe é impossível provar-me a sua negação, porque a negação dos incrédulos não tem uma prova. O fato, dizem eles, contraria as leis conhecidas. Pois bem! é que repousa sobre uma lei desconhecida: não se podem conhecer todas as leis da Natureza, porque Deus é grande e tudo pode!...

"Pessoas malévolas fizeram correr o boato de que o Espiritismo era um obstáculo aos progressos da religião; essas pessoas, mais ignorantes do que verdadeiramente piedosas, não conhecendo de nenhum modo a Doutrina, não podem nem apreciá-la nem julgá-la.

"Dizemos, nós, e além disto provamos que o ensino dos Espíritos é muito cristão, que se apoia sobre a imortalidade da alma, as penas e as recompensas futuras, a justiça de Deus e a moral do Cristo."

A citação desta profissão de fé, pelo autor, será suficiente para fazer conhecer sua maneira de ver. Cabe ao leitor apreciar a obra da qual falamos.

Fazendo este relatório, quisemos somente constatar um fato, é que em nossa província de Picardie, o Espiritismo tinha encontrado um defensorfervoroso e convicto.

Não admitimos todas as idéias do autor. Esperamos que, em virtude de sua doçura, não se irrite com a nossa franqueza. Enquanto a paz pública não for perturbada por doutrinas ímpias, enquanto a ordem social não for abalada por máximas subversivas, nossa tolerância fraterna nos fará dizer o que dizemos aqui do livro do Sr. Florent Loth:

Paz às consciências! Respeito às crenças do próximo!

SR. A. GABRIEL REMBAULT.

"SENHOR DIRETOR,

"Eu vos serei grato em consentir inserir, em vosso jornal, a minha resposta à crítica do Sr. Gabriel Rembault, sobre o meu *Resumo da Doutrina Espírita,* artigo que apareceu em 29 de dezembro último.

"Não quero levantar polêmica entre o Sr. Gabriel Rembault e mim; não estou à altura de seu talento de escritor, talento incontestável e que todos lhe reconhecem; mas que me permita demostrar-lhe as razões que me fizeram escrever meu livro.

"Devo reconhecer, antes de tudo, que a crítica do Sr. Gabriel Rembault é cortês e polida; ela emana de um homem convicto, mas não irritado. Ai! não posso dize-lo tanto de outros críticos que lançam o anátema aos Espíritas por insultos e palavras grosseiras! Não compreendo nada desse desdobramento de ódio e de injúrias dessas palavras malsonantes de loucos e de patifes que nos lançam à face e que não inspiram às pessoas honestas senão um profundo desgosto. Esses homens intolerantes sabem, no entanto, bem que, segundo os princípios de nossa sociedade moderna, todas as consciências são livres e têm direito a um respeito inviolável.

"Perdoai-me esta digressão, senhor Diretor, como perdôo esses insultadores; eu os perdôo de todo o meu coração e peço a Deus que se digne esclarecê-los sobre a caridade. Eles deveriam praticar melhor esta virtude evangélica para com seu próximo.

"Retorno ao meu assunto:

"Foi pelo estudo, pela meditação e sobretudo pela prática, que adquiri a prova de certos fatos físicos considerados até aqui como sobrenaturais; é pelo fluido universal que se podem explicar os fenômenos do magnetismo. Esses fenômenos, hoje, não podem mais ser contestados seriamente; é graças ao mesmo fluido que o Espírito atravessa o espaço, que possui a dupla vista, que está dotado da penetração etérea, à qual não poderia se opor a opacidade dos corpos. Esses fenômenos não são outros senão a libertação momentânea do Espírito. A incredulidade, é verdade, não quer admitir esses fenômenos, mas constatações autênticas e numerosas não podem mais colocá-los em dúvida.

"Assim, todas as maravilhas das quais se acusam o magnetismo e o Espiritismo não são simplesmente senão efeitos cuja causa reside nas leis da Natureza.

"E, um vez que o Sr. Gabriel Rembault citou um artigo do jornal a *Liberte,* permitir-me-ei, a meu turno, citar um extrato de um livro muito novo (La *Raison du* Spirítísme J.fruto de longos estudos de um honrado magistrado; ele disse à página 216:

"Deus jamais derrogou as leis que instituiu para levar sua obra a bons fins? Aquele que tudo previu não proveu a tudo? Como admitiríeis pretender que a mediunidade, a comunicação dos Espíritos não esteja conforme às leis da natureza do homem? E se a revelação é a conseqüência necessária da mediunidade, porque diríeis que ela é uma derrogação da lei de Deus, então que ela entrasse ostensivamente nos objetivos da Providência e da economia humana?"

"Detenho-me depois desta citação; é um argumento no sentido oposto às idéias do Sr. Gabriel Rembault, e que submeto à apreciação de vossos leitores.

"Em resumo, estou de acordo com ele quando disse: "Paz às consciências! respeito às crenças do próximo!

"Recebei, senhor Diretor, minhas civilizadas amabilidades."

"FLORENT LOTH.

"Saint-Sauflieu, 16 de janeiro de 1868."

Ressalta do relatório acima que o autor do artigo não conhece a primeira palavra da Doutrina; julgou-a, como tantos outros, sobre o ouvir-dizer, sem se dar o trabalho de irão

fundo da questão, e de levantar o manto do ridículo com o qual uma crítica malevolente, ou mais ou menos interessada, pôde vesti-la. Fez como o macaco da fábula que rejeitou a noz, porque não tinha mordido senão a casca verde. Se dela tivesse conhecido os primeiros elementos, não teria suposto os Espíritas bastante simples para crerem na inteligência de uma mesa, não mais do que ele mesmo não crê na inteligência de uma pena que, entre suas mãos, transmite os pensamentos de seu próprio espírito; não mais que ele os Espíritas não admitem que objetos materiais possam estar dotados da menor inteligência; mas, como ele, sem dúvida, admitem que esses mesmos objetos podem ser instrumentos ao serviço de uma inteligência. O livro do Sr. Loth não o convenceu, mas lhe mostrou o lado sério e as tendências morais da Doutrina, e isto basta para fazê-lo compreender que a coisa tinha de bom e merecia ao menos o respeito devido às crenças do próximo. Ele deu prova de uma louvável imparcialidade inserindo imediatamente a retificação que lhe foi dirigida pelo autor.

O que o tocou, não foram os fatos de manifestações, dos quais, de resto, são pouca questão nesse livro, foram as tendências liberais *e* ante retrógradas, o espírito de tolerância e de conciliação da Doutrina; tal é, com efeito, a impressão que ela produzirá sobre todos aqueles que se derem ao trabalho de estudá-la. Sem aceitar sua parte experimental que, para os Espíritas, é a prova material da verdade de seus princípios, nela verão um auxiliar poderoso para a reforma dos abusos contra os quais se levantam cada dia. Em lugar de fanáticos de um novo gênero, verão, em todos os Espíritas, cujo número aumenta sem cessar, um exército que combate pelo mesmo objetivo, com outras armas, é verdade; mas que lhes importam os meios, se o resultado é o mesmo?

Sua ignorância das tendências do Espiritismo é tal que não sabem mesmo que é uma doutrina liberal, emancipadora da inteligência, inimiga da fé cega, que vem proclamar a liberdade de consciência e o livre exame como base essencial de toda crença séria. Não sabem mesmo que o primeiro escreveu sobre sua bandeira esta imortal máxima: Fora *da caridade não há salvação,* princípio de união e de fraternidade universais, o único que pode pôr um termo aos antagonismos dos povos e das crenças; quando o crêem puerilmente absolvido por uma mesa que gira, não desconfiam de que a criança deixou o brinquedo pela armadura, que cresceu e que abarca agora todas as questões que interessam o progresso da Humanidade. Não falta, aos seus adversários, *desinteressados e de boa fé* senão conhecê-lo para julgá-lo de outro modo que não o fazem. Se refletissem na rapidez de sua propagação, que ninguém pôde entravar, eles se diriam que isso não pode ser o efeito de uma idéia completamente aprofundada e que, não encerrasse senão uma única verdade, se essa verdade é capaz de abalar tantas consciências, ela merece ser tomada em consideração; se causa tanto temor num certo mundo, é que não se a considera ali como uma vã fumaça.

O artigo reportado acima constata, por outro lado, um fato importante, que é a proibição lançada contra esse pequeno livro, pelo clero dos campos, serviu para propagá-lo, o que não poderia deixar de acontecer, possuindo tanto atrativo do fruto proibido. O autor do artigo pensou, com razão, que se fora condenado pela congregação do index que tem sede em Roma, ele adquiriria uma notoriedade à qual o Sr. Loth não deveu pretender. Ele ignora que as obras fundamentais da Doutrina tiveram este privilégio, e que foram os raios lançados contra a Doutrina, em nome desse Index, que esses livros deveram ser procurados nos meios onde eram desconhecidos. Faz-se esta reflexão muito natural de que, quanto mais forte troveja, mais a coisa deve ser importante; foram lidos primeiro por curiosidade, depois, como nele se encontraram coisas boas, foram aceitos. Esta é a história.

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

Por Allan Kardec

Muitas pessoas consideraram o artigo publicado, sob este título, em setembro de 1867, e que, completado, forma o primeiro capítulo de a *Gênese,* como próprio para dar a conhecer o verdadeiro caráter da Doutrina Espírita, e, ao mesmo tempo como uma refutação de certas críticas. Em conseqüência, pensaram que seria útil à propagação da idéia difundir esse artigo. Para obtemperar ao seu desejo, mandamos fazer uma tiragem à parte do primeiro capítulo de a *Gênese,* em uma brochura que será entregue nas mesmas condições que a *Simples* Expressão, quer dizer, a 15c.; pelo correio, 20 c. 10 exemplares juntos, 2 fr., seja 10 c. por exemplar; pelo correio, 2 fr. 60 c.

A tiragem desta brochura, tendo sido retardada, acha-se atualmente terminada.

SEGUNDA EDIÇÃO DE A GÊNESE

Estando quase esgotada a primeira edição de a *Gênese,* procede-se neste momento a tiragem da segunda edição, na qual não foi feita nenhuma mudança.

Nota. - A tarifa indicada no número de janeiro, página 31, para as despesas de correio desta obra ao Estrangeiro, as da Suíça que foi dada por erro a 1 franco, segundo uma tarifa antiga. Hoje não são mais do que 60 centavos.

OS PENSAMENTOS DO ZUAVO JACOB

1 volume in-12, de 220 páginas. Preço: 2 fr. 50 c.; pelo correio, 2 fr. 75 c. Casa do editor, 70, rua Bonaparte, em Paris.

Estando este número em impressão, quando o livro do Sr. Jacob nos chegou, remetemos seu resumo para o próximo número.

PSICHE

Giorna/e *di studii pslcologici*

Publicado sob a direção do senhor PIETRO CASSELLA

Esse jornal aparecerá no 1° e no 15 de cada mês, a partir de 1° de março próximo, em Nápoles, 49, Cagliardi alie Pigne, 2°. P.....Preço: 6 fr. por

um ano, 3 fr. por seis meses. Daremos mais detalhes no próximo número.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO **NO. 3** **MARÇO 1868**

COMENTÁRIOS SOBRE OS MESSIAS DO ESPIRITISMO.

(Ver o número de fevereiro de 1868.)

Várias perguntas tendo-nos sido endereçadas, a respeito das comunicações sobre os messias, publicadas no último número da Revista julgamos dever completá-las por alguns desenvolvimentos que delas farão compreender melhor o sentido e a importância.

1 ° A primeira dessas comunicações, trazendo a recomendação de mantê-la em segredo até nova ordem, embora a mesma coisa fosse ensinada em diferentes regiões, senão quanto à forma e às circunstâncias do detalhe, pelo menos pelo fundo da idéia, se nos perguntou se os Espíritos, de um consentimento geral, tinham reconhecido a urgência desta publicação, o que teria um significado de uma certa gravidade.

A opinião da maioria dos Espíritos é um controle poderoso para o valor dos princípios da Doutrina, mas que não exclui o do julgamento e da razão, dos quais todos os Espíritos sérios recomendam, sem cessar, fazer uso. Quando o ensino se generaliza espontaneamente sobre uma questão num sentido determinado, é um indício certo de que essa questão chegou em seu tempo; mas a oportunidade, no caso do qual se trata, não é uma questão de princípio, e não acreditamos dever esperar o aviso da maioria para esta publicação, desde que a utilidade disto nos foi demonstrada. Haveria puerilidade em crer que, fazendo abnegação de nossa iniciativa, não obedeceríamos, como instrumento passivo, senão a um pensamento que se nos impunha.

A idéia da vida de um ou de vários messias era quase geral, mas encarada sob pontos de vista mais ou menos errôneos, em conseqüência de detalhes contidos em certas comunicações, e de uma assimilação, *muito literal,* da parte de alguns, com as palavras do Evangelho sobre o mesmo assunto. Esses erros poderiam ter inconvenientes materiais cujos sintomas já se faziam sentir, importava, pois, não deixá-los se acreditarem; foi porque julgamos útil fazer conhecer o verdadeiro sentido no qual essa previsão era entendida pela maioria dos Espíritos, retificando assim, pelo ensino geral, o que o ensino isolado poderia ter de parcialmente defeituoso.

2° Foi dito que o messias do Espiritismo, vindo depois de sua constituição, seu papel não seria senão secundário, e perguntou-se se estava bem ali o caráter dos messias. Aquele que Deus encarrega de uma missão pode vir com utilidade quando o objeto da missão já se realizou? Não seria como se o Cristo tivesse vindo depois do estabelecimento do cristianismo, ou como se o arquiteto encarregado da construção de uma casa chegasse quando a casa estivesse edificada?

A revelação espírita deveria se cumprirem condições diferentes de suas mais velhas, porque as condições da Humanidade não são mais as mesmas. Sem retomar sobre o que foi dito a respeito dos caracteres desta revelação, lembramos que em lugar de ser individual, ela deveria ser coletiva, e inteiramente, ao mesmo tempo, o produto do ensino dos Espíritos e do trabalho inteligente do homem; ela não deveria ser localizada, mas tomar raiz simultaneamente sobre todos os pontos do globo. Esse trabalho se cumpre sob

a direção dos grandes Espíritos que receberam missão de presidirá regeneração da Humanidade. Se não cooperam na obra como encarnados, não lhe dirigem menos os trabalhos como Espíritos, assim como disto vimos a prova. Seu papel de messias não é, pois, apagado, uma vez que o cumprem antes de sua encarnação, e não é senão maior. Sua ação, como Espíritos, é mesmo mais eficaz, porque podem estendê-la por toda parte, ao passo que, como encarnados, ela é necessariamente circunscrita. Hoje eles fazem, como Espíritos, o que o Cristo fazia como homem: ensinam, mas pelas milhares de vozes da mediunidade; em seguida virão fazer, como homens, o que o Cristo não pôde fazer: instalar sua doutrina.

A instalação de uma doutrina chamada a regenerar o mundo não pode ser a obra de um dia, e a vida de um homem não bastaria para isto. É preciso, primeiro, elaborar os princípios, ou querendo-se, confeccionar o instrumento; depois desobstruir o terreno dos obstáculos e pôr as primeiras bases. Que fariam esses Espíritos sobre a Terra durante o trabalho, de alguma sorte material, da desobstrução? Sua vida se perderia na luta. Eles virão, com mais utilidade, quando a obra estiver elaborada e o terreno preparado; a eles, então, incumbirá colocar a última demão ao edifício e consolidá-lo; em uma palavra, fazer frutificar a árvore que tiver sido plantada. Mas, à espera disto, não estão inativos: dirigem os trabalhadores; a encarnação não será, pois, senão uma fase de sua missão. Só o Espiritismo poderia fazer compreender a cooperação dos Espíritos da erraticidade a uma obra terrestre.

3° Perguntou-se, além disso, se não haveria temor de que o anúncio desses messias não tentaria os ambiciosos, que se dariam pretensas missões, e realizariam esta predição: Haverá falsos cristos e falsos profetas?

A isto a resposta é muito simples; ela está inteiramente no capítulo XXI de O *Evangelho Segundo o Espiritismo.* Lendo esse capítulo, ver-se-á que o papel dos falsos cristos não é tão fácil quanto se poderia supor, porque é aqui o caso de dizer que o hábito não faz o monge. Em todos os tempos, houve intrigantes que quiseram se fazer passar por aquilo que não eram; sem dúvida, eles podem imitar a forma exterior; mas, quando se trata de justificar o fundo, sucede com eles como ao asno, vestido com a pele do leão.

O bom senso diz que Deus não pode escolher seus messias entre os Espíritos vulgares, mas entre aqueles que são capazes de cumprir seus desígnios. Aquele que pretendesse ter recebido um tal favor, deveria, pois, justificá-lo pela eminência de suas capacidades e de suas virtudes, e sua presunção seria o primeiro desmentido dado a essas mesmas virtudes. Que se diria de um mau poeta que se desse pelo príncipe dos poetas? Dar-se por cristo ou messias seria se dizer o homem mais virtuoso do universo, e não se é virtuoso quando não se é modesto.

Simula-se, é verdade, a virtude pela hipocrisia; mas *é* uma coisa que desafia toda imitação: é o gênio, porque ele deve se afirmar por obras positivas; quanto à virtude de exibição, é uma comédia que não se pode desempenhar por muito tempo sem se trair. No primeiro lugar das qualidades morais que distinguem o verdadeiro missionário de Deus, é preciso colocar a humildade sincera, o devotamento sem limites e sem pensamento dissimulado, o desinteresse material e moral absoluto, a abnegação da personalidade, virtudes pelas quais não brilham nem os ambiciosos, nem os charlatães, que procuram antes de tudo a glória ou o proveito. Eles podem ter inteligência; e ela lhes é necessária para vencer pela intriga; mas não é essa inteligência que coloca o homem acima da Humanidade terrestre. Se o Cristo voltasse a se encarnar sobre a Terra, nela viria com todas as suas virtudes. Se, pois, alguém se desse por ele, deveria igualá-lo em tudo; uma única qualidade a menos bastaria para revelar a impostura.

Do mesmo modo que se reconhece a qualidade da árvore pelo seu fruto, reconhecem-se os verdadeiros messias pela qualidade de sua obras, e não pelas suas pretensões. Não serão eles que se proclamarão, porque talvez eles mesmos se ignoram;

vários estiveram sobre a Terra, sem terem sido reconhecidos; é vendo o que foram e o que fizeram que os homens dirão, como disseram do Cristo: Aquele deve ser um messias.

Há cem pedras de toque para reconhecer os messias eos profetas de contrabando. A definição do caráter daqueles que são verdadeiros é antes feita para desencorajar os falsificadores do que para excitá-los *a* desempenhar um papel que não têm força para cumprir, e não lhes valeria senão dissabores. É ao mesmo tempo dar àqueles que tentassem abusar dos meios de evitar serem vítimas de seu embuste.

4° Algumas pessoas pareceram temer que a qualificação de *messias* não derramasse sobre a Doutrina Espírita um verniz de misticismo.

Para quem conhece a Doutrina, ela *é,* de um canto ao outro, um protesto contra o misticismo, uma vez que tende a conduzir todas as crenças para o terreno positivo das leis da Natureza. Mas, entre aqueles que não a conhecem, há pessoas para as quais tudo o que sai da Humanidade tangível *é* místico; para elas, adorara Deus, orar, crer na Providência *é* ser místico. Não temos que nos preocupar com a sua opinião.

A palavra messias é empregada, pelo Espiritismo, em sua acepção literal de *mensageiro, enviado,* abstração feita da idéia de *redenção* e de *mistério* particular, aos cultos cristãos. O Espiritismo não tem que discutir esses dogmas que não são de sua alçada; ele diz o sentido no qual emprega esta palavra para evitar todo equívoco, deixando a cada um crer segundo sua consciência, que não procura perturbar.

Para o Espiritismo, pois, todo o Espírito encarnado tendo em vista cumprir uma missão especial junto à Humanidade, é um messias, na acepção geral da palavra, quer dizer, um *missionário* ou *enviado,* com esta diferença, no entanto, de que a palavra *messias* implica mais particularmente a idéia de uma missão direta da divindade, e, em conseqüência, a da superioridade do Espírito e da importância de sua missão; de onde se segue que há uma distinção a fazer entre os *messias,* propriamente ditos, e os Espíritos *simples missionários.* O que os distingue é que, para uns, a missão é ainda uma prova, porque podem nela falir, ao passo que para os outros é um atributo de sua superioridade. Do ponto de vista da vida corpórea, os messias entram na categoria de encarnações comuns de Espíritos, e a palavra não tem nenhum caráter de misticidade.

Todas as grandes épocas de renovação viram aparecer messias encarregados de dar o impulso ao movimento regenerador e de dirigi-lo. A época atual, sendo a de uma dessas maiores transformações da Humanidade, terá também seus messias que já a presidem como Espíritos, e acabarão sua missão como encarnados. Sua vinda não será marcada por nenhum prodígio, e Deus, para fazê-los reconhecer, não perturbará a ordem das leis da Natureza.

Nenhum sinal extraordinário aparecerá no céu nem na Terra, e não serão vistos descendo das nuvens acompanhados dos anjos. Eles nascerão, viverão e morrerão como o comum dos homens, e sua morte não será anunciada ao mundo nem por tremores de terra, nem pelo escurecimento do sol; nenhum sinal exterior os distinguira, não mais do que o Cristo não foi distinguido dos outros homens durante sua vida. Nada, pois, os assinalará à atenção pública senão a grandeza de suas obras, a sublimidade de suas virtudes, e a parte ativa e fecunda que tomarão na fundação da nova ordem de coisas. A antigüidade paga deles fez deuses; a história os colocará no Panteão dos grandes homens, dos homens de gênio, mas, sobretudo, entre os homens de bem, cuja posteridade honrará a memória.

Tais serão os messias do Espiritismo; grandes homens entre os homens, grandes Espíritos entre os Espíritos, eles marcarão sua passagem por prodígios da inteligência e da virtude, que atestam a verdadeira superioridade, bem mais do que a produção de efeitos materiais que qualquer um pode realizar. Este quadro um pouco prosaico fará, talvez, caírem algumas ilusões; mas será assim que as coisas se passarão, muito naturalmente, e os resultados não serão menos importantes, por isto, por não estar

cercado das formas ideais e um tanto maravilhosas, das quais certas imaginações gostam de cercá-los.

Dissemos os *messias,* porque, com efeito, as previsões dos Espíritos anunciam que deles haverá vários, e que nada tem de admirar segundo o sentido dado a essa palavra, e em razão da grandeza da tarefa, uma vez que se trata, não do adiantamento de um povo ou de uma raça, mas da regeneração da Humanidade inteira. Quantos deles haverá? Uns dizem três, outros mais, o que prova que a coisa está nos segredos de Deus. Um deles terá a supremacia? É ainda o que pouco importa, o que seria mesmo perigoso saber antecipadamente.

A vinda do Messias, como fato geral, foi anunciada, porque era útil que dela se estivesse prevenido; é uma garantia do futuro e um motivo de tranqüilidade, mas as individualidades não devem se revelar senão *por seus atos.* Se alguém deve proteger a infância de um deles, o fará *inconscientemente,* como para qualquer um; assisti-lo-á e o protegerá por pura caridade, sem para isto ser solicitado por um sentimento de orgulho, do qual não poderia, talvez, se defender, que se introduziria, com seu desconhecimento, em seu coração, e o faria perder o fruto de sua ação; seu devotamento não seria, talvez, tão desinteressado moralmente quanto ele mesmo pensasse.

A segurança do predestinado exige, além disso, que seja coberto com um véu impenetrável, porque ele terá seus Herodes; ora um segredo jamais é melhor guardado do que quando não é conhecido de ninguém. Ninguém, pois, deve conhecer sua família, nem o lugar de seu nascimento, e os próprios Espíritos vulgares não o sabem. Nenhum anjo virá anunciar sua vinda à sua mãe, porque ela não deve fazer diferença entre ele e os outros filhos; os magos não viram adorá-lo em seu berço e oferecer-lhe o ouro e o incenso, porque *ele não deve ser saudado senão quando tiver dado suas provas.* Será protegido pelos invisíveis encarregados de velarem por ele, e conduzido à porta onde deve bater, o senhor da casa não conhecerá aquele que receberá em seu lar.

Falando do novo Messias, Jesus disse: "Se alguém vos disser: "O Cristo está aqui ou está ali," não vades ali, porque ele ali não estará." É preciso, pois, desconfiar das falsas indicações que têm por objetivo *enganar* tendo em vista de fazê-lo procurar onde não está. Uma vez que não é permitido, aos Espíritos, revelar o que deve ficar em segredo, toda a comunicação circunstanciada sobre este ponto deve ser tida por suspeita, como uma prova para aquele que a recebe.

Pouco importa, pois, o número dos messias; só Deus sabe o que é necessário; mas, o que é indubitável, é que ao lado dos messias, propriamente ditos, os Espíritos superiores, em número *ilimitado* se encarnarão, ou já estão encarnados, com missões especiais para secundá-los. Ele surgirá em todas as classes, em todas as posições sociais, em todas as seitas e entre todos os povos; haverá deles nas ciências, nas artes, na literatura, na política, nos chefes de estado, enfim, por toda a parte onde sua influência poderá ser útil para a difusão das idéias novas, e às reformas que lhes serão a conseqüência. A autoridade de sua palavra será tanto maior quanto ela estiver fundada sobre a estima e a consideração das quais estiverem cercados.

Mas, dir-se-á, nessa multidão de missionários de todas as classes, como distinguires messias? Que importa que sejam distinguidos ou não! Eles não vêm na Terra para nela se fazer adorar, nem para receberem as homenagens dos homens. Eles não levarão, pois, nenhum sinal sobre a fronte; mas do mesmo modo que pela obra se reconhece o obreiro, dir-se-á depois de sua partida: Aquele que fez mais bem deve ser o maior.

Sendo o Espiritismo o principal elemento regenerador, importava que um instrumento estivesse pronto quando viessem aqueles que deverão deles se servir. É o trabalho que se realiza neste momento e que os precede um pouco; mas é preciso que a grade tenha passado antes sobre a terra para purgá-la das ervas parasitas que abafam o bom grão.

Será o século vinte, sobretudo, que poderá ser chamado o século dos messias. Então, a antiga geração terá desaparecido, e a nova estará em

toda a sua força; a Humanidade, isenta de suas convulsões, formada de elementos novos e regenerados, entrará definitivamente e pacificamente na fase do progresso moral, que deve elevar a Terra na hierarquia dos mundos.

CORRESPONDÊNCIA INÉDITA DE LAVATER

COM A IMPERATRIZ MARIA DA RÚSSIA.

Os Espíritas são numerosos em São Petersburgo, e contam, entre eles, homens sérios muito esclarecidos, que compreendem o objetivo e a alta importância humanitária da Doutrina. Um deles, que não tínhamos a honra de conhecer, consentiu em nos dirigir um documento tanto mais precioso para historiado Espiritismo, quanto era desconhecido, e que toca às mais altas regiões sociais. Eis o que disse o nosso honrado correspondente em sua carta de remessa:

"A biblioteca imperial de São Petersburgo publicou, em 1858, num pequeníssimo número de exemplares, uma coletânea de cartas inéditas do célebre fisionomista Lavater; essas cartas, até então desconhecidas na Alemanha, foram dirigidas à imperatriz Maria da Rússia, esposa de Paulo I e avó do imperador reinante. A leitura dessas cartas me tocou pelas idéias filosóficas, eminentemente Espíritas, que encerram, sobre as relações que existem entre o mundo visível e o mundo invisível, a mediunidade intuitiva e a influência dos fluidos que a produzem.

"Presumindo que essas cartas, provavelmente desconhecidas na França, poderiam interessar os Espíritas esclarecidos desse país, mostrando-lhes que suas convicções íntimas eram partilhadas pelo eminente filósofo suíço e duas cabeças coroadas, tomo a liberdade, senhor, de vos enviar, anexa, a tradução exata e quase literal dessas cartas, que julgareis talvez oportuno inserir em vossa sábia e tão interessante publicação mensal.

"Aproveito esta ocasião, senhor, para vos exprimir os sentimentos de minha profunda e perfeita estima, partilhada pelos Espíritas sinceros de todos os países, que sabem dignamente apreciar os serviços eminentes que vosso zelo infatigável prestou ao desenvolvimento científico e à propagação da sublime e tão consoladora Doutrina Espírita. Esta terceira revelação terá por conseqüência a regeneração, o progresso moral e a consolidação da fé na pobre Humanidade, infelizmente extraviada, e que flutua entre a dúvida e a indiferença, em matéria de religião e de moral." - W. de F.

Publicamos integralmente o manuscrito do Sr. de F. Sua extensão nos obriga a fazê-lo objeto de três artigos.

PREÂMBULO.

No castelo grã-ducal de Pawlowsk, situado a vinte e quatro vestas de Petersburgo, onde o imperador Paulo da Rússia passou os anos mais felizes de sua vida, e que, depois, tornou-se a residência favorita da imperatriz Maria, sua augusta viúva, verdadeira benfeitora da Humanidade sofredora, se encontra uma biblioteca escolhida, fundada pelo casal imperial, na qual, entre muitos tesouros científicos e literários, se encontra um pacote de cartas autografadas de Lavater, permanecidas desconhecidas aos biógrafos do célebre fisionomista.

As cartas são datadas de Zurich, em 1798. Dezesseis anos antes Lavater teve ocasião de travar, em Zurich e em Schaffouse, conhecimento com o conde e a condessa

du Nord (é sob este título que o grão-duque da Rússia, e sua esposa, viajavam então na Europa), e, de 1796 a 1800, enviou à Rússia, endereçadas à imperatriz Maria, reflexões sobre a fisionomia, às quais juntava as cartas tendo por objetivo pintar o estado da alma depois da morte.

Nessas cartas, Lavater toma por ponto de partida que uma alma, tendo deixado seu corpo, inspira suas idéias a um homem de sua escolha, apto à luz (lichtfashig), ele faz escrever cartas endereçadas a um amigo deixado sobre a Terra, para instruí-lo do estado noqual ela se encontra.

Essas cartas inéditas de Lavater foram descobertas durante uma revisão da biblioteca grã-ducal, pelo doutor Minzloff, bibliotecário da biblioteca imperial de Petersburgo e colocadas em ordem por este último. Com a autorização do possuidor atual do castelo de Pawlowsk, S. A. I. o grão-duque Constantino, e sob os auspícios esclarecidos do barão de Korff, atualmente membro do conselho do império, antigo diretor chefe dessa biblioteca, que lhe deve suas mais notáveis melhorias, elas foram publicadas em 1858, em Petersburgo, sob o título: *Joham-Kaspar Lavatefsbriefe, an die kaiserín Mana Feodorowna, gemahlin kaiser Paul I vonRussIand* (cartas de Jean-Gaspard Lavater à imperatriz Maria Feodorowna, esposa do imperador Paulo I da Rússia). Essa obra foi impressa às custas da biblioteca imperial, e oferecida em homenagem ao senado da Universidade de lena, por ocasião do 300° aniversário de sua fundação.

Essas cartas, em número de seis, apresentam o mais alto interesse, naquilo que provam positivamente que as idéias espíritas, e notadamente as da possibilidade de relações entre o mundo espiritual e o mundo material, germinava na Europa setenta anos mais cedo, e que não só o célebre fisionomista tinha a convicção dessas relações, mas que era ele mesmo o que, no Espiritismo, chama-se um médium intuitivo, quer dizer, um homem recebendo, por intuição, as idéias dos Espíritos e transcrevendo suas comunicações. As cartas de um amigo defunto que Lavater tinha juntado às suas próprias cartas, são eminentemente espíritas; elas desenvolvem e esclarecem, de maneira tão engenhosa quanto espirituosa, as idéias fundamentais do Espiritismo, e vêm em apoio de tudo o que esta doutrina oferece de mais racional, de mais profundamente filosófico, religioso e consolador para a Humanidade. As pessoas que não conhecem o Espiritismo poderão supor que as cartas de um Espírito ao seu amigo na Terra não são senão uma forma poética que Lavater dá às suas próprias idéias espiritualistas; mas aqueles que estão iniciados nas verdades do Espiritismo, as encontrarão em suas comunicações, tal como foram e são ainda dadas pelos Espíritos, por intermédio de diferentes médiuns intuitivos, auditivos, escreventes, falantes, extáticos, etc. Não é natural supor que o próprio Lavater tenha podido conceber e expor com uma tão grande lucidez e tanta precisão, idéias abstratas e tão elevadas sobre o estado da alma depois da morte e seus meios de comunicação com os Espíritos encarnados, quer dizer, os homens. Estas idéias não podem provir senão dos próprios Espíritos desencarnados. É indubitável que um deles, tendo guardado sentimentos de afeição por um amigo ainda habitante da Terra, lhe deu, por intermédio de um médium intuitivo (talvez o próprio Lavater fosse esse amigo), noções sobre esse assunto para iniciá-los nos mistérios do túmulo, na medida do que é permitido a um Espírito de revelar aos homens, e do que estes últimos estão em estado de compreender.

Damos aqui a tradução exata das cartas de Lavater, escritas em alemão, assim como as das comunicações de além-túmulo, que dirigia à imperatriz Maria, segundo o desejo que esta havia expressado de conhecer as idéias do filósofo alemão sobre o estado da alma depois da morte do corpo.

PRIMEIRA CARTA

SOBRE O ESTADO DA ALMA DEPOIS DA MORTE.

Idéias gerais.

Muito venerada Maria da Rússia!

Dignai-vos conceder-me a permissão de não vos dar o título de majestade, que tendes direito da parte do mundo, mas não se harmoniza com a santidade do assunto do qual desejais que vos entretivesse, e afim de poder vos escrever com franqueza e toda liberdade.

Desejais conhecer algumas de minhas idéias sobre o estado das almas depois da morte.

Apesar do pouco que *é* dado ao mais sábio e ao mais douto entre nós, disso saber, uma vez que cada um daqueles que partiram para o país desconhecido dele não retomou, o homem pensante, o discípulo d[1] Aquele que desceu entre nós do céu, e, no entanto, em estado de disto dizer tanto quanto nos é necessário saber para nos encorajar, nos tranqüilizar e nos fazer refletir.

Por esta vez, limitar-me-ei a vos expor, sobre este assunto, algumas das idéias mais gerais.

Penso que deve existir uma grande diferença entre o estado, a maneira de pensar e de sentir de uma alma separada de seu corpo material, e o estado na qual ela se encontrava durante sua união com este último. Esta diferença deve ser ao menos tão grande quanto aquela que existe entre o estado de uma criança recém-nascida e o de uma criança vivendo no seio de sua mãe.

Somos ligados à matéria, e são nossos sentidos e nosso órgãos que dão à nossa alma as percepções e o entendimento.

Segundo a diferença que existe entre a construção do telescópio, do microscópio e das lunetas, dos quais se servem nossos olhos para ver, os objetos que olhamos, por seu intermédio, nos aparecem sob uma forma diferente. Nossos sentidos são os telescópios, os microscópios e as lunetas necessários à nossa vida atual, que é uma vida material.

Penso que o mundo visível deve desaparecer para a alma separada de seu corpo, tudo como lhe escapa durante o sono. Ou bem o mundo, que a alma entrevia durante sua existência corporea, deve aparecerá alma desmaterializada sob um aspecto diferente.

Se, durante algum tempo, ela pudesse permanecer sem corpo, o mundo material não existiria para ela. Mas se ela é, logo depois de ter deixado seu corpo, eu acho muito verossímil, provida *de um corpo espiritual, que ela teria retirado de seu corpo material,* o novo corpo lhe dará indispensavelmente uma diferente percepção das coisas. Se, o que pode facilmente ocorrer às almas impuras, esse corpo ficasse, durante algum tempo, imperfeito e pouco desenvolvido, todo o universo apareceria à alma num estado de perturbação, como visto através de um vidro despolido.

Mas se o corpo espiritual, *o condutor e o intermediário de suas novas impressões, era* ou se toma mais desenvolvido ou melhor organizado, o mundo da alma lhe parece, segundo a natureza e as qualidades de seus novos órgãos, assim como segundo o grau de sua harmonia e de sua perfeição, mais regular e mais belo.

Os órgãos se simplificam, adquirem a harmonia entre si e são mais apropriados à natureza, ao caráter, às necessidades e às forças das almas, segundo ela se concentre, se enriqueça e se depure neste mundo, perseguindo um único objetivo e agindo num sentido determinado. A alma *aperfeiçoa, ela mesma,* existindo na Terra, *as qualidades do corpo espiritual,* do veículo no qual ela continuará existindo depois da morte de seu corpo material, e que lhe servirá de órgão para conceber, sentir e agir em sua nova existência. Esse novo corpo, apropriado à sua natureza íntima, a tornará pura, amante, vivaz e apta a mil belas sensações, impressões, contemplações, ações e gozos.

Tudo o que se pode, e tudo o que não podemos ainda dizer sobre o estado da alma depois da morte, se baseará sempre sobre este único axioma permanente e geral: O *homem colhe aquilo que semeou.*

É difícil encontrar um princípio mais simples, mais claro, mais abundante e mais próprio para ser aplicado a todos os casos possíveis.

Existe uma lei geral da Natureza, estreitamente ligada, mesmo idêntica, ao princípio acima mencionado, concernente ao estado da alma depois da morte, uma lei equivalente em todos os mundos, em todos os estados possíveis, no mundo material e no mundo espiritual, visível e invisível, a saber:

"O que se assemelha tende a se reunir, tudo o que é idêntico se atrai reciprocamente, se não existirem obstáculos que se oponham à sua união."

Toda a doutrina sobre o estado da alma depois da morte está baseada sobre este simples princípio; tudo o que chamamos comumente: julgamento preliminar, compensação, felicidade suprema, condenação, pode ser explicado desta maneira: *"Segundo semeaste o bem em ti mesmo, em outros e fora de ti, pertencerás à sociedade daqueles que, como tu, semearam o bem em si mesmos e fora deles; gozarás da amizade daqueles aos quais te assemelhaste em sua maneira de semear o bem."*

Cada alma separada de seu corpo, livre das cadeias da matéria, aparecerá a si mesma tal qual é em realidade. Todas as ilusões, todas as seduções que impedem de se reconhecer e dever suas forças, suas fraquezas e seus defeitos desapareceram. Ela sentirá uma tendência irresistível a se dirigir para as almas que se lhe assemelham, e a afastar-se daquelas que não se lhe assemelham. Seu próprio peso interior, como obedecendo à lei da gravidade, a atirará nos abismos sem fundo (ao menos é assim que isso lhe parecerá); ou bem segundo o grau de sua pureza, ela se lançará como uma centelha levada pela leveza nos ares, e passará rapidamente pelas regiões luminosas, fluídicas e etéreas.

A alma dá a si mesma um peso que lhe é próprio, pelo seu senso interior; seu estado de perfeição a impulsiona para adiante, para trás ou de lado; seu próprio caráter, moral e religioso, lhe inspira certas tendências particulares. O bom se elevará para os bons; a necessidade que se sente do bem o atrairá para eles. O mau é forçosamente impulsionado para os maus. A queda precipita as almas grosseiras, imorais e irreligiosas para as almas que se lhes assemelham, será tudo tão rápido e inevitável quanto a queda de uma bigorna no abismo, quando nada a detém.

É bastante para esta vez.

Zurique, 1.° VIII. 1798.
JEAN-GASPAR LAVATER.

(Com a permissão de Deus, a continuação todos os oito dias.)

SEGUNDA CARTA.

As necessidades sentidas pelo espírito humano, durante *seu exílio no corpo material, permanecem as mesmas, logo depois que o deixa.* Sua felicidade consistirá na possibilidade de poder satisfazer suas necessidades espirituais; sua danação na impossibilidade de poder satisfazer seus apetites carnais, no mundo menos material.

As necessidades não satisfeitas constituem a danação; sua satisfação constitui a felicidade suprema.

Eu gostaria de dizer a cada homem: "Analisa a natureza de tuas necessidades; dá-lhes seu verdadeiro nome; pergunte a ti mesmo: são admissíveis num mundo menos material? Podem nele encontrar sua satisfação? E, se verdadeiramente pudessem ali ser contentados, seriam daqueles que um Espírito intelectual e imortal possa confessar honradamente e desejar-lhe a satisfação, sem sentir uma vergonha profunda diante de outros seres intelectuais e imortais como ele?"

A necessidade que a alma sente de satisfazer as aspirações espirituais de outras almas imortais; de lhes proporcionar os gozos puros da vida, de lhes inspirar a segurança

da continuidade de sua existência depois da morte, de cooperar por aí no grande plano da sabedoria e do amor supremos, o progresso adquirido por esta nobre atividade, tão digna do homem, assim como o desejo desinteressado no bem dão às almas humanas *a aptidão,* e, portanto, *o direito* de serem recebidas nos grupos e nos círculos de Espíritos mais elevados, mais puros, mais santos.

Quando temos, muito venerada imperatriz, a íntima persuasão de que a necessidade mais natural, e, no entanto, muito rara, que possa nascer numa alma imortal: a de Deus, a necessidade de se aproximar dele cada vez mais, sob todos os aspectos, e de assemelhar-se ao Pai invisível de todas as criaturas é uma vez tomada predominante em nós, oh! então, não devemos sentir o menor medo concernente ao nosso estado futuro, quando a morte nos terá desembaraçado de nosso corpo, essa parede espessa que nos escondia Deus. O corpo material que nos separava dele está abatido, e o véu que nos tirava a visão do mais santo dos santos está rasgado. O Ser adorável que amamos acima de tudo, com todas as suas graças resplandecentes, terá então livre entrada em nossa alma faminta dele e recebendo-o com alegria e amor.

Logo que o amor sem limites por Deus tiver tomado a parte superior em nossa alma, em conseqüência dos esforços que ela tiver feito para dele se aproximar, e lhe assemelhar em seu amor vivificante da Humanidade, e por todos os meios que ela tinha em seu poder, essa alma, desembaraçada de seu corpo, passando necessariamente por muitos graus para se aperfeiçoar sempre mais, subirá com uma facilidade e uma rapidez espantosas para o objeto de sua mais profunda veneração e de seu amor ilimitado, para a fonte inesgotável e a única suficiente para satisfação de todas as suas necessidades, de todas as suas aspirações.

Nenhum olho fraco, doente ou velado, está em estado de olhar o Sol de frente; do mesmo modo nenhum Espírito não depurado, ainda envolvido da bruma material, da qual uma vida exclusivamente material o cerca, mesmo no momento de sua separação do corpo, não estaria no estado de suportar a visão do mais puro sol dos Espíritos, em sua claridade resplandecente, seu símbolo, seu foco, de onde se escapam essas ondas de luz que penetram mesmo os seres finitos do sentimento de sua infinitude.

Quem melhor do que vós, senhora, sabe que os bons não são atraídos senão pelos bons! Que somente as almas elevadas sabem gozar da presença de outras almas de elite! Todo homem conhecendo a vida e os homens, aquele que, freqüentemente, foi obrigado a se encontrar na sociedade desses bajuladores indecentes, efeminados, com falta de caráter, sempre diligentes em levantar e fazer valer a palavra mais insignificante, a menor alusão daqueles dos quais tramam o favor, ou bem desses hipócritas, tratando de penetrar astuciosamente as idéias dos outros, para interpretá-las em seguida num sentido inteiramente ao contrário, àquele, digo eu, deve saber quanto essas almas vis e escravas se embaraçam subitamente com uma simples palavra pronunciada com firmeza e dignidade; quanto um único olhar severo os confunde, em lhes fazendo sentir profundamente que se os conhece e que se os julga em seu justo valor! Como se lhes torna penoso, então, de suportar a presença de um homem honesto! Nenhuma alma patife e hipócrita é feliz pelo contato de uma alma proba e enérgica, que a penetra. Cada alma impura, tendo deixado seu corpo, deve, segundo sua natureza íntima, como impulsionada por um poder oculto e invencível, fugir da presença de todo ser puro e luminoso, para lhe esconder, tanto quanto possível, a visão de suas numerosas imperfeições que ela não está em estado de esconder a si mesma, nem aos outros.

Quando mesmo não fosse para escrever: *"Ninguém, sem estar depurado, poderá vero Senhor"* isto estaria perfeitamente na ordem das coisas. Uma alma impura se encontra numa impossibilidade absoluta de entrar em qualquer relação com uma alma pura, nem de sentir por ela a menor simpatia. Uma alma apavorada com a luz, não pode, por isto mesmo, ser atraída pela fonte da luz. A claridade, privada de toda obscuridade, deve queimá-la como um fogo devorador.

E quais são, senhora, as almas que chamamos impuras? Penso que são aquelas nas quais o desejo de se depurar, de se corrigir, de se aperfeiçoar, jamais predominou. Penso que são aquelas que não se submeteram ao princípio elevado do desinteresse em todas as coisas; aquelas que escolheram, elas mesmas, por centro único de todos os seus desejos e de todas as suas idéias; aquelas que se consideram como o objetivo de tudo o que está fora delas, que não procuram senão o meio de satisfazer suas paixões e seus sentidos; aquelas, enfim, nas quais reinam o egoísmo, o orgulho, o amor-próprio e o interesse pessoal, que querem servir dois senhores que se contradizem, e isto simultaneamente.

Semelhantes almas devem se encontrar, penso eu, depois da separação do seu corpo, no miserável estado de uma horrível contemplação de si mesmas; ou bem, o que se toma o mesmo, do desprezo profundo que elas sentem por si mesmas, e serem arrastadas, por uma força irresistível para a horrível sociedade de outras almas egoístas, condenando-se, elas mesmas, sem cessar.

É o egoísmo que produz a impureza da alma e a faz sofrer. Ele é combatido, em todas as almas humanas, por alguma coisa que lhe é contrária, alguma coisa de pura, de divina: o sentimento moral. Sem este sentimento, o homem não é capaz de nenhum gozo moral, de nenhuma estima, nem de nenhum desprezo por si mesmo, não compreendendo nem o céu nem o inferno. Esta luz divina lhe torna insuportável toda obscuridade que descobre em si, e é a razão pela qual as almas delicadas, as que possuem o senso moral, sofrem mais cruelmente quando o egoísmo se apodera delas e subjuga esse sentimento.

Da concordância e da harmonia que subsistem no homem, entre ele e sua lei interior, dependem sua pureza, sua aptidão para recebera luz, sua felicidade, seu céu, seu Deus. Seu Deus lhe aparece na semelhança consigo mesmo. A aquele que sabe amar, Deus aparece como o supremo amor, sob mil formas de amar. Seu grau de felicidade e sua aptidão a tomar felizes os outros são proporcionais ao princípio de amor que reina nele. Aquele que ama com desinteresse permanece em harmonia incessante com a fonte de todo amor e todos aqueles que nela haurem o amor.

Tratemos de conservar em nós o amor em toda a sua pureza, senhora, e seremos sempre arrastados por ele para as almas que mais amam. Purifiquemo-nos todos os dias mais das manchas do egoísmo, e, então, devendo deixar este mundo hoje mesmo ou amanhã, restituído à terra nosso envoltório mortal, nossa alma tomará seu vôo com a rapidez do relâmpago para o modelo de todos aqueles que amam, e se reunirá a eles com uma felicidade inexprimível.

Ninguém de nós, pode saber o que se tornará sua alma depois da morte de seu corpo, e, no entanto, estou plenamente persuadido de que o amor depurado deve, necessariamente, dar ao nosso Espírito, livre de seu corpo, uma liberdade sem limites, uma existência cêntupla, um gozo contínuo de Deus, e um poder ilimitado para tornar felizes todos aqueles que estão aptos a sentir a felicidade suprema.

Oh! quanto a liberdade moral do Espírito, despojado de seu corpo, é incomparável! com que leveza a alma do ser que ama, cercada de uma luz resplandecente, efetua a sua ascensão! Que ciência infinita, que poder de se comunicar aos outros, se tomam seu apanágio! Que luz jorra de si mesma! Que vida anima todos os átomos dos quais está formada! Ondas de prazeres se lançam de todos os lados ao seu encontro para satisfazer suas necessidades mais puras e mais elevadas! Legiões inumeráveis de seres que amam lhe estendem os braços! Vozes harmoniosas se fazem ouvir nesses coros numerosos e radiantes de alegria e lhe dizem: "Espírito de nosso Espírito! Coração de nosso coração! Amor haurido na fonte de todo amor ! Alma que ama, tu nos pertence, a todos nós, e somos todos teus! Cada um de nós é teu e tu pertences a cada um de nós. Deus é amor e Deus está em nós. Todos somos cheios de Deus e o amor encontra a sua felicidade na felicidade de todos."

Desejo ardentemente, mui venerada imperatriz, que vós, vosso nobre e generoso esposo, o imperador, tão levados um ao outro para o bem, e eu convosco, possamos não nos tornar jamais estranhos ao amor que é Deus e homem ao mesmo tempo; que nos seja permitido nos formar, para os prazeres do amor, por nossas ações, nossas preces e nossos sofrimentos, em nos aproximando daquele que se deixou pregar sobre a cruz do Gólgota.

JEAN-GASPAR LAVATER.

(A continuação proximamente, se Deus o permitir.)

Zurique. 18 VIII 1798.

Já se pode ver em que ordem de idéias Lavater escrevia à imperatriz Maria, e até que ponto possuía a intuição dos princípios do Espiritismo moderno. Melhor ainda se julgará pelo complemento dessa correspondência notável. À espera das reflexões das quais a faremos seguir, cremos dever, desde o presente, fazer notar um fato importante: é que, para manter uma correspondência sobre um semelhante assunto com a imperatriz, seria preciso que esta partilhasse dessas idéias, e várias circunstâncias não permitem duvidar que ocorria o mesmo com o czar, seu esposo. Foi sobre seu pedido, ou melhor, sobre seus pedidos, que Lavater escreveu, e o tom de suas cartas prova que se dirigia a pessoas convencidas. Como se vê, as crenças espíritas, nas altas regiões, não datam de hoje. Aliás, pode se ver, na Revista de abril de 1866, página 120, o relato de uma aparição tangível de Pedro o Grande a esse mesmo Paulo I.

As cartas de Lavater, tendo sido lidas na Sociedade de Paris e, tendo se estabelecido uma conversa a este respeito, Paulo I, atraído, sem dúvida, pelo pensamento que lhe era dirigido nessa ocasião, se manifestou, espontaneamente e sem evocação, por um dos médiuns, ao qual ditou a comunicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 7 de fevereiro de 1868; médium Sr. Leymarie.)

O poder é coisa pesada, e os aborrecimento que deixa impressionam dolorosamente a nossa alma! Os dissabores são contínuos; é preciso se conformar aos hábitos, às velhas instituições, ao preconceito, e Deus sabe o que é preciso de resistência para se opor a todos os apetites que vêm bater no trono, como ondas tumultuosas. Também que felicidade quando, deixando um instante, essa toga de Nessus, chamada *realeza,* pode-se encerrar em um lugar pacífico, onde se possa repousar em paz longe do barulho e do tumulto das ambições!

Minha cara Maria amava a calma. Natureza sólida, doce, resignada, afetuosa, teria preferido o esquecimento das grandezas para se devotar completamente à caridade, para estudaras altas questões filosóficas que eram da alçada de suas faculdades. Como ela, eu gostava desses lazeres intelectuais; eram um balsa mo para minhas feridas de soberano, uma força nova para me guiar na complicação da política européia.

Lavater, esse grande coração, esse grande Espírito, esse irmão predestinado, nos iniciou em sua sublime doutrina; suas cartas, que hoje possuis, eram esperadas por nós com uma ansiedade febril. Tudo que elas encerram era a miragem de nossas idéias pessoais; nós as líamos, essas cartas queridas, com uma alegria infinita, felizes em depor nossa coroa, sua seriedade, sua etiqueta, para discutir os direitos da alma, sua emancipação e seu curso divino para o eterno.

Todas essas questões, ardentes hoje, nós as aceitamos há setenta anos; elas faziam parte de nossa vida, de nosso repouso. Muitos efeitos estranhos, aparições, ruídos, tinham fortalecido a nossa opinião a esse respeito. A imperatriz Maria via e ouvia os Espíritos; por eles, ela sabia dos acontecimentos passados a grandes distância. Um

príncipe Lopoukine, morto em Kiew, a várias centenas de léguas, tinha vindo nos anunciar a sua morte, os incidentes que tinham precedido a sua partida, a expressão de suas últimas vontades; a imperatriz tinha escrito, sob o ditado do Espírito Lopoukine, e vinte dias depois, somente se soube na corte todos os detalhes que possuíamos. Foram para nós uma confirmação brilhante, e também a prova de que Lavater e nós estávamos iniciados nas grandes verdades.

Hoje, conhecemos melhor por vós a doutrina cuja base alargaste; voltaremos a vos pedir alguns instantes, e agradecemos antecipadamente, se consentis em escutar Maria da Rússia e aquele que teve o favor detê-la por companheira.

PAULO I.

FLAGEOLET,
ESPIRITO MISTIFICADOR.

O fato seguinte nos foi reportado por um de nossos correspondentes de Maine-et-Loire, Sr. doutor E. Champneuf. Se bem que o fato, em si mesmo, não saia do círculo dos fenômenos conhecidos de manifestações físicas, ele é instrutivo no sentido em que prova, uma vez mais, a diversidade dos tipos que se encontram no mundo invisível, e que nele entrando certos Espíritos não se despojam imediatamente de seu caráter; é o que se ignorava antes que o Espiritismo nos tivesse colocado em relação com os habitantes desse mundo. Eis o relato que nos dirigiu:

"Permiti-me vos fazer conhecer um fato bastante curioso, não de um transporte, mais de uma subtração, por um Espírito, que se produziu, há oito dias, em nosso meio.

"É um Espírito, freqüentador, há vários anos, de nosso grupo de Saumur, que, desde algum tempo, se fez mais familiar ainda de nosso grupo de Vernantes; ele disse se chamar Flageolet; mas nosso médium, do qual se fez reconhecer, e que, com efeito, conheceu quando vivia nesse mundo, nos disse que trazia o nome de Biron, rabequista de aldeia, homem bastante corajoso, boêmio, e correndo os botequins onde fazia dançar. É um Espírito leviano, mistificador, mas não mau.

"Portanto, Flageoletse instalou na casa de meu irmão, casa onde ocorrem as nossas sessões; e os almoços e os jantares são alegrados pelas árias batidas que lhe são pedidas, ou que não lhe são pedidas, felizes quando *os* copos e os pratos não são derrubados por sua graça barulhenta.

"Há oito dias, meu irmão, que faz um grande uso de tabaco, tinha, como é comum, a sua tabaqueira junto de si sobre a mesa, e como é comum também, Flageolet assistia ao jantar da família. Depois de algumas marchas e árias batidas, o Espírito se pôs a tocara ária: *Tenho um bom tabaco em minha tabaqueira.* Nesse momento meu irmão procurou a sua, que não estava mais junto dele; ele passeou seu olhar em torno de si, e revirou seus bolsos, nada; a mesma ária continuou com mais animação; ele se levantou, sondou a mesinha da lareira, os móveis, levou as investigações até as partes vizinhas, e a ária da tabaqueira, batendo com mais vigor, o perseguia com redobradas zomba rias à medida que se afasta e se anima nessas procuras. Se ele se aproxima da lareira, os golpes se tornam mais fortes e mais precipitados. Enfim, o procurador, irritado por essa harmonia implacável, pensa em Flageolet, e lhe diz: - Foste tu que pegou a minha tabaqueira? - Sim. - Queres ma restituir? - Sim. - Pois bem! fala.

"Pegou-se o alfabeto e um lápis, e o Espírito ditou: "Eu a coloquei no fogo." Remexem as cinzas quentes e ali a encontram, no fundo da lareira, a tabaqueira cujo pó estava calcinado.

Todos os dias, é alguma surpresa de sua parte ou alguma peça à sua maneira. Há três dias, ele nos fez conhecer o conteúdo de um cesto bem amarrado, que vinha de chegar.

"Ontem à noite, foi uma nova malícia endereçada ao meu irmão. Este, durante o dia, entrando na casa, procura o boné que usa no interior, e, não podendo encontrá-lo, fica resignado e nisto não pensa mais. À noite, Flageolet, aborrecido, sem dúvida, portocarsuas árias sem que se lhe prestem atenção, e sem que se pensassem em interrogá-lo, pede para fazer escrever. Colocamo-nos à sua disposição, *e* ele ditou:

"-Eu roubei tua calota. -Queres me dizer onde ela está? -Sim. -Onde a colocaste? -Eu a dei a Napoleão.

"Persuadidos de que era uma má brincadeira do Espírito, lhe perguntamos: - Qual? -O teu.

"Há muitos anos, há uma estátua de Napoleão l, de tamanho médio, na sala onde se realizam as nossas sessões. O erigimo-nos para a estátua, a lâmpada na mão, encontramos o boné desaparecido, que cobria o pequeno chapéu histórico."

Nota. - Tudo, no Espiritismo, é assunto de estudo para o observador sério; os fatos em aparência insignificantes têm a sua causa, e esta causa pode se ligar aos princípios mais importantes.

É que as grandes leis da Natureza não se revelam no menor inseto como no animal gigantesco? no grão de areia que cai, como no movimento dos astros? O botânico negligencia uma flor porque ela é humilde e sem brilho? Ocorre o mesmo na ordem moral, onde tudo tem o seu valor filosófico, como na ordem física tudo tem seu valor científico. Ao passo que certas pessoas não verão, no fato acima reportado, senão uma coisa curiosa, divertida, um assunto de distração, outros nela verão uma aplicação da lei que rege a marcha progressiva dos seres inteligentes e nisto haurirão um ensinamento. O mundo invisível sendo o meio onde chegará fatalmente *a* Humanidade, nada daquilo que pode ajudar a fazer conhecê-la, poderia ser indiferente. O *mundo corpóreo* e o *mundo espiritual, se derramando incessantemente um no outro pelas mortes e os nascimentos, se explicam um pelo* outro. Está aí uma das grandes leis reveladas pelo Espiritismo.

O caráter desse Espírito não é o de uma criança traquinas? No entanto, quando vivo, era homem feito e mesmo de uma certa idade; certos Espíritos se tomariam, pois, crianças? Não; o Espírito realmente adulto não retorna para trás quanto o rio não remonta à sua fonte. Mas a idade do corpo, de nenhum modo, é um indício da idade do Espírito. Como é preciso que todos os Espíritos que se encarnem passem pela *infância corpórea,* disto resulta que nos corpos de criança se encontram forçosamente Espíritos avançados; ora, se esses Espíritos morrem prematuramente, revelam a sua superioridade desde que se despojaram de seu envoltório. Pela mesma razão, um Espírito jovem, espiritualmente falando, não podendo chegar à maturidade no curso de uma existência, que é menos de que uma hora com relação *à* vida do Espírito, um corpo adulto pode receber um Espírito criança pelo caráter e pelo desenvolvimento moral.

Flageolet pertence, incontestavelmente, a esta última categoria de Espíritos; ele avançará mais rapidamente do que outros, porque não há nele senão leviandade e que o fundo não é mau. O meio sério no qual se manifesta, o contato com homens esclarecidos, amadurecerão as suas idéias; sua educação é uma tarefa que lhes incumbe, ao passo que não teria nada ganho com pessoas f úteis que tivessem se divertido com seus gracejos, como o de um bufão.

ENSAIO TEÓRICO DAS CURAS INSTANTÂNEAS.

De todos os fenômenos espíritas, sem contradita, um dos mais extraordinários é o das curas instantâneas. Compreendem-se as curas produzidas pela ação firme de um bom fluido; mas pergunta-se como esse fluido pode operar uma transformação súbita

no organismo, e, sobretudo, por que o indivíduo que possui essa faculdade não tem acesso sobre todos aqueles que são atingidos da mesma doença, admitindo que haja especialidades. A simpatia dos fluidos é uma razão, sem dúvida, mas que não satisfaz completamente, porque ela nada tem de positivo nem de científico. No entanto, as curas instantâneas são um fato que não se poderia colocarem dúvida. Se não tivessem em seu apoio senão os exemplos dos tempos recuados, poder-se-ia, como alguma aparência de fundamento, considerá-los como lendários, ou, pelo menos, como ampliados pela credulidade; mas quando os mesmos fenômenos se reproduzem sob nossos olhos, no século mais cético com respeito às coisas sobrenaturais, a negação não é mais possível, e se é forçado a neles ver, não um efeito miraculoso, mas um fenômeno que teve ter sua causa nas leis da Natureza ainda desconhecidas.

A explicação seguinte, deduzida das indicações fornecidas por um médium em estado de sonambulismo espontâneo, é baseada sobre considerações fisiológicas que nos parecem lançar uma luz nova sobre a questão. Ela foi dada por ocasião de uma pessoa atingida de enfermidades muito graves, e que perguntava se um tratamento fluídico poderia lhe ser salutar.

Por racional que nos pareça esta explicação, não a damos como absoluta, mas a título de hipótese e como assunto de estudo, até que haja recebido a dupla sanção da lógica e da opinião geral dos Espíritos, único controle válido das doutrinas espíritas, e que possa lhe assegurar a perpetuidade.

Na medicação terapêutica é preciso remédios apropriados ao mal. O mesmo remédio, não podendo ter virtudes contrárias: serão mesmo tempo estimulante e calmante, calórico e refrescante, nem pode convir a todos os casos; é por isto que não há remédio universal.

Ocorre o mesmo com o fluido curador, verdadeiro agente terapêutico, cujas qualidades variam segundo o temperamento físico e moral dos indivíduos que o transmitem. Há fluidos que super excitam e outros que acalmam, fluidos duros e fluidos dóceis, e muitas outras nuanças. Segundo suas qualidades, o mesmo fluido, como o mesmo remédio, poderá ser salutar em certos casos, ineficaz e mesmo nocivo em outros; de onde se segue que a cura depende, em princípio, da apropriação das qualidades do fluido à natureza e à causa do mal. Eis o que muitas pessoas não compreendem, e porque se admiram de que um curador não cure todos os males. Quanto às circunstâncias que influem sobre as qualidades intrínsecas dos fluidos, elas foram suficientemente desenvolvidas no capítulo XIV da Gênese, para que seja supérfluo relembrá-las aqui.

A essa causa toda física de não cura, é preciso acrescentar-lhe uma toda moral que o Espiritismo nos faz conhecer; é que a maioria das doenças, como todas as misérias humanas, são expiações do presente o do passado, ou provas para o futuro; são dívidas contraídas das quais se devem suportar as conseqüências até que se as tenha quitado. Aquele, pois, não pode ser curado porque deve suportar sua prova até o fim. Este princípio é um motivo de resignação para o doente, mas não deve ser uma desculpa para o médico que procuraria, na necessidade da prova, um meio cômodo de abrigar sua ignorância.

As doenças, consideradas só do ponto de vista filosófico, têm duas causas que não foram distinguidas até hoje, e que não poderiam ser apreciadas antes dos novos conhecimento trazidos pelo Espiritismo; é da diferença dessas duas causas que ressalta a possibilidade das curas instantâneas nos casos especiais e não em todos.

Certas doenças têm sua causa original na própria alteração dos tecidos orgânicos; é a única que a ciência admitiu até hoje; e como ela não conhece para remediá-la senão as substâncias medicamentosas tangíveis, não compreende a ação de um fluido impalpável tendo por propulsor a vontade. No entanto, as curas magnéticas estão aí para provar que isso não é uma ilusão.

Na cura das doenças dessa natureza, pelo influxo fluídico, há substituição das moléculas orgânicas mórbidas por moléculas sadias; é a história de uma velha casa da qual se substituem as pedras carcomidas por boas pedras; sempre se tem a mesma casa, mas restaurada e consolidada. A torre Saint-Jacques e Notre-Dame de Paris acabam de sofrer um tratamento deste gênero.

A substância fluídica produz um efeito análogo ao da substância medicamentosa, com esta diferença de que sua penetração, sendo maior, em razão da tenuidade de seus princípios constituintes, ela age mais diretamente sobre as moléculas primárias do organismo que não podem fazê-lo as moléculas mais grosseiras das substâncias materiais. Em segundo lugar, sua eficácia é mais geral, sem ser universal, por que suas qualidades *são modificáveis pelo pensamento,* ao passo que as da matéria são fixas e invariáveis, e não podem se aplicar senão em casos determinados.

Tal é, em tese geral, o princípio sobre o qual repousam os tratamentos magnéticos. Acrescentamos sumariamente e por memória, não podendo aqui aprofundar o assunto, que a ação dos remédios homeopáticos em doses infinitesimais está fundada sobre o mesmo princípio; a substância medicamentosa sendo levada, pela divisão, ao estado atômico, adquire até um certo ponto as propriedades dos fluidos, menos, no entanto, o princípio anímico, que existe nos fluidos animalizados e lhes dá as qualidades especiais.

Em resumo, trata-se de reparar uma desordem orgânica pela introdução, na economia, de materiais sãos para substituir os materiais deteriorados. Esses materiais sãos podem ser fornecidos pelos medicamentos comuns em natureza; por esses mesmos medicamentos no estado de divisão homeopática; enfim, pelo fluido magnético, que não é outra do que a matéria espiritualizada. São três modos de reparação, ou melhor, de introdução e de assimilação dos elementos reparadores; todos os três estão igualmente na Natureza, e têm sua utilidade segundo os casos especiais, o que explica porque um triunfa onde outra fracassa, porque haveria parcialidade em negar os serviços prestados pela medicina comum. São, em nossa opinião, três ramos da arte de curar destinados a se suprirem e a se completarem segundo a circunstância, mas dos quais nenhum está fundado em se crer a panacéia universal do gênero humano.

Cada um desses meios poderá, pois, ser eficaz se for empregado a propósito e apropriado à especialidade do mal; mas, qualquer que seja, compreende-se que a substituição molecular, necessária ao restabelecimento do equilíbrio, não pode se operar senão gradualmente, e não como por encantamento e por um golpe de varinha; a eu rã, se ela for possível, não pode ser senão resultado de uma ação firme e perseverante, mais ou menos longa conforme a gravidade dos casos.

No entanto, as curas instantâneas são um fato, e como elas não podem mais ser miraculosas do que os outros, é preciso que elas se cumpram em circunstâncias especiais; o que prova é que elas não ocorrem indistintamente para todas as doenças, nem sobre todos os indivíduos. É, pois, um fenômeno natural cuja lei é preciso procurar; ora, eis a explicação que dele foi dada; para compreendê-la, seria preciso ter o ponto de comparação que acabamos de estabelecer.

Certas afecções, mesmo muito graves e passadas ao estado de crônicas, não têm por causa primeira a alteração das moléculas orgânicas, mas a presença de um mau fluido que as desagrega, por assim dizer, e perturba-lhes a economia.

Ocorre como num relógio de bolso do qual todas as peças estão em bom estado, mas cujo movimento é detido ou desregulado pela poeira; nenhuma peça há para se substituir, e, no entanto, ele não funciona; para restabelecera regularidade do movimento, basta limpar o relógio do obstáculo que o impede de funcionar.

Tal é o caso de um grande número de doenças cuja origem é devida aos fluidos perniciosos dos quais o organismo está penetrado. Para obter a cura, não são as moléculas deterioradas que é preciso substituir, mas um corpo estranho que é preciso

expulsar; desaparecida *a* causa do mal, o equilíbrio se restabelece e as funções retomam o seu curso.

Concebe-se que, em semelhante caso, os medicamentos terapêuticos, destinados pela sua natureza a agir sobre a matéria, sejam sem eficácia sobre um agente fiuídico; também a medicina comum é impotente em todas as doenças causadas pelos fluidos viciados, e elas são numerosas. À matéria pode se opor a matéria, mas a um fluido mau é preciso opor um fluido melhor e mais poderoso. A *medicina terapêutica* fracassa naturalmente contra os agentes fluídicos; pela mesma razão, *a medicina fíuídica* fracassa lá onde seria preciso opor a matéria à matéria; a *medicina homeopática* nos parece ser a intermediária, o traço de união entre esses dois extremos, e deve particularmente triunfar nas afecções que se poderiam chamar mistas. Qualquer que seja a pretensão de cada um desses sistemas *à* supremacia, o que há de positivo é que, cada um de seu lado obtém incontestáveis sucessos, mas que, até o presente, nenhum justificou de estarem posse exclusiva da verdade; de onde é preciso concluir que todos têm sua utilidade, e que o essencial é aplicá-los a propósito.

Não temos que nos ocupar aqui dos casos em que o tratamento fluídico é aplicável, mas da causa pela qual esse tratamento, às vezes, pode ser instantâneo, ao passo que em outros casos ele exige uma ação continuada.

Esta diferença prende-se *à* própria natureza e *à* causa primeira do mal. Duas afecções que apresentam, em aparência, sintomas idênticos, podem ter causas diferentes; uma pode ser determinada pela alteração das moléculas orgânicas, e, neste caso, é preciso reparar, substituir, como me foi dito, as moléculas deterioradas por moléculas sadias, operação que não se pode fazer senão gradualmente; a outra, por infiltração nos órgão sadios, de um fluido mau que lhe perturba as funções. Neste caso, não se trata de reparar, mas de expulsar. Estes dois casos requerem, no fluido curador, qual idades diferentes; no primeiro, é preciso um fluido mais doce do que violento, rico, sobretudo, em princípios reparadores; no segundo, um fluido enérgico, mais próprio para a expulsão do que a reparação; segundo a qualidade desse fluido, a expulsão pode ser rápida e como pelo efeito de uma descarga elétrica. O doente, subitamente liberto da causa estranha que o fazia sofrer, sente-se imediatamente aliviado, como ocorre na extirpação de um dente estragado. O órgão, não estando mais obliterado, retorna ao seu estado normal e retoma as suas funções.

Assim podem se explicar as curas instantâneas, que não são, em realidade, senão uma variedade da ação magnética. Elas repousam, como se vê, sobre um princípio essencialmente fisiológico e nada têm de mais miraculoso do que os outros fenômenos espíritas. Compreende-se, deste então, porque essas espécies de cura não são aplicáveis a todas as doenças. Sua obtenção prende-se, ao mesmo tempo, *à* causa primeira do mal, que não é a mesma em todos os indivíduos, e às qualidades especiais do fluido que se lhe opõem. Disto resulta que tal pessoa que produz efeitos rápidos não está sempre própria a um tratamento magnético regular, e que excelentes magnetizadores são impróprios às curas instantâneas.

Esta teoria pode se resumir assim: "Quando o mal exige a reparação de órgãos alterados, a cura é necessariamente lenta, e requer uma ação continuada e um fluido de uma qualidade especial; quando se trata da expulsão de um mau fluido, ela pode ser rápida e mesmo instantânea."

Para simplificar a questão, não consideramos senão os dois pontos extremos; mas, entre os dois, há nuanças infinitas; quer dizer, uma multidão de casos onde as duas causas existem simultaneamente em diferentes graus, e com mais ou menos preponderância de cada uma; onde, por conseqüência, é preciso, ao mesmo tempo, expulsar e reparar. Segundo a das duas causas que predomine, a cura é mais ou menos lenta; se for a do mau fluido, depois da expulsão é preciso a reparação; se for a desordem orgânica, depois da *reparação é* preciso a expulsão. A cura não é completa senão depois

da destruição das duas causas. É o caso mais comum; eis porque os tratamentos terapêuticos têm, freqüentemente, necessidade de ser completados por um tratamento fluídico e reciprocamente; é também porque as curas instantâneas, que ocorrem nos casos onde a predominância fluídica é, por assim dizer, exclusiva, não poderão jamais se tornarem um meio curativo universal; elas não são, consequentemente, chamadas a suplantar nem a medicina, nem a homeopatia, nem o magnetismo comum.

A cura instantânea radical e definitiva pode ser considerada como um caso excepcional, tendo em vista que ela é rara: 1° que a expulsão do mau fluido seja completa na primeira vez; 2°que a causa fluídica não seja acompanhada de alguma alteração orgânica, o que obriga, nume no outro caso, a ela retornar várias vezes.

Enfim, não podendo os maus fluidos virem senão de maus Espíritos, sua introdução na economia se liga, freqüentemente, à obsessão. Disto resulta que, para obter a cura, é preciso tratar, ao mesmo tempo, o doente e o Espírito obsessor.

Estas considerações mostram quantas coisas é preciso ter em conta no tratamento dos doentes, e quanto resta ainda a aprender sob este aspecto. Além disto, elas vêm confirmar um fato capital, que ressalta da obra/A *Gênese,* que é a aliança do Espiritismo e da ciência. O Espiritismo caminha no mesmo terreno que a ciência até os limites da matéria tangível; mas ao passo que a ciência se detém nesse ponto, o Espiritismo continua o caminho, e prossegue suas investigações nos fenômenos da Natureza, com a ajuda dos elementos que haure no mundo extra-material; somente lá está a solução das dificuldades contra as quais a ciência se choca.

Nota. A pessoa cujo pedido motivou esta explicação está no caso dos doentes de causas complexas. Seu organismo está profundamente alterado, ao mesmo tempo que está saturado dos fluidos mais perniciosos, que a tornam incurável somente pela terapêutica comum. Uma magnetização violenta e muito enérgica não produziria senão uma superexcitação momentânea, logo seguida de uma prostração maior, ativando o trabalho da decomposição. Ser-lhe-ia preciso uma magnetização doce, por muito tempo sustentada, um fluido reparador penetrante, e não um fluido que sacode mas não repara nada. Ela é, conseqüentemente, inacessível à cura instantânea.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

OS *PENSAMENTOS DO ZUAVO JACOB.*

Precedidos de sua prece e da maneira de curar os que sofrem (1).

(1) Um vol. in-12 de 220 páginas, preço: 2 fr. 50. Casa do editor, rua Bonaparte, 70.

As citações são a melhor maneira de se fazer conhecer o espírito de um livro. Tiramos primeiro, à opinião e ao prefácio do editor, as passagens seguintes daquele que vem de publicar o Sr. Jacob. Os fatos aos quais ele deve sua notoriedade são muito conhecidos para que seja necessário lembrá-los; aliás, *os* expusemos suficientemente na Revista de outubro e novembro de 1866, depois do campo de Châlons, e nos números de outubro e novembro de 1867.

"Henrí Jacob, hoje músico no regimento dos zuavos da guarda imperial, nasceu em 6 de março de 1828, em Saint-Martin-des-Champs (Saône-et-Loire). Todos seus estudos consistem em um ano de classe na escola municipal; não recebeu, pois, outra educação além daquela que seu pai pôde lhe dar; ela não ultrapassa a da simples leitura e escrita, e, no entanto, foi ele que, sem o socorro de ninguém, redigiu este escrito que entregamos à publicidade.

"Jacob não é um escritor de profissão; é um homem com aspirações religiosas, que não se decidiu a entregar este volume à publicidade senão ante solicitações muito esmagadoras. Para ele, esta obra é sua profissão de f é ao Deus criador; uma prece, um hino, porassim dizer, que dirige ao Todo-Poderoso. Ele está escrito num bom espírito,

sem paixão, e nele não faz alusão a nenhum culto nem a nenhum espírito de partidos políticos.

"Jacob é um ser dotado de alguma imaginação, nada de mais. O leitor muito se enganaria se visse em seu sentimentos outra coisa senão Deus e a Humanidade; toda sua ambição é trazer algum alívio a esta última.

"Em suas páginas, vemos uma espécie de heroísmo e de grandeza se refletirem nos atos de filantropia tão maravilhosamente realizados por Jacob, crente firme, que sabe que pode muito, porque Deus vem em sua ajuda em seus trabalhos difíceis, e que só Deus os conduz a bom termo."

O Sr. Jacob primeiro dá conta, em termos simples e sem ênfase, de um sonho ou visão, que contribuiu para a elevação de seus pensamentos a Deus, e a fixar suas idéias sobre o futuro.

Vem em seguida um profissão de fé, em forma de epíteto intitulada:

"Aos meus irmãos em Espiritismo" e da qual extraímos as passagens seguintes:

"Antes da minha iniciação na ciência espírita, eu vivia nas trevas; meu coração jamais havia sentido as doçuras da paz! minha alma jamais havia conhecido a alegria; eu vivia preso à Terra com os tormentos que ela suscita aos homens materiais, sem pensar que há mundos melhores, que Deus, nosso Pai de todos, a criou para fazer gozar de uma felicidade inefável aqueles que praticam o bem neste mundo.

"Por minha iniciação na Doutrina Espírita, adquiri a convicção de que Deus, em sua misericórdia, nos envia os bons Espíritos para nos aconselharem e nos encorajarem na prática do bem, e nos deu o poder de nos comunicarmos com eles e com aqueles que deixaram a Terra e que são queridos ao nosso coração. Esta convicção clareou minha alma! vi a luz. Pouco a pouco me fortaleci em minha convicção, e, por este meio, cheguei à faculdade de *médium escrevente.*

"Minhas conversas com os Espíritos e seus bons conselhos me encheram de uma fé viva, confirmando-me as verdades da ciência espírita, que fortaleceram minha fé, e, pela fé, a faculdade de curar me foi dada.

"Assim, pois, meus caros amigos, que uma fé viva esteja sempre em vós para a prática das máximas espíritas que são: o amor de Deus, a fraternidade e *a* caridade. Amemo-nos uns aos outros, e todos nós possuiremos a faculdade de nos aliviar mutuamente, e muitos poderão chegar a curar, disto tenho a convicção.

"Sejamos, pois, sempre caridosos e generosos e seremos sempre assistidos pelos bons Espíritos. Todos vós que sois iniciados na Doutrina Espírita, ensinai-a àqueles que estão ainda nas trevas da matéria; abri suas almas *a* luz e gozarão, por antecipação, da felicidade que espera, nos mundos superiores, aqueles que praticam o bem entre nós.

"Sede firmes em vossas boas resoluções; vivei sempre numa grande pureza d'alma, e Deus vos dará o poder de curar os vossos semelhantes. Eis a minha prece:

"Meu Deus, fazei-me a graça de permitir aos bons e benevolentes Espíritos de virem me assistir de intenção e de fato nas obras de caridade que desejo realizar aliviando os infelizes que sofrem. É em vosso nome e em vosso louvor, meu Deus, que esses benefícios se derramam sobre nós."

"Crede, tende fé! e quando quiserdes aliviar um doente, depois de vossa prece, colocai vossa mão sobre seu coração, e pedi calorosamente a Deus o socorro de que tendes necessidade, e, disto tenho a convicção, o eflúvio divino se infiltrará em vós para aliviar ou curar vosso irmão que sofre. Eu, minha primeira cura consciente foi a de fazer sair de sua cama de dor um colérico, operando desta maneira; por que gostaríeis que eu seja mais privilegiado do que vós, por Deus, que é sabedoria e justiça?

"Por vossas cartas, me pedis para corresponder convosco e vos ajudar com meus conselhos. Vou vos fazer parte daqueles que os Espíritos me inspiraram, e responder ao

vosso apelo, cheio de boa vontade de ser útil à vossa felicidade. O meu seria grande se eu pudesse cooperar ao triunfo do grau de perfeição onde desejo vos ver chegar."

Segue uma série de 217 cartas que constituem, propriamente falando, o corpo do volume. São as comunicações obtidas pelo Sr. Jacob, médium escrevente, em diferentes grupos ou reuniões espíritas. São excelentes conselhos de moral, em estilo mais ou menos correto; encorajamentos à prática da caridade, da fraternidade, da humildade, da doçura, da benevolência, do devotamento pela Doutrina Espírita, do desinteresse moral e material; exortações à reforma de si mesmo. O moralista mais severo nele não encontrará nada a censurar, e seria a desejar que todos os médiuns, de cura e outros, e todos os espíritas em geral, colocassem em prática esses sábios conselhos. Não se pode senão felicitar o Sr. Jacob pelos sentimentos que exprime, e, lendo este livro, não virá ao pensamento de ninguém que é obra de um charlatão; é, pois, um desmentido dado às acusações que a malevolência interessada se apraz lançar contra ele; àqueles que, por zombaria, o apresentaram como um taumaturgo ou fazedor de milagres.

Se bem que essas numerosa comunicações sejam todas concebidas num excelente espírito, é de se lamentar que a uniformidade dos assuntos de que elas tratam, lançam um pouco de monotonia sobre essa leitura. Elas não encerram nem explicações, nem instruções especiais sobre a mediunidade de cura, que não é senão a parte acessória do livro. O relato de alguns fatos autênticos *de* cura, e as circunstâncias que os acompanharam, teria juntado ao interesse e à utilidade prática desta obra.

Eis, de resto, como o Sr. Jacob descreve o que se passa nas sessões onde se reúnem os doentes:

"No momento da sessão, depois de ter dirigido a Deus minha curta mas fervorosa prece, sinto meus dedos se contraírem, e, tocando o doente, reconheço, então, a força do fluido *a* umedecer suas mãos; algumas vezes elas são inundadas de transpiração; e o calor que as partes inferiores ganham é também um complemento do indício do alívio quase instantâneo que ele sente.

"No entanto, não é pela minha própria inspiração que os doentes devem ver desaparecer os males que os acabrunham, mas muito à vontade de Deus; também vejo errar ao meu redor, no meio de uma brilhante luz, um grande números de Espíritos benevolentes que parecem se associar à minha penosa missão. Há um deles, sobretudo, que me deixa muito distintamente perceber a auréola que deve cercar sua cabeça venerável. Ao seu lado se acham duas pessoas todas irradiantes, cercadas de inumeráveis Espíritos. O primeiro parece me guiar e me inspirarem minhas operações, se posso assim me exprimir; enfim, o quarto onde dou minhas consultas está sempre cheio de uma luz viva que vejo continuamente se refletir sobre os doentes.

"Depois da sessão, não me resta nenhuma lembrança do que se passou; é por isso que recomendo, muito insistentemente, às pessoas presentes para prestarem a maior atenção às palavras que dirijo aos doentes que se oferecem a mim para serem examinados e curados, se, no entanto, isto for possível."

A obra termina por alguns conselhos sobre o regime higiênico que devem seguir os doentes de que ele cuida.

OS ESPIRITISMO DIANTE DA RAZÃO, por Valentin Tournier, antigo jornalista. - Broch. in-18 de 72 páginas. Preço: 1 fr.-CARCASSONNE, casa Lajouxe e casa Maillac, livrarias.

O autor deste opúsculo se propôs fazer duas conferências públicas sobre o Espiritismo; tendo sido disto impedido pela circunstâncias independentes de sua vontade, são essas duas conferências que hoje ele publica. Dirigindo-se ao público não convicto, ele examina sucessivamente as questões seguintes: O Espiritismo é uma coisa séria? -Os

estudos espíritas oferecem perigos?- Esses estudos são úteis? -Os fenômenos são possíveis? - São eles reais? - Qual é a autoridade competente para conhecer dos fatos?

Retornaremos sobre essa interessante publicação que hoje nos limitamos a assinalar.

A segunda edição de *A Gênese,* estando quase esgotada, tira-se, neste momento, a terceira, de maneira a que não haja interrupção.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS.

A REGENERAÇÃO.

(Lyon, 11 de março de 1867. Méd. Sra. B...)

"Naquele tempo não haverá mais nem gritos nem luto, nem trabalho, porque o que era antes terá passado."

Esta predição do Apocalipse foi ditada há dezoito séculos, e se espera ainda que essas palavras se realizem, porque se olham sempre os acontecimentos quando eles já se passaram, e não quando se desenrolam aos nossos olhos.

No entanto, essa época predita é chegada; não há mais dor para aquele que soube se colocar na margem do caminho, a fim de deixar passarem as mesquinharias da vida sem detê-las para delas fazer uma arma ofensiva contra a sociedade.

Estais no meio desses tempos como a espiga dourada está na colheita; viveis sob o olhar de Deus, e sua irradiação vos ilumina! De onde vem que vos inquietais com a marcha dos acontecimentos que foram previstos por Deus, então que não éreis ainda senão as crianças da geração da qual Jesus falava quando dizia: "antes que esta geração passe acontecerão grandes coisas?"

O que sois, Deus o sabe; o que sereis, Deus o vêl cabe a vós muito vos compenetrar do caminho que vos esta traçado, porque vossa tarefa é de vos submeter a tudo o que Deus decidiu. Vossa resignação, e sobretudo vossa amenidade, não são senão os testemunhos de vossa inteligência e de vossa fé na eternidade.

Acima de vós, neste universo onde vosso mundo se coloca, planam os Espíritos mensageiros que receberam a missão de vos guiar. Eles sabem quando se cumprirão os acontecimentos preditos; é por isso que vos dizem: "Não haverá mais, então, nem gritos, nem luto, nem trabalho."

Sem dúvida, não pode mais ali haver grito para aquele que se submete às vontades de Deus e que aceita suas provas. Não há mais luto uma vez que sabeis que os Espíritos que vos precederam não estão perdidos para vós, mas que estão em viagem; ora, não se fica de luto quando um amigo se ausenta.

O próprio trabalho se torna um favor, uma vez que se sabe que ele é um concurso à obra harmônica que Deus dirige; executa-se, então, sua parte de trabalho com a solicitude que o estatuário põe para polir sua estátua. É uma recompensa infinita que Deus vos concede.

No entanto, reencontrarei ainda entraves em vossas tentativas para chegar à melhoria social. E que não se chega jamais ao resultado sem que a luta venha afirmar seus esforços. O artista é obrigado a vencer os obstáculos que se opõem à irradiação de seu pensamento; ele não se toma vitorioso senão quando soube se elevar acima das privações e dos vapores brumosos que envolvem seu gênio, ao seu nascimento.

A idéia que surgiu foi semeada pelos Espíritos quando Deus lhe disse: "Ide e instruí as nações; ide e derramai a luz." Esta idéia que cresceu com a rapidez de uma inundação, naturalmente, deveu encontrar contraditares, oponentes e incrédulos. Ela *não seria a fonte de vida, se devesse sucumbir sob as zombarias que a acolheram em seu início.* Mas o próprio Deus guia esse pensamento através da imensidão; o fecunda sobre *a* Terra, e ninguém o destruirá! Inutilmente que se procuraria extirpar-lhe as raízes;

trabalhar-se-ia em vão para aniquilá-lo nos corações; em nascendo, as crianças o trazem, e dir-se-ia que um sopro de Deus o incrusta em seu berço, como outrora a Estrela do Oriente clareou aqueles que vinham diante de Jesus trazendo ele mesmo a idéia regeneradora do cristianismo.

Vedes bem, pois, que esta geração não passará sem que cheguem grandes coisas, uma vez que, com a idéia, a fé se eleva e a esperança irradia... Coragem! o que foi predito pelo Cristo deve-se realizar. Nesses tempos de aspiração à verdade, a luz que ilumina todo homem vindo a este mundo, brilha de novo sobre vós; perseverai na luta, sede firmes e desconfiai das armadilhas que vos são estendidas; ficai ligados a esta bandeira onde vós haveis escrito: Fora *da caridade não há salvação,* e depois esperai, porque aquele que recebeu a missão de vos regenerar retorna, e ele disse: Bem-aventurados aqueles que conhecerem o meu novo nome!

UM ESPÍRITO.

Errata.

Número de abril de 1867, página 103, linha 3: Salmo XXV,*v.* 17; lede: Salmo XXI, v. 18 e 19.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO | NO. 4 | ABRIL 1868

CORRESPONDÊNCIA INÉDITA DE LAVATER

COM A IMPERATRIZ MARIA DA RÚSSIA.

(Continuação. - Ver o número de março de 1868).

TERCEIRA CARTA.

Muito venerada Imperatriz,

A sorte exterior de cada alma, despojada de seu corpo, responderá ao seu estado interior, quer dizer, que tudo lhe aparecerá tal qual ela própria é. À boa, tudo parecerá no bem; o mal não aparecerá senão nas almas dos maus. As naturezas afetuosas cercarão a alma afetuosa; a alma odiosa atrairá para ela naturezas odiosas. Cada alma verá a si mesma refletida nos Espíritos que se lhe assemelham. O bom se tomará melhor e será admitido nos círculos compostos de seres que lhes são superiores; o santo se tomará mais santo unicamente pela contemplação dos Espíritos mais puros e mais santos do que ele; o Espírito afetuoso se tomará mais afetuoso ainda; mas também cada ser mau se tornará pior unicamente pelo seu contato com os outros seres maus. Se já sobre a Terra nada é mais contagioso e mais arrastador do que a virtude e o vício, o amor e o ódio, do mesmo modo, além do túmulo, toda perfeição moral e religiosa, assim como todo o sentimento imoral e irreligioso, necessariamente, devem se tomar ainda mais arrastadores e mais contagiosos.

Vós, muito honrada Imperatriz, vos tomareis todo amor no círculo de almas benevolentes.

O que restará ainda em mim de egoísmo, de amor-próprio, de tibieza pelo reino e pelos desejos de Deus, será inteiramente engolido pelo sentimento de amor, se foi predominante em mim, e se depurará ainda, sem cessar, pela presença e pelo contato dos Espíritos puros e afetuosos.

Depurados pela força de nossa aptidão para amar, largamente exercida neste mundo; purificados ainda mais pelo contato e a irradiação, sobre nós, do amor dos Espíritos puros e elevados, seremos gradualmente preparados para a visão direta do amor mais perfeito, para que ele não possa nos deslumbrar, nos assustar, e nos impedir de gozá-lo com delícias.

Mas como, muito venerada Imperatriz, uma fraqueza mortal poderia, ousaria se fazer uma idéia da contemplação desse amor personificado? E tu, caridade inesgotável! como poderias te aproximar daquele que haure unicamente em ti o amor, sem assustá-lo e sem deslumbrá-lo?

Penso que, no começo, ele aparecerá invisivelmente ou sob uma forma irreconhecível.

Sempre não agiste desta maneira? Quem amou mais invisivelmente do que Jesus? Quem, melhor do que ele, sabia representar a individualidade incompreensível do desconhecido? Quem soube melhor do que ele se tornar irreconhecível, ele que poderia se fazer conhecer melhor do que nenhum mortal ou de qualquer Espírito imortal? Ele, que todos os céus adoram, veio sob a forma de um modesto operário e conservou, até a morte, a individualidade de um Nazareno. Mesmo depois de sua ressurreição, apareceu primeiro sob uma forma irreconhecível e não se fez reconhecer senão depois. Penso que ele conservará sempre esse modo de ação, tão análogo à sua natureza, à sua sabedoria e ao seu amor. Foi sob a forma de um jardineiro que ele apareceu a Maria no jardim onde ela o procurava e onde já desesperava de encontrá-lo. De início irreconhecível, não foi reconhecido senão alguns instantes depois.

Foi assim, sob uma forma irreconhecível, que ele se aproximou de dois de seus discípulos, que caminhavam cheios dele e a ele aspiravam. Ele caminhou por muito tempo ao seu lado; seus corações queimaram com uma chama santa: eles sentiam a presença de algum ser puro e elevado, mas antes de um outro do que ele; não o reconheceram senão no momento da partida do pão, no momento de seu desaparecimento e quando, ainda na mesma noite, o viram em Jerusalém. A mesma coisa teve lugar nas margens do lago de Tiberíades, e quando irradiando em sua glória deslumbradora, ele apareceu a Saul.

Como todas as ações de nosso Senhor, todas as suas palavras e todas suas revelações são sublimes e dramáticas!

Tudo segue uma marcha incessante que, empurrando sempre para afrente, se aproxima cada vez mais de um objetivo que, no entanto, não é o objetivo final. O Cristo é o herói, o centro, o personagem principal, ora visível, ora invisível, nesse grande drama de Deus, tão admiravelmente simples e complicado ao mesmo tempo, que jamais terá fim, embora tendo parecido mil vezes acabado.

Ele parece sempre, de início irreconhecível, na existência de cada um de seus adoradores. Como o amor poderia se recusar a aparecer ao ser que o ama, justo no momento em que este tem maior necessidade dele?

Sim, tu, o mais humano dos homens, tu aparecerás aos homens da maneira mais humana! Tu aparece rasa alma afetuosa a quem escrevo! tu me aparecerás também, primeiro irreconhecível, e, depois, te farás conhecer a nós. Nós te veremos uma infinidade de vezes, sempre outro e sempre o mesmo, sempre mais belo à medida que nossa alma se melhora, e jamais pela última vez.

Elevemo-nos mais freqüentemente para essa idéia embriagadora que eu tratarei, com a permissão de Deus, de esclarecer mais amplamente em minha próxima carta, e de vos tornar mais surpreendente por uma comunicação dada por um defunto.

l. IX. 1798. LAVATER.

QUARTA CARTA.

Em minha carta precedente, mui venerada Imperatriz, prometi vos enviar a carta de um defunto ao seu amigo sobre a Terra; ela poderá melhor vos fazer compreender e se apoderar de minhas idéias sobre o estado de um cristão depois da morte de seu corpo. Tomo a liberdade de juntá-la a esta. Julgai-a do ponto de vista que eu vos haja indicado e levai vossa atenção antes sobre o assunto principal do que sobre alguns detalhes particulares que o cercam, embora *eu tenha razões de* supor que estes últimos encerram também alguma *coisa de verdadeiro.*

Para a compreensão das matérias que eu vos exporei na continuação sob esta forma, creio necessário vos fazer notar que tenho quase a certeza de que, apesar da existência de uma lei geral, idêntica e imutável de castigo e de felicidade suprema, cada Espírito, segundo seu caráter individual, não somente moral e religioso, mas mesmo pessoal e oficial, terá sofrimentos a suportar depois de sua morte terrestre e gozará de felicidades que não serão apropriadas senão unicamente a ele. A lei geral se individualizará para cada indivíduo em particular, quer dizer que ela produzirá, em cada um, um efeito diferente e pessoal, tudo como o mesmo raio de luz atravessando um vidro colorido, convexo ou côncavo, dele tira, em parte, sua cor e sua direção. Eu gostaria, pois, que fosse aceito positivamente: que, *embora todos os Espíritos felizes, menos felizes ou sofredores se encontrem sob a mesma lei muito simples de semelhança ou de dissemelhança com o mais perfeito amor, deve se presumir que o caráter substancial, pessoal, individual de cada Espírito lhe constitui um estado de sofrimento ou de felicidade, essencialmente diferente do estado de sofrimento ou de felicidade de um outro Espírito. Cada um sofre de maneira que difere do sofrimento de um outro, e sente os gozos que um outro não seria capaz de sentir. A cada um os mundos material e imaterial, Deus e o Cristo, se apresentam sob uma forma particular, sob a qual não aparecem a ninguém exceto ele. Cada um tem seu ponto de vista não pertencendo senão unicamente a ele. A cada Espírito Deus fala uma língua só a ele compreensível. A cada um ele se comunica em particular e lhe concede os gozos que só ele está em estado de sentir e de conter.*

Esta idéia, que considero como uma verdade, serve de base a todas as comunicações seguintes, dadas pelos Espíritos desencarnados aos seus amigos da Terra.

Sentir-me-ia feliz em sabendo que compreendestes como cada homem, pela formacão de seu caráter individual e o aperfeiçoamento de sua individualidade, pode se preparara si mesmo os gozos particulares e uma felicidade apropriada unicamente a ele.

Como nada se esquece tão depressa, e como nada é menos procurada pelos homens do que essa felicidade apropriada a cada indivíduo, se bem que cada um possua toda a possibilidade de proporcioná-la a si mesmo, e dela gozar, tomo a liberdade, sábia e venerada Imperatriz, de vos pedir com instância de se dignar analisar com atenção esta idéia que certamente não podeis considerar como inútil para a vossa própria edificação e vossa elevação até Deus: Deus se *colocou, ele mesmo, e colocou o universo no coração de cada homem.*

Todo homem é um espelho particular do universo ede seu criador. Façamos, pois, todos os nossos esforços, mui venerada Imperatriz, para manter esse espelho tão puro quanto possível, para que Deus possa nele ver a *si mesmo* e sua mil vezes bela criação, refletidos para sua inteira satisfação.

JEAN-GASPAR LAVATER.

Zurique, 14.IX.1798.

CARTA DE UM DEFUNTO AO SEU AMIGO SOBRE A TERRA, SOBRE O *ESTADO DOS ESPÍRITOS DESENCARNADOS.*

Enfim, meu bem-amado, me é possível satisfazer, embora em parte somente, meu desejo e o teu, e de te comunicar alguma coisa concernente ao meu estado atual. Por esta vez, não posso te dar senão poucos detalhes. Tudo dependerá no futuro *do uso que* /aras de *minhas comunicações.*

Sei que o desejo que sentes de ter noções sobre mim, assim como em geral sobre o estado de todos os Espíritos desencarnados, é muito grande, mas não ultrapassa o meu de te ensinar o que é possível revelar. O poder de amar daquele que amou no mundo material, cresce inexprimivelmente quando se toma cidadão do mundo imaterial. Com o

amor aumenta também o desejo de se comunicar com aqueles que conheceu, o que ele *pode,* o que lhe é *permitido* transmitir.

Devo começar por te explicar, meu bem-amado, a tique amo todos os dias antes, por qual meio me será possível escrever-te, sem poder tocar, ao mesmo tempo, o papel e conduzir a caneta, e como poderei te falar numa língua toda terrestre e humana que, em meu estado habitual, eu não compreendo.

Somente esta indicação deve te servir de traço de luz, para poder compreender como deves encarar o nosso estado presente.

Imagina-te meu estado atual diferente do precedente, quase como o estado da borboleta volteando no ar, difere de seu estado de crisálida. Eu sou justamente essa crisálida transfigurada e emancipada, tendo já sofrido duas metamorfoses. Tudo como a borboleta volteia ao redor das flores, freqüentemente, nós volteamos ao redor das cabeças dos bons, mas não sempre. Uma luz invisível para vós mortais, pelo menos visível a bem poucos entre vós, irradia ou brilha docemente ao redor da cabeça de todo homem bom, afetuoso e religioso. A idéia da auréola da qual se cerca a cabeça dos santos é essencialmente verdadeira e racional. Esta luz, simpatizando com a nossa, todo ser feliz não o é senão pela luz, o atrai para ela segundo o grau de sua claridade, que corresponde à nossa. Nenhum Espírito impuro ousa e não pode se aproximar dessa santa luz. Repousando-nos nessa luz, acima da cabeça do homem bom e piedoso, podemos ler, incontinente, em seu espírito. Nós o vemos tal qual é em realidade. Cada raio saindo dele é para nós uma palavra, freqüentemente todo um discurso; nós respondemos aos seus pensamentos. Ele ignora que somos nós que respondemos. Excitamos nele idéias que, sem a nossa ação, jamais teria estado em condições de conceber, embora a disposição e a aptidão para receber sejam inatas em sua alma.

O homem digno de recebera luz se torna assim um órgão útil e muito proveitoso para o Espírito simpático, que deseja comunicar-lhe as suas luzes.

Encontrei um Espírito, ou antes um homem acessível à luz, do qual pude me aproximar, e é pelo seu órgão que eu te falo. Sem seu intermédio, ter-me-ia sido impossível conversar contigo humanamente, verbalmente, palpavelmente, em uma palavra, de te escrever.

Recebes, pois, desta maneira, uma carta anônima de um homem que tu não conheces, mas que nutre em si uma forte tendência para as matérias ocultas e espirituais. Eu plano acima dele; coloco-me sobre ele, quase como o mais divino de todos os Espíritos repousou sobre o mais divino de todos os homens, depois de seu batismo; eu lhe suscito idéias; ele as transcreve sob minha intuição, sob minha direção, pelo efeito de minha irradiação. Por um ligeiro toque, faço vibrar as cordas de sua alma de maneira conforme à sua individualidade e à minha. Ele escreve o que desejo lhe fazer escrever; eu escrevo por seu intermédio; minhas idéias se tornam as suas. Em escrevendo ele se sente feliz. Ele se torna mais livre, mais animado, mais rico em idéias. Parece-lhe que vive e que plana num elemento mais alegre, mais claro. Ele caminha lentamente, como um amigo conduzido pela mão de um amigo, e é desta maneira que tu recebes de mim uma carta. Aquele que escreve se supõe ser livre e o é muito realmente. Não sofre nenhuma violência; é livre como o são dois amigos que, caminhando de braço dado, se conduzem, no entanto, reciprocamente.

Tu deves sentir que *meu* Espírito se acha em relação direta com o teu; concebes o que te digo; tu ouves meus mais íntimos pensamentos. É bastante por esta vez. O dia em que ditei esta carta chama-se em vossa casa o 15IX1798.

QUINTA CARTA.

Mui venerada Imperatriz, De novo uma pequena carta chegada do mundo invisível.

No futuro, se Deus o permitir, as comunicações seguir-se-ão de mais perto.

Esta carta contém uma parte muito pequena daquilo que pode ser dito a um mortal, sobre o aparecimento e a visão do Senhor. É simultaneamente, e sob milhões de formas diferentes, que o Senhor aparece às miríades de seres. Ele quer, e ele mesmo se multiplica por suas inumeráveis criaturas, em se individualizando, ao mesmo tempo, para cada uma delas em particular.

A vós, Imperatriz, ao vosso Espírito de luz ele aparecerá um dia, como apareceu a Maria Madalena, no jardim do sepulcro. De sua boca divina o ouvireis um dia, quando dele sentireis a maior necessidade, e quando menos esperais, vos chamar pelo vosso nome Maria. *Rabbi!* respondereis ao seu chamado, penetrada do mesmo sentimento de felicidade suprema quanto o foi Madalena, e cheia de adoração, como o apóstolo Tome, direis: *"Meu Senhor e meu Deus."*

Apressamo-nos em atravessaras noites de trevas para chegarmos à luz; passamos pelos desertos para atingir a Terra prometida; sofremos as dores do parto para renascer para a verdadeira vida.

Que Deus e o vosso Espírito esteja convosco em vosso Espírito.

Zurique, 13X11798.

JEAN-GASPAR LAVATER.

CARTA DE UM ESPÍRITO FELIZ *AO SEU AMIGO DA TERRA SOBRE A PRIMEIRA VISÃO DO SENHOR.*

Caro amigo,

De mil coisas das quais desejaria te falar, não direi, desta vez, senão uma só que te interessa mais do que todas as outras. Obtive autorização para fazê-lo. Os Espíritos nada podem sem uma permissão especial. Eles vivem, sem sua *própria vontade,* somente na vontade do Pai celeste, que transmite suas ordens a milhares de seres ao mesmo tempo, como a um único, e responde instantaneamente sobre uma infinidade de assuntos, a milhares de suas criaturas que se dirigem a ele.

Como te *lazer* compreender de que maneira vi o Senhor? Oh! de maneira muito diferente daquela que vós, seres ainda mortais, não o podeis imaginar.

Depois de muitas aparições, instruções, explicações e prazeres que me foram concedidos pela graça do Senhor, atravessei uma vez uma região paradisíaca, com mais ou menos doze outros Espíritos, que tinham subido, aproximadamente pelo mesmo grau de perfeição do que eu. Nós planamos, volitamos um lado ao do outro, numa doce e agradável harmonia, formando como uma leve nuvem, e nos parecia sentir o mesmo arrastamento, a mesma propensão até um objetivo muito elevado. Nós nos comprimimos sempre mais um contra o outro. À medida que avançávamos, nos tornávamos sempre mais íntimos, mais livres, mais alegres, mais prazerosos e mais aptos a gozar, e dizíamos: "Oh! quanto é bom e misericordioso *Aquele* que nos criou! *Aleluia ao Criador! fo\ o* amor que nos criou! *Aleluia ao Ser afetuoso!* animados por tais sentimentos, prosseguimos o nosso vôo e nos detemos junto de uma fonte.

Ali sentimos a aproximação de uma brisa leve. Ela não levava um homem nem um anjo, e, no entanto, o que avançava para nós tinha alguma coisa de tão humano que isto atraiu toda a nossa atenção. U ma luz resplandecente, semelhante de alguma sorte à dos Espíritos felizes, mas não a superando, nos inundou. "Aquele é também dos nossos! pensamos simultaneamente e como por intuição." Ela desapareceu, e, de início, nos pareceu que tínhamos sido privados de alguma coisa. "Que ser particular! dissemo-nos; que andar real! e, ao mesmo tempo, que graça infantil! que amenidade e que majestade!"

Enquanto falávamos assim a nós mesmos, subitamente uma forma graciosa nos apareceu, saindo de um delicioso bosquezinho, e nos fez uma saudação amigável. O

recém-chegado não se assemelhava à aparição precedente, mas tinha, do mesmo modo, alguma coisa de superiormente elevado e de inexprimivelmente simples ao mesmo tempo. "Sede bem-vindos, irmãos e irmãs!" disse ele. Nós respondemos de uma só voz: "Sois o bem-vindo, tu, o bendito do Senhor! o céu se reflete em tua face e o amor de Deus irradia de teus olhos."

- Quem sois? perguntou o desconhecido. - Nós somos os alegres adoradores do todo-poderoso *Amor,* respondemos.

- Quem é o todo-poderoso *Amor?* perguntou-nos ele, com uma graça perfeita.

-Não conheces o todo-poderoso Amor? Perguntamos nós, a nosso turno, ou antes fui eu quem lhe dirigiu essa pergunta, em nome de todos.

- Eu o conheço, disse o desconhecido com uma voz ainda mais doce.

- Ah! se pudéssemos ser dignos de vê-lo e de ouvir sua voz? mas não nos sentimos bastante depurados para merecer contemplar diretamente a mais santa pureza."

Em resposta a estas palavras, ouvimos retinir atrás de nós uma voz que nos disse: "Estais lavados de toda mancha, estais purificados. Sois declarados justos por Jesus Cristo e pelo Espírito de Deus vivo!"

Uma felicidade inexprimível se derramou em nós no momento em que, nos voltando na direção de onde partia a voz, queríamos nos precipitar de joelhos para adorar o interlocutor invisível.

Que aconteceu! Cada um de nós ouviu instantaneamente um nome, que não tínhamos jamais ouvido pronunciar, masque cada um de nós compreendeu e reconheceu ao mesmo tempo ser seu próprio novo nome expressado pela voz do desconhecido. Espontaneamente, com a rapidez do relâmpago, nos voltamos, como um único ser, para o adorável interlocutor, que nos repreendeu assim com uma graça indizível: "Encontrastes o que procuráveis. Aquele que me vê, vê também o todo-poderoso Amor. *Eu conheço os meus e os meus me conhecem. Eu dou às minhas ovelhas a vida eterna, e elas não perecerão na eternidade; ninguém poderá arrancá-las de minhas mãos, nem das mãos de meu Pai. Eu e meu Pai somos um!"*

Como poderei expressarem palavras a doce e suprema felicidade na qual nós nos alegramos, quando aquele que, a cada momento, tornava-se mais luminoso, mais gracioso, mais sublime, estendeu para nós seus braços e pronunciou as palavras seguintes, que vibrarão eternamente em nós, e que nenhuma força seria capaz de fazer desaparecer de nossos ouvidos e de nossos corações: *"Vinde aqui, vós, eleitos de meu Pai: herdeiros do reino que vos foi preparado desde o começo do universo." Depois* disto, nos abraçou a todos simultaneamente, e desapareceu. Nós guardamos o silêncio, e, nos sentindo estreitamente unidos pela eternidade, nos derramamos, sem nos mover, um no outro, docemente e cheios de uma felicidade suprema. O Ser infinito tornou-se um conosco, e, ao mesmo tempo, nosso todo, nosso céu, nossa vida em seu sentido mais verdadeiro. Mil vidas novas pareceram nos penetrar. Nossa existência interior desvaneceu-se para nós; recomeçamos a ser: sentimos a imortalidade, quer dizer, uma superabundância devida e deflores, que levava a marca da indestrutibilidade.

Enfim, recobramos a palavra. Ah! se eu pudesse te comunicar, não fosse senão um único som, de nossa alegre adoração!

"Ele existe! nós somos! Por Ele, só por Ele! - Ele é, - seu ser não é senão vida e amor! -aquele que o vê, vê e ama, é inundado dos eflúvios da imortalidade e do amor provindo de sua face divina, e seu olhar cheio de felicidade suprema!

"Nós te vimos, amor todo-poderoso! Tu te mostraste a nós sob a forma humana, Tu, Deus dos deuses! E, no entanto, Tu não foste nem homem, nem Deus, Tu, Homem-Deus!

"Tu não foste senão amor, todo-poderoso somente como amor! -Tu nos sustentas por tua onipotência, para impedir que a força, mesmo abrandada por teu amor, não nos absorva nela.

"És Tu, és Tu? -Tu que todos os céus glorificam; Tu, oceano de beatitude; - Tu, todo-poder; - Tu, que outrora, encarnando nos humanos, carregavas os fardos da Terra, e, banhado de sangue, suspenso sobre a cruz, Te fizeste cadáver?

"Sim, és Tu, -Tu, glória de todos os seres! Ser diante do qual se inclinam todas as naturezas, que desaparecem diante de Ti, por serem chamadas a viver em Ti!

"Em um de teus raios se encontra a vida de todos os mundos, e de teu sopro não jorra senão o amor!"

Isto, caro amigo, não é senão uma migalha mínima caída no chão da mesa cheia de uma felicidade inefável da qual eu me nutria. Aproveita-o, e ela te será dada logo mais. - Ama, e serás amado. -Só o amor pode aspirar à felicidade suprema. - Só o amor pode dar a felicidade, mas unicamente àqueles que amam.

Oh! meu caro, é porque amas que eu posso me aproximar de ti, comunicar a ti, e te conduzir mais depressa à fonte da vida.

Amor! Deus e o céu vivem em ti, tudo como eles vivem na face e no coração de Jesus Cristo!

Escrevi isto, segundo *a* vossa cronologia terrestre, em 13. XI. 1798.

MAKARIOSENAGAPE.

(O fim no próximo número.)

O FIM DO MUNDO EM 1911

O fim do mundoem1911, tal é o título de uma pequena brochura in-18, de 58 páginas, difundida em Lyon com profusão, e que se acha nessa cidade na casa Josserand, livraria, praça Bellecour, n°3. Às considerações tiradas da concordância do estado atual das coisas com o sinais precursores anunciados no Evangelho, o autor acrescenta, segundo uma outra profecia, um cálculo cabalístico que fixa o fim do mundo no ano de 1911, nem mais nem menos, quer dizer, em quarenta e três anos; de sorte que, entre os vivos de hoje, mais de um será testemunha dessa grande catástrofe. Ora, não se trata aqui de uma figura: é o fim bem real, o aniquilamento da Terra, a dispersão de seus elementos, e a destruição completa de todos os seus habitantes. É lamentável que a maneira pela qual se cumprirá esse acontecimento não esteja indicada, mas é também preciso deixar alguma coisa ao imprevisto.

Ele será precedido do reino do Anticristo. Segundo esses mesmos cálculos, que não foram feitos por Arago, este personagem nasceu em 1855 e deve viver 55 anos e meio; e com a sua morte deve marcar o fim dos tempos, isto nos leva justo em 1911, a menos que não haja tido algum erro de cálculo, como para 1840.

Lembra-se, com efeito, que o fim do mundo havia também sido predito para o ano de 1840; se acreditava de tal modo certo, que era pregado nas igrejas, e ouvimos anunciar em certos catecismos de Paris, às crianças da primeira comunhão, o que não deixou de impressionar lastimosamente alguns jovens cérebros. Como o melhor meio de salvar sua alma sempre foi o de dar dinheiro, de se despojar dos bens deste mundo que são uma causa de perdição, esmolas foram pedidas e doações foram provocadas com este objetivo. Mas o Espírito do mal se intromete por toda parte neste século de pensadores, e leva aos piores pensamentos; ouvimos, com nossos próprios ouvidos, os alunos de catecismo fazerem esta reflexão: "Se, diziam eles, o fim do mundo chega no ano próximo como o asseguram, ele será para os padres tão bem quanto para os outros; então, a quem, pois, lhe servirá o dinheiro que pedem?" Verdadeiramente, não há mais crianças, senão crianças terríveis.

Será assim mesmo no ano de 1911? A brochura em questão nos dá um meio certo para disto nos assegurar, é o retrato do Anticristo, ao qual será fácil reconhecer o original;

ele é bastante característico para que não se possa nisso se enganar. Ele está traçado por um célebre profeta alemão, Holzauzer, nascido em 1613, e que escreveu um comentário sobre o Apocalipse.

Segundo Holzauzer, o Apocalipse não é outra coisa senão a história inteira da Igreja católica desde seu nascimento até o fim do mundo, história que ele divide em sete épocas, figuradas, disse ele, pelas sete Igrejas às quais São João se dirige. Eis alguns dos traços mais característicos do Anticristo, e dos acontecimentos que devem preceder a sua vinda.

Tocamos nesse momento o fim da quinta época. Será então que chegarão essas incríveis infelicidades anunciadas no Apocalipse (cap. VIM). A peste, a guerra, a penúria, os tremores de terra farão vítimas inumeráveis. Todos os povos se levantarão uns contra os outros; a guerra será geral na Europa; mas o incêndio brilhará primeiro na Alemanha...

"Depois dessas guerras formidáveis, que ensangüentarão o mundo inteiro, o protestantismo desaparecerá para sempre, e o império dos Turcos desmoronará. Este será o começo da sexta época.

"Os povos esgotados por esses combates mortíferos, assustados pelos horríveis flagelos que marcarão o fim da quinta época, retornarão ao culto do verdadeiro Deus. Saída vitoriosa das lutas sem número que ela terá sustentado contra as heresias, a indiferença e a corrupção geral, a religião do Cristo reflorirá mais brilhante do que nunca. Jamais a Igreja católica terá tido um triunfo tão brilhante. Seus ministros, modelos de todas as virtudes, percorrerão o mundo para fazerem os homens ouvirem a palavra de Deus. ..

"Mas esse triunfo da religião será de curta duração. O vício abatido, mas não aniquilado, levantará pouco a pouco a cabeça, e logo a corrupção, fazendo rápidos progressos, invadirá de novo todas as classes da sociedade, e se introduzirá até no santuário. Será, então, que se verá a abominação da desolação anunciada pelo profeta. O mundo inteiro não será mais do que um imenso porão de galé, de vícios e de crimes de todas as espécies. Assim terminará a sexta época.

"Então, virá sobre a Terra aquele que os profetas e os Pais da Igreja designaram sob o nome de Anticristo.

"Pobre e desconhecido, ele viverá uma vida miserável durante sua infância e sua primeira juventude. Educado por seu pai no estudo das ciências ocultas, a isto se entregará com furor e fará rápidos progressos. Dotado de uma inteligência pouco comum, de um espírito ardente e resoluto, e de um caráter de ferro, ele mostrará, desde seu berço, as mais violentas paixões. Reconhecendo nessa criança as temíveis qualidades daquele que deve um dia secundá-lo, tão ardentemente em sua luta contra o gênero humano, Satã estremecerá de alegria, e lhe comunicará pouco a pouco todo o seu poder.

Todos aqueles que dele se aproximarem, ficarão maravilhados com seus discursos e com suas ações, e dir-se-á que a mão do Senhor está estendida sobre ele para protegê-lo e conduzi-lo...

"Pouco a pouco, a fama ajudando, e aumentando ainda as maravilhas atribuídas ao jovem chefe, o número de seus sectários se tornará rapidamente muito considerável...

"Logo, vendo-se à testa de um verdadeiro exército, composto de homens devotados até à morte, ele não hesitará mais em tomar o título de rei. Durante algum tempo se ocupará de organizar sua força, e colocar um pouco de ordem entre seus novos súditos, tudo em não negligenciando nada para aumentar-lhe o número. Não tendo nome de família, ele tomará o nome de Cristo, que já lhe terão dado os Judeus...

"Sua ambição, aumentando com sua fortuna, ele formará, em seu orgulho, o desejo de conquistar toda a Terra, e de submeter todos *os* povos às suas leis...

"Em alguns dias, o Anticristo reunirá um exército imenso, e se verá esse novo Átila engolira Europa sob as ondas de suas hordas bárbaras. Os exércitos inimigos, tomados de pavor à vista dos numerosos prodígios que fará, se deixarão dispersar e aniquilar, sem

mesmo tentar combater. Três grandes reinos serão conquistados sem se bater. Seus soberanos expiarão nos mais cruéis suplícios, sua recusa de submissão; e os povos vencidos serão entregues, sem misericórdia, a todos os furores de uma soldadesca desenfreada. Terrificadas em vendo estas bárbaras vinganças, as outras nações logo se submeterão. A Terra inteira não formará mais, então, do que um único e vasto reino, que o Anticristo governará à sua vontade. Ele fará reconstruir, com uma magnificência estranha, a cidade de Jerusalém, e dela fará a sede de seu império...

"Arrastado por seu fatal destino, ele fará todos os esforços para destruir todas as religiões, e sobretudo a religião católica. Sobre os restos do antigo culto, ele reconstruirá o edifício de um culto novo, do qual será, ao mesmo tempo, o grande sacerdote e o ídolo. Esta nova religião terá por toda parte seus defensores e seus sacerdotes. Um dos mais obstinados e dos mais terríveis, aquele que São João designou nos versículos 11, 12,13, do capítulo XIll, pela besta de dois cornos, semelhantes aos da ovelha, serão grande apóstata. Holzauzer o chama assim porque será um dos primeiros a renunciarão Cristianismo para se devotar com furor ao culto do Anticristo.

"Naquele tempo reinará, sobre o trono de São Pedro, um pontífice santo de nome Pedro. Tocado de dor à vista dessas infelicidades assustadoras, e prevendo os perigos terríveis que os fiéis correrão, ele mandará em toda a cristandade exortações para se premunir cada um contra as seduções do Anticristo, do qual mostrará claramente a perfídia. Furiosos com esta resistência aberta e com a influência imensa do Santo Padre, o grande apóstata entrará em Roma à frente de um exército, e matará com sua mão o último sucessor de Pedro, sobre os próprios degraus do altar...

"Por toda a parte as igrejas serão invadidas, os santuários violados, os objetos do culto profanados. Os livros santos serão queimados, a cruz e todos os símbolos de nossa augusta religião pisados aos pés e arrastados ao pó. Os quadros e as estátuas expostos à veneração dos fiéis serão derrubados; em seu lugar levantará a estátua maldita do Anticristo. - E essa estátua falará, disse o profeta...

"E ver-se-ão homens instruídos e eloqüentes pregarem essa idolatria de um novo gênero, e numa linguagem brilhante e adornada com imagens, exaltar os louvores daquele cuja está tua fala e faz milagres... "Para tocar os olhos da multidão, e subjugar as massas, o Anticristo fará prodígios espantosos. Ele transportará as montanhas, caminhará sobre as águas e se elevará nos ares todo brilhante de glória. Ele fará aparecer, ao mesmo tempo, vários sóis ou mergulhará Terra na mais completa escuridão. À sua voz, o raio cairá do céu, os rios suspenderão seus cursos, as muralhas se desmoronarão. Tornando-se invisível à sua vontade, ele se mostrará de um lugar a outro com uma maravilhosa rapidez, e subirá em vários lugares ao mesmo tempo. Enfim, como vimos, ele animará sua imagem e lhe comunicará uma parte de sua força. Mas todos esses prodígios não serão, para a *maioria,* senão ilusões de ótica e o resultado de uma fantasmagoria diabólica; não serão *verdadeiros* milagres, porque Satã, com todo o seu poder, não *poderia mudar as leis da Natureza..."*

Nota. Se não estão aí os milagres, na acepção rigorosa da palavra, não sabemos a que pode se dar este nome; e se esses são, *para a maioria,* ilusões de ótica, estas ilusões se afastam singularmente das leis da Natureza, e seriam elas mesmas milagres, porque jamais se viu o raio cair e as muralhas se desmoronarem por efeitos de ótica. O que ressalta de mais claro nesta explicação é a dificuldade de distinguir os verdadeiros milagres dos falsos, e fazer, nos efeitos dessa natureza, a parte dos santos e a do diabo.

"Ao mesmo tempo que tocará todos os espíritos de espanto e de admiração, o Anticristo, para ganhar todos os corações, chamará a atenção para todos os fora da virtude mais austera. Enquanto ele se entregará aos mais vergonhosos deboches no fundo de seu palácio, terá o ar de fazer acreditar em sua temperança e em sua castidade. Prodigalizando ao seu redor o ouro e a prata, fará grandes bens aos pobres, e estes não estoarão em todos os lugares senão concertos de louvores por sua beneficência e sua

caridade. Será visto, cada dia, passar horas inteiras em preces em seu templo; em uma palavra, se cobrirá com o manto da hipocrisia com tanta habilidade, que mesmo seus mais fiéis servidores serão persuadidos de sua virtude e de sua santidade."

"O Senhor, no entanto, não deixará seus filhos sem defesa e sem recursos durante esses tempos de prova. Enoch e Elias retornarão sobre a Terra para nela pregarem a palavra de Deus, sustentarem a coragem dos fiéis, e revelarem as imposturas dos falsos profetas. Durante mil duzentos e sessenta dias, ou três anos e meio, eles percorrerão o mundo, exortando todos os homens a fazerem penitência e a retomarem ao culto de Jesus Cristo. Eles oporão *verdadeiros*

milagres aos pretensos prodígios do Anticristo e de seus apóstolos.....

mas depois que terão acabado seu testemunho, a besta que sobe do abismo (o Anticristo) lhes fará a guerra, vencê-los-á e os matará."

Nota. Não se poderia afirmar mais decididamente *a reencamação.* Isto não é aqui uma aparência, uma ilusão de ótica, é bem a reencarnação em carne e em osso, uma vez que os dois profetas estão mortos.

"Então, o orgulho do Anticristo não conhecerá mais limites. Orgulhoso da vitória que vem de obter sobre os dois profetas que desafiavam tão impunemente sua força há três anos e meio, ele se fará construir um trono magnífico sobre o monte das Oliveiras, e lá, cercado de uma legião de demônios transformados em anjos de luz, se fará adorar pela multidão imensa que será reunida para gozar de seu triunfo.

Mas chegado ao vigésimo-quinto dia, o corpo dos dois profetas, animado pelo sopro de Deus, ressuscitará, e eles subirão ao céu todo brilhantes de glória diante da multidão espantada. Cego pela cólera e pelo ódio, o Anticristo anunciará que vai subir ao céu e ali procurar seus inimigos, e precipitá-los sobre a Terra. Com efeito, partindo sobre as asas dos demônios que o cercam, ele se elevará nos ares; mas, nesse momento, o céu se *abrirá, e o* Filho do homem aparecerá sobre uma nuvem luminosa. O Anticristo será precipitado do céu com seu cortejo de demônios, e a terra se entreabrindo, ele descerá todo vivo para inferno...

"Então o fim do mundo estará próximo. Não se escoarão mais os anos, nem os meses, mas poucos dias, último termo dado aos homens para fazerem penitência. Os prodígios mais assustadores se sucederão sem descanso, até que o mundo inteiro pereça numa imensa desordem.

"Eis o que anuncia Holzauzer, e isto não é senão a explicação daquilo que está contido no Apocalipse; é a doutrina de todos os *Pais da Igreja,* encerrada no Evangelho e nos Atos dos Apóstolos."

Nota. Assim acabará, pois, o mundo! Não é o sonho de um homem, é a doutrina de todos os Pais que são a luz da Igreja. Àqueles de nossos leitores que não têm senão uma idéia vaga do Anticristo, estaremos contentes de lhes ter feito conhecer alguns detalhes segundo as autoridades competentes. Se não há senão quarenta e três anos diante dele, não deveremos tardarem ver esse reino maravilhoso. Por esses sinais, reconheceremos a aproximação da data fatal.

O que há de estranho nesse relato é o enfraquecimento do poder de Deus e sua Igreja diante do poder do Anticristo; com efeito, depois de um triunfo de curta *duração, a* Igreja sucumbe de novo para não mais se levantar; a fé de seus ministros não é bastante grande para impedir a corrupção de se introduzir *até no santuário.* Não está aí uma confissão ingênua da fraqueza e da impotência? São coisas que se podem pensar, mas que é inabilidade gritar sobre os telhados.

Teria sido bem admirável que o Espiritismo não tivesse encontrado lugar nessa predição; ele é nela indicado, com efeito, como um dos sinais dos tempos, e eis em que termos. Não é mais Holzauzer quem fala, é o autor da brochura.

"Mas eis que esses fluidos se determinam, que estes terrores que pareciam quiméricos, tomam consistência e se formulam claramente. O fim do mundo se aproxima, grita-se de todas as partes!

Na Europa, nos países católicos lembram-se de velhas profecias que, todas, anunciam esse grande acontecimento para a nossa época...

"Não é até aos Espíritos batedores que não dão o alarme. Abri O *Livro dos Espíritos* de Allan Kardec, lereis na primeira página, nos prolegômenos, as palavras seguintes: "Os Espíritos anunciam que os tempos marcados pela Providência, para uma manifestação universal, são chegados, e que sendo os ministros de Deus, e os agentes de sua vontade, sua missão é de instruir e de esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade."

Nota. Não vemos que anunciar a *regeneração* da Humanidade seja anunciarseufim; essas duas idéias se contradizem. Os Espíritos, em lugar de *dar o alarme,* vêm trazer a esperança.

"E primeiro o profeta Joel nos disse: *"Naquele tempo, a magia cobrirá toda a Terra, e ver-se-ão até crianças mamando fazer coisas extraordinárias, e ter discursos como pessoas grandes."*

"O Espiritismo, essa magia do século dezenove, invadiu o mundo. Há apenas alguns anos, na América, na Inglaterra, na França, fenômenos surpreententes, estranhos, excitaram a curiosidade geral. Os móveis inertes se animam à vontade dos operadores, se entregam às mais fantásticas evoluções, e respondem, sem hesitação, às perguntas que lhes são dirigidas. Procura-se qual poderia será *causa inteligente desses efeitos inteligentes.* As mesas responderam: São os Espíritos, a alma dos homens que a morte levou, que vêm se comunicar com os vivos. Novos fenômenos se produziram. Ouvem-se pancadas nos móveis, nas paredes das casas; vêem-se objetos se moverem espontaneamente; ouvem-se vozes, sinfonias; vêem-se mesmo as aparições de pessoas mortas há muito tempo. Os prodígios se multiplicam. Era preciso querer para ver; era preciso ver para estar convencido.

"Logo uma nova religião se organizou. Interrogados, os próprios Espíritos redigiram o código de sua nova doutrina. Esse foi, é preciso confessá-lo, *um sistema filosófico admiravelmente bem combinado sob todos os aspectos.* Jamais o mais ágil sofista não soube tão bem disfarçar a mentira e o paradoxo. Não podendo, sem revelar sua origem e despertar as suspeitas, quebrar de repente com as idéias de Deus e da virtude, os Espíritos começam por reconhecer altamente a existência desse Deus, a necessidade dessa virtude, mas eles fazem tão pouca diferença entre a sorte dos justos e a dos maus, que se é forçosamente elevado, por essas crenças, a satisfazer todas as suas paixões, e a procurar na morte um refúgio contra a infelicidade. O crime e o suicídio são as duas conseqüências fatais desses princípios, que parecem, à primeira vista, cheios de uma moral tão bela e tão pura.

"Para explicarem a anomalia dessas comunicações de além-túmulo, os Espíritos não puderam impedir de anunciar, assim como vimos, *que os tempos marcados pela Providência eram chegados;* mas não querendo falar do fim do mundo, o que não entra de nenhum modo em seu sistema, eles acrescentaram: *para a regeneração universal da Humanidade."*

Nota.-Por uma singular coincidência, no próprio dia 24 de fevereiro, quando nos chegou esta brochura, que nos foi endereçada por um de nossos correspondentes de Lyon, e no momento em que líamos seus últimos parágrafos, recebíamos dos arredores de Boulogne-sur-Mer uma carta da qual extraímos as seguintes passagens:

"É do fundo de um obscuro vale do Boulonais que vos chegam algumas palavras, reflexo de uma existência sofredora; porque o Espiritismo penetra por toda parte para

difundir a luz e as consolações. Pessoalmente, quantos alívios não lhe devo, assim como a vós, senhor, que deles sois o distribuidor!

"Nascido de pais muito pobres, carregado de oito filhos, dos quais sou o primogênito, ai! não tinha ainda até aqui ganhado meu pão, embora com a idade de vinte e nove anos, pela debilidade de minha constituição. Juntai a isto uma propensão inata ao orgulho, à vaidade, à violência, etc., e julgai o que devi suportar de males em minha miserável condição antes que o Espiritismo tivesse vindo me explicar o enigma de meu destino. Era um ponto que eu tinha, de minha parte, resolvido suicidar-me.

Tara esse efeito, para acalmar minhas apreensões e as censuras de minha consciência, disse a mim mesmo, *em minha fé católica:* Eu me ferirei com um tiro que, embora sendo mortal, não me fará morrer instantaneamente, e me deixará dispor de bastante instantes de vida para que tenha a possibilidade *de me confessar, de comunicar e de manifestar meu arrependimento;* em *uma palavra, de me pôr em estado de me assegurar uma vida feliz em outro mundo, tudo em escapando aos males deste.*

"Meu raciocínio era bem absurdo, não é, senhor? E, no entanto, não era conseqüente com o dogma que nos afirma que todo pecado, todo crime mesmo, é apagado pela simples confissão feita a um padre que dá a absolvição?

"Agora, graças ao conhecimento do Espiritismo, semelhantes idéias estão para *sempre banidas de meu pensamento;* no entanto, de quanta imperfeições resta-me ainda a despojar!"

Assim o Espiritismo impediu um ato, um crime, que teria sido cometido, não *na ausência de toda a fé,* mas bem, disse a pessoa, por uma própria conseqüência de sua fé católica. Neste caso, qual foi a mais poderosa para impedir o mal? Esse jovem será condenado por ter seguido o impulso do Espiritismo, obra do demônio, segundo a autor da brochura, e teria sido salvo, tudo em se suicidando, mas tendo recebido, antes de morrer, a absolvição de um padre? Que, tendo a mão sobre a consciência, o autor da brochura responda a esta pergunta.

Tendo sido lidos, na Sociedade de Paris, o fragmentos narrados acima, nosso antigo colega, Jobard, veio espontaneamente dar, sobre este assunto, a comunicação seguinte, por um médium em sonambulismo espiritual:

(Sociedade de Paris, 28 de fevereiro. Méd. Sr. Morin.)

Eu passava, quando o eco me trouxe a vibração de uma imensa gargalhada. Escutei com interesse, e, tendo reconhecido o barulho do riso dos encarnados e dos desencarnados, disse a mim mesmo: Sem dúvida, a coisa é interessante; vamos ver!... Eu não acreditava, senhores, ter o prazer de vir passara noite junto de vós. No entanto, com isto estou sempre feliz, crede-o bem, porque sei toda a simpatia que conservastes para vosso antigo colega.

Aproximei-me, pois, e todos os barulhos da Terra me chegaram mais distintos: O fim do mundo! gritava-se; o fim do mundo!...Ah! meu Deus, disse a mim mesmo, se for o fim do mundo, em que vão eles se tomarem?... A voz de vosso presidente e meu amigo, tendo vindo até mim, o ouvi que lia algumas passagens de uma brochura onde se anuncia o fim do mundo como muito próximo. O assunto me interessou; escutei atentamente, e, depois de ter maduramente refletido, venho, como o autor da brochura, vos dizer Sim, senhores, o fim do mundo está próximo!... Oh! não vos assusteis, senhoras; porque é preciso ele estar bem perto para tocá-lo, e quando o tocardes, vós o vereis.

À espera disto, eu vou, se o permitirdes, vos dar a minha apreciação sobre esta palavra, espantalho dos cérebros fracos, e também dos Espíritos fracos; porque, sabei-o, se a apreensão do fim do mundo terrifica os seres pusilânimes de vosso mundo, ela fere igualmente de terror os seres atrasados da erraticidade. Todos aqueles que não são desmaterializados, quer dizer, que, embora Espíritos, vivem mais materialmente, se

amedrontam à idéia do fim do mundo, porque compreendem, por esta palavra, a destruição da matéria. Não vos admireis, pois, que esta idéia coloque em emoção certos Espíritos que não saberiam em que se tornar se a Terra não existisse mais; porque a Terra é ainda o seu mundo, seu ponto de apoio.

Por mim, disse a mim mesmo: Sim, o fim do mundo está próximo; ele está ali, eu o vejo, eu o toco;... ele está próximo para aqueles que, com seu desconhecimento, trabalham para precipitar-lhe achegada!... Sim, o fim do mundo está próximo;... Mas de que mundo é o fim?

Será o fim do mundo da superstição, do despotismo dos abusos mantidos pela ignorância, da malevolência e da hipocrisia; será o fim do mundo egoísta e orgulhoso, do pauperismo, de tudo o que é vil e rebaixa o homem; em uma palavra, de todos os sentimentos baixos e cúpidos que são o triste apanágio de vosso mundo.

Esse fim do mundo, essa grande catástrofe que todas as religiões concordam em prever, é o que elas entendem? Não é preciso ver aí, ao contrário, o cumprimento dos altos destinos da Humanidade? Se refletíssemos em tudo o que se passa ao nosso redor, esses sinais precursores não são o sinal do começo de um outro mundo, eu quero dizer de um outro mundo moral, antes do que o da destruição do mundo material?

Sim, senhores, um período de depuração terrestre termina neste momento; um outro vai começar... Tudo concorre para o fim do velho mundo, e aqueles que se esforçam por sustentá-lo trabalham energicamente, sem o querer, para sua destruição. Sim, o fim do mundo está próximo para eles; eles o pressentem e com isto se assustam, crede-o bem, mais do que do fim do mundo terrestre, porque é o fim de sua dominação, de sua preponderância, à qual se prendem mais do que a qualquer outra coisa; e isso será, a seu respeito, não vingança de Deus, porque Deus não se vinga, mas ajusta recompensa de seus atos.

Os Espíritos são, como vós, os filhos de suas obras; se são bons, é porque trabalharam para o futuro; se são maus, não é que não tenham trabalhado para o futuro, é porque não trabalharam para se tomarem bons.

Amigos, o fim do mundo está próximo, e eu vos convido vivamente a tomarem boa nota desta previsão; ele está tanto mais próximo, quanto já se trabalha para reconstruí-lo. A sábia previdência Daquele a quem nada escapa quer que tudo se reconstrua antes que tudo seja destruído; e quando o novo edifício estiver coroado, quando o cume estiver coberto, será então que se desmoronará o antigo; ele cairá por si mesmo; de sorte que, entre o velho mundo e o novo, não haverá solução de continuidade.

É assim que é preciso entender o fim do mundo, que tantos sinais precursores pressagiam. E quais serão os operários mais poderosos para essa grande transformação? Sois vós, senhoras; sois vós, senhoritas, com a ajuda da dupla alavanca da instrução e do Espiritismo. Na casa da mulher em que o Espiritismo penetrou, há mais do que uma mulher, há uma operária espiritual; nesse estado, tudo trabalhando por ela, a mulher trabalha ainda mais do que o homem na edificação do monumento; porque, quando ela conhecer todos os recursos do Espiritismo, e deles souber servir-se, a maior parte da obra será feita por ela. Amamentando o corpo de seu filho, ela poderá também amamentar seu espírito; e quem é melhor ferreiro do que o filho de um ferreiro, aprendiz de seu pai? A criança sugará, assim, em crescendo, o leite da espiritualidade, e quando tiverdes os Espíritas, filhos de Espíritas e pais de Espíritas, o fim do mundo, tal como o compreendemos, não terá se realizado? Admirai-vos, pois, depois disto, que o Espiritismo seja um espantalho para tudo o que se prende ao velho mundo, e da obstinação que se põe para abafá-lo em seu berço!

JOBARD.

A INTOLERÂNCIA E A PERSEGUIÇÃO EM RELAÇÃO AO ESPIRITISMO.

O fato seguinte nos foi assinalado por um de nossos correspondentes. Calamos, por conveniência, o nome do lugar onde se passou, mas, caso necessário, temos a peça justificativa nas mãos.

O cura de.....tendo sabido que uma de suas paroquianas tinha

recebido *O Livro dos Espíritos,* veio procurá-la em sua casa e lhe fez uma cena escandalosa em apostrafando-o de epítetos muito pouco evangélicos; ameaçou-a, além disto, de não enterrá-la quando ela morresse, se ela não acreditasse no diabo e no inferno; depois, apoderando-se do livro, levou-o.

Alguns dias depois, essa senhora, que aquele insulto havia muito pouco tocado, foi à casa do padre pedir-lhe seu livro, dizendo a si mesma que, se não o restituísse, não era difícil de se proporcionar um outro, e que ela saberia muito bem colocá-lo em lugar seguro.

O livro foi restituído, mas num estado que provava que uma santa cólera tinha se descarregado sobre ele. Estava maculado de rasuras, de anotações, de refutações, onde os Espíritos eram tratados de mentirosos, de demônios, de estúpidos, etc. A fé dessa senhora, longe de ser abalada, não ficou senão mais fortalecida. Prende-se, diz-se, mais moscas com mel do que com vinagre; o padre lhe apresentou o vinagre, ela preferiu o mel, e disse a si mesma: Perdoai-lhe, Senhor, porque ele não sabe o que faz. De que lado estava o verdadeiro cristianismo?

As cenas dessa natureza eram muitos freqüentes há sete ou oito anos, e tinham, às vezes, um caráter de violência que tendia ao burlesco. Recorda-se aquele missionário que espumava de raiva pregando contra o Espiritismo, e se agitava com tanto furor que se temia um instante que caísse no púlpito. E esse outro pregador que convidava todos os detentores de obras espíritas a traze-las para colocá-las no fogo, na praça pública. Infelizmente para ele não lhe foi levada nenhuma, e se as indenizava queimando no pátio do seminário todas aquelas que se pôde proporcionar nas livrarias. Hoje que disso se reconheceu a inutilidade e os inconvenientes, essas demonstrações excêntricas são muito raras; a experiência provou que elas mais desviaram da Igreja do que do Espiritismo.

O fato acima narrado tem um caráter de uma gravidade particular. O padre, em sua igreja, em sua casa, sobre seu terreno; dar ou recusar preces segundo a sua consciência, está em seu direito, dele usa, sem dúvida, às vezes, de maneira mais nociva do que útil à causa que defende, mas, enfim, ele está em seu direito, e achamos ilógico que pessoas que são, de pensamentos senão de fato, separadas da Igreja, que não cumprem nenhum dos deveres que ela impõe, tenham a pretensão de constranger um padre afazer o que, certo ou errado, ele considera como contrário à sua regra. Se não credes na eficácia de suas preces, por que isto exigir dele? Mas, pela mesma razão, ele ultrapassa o seu direito quando se impõe àqueles que não o pedem. No caso de que se trata, que direito tinha esse padre de ir violentar a consciência dessa senhora em seu próprio domicílio, e ali fazer uma visita inquisitorial, e se apoderar daquilo que não lhe pertencia? O que ganha a religião com esses excessos de zelo? Os amigos inábeis são sempre nocivos.

Esse fato, em si mesmo, é de pouca importância, e não é, em definitivo, senão um aborrecimento que prova a estreiteza das idéias de seu autor; não teríamos dele falado, se não se ligasse a fatos mais graves, às perseguições propriamente ditas, cujas conseqüências são mais sérias.

Estranha anomalia! Qualquer que seja a posição de um homem, oficial ou subordinado a um título qualquer, não se lhe contesta o direito de ser protestante, judeu ou mesmo nada de todo; ele pode ser abertamente incrédulo, materialista ou ateu; pode preconizar tal ou tal filosofia, mas não tem o direito de ser Espírita. Se ele for suspeito de Espiritismo, como outrora se era suspeito de jansenismo, ele é suspeito; se a coisa for confessada, ele é olhado obliquamente por seus superiores quando estes não pensam como ele, considerado como um perturbador da sociedade, ele que abjura toda idéia de ódio e de vingança, que tem por regra conduzir a caridade cristã em sua mais rigorosa acepção, a benevolência para todos, a tolerância, o esquecimento e o perdão das injúrias, em uma palavra, todas as máximas que são a garantia da ordem social, e o maior freio das más paixões. Pois bem! o que, de todos os tempos e entre todos os povos civilizados, é um título à estima das pessoas honestas, se torna um sinal de reprovação aos olhos de certas pessoas que não perdoam a um homem *ter se tornado melhor pelo Espiritismo!* Quaisquer que sejam suas qualidades, seus talentos, os serviços prestados, se não é independente, se sua posição não é invulnerável, uma mão, instrumento de uma vontade oculta, pesa sobre ele, o fere, podendo atingi-lo em seus meios de existência, em suas afeições mais caras, e até em sua consideração.

Que coisas semelhantes se passem nas regiões onde a fé exclusiva erige a intolerância em princípio como sua melhor salvaguarda, isso nada tem de surpreendente; mas que tenham lugar num país onde a liberdade de consciência está inscrita no Código das leis como um direito natural, se o compreende mais dificilmente. É preciso, pois, que se tenha muito medo desse Espiritismo que se afeta, no entanto, de apresentar como uma idéia vazia, uma quimera, uma utopia, uma coisa frívola que um sopro da razão pode abater! Se esta luz fantástica não está ainda extinta, no entanto, isso não é por falta de ter soprado em cima. Soprai, pois, soprai sempre: há chamas que se atiçam em soprando em lugar de extingui-las.

No entanto, dirão alguns, o que se pode censurar naquele que não quer e não pratica senão o bem; que cumpre os deveres de sua responsabilidade com zelo, probidade, lealdade e devotamento; que ensina a amar a Deus e a seu próximo; que prega a concórdia e convida todos os homens a se tratarem como irmãos, sem acepção de cultos nem de nacionalidades? Não trabalha ele para o apaziguamento das desavenças e dos antagonismos que causaram tantos desastres? Não é o verdadeiro apóstolo da paz? Reunindo em seus princípios o maior número possível de adeptos, por sua lógica, pela autoridade de sua posição, e, sobretudo, por seu exemplo, não previne dos conflitos lamentáveis? Se, em lugar de um, fossem dez, cem, mil, sua influência salutar não seria nisso muito maior? Tais homens são auxiliares preciosos; jamais o serão bastante; não se deveria encorajá-los, honrá-los? A doutrina que faz penetrar esses princípios no coração do homem pela convicção, apoiada sobre uma fé sincera, não é uma garantia de segurança? Onde se viu, aliás, que os Espíritas fossem turbulentos e causadores de perturbação? Não são eles, ao contrário, sempre e por toda a parte apontados como pessoas pacíficas e amigas da ordem? Todas as vezes que foram provocados por atos de malevolência, em lugar de usar represálias, não evitaram com cuidado o que teria podido ser uma causa de desordem? A autoridade teve que maltratá-los por algum ato contrário à tranqüilidade pública? Não, porque um funcionário, encarregado de manter a ordem, disse recentemente que se todos os seus administradores fossem Espíritas, ele poderia fechar a sua repartição. Há uma homenagem mais característica prestada aos sentimentos que os animam? E a que palavra de ordem eles obedecem? unicamente à de sua consciência, uma vez que não salientam nenhuma personalidade patente ou oculta na sombra. Sua doutrina é sua lei, e essa lei lhe prescreve fazer o bem e evitar o mal; por seu poder moralizador, ela conduziu à moderação homens exaltados, não temendo nada, nem Deus nem a justiça humana, e capazes de tudo. Se ela fosse popular, com que peso não pesaria nos momentos de

efervescência e nos centros turbulentos? Em que, pois, esta Doutrina pode ser um motivo de reprovação? Como pode ela chamar a perseguição sobre aqueles que a professam e a propagam?

Admirai-vos que uma doutrina que não produziu senão o bem tenha adversários! Mas não conheceis, pois, a cegueira do espírito de partido? É que jamais considerou o bem que uma coisa pode fazer quando ela é contrária às suas opiniões ou aos seus interesses materiais? Não vos esqueçais de que certos oponentes o são *por sistema* bem mais do que *por ignorância.* Será em vão que esperareis conduzi-los a vós pela lógica de vossos raciocínios, e pela perspectiva dos efeitos salutares da Doutrina; eles sabem disto tão bem quanto vós, e é precisamente porque o sabem que não o querem; quanto mais essa lógica é rigorosa e irresistível, mais ela os exaspera, porque ela lhes fecha a boca. Quanto mais se lhes demonstra o bem que o Espiritismo produz, mais eles se irritam, porque sentem que ali está a força; também, devendo salvar o país de maiores desastres, eles o repeliriam apesar de tudo. Vós triunfareis de um incrédulo, de um ateu de boa fé, de uma alma viciosa e corrompida, mas de pessoas deliberadas, nunca!

O que esperam eles com a perseguição? Deter o vôo das idéias novas pela intimidação? Vejamos, em algumas palavras, se esse objetivo pode ser alcançado.

Todas as grandes idéias, todas as idéias renovadoras, tanto na ordem científica quanto na ordem moral, receberam o batismo da perseguição, e isto deveria ser, porque elas feriam os interesses daqueles que viviam das velhas idéias, dos preconceitos e dos abusos. Mas, desde que essas idéias constituíram verdades, é que jamais se viu que a perseguição tenha lhes detido o curso? A história de todos os tempos não está aí para provar que elas, ao contrário, cresceram, que elas se consolidaram, propagadas pelo efeito da própria perseguição? A perseguição foi o estimulante, o aguilhão que as impulsionou para a frente, e fez avançar mais rápido super excitando os espíritos, de sorte que as perseguições trabalharam contra si mesmas, e não ganharam senão serem estigmatizadas pela posteridade. Não se perseguiram senão as idéias às quais via-se um futuro; as que julgavam sem conseqüência, se as deixaram que morressem de morte natural.

O Espiritismo, também ele, é uma grande idéia; deveria, pois, receber seu batismo como seus predecessores, porque o espírito dos homens não mudou, e com ele ocorrerá o que ocorreu aos outros: um crescimento de importância aos olhos da multidão, e, conseqüentemente, uma maior popularidade. Quanto mais as vítimas estão em evidência, pela sua posição, mais haverá ressonância em razão da própria extensão de suas relações.

A curiosidade é tanto mais superexcitada quanto mais a pessoa é cercada de mais estima e de mais considerações; todos querem saber o por quê e o como; conhecer o fundo dessas opiniões que levantam tanta cólera; interroga-se, lê-se, e eis como uma multidão de pessoas, que jamais teriam se ocupado do Espiritismo, são levadas a conhecê-lo, a julgá-lo, a apreciá-lo e a adotá-lo. Tal foi, sabe-se, o resultado das declamações coléricas, das interdições pastorais, das diatribes de toda espécie; tal será o das perseguições; elas fazem mais: elevam-no à classe das crenças sérias, porque o bom senso diz que não se bate em coisas vãs.

A perseguição contra as idéias falsas, errôneas, é inútil, porque estas se desacreditam e caem por si mesmas; ela tem por efeito criar partidários e defensores, e retardar-lhe a queda, porque muitas pessoas as consideram boas, precisamente porque são perseguidas. Quando a perseguição ataca idéias verdadeiras, ela vai diretamente contra seu objetivo, porque lhe favorece o desenvolvimento: é, pois, em todos os casos, uma imperícia que se volta contra aqueles que a cometem.

Um escritor moderno lamentou que não se tivesse queimado Lutero, afim de destruir o protestantismo em sua raiz; mas, como não se teria podido queimá-lo senão depois da emissão de suas idéias, se o tivesse feito, o protestantismo, talvez, teria se propagado

duas vezes mais do que não o foi. Queimou-se a João Huss; mas que ganhou com isto o concilio de Constança? de se cobrir com uma mancha indestrutível; mas as idéias do mártir não foram queimadas; elas foram um dos fundamentos da reforma. A posteridade concedeu a glória a João Huss e a vergonha ao concilio. *(Revista Espírita,* agosto de 1866, página236.) Hoje, não queimam mais, mas perseguem de outras maneiras.

Sem dúvida, quando uma tempestade estoura, muitas pessoas se colocam ao abrigo; as perseguições podem, pois, ter por efeito um impedimento momentâneo à livre manifestação do pensamento; os perseguidores, crendo tê-lo abafado, adormecem numa segurança enganosa; mas o pensamento nela não subsiste menos, e as idéias comprimidas são como as plantas em estufa; elas produzem mais depressa.

O ESPIRITISMO EM CADIZ, EM 1853 E 1868.

Várias vezes, tivemos oportunidade de dizer que o Espiritismo conta numerosos adeptos na Espanha, o que prova que a compressão da idéias não as impedem de se produzirem;

já sabíamos que há muito tempo Cadiz era a sede de um centro espírita importante. Tendo um dos membros desta Sociedade vindo a Paris, no ano último, nos deu a este respeito detalhes circunstanciados de um alto interesse, e que depois nos lembrou em sua correspondência. Somente a abundância das matérias nos impediu de publicá-las mais cedo.

Os Espíritas de Cadiz reclamam, para sua cidade, a honra de ter sido uma das primeiras, senão mesmo a primeira na Europa, a possuir uma reunião espírita constituída, e recebendo comunicações regulares dos Espíritos, pela escrita e pela tiptologia, sobre assuntos de moral e de filosofia. Essa pretensão, com efeito, é justificada pela publicação de um livro impresso em língua espanhola, em Cadiz, em 1854. De início, ele contém um prefácio explicativo sobre a descoberta das mesas falantes e a maneira de se servir delas; depois o resumo das respostas dadas às perguntas dirigidas aos Espíritos numa seqüência de sessões feitas desde o ano 1853.0 procedimento consistia no emprego de uma mesinha de três pés e de um alfabeto dividido em três séries correspondendo cada uma a um dos pés da mesinha. Essas respostas, sem dúvida, são muito elementares comparativamente ao que se obtém hoje, e todas não são de uma exatidão irrepreensível, mas a maioria concorda com o ensino atual. Delas não citaremos senão algumas para mostrar que na época em que, quase por toda parte, não se ocupava das mesas girantes senão como assunto de distração, em Cadiz, já se pensava em utilizar o fenômeno para instruções sérias.

(8 de novembro de 1853. - Há um Espírito aqui presente? - Sim. -Como te chamas? - Eqe.- Em que parte do mundo habitaste? - A América do Norte. - Eras homem ou mulher? - Mulher. - Dize-nos teu nome em inglês? - Akka. - Como traduzes *belo* em inglês? *-Fine.* Por que vieste aqui? –Para fazer o bem. -A ti ou a nós? –A todos. -Podes, pois, nos dar esse bem? - Eu o posso; tudo está no trabalho. - Como obteremos o bem? - Emancipando a mulher; tudo depende dela.

(11 de novembro.) O *Espírito Eqe.* - Há uma outra maneira de se comunicar com os Espíritos? - Sim, pelo pensamento. - De que maneira? - Leio no teu. - E como nos poderíamos nos entender com o pensamento dos Espíritos? - Pela concentração. - Há um meio de a isso chegar facilmente? - Sim, a felicidade. - Como se obtém a felicidade? - Em vos amando uns aos outros.

(25 de novembro.*)Anna Ruiz. -* Para onde vai nossa alma em se separando do corpo? -Ela não deixa a Terra. -Queres dizer o corpo?

- Não, a alma. - Tu tens os mesmos gozos na outra vida que nesta?

- Os mesmos e melhor: trabalhamos em todo o universo.

(26de novembro.) Odiuz –Os Espíritos revestem uma forma? -Sim.

- Qual? – A forma humana. Há dois corpos, um material, o outro de luz. -O corpo de luz é o Espírito? -Não: é uma agregação do éter; os fluidos leves formam o corpo de luz.

O que é um Espírito? - Um homem no estado de essência. -Qual é seu destino? - Organizar o movimento material cósmico; cooperar com Deus na ordem e nas leis dos mundos no universo.

(30 de novembro.)Um *Espírito espontaneamente.* A ordem distribui as harmonias. Esta lei nos diz que cada globo do sistema solar é habitado por uma Humanidade igual à vossa; cada membro dessa Humanidade é um ser completo no lugar que ocupa; ele possui uma cabeça, um tronco e membros. Cada um tem sua destinação marcada, coletiva ou terrestre, visível ou invisível. O sol, como os planetas e seus satélites, têm seus habitantes de uma destinação complexa. Cada uma das Humanidades que povoam esses diversos globos, tem sua dupla existência, e uma linguagem espiritual apropriada a cada um desses estados.

(1° de dezembro.) *Odiuz.* Lede João, e tereis o significado da palavra *verbo.* Sabereis o que é o verbo da Humanidade solar; cada Humanidade tem sua Providência, seu homem-Deus; a luz do homem-Deus solar é a Providência antropomórfica de todos os globos do sistema solar.

(8 de dezembro.) Há analogia entre a luz material e a luz espiritual? - O sol ilumina, os planetas refletem a sua luz. A inteligência solar ilumina as inteligências planetárias, e estas as de seus satélites. A luz inteligente emana do cérebro da Humanidade solar, que é a chama inteligente, como o sol é a chama material de todos os atos. Há também analogia no mundo de expansão da luz inteligente em cada Humanidade que a recebe do foco principal para comunicá-la aos seus membros.

Há unidade de sistema entre o mundo material e o mundo espiritual. Nós temos a Natureza que reflete as leis que precederam a criação.

Em seguida vem o Espírito humano que analisa a Natureza para descobrir essas leis, interpretá-las e compreendê-las. Esta análise é para a luz espiritual o que é a refração para a luz física, porque a Humanidade inteira forma um prisma intelectual, no qual a luz divina única se reflete de mil maneiras diferentes.

(4 de janeiro de 1854.) Por que os Espíritos não vêm sempre ao nosso chamado? - Porque são muito ocupados. - Porque alguns dos Espíritos que se nos apresentaram até o momento responderam por enigmas ou absurdos? -Porque eram Espíritos ignorantes ou levianos. - Como distingui-los dos Espíritos sérios? - Pelas suas respostas.

Os Espíritos podem se tornar visíveis? -Algumas vezes. - Em que caso? - Quando se trata de humilhar o fanatismo. - Sob que forma o Espírito se apresentou ao arcebispo de Paris?- Forma humana. -Qual é a verdadeira religião? -Amar-vos uns aos outros.

O extrato seguinte, de uma carta de nosso correspondente, em data de 17 de agosto de 1867, dará uma idéia do espírito que preside à Sociedade espírita atual de Cadiz:

"Há onze anos estamos em comunicação com os Espíritos da vida superior, e, nesse espaço de tempo, nos fizeram revelações importantes sobre a moral, a vida espiritual e outros assuntos que interessam ao progresso.

"Nós nos reunimos cinco vezes por semana. O Espírito presidente de nossa Sociedade, ao qual os outros Espíritos concedem uma certa supremacia, chama-se *Pastoret.* Nós temos na Senhora J... uma excelente médium vidente e falante. Ela se comunica por meio de uma mesinha de três pés, que não lhe serve senão para estabelecer a correntefluídica, e ela vê as palavras escritas sobre uma espécie de fita fluídica que passa, sem cessar, diante de seus olhos, e ela nela lê como em um livro. Esse meio de comunicação, unido à benevolência dos Espíritos que vêm às nossas sessões, nos permitem apresentar nossas observações, e estabelecer discussões quase familiares com esses mesmos Espíritos.

"Cada noite a sessão é aberta pela presença do Espírito do doutor Gardoqui, que conhecemos, e que, quando vivo, exercia a medicina em Cadiz. Depois de ter dado conselho aos nossos presentes, vai visitar os doentes que lhe recomendamos; ele indica os remédios necessários, e quase sempre com sucesso.

"Depois da visita do médico, vem o Espírito familiar do círculo que nos conduziu outros Espíritos, tanto superiores para nos instruírem, quanto inferiores para que os ajudássemos com nossos conselhos e nossos encorajamentos. Por indicação de nossos guias, cumprimos periodicamente missões de caridade para com os pobres.

"Além do ridículo, contra o qual vós outros, Franceses, tendes que lutar tão bem quanto nós, lutamos contra a intolerância; no entanto, não nos desencorajamos, porque a força de convicção que Deus nos dá é mais poderosa do que os obstáculos.

"Terminamos cada sessão pela prece seguinte:

"Pai universal! Senhor todo-poderoso! nós nos dirigimos a ti, porque te reconhecemos como o Deus único e eterno. Pai! desejamos não incorrerem tua censura, mas, ao contrário, avançara nossa purificação para nos aproximarmos de ti, único bem verdadeiro, suprema felicidade prometida àqueles que retornam junto a ti.

"Senhor! nós te lembramos continuamente nossos pecados, a fim de que tu no-los perdoe depois da expiação que eles merecem. Quanto não devemos já à tua grande bondade! sois misericordioso para conosco.

"Pai eterno, tu me deste a vida, e com a vida a inteligência para te conhecer, um coração para amar e para amar meus semelhantes. Minha inteligência crescerá quando pensar em ti, e quando eu me elevar até ti.

"Pai universal de todos os seres, grande arquiteto do Universo, água bendita da qual saciamos a sede do amor divino, nem o curso do tempo, nem a diferença das inteligências me impedem de te reconhecer, porque teu grande poder e teu grande amor se vêem por toda a parte.

"Pai! nós nos dirigimos à tua misericórdia, e por prova de nossa sinceridade, que oferecemos nossas vidas, nossos bens, tudo o que nos deste. Não possuímos nada que não vem de ti; colocamos tudo à disposição de nossos irmãos necessitados, para que aproveitem do fruto de nossa inteligência e de nosso trabalho.

"Somos teus filhos, Senhor! e solicitamos de tua infinita bondade um raio de luz para nos conduzir sobre o caminho que nos mostraste, até que cheguemos ao complemento de nossa felicidade.

"Nosso Pai que estás no céu, que teu nome seja santificado; que tua vontade seja feita sobre a Terra como no céu. Dá-nos hoje nosso pão de cada dia. Perdoa-nos as ofensas quanto perdoamos àqueles que nos ofenderam, agora e sempre até a hora de nossa morte. "Nós te dirigimos nossas preces, Pai infinitamente bom, por todos nossos irmãos que sofrem sobre a Terra e no espaço. Nosso pensamento é por eles e nossa confiança em ti."

Que os Espíritas de Cadiz recebam, por nosso intermédio, as sinceras felicitações de seus irmãos de todos os países. A iniciativa que tomaram, na extremidade da Europa, e sobre uma terra refratária, sem relações com os outros centros, sem outro guia que suas próprias aspirações, então quanto o Espiritismo estava ainda em sua infância, é uma

prova a mais de que o movimento regenerador recebe seu impulso de mais alto do que da Terra, e que seu foco está portada parte; que, assim, é temerário e presunçoso esperar abafá-lo em lhe comprimindo sobre um ponto, uma vez que, na falta de uma saída, ele tem mil delas por onde se fazer brilhar. De que servem as barreiras para o que vem do alto? De que serve esmagar alguns indivíduos quando há milhões deles disseminados sobre toda a Terra, que recebem a luz e a divulgam? Querer aniquilar o que está fora do poder do homem, não é representar o papel do gigante que quer escalar o céu?

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

INSTRUÇÃO DAS MULHERES.

(Joinville, - Haute-Mame, - 10 de março de 1868. Méd. Sra. P...) A instrução da mulher é uma questão, neste momento, das mais graves, porque ela não contribuirá pouco para realizar as grandes idéias de liberdade, que dormem no fundo dos corações.

Honra aos homens de coragem que disso tomaram a iniciativa! podem estar seguros antecipadamente do sucesso de seus trabalhos. Sim, a hora soou para a libertação da mulher; ela quer ser livre, e, para isto, é preciso livrar sua inteligência dos erros e dos preconceitos do passado. Será pelo estudo que ela alargará o círculo de seus conhecimentos estreitos e mesquinhos. Livre, ela fundará sua religião sobre a moral, que é de todos os tempos e de todos os países. Ela quer ser, ela será a companhia inteligente do homem, sua conselheira, sua amiga, a instrutora de seus filhos, e não um joguete do qual se serve como de uma coisa, e que se joga depois para tomar uma a outra coisa. Ela quer trazer a pedra do edifício social, que se eleva neste momento sob o sopro poderoso do progresso.

É verdade que, uma vez instruída, ela escapa das mãos daqueles que fazem dela um instrumento; como um pássaro cativo, ela quebra a sua gaiola e voa para os campos vastos do infinito. É verdade que, pelo conhecimento das leis imutáveis que regem os mundos, ela compreenderá Deus de outro modo que não se lhe ensina; ela não crera mais num Deus vingativo, parcial e cruel, porque sua razão lhe dirá que a vingança, a parcialidade e a crueldade não podem se conciliar com a justiça e a bondade; seu Deus, para ela, será todo amor, mansidão e perdão.

Mais tarde, ela conhecerá os laços que unem os povos entre si, e os aplicará ao seu redor, distribuindo com profusão os tesouros de caridade, de amor e de benevolência para todos. A qualquer seita que ela pertença, saberá que todos os homens são irmãos, e que o mais forte não recebeu a força senão para proteger o fraco e elevá-lo na sociedade ao verdadeiro lugar que deve ocupar.

Sim, a mulher é um ser perfectível como o homem, e suas aspirações são legítimas; seu pensamento é livre, e nenhum poder do mundo tem o direito de servir-se à vontade de seus interesses ou de suas paixões. Ela reclama a sua parte *de atividade intelectual,* e ela a obterá, porque é uma lei mais poderosa do que todas as leis humanas, é a do progresso, à qual toda a criação está submetida.

UM ESPIRITO.

Nota. - Dissemos e repetimos, muitas vezes, a emancipação da mulher será a conseqüência da difusão do Espiritismo, por que ele funda os seus direitos, não sobre uma idéia filosófica generosa, mas sobre a própria identidade da natureza do Espírito. Provando que não há Espíritos homens e Espíritos mulheres, que todos têm a mesma essência, a mesma origem e o mesmo destino, ele consagra a igualdade dos direitos. A grande lei da reencamação vem, além disso, sancionar este princípio. Desde que os mesmos Espíritos podem se encarnar, tanto homens quanto mulheres, disto resulta que o

homem que se serviu da mulher poderá ser servido a seu turno; que, assim, trabalhando pela emancipação das mulheres, os homens trabalham para a emancipação geral, e, conseqüentemente, em seu proveito. A? mulheres têm, pois, um interesse direto na propagação do Espiritismo, porque ele fornece, em apoio à sua causa, os mais poderosos argumentos que se tenham ainda invocado. (Ver a *Revista Espírita,* janeiro de 1866, página 1; junho de 1867, página 161.)

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO NO. 5 MAIO 1868

CORRESPONDÊNCIA INÉDITA DE LAVATER

COM A IMPERATRIZ MARIA DA RÚSSIA.
(Continuação e fim.- Ver o número de abril de 1868.)

SEXTA CARTA.

Muito venerada imperatriz,

Anexo, ainda, uma carta chegada do mundo invisível! Possa ela, *como as precedentes,* ser aprovada por vós e produzir, sobre vós, um efeito salutar!

Aspiramos, sem cessar, por uma comunhão mais íntima com o AMOR, o mais puro que se manifestou no homem, e está glorificado em Jesus, o Nazareno!

Muito venerada imperatriz, nossa felicidade futura está em nosso poder, uma vez que nos foi concedida a graça de compreender que, sozinho, o amor pode nos dar a felicidade suprema, e que só *a* fé no amor divino faz nascer, em nossos corações, o sentimento que nos torna felizes eternamente, a fé que desenvolve, depura e completa a nossa aptidão para amar.

Quantos temas me restam ainda para vos comunicar. Tratarei de acelerar a continuação daquilo que comecei a vos expor, e me considerarei como muito feliz se puder esperar ter podido ocupar agradavelmente e utilmente alguns momentos de vossa preciosa vida.

JEAN-GASPAR LAVATER.

Zurich, 16. XII. 1798.

CARTA DE UM DEFUNTO A SEU AMIGO,

Sobre as *relações que existem entre os Espíritos e aqueles que amaram sobre a Terra.*

Meu bem-amado, antes de tudo, devo adverti-te de que, das mil coisas que, estimulada por uma nobre curiosidade, desejares aprender de mim, e que terei tanto desejado poder dizer-te, ouso apenas delas te comunicar uma única, uma vez que não depende, de modo algum, de mim mesmo. Minha vontade depende, como jate disse, da vontade d'Aquele que é a suprema sabedoria. Minhas relações contigo não estão baseadas senão sobre teu amor. Essa sabedoria, esse amor personificados, freqüentemente, nos levam, tu e meus mil vezes mil convivas, a uma felicidade que se torna continuamente mais elevada e mais embriagadora, para os homens ainda mortais, e nos fazem entrar com eles em relações certamente agradáveis para nós, embora muito freqüentemente obscurecidas e nem sempre bastante puras e santas. Toma de mim algumas noções a respeito dessas relações. Não sei como chegarei a fazer-te

compreender esta grande verdade que, provavelmente, te admirará muito apesar de sua realidade, é que: *nossa própria felicidade depende, freqüentemente, relativamente, bem entendido, do estado moral daqueles que deixamos sobre a Terra e com os quais entramos em relações diretas.*

Seu sentimento religioso nos atrai; sua impiedade nos repele. Nós nos regozijamos de suas puras e nobres alegrias, quer dizer, de suas alegrias espirituais e desinteressadas. Seu amor contribui para a nossa felicidade, também sentimos, senão um sentimento semelhante ao sofrimento, pelo menos uma diminuição do prazer, quando eles se deixam SOMBREAR por sua sensualidade, seu egoísmo, suas paixões animais ou a impureza de seus desejos.

Meu amigo, detêm-te, isso te peço, diante desta palavra: SOMBREAR.

Todo pensamento divino produz um raio de luz que jorra do homem afetuoso, e que não é visto e compreendido senão pelas naturezas afetuosas e irradiantes. Toda espécie de amor tem seu raio de luz que lhe é particular. Esse raio, reunindo-se à aureola que cerca os santos, a torna ainda mais resplandecente e mais agradável à visão. Do grau dessa claridade e dessa amenidade depende, freqüentemente, o grau de nossa própria felicidade ou da felicidade que sentimos de nossa existência. Com o desaparecimento do amor, essa luz desaparece, e com ela o elemento de felicidade daqueles que amamos. Um homem que se torna estranho ao amor se *sombreia,* no sentido mais literal e mais positivo desta palavra; ele se torna mais material, conseqüentemente mais elementar, mais terrestre, e as trevas da noite o cobrem com o seu véu. A vida, ou o que é a mesma coisa para nós: o amor do homem, produz o grau de sua luz, sua pureza luminosa, sua identidade com a luz, a magnificência de sua natureza.

Só essas últimas qualidades tornam nossas relações com ele possíveis e íntimas. A luz atrai a luz. É-nos impossível agir sobre as almas sombrias. Todas as naturezas não afetuosas nos parecem sombrias. A vida de cada mortal, sua verdadeira vida, é como seu amor; sua luz assemelha-se ao seu amor; de sua luz provém a nossa comunicação com ele e a sua conosco. Nosso elemento é a luz cujo segredo não é compreendido por nenhum mortal. Nós atraímos e somos atraídos por ela. Essa veste, esse órgão, esse veículo, esse elemento, no qual reside a força primitiva que tudo produz, a luz em uma palavra, forma para nós o traço característico de todas as naturezas.

Nós brilhamos na medida de nosso amor; somos reconhecidos pela nossa claridade, e somos atraídos por todas as naturezas afetuosas e irradiantes como nós. Pelo efeito de um movimento imperceptível, dando uma certa direção aos nossos raios, podemos fazer nascer nas naturezas que nos são simpáticas idéias mais humanas, suscitar ações, sentimentos mais nobres e mais elevados; mas *nós não temos o poder de forçar ou de dominar ninguém, nem de impor nossa vontade aos homens cuja vontade está inteiramente independente da nossa. O livre-arbítrio do homem nos é sagrado.* Nos é impossível comunicar o único raio de nossa pura luz a um homem a quem falte sensibilidade. Ele não possui nenhum sentido, nenhum órgão para poder receber, de nós, a menor coisa. Do grau de sensibilidade que um homem possui, -oh! permite-me to repetir em todas as minhas cartas, - depende da sua aptidão para receber a luz, sua simpatia com todas as naturezas luminosas, e com o seu protótipo primordial. Da ausência da luz nasce a impossibilidade de se aproximar das fontes da luz, ao passo que milhares de naturezas luminosas podem ser atraídas por uma única natureza semelhante.

O Homem-Jesus, resplandecente de luz e de amor, foi o ponto luminoso que atraiu incessantemente, para ele, as legiões de anjos. As naturezas sombrias, egoístas, atraem para elas Espíritos sombrios, grosseiros, privados de luz, malevolentes, e são antes envenenados por eles, ao passo que as almas afetuosas se tornam ainda mais puras e mais afetuosas, por seu contato com os Espíritos bons e afetuosos.

Jacob dormindo, cheio de sentimentos piedosos, vê os anjos do Senhor chegarem em multidão até ele, e a sombria alma de Judas Iscariote dá ao chefe dos Espíritos sombrios o direito, direi mesmo a força, de penetrar na sombria atmosfera de sua natureza odiosa. Os Espíritos radiantes são muitos lá onde se encontra um Elíseo; as legiões de Espíritos sombrios pululam entre as almas sombrias.

Meu bem-amado, medita bem o que acabo de dizer. Disso encontrarás numerosas aplicações nos livros bíblicos, que encerram verdades ainda intactas, assim como instruções da mais alta importância, no que toca às relações que existem entre os mortais e os imortais, entre *o mundo material* e *o mundo dos Espíritos.*

Não depende senão de ti te achares sob a influência benfazeja dos Espíritos afetuosos ou de afastá-los de ti; podes guardá-los junto de ti ou forçá-los a te deixar. Depende de ti tornar-me mais ou menos feliz.

Deves compreender agora que todo ser afetuoso se torna mais feliz, quando encontra um ser tão afetuoso quanto ele; que o mais feliz e o mais puro dos seres se tornam menos felizes, quando reconhecem uma diminuição de amor naquele que ama; que o amor abre o coração ao amor, e que a ausência deste sentimento torna mais difícil, freqüentemente mesmo impossível, o acesso de toda comunicação íntima.

Se me desejas tornar-me, a mim, já gozando da felicidade suprema, ainda mais feliz, torna-te ainda melhor. Por isto, me tomaras mais radioso e poderás simpatizar mais com todas as naturezas radiosas e imortais. Elas se apressarão em vir junto a ti; sua luz se reunirá *à* tua e a tua à sua; sua presença te tornará mais puro, mais radiante, mais vivaz, e, o que te parecerá difícil acreditar, mas não é por isso menos positivo, elas mesmas, por efeito de sua luz, a que se irradiará de ti, elas se tornarão mais luminosas, mais vivazes, mais felizes de sua existência, e, pelo efeito de teu amor, ainda mais afetuosas.

Meu bem-amado, existem relações imperecíveis entre o que chamamos os mundos *visível e invisível,* uma comunhão incessante entre os habitantes da Terra e os do céu que sabem amar, uma ação benfazeja recíproca de cada um desses mundos sobre o outro.

Meditando e analisando com cuidado esta idéia, reconhecerás cada vez mais a sua verdade, a sua urgência e a sua santidade.

Não te esqueças, irmão da Terra: vives visivelmente num mundo que é ainda invisível para ti!

Não o esqueças! No mundo dos Espíritos afetuosos, se alegrará de teu crescimento em amor puro e desinteressado.

Nós nos achamos perto de ti, quando nos crês muito longe. Jamais um ser afetuoso se acha só e isolado.

A luz do amor atravessa as trevas do mundo material, para entrar num mundo menos material.

Os Espíritos afetuosos e luminosos se acham sempre na vizinhança do amor e da luz.

Estas palavras do Cristo são literalmente verdadeiras: "Lá onde dois ou três de vós se reunirem em meu nome, eu estarei com eles."

É também indubitavelmente verdadeiro que podemos *afligir* o Espírito de Deus por nosso egoísmo, e *alegrá-lo por* nosso verdadeiro amor, segundo o sentido profundo destas palavras: *"O que ligardes sobre a Terra está ligado no céu; o que desligardes sobre a Terra será também desligado no céu.* Vós desligais pelo egoísmo, ligais pela caridade, quer dizer, pelo amor. Vós vos aproximais e vos afastais de nós. Nada é mais claramente compreendido no céu, do que o amor daqueles que amam sobre a Terra.

Nada é mais atrativo, para os Espíritos felizes pertencendo a todos os graus de perfeição, do que o amor dos filhos da Terra.

Vós, que sois chamados ainda mortais, pelo amor podeis fazer descer o céu sobre a Terra.

Poderíeis entrar conosco, felizes, numa comunhão infinitamente mais íntima do que possais supor, se vossas almas se abrissem à nossa influência pelos impulsos do coração.

Freqüentemente, estou junto a ti, meu bem-amado! Gosto de me encontrar em tua esfera de luz.

Permite-me dirigir-te ainda algumas palavras de confiança.

Quando te zangas, a luz que irradia de ti, no momento em que pensas naqueles que tu amas ou naqueles que sofrem, se obscurece, e então sou forçado a me desviar de ti, nenhum Espírito afetuoso não podendo suportar as trevas da cólera. Recentemente, ainda, tive que deixar-te. Eu te perdi, por assim dizer, de vista e me dirigi para um outro amigo, ou antes, a luz de seu amor me atraiu para ele. Eu pedi, derramando lágrimas, por uma família benfazeja, caída momentaneamente na maior miséria e que estava fora do estado de socorrer a si mesma. Oh! como já seu corpo *terrestre* me pareceu *luminoso;* foi *como se uma claridade ofuscante o inundasse.* Nosso Senhor se aproximou dele, e um raio de seu espírito caiu sobre esta luz. Que felicidade para mim poder mergulhar nessa auréola, e, retemperado por essa luz, estar em estado de inspirar à sua alma a esperança de um socorro próximo! Pareceu me ouvir uma voz, no fundo de sua alma, dizer-lhe: "Nada temas! Crê! sentirás a alegria de poder aliviar aqueles por quem vens de pedir a Deus." Ele se levantou inundado de alegria depois da prece. No mesmo instante, fui atraído para um outro ser radioso, também em prece... Era a nobre alma de uma virgem que orava e dizia: "Senhor! ensina-me a fazer o bem segundo a tua vontade." Pude e ousei inspirar-lhe a idéia seguinte: "Não farás bem de enviar, a esse homem carinhoso que eu conheço, um pouco de dinheiro para que o empregue, ainda hoje, em proveito de alguma família pobre?"

Ela se apegou a esta idéia com uma alegria infantil; recebeu-a como se tivesse recebido um anjo descido do céu. Essa alma piedosa e caridosa reuniu uma soma bastante considerável; depois ela escreveu uma pequena carta bem afetuosa endereçada àquele que vinha de pedir, e, quem a recebeu, assim como o dinheiro, uma hora apenas depois de sua prece, derramando lágrimas de alegria e cheio de um profundo reconhecimento a Deus!

Eu o segui, sentindo eu mesmo uma felicidade suprema e me regozijando em sua luz. Chegou à porta da pobre família. "Deus teve piedade de nós?" perguntou a piedosa esposa ao seu piedoso esposo. - Sim, terá piedade de nós, como tiveste piedade de outros. "- Ouvindo esta resposta do marido, aquele que havia pedido encheu-se de alegria; ele abriu a porta, e, sufocado pela sua emoção, pôde apenas pronunciar estas palavras: "Sim, terá piedade de vós, como vós mesmos tivestes piedade dos pobres; eis uma prova da misericórdia de Deus. O Senhor vê os justos e ouve suas súplicas."

De que luz viva brilharam todos os assistentes, quando, depois de ter lido a pequena carta, levantaram os olhos e os braços para o céu!

Massas de Espíritos se apressaram de chegar de todas as partes. Como nos alegramos! como nos abraçamos! como louvamos a Deus e o bendizemos! como nos tornamos todos mais perfeitos, mais afetuosos!

Tu, brilhas tu logo de novo; eu posso e ouso chegar perto de ti; tinhas feito três coisas que me concederam o direito de me aproximar de ti e de te alegrar. Tinhas derramado as lágrimas de vergonha de tua cólera; tinhas refletido, estando seriamente emocionado, nos meios de poder dominar-te; tinhas pedido sinceramente àquele que o teu desatino havia ofendido, e procuravas de que maneira poderias indenizá-lo disso, proporcionando-lhe alguma satisfação. Esta preocupação trouxe calma ao teu coração, a alegria aos teus olhos, e a luz ao teu corpo.

Podes julgar, por este exemplo, se estamos sempre bem instruídos do que fazem os amigos que deixamos sobre a Terra, e quanto nos interessamos pelo seu estado moral;

deves também compreender agora *a solidariedade que existe entre o mundo visível e o mundo invisível,* e que depende de vós nos proporcionar alegrias ou nos afligir.

Oh! meu bem-amado, poderias te compenetrar desta grande verdade, que um amor nobre e puro encontra em si mesmo a mais bela recompensa; que os gozos mais puros, o gozo de Deus, não são senão o produto de um sentimento mais depurado, te apressarias em te depurar de tudo o que é egoísmo.

De hoje em diante, jamais poderei te escrever sem retornar sobre este assunto. Nada tem prêmio sem amor. Só ele possui o golpe de vista claro, justo, penetrante, para distinguir o que merece ser estudado, o que é eminentemente verdadeiro, divino, imperecível. Em cada ser mortal e imortal, animado de um amor puro, vemos, com sentimento de prazer inexprimível, o próprio Deus se refletir, como vedes o sol brilhar em cada gota de água pura. Todos aqueles que amam, sobre a Terra como no céu, não fazem senão um pelo sentimento. É do grau de amor que dependem o grau de nossa perfeição e de nossa felicidade interior e exterior. É teu amor que regula as relações com os Espíritos que deixaram a Terra, tua comunhão com eles, a influência que pode exercer sobre ti e sua ligação íntima com o teu Espírito.

Escrevendo-te esta, um sentimento de previsão, que não me engana jamais, que me ensina que te encontras, neste momento, numa excelente disposição moral, uma vez que me ditas uma obra de caridade.

Cada uma de vossas ações, de vossos pensamentos, leva uma marca particular, instantaneamente compreendida por todos os Espíritos desencarnados. Que Deus venha em tua ajuda!

Escrevi-te esta em 16.XII. 1798.

Seria supérfluo fazer ressaltar a importância destas cartas de Lavater, que por toda a parte têm excitado o mais vivo interesse. Elas atestam, de sua parte, não só o conhecimento dos princípios fundamentais do Espiritismo, mas uma apreciação justa de suas conseqüência morais. Somente sobre alguns pontos, parece ter tido idéias um pouco diferentes do que sabemos hoje, mas a causa destas divergências as quais, de resto, prendem-se mais à forma do que ao fundo, é explicada na comunicação seguinte, que ele deu à Sociedade de Paris. Nós não as manifestaremos, porque cada um as terá compreendido; o essencial era constatar que, muito tempo antes do aparecimento oficial do Espiritismo, os homens cuja alta inteligência não poderia ser posta em dúvida, dele tinham a intuição. Se não empregaram o nome, é que não existia.

Chamamos, no entanto, a atenção sobre um ponto que poderia parecer estranho: é a teoria segundo a qual a felicidade dos Espíritos estaria subordinada à pureza do sentimentos dos encarnados, e se acharia alterada pela mais leve imperfeição destes. Se isso fora assim, considerando o que são os homens, não haveria Espíritos felizes, e a felicidade verdadeira não existiria mais no outro mundo que sobre a Terra. Os Espíritos devem sofrer tanto menos os defeitos dos homens, quanto os sabem perfectíveis. Os homens imperfeitos são para eles como crianças cuja educação não está feita, e para a qual têm a missão de trabalhar, eles que têm igualmente passado pela fieira da imperfeição. Mas fazendo-se a parte de que o princípio desenvolvido nesta carta pode ter de muito absoluto, não se pode impedir de nele reconhecer um sentido muito profundo, uma admirável penetração das leis que regem a relações do mundo visível e do mundo invisível, e as nuanças que caracterizam o grau de adiantamento dos Espíritos encarnados ou desencarnados.

OPINIÃO ATUAL DE LAVATER SOBRE O ESPIRITISMO.

Comunicação verbal, pelo Sr. Morin em sonambulismo espontâneo.

(Sociedade de Paris, 13 de março de 1868.)

Desde que a misericórdia divina permitiu que eu, humilde criatura, recebesse a revelação por intermédio dos mensageiros da imensidão, até este dia, os anos, um a um, caíram no abismo dos tempos; eà medida que eles escoavam, aumentavam também os conhecimentos dos homens, e seu horizonte intelectual se alargava.

Depois que as poucas páginas que lestes me foram dadas muitas outras páginas foram dadas no mundo inteiro sobre o mesmo assunto *e* pelo mesmo meio. Não creiais que eu tenha a pretensão, eu, humilde entre todos, de ter tido o primeiro a honra ensigne de receber um tal favor; não, outros, antes de mim, tinham, também eles, recebido a revelação; mas, como eu, ai! não lhe compreenderam inteiramente certas partes. É que é necessário, senhores, levar em conta o tempo, o g rau de instrução moral, e sobretudo o g rau de emancipação filosófica dos povos.

Os Espíritos, dos quais sou feliz hoje de fazer parte, formam, eles também, os povos, *os* mundos, mas não têm raças; eles estudam, vêem, e seus estudos podem, incontestavelmente, ser maiores, mais vastos do que os estudos dos homens; mas, no entanto, eles partem sempre dos conhecimentos adquiridos, e do ponto culminante do progresso moral e intelectual do tempo e do meio onde vivem. Se os Espíritos, esses mensageiros divinos, vêm diariamente vos dar instruções de uma ordem mais elevada, é que a generalidade dos seres que a recebem está no estado de compreendê-las. Em conseqüência das preparações que suportaram, há instantes em que os homens não têm necessidade de deixar passar sobre eles a eternidade de um século para compreender. Desde de que se vê, eleva-se rapidamente o nível moral, uma espécie de atração os leva para uma certa corrente de idéias que devem assimilar, e ao objetivo ao qual devem aspirar; mas esses instantes são curtos, e cabe aos homens deles se aproveitarem.

Eu disse que era preciso levar em conta os tempos, e, sobretudo, o grau de emancipação filosófica que a época comportava. Reconhecendo para com a Divindade, que me havia permitido adquirir, por um favor especial, mais depressa de que outros homens partidos do mesmo ponto, certos conhecimento, eu recebi as comunicações dos Espíritos. Mas a educação primeira, os ensinos estreitos, a tradição e o uso pesam sobre mim; apesar de minhas aspirações para adquirir uma liberdade, uma independência de espírito que eu desejava, afetuoso atrativo para os Espíritos que vinham se comunicar comigo, não conhecia a ciência que vos foi revelada depois, eu não podia atrair senão os seres similares às minhas idéias, às minhas aspirações, e que, com um horizonte mais largo, tinham, no entanto, a mesma visão limitada. Daí, eu o confesso, alguns erros que pudestes notar no que vos veio de mim; mas o fundo, o corpo principal, senhores, não está conforme tudo o que, depois, vos foi revelado por esses mensageiros dos quais vos falei há pouco?

Espírito encarnado, levado por instinto ao bem, natureza agitada se apoderando de um pensamento que me levava ao verdadeiro, tão depressa, aí! quantos deles me levavam ao erro, e, talvez, aí o motivo que provocou as inexatidões de minhas comunicações, não tendo, para retificá-las, o controle dos pontos de comparação; porque, para que uma revelação seja perfeita é preciso que ela se dirija a um homem perfeito, e ele não existe; não é, pois, senão do conjunto que se pode extrair os elementos da verdade: é o que pudestes fazer; mas, no meu tempo, podia-se formar um conjunto de algumas parcelas da verdade, de algumas comunicações excepcionais? Não. Sou feliz por ter sido um dos privilegiados deste último século; obtive algumas dessas comunicações por meu intermédio direto, e a maior parte por meio de um Médium, meu

amigo, completamente estranho à língua da alma, e, é preciso vos dizer, mesmo à do bem.

Feliz por fazer partilhar essas idéias às inteligências que eu acreditava acima da minha, uma porta me foi aberta; eu a agarrei com zelo, e todas as revelações da vida além-túmulo foram por mim levadas ao conhecimento de uma Imperatriz que, a seu turno, as leva ao conhecimento de sua sociedade, e, assim, pouco a pouco.

Crede-o bem, o Espiritismo não foi revelado espontaneamente; como toda coisa saída das mãos de Deus, ele se desenvolve progressivamente, lentamente, seguramente. Ele esteve em germe no primeiro germe das coisas, e cresceu com esse germe até que estivesse bastante forte para se subdividir ao infinito, e espalhar por toda a parte sua semente fecunda e regeneradora. É por ele que sereis felizes, que será assegurada a felicidade do povos; que digo eu? a felicidade de todos os mundos; porque o Espiritismo, palavra que eu ignorava, está chamado a fazer muito grandes revoluções! Mas, tranqüilizai-vos; essas revoluções não ensangüentarão jamais a sua bandeira; são as revoluções morais, intelectuais; revoluções gigantescas, mais irresistíveis do que aquelas que são provocadas pelas armas, pelas quais tudo é de tal modo chamado a se transformar, que tudo o que conheceis não é senão um fraco esboço daquilo que elas produziram.

O Espiritismo é uma palavra tão vasta, tão grande, por tudo que ele contém, que me parece que um homem que não lhe conhecesse toda a profundidade não a poderia pronunciar sem respeito.

Senhores, eu, Espírito muito pequeno, a despeito da grande inteligência com a qual me gratificais, e em consideração àqueles muitos superiores que me é dado contemplar, venho vos dizer: Credes, pois, que seja por um efeito do acaso que pudestes ouvir esta noite o que Lavater obteve e escreveu? Não, não foi por acaso, e minha mão perispiritual seguramente os dirigiu até vós. Mas se esses alguns pensamentos vieram ao nosso conhecimento por meu intermédio, não creias que tenha procurado nisto uma vã satisfação de amor-próprio; não, longe disto; o objetivo era maior, e mesmo o pensamento de levá-los ao conhecimento universal da Terra, não veio de mim. Esse conhecimento tinhaa sua utilidade; ele deve ter conseqüência sérias, foi por isto que vos foi dado divulgá-lo. Nas menores causas se encontra o germe das maiores renovações. Eu sou feliz, senhores, que me seja dado o direito de vos pressentir sobre a importância que terão essas poucas reflexões, essas comunicações, bem pobres junto das quais obtendes atualmente; e, se lhe entrevejo o resultado, se sou feliz por isto, por que não o serieis?

Eu retornarei, senhores, e o que disse esta noite é tão pouca coisa junto do que tenho a missão de vos ensinar, que ouso apenas vos dizer: é Lavater.

Pergunta. Nós vos agradecemos pelas explicações que consentistes nos dar, e ficaríamos muito felizes em vos contar, doravante, entre nossos Espíritos instrutores. Receberemos as vossas instruções com o mais vivo reconhecimento. À espera disto, permiti-nos uma simples pergunta sobre a vossa comunicação de hoje:

1- Dissestes que a Imperatriz leva essas idéias ao conhecimento de sua sociedade e, assim, pouco a pouco. Seria por esta iniciativa, partida do ponto culminante da sociedade, que a Doutrina Espírita deve encontrar tão numerosas simpatias entre as sumidades sociais na Rússia? - *2-* Um ponto que me admira não ver mencionado em vossas cartas, é o grande princípio da reencarnação, uma das leis naturais que mais testemunham a justiça e a bondade de Deus.

Resposta. - É evidente que a influência da Imperatriz e de alguns outros grandes personagens foi predominante para determinar, na Rússia, o desenvolvimento do movimento filosófico no sentido espiritualista; mas, se o pensamento dos príncipes da Terra determina, freqüentemente, o pensamento dos grandes que se acham sob sua dependência, não ocorre o mesmo com os pequenos. Aqueles que têm chance de desenvolver no povo as idéias progressivas, são os filhos do povo; serão eles que farão

triunfar por toda a parte os princípios de solidariedade e de caridade que são a base do Espiritismo.

Também, Deus, em sua sabedoria, escalonou os elementos do progresso; *eles estão no alto, em baixo, sob todas as formas, e preparados para combater todas as resistências.* Eles sofrem, assim, um movimento de vai-e-vem constante, que não pode deixar de estabelecer a harmonia do sentimentos entre as altas e as baixas classes, e de fazer triunfar solidariamente os princípios de autoridade e de liberdade.

Os povos são, como o sabeis, formados de Espíritos que têm, entre eles, uma certa afinidade de idéias, que os predispõem, mais ou menos, a assimilar as idéias de tal ou tal ordem, porque essas mesmas idéias estão, neles, em estado latente e não esperando senão uma ocasião para se desenvolverem. O povo russo, e vários outros, estão neste caso com relação ao Espiritismo; por pouco que o movimento seja secundado, em lugar de ser entravado, dez anos não se passariam antes que todos os indivíduos, sem exceção, fosse Espíritas. Mas esses próprios entraves são úteis para temperar o movimento que, embora pouco lento, não o é senão mais refletido. O Todo-Poderoso, pela vontade de quem tudo se realiza, saberá muito levantar os obstáculos quando disto chegar o tempo. O Espiritismo será um dia a fé universal, e se espantará que não o haja sempre sido assim.

Quanto ao princípio da reencarnação terrestre, eu vos confesso que a minha iniciação não tinha chegado nele, e, sem dúvida, de propósito, porque não teria deixado de fazê-lo, como as outras revelações, o objeto de minhas instruções à Imperatriz, e talvez isto teria sido prematuro. Aqueles que presidem ao movimento ascensional sabem bem o que fazem. Os princípios nascem um a um, segundo os tempos, os lugares e os indivíduos, e estava reservado à vossa época vê-los reunidos em um feixe sólido, lógico e inatacável.

LAVATER.

EDUCAÇÃO DE ALÉM-TÚMULO.

Escrevem-nos de Caen:

"Uma mãe e suas três filhas de pouca idade, querendo estudar a Doutrina Espírita, não podiam ler duas páginas sem sentirem um mal-estar do qual não se davam conta. Eu me encontrava, um dia, na casa dessas senhoras, com uma jovem médium sonâmbula muito lúcida; esta adormeceu espontaneamente e viu junto dela um Espírito que reconheceu pelo abade L...antigo cura do lugar, morto há uma dezena de anos.

"Pergunta. Sois, senhor, o cura que impediu esta família de ler? -*Resposta.* Sim, fui eu; velo sem cessar sobre o rebanho confiado aos meus cuidados; há muito tempo que vos vejo querer instruir meus penitentes em vossa triste doutrina; quem vos deu o direito de ensinar? Fizestes estudos para isso?

"Pergunta. Dizei-nos, senhor abade, estais no céu? - *Resposta.* Não; não sou bastante puro para ver Deus.

"Pergunta. Estais, então, nas chamas do purgatório? -*Resposta.* Não, uma vez que não sofro.

"Pergunta. Vistes o inferno? -*Resposta.* Vós-me fazeis tremer! me perturbais! Eu não posso responder, porque talvez me direis que devo estar numa dessas três coisas. Tremo pensando no que dissestes, e, no entanto, sou atraído para vós pela lógica de vossos raciocínios. Eu retornarei e discutirei convosco.

"Com efeito ele retornou muitas vezes; discutimos e ele compreendeu tão bem que o entusiasmo o ganhou. Recentemente, ele exclamou: "Sim, sou Espírita agora, dizei-o a

todos aqueles que ensina. Ah! como gostaria que compreendesse Deus como este anjo me fez conhecê-lo!" Ele falava de Cárita, que tinha vindo até nós, e diante de quem ele caiu de joelhos, dizendo que não era um Espírito, mas um anjo. Desde esse momento, ele tomou por missão instruir aqueles que pretendem instruir os outros."

Nosso correspondente acrescenta o fato seguinte:

"Entre os Espíritos que vêm ao nosso círculo, tivemos o doutor X..., que se apoderou de nosso médium, e que é como uma criança; é preciso dar-lhe explicações sobre tudo; ele avança, compreende, e está cheio de entusiasmo; ele vai junto dos sábios que conheceu; quer lhes explicar o que vê, o que sabe agora, mas eles não o compreendem; então ele se irrita e os trata de ignorantes. Um dia, numa reunião de dez pessoas, ele se apoderou da criança, como de hábito (a jovem médium, pela qual ele fala e age); pergunta-me quem era e porque eu tinha tanto saber sem ter nada aprendido; tomou-me a cabeça com as mãos e disse: "Eis a matéria, na qual me reconheço, mas como estou aqui, eu? como pude fazer falar este organismo que, no entanto, não é meu? Vós me falais da alma, mas onde está aquela que habita este corpo?"

"Depois de tê-lo feito notar o laço fluídico que une o Espírito ao corpo durante a vida, ele exclamou de repente, falando da jovem médium: "Eu conheço esta criança, eu a vi em minha casa; seu coração estava doente; como ocorre que não esteja mais? Dizei-me quem acurou?" Eu lhe fiz observar que se enganava, e que jamais a tinha visto. - "Não, disse ele, eu não me engano, e a prova é que lhe piquei o braço e que ela não sentiu nenhuma dor."

"Quando a jovem foi despertada, nós lhe perguntamos se ela tinha conhecido o doutor e se tinha ido consultá-lo. "Eu não sei, respondeu ela, se é ele; mas, estando em Paris fui conduzida à casa de um célebre médico, do qual não me lembro nem o nome, nem o endereço."

"Suas idéia se modificam rapidamente; é agora um Espírito no delírio da felicidade do que sabe; ele gostaria de provar a todo o mundo que o nosso ensino é incontestável. O que o preocupa, sobretudo, é a questão dos fluidos. "Eu quero, disse, curar como vosso amigo; não quero mais me servir de venenos; nem tomá-los jamais." Ele estuda hoje o homem, não mais em seu organismo, mas em sua alma; fez-nos dizer-lhe como se opera a união da alma e do corpo na concepção, e com isto pareceu muito feliz. O bom doutor Demeure veio em seguida, e nos disse para não nos admirarmos das perguntas, às vezes pueris, que poderia nos fazer; ele é, disse, como uma criança que precisa aprender a ler no grande livro da Natureza; mas, como é, ao mesmo tempo, uma grande inteligência, se instrui rapidamente, e, para isto, concorremos de nosso lado."

Esses dois exemplos vêm confirmar estes três grandes princípios revelados pelo Espiritismo, a saber:

1ª Que a alma conserva, no mundo dos Espíritos, por um tempo mais ou menos longo, as idéias e os preconceitos que tinha durante a vida terrestre;

2- Que ela se modifica, progride e adquire conhecimentos novos no mundo dos Espíritos;

3- Que os encarnados podem concorrer para o progresso dos Espíritos desencarnados.

Estes princípios, resultado de inumeráveis observações, têm uma importância capital, naquilo que fazem cair todas as idéias implantadas pelas crenças religiosas sobre o estado estacionário e definitivo dos Espíritos depois da morte. Desde que o progresso no estado espiritual está demonstrado, todas as crenças fundadas sobre a perpetuidade de uma situação uniforme qualquer tombam diante da autoridade dos fatos. Elas tombam também diante da razão filosófica que diz que o progresso é uma lei da Natureza, e que o estado estacionário dos Espíritos seria, ao mesmo tempo, a negação daquela lei e da justiça de Deus.

O Espírito progredindo fora da encarnação, disto resulta esta outra conseqüência, não menos capital, de que, em retornando sobre a Terra, ele traz a dupla aquisição das existências anteriores e da erraticidade. Assim se realiza o progresso das gerações.

É incontestável que, quando o médico e o sacerdote de quem se falou acima, renascerem, trarão idéias e opiniões diferentes das que tinham na existência que acabam de deixar; um não será mais fanático, o outro não será mais materialista, e ambos serão Espíritas. Pode-se isto dizer tanto do doutor Morei Lavallé, do bispo de Barcelona e de tantos outros. Há, pois, utilidade, para o futuro da Humanidade, ocupar-se com a educação dos Espíritos.

O DOUTOR PHILIPPEAU.

IMPRESSÕES DE UM MÉDICO MATERIALISTANO MUNDO DOS ESPÍRITOS.

Em uma reunião íntima de família, onde se ocupava da comunicação pela tiptologia, dois Espíritos, conversando entre si, se manifestam espontaneamente, sem nenhuma evocação preliminar, e sem que se pensasse neles: um era o de um médico distinto, que designaremos sob o nome de Philippeau, morto há pouco, e que, quando vivo, tinha feito abertamente a sua profissão do materialismo mais absoluto; o outro era de uma mulher que assinou Sainte Victoire. Foi essa conversa que reportamos acima. Há para se anotar que as pessoas que obtiveram esta manifestação não conheciam o médico senão de reputação, mas não tinham nenhuma idéia de seu caráter, de seus hábitos, nem de suas opiniões; a comunicação não podia, pois, ser, de nenhum modo, o reflexo de seu pensamento, e isto tanto menos que, sendo obtida pela tiptologia, ela era inteiramente inconsciente.

Perguntas do médico. O Espiritismo me ensina que é necessário esperar, amar, perdoar; eu farei todas essas coisas se soubesse como é preciso a elas me ligar para começar. É preciso esperar o quê? É preciso perdoar, o quê e a quem? É preciso amar, quem? Respondei-me.

PHILIPPEAU.

Resposta. É preciso esperar na misericórdia de Deus, que é infinita; é preciso perdoar àqueles que nos ofenderam; é preciso amar seu próximo como a si mesmo; é preciso amar a Deus, a fim de que Deus vos ame e vos perdoe; é preciso rogar-lhe e dar-lhe graças por todas as suas bondades, por todas as vossas misérias, porque miséria e felicida de tudo nos vem dele, quer dizer, que tudo nos vem dele segundo o que merecemos.

Aquele que expiou, mais tarde terá a sua recompensa; cada coisa tem a sua razão de ser, e Deus, que é soberanamente bom e justo, dá, a cada um, segundo as suas obras. Amar e rogar, eis toda a vida, toda a eternidade.

SAINTEVICTOIRE.

O médico. Eu gostaria, de toda a minha alma, de vos satisfazer, senhora, mas temo muito não o poder inteiramente; no entanto, vou tentar.

Uma vez morto, materialmente falando, acreditava que tudo estava acabado; portanto, quando a minha matéria ficou inerte, compreendi espantado que ainda me sentia vivo.

Vi esses homens me levarem, e disse a mim mesmo: No entanto, não estou morto! Eles não vêem, pois, esses médicos imbecis, que eu vivo, que eu respiro, que eu caminho, que eu os olho, que os sigo, essas pessoas que vêm ao meu enterro!... Quem é, pois, que se enterra?... Não é, pois, a mim... Eu escuto uns e outros: "Esse pobre

Philippeau, diziam, fez muitas curas; bem que matou alguns; hoje é a sua vez; quando a morte aí está , perdemos nosso tempo." Inutilmente gritei: "Mas Philippeau não morre como esse; eu não estou morto!" eu não era ouvido, não era visto.

Três dias se passaram assim; eu havia desaparecido do mundo, e me sentia mais vivo do que nunca. Seja acaso, seja a Providência, meus olhos caíram sobre uma brochura de Allan Kardec; li suas descrições sobre o Espiritismo, e disse a mim mesmo: Serei, por acaso, um Espírito?... Eu li, reli, e compreendi, então, a transformação de meu ser: eu não era mais um homem, mas um Espírito!... Sim; mas, então, que tinha a fazer nesse mundo novo? nessa nova esfera?... Eu errava, procurava: encontrei o vazio, a sombra, o abismo, enfim.

O que tinha feito, pois, deixando o mundo, para vir habitar essas trevas?... O inferno é, pois, negro e foi nesse inferno que caí?... Por quê?. ..Porque trabalhei toda a minha vida? Porque empreguei a minha existência para cuidar de uns e de outros, para salvá-los quando a minha ciência me permitiu?... Não! não!... Por que então? Porquê?... procura! procura!... Nada; eu não encontro nada.

Então reli Allan Kardec: esperar, perdoar e amar, eis a solução. Agora compreendo o resto; o que não tinha compreendido, o que tinha negado: Deus, o Ser invisível e supremo, é preciso que eu lhe rogue; o que eu tinha feito pela ciência, é preciso que o faça por Deus; que eu estude, que cumpra a minha missão espiritual. Compreendo, ainda, vagamente as coisas, e vejo longos combates em meu pensamento, porque todo um mundo novo se abre para mim, *e* recuo assustado diante do que tenho a percorrer. No entanto, é preciso expiar, dizeis; essa Terra foi para mim muito penosa, porque me foi preciso mais trabalho do que podeis supor para chegar onde cheguei! A ambição era o meu único móvel; eu o queria e cheguei.

Agora tudo está para ser refeito. Fiz tudo ao contrário do que devia. Eu aprendi, escavei a ciência , não por amor à ciência, mas por ambição, para ser mais do que um outro, para que falassem de mim. Pensei em meu próximo, não para aliviá-lo, mas para me enriquecer; em uma palavra, fui todo pela matéria, quando se deve ser inteiramente para o espírito. Quais são hoje as minhas obras? A riqueza, a ciência; nada! nada! Tudo está para ser refeito.

Para isso terei a coragem? terei a força, os meios, a facilidade?... O mundo espiritual, onde caminho, *é* um enigma; a prece me é desconhecida; que fazer? quem me ajudará? Vós, talvez, que já me respondestes... Tomai guarda! a tarefa é rude, difícil, o escolar às vezes rebelde... No entanto, tratarei de render-me às vossas boas razões, e vos agradeço antecipadamente pelas vossas bondades.

PHILIPPEAU.

O ESPIRITISMO POR TODA A PARTE.

A literatura contemporânea, periódica e outra, se marca cada dia por idéias espíritas, tanto é verdadeiro, como o dissemos há muito tempo, que essas idéias são mina fecunda para os trabalhos da imaginação, rica em quadros poéticos e em situações interessantes; também os escritores nela retiram de mancheias. As doutrinas materialistas lhes oferecem um campo muito limitado, muito prosaico; o que delas se pode tirar que seja de natureza a tocar o coração, a elevar o pensamento? que poesia oferece a perspectiva do nada, da destruição eterna de si mesmo e daqueles que se ama? O materialista sente a necessidade de falar à alma de seus leitores se não quiser esfriá-los; de emprestar uma aos seus personagens se quiser que se interessem. De todos os tempos, os poetas e os literatos retiraram, das idéias espiritualistas, suas mais belas imagens e suas situações mais emocionantes; mas hoje o Espiritismo, precisando as crenças no futuro, dá aos

pensamentos um corpo, uma acentuação que não tinham; ele abre um novo campo que começa a ser explorado. Disto já citamos numerosos exemplos, e continuaremos a fazê-lo, de tempos em tempos, porque é um sinal característico da reação que se opera nas idéias.

Além das obras literárias, propriamente ditas, a imprensa também registra, todos os dias, os fatos que entram no quadro do Espiritismo.

A CONDESSA DE MONTE-CRISTO.

Sob este título, a *Petite Presse* publica um romance-folhetim, no qual se encontram as passagens seguintes, extraídas dos capítulos XXX e XXXI:

" - Meu paraíso, querida mãe, dizia à condessa de Monte-Cristo, sua filha agonizante, serão de ficar junto a ti, perto de vós! sempre viva em vossos pensamentos, *escutando-vos e vos respondendo, conversando baixinho com as vossas almas.*

"Quando a flor perfumar no jardim, e que a levares aos teus lábios, eu estarei naflor e serei eu quem receberá o beijo! Eu me farei também o raio, o sopro que passa, o murmúrio do ruído. O vento que agitará os teus cabelos será a minha carícia; o odor dos lilases floridos se elevará rumo à tua janela, esse será a minha respiração; o canto distante que te fará chorar, esta será a minha voz?..........

"Mãe, não blasfemes! Nada de cólera contra Deus! Ai! *essas cóleras e essas blasfêmias talvez nos separem para sempre.*

"*Enquanto permaneceres neste mundo, eu me farei a tua companheira de exílio;* mas mais tarde, quando, resignada às vontades de nosso Pai que está nos céus, ao teu turno, tiveres fechado os olhos para não mais reabri-los, então eu estarei, ao meu turno, à tua cabeceira, esperando atua libertação: e, ébrias de uma alegria eterna, nossos dois corações, reunidos para sempre, enlaçados pela eternidade, voarão, num mesmo vôo, para o céu clemente. Compreendes esta alegria, mãe? jamais te deixar, sempre te amar, sempre! Formar, por assim dizer, ao mesmo tempo, dois seres distintos e um único ser; seres tu e eu ao mesmo tempo? Amar e saber que se é amada, e que a medida do amor que se inspira é a mesma daquele que se sente?

"Neste mundo, nós não nos conhecemos; eu te ignoro como me ignoras; *entre os nossos dois Espíritos, os nossos dois corpos são obstáculos; não nos vemos senão confusamente através do véu da carne.* Mas, lá em cima, *leremos claramente no coração uma da outra.* E saber a que ponto se ama é o verdadeiro paraíso, vês!

"Ai! todos essas promessas de uma felicidade mística e infinita, longe de acalmarem as angústias de Helène, não fazem senão torná-las mais intensas, fazendo-a medir o valor do bem que ela iria perder.

"A intervalos, no entanto, ao impulso destas palavras inspiradas, a alma de Helène voava quase até as alturas serenas onde plana a de Pippione. Suas lágrimas cessam, a calma entra de novo em seu seio transtornado; *parecia-lhe que seres invisíveis flutuavam no quarto, soprando a Blanche as palavras à medida que ela as pronunciava.*

"A criança dormia, e, em seu sonho, *ela parecia conversar com alguém que não via, escutar vozes que só ela ouvia, e responder-lhe.*

"De repente, um brusco estremecimento agita seus membros fracos, ela abre bem seus grandes olhos e chama sua mãe, que revê apoiada à janela.

"Ela se aproxima do leito, e a Pippione toma a sua mão com mão já metade em seus últimos suores.

- Chegou o instante, disse ela. Esta noite é a última. *Eles me chamam, eu os* ouço/Eu gostaria muito de permanecer ainda, pobre mãe, mas não posso, a vontade deles é mais forte do que a minha; os *que me fazem sinal estão no outro mundo.*

- Loucura! grita Helène! visão! sonho! Tu morreres hoje, esta noite, entre os meus braços! é que isto é possível?

"Não, não morrer, fez a Pippione; *nascer! eu saio do sonho em lugar de nele entrar; o pesadelo acabou, desperto.* Oh! se soubesses como é belo, e que luz brilha aqui, perto da qual vosso sol não é senão mancha negra!

"Ela se deixa ir sobre as almofadas, fica um instante silenciosa, depois retoma:

" - São curtos os instantes que tenho para passar perto de vós. Quero que estejais todos lá para me dizer o que chamais um eterno adeus, o que não é, em realidade, *senão um rever próximo.* Todos, ouvistes bem? Tu primeiro, o bom doutor, Ursule, e Cyprienne, e Joseph.

"Este nome foi pronunciado mais baixo do que os outros, era o último sopro, o último lamento humano da Pippione. A partir deste instante, ela pertencia inteiramente ao céu...................................

"-Era minha filha!

" - Era!... repetia com voz quase paternal o doutor Ozam, atraindo Helène contra seu peito. Era!... pois não é mais... Que resta dela aqui? um pedaço de carne meio decomposta, nervos que não vibram mais, sangue que se espessa, olhos sem olhar, ouvidos que não ouvem mais, um pouco de lodo!

"Vossa filha! este cadáver no qual a Natureza fecunda já faz germinar a vida inferior que lhe disseminará os elementos! - Vossa filha, esse lodo que amanhã verde na grama, florirá em rosas, e restituirá ao solo todas as forças vivas que ela lhe furtou? Não, não, - isso não é vossa filha! *isso não é senão a veste delicada e encantadora que ela tinha para atravessar a nossa vida de provações, um farrapo que ela abandonou desdenhosamente, como uma roupa usada que se solta!*

"Se quereis ter uma recordação viva de vossa filha, pobre mulher, é preciso olhar em outra parte... e mais alto.

" - Nisto credes, pois, também, doutor, pergunta ela, nesta outra vida? Diziam que éreis materialista.

"O doutor fez um doce sorriso irônico.

" - Talvez eu o seja, mas não do modo como o entendeis.

"Não é numa outra vida que eu creio, mas na vida eterna, na vida que não tem começo e que, conseqüentemente, não terá fim. - Cada um dos seres, *igual aos outros no início,* faz, por assim dizer, a educação de sua alma, e lhe aumenta as faculdades e a força, na medida de seus méritos e de seus atos. Conseqüência imediata deste aumento: esta alma, mais perfeita, agrega ao seu redor um envoltório igualmente mais perfeito. Depois, enfim, *um dia chega em que este envoltório não lhe basta mais,* e, então, como se diz, a alma suprime o corpo.

"Mas ela o suprime para encontrar um outro corpo mais em relação com as suas necessidades e suas qual idades novas? Onde? Quem sabe? Talvez num desses mundos superiores que brilham sobre as nossas cabeças, em um mundo onde encontrará um corpo mais perfeito, dotado de órgãos mais sensíveis, por isto mesmo melhor e mais feliz!

....

"Nós mesmos, seres perfeitos, dotados desde o primeiro dia de todos os sentidos que nos colocam em relação com a natureza exterior, quantos esforços nos são necessários! Que trabalhos latentes não são necessários para que a criança se torne homem, o ser ignorante e fraco, rei da Terra! E, sem cessar, até a morte, os corajosos e os bons perseveram nesse caminho árduo do trabalho; eles alargam sua inteligência pelo estudo, seu coração pelo devotamento. Eis o trabalho misterioso da crisálida humana, o trabalho pelo qual ela adquire o poder e o direito de suprimir seu envoltório do corpo e planar com as asas."

Nota. - O autor, que tinha guardado até aqui o anonimato, é o Sr. du Boys, jovem escritor dramático; por certas expressões quase textuais, vê-se, evidentemente, que se inspirou na Doutrina.

O BARÃO CLOOTZ

Sob o título de: *Um voto humanitário, Anarcharsis Clootz, barão prussiano, convencional francês, aos seus concidadãos de Paris e de Berlim,* o *Progrès de Lyon,* de 27 de abril de 1867, sob forma de uma carta supostamente escrita do outro mundo, pelo convencional Clooíz, um artigo muito longo começando assim:

"No outro mundo que habito, depois do terrível dia 24 de março de 1794, que, eu o confesso, desiludiu-me um pouco sobre os homens e sobre as coisas, sozinha a palavra *guerra* guarda o privilégio de me lembrar das preocupações da política terrestre. O que mais amei, que digo eu? adorei e servi, quando habitei o vosso planeta, foi a fraternidade dos povos e a paz. A esse grande objeto de estudo e de amor, dei uma prova muito séria: minha cabeça, da qual minhas cem mil libras de renda aumentaram, aos olhos de muitas pessoas, o importante valor. O que me consolava mesmo um pouco subindo os degraus do cadafalso, eram as considerações pelas quais São Justo vinha justificar a minha prisão. Ele disse, se disso me lembro bem, que doravante a paz, a justiça e a probidade estariam na ordem do dia. Eu teria dado a minha vida, eu o declaro bem alto sem hesitar, e duas vezes antes que uma, para obter a metade desse resultado. E notai, se vos apraz, que o meu sacrifício era mais completo e mais profundo do que não teria podido ser o da maioria dos meus colegas. Eu era de boa fé e guardava o respeito da justiça no fundo do coração; mas, sem falar dos cultos dos quais tinha horror, o Ser supremo do próprio Robespierre me irritava os nervos, e a vida futura tinha para mim a aparência de um conto de fadas. Perguntar-me-eis, sem dúvida, o que era isso? Eu estava errado? eu tinha razão? Aí está o grande segredo dos mortos. Julgai vós mesmos aos vossos riscos e perigos. No entanto, parece que fui um pouco longe, uma vez que, nesta ocasião solene, me é permitido vos escrever."

Sendo o artigo exclusivamente político, e saindo do nosso plano, dele não citamos senão este fragmento para mostrar que, mesmo desses sérios assuntos, pode-se aproveitar a idéia dos mortos, se dirigindo aos vivos para continuar depois deles as relações interrompidas. O Espiritismo vê, a cada instante, esta ficção se realizar. É mais do que provável que foi ele que tenha dado a idéia desta; de resto ela poderia ser dada como real, que ele não a desaprovaria.

METEMPSICOSE

"Conheceis a causa dos ruídos que nos chegam? dizia a senhora Dês Genêts. É alguma nova cena de cruéis decaídos que esses senhores nos preparam?

-Tranqüilizai-vos, querida amiga, tudo está em segurança: nossos vivos e nossos mortos. Ouvis a encantadora melodia do rouxinol que canta no salgueiro! É talvez a alma de um dos mártires que plana ao nosso redor sob a forma agradável. Os mortos têm seus privilégios; e me convenço, de bom grado, que, freqüentemente, eles retornam assim para junto daqueles que amaram.

" - Oh! se dizeis a verdade! exclama vivamente a senhora Dês Genêts.

" - Nisto creio sinceramente, fez a jovem duquesa. É tão bom acreditar nas coisas que consolam! De resto, meu pai, que é muito sábio, como não o ignorais, assegurou-me que esta crença havia sido difundida antigamente por grandes filósofos. Lesage, ele, nela acreditou também."

Esta passagem foi tirada de um romance-folhetim intitulado: O *Cárcere da Torre dos pinheiros,* por Paulin Capmal, publicado pela *Libertéde* 4 de novembro de 1867. Aqui, a idéia não foi emprestada da Doutrina Espírita, uma vez que esta, de todos os tempos, tem

ensinado e provado que alma humana não pode renascer num corpo animal, o que não impede certos críticos, que não leram a primeira palavra do Espiritismo, de repetir que ele professa a metempsicose; mas é sempre o pensamento da alma individual sobrevivendo ao corpo, retornando sob uma forma tangível junto daqueles que ela amou. Se a idéia não é espírita, ela é ao menos espiritualista, e mais valeria ainda crer na metempsicose do que crer no nada. Essa crença, pelo menos, não é tão desesperadora como o materialismo; ela não tem nada de imoral, ao contrário; ela conduziu todos os povos que a professaram a tratar os animais com doçura e beneficência. Esta exclamação: *É tão bom acreditar nas coisas que consolam é* o grande segredo do sucesso do Espiritismo.

ENTERRO DO SR. MARC MICHEL

Leu-se no *Temps,* de 27 de março de 1868:

"Ontem, no enterramento do Sr. Marc Michel, o sr. Jules Adenis deu adeus, em nome da Sociedade dos autores dramáticos, ao escritor que a comédia alegre e leve vem de perder.

"Encontro esta frase em seu discurso:

"Foi Ferdinand Langlé que, recentemente, precedeu na tumba aquele que nós choramos hoje...E quem o sabe? Quem pode dizê-lo?... do mesmo modo que acompanhamos aqui este despojo mortal, talvez a alma de Langlé tenha vindo receber a alma de Marc Michel no limiar da eternidade."

Certamente, é a falta de meu espírito muito leviano, mas eu confesso que me é difícil representar-me, com a seriedade conveniente, a alma do autor de *Sourd, du Camarade de lit,* de *Une sangsue,* de a *Greve dês portiers,* vindo receber no limiar da eternidade, a alma do autor *de Maman Saboulex, de Mesdames d eMontenfriche, de umTigre du Bengale* e da *Station de Champbaudet.*

"X. FEYRNET."

O pensamento emitido pelo Sr. Jules Adenis é do puro Espiritismo. Suponhamos que o autor do artigo, o Sr. Feyrnet, que apenas conservou uma *seriedade conveniente* ouvindo dizer que *a* alma do Sr. Langlé está também presente, e vem receber a alma de Marc Michel, tivesse tomado a palavra, a seu turno, e tivesse se expressado assim: "Senhores, acaba de se dizer que a alma de nosso amigo Langlé está aqui, que ela nos vê e nos ouve! Não faltaria senão acrescentar que ela pode nos falar. Não creiais disto uma palavra; a alma de Langlé não existe mais; ou bem, o que se torna o mesmo, ela está fundida na imensidão. De Marc Michel, dele não resta mais; isto será do mesmo modo convosco quando morrerdes, com vossos pais e vossos amigos. Esperar que eles vos esperem, que virão vos receber no desembarcar da vida, é da loucura, da superstição, do iluminismo. O positivo, ei-lo: Quando se está morto, tudo acabou." Qual dos dois oradores teria encontrado maior simpatia entre os assistentes? Qual teria secado mais lágrimas, dado mais coragem e resignação aos aflitos? O infeliz que não espera mais alívio neste mundo não seria justo dizer-lhe: "Se assim é, acabemos o mais cedo possível com a vida?" É preciso lamentar o Sr. Feyrnet por não poder guardar sua seriedade à idéia de que seu pai e sua mãe, se os perdeu, vivem ainda, que velam à sua cabeceira, e que voltará a vê-los.

UM SONHO.

Extraído do *Figaro,* de 12 de abril de 1868:

"Por extraordinário que pareça, o relato seguinte, o autor declarando tê-lo do próprio vice-presidente do Corpo legislativo (o barão Jerôme David), dá a essas palavras uma autoridade incontestável.

"Durante sua permanência em Saint-Cyr, David foi testemunha de um duelo entre dois de seus camaradas de promoção, Lambert e Poirée. Este último recebeu um golpe de espada e foi se curar na enfermaria, onde seu amigo David subia para vê-lo todos os dias.

"Certa manhã, Poirée pareceu-lhe singularmente perturbado; ele o acossa com perguntas e acaba por arrancar-lhe a confissão de que a sua emoção vinha de um simples pesadelo.

"Eu sonhei que estávamos na margem de um rio, eu recebi uma bala na fronte, acima do olho, e tu me sustentavas em teus braços; eu sofri muito e me sentia morrer; recomendei-te a minha mulher e os meus filhos, quando despertei.

"-Meu caro, tens a febre, lhe respondeu David rindo; tranqüiliza-te, estás na cama, não és casado e não tens bala acima do olho; foi um sonho muito estúpido; não te atormentes assim, se queres curar-te depressa.

"-É singular, murmurou Poirée, jamais acreditei nos sonhos, neles não creio, e, no entanto, estou transtornado.

"Dez anos depois, o exército francês desembarcou na Criméia; os saint-cyrianos tinham se perdido de vista. David, oficial ajudante de ordens ligado à divisão do príncipe Napoleão, recebeu a ordem de ir descobrir um vau a montante da Alma. Para impedir os Russos de fazê-lo prisioneiro, fez sustentar esse reconhecimento por uma companhia de atiradores de infantaria, tomada no regimento mais próximo. Os Russos faziam chover uma chuva de balas sobre os homens da escolta, que se desdobraram em atiradores para responder prontamente.

"Dez minutos não tinham se escoado quando um de nossos oficiais rolou no chão, mortalmente atingido. O capitão David saltou do cavalo e correu para levantá-lo; apoiou-lhe a cabeça sobre seu braço esquerdo e, retirando o cantil pendurado em suacintura, aproximou-o dos lábios do ferido. Um buraco escancarado acima do olho ensangüentava o rosto; um soldado trouxe um pouco de água e derramou sobre a cabeça do moribundo, já nos estertores.

"David olhou com atenção os traços que lhe pareceu reconhecer, um nome é pronunciado ao seu lado, não mais dúvida, é ele, é Poirée! Chamou-o, seus olhos se abrem, o agonizante reconheceu, por sua vez, o camarada de Sant-Cyr...

" - David! tu aqui?... O sonho... minha mulher...

"Estas palavras entrecortadas não tinham terminado e já a cabeça caiu inerte sobre o braço de David. Poirée estava morto, deixando sua mulher e seus filhos à lembrança e à amizade de David.

"Eu não ousaria contar uma semelhante história se eu mesmo não a tivesse ouvido do honrado vice-presidente do Corpo legislativo. " *Voxpopuli."*

Com que propósito o narrador acrescenta estas palavras: *Vox* populi? Poder-se-ia entendê-las assim: Os fatos dessa natureza são de tal modo freqüentes, que são atestados *pela voz do povo,* quer dizer, por uma aprovação geral.

ESPÍRITOS BATEDORES NA RÚSSIA.

Dirigem-nos de *Riga,* em data de 8 de abril de 1868, o extrato seguinte do *Corrier russe,* de São Petersburgo:

"Credes nos Espíritos batedores? Por mim, absolutamente nada; e, no entanto, acabo dever um fato material palpável, e saído de tal modo das regras do senso comum, e também de tal modo em desacordo com os princípios da estabilidade ou do peso dos corpos que me inculcou meu professor de quarto ano, que não sei qual é o mais

impressionado dos dois, o Espírito ou eu. - Nosso secretário da redação recebeu outro dia um senhor de aparência conveniente, de uma idade de não poder lhe atribuir a idéia de um mau gracejo; saudação, apresentação, etc. tudo perfeito, esse senhor contou que ele veio ao nosso escritório procurar um conselho; que o que lhe aconteceu é de tal modo fora de todos os fatos da vida social, que crê de seu dever publicá-lo.

" - Minha casa, disse ele, está cheia de Espíritos batedores; cada noite, pelas dez horas, começam seus exercícios, transportando os objetos os menos transportáveis, batendo, saltando e colocando, em uma palavra, todo o meu apartamento revirado. Recorri à polícia, um soldado dormiu em minha casa várias noites, a desordem não cessou, ainda que, a cada alarme, ele tenha tirado seu sabre de maneira ameaçadora. Minha casa é isolada, não tenho senão um servidor, minha mulher e minha filha, e quando esses fatos se passam, nos reunimos. Moro numa rua muito afastada, em Vassili-Ostroff.

"Eu tinha entrado durante a conversa, e a escutei de boca aberta; eu vos disse, não creio nos Espíritos batedores, mas lá, absolutamente nada. Eu expliquei a esse senhor que, para dar publicidade a esses fatos, ainda seria preciso que estivéssemos convencidos de sua existência, e lhe propus ir, eu mesmo, me dar conta da coisa. Marcamos encontro para a noite, e às nove horas eu estava na casa de meu homem. Fui introduzido num pequeno salão, mobiliado muito confortavelmente; examinei a disposição das peças: não havia delas senão quatro, das quais uma cozinha, o todo ocupando todo o andar de uma casa de madeira; ninguém morava em cima, estando em baixo ocupado por um armazém. Pelas dez horas, estávamos reunidos no salão, meu homem, sua mulher, sua filha, a cozinheira e eu. Uma meia hora, nada de novo! De repente uma porta se abre e uma galocha cai no meio do quarto; acreditei num cúmplice, e quis me assegurar de que a escada estava vazia, quando a minha galocha saltou sobre um móvel e de lá de novo sobre o assoalho; depois foi o giro das cadeiras no quarto vizinho, que não havia saída senão por aquele que ocupávamos, e que acabava de encontrar perfeitamente vazio. Somente ao cabo de uma hora o silêncio se restabeleceu, e o Espírito, os Espíritos, o ágil cúmplice, ou o Deus sabe quem, desapareceu, nos deixando numa estupefação que, eu vos asseguro, nada tinha de brincadeira. Eis os fatos, eu os vi com os meus próprios olhos; não me encarrego de vos explicar; se desejardes procurar, vós mesmos, a explicação, temos à vossa disposição todas as informações sobre os lugares.

"HENRI DE BRENNE."

A FOME NA ARGÉLIA.

Os detalhes dados pelos jornais sobre os flagelos que dizimam, neste momento, as populações árabes da Argélia nada têm de exagerados, e são confirmados por todos os correspondentes particulares. Um de nossos assinantes de Sétif, o Sr. Dumas, consentiu em nos endereçar uma fotografia representando a multidão dos indígenas reunidos diante da casa onde se lhes distribuía socorro. Esse desenho, de uma verdade dolorosa, foi acompanhado da notícia impressa seguinte:

"Depois de anos sucessivamente calamitosos que a nossa colônia atravessou, um flagelo mais terrível ainda vem de se abater sobre ela: a fome.

"Apenas os primeiros rigores do inverno tinham se feito sentir, quando se vêem, às nossas portas, os Árabes morrendo de fome; chegam em bandos numerosos, semi-nus, de corpo cansado, chorando de fome e de frio, implorando a comiseração pública, disputando com a voracidade de cães alguns restos lançados com as imundícies na via pública.

"Embora eles mesmos reduzidos à mais cruel miserabilidade, os habitantes de Sétif não podem contemplar com olhar impassível uma tão profunda miséria. Logo, e espontaneamente, uma comissão de beneficência é organizada sob a presidência do Sr. Bizet, cura de Sétif; uma subscrição é aberta, cada um dá seu óbolo, em seguida os socorros cotidianos foram distribuídos, no presbitério, a duzentas e cinqüenta mulheres e crianças indigentes.

"Nos últimos dias de janeiro, enquanto uma neve abundante e por muito tempo desejada caía sobre as nossas regiões, pôde-se fazer ainda melhor. Um forno foi instalado num amplo local; lá, duas vezes por dia, os membros da comissão distribuíam os alimentos, não mais a duzentas e cinqüenta, mas a quinhentas mulheres ou crianças indigentes; lá, enfim, esses infelizes encontraram um asilo e um abrigo.

Mas, ai! os Europeus são obrigados, e à força, a limitar seus socorros às mulheres e às crianças... Para aliviar todas as misérias, seria preciso uma boa parte do trigo que os poderosos que governam detêm em seus silos; no entanto, eles esperam poder continuar suas distribuições até o meio do mês de abril."

Se não abrimos, nesta circunstância, uma subscrição especial nos escritórios da *Revista,* foi porque sabíamos que os nossos irmãos em crença não foram os últimos a levarem a sua oferenda nos escritórios da sua circunscrição, para esse efeito abertos aos cuidados da autoridade. As doações que nos foram endereçadas para esse efeito, ali foram depositadas.

O Sr. capitão Bourgès, em guarnição em Laghouat, nos escreveu, sobre esse assunto, o que se segue:

"Há alguns anos, os flagelos se sucedem na Argélia: tremores de terra, invasão de gafanhotos, cólera, seca, tifo, fome, miséria profunda vieram alternativamente atingir os indígenas que expiam agora a sua imprevidência e o seu fanatismo. Os homens e os próprios animais morrem de fome, e o fazem aos poucos sem ruído. A fome se estende ao Marrocos e à Tunísia; creio, no entanto, que a Argélia é a mais provada. Não poderíeis crer o quanto se fica emocionado vendo os corpos pálidos e raquíticos procurando por toda a parte o seu alimento, e o disputando com os cães errantes. Pela manhã, esses esqueletos vivos acorrem de todos os lados do campo e se precipitam sobre os estrumes para deles extrair os grãos de cevada não digeridos pelos cavalos, e dos quais se alimentam no mesmo instante. Outros roem os ossos para deles sugar a gelatina que neles ainda pode se encontrar, ou comem grama rarefeita que cresce em torno do oásis. Do meio dessa miséria surge uma libertinagem horrível que ganha as classes baixas da população da colônia, e espalha, nos corpos materiais, essas pragas corrosivas que deveriam ser a lepra da antigüidade. Meus olhos se fecham para não ver tanta vergonha, ea minha alma sobe para o Pai celeste para lhe pedir preservar os bons do contato impuro, e dar aos homens fracos a força de não se deixarem arrastar nesse abismo malsão.

"A Humanidade ainda está muito longe do progresso moral que certos filósofos crêem já realizado. Não vejo ao meu redor senão os epicuristas que não querem ouvir falar do Espírito; eles não querem sair da animalidade; seu orgulho se atribui uma nobre origem, e, no entanto, seus atos dizem bastante o que foram outrora.

Ao ver o que se passa, crer-se-ia verdadeiramente que a raça árabe está chamada a desaparecer do solo, porque, apesar da caridade que se exerce para com ela, e os socorros que lhe são levados, ela se compraz na preguiça, sem nenhum sentimento de reconhecimento. Essa miséria física, provinda de chagas morais, tem ainda a sua utilidade. O egoísta, obsidiado, acotovelado a todo o momento pelo infortunado que o segue, acaba por abrir a sua mão, e seu coração emocionado sente, enfim, as doces alegrias que a caridade proporciona. Um sentimento que não se apagará vem de nascer, e, talvez, mesmo o do reconhecimento surgirá no coração daquele a quem se assiste. Um laço simpático então se forma; novos socorros vêm dar a vida aos infelizes que morrem

aos poucos, e, do desencorajamento, este último passa à esperança. O que parecia um mal fez nascer um bem: um egoísta a menos e um homem de coragem a mais."

Os Espíritos não se enganaram quando anunciaram que os flagelos de todas as espécies devastariam a Terra. Sabe-se que a Argélia não é o único país provado. Na *Revista* de julho de 1867, descrevemos a terrível doença que castigou há um ano a Ilha Maurice; uma carta recente diz que, à doença, vieram se juntar novas infelicidades, e muitos outros países, neste momento, são vítimas de acontecimentos desastrosos.

Deve-se acusar a Providência por todas essas misérias? Não, mas a ignorância, a incúria, conseqüência da ignorância, o egoísmo, o orgulho e as paixões dos homens. Deus não quer senão o bem; ele tem tudo feito para o bem; deu aos homens os meios de ser feliz: cabe a eles aplicá-los se não quiserem adquirir a experiência às suas custas. É fácil demonstrar que todos os flagelos poderiam ser conjurados, ou pelo menos atenuados de maneira a paralisar os efeitos; é o que faremos ulteriormente numa obra especial.

Os homens não devem prender senão a eles os males que suportam; a Argélia nos oferece neste momento um notável exemplo: são as populações árabes, negligentes e imprevidentes, embrutecidas pelo fanatismo, que sofrem de fome, enquanto que os Europeus souberam disso se preservar; mas há outros flagelos, não menos desastrosos, contra os quais estes últimos ainda não souberam se premunir.

A própria violência do mal forçará os homens a procurarem o remédio, e, quando tiverem inutilmente esgotado os paliativos, compreenderão a necessidade de atacar o mal na própria raiz, por meios heróicos. Este será um dos resultados da transformação que se opera na Humanidade.

Mas, dir-se-á, que importa àqueles que sofrem agora a felicidade das gerações futuras? Eles terão tido a pena e os outros o proveito; terão trabalhado, suportado o fardo de todas as misérias inseparáveis da ignorância, preparado os caminhos, e os outros, porque Deus os terá feito nascer em tempos melhores, colherão. Que faz às vítimas das exacções da Idade Média o regime mais sadio sob o qual vivemos? Pode-se se chamar isso de justiça?

O fato é que, até hoje, nenhuma filosofia, nenhuma doutrina religiosa tinha resolvido, no entanto, essa grave questão, de um tão poderoso interesse para a Humanidade. Só o Espiritismo lhe dá uma solução racional pela reencarnação, essa chave de tantos problemas que se acreditavam insolúveis. Pelo fato da pluralidade das existências, as gerações que se sucedem são compostas pelos mesmos indivíduos espirituais que renascem em diferentes épocas, e aproveitam das melhorias que eles mesmos prepararam, da experiência que adquiriram no passado. Não são novos homens que nascem; são os mesmos homens que renasceram mais avançados. Cada geração, trabalhando para o futuro, trabalha em realidade para a sua própria conta. A Idade Média, seguramente, foi uma época bem calamitosa; os homens daquele tempo, revivendo hoje, se beneficiam do progresso realizado, e são mais felizes, porque têm melhores instituições; mas, quem fez essas instituições melhores? *Eles mesmos que as tinham más outrora]* aqueles de hoje, devendo viver mais tarde, num meio ainda mais depurado, colherão o que tiverem semeado; serão mais esclarecidos, e, nem os seus sofrimentos, nem os seus trabalhos anteriores terão sido pura perda. Que coragem, que resignação essa idéia, inculcada no espírito dos homens não lhes daria! (Ver *a Gênese,* cap. XVIII, nºs 34 e 35.)

DISSERTAÇÕES DOS ESPÍRITOS

ONTEM, HOJE E AMANHÃ

Comunicação verbal em sonambulismo espontâneo

Lyon, 2 de fevereiro de 1868.

Onde estamos nós hoje? onde está a luz? Tudo é sombra, tudo é perturbação ao nosso redor. Ontem, é o passado; amanhã, é o futuro; hoje, é o presente,,, O que distingue esses três dias? Viveu-se ontem, vive-se ainda hoje, viver-se-á amanhã, e sempre no mesmo círculo. De onde sai, pois, essa Humanidade, para onde vai ela? Mistério que não será esclarecido senão amanhã.

Moisés é o tempo passado: o Cristo, o tempo presente; o Messias a vir, que é o dia seguinte, não apareceu ainda... Moisés tinha a idolatria para combater; o Cristo, os fariseus; o Messias a vir também terá *os* seus adversários: a incredulidade, o ceticismo, o materialismo, o ateísmo, e todos os vícios que oprimem o gênero humano... Três épocas que marcam o progresso da Humanidade; parênteses filiais que se sucedem um ao outro; ontem era Moisés, hoje é o Cristo, e amanhã será o novo Messias.

Eu digo que é o Cristo de hoje, porque é a sua palavra, sua doutrina, sua caridade, todos os seus sublimes ensinos que devem se difundir por toda a parte; porque, vós mesmos o vedes, a Humanidade não progrediu muito. Dezoito séculos apenas nos separam do Cristo: dezoito séculos de trevas de tirania, de orgulho e de ambição. Apropriai o passado, o presente, amanhã contemplareis o vosso futuro. ..Idolatras do passado, fariseus do presente, adversários de amanhã, a luz brilha para todos os povos, para todos os mundos, para todos os indivíduos, e vós não quereis vê-la!

Criatura, tu te desanimas hoje que é o presente; esperas o cumprimento dos prodígios anunciados; tu os verá se cumprirem. Logo toda a Terra tremerá... o vigésimo século apagará o brilho dos séculos precedentes, porque verá o cumprimento daquilo que foi predito.

O Messias que deve presidir ao grande movimento regenerador da Terra nasceu, mas ainda não foi revelada a sua missão, e não nos é permitido dizer o seu nome, nem o país que habita; ele se anunciará por suas obras, e os homens tremerão à sua voz poderosa, porque o número dos justos é ainda bem pequeno.

Apegai-vos à matéria, homens egoístas e ambiciosos que não viveis senão para satisfazer as vossas paixões e os vossos desejos mundanos; o tempo é curto para vós; tomai-o, enlaçai-o, porque ontem é passado, hoje se deita, e amanhã estará logo lá.

Ai! fariseu do presente, tu esperas sempre. Que o trovão estoure, não te apavores diante do brilho precursor que vem ofuscar teus olhos. Tu que te comprazes no egoísmo e no orgulho, que persistes no passado e no presente, teu futuro será o de ser lançado de novo num outro mundo para que o teu Espírito possa chegar à perfeição à qual Deus te chama.

Vós, Espíritas, que estais aqui, que recebeis as instruções dos Espíritos, sede pacientes, dóceis, conscientes de vossos atos; não desanimeis; esperai com calma esse amanhã que deverá vos livrar de todas as perseguições. Deus, para quem nada está escondido, que lê nos corações, vos vê e não vos abandonará; a hora se aproxima e logo seremos amanhã.

Mas esse Messias que deverá vir, é ele o próprio Cristo? questão difícil de ser compreendida no tempo presente, e que amanhã cleareará. Como um bom pai de família, Deus, que é todo sabedoria, não impõe todo o trabalho a um único de seus filhos. Ele dá a cada um a sua tarefa, segundo as necessidades do mundo onde os envia. Deve-se concluir que o novo Messias não será nem tão grande, nem tão poderoso quanto o Cristo? Isto seria absurdo; mas esperai que a hora soe para compreender a obra dos mensageiros invisíveis que vieram desembaraçar o caminho, porque os Espíritos fizeram um imenso trabalho. É o Espiritismo que deve levantar os pesados calhaus que embaraçam a passagem daquele que deve vir. Esse homem será poderoso e forte, e

numerosos Espíritos estão sobre a Terra para aplainar o caminho, e fazer cumprir o que está predito.

Esse novo Messias, tu o chamarás de Cristo? É uma questão à qual não posso responder; esperai amanhã. Quantas coisas eu teria ainda para vos revelar! Mas me detenho, porque o dia de amanhã não apareceu ainda; apenas estamos antes da meia-noite.

Amigos que aqui estais, todos animados do desejo de vosso adiantamento moral, trabalhai sobre vós mesmos para vos regenerar, afim de que o Senhor vos encontre prontos. Coragem, irmãos, porque o vosso trabalho não será perdido; trabalhai para quebrar os laços da matéria que impedem o Espírito de progredir.

Tende afé, porque ela conduzo homem com segurança ao destino de sua viagem. Tende o amor, porque amar os seus irmãos é amar a Deus. Velai e orai; a prece fortalece o Espírito que se deixa ir ao desencorajamento. Pedi ao vosso Pai celestial aforça para triunfar dos obstáculos e das tentações. Armai-vos contra os vossos defeitos; estejais prontos, porque amanhã não está longe. A aurora do século marcado por Deus para o cumprimento dos fatos que devem mudar a face deste mundo começa *a* despontar no horizonte.

O ESPÍRITO DA FÉ,
Médium, Sr. Dubois em sonambulismo espontâneo,

ALLAN KARDEC,

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO NO. 6 JUNHO 1868

A MEDIUNIDADE NO COPO D'ÁGUA.

Um de nossos correspondentes de Genebra nos transmite interessantes detalhes sobre um novo gênero de mediunidade vidente, que consiste em ver num copo d'água magnetizada. Esta faculdade tem muita relação com a do vidente de Zimmerwald, da qual demos conta circunstanciada na Revista de outubro de 1864, página 289, e outubro de 1865, página 289; a diferença consiste em que este último se serve de um copo vazio, sempre o mesmo, e que a faculdade lhe é, de certo modo, pessoal; o fenômeno que nos é assinalado se produz, ao contrário, com a ajuda de qualquer copo contendo água magnetizada, e parece dever se vulgarizar. Sendo assim, a mediunidade vidente poderia se tornar tão comum quanto a pela escrita. Eis as informações que nos são dadas, e segundo as quais cada um poderá experimentar, colocando-se nas condições favoráveis.

"A mediunidade vidente pelo copo d'água magnetizada vem de se revelar entre nós num certo número de pessoas; depois de um mês, temos quinze médiuns videntes deste gênero, tendo cada um a sua especialidade. Um dos melhores é uma jovem que não sabe nem ler e nem escrever; ela é mais particularmente própria para as doenças, e eis como nossos bons Espíritos procedem para nos mostrar o mal e o remédio. Tomo um exemplo ao acaso: Uma pobre mulher, que se encontrava na reunião, tinha recebido um golpe mau no peito; ela apareceu no copo absolutamente como numa fotografia; ela levou a mão sobre a parte que sofria. A senhora V... (o médium) viu em seguida o peito se abrir, e notou que o sangue coalhado estava fixado no lugar onde o gol pé foi dado; depois o todo desapareceu para dar lugar à imagem dos remédios que consistiam num emplastro de resina branca e um copo contendo benjoim. Esta mulher foi perfeitamente curada depois de ter seguido este tratamento.

"Quando se trata de um obsidiado, o médium vê os maus Espíritos que o atormentam; em seguida aparecem por remédios o Espírito simbolizando a prece, e duas mãos que magnetizam.

"Temos um outro médium, cuja especialidade é ver os Espíritos. Pobres Espíritos sofredores freqüentemente nos apresentaram, por seu intermédio, cenas emocionantes para nos fazer compreender as suas angústias. Um dia, evocamos o Espírito de um indivíduo que tinha se afogado voluntariamente; ele apareceu na água turva; não se lhe via senão a parte de trás da cabeça e os cabelos meio mergulhados na água. Durante duas sessões nos foi impossível ver o seu rosto. Fizemos a prece para os suicidas; no dia seguinte, o médium viu a cabeça fora da água, e se pôde lhe reconhecer os traços de um parente de uma das pessoas da sociedade. Continuamos as preces, e agora o rosto traz sempre a expressão do sofrimento, é verdade, mas ele parece retomar a vida.

"Há algum tempo, produzia-se, na casa de uma senhora que mora em um dos bairros de Genebra, ruídos do gênero daqueles de Poitiers, e que causam uma grande comoção em toda a casa. Essa senhora, que não conhece o Espiritismo de nenhum modo, tendo ouvido falar, veio nos ver com seu irmão para nos pedir para assistir às nossas sessões. Nenhum dos nossos médiuns os conhecia. Um deles viu, em seu copo,

uma casa no interior da qual um mau Espírito punha tudo em desordem, deslocava os móveis, e quebrava a louça. No retrato que dele fez, essa senhora reconheceu a mulher de seu jardineiro, muito má quando viva, e que lhe havia feito muito mal. Dirigimos a esse Espírito algumas palavras benevolentes para levá-lo a melhores sentimentos, e, à medida que se lhe falava, seu rosto tomava uma expressão mais doce. No dia seguinte, fomos até a casa dessa senhora, e a noite completou a da véspera. Os ruídos cessaram quase que inteiramente depois da partida da cozinheira que, parece, servia de médium inconsciente a esse Espírito. Como tudo tem a sua razão de ser e sua utilidade, penso que esses ruídos tinham por objetivo levar essa família ao conhecimento do Espiritismo.

"Eis agora o que as nossas observações nos ensinaram sobre a maneira de operar:

"É preciso um copo chato, bem unido pelo fundo; é enchido até a metade com água que se magnetiza pelos procedimentos comuns, quer dizer, pela imposição das mãos, e, sobretudo, da extremidade dos dedos, sobre a boca do copo, ajudada pela ação firme do olhar e do pensamento. A duração da magnetização, na primeira vez, é em torno de dez minutos; mais tarde cinco minutos bastam. A mesma pessoa pode magnetizar, ao mesmo tempo, vários copos.

"O médium vidente, ou aquele que quer experimentar, não deve ele mesmo magnetizar seu copo, porque utilizaria o fluido que lhe é necessário para ver. É preciso, para magnetizar, um médium especial, e há os que são, a esse respeito, dotados de uma força mais ou menos grande. A ação magnética não produz na água nenhum fenômeno que lhe indique a saturação.

"Isto feito, cada experimentador coloca o seu copo diante de si, e o olha durante vinte ou trinta minutos no máximo, algumas vezes menos, segundo a aptidão; esse tempo não é necessário senão na primeira tentativa; quando a faculdade está desenvolvida, bastam alguns minutos. Durante esse tempo, uma pessoa faz a prece para pedir o concurso dos bons Espíritos.

"Aqueles que estão aptos para ver distinguem, de início, no fundo do copo, uma espécie de pequena nuvem; é um indício certo de que verão; pouco a pouco essa nuvem toma uma forma mais acentuada, e a imagem se desenha à vista do médium. Os médiuns, entre eles, podem ver nos copos uns dos outros, mas não as pessoas que não estão dotadas dessa faculdade. Algumas vezes uma parte do objeto aparece no copo, e a outra parte num outro copo; para as doenças, por exemplo, um verá o mal e o outro o remédio, De outras vezes, dois médiuns verão simultaneamente, cada um em seu copo, a imagem da mesma pessoa, mas, geralmente, em condições diferentes.

"Freqüentemente, a imagem se transforma, muda de aspecto, depois desaparece. Muito geralmente, ela é espontânea; o médium deve esperar e dizer o que vê; mas pode também ser provocada pela evocação.

"Recentemente, fui ver uma senhora que tem uma jovem operária de dezoito anos, que jamais ouviu falar do Espiritismo; essa senhora pediu-me para lhe magnetizar o copo com água. A jovem nele olhou quase durante um quarto de hora, e ela disse: "Eu vejo um braço; dir-se-ia que é o de minha mãe; vejo-lhe a mancha de sua roupa arregaçada, como disto tinha o hábito." Essa mãe, que conhecia a sensibilidade de sua filha, sem dúvida, não quis se mostrar subitamente, para lhe evitar uma impressão muito grande. Então, eu pedi a esse Espírito que, se fosse o da mãe do médium, se fizesse reconhecer. O braço desapareceu e o Espírito se apresentou no tamanho de uma fotografia, mas dando as costas. Era, ainda, uma precaução para preparar sua filha para vê-la. Esta reconheceu sua touca, uma estola, as cores e os desenhos de sua roupa; vivamente emocionada, ela lhe dirigiu as mais ternas palavras para pedir-lhe que deixasse ver seu rosto. Eu mesmo pedi-lhe para condescender ao desejo de sua filha. Então, ela se apagou, a água ficou turva, e o rosto apareceu. A jovem chorou de reconhecimento agradecendo a Deus pelo dom que vinha de lhe conceder.

"A senhora desejava muito ver, ela mesma; no dia seguinte, fizemos em sua casa uma sessão que foi cheia de informações. Depois de ter inutilmente olhado no copo durante meia hora, ela disse: "Meu Deus! se eu pudesse somente ver o diabo no copo, já seria feliz!" Mas Deus não lhe concedeu essa satisfação.

"Não faltarão incrédulos para colocarem esses fenômenos à conta da imaginação. Mas os fatos lá estão para provar que, numa multidão de casos, a imaginação não está neles absolutamente por nada. Primeiro, todo o mundo não vê, qualquer desejo que se tenha disso; eu mesmo, freqüentemente, me super excito o espírito com este objetivo, sem jamais obter o menor resultado. A senhora da qual acabo de falar, apesar de seu desejo de ver o diabo, depois de meia hora de atenção e de concentração, nada viu. A jovem não pensava em sua mãe quando esta lhe apareceu; e depois de todas essas precauções para não se mostrar senão gradualmente atestam uma combinação, uma vontade estranha, à qual a imaginação do médium não podia ter nenhuma parte.

"Para deles ter uma prova mais positiva, fiz a experiência seguinte. Tendo ido passar alguns dias num campo, a algumas léguas de Genebra, havia na família onde me encontrava, várias crianças; como elas faziam muito barulho, eu propus, para ocupá-las, um jogo mais pacífico. Peguei um copo com água que magnetizei, sem que ninguém disto se apercebesse, e lhes disse: "Qual é aquele, dentre vós, que terá a paciência de olhar este copo durante vinte minutos, sem desviar os olhos?" Guardei-me de acrescentar que poderiam ali ver alguma coisa; era a título de simples passatempo. Vários perderam a paciência antes do fim da prova; uma jovem de onze anos teve mais perseverança; ao cabo de doze minutos, ela deu um grito de alegria dizendo que via uma paisagem magnífica, da qual nos fez a descrição. Uma outra jovem de sete anos, tendo querido olhar a seu turno, dormiu instantaneamente. Onde está aqui o efeito da imaginação?

"Essa faculdade pode, pois, ser tentada numa reunião de pessoas, mas exorto a não admitir, nas primeiras sessões, pessoas hostis; sendo necessários a calma e o recolhimento, com isto a faculdade não se desenvolverá senão mais facilmente; quando ela está formada, é menos suscetível de ser perturbada.

"O médium não vê senão quando tem os olhos abertos; quando os fecha, ele está na obscuridade; é pelo menos o que notamos, e isto denota uma variedade na mediunidade vidente. O médium não fecha os olhos senão para repousar, o que lhe ocorre duas ou três vezes por sessão. Ele vê tão bem de dia quanto de noite, mas à noite precisa de luz.

"A imagem das pessoas vivas se apresenta no copo tão bem quanto as das pessoas mortas. Tendo pedido a razão ao meu Espírito familiar, ele me respondeu: "são as suas *imagens* que apresentamos; os Espíritos são tão hábeis para pintar quanto para viajar." No entanto, os médiuns distinguem sem dificuldade um Espírito de uma pessoa viva; há alguma coisa de menos material.

"O médium do copo com água difere do sonâmbulo naquilo que o Espírito deste último se desliga; é-lhe preciso um fio condutor para ir procurar a pessoa ausente, ao passo que o primeiro tem sob os seus olhos sua imagem, que é o reflexo de sua alma e de seus pensamentos. Ele se cansa menos do que o sonâmbulo, e é também menos exposto a se deixar intimidar pela visão dos maus Espíritos que podem se apresentar. Esses Espíritos podem bem cansá-lo porque procuram magnetizá-lo, mas ele pode à vontade se subtrair ao seu olhar, e deles recebe, aliás, uma impressão menos direta.

"Ocorre nesta mediunidade como em todas as outras: o médium atrai para si os Espíritos que lhe são simpáticos; ao médium impuro se apresentam de bom grado os Espíritos impuros. O meio de atrair os bons Espíritos é estar animado de bons sentimentos, de não pedir senão coisas justas e razoáveis, de não se servir desta faculdade senão para o bem, e não para as coisas fúteis. Se dela se faz um objeto de diversão, de curiosidade ou de negócio, cai-se, inevitavelmente, na perturbação dos Espíritos enganadores, que se divertem apresentando imagens ridículas e falaciosas."

Nota. -Como princípio esta mediunidade, certamente, não é nova; mas ela se desenha aqui de maneira mais precisa, sobretudo mais prática, e se mostra em condições particulares. Pode-se, pois, considerá-la como uma das variedades que foram anunciadas. Do ponto de vista da ciência espírita, ela nos faz penetrar mais adiante o mistério da constituição íntima do mundo invisível, do qual ela confirma as leis conhecidas, ao mesmo tempo que delas nos mostra novas aplicações. Ela ajudará a compreender certos fenômenos, ainda incompreendidos, da vida diária, e, por sua vulgarização, não pode deixar de abrir um novo caminho para a propagação do Espiritismo. Quererão ver, experimentarão; quererão compreender, estudar, e muitos entrarão no Espiritismo por esta porta.

Este fenômeno oferece uma particularidade notável. Até o presente, compreendeu-se a visão direta dos Espíritos em certas condições, a visão à distância de objetos reais: é hoje uma teoria elementar; mas aqui não são os próprios Espíritos que são vistos, e que não podem vir se alojar num copo com água, não mais do que as casas, as paisagens e as pessoas vivas.

De resto, seria um erro crer que esteja aí um meio melhor do que um outro para saber tudo o que se deseja. Os médiuns videntes, por esse procedimento ou outro qualquer, não vêem à vontade; eles não vêem senão o que os Espíritos querem fazê-los ver, ou têm permissão de fazê-los ver quando a coisa é útil. Não se pode forçar nem a vontade dos Espíritos, nem a faculdade dos médiuns. Para o exercício de uma faculdade medianímica qualquer, é preciso que o aparelho sensitivo, se assim se pode expressar, esteja em estado de funcionar; ora, não depende do médium fazê-lo funcionar à sua vontade. Eis porque a mediunidade não pode ser uma profissão, uma vez que ela pode falhar no momento em que seria necessária para satisfazer o cliente; daí a incitação à fraude para simular a ação do Espírito.

A experiência prova que os Espíritos, quaisquer que sejam, não estão *jamais* ao capricho dos homens, não mais, e menos ainda, do que quando estavam neste mundo; e, de um outro lado, o simples bom senso diz que, com mais forte razão, os Espíritos sérios não poderiam aceder ao chamado de qualquer um para coisas fúteis, e desempenhar o papel de saltimbancos ou ledores da sorte. Só o charlatanismo pode pretender a possibilidade de ter agência aberta de comércio com os Espíritos.

Os incrédulos riem dos Espíritas, porque eles pensam que crêem em Espíritos confinados numa mesa ou numa caixa e que fazem manobrar como marionetes; acham isto ridículo e têm cem vezes razão; onde estão errados é crer que o Espiritismo ensina semelhantes absurdos, ao passo que ele diz positivamente o contrário. Se, por vezes, no mundo, deles encontraram de uma credulidade fácil demais, isto não é entre os Espíritas esclarecidos; ora, entre eles, necessariamente, há os que o são mais ou menos, como em todas as ciências.

Os Espíritos não estão alojados no copo com água, eis o que é positivo. O que há, pois, no copo com água? Uma imagem, não outra coisa; imagem tomada da Natureza, eis porque ela é freqüentemente exata. Como ela é produzida? Aí está o problema. O fato existe, portanto tem uma causa. Embora não se possa dar dele ainda uma solução completa e definitiva, o artigo seguinte nos parece lançar uma luz sobre a questão.

FOTOGRAFIA DO PENSAMENTO.

O fenômeno da fotografia do pensamento se ligando ao das criações fluídicas, descrito em nosso livro da *Gênese,* no capítulo dos fluidos, para maior clareza reproduzimos a passagem desse capítulo, onde esse assunto é tratado, e o completamos com novas observações.

Os fluidos espirituais, que constituem, propriamente falando, um dos estados do fluido cósmico, são a atmosfera dos seres espirituais; é o elemento onde eles haurem os materiais sobre os quais operam; é o meio onde se passam os fenômenos especiais perceptíveis à vista e ao ouvido do Espírito, e que escapam aos sentidos carnais impressionados somente pela matéria tangível, onde se forma essa luz particular ao mundo espiritual, diferente da luz comum por sua causa e seus efeitos; é, enfim, o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

Os Espíritos agindo sobre os fluidos espirituais, não os manipulam como os homens manipulam os gases, mas com a ajuda do pensamento e da vontade, O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem a esses fluidos tal ou tal direção; aglomeram-nos, combinam-nos ou os dispersam; com eles formam conjuntos tendo uma aparência, uma forma, uma cor determinada; mudando-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou outros corpos, os combinam segundo certas leis; é a grande oficina ou o laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações são o resultado de uma intenção; freqüentemente, são o produto de um pensamento inconsciente; basta ao Espírito pensar numa coisa para que essa coisa se produza, como basta modular uma ária para que essa ária repercuta na atmosfera.

É assim, por exemplo, que um Espírito se apresenta à vista de um encarnado dotado da visão psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo, na época em que foi conhecido, tivesse tido várias encarnações depois. Ele se apresenta com a roupa, os sinais exteriores, -enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc., que tinha então; um decapitado se apresentará com a cabeça a menos. Não é dizer que ele conserva essas aparências; não, certamente; porque como Espírito ele não é nem coxo, nem maneta, nem caolho, nem decapitado, mas seu *pensamentos e* reportando à época em que era assim, seu perispírito lhe toma instantaneamente as aparências, que deixa do mesmo modo instantaneamente, desde que seu pensamento deixa de agir. Se, pois, foi uma vez negro, outra vez branco, ele se apresentará como negro ou como branco, segundo a dessas duas encarnações sob a qual for evocado, e onde se reportar o seu pensamento.

Por um efeito análogo, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos dos quais tinha o hábito de se servir: um avaro manejará o ouro; um militar terá as suas armas e o seu uniforme; um fumante, o seu cachimbo; um lavrador, a sua charrua e seus bois; uma velha, a sua roca para afiar. Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito que é, ele mesmo, fluídico, quanto eram no estado material para o homem vivo; mas, pela mesma razão que são criados pelo pensamento, a sua existência é tão fugidia quanto o pensamento.

Sendo os fluidos o veículo do pensamento, eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer, em verdade, que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Como se vê, é uma ordem de fatos toda nova que se passam fora do mundo tangível, e constituem, podendo-se assim dizer, a física e a química especiais do mundo invisível. Mas como, durante a encarnação, o princípio espiritual está unido ao princípio material, disto resulta que certos fenômenos do mundo espiritual se produzem conjuntamente com os do mundo material, e são inexplicáveis para quem não lhes conhece as leis. O conhecimento dessas leis é, pois, tão útil aos encarnados quanto aos desencarnados, uma vez que só elas podem explicar certos fatos da vida material.

O pensamento, criando *imagens fluídicas,* se reflete no envoltório espiritual como numa vidraça, ou ainda como essas imagens de objetos terrestres que se refletem nos vapores de ar; ela ali toma um corpo e se *fotografa* de alguma sorte. Que um homem

tenha, por exemplo, a idéia de matar um outro, por impassível que seja seu corpo material, seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento do qual reproduz todas as nuanças; ele executa fluidicamente o gesto, o ato que tem o desejo de realizar; seu pensamento cria a imagem da vítima, e a cena inteira se pinta, como num quadro, tal qual ela está em seu espírito.

É assim que os movimentos mais secretos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma, encarnada ou desencarnada, pode ler numa outra como num livro, e ver o que não é perceptível pelos olhos do corpo. Os olhos do corpo vêem as impressões interiores que se refletem sobre os indícios do rosto: a cólera, a alegria, a tristeza; mas a alma vê sobre os indícios da alma os pensamentos que não se traduzem ao redor.

No entanto, segundo a intenção, o vidente pode bem pressentir o cumprimento do ato que lhe será a conseqüência, mas não pode determinar o momento em que se cumprirá, nem lhe precisar os detalhes, nem mesmo afirmar que ocorrerá, porque circunstâncias ulteriores poderão modificar os planos decididos e mudar as disposições. Ele não pode ver o que não está ainda no pensamento; o que vê é a preocupação do momento, ou habitual, do indivíduo, seus desejos, seus projetos, suas intenções boas ou más; daí os erros nas previsões de certos videntes, quando um acontecimento está subordinado ao livre-arbítrio do homem; não podem senão pressentir-lhe a probabilidade segundo o pensamento que vêem, mas não afirmar que ocorrerá de tal maneira e em tal momento. A maior ou a menor exatidão nas previsões, depende, além disso, do alcance e da clareza da visão psíquica; em certos indivíduos, Espíritos ou encarnados, ela é difusa ou limitada a um ponto, ao passo que, em outros, ela é limpa, e abarca o conjunto dos pensamentos e da vontade, devendo concorrer para a realização de um fato; mas, acima de tudo, há sempre a vontade superior que pode, em sua sabedoria, permitir uma revelação ou impedi-la; neste caso, um véu impenetrável é lançado sobre a visão psíquica mais perspicaz. (Ver na *Gênese,* o cap. da *Presciência.)*

A teoria das criações fluídicas e, conseqüentemente, da fotografia do pensamento, é uma conquistado Espiritismo moderno, e pode ser, doravante, considerada como adquirida em princípio, salvo as aplicações de detalhes que são o resultado da observação. Esse fenômeno é, incontestavelmente. A fonte das visões fantásticas, e deve desempenhar um grande papel em certos sonhos.

Pensamos que nele se pode encontrar a explicação da mediunidade do copo com água. (Ver o art. precedente.) Desde que o objeto que se vê não está no copo, a água deve fazer o trabalho de uma vidraça que reflete a imagem criada pelo pensamento do Espírito. Esta imagem pode ser a reprodução de uma coisa real, como pode ser a de uma criação de fantasia. O copo com água não é, em todos os casos, senão um meio de reproduzi-la, mas não é o único, assim como o prova a diversidade de procedimentos empregados por alguns videntes; este, talvez, convenha melhor para certas organizações.

MORTE DO SR. BIZET, CURA DE SÉTIF.

A FOME ENTRE OS ESPÍRITOS.

Um de nossos correspondentes na Argélianos informa, nos termos seguintes, a morte do Sr. Bizet, cura de Sétif:

"O Sr. Bizet, cura de Sétif, morreu em 15 de abril, com a idade de quarenta e três anos, vítima, sem dúvida, de seu zelo durante o cólera, e das fadigas que durante a fome em que desdobrou uma atividade e um devotamento verdadeiramente exemplares. Nascido nas cercanias de Viviers, no departamento do Ardèche, ele era, desde os dezoito

anos, pastor desta cidade, onde tinha conciliado as simpatias de todos os habitantes, sem distinção de culto, pela sua prudência, sua moderação e a sabedoria de seu caráter.

"No início do Espiritismo, nesta localidade, e principalmente quando o *Echo de Sétif* afirmou francamente esta doutrina, o Sr. Bizet teve um instante a intenção de combatê-la; no entanto, absteve-se de entrar numa luta que tinha decidido sustentar. Depois, ele havia lido com atenção as suas obras. É verdadeiramente a essa leitura que se deve atribuir a reserva cheia de sabedoria, quando lhe foi ordenado ler, na prática dominical, a famosa pastoral do Mons. Pavie, bispo de Alger, que qualificava o Espiritismo de: *esta nova vergonha da Argélia.* O Sr. Bizet não quis ler ele mesmo essa pastoral do púlpito; e dela fez dar a leitura por um de seus vigários, sem lhe acrescentar nenhum comentário."

Além disto, extraímos do *Journal de Sétif,* de 23 de abril, a passagem seguinte do artigo necrológico que publicou sobre o Sr. Bizet.

"No dia seguinte à sua morte, 15 de abril, ocorreram os seus funerais. Uma missa de reguiem foi cantada, às dez horas da manhã, para o repouso de sua alma; um dos Srs. grandes vigários, enviados pelo Mons. bispo há alguns dias, oficiou. Nenhum Sétifiano faltava; as diferentes religiões estavam reunidas e confundidas para um adeus ao Sr. cura Bizet. Os Árabes, representados pelos seus caids e cadhis; os israelitas pelo rabino e os principais notáveis entre eles; os protestantes pelo seu pastor, estavam lá rivalizando no zelo e na solicitude para prestar, ao Sr. Bizet, um último testemunho de estima, de afeição e de pesar.

"A reunião de tantas comunhões diferentes em um mesmo sentimento de simpatia, é um dos mais belos sucessos alcançados pela caridade cristã, que, durante o curso de seu apostolado em Sétif, não deixou de animar o Sr. abade Bizet. Vivendo no meio de uma população que está longe de ser homogênea, e entre a qual se encontram os dissidentes de todas as espécies, ele soube conservar intacto o depósito católico que lhe fora confiado, tendo com todos aqueles que não partilhavam de suas convicções religiosas relações benevolentes e afetuosas, que lhe valeram a simpatia de todos.

"Mas o que extravasava de todos os corações era a lembrança dos sentimentos de caridade cristã que animavam o Sr. abade Bizet. Sua caridade era doce, paciente sobretudo, durante o longo inverno que acabamos de atravessar, no meio de uma miséria horrível, que colocara a seu encargo uma multidão de infelizes. Sua caridade acreditava tudo, esperava tudo, suportava tudo e não se desencorajava jamais. Foi no meio desse devotamento para socorrer os infelizes esfomeados, ameaçados todos os dias de morrerem de frio e de fome, que ele pegou o germe da doença que o arrebatou deste mundo, se, no entanto, não estava já atingido, em conseqüência do zelo excepcional que tinha desdobrado durante o cólera do último verão."

O Sr. Bizet era Espírita? ostensivamente não; interiormente o ignoramos; se não era, tinha pelo menos o bom espírito de não lançar o anátema a uma crença que conduz a Deus os incrédulos e os indiferentes. De resto, que nos importa? Era um homem de bem, um verdadeiro cristão, um sacerdote segundo o Evangelho; a este título, tivesse ele nos sido hostil, os Espíritas não o colocariam menos na qualidade dos homens dos quais a Humanidade deve honrar a memória e que ela deve tomar por modelos.

A Sociedade Espírita de Paris quis lhe dar um testemunho de sua respeitosa simpatia, chamando-o em seu seio, onde ele deu a comunicação seguinte:

Sociedade de Paris, 14 de maio de 1868.

"Estou feliz, senhor, pelo benevolente chamado que consentistes em me dirigir, e ao qual me faço uma honra, e ao mesmo tempo um prazer responder. Se não vim imediatamente ao vosso meio, é que a perturbação da separação e o espetáculo novo

pelo qual fui tocado, não mo permitiram. E depois, eu não sabia o que entender; encontrei muitos amigos cuja simpática acolhida ajudou-me poderosamente a me reconhecer; mas tive também sob os olhos o espetáculo atroz da fome entre os Espíritos. Encontrei no outro mundo numerosos desses infelizes, mortos nas torturas da fome, procurando ainda satisfazer em vão uma necessidade imaginária, lutando uns contra os outros para arrancar um pedaço de alimento que ocultam nas mãos, se despedaçando mutuamente, e, se assim posso dizer, se devorando mutuamente; uma cena horrível, hedionda, ultrapassando tudo o que a imaginação humana pode conceber de mais desolador!... Muitos desses infelizes me reconheceram, e seu primeiro grito foi: *Pão!* Foi em vão que tentei fazê-los compreender a sua situação; estavam surdos às minhas consolações. - Que coisa terrível é a morte em semelhantes condições, e como esse espetáculo é bem de natureza afazer refletir sobre o nada de certos pensamentos humanos!.. Assim, enquanto que sobre a Terra pensa-se que aqueles que partiram estão ao menos livres da tortura cruel que sofrem, percebe-se, do outro lado, que não é nada disto, e que o quadro não é menos sombrio, se bem que os autores tenham mudado de aparência.

"Vós me perguntais se eu era Espírita. Se entendeis por esta palavra todas as crenças que a vossa doutrina preconiza, não, não o era. Admiro os vossos princípios e acredito capazes de fazer a salvação daqueles que os colocam sinceramente em prática; mas tinha as minhas reservas sobre um grande número de pontos. Não segui, a vosso respeito, o exemplo de meus confrades e de certos de meus superiores que eu censurava interiormente, porque sempre pensei que a intolerância era a mãe da incredulidade, e que era preferível ter uma crença levando à caridade e à pratica do bem, do que não tê-la de todo. Era Espírita de fato? Não me cabe pronunciar-me *a* este respeito.

"Quanto ao pouco bem que pude fazer, estou verdadeiramente confuso com os elogios exagerados dos quais me fizeram o objeto. Quem não teria agido como eu?... Não são mais merecedores do que eu ainda, se houver algum mérito nisso, aqueles que se devotaram a socorrer os infelizes Árabes, e que a isto não foram levados senão pelo amor ao bem?... A caridade era para mim um dever, em conseqüência do caráter do qual estava revestido. Em lhe faltando, eu teria sido culpável, teria mentido a Deus e aos homens aos quais havia consagrado a minha existência. Aliás, quem teria podido permanecer insensível a tanta miséria?...

"Vós o vedes, fez-se como sempre: exagera-se enormemente os fatos; sou cercado por uma espécie de renome do qual estou confuso e triste, e do qual sofro em meu amor-próprio; porque, enfim, sei bem que não mereço tudo isso, e estou bem seguro, senhor, que, em me conhecendo melhor, reduziríeis ao seu justo valor o ruído que se fez em torno de mim. Se tenho algum mérito, que me seja concedido, nisto consinto, mas que não me seja elevado um pedestal com uma reputação usurpada: eu não poderia subscrevê-lo.

"Como o vedes, senhor, estou ainda muito recente neste mundo novo para mim, sobretudo muito ignorante, e mais desejoso de me instruir do que capaz de instruir os outros. Os vossos princípios me parecem hoje tanto mais justos quanto, depois de ter-lhe lido a teoria, vejo a sua mais larga aplicação prática. Também ficarei feliz em os assimilando completamente, e vos serei reconhecido se consentirdes algumas vezes me aceitar por um de vossos ouvintes.

"Cura BIZET."

Nota. A quem não conhece a verdadeira constituição do mundo invisível, parecerá estranho que os Espíritos que, segundo eles, são seres abstratos, imateriais, indefinidos, sem corpo, sejam vítimas dos horrores da fome; mas o espanto cessa quando se sabe que esses mesmos Espíritos são seres como nós; que eles têm um corpo, fluídico é verdade, mas que não é menos da matéria; que, em deixando o seu envoltório carnal, certos Espíritos continuam a vida terrestre com as mesmas vicissitudes durante um tempo mais ou menos longo. Isto parece singular, mas isto é, e a observação nos ensina que tal

é a situação dos Espíritos que viveram mais da vida material do que da vida espiritual, situação freqüentemente terrível, porque a ilusão das necessidades da carne se faz sentir, e se têm todas as angústias de uma necessidade impossível de ser saciada. O suplício mitológico do Tântalo acusa, entre os antigos, um conhecimento mais exato do que se supõe do estado do mundo de além-túmulo, mais exato sobretudo do que entre os modernos.

Muito diferente é a posição daqueles que, desde esta vida, se desmaterializaram pela elevação de seus pensamentos e sua identificação com a vida futura; todas as dores da vida corpórea cessam com o último suspiro, e o Espírito plana logo, radioso, no mundo etéreo, feliz como o prisioneiro livre de sua prisão.

Quem nos disse isto? É um sistema, uma teoria? Alguém disse que deveria ser assim e se acreditou em sua palavra? Não; foram os próprios habitantes do mundo invisível que o repetiram em todos os pontos do globo, para ensinar os encarnados.

Sim, legiões de Espíritos continuam a vida corpórea com as suas torturas e suas angústias; mas quais? Aqueles que estão ainda muito enfeudados na matéria para dela se destacar instantaneamente. Isto é uma crueldade do Ser supremo? Não, é uma lei da Natureza inerente ao estado de inferioridade dos Espíritos e necessária ao seu adiantamento; é um prolongamento *misto* da vida terrestre durante alguns dias, alguns meses, alguns anos, segundo o estado moral dos indivíduos. Seriam bem-vindos para taxar de barbárie essa legislação, aqueles que preconizam penas eternas, irremissíveis, e as chamas do inferno como um efeito da soberana justiça? Podem pô-lo em paralelo com uma situação temporária, sempre subordinada à vontade do indivíduo de progredir, à possibilidade de avançar por novas encarnações? Aliás, não depende de cada um escapara essa vida intermediária que não é francamente nem a vida material nem a vida espiritual? Os Espíritas disso escapam naturalmente, porque, compreendendo o estado do mundo espiritual, antes de nele entrar, se dão imediatamente conta de sua situação.

As evocações nos mostram uma multidão de Espíritos que crêem ser ainda deste mundo: os suicidas, os supliciados que não desconfiam que estão mortos, e sofrem o seu gênero de morte; outros que assistem ao seu enterro como ao de um estranho; os avaros que guardam seus tesouros, os soberanos que crêem ainda comandar e que ficam furiosos por não serem obedecidos; depois de grandes desastres marítimos, os náufragos que lutam contra o furor das ondas; depois de uma batalha, os soldados que se batem e ao lado disto os Espíritos radiosos, que nada têm mais de terrestre, e são para os encarnados o que a borboleta é para a lagarta. Pode-se perguntar de que servem as evocações então que elas nos fazem conhecer, até em seus mais ínfimos detalhes, esse mundo que nos espera a todos ao sair deste? É a Humanidade encarnada que conversa com a Humanidade desencarnada; o prisioneiro que conversa com o homem livre. Não, certamente, elas não servem para nada ao homem superficial que não a vê senão como um divertimento; elas não lhe servem mais do que a física e a química divertidas não servem para a sua instrução; mas para o filósofo, o observador sério que pensa no dia seguinte da vida, é uma grande e salutar lição; é todo um mundo novo que se descobre; é a luz lançada sobre o futuro; é a destruição dos preconceitos seculares sobre a alma e a vida futura; é a sanção da solidariedade universal que liga todos os seres. Pode-se estar enganado, diz-se; sem dúvida, como pode sê-lo em todas as coisas, mesmo sobre aquelas que se vê e que se toca: tudo depende da maneira de observar.

O quadro que o Sr. cura de Bizet apresenta nada tem de estranho; ele vem, ao contrário, confirmar, por um grande exemplo a mais, o que já se sabia; e o que afasta toda a idéia de repercussão de pensamentos é que o fez espontaneamente, sem que ninguém pensasse em dirigir a sua atenção sobre esse ponto. Por que, pois, teria vindo dizer sem que se lhe pedisse, o que não era? Sem dúvida, foi compelido a isso para a nossa instrução. Aliás, toda a comunicação leva um sinal de seriedade, de sinceridade e

de modéstia, que está bem em seu caráter e que não é próprio de Espíritos mistificadores.

O ESPIRITISMO POR TODA A PARTE.

O JORNAL LA SOLIDARITÉ.

O Espiritismo conduz precisamente ao objetivo que se propõem todos os homens de progresso; é, pois, impossível que, mesmo sem se conhecer, eles não se encontrem sobre certos pontos, e que, quando se conhecerem, não se dêem a mão para caminharem juntos ao encontro de seus inimigos comuns: os preconceitos sociais, as rotinas, o fanatismo, a intolerância e a ignorância.

A *Solidarité* é um jornal cujos redatores tomam seu título a sério; e que campo mais vasto e mais fecundo para a filosofia moralista do que essa palavra que encerra todo o programa do futuro da Humanidade! Também essa folha, que se faz sempre notar pela alta importância dos seus objetivos, se ela não tem a popularidade das folhas levianas, adquiriu um crédito mais sólido entre os pensadores sérios (1).

(1) A *Solidarité,* jornal mensal de 15 páginas in-4. aparecendo o 1˙ de cada mês. Preço: Paris, 5 francos; departamentos. 6 francos; estrangeiro, /francos. Preço de um número, 25 centavos; pelo correio, 30 centavos. - Escritório: rua Saints-Pères, 13, na Livraria das Ciências sociais.

Se bem que, até este dia, ela não tenha se mostrado muito simpática às nossas doutrinas, não prestamos menor justiça à sinceridade de seus objetivos e ao incontestável talento de sua redação. É, pois, com uma viva satisfação que a vemos hoje prestar, ao seu turno, justiça aos princípios do Espiritismo. Seus redatores nos prestarão também a de reconhecer que não fizemos nenhuma tentativa para traze-los a nós; sua opinião não é, pois, o resultado de nenhuma condescendência pessoal.

Sob o título de: *Bulletin du mouvementphilosophique et religieux,* o número de 1ª de maio contém um notável artigo, do qual extraímos as passagens seguintes:

"A lama vai aumentando sem parar. Onde se deterá? Não é apenas em política que se não entende mais; não é somente em economia social, é também em moral e em religião, de sorte que a perturbação se estende a todas as esferas da atividade humana, que invadiu todo o domínio da consciência, e que a própria civilização está em causa.

Não é que a ordem moral esteja em perigo. Há hoje na sociedade muitos elementos adquiridos e muitos interesses a conservar para que a ordem material possa estar seriamente perturbada. Mas a ordem material não prova nada. Ela pode persistir por muito tempo até que o próprio princípio da vida social seja atingido e que a corrupção desfaz lentamente o organismo. A ordem reinava em Roma sob os Césares, ao passo que a civilização romana ia todos os dias se desmoronando, não sob o esforço dos Bárbaros, mas sob o peso de seus próprios vícios.

"Nossa sociedade chegará a eliminar de seu seio os elementos mórbidos que ameaçam se tornar para ela os germes da dissolução e da morte? Nós o esperamos, mas é preciso o ponto de apoio dos princípios eternos, o concurso de uma ciência verdadeiramente positiva, e a perspectiva de um ideal novo.

"Aí estão as condições de salvação social, porque estão aí, para os indivíduos, os meios de um verdadeiro renascimento. Uma sociedade não pode ser senão o produto dos seres sociais que a constituem, e como a resultante de seu estado físico, intelectual e moral. Se *quiserdes uma transformação social, fazei primeiro o homem novo(1*).

(1) Escrevemos em 1862: "Antes de fazer as instituições para os homens, é preciso formar homens para as instituições *"(Voyage spirite.)*

"Se bem que o círculo dos leitores das publicações filosóficas tenha aumentado muito nestes últimos anos, quantas pessoas ignoram ainda a existência desses jornais, ou bem negligenciam de lê-los. Impossível, sem eles, se dar conta do estado das almas. Os órgãos da filosofia contemporânea têm ainda uma outra importância: eles preparam as questões que os acontecimentos logo colocarão, e que será urgente resolver.

"Certamente, a confusão é grande na imprensa filosófica; é um pouco a torre de Babel: cada um nela fala a sua língua, e se preocupa muito mais em cobrir a voz do vizinho do que escutar as suas razões. Cada sistema aspira a ser o único, e exclui todos os outros. Mas é preciso se guardar de tomar-lhes a palavra em seu exclusivismo. Talvez não haja um deles que não represente algum ponto de vista legítimo. Todos passarão: só a verdade é eterna; mas nenhum deles, talvez, não terá sido completamente estéril; nenhum terá desaparecido sem acrescentar alguma coisa ao capital intelectual da Humanidade. O materialismo, o positivismo religioso e o positivismo filosófico, o independentismo (que se me perdoe o barbarismo, não é meu), o criticismo, o idealismo, o espiritualismo, o espiritismo, - porque é preciso contar com este recém-chegado que tem mais partidários do que todos os outros juntos; - de uma outra parte, o protestantismo liberal, e mesmo o catolicismo liberal: tais são os nomes das principais bandeiras, que, a títulos diversos e com forças desiguais, se encontram representadas no campo filosófico. Sem dúvida, não há ali exército, uma vez que não há nem obediência a um chefe, nem hierarquia, nem disciplina, mas esses bandos, hoje divididos e independentes, podem estar reunidos por um perigo comum.

"O movimento filosófico ao qual assistimos, precede de pouco tempo o grande movimento religioso que se prepara. Logo as questões religiosas apaixonarão os espíritos como o fizeram recentemente as questões sociais, e mais fortemente ainda.

"Que ordem deve se fundar, por uma simples evolução da idéia cristã levada à sua pureza primitiva, como o pensam alguns, ou por uma espécie de fusão das crenças sobre o terreno vago do deísmo judaico-cristão, como o esperam outros homens de boa vontade, ou, o que nos parece muito mais provável, pela intervenção de uma idéia mais ampla e mais compreensível, que dá à vida humana o seu verdadeiro objetivo, *a* primeira necessidade para a época em que estamos, é a liberdade: liberdade de pensar e de publicar o seu pensamento, liberdade de consciência e de culto; liberdade de propaganda e de pregação! Certamente, no meio de tantos sistemas presentes, é impossível que não se veja abrir-se uma fase de discussões ardentes, apaixonadas, desordenadas em aparência, mas esta fase preparatória é necessária, como a agitação caótica é necessária à criação. Como os relâmpagos e os raios na atmosfera terrestre, o remexer das idéias agita a atmosfera moral para purificá-la. Quem pode temer a tempestade sabendo que ela deve restabelecer o equilíbrio perturbado e renovar as fontes da vida?"

O mesmo número contém a apreciação seguinte de nossa obra sobre a *Gênese.* Não a reproduzimos senão porque ela se liga aos interesses gerais da Doutrina:

"Passa-se em nossa época um fato de uma importância capital, e *aparentam não o ver.* Há lá, no entanto, fenômenos a observar que interessam à ciência, notadamente à física e à fisiologia humanas; mas, quando mesmo os fenômenos do que se chama o Espiritismo não existissem senão na imaginação de seus adeptos, a crença no Espiritismo, tão rapidamente difundido por toda a parte, é em si mesma um fenômeno considerável e muito digno de ocupar as meditações do filósofo.

"É difícil, mesmo impossível, apreciar o número de pessoas que crêem no Espiritismo, mas pode-se dizer que essa crença é geral nos Estados Unidos, e que se propaga cada vez mais na Europa. Na França, há toda uma literatura espírita. Paris possui dois ou três jornais que a representam. Lyon, Bordeaux, Marseille cada um tem o seu.

"O Sr. Allan Kardec é na França o mais eminente representante do Espiritismo. Foi uma felicidade para essa crença ter encontrado um chefe que soube mantê-la nos limites

do racionalismo. Ter-lhe-ia sido tão fácil, com toda essa mistura de fenômenos reais e criações puramente ideais e subjetivas que constitui a maravilhosidade do que se chama o Espiritismo, de se deixar ir para a atração do milagre e para a ressurreição das velhas superstições! O Espiritismo teria podido prestar, aos inimigos da razão, um poderoso apoio se tivesse voltado à demoniologia, e existe no seio do mundo católico um partido que lhe faz ainda todos os seus esforços. Há ali também uma literatura deplorável, malsã, mas felizmente sem influência. O Espiritismo, ao contrário, na França como nos Estados Unidos, resistiu ao espírito da Idade Média. O demônio nele não desempenha nenhum papel, e *o milagre nele não vem jamais introduzir as suas tolas explicações.*

"Exceto a hipótese que faz o fundo do Espiritismo e que consiste em crer que os Espíritos das pessoas mortas conversam com os vivos por meio de certos processos de correspondência, muito simples, e ao alcance de todo o mundo; exceto, dizemos, a hipótese desse ponto de partida, acha-se em presença de uma doutrina geral que está perfeitamente em relação com o estado da ciência de nossa época, e que responde perfeitamente às necessidades e às aspirações modernas. E o que há de notável é que a Doutrina Espírita é quase a mesma por toda a parte. Se não se a estuda senão na França, pode-se crer que as obras do Sr. Allan Kardec, que são como a enciclopédia do Espiritismo, nisto estão por muito. Mas essa paridade de doutrina se estende aos outros países; por exemplo, os ensinamentos de Davis nos Estados Unidos não diferem essencialmente dos do Sr. Allan Kardec. É verdade que, nas idéias emitidas pelo Espiritismo, não se encontra nada que não tivesse podido ser encontrado pelo espírito humano entregue somente aos recursos da imaginação e da ciência positiva; mas, do momento em que as sínteses que são propostas pelos escritores espíritas são científicas e racionais, elas merecem ser examinadas sem prevenção, sem partidarismo, pela crítica filosófica.

"A nova obra do Sr, Allan Kardec aborda as questões que são o objeto de nosso estudo. Não podemos hoje apresentar seu relatório. A isto retornaremos num próximo número, e diremos, ao mesmo tempo, o que pensamos dos fenômenos ditos espíritas, e as explicações que podem deles ser dada no estado atual da ciência.

Nota. - O mesmo número contém um notável artigo do Sr. Raisant, intitulado: *Meu ideal religioso,* e que os Espíritas não desaprovariam.

CONFERÊNCIAS.

Numa série de conferências feitas no mês de abril último pelo Sr. Chavé e, no Instituto livre do boulevad dês Capucines,n¯39,o orador fez, com tanto de talento quanto de verdadeira ciência, um estudo analítico e filosófico dos Vedas indiano e das leis de Manou, comparadas ao livro de Job e dos Salmos. Esse assunto conduziu-o a considerações de uma alta importância que tocam diretamente os princípios fundamentais do Espiritismo. Eis algumas notas recolhidas por um ouvinte nessas conferências; não são senão pensamentos pegos no ar, que perdem, necessariamente, ao serem destacados do conjunto e privados de seus desenvolvimentos, mas que bastam para mostrar a ordem de idéias seguida pelo autor:

"De que serve lançar um véu sobre o que é? De que serve não dizer bem alto o que se diz baixinho? É preciso ter a coragem de dize-lo; quanto a mim, terei esta coragem."

"Nos Vedas indiano está escrito: "têm-se os seus *pares* no outro mundo," e sou desta opinião.

"Com os olhos da carne não se pode tudo ver." "O homem tem uma existência indefinida, e o progresso da alma é indefinido. Qualquer que seja a soma de suas luzes, ele tem sempre a aprender, porque ela tem o infinito diante de si, e, se bem que não possa alcançá-lo, seu objetivo será sempre se aproximar cada vez mais dele."

"O homem individual não pode existir sem um organismo que o limite no seio da criação. Se a alma existe depois da morte, ela tem, pois, um corpo, um organismo que se chama *organismo* super/orem oposição ao corpo carnal que é o *organismo inferior.* Durante a vigília, estes dois organismos estão por assim dizer confundidos; durante o sono, o sonambulismo e o êxtase, a alma não se serve senão de seu corpo etéreo ou organismo superior; ela é mais livre neste estado; suas manifestações são mais elevadas, porque atua sofre esse organismo mais perfeito, que lhe oferece menor resistência; ela

abarca um conjunto de relações que admira, o que ela não pode fazer com o seu organismo inferior, que limita a sua clarividência *e* o campo de suas observações."

"A alma não tem extensão; não é extensão senão por seu corpo etéreo, e circunscrita pelos limites desse corpo que São Paulo chama *organismo luminoso."*

"Um organismo etéreo, em seus elementos constitutivos, mas invisível e *alcançável* somente pela indução científica, em nada contraria as lei conhecidas da física e da química."

"Há fatos que, aliás, a experimentação sempre pode reproduzir, constatando a *existência,* no homem, de um organismo interno superior devendo suceder ao organismo opaco habitual, no momento da destruição deste último."

"Depois que a morte separou a alma de seu organismo carnal, ela continua a vida, no espaço, com o seu corpo etéreo, conservando, assim, a sua individualidade. Entre os homens com os quais falamos e que estão mortos segundo a carne, certamente deles há aqui entre nós que assistem , invisíveis, às nossas conversas; estão ao nosso lado e planam acima de nossas cabeças; eles nos vêem e nos ouvem. Sim, eles estão ali, disto vos asseguro.

"A escala dos seres é contínua; antes de ser o que somos, passamos por todos os graus dessa escala que estão abaixo de nós, e continuaremos a subir aqueles que nos estão acima. Antes que o nosso cérebro fosse réptil, ele foi peixe, e foi peixe antes de ser mamífero.

"Os materialistas negam estas verdades; são pessoas honestas; são de boa fé, mas se enganam! Desafio um materialista a vir aqui, nesta tribuna, provar que ele tem razão e que estou errado. Que se venha provar o materialismo! Não, não o provarão; não emitirão senão idéias se apoiando sobre o vazio; não oporão senão negações, ao passo que vou mostrar por fatos a verdade de minha tese."

"Há fenômenos patológicos que provam a existência da alma depois da morte? Sim, há, e deles vou vos citar. Vejo aqui doutores em medicina que pretendem que isto não seja. Não lhes responderei senão isto: Se não os vistes, foi porque olhastes mal. Observai, procurai, estudai, e os encontrareis como eu mesmo os encontrei."

"É ao sonambulismo e ao êxtase que vou pedir as provas que vos prometi. - Ao sonambulismo? ser-me-á dito;

"A Academia de medicina ainda não o reconheceu. -O que isto me faz? Nada tenho que fazer com a Academia de medicina, passarei sem ela. - Mas Sr. Dubois, d'Amiens, escreveu um violento in-oitavo contra essa doutrina. - Isto não me importa mais; são opiniões sem provas, que desaparecem diante dos fatos."

"Ser-me-á dito ainda: "Não está mais na moda defender o sonambulismo." Eu responderei que nada tenho para estar com a moda, e que, se poucos homens ousam professar as verdades que ainda atraem o ridículo, sou daqueles que o ridículo não pode atingir, e que o desafiam de bom grado para dizer corajosamente aquilo que acreditam ser a verdade. Se cada um de nós agisse assim, a incredulidade logo perderia todo o terreno que ela ganhou há algum tempo, e seria substituída pela fé; não, a fé, filha da revelação, mas a fé mais sólida, filha da ciência, da observação e da razão."

O orador cita numerosos exemplos de sonambulismo e de êxtase, que lhe deram a prova, de alguma sorte material, da existência da alma, de sua ação isolada do corpo carnal, de sua individualidade depois da morte, e, finalmente, de seu corpo etéreo, que não é outro senão o envoltório fluídico ou perispírito.

A existência do perispírito, suspeitada de toda a antigüidade, como se vê, por inteligências de elite, mas ignorada das massas, demonstrada e vulgarizada nestes últimos tempos pelo Espiritismo, é toda uma revolução nas idéias psicológicas, e, conseqüentemente, na filosofia. Admitido este ponto de partida, chega-se forçosamente, de dedução em dedução, à individualidade da alma, à pluralidade das existências, ao progresso indefinido, à presença dos Espíritos entre nós, em uma palavra, a todas as conseqüências do Espiritismo, até ao fato das manifestações que se explicam de maneira muito natural.

De um outro lado, demonstramos em tempo que, partindo do princípio da pluralidade das existências, hoje admitido por numerosos pensadores sérios, fora mesmo do Espiritismo, chega-se exatamente às mesmas conseqüências.

Se, pois, homens cujo saber faz autoridade, professam abertamente, pela palavra ou pelos seus escritos, mesmo sem falar do Espiritismo, uns a doutrina do perispírito sob um nome qualquer, outros *a* pluralidade das existências, é, em realidade, professar o Espiritismo, pois são dois caminhos que a ele conduzem forçosamente. Se eles mesmos hauriram essas idéias em suas próprias observações, isto não as prova senão melhor que estão na Natureza e o quanto a sua força é irresistível. Assim, o perispírito e a reencarnação são, doravante, duas portas abertas para o Espiritismo no domínio da filosofia e das crenças populares.

As conferências do Sr. Chavée são, pois, verdadeiras conferências espíritas, menos a palavra; e, sob este último aspecto, diremos que são, no momento, mais proveitosas à Doutrina do que se erguessem abertamente abandeira. Elas lhe popularizam as idéias fundamentais sem ofuscar aqueles que, por ignorância da coisa, teriam prevenções contra o nome. Uma prova evidente da simpatia que essas idéias encontram na opinião, é a acolhida entusiasta às doutrinas professadas pelo Sr. Chavée, pelo numeroso público que se comprime em suas conferências.

Estamos persuadidos de que mais de um escritor que põe os Espíritas em ridículo aplaude o Sr. Chavée e suas doutrinas, que acha perfeitamente razoáveis, sem desconfiar de que não são outras senão do mais puro Espiritismo.

O jornal *la Solidarité,* em seu número de 1e de maio, que citamos acima, dá dessas conferências um relatório, para o qual chamamos a atenção de nossos leitores, naquilo em que completa, em outros pontos de vista, os ensinos acima.

Nota. - A abundância das matérias nos obriga a remeter ao próximo número o relatório de dois interessantíssimos folhetins do Sr. Bonnemère, o autor do *Roman de 1'avenir,* publicados no *Siècle,* de 24 e 25 de abril de 1865, sob o título de *Paris somnambule;* o Espiritismo ali está claramente definido.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

A RELIGIÃO E A POLÍTICA NA SOCIEDADE MODERNA, por Frédéric Herrenschneider (1)

(1) 1 vol. in-12 de 600 páginas. Preço: 5 fr. *75* c. Dentu, Palais-Royal.

O Sr. Herrenschneider é um antigo saint-simoniano e foi lá que hauriu o seu ardente amor ao progresso. Depois, tornou-se Espírita, e, no entanto, estamos longe de partilhar a sua maneira de ver sobre todos os pontos, e de aceitar todas as soluções que dá. A sua é

uma obra de alta filosofia, onde o elemento espírita tem um lugar importante; nós não a examinaremos senão do ponto de vista da concordância e da divergência de suas idéias, no que toca ao Espiritismo. Antes de entrar no exame de sua teoria, algumas considerações preliminares nos parecem essenciais.

Três grandes doutrinas dividem os espíritos, sob os nomes de religiões diferentes e de filosofias muito distintas; essas são o materialismo, o espiritualismo e o Espiritismo; ora, pode-se ser materialista e crer, ou não crer, no livre-arbítrio do homem; no segundo caso é -se ateu ou panteísta; no primeiro, é-se inconseqüente , e se toma ainda o nome de panteísta ou o de naturalista, positivista, etc.

Se é espiritualista desde o instante em que não se é materialista, quer dizer, que se admite um princípio espiritual distinto da matéria, qualquer que seja a idéia que se faça de sua natureza e de seu destino. Os católicos, os gregos, os protestantes, os judeus, os muçulmanos, os deístas são espiritualistas, apesar das diferenças essenciais de dogmas que os dividem.

Os Espíritas têm uma idéia da alma mais límpida e mais precisa; não é um ser vago e abstrato, mas um ser definido que reveste uma forma concreta, limitada, circunscrita. Independentemente da inteligência que é a sua essência, ela tem atributos e efeitos especiais, que constituem os princípios fundamentais de sua doutrina. Eles admitem: o corpo fluídico ou perispírito; o progresso indefinido da alma; a reencarnação ou pluralidadedas existências, como necessidade do progresso; a pluralidade dos mundos habitados; a presença, em nosso meio, das almas ou Espíritos que viveram sobre a Terra e a continuidade de sua solicitude para com os vivos; a perpetuidade das afeições; a solidariedade universal que liga os vivos e os mortos; os Espíritos de todos os mundos, e, conseqüentemente, a eficácia da prece; *a* possibilidade de se comunicar com os Espíritos daqueles que não estão mais entre os homens, a visão espiritual ou psíquica, que é um efeito da alma.

Eles rejeitam o dogma das penas eternas, irremissíveis, como inconciliável com a Justiça de Deus; mas admitem que a alma, depois da morte, sofre e suporta as conseqüências de todo o mal que ela fez durante a vida, de todo bem que teria podido fazer e não o fez, Seus sofrimentos são a conseqüência *natural* de seus atos; eles duram tanto quanto a perversidade ou a inferioridade moral do Espírito; diminuem à medida que se melhora, e cessam pela reparação do mal; esta reparação tem lugar nas existências corpóreas sucessivas. O Espírito, tendo sempre a sua liberdade de ação, é assim o próprio artífice de sua felicidade e de sua infelicidade neste mundo e no outro. O homem não é levado fatal mente nem ao bem, nem ao mal; ele realiza um ou o outro por sua vontade, e se aperfeiçoa pela experiência. Em conseqüência deste princípio, os Espíritas não admitem nem os demônios predestinados ao mal, nem a criação especial de anjos predestinados à felicidade infinita sem haver tido o trabalho de merecê-la; os demônios são os Espíritos humanos ainda imperfeitos, mas que melhorarão com o tempo; os anjos, Espíritos chegados à perfeição depois de ter passado, como os outros, pelos graus da inferioridade.

O Espiritismo não admite, para cada um, senão a responsabilidade de seus próprios atos; o pecado original, em sua opinião, é pessoal; consiste nas imperfeições que cada indivíduo traz em renascendo, porque delas ainda não se despojou em suas precedentes existências, e das quais sofre naturalmente as conseqüências na existência atual.

Ele não admite, não mais, como suprema recompensa final, a inútil e beata contemplação dos eleitos durante a eternidade; mas, ao contrário, uma atividade incessante do alto a baixo da escala dos seres, onde cada um tem atribuições em relação com o seu grau de adiantamento.

Tal é, em resumo muito estreito, a base das crenças espíritas; é-se Espírita desde o momento em que se entra nesta ordem de idéias, então mesmo que não *se* admitissem todos os pontos da Doutrina em sua integridade ou todas as suas conseqüências. Por não

ser Espírita *completo,* não se é menos Espírita, o que faz que se o seja, freqüentemente, sem saber, algumas vezes sem querer confessá-lo, e que, entre os sectários das diferentes religiões, muitos são Espíritas de fato, se não são de nome.

A crença comum para os espiritualistas é de crer em um Deus criador, e admitir que a alma, depois da morte, continua a existir, sob a forma de Espírito puro, completamente livre de toda a matéria, e também que poderá, com ou sem a ressurreição de seu corpo material, gozar de uma existência eterna, feliz ou infeliz.

Os materialistas crêem, ao contrário, que a força é inseparável da matéria e não pode existir sem ela; em conseqüência, Deus não é, para eles, senão uma hipótese gratuita, a menos que não seja a própria matéria; os materialistas negam, com toda a sua força, a concepção de uma alma essencialmente espiritual e a de uma personalidade sobrevivente à morte.

Sua crítica é fundada, no que concerne à alma tal como os espiritualistas a aceitam, em que a força, sendo inseparável da matéria, uma alma pessoal, ativa e poderosa não pode existir como um ponto geométrico no espaço, sem dimensão de nenhuma espécie, nem comprimento, nem largura, nem altura. Que força, que poder, que ação pode ter uma tal alma sobre o corpo durante a vida; que progresso pode ela realizar, e de que maneira lhe conserva a marca uma vez que nada *é;* como poderia ser suscetível de felicidade ou de infelicidade depois da morte? dizem aos espiritualistas.

Não é preciso dissimulá-lo, essa argumentação é especiosa, mas não tem valor contra a doutrina dos Espíritas; eles admitem bem a alma distinta do corpo, como os espiritualistas, com uma vida eterna e uma personalidade indestrutível, mas consideram essa alma como indissoluvelmente unida à matéria; não à matéria do próprio corpo, mas uma outra mais etérea, fluídica e incorruptível, que chamam *perispírito,* palavra felizmente exprimindo bem o pensamento que é a origem e a própria base do Espiritismo.

Se resumirmos as três doutrinas diremos que, para os materialistas a alma não existe; ou, se ela existe, confunde-se com a matéria, sem nenhuma personalidade distinta fora da vida presente, onde essa personalidade é mesmo mais aparente do que real.

Para os espiritualistas, a alma existe no estado de Espírito, independente de Deus e de toda a matéria.

Para os Espíritas, a alma é distinta de Deus que a criou, inseparável de uma matéria fluídica e incorruptível que se pode chamar *perispírito.*

Esta explicação preliminar permitirá compreender que existem Espíritas sem o saber.

Com efeito, do momento em que não se é nem materialista, nem espiritualista, não se pode ser senão Espírita, apesar da repugnância que alguns sentem por esta qualificação.

Eis-nos bem longe das apreciações fantasistas daqueles que pensam que o Espiritismo não repousa senão sobre a evocação dos Espíritos; no entanto, há Espíritas que jamais fizeram uma única evocação; outros que jamais a viram e não se prendem mesmo em vê-la, não tendo sua crença necessidade desse socorro; e por não se apoiar senão sobre a razão e sobre o estudo, esta crença não é menos completa e séria.

Pensamos mesmo que é sob sua forma filosófica e moral que o Espiritismo encontra os adeptos mais firmes e mais convictos; as comunicações não são senão meios de convicção, de demonstração e sobretudo de consolação; não se deve a elas recorrer senão com reserva, e quando já se sabe bem o que se quer obter.

Não é que as comunicações sejam a parte exclusiva dos Espíritas; freqüentemente, elas ocorrem espontaneamente e, algumas vezes mesmo, nos meios hostis ao Espiritismo, do qual são independentes; com efeito, não são senão o resultado de leis e de ações naturais que os Espíritos, ou os homens, podem utilizar, uns e outros, seja independentemente, seja de comum acordo.

Mas, do mesmo modo que o sábio não coloca os instrumentos de física, de química e de astronomia senão nas mãos daqueles que sabem deles se servir, é conveniente não provocar as comunicações senão quando elas podem ter uma utilidade real, e não no objetivo de satisfazer uma curiosidade pueril.

Dito isto, podemos examinar a obra notável do Sr. Herrenschneider; é a obra de um profundo pensador e de um Espírita convicto, senão completo, mas não aprovamos todas as conclusões às quais chega.

O Sr. Herrenschneider admite a existência de um Deus criador, presente por toda a parte da criação, penetrando todos os corpos de sua substância fluídica e estando em nós como estamos nele; é a notável solução que o Sr. Allan Kardec apresentou em sua *Gênese,* a título de hipótese.

Mas, segundo o autor, encheu todo o espaço no começo; teria criado cada ser em se retirando do lugar que lhe concedia para deixar-lhe seu livre desenvolvimento sob a sua proteção incessante; esse desenvolvimento progressivo se opera primeiro sob o efeito necessário das leis da Natureza, e pela coerção do mal; depois, quando o Espírito já progrediu suficientemente, ele pode juntar a sua própria ação à ação fatal das leis naturais para ativar o seu progresso.

Durante toda essa fase de existência dos seres, que começa na molécula do mineral, prossegue no vegetal, se desenvolve no animal, e se determina no homem, o Espírito recolhe e conserva os conhecimentos pelo seu perispírito; ele adquire, assim, uma certa experiência. Os progressos que se realizam são de uma grande lentidão, e quanto mais eles são lentos, mais as encarnações são multiplicadas.

Como se vê, o autor adota os princípios científicos do progresso dos seres, emitidos por Lamarck, *Geoffroy Saint-Hilaire, e Darwin,* com esta diferença de que a ação moderadora das formas e dos órgãos animais não é mais somente o resultado da seleção e da concorrência vital, mas é também, e sobretudo, o efeito da ação inteligente do espírito animal, modificando incessantemente as formas e a matéria, que ele reveste para realizar uma apropriação mais conforme com a experiência que adquiriu.

É nesta ordem de idéias que teríamos querido ver o autor insistir sobre a ação benfazeja e afetuosa dos seres mais elevados, concorrendo para o adiantamento dos mais fracos, guiando-os e protegendo-os por um sentimento de simpatia e de solidariedade, cujo desenvolvimento está felizmente apresentado no livro a *Gênese* e em todas as obras do Sr. Allan Kardec.

O Sr. Herrenschneider não fala da ação recíproca dos seres uns sobre os outros, senão do triste ponto de vista da ação má e do progresso necessário, que resulta do mal na Natureza. Sobre este ponto, ele bem compreendeu que o mal não é senão relativo, e que é uma das próprias condições do progresso; esta parte de seu trabalho está bem desenvolvida.

"Criados, diz -ele, na extrema fraqueza, na extrema indolência e devendo ser os meios de nosso próprio fim, somos obrigados a chegar à perfeição e ao poder, à felicidade e à liberdade por nossos próprios esforços; o nosso destino é o de ser, em tudo e por toda a parte, os filhos de nossas obras, de nos criar a nossa unidade, nossa personalidade, nossa originalidade, tão bem quanto a nossa felicidade.

"Eis, na minha opinião, quais são os desígnios de Deus a nosso respeito; mas, para nisso triunfar, *o criador não pode, evidentemente, nos abandonar a nós mesmos,* uma vez que, sendo criados nesse estado ínfimo e molecular, somos naturalmente mergulhados num entorpecimento profundo; nele teríamos mesmo ficado na perpetuidade, e não teríamos jamais feito um passo adiante se, para nos despertar, para tornar sensível a nossa substância inerte, e para ativar a nossa força privada de iniciativa, Deus *não tivesse nos submetido a um sistema de coerção,* que nos prende à nossa origem, não nos deixa jamais, e nos força a desdobrar os nossos esforços para satisfazer às nossas

necessidades e aos instintos morais, intelectuais e materiais, dos quais nos torna escravos, em conseqüência do sistema de encarnações que dispôs para este fim.

Indo mais longe do que os estóicos, que pretendiam que a dor não existia e não era senão uma palavra, vê-se que os Espíritas chegam a pronunciar esta fórmula estranha *que o próprio mal é um bem,* neste sentido que para isso conduz fatalmente e necessariamente.

Sobre tudo o que precede, fazemos ao autor esta crítica de ter esquecido que a mais estreita solidariedade liga todos os seres, e que os melhores de todos são aqueles que, tendo melhor compreendido este princípio, o colocam sempre em ação; de tal sorte que todos os seres na Natureza concorrem para o objetivo geral e para o progresso uns dos outros: uns sem o saber e sob o impulso de seus guias espirituais; outros, em compreendendo o seu dever de educar e de instruir aqueles que os cercam, ou que dependem deles, e em se ajudando com o concurso dos mais avançados do que eles mesmos. Todo o mundo compreende hoje que os pais devem aos seus filhos uma educação conveniente, e que aqueles que são felizes, instruídos e avançados devem ajudar os pobres, os sofredores e os ignorantes.

Em conseqüência, deve-se compreender a utilidade da prece que nos coloca em relação com os Espíritos que podem nos guiar. Não nos acontece pedir para aqueles que vivem conosco; que são nossos superiores ou nossos iguais, e a nossa vida pode passar sem esse perpétuo apelo que fazemos ao concurso dos outros? Não é, pois, espantoso que, nos ouvindo, aqueles que não estão mais, sejam do mesmo modo sensíveis às nossas preces, na medida do que eles podem fazer, assim, aliás, como o teriam feito quando vivos; dá-se, algumas vezes a quem não pediu, mas se dá sobretudo àqueles que pedem; batei e abrir-se-vos-á; pedi, e, se isso for possível, sereis atendidos.

Não creiais que tudo vos é devido e que devereis esperar os benefícios sem pedi-los ou merecê-los; não creiais que tudo chega fatalmente e necessariamente, mas refleti, ao contrário, que estais no meio de seres livres e voluntários, tão numerosos quanto a areia do mar, e que a sua ação pode se juntar à vossa, ao vosso pedido e segundo a sua simpatia, que é preciso saber merecer.

Orar é um meio de agir sobre os outros e sobre si mesmo, mas não é o momento de desenvolver este assunto importante; dizemos somente que a prece não vale senão quando ela acompanha o *esforço ou o trabalho, e* nada pode sem ele, ao passo que o trabalho e os esforços generosos podem muito bem suprira prece; é sobretudo entre os Espíritas que se admite esse velho ditado: Trabalhar é orar.

A parte mais interessante do livro do Sr. Herrenschneider é aquela na qual ele faz o quese poderia chamar a psicologia da alma concebida tal qual os Espíritas a compreendem, e, deste ponto de vista, seu trabalho é novo e dos mais curiosos.

O autor determina claramente os fenômenos dependendo do perispírito, e como se prende à disposição do espírito, a soma inteira de seus progressos anteriores conservando a marca dos esforços e dos progressos novos tentados e realizados pelo ser, em qualquer momento que seja.

Segundo esses dados, a natureza da alma, ou perispírito, é para ser considerada como um tesouro adquirido, conservado em nós, e encerrando tudo o que concerne ao nosso ser na ordem moral, intelectual e prática.

Evitaremos de nos servir dos termos adotados pelo autor que, para exprimir que a alma pode agir seja pelo efeito de seu tesouro adquirido ou natureza íntima (perispírito), seja por um esforço novo ou ação voluntária, se serve da expressão *dualidade da alma,* tudo em fazendo bem notar que a alma é *una;* aí está uma expressão infeliz que não exprime o verdadeiro pensamento do autor e que poderia se prestar à confusão para um espírito pouco atento.

O Sr. Herrenschneider crê na unidade da alma como os Espíritas; como eles, admite a existência do perispírito, o que lhe permite fazer uma crítica muito fina da psicologia dos espiritualistas, que ele estuda mais especialmente segundo as obras do Sr. Cousin.

Partindo do mesmo ponto que Sócrates e Descartes: *o conhecimento de si mesmo,* o autor estabelece o fato primordial de onde resultam todos os conhecimentos, quer dizer, a afirmação de nós mesmos feita cada vez que empregamos as palavras: Eu ou *mim; a* afirmação do *eu* é, pois, a verdadeira base da psicologia; ora, há várias manifestações desse eu que se apresentam à nossa observação, sem que uma tenha prioridade sobre as outras e sem que se engendrem reciprocamente: *Eu me sinto, - eu me sei, - eu tenho consciência de minha individualidade, - eu tenho o desejo de estar satisfeito.* Estes dois últimos fatos de consciência são evidentes e claros por si mesmos; eles constituem o princípio de unidade do ser e o de nossa causa final ou destino, a saber: ser feliz.

Para se sentir e para se saber, é preciso notar que se tem perfeitamente consciência de se sentir, sem ter necessidade de fazer nenhum esforço; ao contrário, a percepção do sentir é um ato que resulta de um esforço da mesma ordem que a atenção; desde que não faço mais esforço, eu não penso mais nem presto atenção, e eu sinto, então, todas as coisas exteriores que me causam impressão, até o momento em que uma delas me toque mais vivamente para que eu a examine, levando a ela a minha atenção; assim, eu posso pensar e sentir, ser impressionado ou perceber, e julgar a minha impressão quando o desejar.

Há duas ordens psicológicas diferentes, heterogêneas, das quais uma *é passiva* e se caracteriza pela sensibilidade e a permanência: é o *sentir,* e das quais a outra é *ativa* e se distingue pelo esforço da atenção, e, por sua intermitência: é o pensamento voluntário.

É desta observação que o autor chega a concluir na existência do perispírito, por uma série de deduções muito interessantes, mas muito longas para reportar aqui.

Para o Sr. Herrenscheneider, o perispírito ou substância da alma é matéria simples, incorruptível, inerte, extensa, sólida e sensível; é o princípio *potencial* que, por sua sutileza, recebe todas as impressões, assimila-as, conserva-as e se transforma, sob essa ação incessante, de maneira a encerrar toda a nossa natureza moral, intelectual e prática.

A força da alma é de ordem virtual, espiritual, ativa, voluntária e refletida; é o princípio de nossa atividade. Por toda a parte onde o nosso Espírito se encontre, encontra-se igualmente a nossa força. Do perispírito, ou do tesouro adquirido de nossa natureza, dependem a nossa sensibilidade, nossas sensações, nossos sentimentos, nossa memória, nossa imaginação, nossas idéias, nosso bom senso, nossa espontaneidade, nossa natureza moral e nossos princípios de honra, assim como os sonhos, as paixões, e a própria loucura.

De nossa força derivam, como qualidades virtuais, a atenção, a percepção, a razão, a recordação, a fantasia, o humor, o pensamento, o julgamento, a reflexão, a vontade, a virtude, a consciência e a vigilância, assim como o sonambulismo, a exaltação e a monomania.

Em conseqüência de que essas qualidades podem se substituir uma à outra sem se excluir, e também por que os mesmos órgãos devem ser empregados tanto pela percepção quanto pela sensação que se eqüivalem, pelo sentimento quanto pela razão, etc., disto resulta que cada Espírito se serve raramente das duas ordens de suas faculdades com mesma facilidade. Desta observação resulta para o autor que os indivíduos que funcionam mais facilmente em virtude das faculdades, ditas potenciais, terão estas mais desenvolvidas do que os outros e delas se servirão com mais boa vontade, e reciprocamente.

Deste ponto de vista e de uma observação relativa à maior ou menor potência virtual de certas coleções de indivíduos, geralmente agrupados sob um mesmo nome de raça, o autor chega a concluir que existem Espíritos que se podem chamar Espíritos franceses, ingleses, italianos, chineses ou negros, etc.

Apesar das dificuldades de explicação que resultariam de uma tal ordem de idéias, é preciso convir que os estudos muito cuidadosos feitos pelo Sr. Herrenschneider sobre os diferentes povos são muito notáveis e em todo o caso muito interessantes; mas teríamos querido que o autor tivesse indicado mais claramente o seu pensamento que, evidentemente, é o seguinte: Os Espíritos se agrupam em geral segundo as suas afinidades; é o que faz com que os Espíritos da mesma ordem e do mesmo grau de elevação tendam a se encarnar sobre um mesmo ponto do globo, e daí, resulta esse caráter nacional .fenômeno tão singular em aparência. Diremos, pois, que não há Espírito f rances ou inglês, mas que há Espíritos que seu estado, seus hábitos, suas tradições levam ase encarnar uns na França, outros na Inglaterra, como se os vêem, durante sua vida, se agrupar segundo suas simpatias, seu valor moral e seus caracteres. Quanto ao progresso individual, depende sempre da vontade, e não do valor já adquirido do perispírito que não serve, por assim dizer, senão como ponto de partida destinado a permitir uma nova elevação do Espírito, novas conquistas e novos progressos.

Deixaremos de lado a parte do livro que trata da ordem social e da necessidade de uma religião imposta, porque o autor, ainda imbuído dos princípios de autoridade que ele hauriu no saint-simonismo, se afasta muito, neste ponto, dos princípios de tolerância absoluta que o Espiritismo se faz glória de professar. Achamos justo ensinar, mas teríamos medo de uma doutrina imposta e necessária, porque fosse ela excelente para a geração atual, forçosamente tornar-se-ia um entrave para as gerações seguintes, quando estas tivessem progredido.

O Sr. Herrenschneider não compreende que a moral possa ser independente da religião; em nossa opinião, a questão está mal posta, e cada uma discute justamente do ponto de vista em que tem razão. Os moralistas independentes estão na verdade dizendo que a moral é independente dos dogmas religiosos, neste sentido que, sem crer em nenhum dos dogmas existentes, muitos dos antigos foram morais, e entre os modernos há muitos deles que têm o direito de se vangloriar de sê-lo. Mas o que é verdadeiro é que a moral, e sobretudo a sua aplicação prática, é sempre dependente de nossas *crenças individuais,* quaisquer que sejam; ora, fosse ela das mais filosóficas, uma crença constitui a *religião* daquele que a possui.

Isto se demonstra facilmente pelos fatos diários da existência, e os moralistas, que se dizem independentes, eles mesmos têm por *crença:* que é preciso respeitar a si mesmo e respeitar os outros desenvolvendo, o mais possível, em si e nos outros, os elementos do progresso. Sua moral dependerá, pois, de sua crença; suas ações disto se ressentirão forçosamente, e esta moral não será independente senão das religiões, das crenças e dos dogmas aos quais não têm fé, o que achamos muito justo e muito racional, mas também muito elementar.

O que se pode dizer é que, no estado atual de nossa sociedade, há princípios de moral que se acham de acordo com todas as crenças individuais, quaisquer que sejam, porque os indivíduos modificaram suas crenças religiosas sobre certos pontos, em virtude dos progressos científicos e morais dos quais nossos ancestrais fizeram a feliz conquista.

Terminaremos dizendo que o autor é, sobre muitos pontos, o discípulo de Jean Reynaud. Seu livro é o resumo de estudos e de pensamentos sérios expressados claramente e com força; é feito com um cuidado que se deve louvar, e esse cuidado vai mesmo até à minúcia nos detalhes materiais de impressão, o que tem sua grande importância para a clareza de um livro tão sério.

Apesar do desacordo profundo que nos separa do Sr. Herrenschneider, tanto a respeito de sua maneira dever para impor a religião, quanto sobre suas idéias relativas à autoridade, à família que é muito esquecida, assim quanto à prece, à solidariedade benevolente dos Espíritos que ele não soube apreciar, etc., idéias que o próprio Jean Reynaud já havia desaprovado, é impossível de não ser tocado do mérito da obra e do

valor do homem que soube encontrar muitos pensamentos, freqüentemente justos e sempre claramente expressos.

O Espiritismo nele é decididamente afirmado, pelo menos em seus princípios fundamentais, e colocado em linha de conta nos elementos da ciência filosófica; no entanto, a esta diferença, no ponto de partida, que o autor chega ao resultado pela indução, ao passo que o Espiritismo, procedendo por via experimental, fundou sua teoria sobre a observação dos fatos. É um escritor sério demais, que dá o direito de cidadania.

EMILE BARBAULT, engenheiro.

ALLANKARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO　　　NO. 7　　　JULHO 1868

AGENCIADA CONCORDÂNCIA DOS NÚMEROS E A FATALIDADE.

Várias vezes nos foi perguntado o que pensamos da concordância dos números, e se acreditamos no valor dessa ciência. A nossa resposta é muito simples: até o momento não pensamos nada nisso, porque jamais nos ocupamos com o assunto. Vimos alguns fatos de concordâncias singulares entre as datas e certos acontecimentos, mas em pequeníssimo número para deles tirar uma conclusão mesmo aproximativa. Verdadeiramente dizendo, não vemos a razão de uma tal coincidência; mas do fato de que não se compreende uma coisa, isso não é motivo para que ela não seja; a Natureza não disse a sua última palavra, e o que é utopia hoje, pode ser verdade amanhã. Pode ser, pois, que exista entre os fatos uma certa correlação que não supomos, e que poderia se traduzir pelos números. Em todos os casos, não se poderia dar o nome de *ciência a* um cálculo tão hipotético quanto o das relações numéricas, no que concerne à sucessão dos acontecimentos. Uma ciência é um conjunto de fatos bastante numerosos para deles deduzir a regras, e suscetíveis de uma demonstração; ora, no estado de nossos conhecimentos, seria de toda impossibilidade dar dos fatos desse gênero uma teoria qualquer, nem nenhuma explicação satisfatória. Não é, ou, querendo-se, não é ainda uma ciência, o que não implica em sua negação.

Há fatos sobre os quais temos uma opinião pessoal; no caso do qual se trata, deles não temos nenhuma, e se perdermos de um lado, este seria logo pela negativa, até prova contrária.

Nós nos fundamos sobre que a duração é relativa; ela não pode ser apreciada senão segundo os termos de comparação e os pontos de referências hauridos na revolução dos astros, e esses termos variam segundo os mundos, porque fora dos mundos o tempo não existe: não há unidade para medir o infinito. Não parece, pois, que possa aí haver uma lei universal de concordância para a data dos acontecimentos, uma vez que a suposição da duração varia segundo os mundos, a menos que não haja, sob esse aspecto, uma lei particular para cada mundo ligada à sua organização, como delas há uma para a duração da vida de seus habitantes.

Seguramente, se uma tal lei existe, ela será um dia reconhecida: o Espiritismo que assimila todas as verdades, quando elas são constatadas, evitará com todo o cuidado repelir esta; mas como, até o presente, essa lei não foi atestada nem por um número suficiente de fatos, nem por uma demonstração categórica, há tanto menos a se preocupar com ela quanto não o interessa senão de maneira muito indireta. Não dissimulamos a seriedade dessa lei, se ela é uma, mas como *a* porta do Espiritismo estará sempre aberta a todas as idéias progressistas, a todas as aquisições da inteligência, ele se ocupa das necessidades do momento, sem medo de ser ultrapassado pelas conquistas do futuro.

Tendo esta questão sido posta aos Espíritos num grupo muito sério da província, e por isto mesmo geralmente bem assistido, foi respondido:

"Certamente, há no conjunto dos fenômenos morais, como nos fenômenos físicos, relações fundadas sobre os números. Alei da concordância das datas não é uma quimera; é uma daquelas que vos serão reveladas mais tarde, e vos darão a chave de coisas que vos parecem anomalias; porque, crede-o bem, a Natureza não tem caprichos; ela caminha sempre com precisão e infalivelmente. Essa lei, aliás, não é tal como a supondes; para compreendê-la em sua razão de ser, seu princípio e sua utilidade, vos será preciso adquirir idéias que ainda não possuis, e que virão com o tempo. Para o momento, esse conhecimento seria prematuro, razão por que ele não vos é dado; seria, pois, inútil insistir.

Limitai-vos a recolher os fatos; observai sem nada concluir, de medo de vos enganar. Deus sabe dar aos homens o alimento intelectual à medida que estão em estado de suportá-lo. Trabalhai sobretudo pelo vosso adiantamento moral, é o mais essencial, porque será por aí que merecereis possuir novas luzes."

Somos desta opinião; pensamos mesmo que haveria mais inconvenientes do que vantagens em vulgarizar prematuramente uma crença que, nas mãos da ignorância, poderia degenerar em abusos e práticas supersticiosas, por falta de contrapeso de uma teoria racional.

O princípio da concordância das datas é, pois, inteiramente hipotético; mas se não é ainda permitido nada afirmar a esse respeito, a experiência demonstra que, na Natureza, muitas coisas estão subordinadas a leis numéricas, suscetíveis dos mais rigorosos cálculos; este fato, de uma grande importância, talvez possa um dia lançar luz sobre a primeira questão. Assim é que, por exemplo, as chances do acaso estão submetidas, no seu conjunto, a uma periodicidade de espantosa precisão; a maioria das combinações químicas, para a formação de corpos compostos, tem lugar em proporções definidas, quer dizer, que é preciso um número determinado de moléculas de cada um dos corpos elementares, e que uma molécula a mais ou a menos muda completamente a natureza do corpo composto (ver a *Gênese,* cap. X, n^{o}s 7 e seguintes); a cristalização se opera sob ângulos de uma abertura constante; em astronomia, os movimentos e as forças seguem progressões de um rigor matemático, e o mecanismo celeste é tão exato quanto a mecânica terrestre; ocorre o mesmo para a reflexão dos raios luminosos, calóricos e sonoros; é sobre cálculos positivos que são estabelecidas as chances de vida e de mortalidade nos seguros.

É certo, pois, que os números estão na Natureza e que as leis numéricas regem a maioria dos fenômenos da ordem física. Ocorre o mesmo com os fenômenos de ordem moral e metafísica? É o que seria presunçoso afirmar sem os dados mais certos do que aqueles que se possuem. Esta questão, de resto, levanta outras que têm sua gravidade, e sobre as quais cremos útil apresentar algumas observações de um ponto de vista geral.

Desde o instante que uma lei numérica rege os nascimentos e a mortalidade dos indivíduos, não poderia ocorrer o mesmo, mas então sobre uma mais vasta escala, para as individualidades coletivas, tais como as raças, os povos, as cidades, etc.? As fases de sua caminhada ascendente, de sua decadência e de seu fim, as revoluções que marcam as etapas do progresso da Humanidade, não seriam elas sujeitas a uma certa periodicidade? Quanto às unidades numéricas para a suposição dos períodos humanitários, se estes não são nem os dias, nem os anos, nem os séculos, eles poderiam ter por base as gerações, assim como alguns fatos tendem a fazê-lo supor.

Não está aí um sistema; é ainda menos uma teoria, mas uma simples hipótese, uma idéia fundada sobre uma probabilidade, e que poderia talvez um dia servir de ponto de partida à idéias mais positivas.

Mas, dir-se-á, se os acontecimentos que decidem a sorte da Humanidade, de uma nação, de uma tribo, têm seus vencimentos regulados por uma lei numérica, é a consagração da fatalidade, e, então, em que se torna o livre-arbítrio do homem? O

Espiritismo estaria, pois, no erro quando diz que nada é fatal, e que o homem é o senhor absoluto de suas ações e de sua sorte?

Para responder a esta objeção, é-nos preciso tomar a questão de mais alto. Dizemos primeiro que o Espiritismo jamais negou a fatalidade de certas coisas, e que, ao contrário, sempre a reconheceu; mas ele diz que essa fatalidade não entrava o livre-arbítrio; o que é fácil de demonstrar.

Todas as leis que regem o conjunto dos fenômenos da Natureza têm conseqüências necessariamente fatais, quer dizer, inevitáveis, e esta fatalidade é indispensável à manutenção da harmonia universal. O homem, que sofre essas conseqüências, está, pois, em certos aspectos, submetido à fatalidade em tudo o que não depende de sua iniciativa; assim, por exemplo, ele deve fatalmente morrer: é a lei comum à qual não pode se subtrair, e, em virtude desta lei, pode morrer em toda idade, quando sua hora é chegada; mas se ele apressa voluntariamente a sua morte pelo suicídio ou por seus excessos, ele age em virtude de seu livre-arbítrio, porque ninguém o pode constranger a fazê-lo. Ele deve comer para viver: é da fatalidade; mas se come além do necessário, pratica ato de liberdade.

O prisioneiro, em sua cela, está livre para se mover à sua vontade no espaço que lhe é concedido; mas os muros que não pode ultrapassar são para ele a fatalidade que lhe restringe a liberdade. A disciplina é para o soldado uma fatalidade, porque ela o obriga a atos independentes de sua vontade, mas dela não está menos livre em suas ações pessoais das quais é responsável. Assim ocorre com o homem na Natureza; a Natureza tem suas leis fatais que lhe opõem uma barreira, mas ao lado da qual pode se mover à vontade.

Por que Deus não deu ao homem uma liberdade completa? Porque Deus é como um pai previdente que limita a liberdade de seus filhos ao grau de sua razão e do uso que dela podem fazer. Se os homens já se servem tão mal daquela que lhes é dado, que não sabem governar a si mesmos, que seria se as leis da Natureza estivessem ao seu julgamento, e se elas não lhes opusessem um freio salutar!

O homem pode, pois, ser livre em suas ações, apesar da fatalidade que preside ao conjunto; é livre em uma certa medida, no limite necessário para lhe deixar a responsabilidade de seus atos; se, em virtude dessa liberdade, ele perturba a harmonia pelo mal que faz, se coloca um ponto de parada à marcha providencial das coisas, ele é o primeiro a sofrer por isto, e como as leis da Natureza são mais fortes do que ele, acaba por ser arrastado na corrente; ele sente, então, a necessidade de reentrar no bem, e tudo retoma o seu equilíbrio; de sorte que o retorno ao bem é ainda um ato livre, embora *provocado,* mas não imposto, pela fatalidade.

O impulso dado pelas leis da Natureza, assim como os limites que elas colocam, são sempre bons, porque a Natureza é a obra da sabedoria divina; a resistência a essas leis é um ato de liberdade, e essa resistência arrasta sempre o mal; o homem, estando livre para observar ou infringir essas leis, no que toca à sua pessoa, é, pois, livre para fazer o bem ou o mal; se ele pudesse ser fatalmente levado afazer o mal, essa fatalidade não podendo vir senão de uma força superior a ele, Deus seria o primeiro a infringir as suas leis.

Qual é aquele que muitas vezes não chegou a dizer: "Se eu não tivesse agido com o fiz em tal circunstância, eu não estaria na posição em que estou; se fosse para recomeçar, eu agiria de outro modo?" Não é reconhecer que estava livre de fazer ou de não fazer? que seria livre de fazer melhor uma outra vez que a ocasião se lhe apresentasse? Ora, Deus que é mais sábio do que ele, prevendo os erros nos quais ele poderia cair, o mau uso que poderia fazer de sua liberdade, lhe dá *indefinidamente a* possibilidade de recomeçar pela sucessão de suas existências corpóreas, e ele recomeçará até que, instruído pela experiência, não se engane mais de caminho.

O homem pode, pois, apressar ou retardar, segundo a sua vontade, o fim de suas provas, e é nisto que consiste a liberdade. Agradeçamos a Deus por não nos ter fechado para sempre o caminho da felicidade, decidindo nossa sorte definitiva depois de uma existência efêmera, notoriamente insuficiente para alcançar o cume da escalado progresso, e por nos haver dado, pela própria fatalidade da reencarnação, os meios de adquirir sem cessar, renovando as provas nas quais fracassamos. A fatalidade é absoluta para as leis que regem a matéria, porque a matéria é cega; ela não existe senão para o próprio Espírito que é chamado para reagir sobre a matéria, em virtude de sua liberdade. Se as doutrinas materialistas fossem verdadeiras, elas seriam a mais formal consagração da fatalidade; porque se o homem não fosse senão matéria, ele não poderia ter iniciativa; ora, se vós lhe concedeis a iniciativa no que quer que seja, é que ele é livre, e se ele é livre, é que tem em si outra coisa senão a matéria. O materialismo, sendo a negação do princípio espiritual, é, por isto mesmo, a negação da liberdade; e, contradição estranha! os próprios materialistas, que proclamam o dogma da fatalidade, são os primeiros a se prevalecer, a se fazer um título de sua liberdade; a reivindicá-la como um direito em sua plenitude mais absoluta, junto daqueles que a comprimem, e sem disto desconfiar que é reclamar o privilégio do Espírito e não da matéria. Aqui se apresenta uma outra questão. A fatalidade e a liberdade são dois princípios que parecem se excluírem; a liberdade da ação individual é compatível com a fatalidade das leis que regem o conjunto, e esta ação não vem lhe perturbar a harmonia? Alguns exemplos tomados nos fenômenos mais vulgares de ordem material tornarão a solução do problema evidente.

Dissemos que as chances do acaso se equilibram com uma regularidade surpreendente; com efeito, é um resultado muito conhecido no jogo de vermelho e negro que, apesar da irregularidade de sua saída em cada lance, as cores são em número igual ao cabo de um certo número de lances; quer dizer que, sobre cem lances, haveria cinqüenta vermelhos e cinqüenta negros; sobre mil lances, quinhentos de uma e quinhentos da outra, com a aproximação de algumas unidades. Ocorre o mesmo com os números pares e ímpares e de todas as chances ditas duplas. Se, em lugar de duas cores, há três delas, haverá uma terceira chance de cada uma; se delas há quatro, uma quarta, etc. Freqüentemente a mesma cor sai por séries de dois, três, quatro, cinco, seis lances seguidos; num certo número de lances, haverá tanto de séries de duas vermelhas e de duas negras, tanto de três vermelhas quanto de três negras e assim por diante; mas os lances de duas serão metade menos numerosos do que de um; os de três, o terço daqueles de um; os de quatro, o quarto, etc.

Nos dados, tendo o dado seis faces, se lançado sessenta vezes, levará a dez vezes um ponto, dez vezes dois pontos, dez vezes três pontos e assim com os outros.

Na antiga loteria da França, havia noventa números colocados numa roda; dela se tiravam cinco cada vez; os anotados em vários anos constataram que cada número saía na proporção de um para noventa e cada dezena na proporção de um para nove.

A proporção é tanto mais exata quanto o número de lances é mais considerável; sobre dez ou vinte lances, por exemplo, ela pode ser muito desigual, mas o equilíbrio se estabelece à medida que o número de lances aumenta, e isto com uma regularidade matemática. Sendo isto um fato constatado, é muito evidente que uma lei numérica preside a essa repartição, quando ela é entregue a si mesma, de que nada venha forçá-la ou entravá-la. O que se chama o acaso está, pois, submetido a uma lei matemática, ou melhor dizendo, não há acaso. A irregularidade caprichosa que se manifesta em cada lance, ou num pequeno número de lances, não impede que a lei siga o seu curso, de onde se pode dizer que há, nessa repartição, uma verdadeira fatalidade; mas essa fatalidade que preside ao conjunto, é nula, ou pelo menos inapreciável, para cada lance isolado.

Estendemo-nos um pouco sobre o exemplo dos jogos, porque é um dos mais evidentes e dos mais fáceis de verificar, pela possibilidade de multiplicar os fatos à

vontade, num curto espaço de tempo; e como a lei ressalta do conjunto dos fatos, foi esta multiplicidade que permitiu reconhecê-la, sem isto é provável que ainda se a ignorasse.

A mesma lei pode ser observada com precisão sobre as chances da mortalidade; a morte, que parece ferir indistintamente e cegamente, não se segue disto menos, em seu conjunto, uma marcha regular e constante, segundo a idade. Sabe-se pertinentemente que sobre mil indivíduos de todas as idades, num ano deles morrerá tantos de um a dez anos, tantos de dez a vinte anos, tantos de vinte a trinta anos e assim por diante; ou bem que, depois de um período de dez anos, o número de sobreviventes será de tantos de um a dez anos, de tantos de dez a vinte anos, etc.

Causas acidentais de mortalidade podem momentaneamente perturbar essa ordem, como no jogo a saída de uma longa série de uma mesma cor rompe o equilíbrio; mas, se, em lugar de um período de dez anos e de um número de mil indivíduos, estende-se a observação sobre cinqüenta anos e cem mil indivíduos, encontrar-se-á o equilíbrio restabelecido.

Segundo isto, é permitido supor que todas as eventualidades que parecem ser o efeito do acaso, na vida individual, como na dos povos e da Humanidade, são reguladas por leis numéricas, e o que falta para reconhecê-las é poder abarcar com um golpe de vista uma massa mais considerável de fatos, e um espaço de tempo suficiente.

Pela mesma razão não haveria nada de absolutamente impossível em que o conjunto dos fatos de ordem moral e metafísica estivesse igualmente subordinados a uma lei numérica, cujos elementos e as bases nos são, até aqui, totalmente desconhecidos. Em todos os casos, vê-se pelo que precede, que essa lei, ou querendo-se, essa fatalidade do conjunto, não anularia, de nenhum modo, o livre-arbítrio; é o que nos propusemos demonstrar. O livre-arbítrio, não se exercendo senão sobre os pontos isolados do detalhe, não entravaria mais o cumprimento da lei geral, quanto a irregularidade do lance de cada número não entrava a repartição proporcional desses mesmos números sobre um certo número de lances. O homem exerce o seu livre-arbítrio na pequena esfera de sua ação individual; essa pequena esfera pode estar na confusão, sem que isto impeça de gravitar no conjunto, segundo a lei comum, do mesmo modo que os pequenos redemoinhos causados nas águas de um rio, pelos peixes que se agitam, não impedem a massa das águas seguir o curso forçado que a lei da gravidade lhes imprime.

Tendo o homem o seu livre-arbítrio, a fatalidade não está em nada em suas ações individuais; quanto aos acontecimentos da vida privada que parecem, às vezes, atingi-lo fatalmente, eles têm duas fontes bem distintas: uns são a conseqüência direta de sua conduta na existência presente; muitas pessoas são infelizes, doentes, enfermas por sua falta; muitos acidentes são o resultado da imprevidência; ele não pode, pois, atribuí-los senão a si mesmo, e não à fatalidade, ou, como se diz, à sua má estrela. Os outros são inteiramente independentes da vida presente, e parecem, por isto mesmo, cheios de uma certa fatalidade; mas ainda aqui o Espiritismo nos demonstra que essa fatalidade não é senão aparente, e que certas posições penosas da vida têm sua razão de ser na pluralidade das existências. O Espírito as escolheu voluntariamente na erraticidade antes de sua encarnação, como provas para seu adiantamento; elas são, pois, o produto de seu livre-arbítrio e não da fatalidade. Se algumas vezes elas são impostas, como expiação, por uma vontade superior, e ainda em conseqüência das más ações voluntariamente cometidas pelo homem numa precedente existência, e não como conseqüência de uma lei fatal, uma vez que não teria podido evitá-las, agindo de outro modo.

A fatalidade é o freio imposto ao homem, por uma vontade superior a ele, e mais sábia do que ele, em tudo o que não é deixado à sua iniciativa; mas ela não é jamais um entrave no exercício de seu livre-arbítrio no que toca às suas ações pessoais. Ela não pode mais impor o mal do que o bem; desculpar uma ação má qualquer pela fatalidade, ou, como se diz freqüentemente, pelo destino, seria abdicar o julgamento que Deus lhe

deu para pesar o pró e o contra, a oportunidade ou a inoportunidade, as vantagens ou os inconvenientes de cada coisa. Se o acontecimento está no destino de um homem, ele se cumprirá apesar de sua vontade, e será sempre para o seu bem; mas as circunstâncias do cumprimento dependem do uso que faz de seu livre-arbítrio, e, freqüentemente, pode fazer voltar em seu detrimento o que deveria ser um bem, se age com imprevidência, ê se se deixar arrastar por suas paixões. Engana-se mais ainda se toma seu desejo ou os desvios de sua imaginação por seu destino. (Ver *O Evangelho segundo o Espiritismo,* cap. V, n^0 1 a 11.)

Tais são as reflexões que nos sugeriram os três ou quatro pequenos cálculos de concordância de datas que nos foram apresentados e sobre os quais pediram a nossa opinião; elas eram necessárias para demonstrar que, em semelhante matéria, de alguns fatos idênticos não se poderia concluir em uma aplicação geral. Disto aproveitamos para resolver, por novos argumentos, a grave questão da fatalidade e do livre-arbítrio.

A GERAÇÃO ESPONTÂNEA E A GÊNESE.

Em nossa obra sobre a Gênese, desenvolvemos a teoria da geração espontânea, apresentando-a como uma hipótese provável. Alguns partidários absolutos dessa teoria se admiraram de que não a tenhamos afirmado como princípio. A isto respondemos que, se a questão está resolvida para uns, ela não o está para todo o mundo, e a prova é que a ciência está ainda dividida a esse respeito; ela é, aliás, do domínio científico, onde o Espiritismo não pode haurir, mas onde não lhe pertence de nada resolver de modo definitivo, o que não é essencialmente de sua alçada.

Do fato de que o Espiritismo assimila todas as idéias progressistas, não se segue que ele se faça o campeão cego de todas as concepções novas, por sedutoras que sejam no primeiro aspecto, com o risco de receber mais tarde um desmentido da experiência, e de se dar ao ridículo de ter patrocinado uma obra não viável. Se não se pronuncia claramente sobre certas questões controvertidas, não é, como se poderia crê-lo, para poupar as duas partes, mas por prudência, e para não avançar levianamente sobre um terreno insuficientemente explorado; é porque ele não aceita as idéias novas, mesmo as que lhe parecem justas, de início senão sobe o benefício de inventário, e de maneira definitiva somente quando elas chegam ao estado de verdades reconhecidas.

A questão da geração espontânea está entre elas. Pessoalmente é para nós uma convicção, e se a tivéssemos tratado numa obra comum, ateríamos resolvido pela afirmativa; mas numa obra constitutiva da Doutrina Espírita, as opiniões individuais não podem fazer lei; não estando a Doutrina fundada sobre probabilidades, não poderíamos tratar uma questão de tal gravidade, apenas desabrochada, e que está ainda em litígio entre as pessoas especiais. Afirmando a coisa sem restrição, teria sido levar prematuramente a Doutrina, o que não faríamos jamais, mesmo para fazer prevalecer as nossa simpatias.

O que, até aqui, deu força ao Espiritismo, o que dele fez uma ciência positiva e de futuro, foi que ele jamais avançou levianamente; que não está constituído sobre nenhum sistema preconcebido; que ele não estabeleceu nenhum princípio absoluto sobre a opinião pessoal, nem de um homem, nem de um Espírito, mas somente depois que esse princípio recebeu a consagração da experiência, e uma demonstração rigorosa resolvendo todas as dificuldades da questão.

Quando, pois, formulamos um princípio, é que estamos assegurados de antemão da aprovação da maioria dos homens e dos Espíritos; eis porque nunca tivemos decepções; tal é também a razão pela qual nenhuma da bases que constituem a Doutrina, depois d e quase doze anos, não recebeu desmentido oficial; os princípios de *O Livro dos Espíritos* foram sucessivamente desenvolvidos e completados, mas nenhum caiu em desuso, e

nossos últimos escritos não estão, sobre nenhum ponto, em contradição com os primeiros, apesar do tempo decorrido e das novas observações que foram feitas.

Isto não seria certamente o mesmo se tivéssemos cedido *às* sugestões daqueles que nos gritam, sem cessar, para ir mais depressa, se tivéssemos esposado todas as teorias que desabrocham à direita e à esquerda. De um outro lado, se tivéssemos escutado aqueles que nos diziam para ir mais lentamente, nós estaríamos ainda para observar as mesas girantes. Vamos em frente, quando sentimos que o tempo é propício, e vemos que os espíritos estão maduros para aceitar uma idéia nova; detemo-nos quando vemos que o terreno não está bastante sólido para nele pôr o pé. Com a nossa lentidão aparente, e a nossa circunspecção meticulosa que agrada a certas pessoas, caminhamos mais do que se tivéssemos corrido, porque evitamos de trombar no caminho. Não tendo lugar para lamentar a marcha que seguimos até o presente, dela não nos desviaremos.

Dito isto, completaremos com algumas observações o que dissemos na Gênese, quanto à geração espontânea. Sendo a Revista um terreno de estudo e de elaboração dos princípios, nela dando decididamente a nossa opinião, não tememos empenhar a responsabilidade da Doutrina, porque a Doutrina a adotará se for justa, e a rejeitará se for falsa.

É um fato hoje cientificamente demonstrado que a vida orgânica não existiu sempre sobre a Terra, e que nela teve um começo; a geologia permite seguir-lhe o desenvolvimento gradual. Os primeiros seres do reino vegetal *e* do reino animal que apareceram deveram, pois, se formar sem procriação, e pertencendo às classes inferiores, assim como as observações geológicas o constatam. À medida que os elementos dispersos se reuniram, as primeiras combinações formaram *os* corpos exclusivamente inorgânicos, quer dizer, as pedras, as águas e os minerais de todas as espécies. Quando esses mesmos elementos foram modificados pela ação do fluido vital, - que não é o princípio inteligente, - formaram os corpos dotados de vitalidade, de uma organização constante e regular cada um em sua espécie. Ora, do mesmo modo que a cristalização da matéria bruta não ocorre senão quando nenhuma causa acidental vem se opor à disposição simétrica das moléculas, os corpos organizados se formam desde que as circunstâncias favoráveis de temperatura, de umidade, de repouso ou de movimento, e uma espécie de fermentação permitem às moléculas de matéria, vivificadas pelo fluido vital, se reunir. É o que se vê em todos os germes onde a vitalidade pode ficar latente durante anos ou séculos, e se manifestar num momento dado, quando as circunstâncias são propícias.

Os seres não procriados formam, pois, o primeiro escalão dos seres orgânicos, e contaram provavelmente um dia na classificação científica. Quanto às espécies que se propagam por procriação, uma opinião que não é nova, mas que se generaliza hoje sob a égide da ciência, é que os primeiros tipos de cada espécie são o produto de uma modificação da espécie imediatamente inferior. Assim é estabelecida uma cadeia ininterrupta desde o musgo e o líquen até o carvalho, e desde o zoófito, o verme da terra e do *oução* até o homem. Sem dúvida, entre o verme da terra e o homem, não se considerando senão os dois pontos extremos, há uma diferença que parece um abismo; mas quando se aproximam todos os anéis intermediários, acha-se uma filiação sem solução de continuidade;

Os partidários dessa teoria que, nós o repetimos, tende a prevalecer, e à qual nos ligamos sem reserva, estão longe de ser todos espiritualistas, e ainda menos Espíritas. Não considerando senão a matéria, fazem abstração do princípio espiritual ou inteligente. Esta questão não prejulga, pois, nada sobre afiliação desse princípio da animalidade na humanidade; é uma tese que não temos que tratar hoje, mas que já se debate em certas escolas filosóficas não materialistas. Não se trata, pois, senão do envoltório carnal, distinto do Espírito, como a casa o é de seu habitante. O corpo do homem pode, pois,

perfeitamente ser uma modificação do do macaco, sem que se siga que seu espírito seja o mesmo que o do macaco. (Gênese cap. XI, nº15.)

A questão que se liga à formação desse envoltório não é menos importantíssima, primeiro porque ela resolve um sério problema científico, que ela destrói os preconceitos há muito tempo enraizados pela ignorância, e em seguida porque aqueles que a estudam exclusivamente, se chocarão com as dificuldades insuperáveis, quando quiserem se dar conta de todos os efeitos, absolutamente como se quisessem explicar os efeitos da telegrafia sem a eletricidade; eles não encontrarão a solução dessas dificuldades, senão na ação do princípio espiritual que deverão admitir no final das contas, para sair do impasse em que estarão empenhados, sob pena de deixarem a sua teoria incompleta.

Deixemos, pois, o materialismo estudar as propriedades da matéria; este estudo é indispensável, e o será tanto de fato: o espiritualismo não terá mais do que completar o trabalho naquilo que lhe concerne. Aceitemos as suas descobertas, e não nos inquietemos com suas conclusões absolutas, porque sua insuficiência, para tudo resolver, estando demonstrada, as necessidades de uma lógica rigorosa conduzirão forçosamente à espiritualidade; e a espiritualidade geral sendo ela mesma impotente para resolveres inumeráveis problemas da vida presente e da vida futura, encontrar-se-á a sua única chave possível nos princípios mais positivos do Espiritismo. Já vemos uma multidão de homens chegarem por si mesmos às conseqüências do Espiritismo, sem conhecê-lo, uns começando pela reencarnação, os outros pelo perispírito. Eles fazem como Pascal, que descobriu os elementos da geometria, sem estudo preliminar, e sem desconfiar de que o que acreditava ter descoberto era uma obra realizada. Um dia virá em que *os pensadores sérios,* estudando esta Doutrina com a atenção que ela comporta, ficarão todos surpresos por nela encontrarem o que procuravam, e proclamarão inteiramente um trabalho do qual não supunham a existência.

É assim que tudo se encadeia no mundo; da matéria bruta saíram os seres orgânicos cada vez mais aperfeiçoados; do materialismo sairão, pela força das coisas, e por dedução lógica, o espiritualismo geral, depois o Espiritismo, que não é outro senão o Espiritualismo precisado, apoiado sobre os fatos.

O que se passou na origem do mundo para a formação dos primeiros seres orgânicos ocorre em nossos dias, por meio do que se chama a geração espontânea? aí está a questão. Por nossa conta, não hesitamos em nos pronunciar pela afirmativa.

Os partidários e os adversários se opõem reciprocamente experiências que deram resultados contrários; mas estes últimos se esquecem de que o fenômeno não pode se produzir senão nas condições requeridas de temperatura e de arejamento; procurando obtê-lo fora dessas condições, devem necessariamente fracassar.

Sabe-se, por exemplo, que, para e eclosão artificial dos ovos, é preciso uma temperatura regular determinada, e certas precauções minuciosas especiais. Aquele que negasse essa eclosão porque não a obteve com alguns graus a mais ou a menos, e sem as precauções necessárias, estaria no mesmo caso daquele que não obteve a geração espontânea num meio impróprio, nos parece, pois, que se essa geração forçosamente se produziu nas primeiras idades do globo, não há razão que ela não se reproduza em nossa época, sendo as condições as mesmas, que não as houvesse porque não se formassem calcários, óxidos, ácidos e sais, como no primeiro período.

Está hoje reconhecido que os fiapos do mofo constituem uma vegetação que nasce sobre a matéria orgânica chegada a um certo estado de fermentação. O mofo nos parece ser o primeiro, ou dos primeiros tipos da vegetação espontânea, e esta vegetação primitiva que continua, revestindo formas diversas segundo os meios e as circunstâncias, nos dão os líquens, os musgos, etc. Quer-se um exemplo mais direto? O que são os cabelos, a barba e os pêlos do corpo dos animais, senão uma vegetação espontânea?

A matéria orgânica animalizada, quer dizer, contendo uma certa proporção de azoto, dá nascimento a vermes que têm todos os caracteres de uma geração espontânea.

Quando o homem ou um animal qualquer está vivo, a atividade da circulação do sangue e o jogo incessante dos órgãos mantêm uma temperatura e um movimento molecular que impedem os elementos constitutivos dessa geração, de se formar e de se reunir. Quando o animal está morto, a parada da circulação e do movimento, o rebaixamento da temperatura num certo limite, trazem a fermentação pútrida, e, conseqüentemente, a formação de novos compostos químicos. É então que se vêem todos os tecidos invadidos por miríades de vermes que neles se repastam, sem dúvida, para apressar-lhe a destruição. Como teriam procriado uma vez de que disso não houvessem traços antes?

Objetar-se-á, sem dúvida, os ovos depositados pelas moscas sobre a carne morta; mas isto não provaria nada, uma vez que os ovos de mosca são depositados na superfície, e não no interior dos tecidos, e que a carne, posta ao abrigo das moscas, não o é menos, ao cabo de um certo tempo, putrificada e cheia de vermes; freqüentemente mesmo, são vistos invadindo o corpo antes da morte, quando há começo parcial de decomposição pútrida, notadamente nas feridas gangrenosas.

Certas espécies de vermes se formam durante ávida, mesmo num estado aparente de saúde, sobretudo nos indivíduos linfáticos cujo sangue é pobre e que não têm a superabundância de vida que se nota nos outros; são as lombrigas ou vermes intestinais; as tênias ou vermes solitários que alcançam, às vezes, sessenta metros de comprimento, e se reproduzindo por fragmentos com os pólipos e certas plantas; os dragoeiros, particulares à raça negra e a certos climas, de um comprimento de trinta a trinta e cinco centímetros, delgados como um fio, e que saem através da pele pelas pústulas; os ascarídeos, ostricocéfalos, etc. Freqüentemente formam massas tão consideráveis, que obstruem o canal digestivo, remontam ao estômago e até à boca; eles atravessam os tecidos, se alojam nas cavidades através das vísceras, se enovelam como ninhos de lagarta, e causam graves desordens na economia. Sua formação poderia bem ser também o fato de uma geração espontânea, tendo sua fonte num estado patológico especial na alteração dos tecidos, no enfraquecimento dos princípios vitais, e nas secreções mórbidas. Poderia ser o mesmo com os vermes do queijo, o ácaro da sarna, e de uma multidão de animálculos que podem nascer no ar, na água, e nos corpos orgânicos.

Poder-se-ia supor, é verdade, que os germes desses vermes intestinais são introduzidos na economia com o ar que se respira *e* os alimentos, e que ali desabrocham; mas então surge uma outra dificuldade; perguntar-se-ia por que a mesma causa não produz sobre todos o mesmo efeito; por que todo o mundo não tem o verme solitária, nem mesmo as lombrigas, ao passo que a alimentação e a respiração produzem em todos efeitos fisiológicos idênticos. Esta explicação, aliás, não seria aplicável aos vermes da decomposição pútrida que vem depois da morte, nem aos do queijo e tantos outros. Até prova em contrário, somos levados a considerá-los como sendo, pelo menos em parte, um produto da geração espontânea, do mesmo modo que os zoófitos e certos pólipos.

A diferença de sexos que se lhes reconheceu, acreditou-se reconhecer em alguns vermes intestinais, notadamente no tricocéfalo, não seria uma objeção concludente, tendo em vista que eles não pertencem menos à ordem dos animais inferiores, e por isto mesmo primitivos; ora, uma diferença do sexos deveu ter um começo, nada se oporia a que nascessem espontaneamente macho e fêmea.

De resto, ali não estão senão hipóteses, mas que parecem vir em apoio do princípio. Até onde se estende a sua aplicação? é o que não se saberia dizer; o que se pode afirmar é que ela deve estar circunscrita aos vegetais e aos animais da organização mais simples, e não nos parece duvidoso que assistimos a uma criação incessante.

O PARTIDO ESPÍRITA.

Os Espíritas se consideram bem como uma escola filosófica, mas jamais lhes veio ao pensamento se acreditar *um partido;* ora, eis que um belo dia o *Moniteur* lhes dá esta novidade que os surpreendeu um pouco. E quem foi que lhe deu esta qualificação? Foi um desses foliculários sem conseqüência, que lançam epítetos ao acaso, sem lhes compreender a importância? Não, é um relatório oficial feito pelo primeiro corpo do Estado, o Senado. Não é provável, pois, que, num documento dessa natureza, essa palavra tenha sido pronunciada estouvadamente; não foi, sem dúvida, a benevolência que aditou, mas foi dita, e teve êxito, porque os jornais não a deixaram cair; alguns, crendo nela encontrar uma censura a mais contra o Espiritismo, não tiveram nada de mais urgente do que exibir em suas colunas o título de: *O partido Espírita.*

Assim, essa pobre pequena escola, tão ridicularizada, tão zombada, que se propunha enviar caridosamente em massa para Charenton; sobre a qual, dizia-se, não havia senão que soprar para fazê-la desaparecer; que foi declarada vinte vezes morta e enterrada para sempre; à qual não há o mais medíocre escritor hostil que não se gabe de lhe ter dado o golpe de misericórdia, tudo em convindo, com estupefação, que ela invade o mundo e todas as classes da sociedade; da qual se quis, com toda a força, fazer uma religião, gratificando-a de templos e de sacerdotes, grandes e pequenos, que ela jamais viu, eis de repente transformada em partido. Por esta qualificação, o Sr. Genteur, o repórter do Senado, não lhe deu seu verdadeiro caráter, mas a realçou; deu-lhe uma posição, um lugar, e a colocou em relevo; porque a idéia de *partido* implica a de um certo poder; de uma opinião tão importante, bastante ativa e bastante difundida para desempenhar um papel, e com a qual é preciso contar.

O Espiritismo, por sua natureza e seus princípios, é essencialmente pacífico; é uma idéia que se infiltra sem ruído, e se encontra numerosos adeptos, é que ela satisfaz; jamais fez nem reclames nem encenação qualquer; muitas das leis naturais sobre as quais se apoia, se vendo crescer sem esforços nem abalos, não vai diante de ninguém; não violenta nenhuma consciência; diz o que é e espera que se venha a ele. Todo o barulho que se faz ao seu redor é a obra de seus adversários; é atacado, deve defender-se, mas sempre o fez com calma, moderação e unicamente pelo raciocínio; jamais se afastou da dignidade que é própria de toda causa tendo a consciência de sua força moral; jamais ele usou de represálias restituindo injúrias por injúrias, maus procedimentos por maus procedimentos. Não está aí, nisto se convirá, o caráter comum dos partidos, ativo por natureza, fomentando a agitação, e a quem tudo é bom para chegar a seus fins; mas, uma vez que se lhe deu esse nome, ele o aceita, certo de que não o desonrará por nenhum excesso porque ele repudiaria qualquer que disso se prevalecesse para suscitar a menor perturbação.

O Espiritismo prosseguia, pois, em seu caminho sem provocar nenhuma manifestação pública, tudo em aproveitando a publicidade que lhe davam os seus adversários; quanto mais sua crítica seja zombeteira, acerba, virulenta, mais ela excita a curiosidade daqueles que não o conhecem, e que, para saber em que se apoiar sobre essa suposta nova excentricidade, vão muito simplesmente se informarem na fonte, quer dizer, nas obras especiais; ele é estudado e encontrado muito diferente daquilo que se tinha dele ouvido dizer. É um fato notório que as invectivas furiosas, os anatemas e as perseguições ajudaram poderosamente à sua propagação, porque, em lugar de dele desviar, elas provocaram o seu exame, não fosse senão pelo atrativo do fruto proibido. As massas têm a sua lógica; elas dizem a si mesmas que se uma coisa nada fosse não se falaria dela, e medem a sua importância precisamente pela violência dos ataques do qual ela é objeto e pelo pavor que ela causa aos seus antagonistas.

Instruídos pela experiência, certos órgãos da publicidade se abstinham de não falar nem bem nem mal dele, evitando mesmo pronunciar-lhe o nome, de medo disso ter repercussão, limitando-se a lhe lançar, de tempos em tempos, algumas invectivas quando possíveis, e como às escondidas, quando uma circunstância o coloca forçosamente em

evidência. Alguns também guardaram o silêncio porque a idéia havia penetrado em suas fileiras e, com ela, senão talvez a convicção, pelo menos a hesitação.

A imprensa, em geral, se cala, pois, sobre o Espiritismo, quando uma circunstância, que não poderia ser o efeito do acaso, a coloca na necessidade de dele falar; e quem provocou o incidente? Sempre os adversários da idéia que, ainda desta vez, se enganaram produzindo um efeito muito contrário àquele que esperavam. Para dar maior ressonância a seu ataque eles a levam, desajeitadamente, não sobre o terreno de uma folha sem caráter oficial, cujo número de leitores é limitado, mas, por petições, à própria tribuna do Senado, onde é objeto de uma discussão e de onde saiu o nome *de partido espírita;* ora, graças aos jornais de todas as cores, obrigados a darem conta do debate, a existência deste partido foi instantaneamente revelada a toda a Europa e fora dela.

É verdade que um membro da ilustre assembléia disse que não havia senão os *simplórios* que fossem Espíritas; ao que o presidente respondeu que os simplórios também podiam formar um partido. Ninguém ignora que os Espíritas hoje são contados por milhões, e que altas notabilidades simpatizam com as suas crenças; pode-se, pois, se admirar que um epíteto tão pouco cortês e tão generalizado, tenha saído desse recinto em direção a uma notável parte da população, sem que o autor tenha refletido até onde chegaria.

De resto, os próprios jornais se encarregaram de desmentir esta qualificação, sem dúvida, não por benevolência, mas que importa! O jornal *la Liberte,* entre outros, que aparentemente não quer que se seja livre de ser Espírita, como se é judeu, protestante, saint-simoniano ou livre pensador, publicou, em seu número de 13 de junho, um artigo assinado *Liévin,* e do qual eis um extrato:

"O Sr. comissário do governo Genteur revelou ao senado a existência de um partido que não conhecemos, e que, parece, contribui como os outros, no limite de suas forças, a abalar as instituições do império. Já sua influência se fez sentir no ano último, e o partido *espírita,* - é o nome que lhe deu o Sr. Genteur, - tinha obtido do senado, sem dúvida, graças à sutileza dos meios dos quais dispõe, o retorno ao governo da famosa petição de Saint-Etienne, onde eram denunciadas, se disto se recordam, não as tendências materialistas da Escola de medicina, mas as tendências filosóficas da biblioteca da cidade. Nós tínhamos até aqui atribuído ao partido da intolerância a honra desse sucesso, e nós o considerávamos por ele como uma consolação de seu último fracasso; mas parece que tínhamos nos enganado, e que a petição de Saint-Etienne não era senão uma manobra desse partido *espírita,* cujo poder oculto parece se exercer mais particularmente em detrimento das bibliotecas.

"Segunda-feira, o Senado foi tomado de novo de uma petição onde *o partido espírita,* levantando ainda a cabeça, denunciava as tendências da biblioteca de Oullins(Rhône). Mas desta vez a venerável assembléia, posta em guarda pelas revelações do Sr. Genteur, frustrou, por uma ordem do dia unânime, os cálculos dos Espíritas. Quase sozinho, o Sr. Nisard se deixou prender neste estratagema de guerra, e estendeu de boa fé a mão a esses pérfidos inimigos. Ele lhes prestou o apoio de um relatório onde assinalava, a seu turno, os perigos dos maus livros. Felizmente, o equívoco do honrado senador não foi partilhado, e os Espíritas, reconhecidos e confusos, foram reconduzidos como o mereciam."

Um outro jornal, a *Revue politique hebdomadaire* de 13 de junho, começa assim um artigo sobre o mesmo assunto:

"Nós não conhecemos ainda todos os nossos perigos. Não era, pois, bastante o partido legitimista, o partido orleanista, o partido republicano, o partido socialista, o partido comunista e o partido vermelho, sem contar o partido liberal que a todos resume, se deles se crê o *Constitucional!* Foi bem sob o segundo império, cuja pretensão é de dissolver todos os partidos, que um novo partido deveu nascer, *crescer e ameaçar a sociedade*

francesa, o partido espírita? Sim, o partido espírita! Foi o Sr. Genteur, conselheiro de Estado, que o descobriu, e que o denunciou em pleno Senado."

Dificilmente compreender-se-á que um partido que não se componha senão de *simplórios* possa fazer o Estado correr sérios perigos; apavorar-se com ele seria fazer crer que se tem medo dos simplórios. Lançando esse grito de alarme à face do mundo, prova-se que o partido espírita é alguma coisa. Não tendo podido abafá-lo sob o ridículo, tenta-se apresentá-lo como um perigo para a tranqüilidade pública; ora, qual será o inevitável desta nova tática? Um exame tanto mais sério e mais aprofundado quanto se terá mais exaltado o perigo; quererão conhecer as doutrinas desse partido, seus princípios, sua palavra de ordem, suas afiliações. Se o ridículo lançado sobre o Espiritismo, como crença, aguçou a curiosidade, será outra coisa do momento que é apresentado como um partido de nível; cada um está interessado em saber o que ele quer, para onde conduz: é tudo o que ele pede, agindo à luz do dia, não tendo nenhuma instrução secreta fora do que é publicado e do uso de todo o mundo, ele não teme nenhuma investigação, muito *seguro, ao* contrário, de ganhar em ser conhecido, e quem o pesquisar com imparcialidade, verá em seu código moral uma poderosa garantia de ordem e de segurança. Um partido, uma vez que partido há, que inscreve sobre a sua bandeira: Fora *da caridade não há salvação,* indica muito claramente as suas tendências, para que ninguém tenha razão de temê-lo. Aliás, a autoridade, cuja vigilância é conhecida, não pode ignorar os princípios de uma doutrina que não se esconde. Não lhe faltam pessoas para dar-lhe conta do que se diz e se faz nas reuniões espíritas, e ela saberia bem chamar à ordem aqueles que dela se afastassem.

Pode-se admirar que homens que fazem profissão de liberalismo, que reclamam com grande estardalhaço *a* liberdade, que a querem absoluta por suas idéias, seus escritos, suas reuniões, que estigmatizam todos os atos de intolerância, entendam proscrevê-la para o Espiritismo. Mas, vede a que conseqüências a cegueira conduz! O debate, que teve lugar no Senado, foi provocado por duas petições: uma do ano último para a biblioteca de Saint-Etienne; a outra deste ano para a de Oullins, assinadas por alguns habitantes dessas cidades, e que reclamam contra a introdução, nessas bibliotecas, de certas obras, entre as quais figuram as *obras espíritas.*

Pois bem! o autor do artigo do jornal /a *Liberte,* que, sem dúvida, examinou a questão um pouco levianamente, imagina que a reclamação emana do partido espírita, e conclui que este recebeu uma porretada pela ordem do dia pronunciada sobre a petição de Oullins. Eis, pois, esse partido tão perigoso muito facilmente abatido, e que peticiona para pedir a exclusão *de suas próprias* obras! esse seria verdadeiramente o partido dos simplórios. De resto, este estranho equívoco nada tem de surpreendente, uma vez que o autor declara, em começando, *que ele não conhece esse partido,* o que não o impede de declará-lo capaz de abalar as instituições do império.

Os espíritas, longe de se inquietarem com esses incidentes, devem com eles se alegrar; essa manifestação hostil não poderia se produzir em circunstâncias mais favoráveis, e a Doutrina com isto receberá certamente um novo e salutar impulso, como isto tem sido em todos os levantes, dos quais foi objeto. Quanto mais esses ataques tiveram ressonância, mais foram proveitosos. Um dia virá em que elas mudar-se-ão em aprovações abertas.

O jornal *lê Siècle.de* 18 de junho, também publicou seu artigo sobre o partido espírita. Cada um nele encontrará um espírito de moderação, que contrasta com os dois outros que mencionamos; nós o reproduziremos integralmente:

"Quem, pois, disse: Não há nada de novo sob o sol? O céptico que assim falasse não desconfiaria que um dia a imaginação de um conselho de Estado faria em pleno Senado a descoberta do *partido espírita.* Já contamos alguns partidos na França, e Deus sabe se os ministros oradores se fazem falta de enumerar os perigos que podem criar

essa divisão de espíritos! Há o partido legitimista, o partido orleanista, o partido republicano, o partido socialista, o partido comunista, o partido clerical, etc., etc.

"Parece que a lista não é muito grande para o Sr. Genteur. Ele vem de denunciar, aos veneráveis pais da política que têm assento no palácio de Luxembourg, a existência do *partido espírita.* Com essa revelação inesperada, um arrepio percorreu a assembléia. Os defensores das duas morais, o Sr. Nisard à frente, estremeceram.

"O que, apesar do zelo de seus inumeráveis funcionários, o império francês está ameaçado por um novo partido? - Em verdade, é o desespero da ordem pública. Como esse inimigo, até aqui invisível ao próprio Sr. Genteur, pôde se esconder de todos os olhos? Há aí um mistério que o Sr. conselheiro de Estado poderia bem, se o penetrar, nos ajudar a compreender. As pessoas oficialmente informadas afirmam que o partido espirita escondia o exército de seus representantes, os Espíritos batedores, atrás dos livros das bibliotecas de Saint-Etienne e de Oullins.

"Eis-nos, pois, retornados aos belos tempos nas histórias de fazer dormir de pé, das mesas girantes e das curas indiscretas!

Se bem que o Espiritismo, e seu primeiro apóstolo, o Sr. Delage, o mais doce dos pregadores, não tenham convencido ainda todo o mundo, no entanto chegaram a constituir um partido. Isto pelo menos se diz no Senado, e não somos nós que nos permitiremos suspeitar jamais da exatidão do que se afirma em tão alto lugar.

"A influência oculta do partido recentemente assinalado se fez sentir até a última discussão do Senado, onde o Sr. Désiré Nisard, primeiro do nome, foi muito levado pelos reacionários. Um tal papel lembrava de direito ao homem que foi, desde a sua saída da escola normal, um dos agentes mais ativos das idéias retrógradas.

"Depois disto, pode-se admirar de ouvir o honrado senador invocar o arbitrário para justificar as medidas restritivas tomadas a propósito da escolha dos livros da biblioteca de Ouilins? "Esses estabelecimentos populares, disse o Sr. Nisard, são fundados por associações; elas se acham, pois, sob *a* ação do art. 291 do Código penal, e, conseqüentemente, à discrição do ministro do interior. Ele usou, usa e usará dessa ditadura."

"Deixamos ao *partido espírita* e ao seu Cristóvão Colombo, Sr. conselheiro de Estado Genteur, o cuidado de interrogar os Espíritos reveladores, a fim de que nos informem o que o Senado espera obter impedindo os cidadãos de compor livremente as bibliotecas populares, como isto se pratica na Inglaterra?"

ANATOLE DE LA FORGE.

O ESPIRITISMO POR TODA A PARTE.

O JORNAL LÊ SIÈCLE. - PARIS SONÂMBULO.

Há algum tempo, Lê *Siècle* publica, sob o título de *Tout Paris,* uma série de muito interessantes folhetins escritos por autores diferentes; ele teve *Paris artista, Paris gastronome, Paris plaideur,* etc. Em seu folhetim de 24 e 25 de abril de 1868, publicou *Parissomnambule,* pelo Sr. Eugène Bonnemère, o autor do *Roman de l'Avenir.* É uma exposição ao mesmo tempo científica e verdadeira das diferentes variedades de sonambulismo, na qual faz intervir, incidentemente, o Espiritismo, sob seu nome próprio, no entanto, com todas as precauções oratórias pedidas pelas exigências do jornal, do qual não queria empenhar a responsabilidade; é o que explica certas reticências. A falta de espaço não nos permitindo dele fazer tão numerosas citações quanto teríamos desejado, limitamo-nos às passagens seguintes:

"A forma mais elevada do sonambulismo, sem contradita, é o Espiritismo, que aspira passar ao estado de ciência. Ele possui uma literatura já rica, e os livros do Sr. Allan Kardec, notadamente, têm autoridade sobre a matéria."

"O Espiritismo é a correspondência das almas entre si. Segundo os adeptos desta crença, um ser invisível se coloca em comunicação com um outro chamado médium, gozando de uma organização particular que o torna apto a receber o pensamento daqueles que viveram e o escreve, seja por um impulso mecânico inconsciente, impresso à mão, seja por uma transmissão direta à inteligência dos médiuns."

"Não, a morte não existe. É o instante de repouso depois de feita a jornada e a tarefa terminada; depois, é o despertar para uma obra nova, mais útil e maior do que aquela que se vem de realizar."

"Nós partimos, levando conosco a lembrança dos conhecimentos adquiridos neste mundo; o mundo onde iremos nos dará os seus, e os agrupamos todos em feixe para com eles formar o progresso."

"É pela sucessão das gerações que a Humanidade avança, caminhando cada vez um passo a mais para a luz, porque elas chegam animadas pelas almas, sempre ingenuamente puras depois que retornam a Deus, e permanecem impregnadas dos progressos que atravessaram."

"Em conseqüências das conquistas definitivamente asseguradas, a Terra que habitamos, ela mesma, merecerá subir na escala dos mundos. Um novo cataclismo chegará; certas essências vegetais, certas espécies animais, inferiores ou malfazejas, desaparecerão como outras desapareceram outrora, para dar criações mais perfeitas, *e* nós nos tornaremos, ao nosso turno, um mundo no qual os seres já provados virão procurar um maior desenvolvimento. Depende de nós apressar, por nossos esforços, o advento desse período mais feliz. Nossos mortos bem-amados virão nos ajudar nessa tarefa mais difícil."

"Como se vê, essas crenças, sérias ou não, não deixam de ter uma certa grandeza. O materialismo e o ateísmo, que o sentimento humano repele com todas as suas energias, não são senão uma *inevitável reação* contra as idéias, dificilmente admissíveis pela razão, sobre Deus, a Natureza e os destinos das almas. *O Espiritismo, alargando a questão, reacende nos corações a fé prestes a se extinguir."*

TEATRO. - CORNÉLIO. - O GALO DE MYCILLE.

Neste inverno, se desempenhou com grande sucesso, no teatro das Fantasies-Parisiennes, uma encantadora opereta intitulada: *l'Elixirde Cornélio* onde a reencarnação faz o próprio nó da intriga.

Eis o relatório que dela deu *Lê Siècle,* em seu número de 11 de fevereiro de 1868:

"Esse Cornélius é um alquimista que se ocupa particularmente da transmigração das almas. Tudo o que se lhe conta a esse respeito, ele escuta atentamente, como se a coisa tivesse acontecido. Ora, ele possui uma filha que não esperou a sua permissão para procurar um pretendente. Não, mas ele recusa o seu consentimento. Como, pois, fazer para vencer a sua resistência? Uma idéia: o apaixonado conta que sua filha, tendo sido sua filha, há muito tempo era um soldado, andarilho de aventuras e de becos. Nessa mesma época, ele, o apaixonado, era uma pessoa jovem encantadora que foi enganada pelo soldado improvisado. Os papéis se inverteram e ele lhe pediu para lhe restituir a sua antiga honra. "Ah! com isto tanto me dizeis!" respondeu o velho doutor convencido. E eis como um casamento a mais se realizou diante do público que, tão freqüentemente, está encarregado de substituir o prefeito. "A música é alegre como o assunto que a inspirou. Tem-se mais particularmente a observar a serenata, as tiradas de Cornélio, o dueto bufo e o final, escritos simplesmente e facilmente."

O fundo do assunto repousa aqui, como se vê, não só sobre o princípio da reencarnação, mas além disto sobre a mudança de sexo. Os assuntos dramáticos se esgotam e os autores, freqüentemente, ficam muito embaraçados para sair dos caminhos repetidos; a idéia da reencarnação vai lhe fornecer, em profusão, situações novas para todos os gêneros; aberto o caminho, é provável que todos os teatros terão logo sua peça sobre a reencarnação.

O Théâtre-Français deu, no fim do mês de maio, uma peça em que a alma desempenha o papel principal; é o *Coq de Mycille,* pelos Srs. Trianon e Eugène Nyon, e do qual eis o principal assunto.

Mycille é um jovem consertador de sapatos de Atenas; diante de sua barraca um jovem magistrado, o arconte Eucrates, habita uma deliciosa casa de mármore. O pobre consertador de sapatos envia a Eucrates suas riquezas, sua mulher, sua bela Chloé, sua cozinha, seus numerosos escravos. O opulento arconte, envelhecido antes da idade, paralítico da gota, envia a Mycille sua boa acolhida, seu brinde, o amor desinteressado que lhe testemunha uma jovem escrava, Doris. Mycille tem um galo que a jovem Doris lhe deu, e que, por seu canto matinal, desperta o arconte. Este ordena a seus escravos para espancar o consertador de sapatos se este não fizer calar seu galo; o consertador de sapatos, a seu turno, quer bater em seu galo; mas, nesse momento, o animal se metamorfoseia em homem: é o filósofo Pitágoras, cuja alma tinha vindo animar o corpo do galo, segundo a sua doutrina da transmigração. Momentaneamente, ele retomou a sua forma humana para esclarecer Mycille sobre a tolice da inveja que leva à posição de Eucrates. Não podendo persuadi-lo: "Quero te dar, disse-lhe, o meio de te esclarecer por tua própria experiência. Apanha essa pluma que fizeste cair de meu corpo de galo; introduze-a na fechadura da porta de Eucrates; logo essa porta se abrirá; tua alma passará para o corpo do arconte, e reciprocamente a alma do arconte passará para o teu corpo. No entanto, antes de nada fazer, convido-te a refletir muito. Sobre isso Pitágoras desaparece. Mycille se consulta, mas a sede do ouro o carrega, e, solicitado por diversos incidentes ele se decide, e a metamorfose se opera. Eis, pois, o consertador de sapatos tornado o rico arconte, mas doente e gotoso, e o arconte tornado consertador de sapatos. Esta transformação traz uma multidão de complicações cômicas, em conseqüência das quais cada um descontente de sua nova posição, retoma aquela que tinha antes.

Esta peça, como se vê, é uma nova edição da história do *consertador de sapatos e do financeiro,* já explorada sob tantas formas. O que a caracteriza é que em lugar de que seja o consertador de sapatos em pessoa, corpo e alma, que toma o lugar do financeiro, são as duas almas que trocam seus corpos. A idéia é nova, original, e os autores a exploraram muito espirituosamente; mas ela não é de nenhum modo emprestada da idéia espírita, como se havia dito; ela é tirada de um diálogo de Lucien: *O sonho e o galo.* Dela não falamos senão para salientar o erro daqueles que confundem o princípio da reencarnação com a transmigração das almas ou metempsicose.

A peça de Cornélio, ao contrário, é inteiramente no dado espírita se bem que a pretensa reencarnação do jovem e de sua jovem filha não seja senão uma invenção de sua parte para chegar aos seus fins, ao passo que esta dele se afasta completamente. Primeiro, o Espiritismo jamais admitiu a idéia da alma humana retrogradando na animalidade, porque seria a negação da lei do progresso; em segundo lugar, a alma não deixa o corpo senão na morte, e quando depois de um certo tempo passado na erraticidade, ela recomeça uma nova existência, é passando pelas fases comuns da vida: o nascimento, a infância, etc., e não pelo efeito de uma metamorfose ou substituição instantânea, que não se vê senão nos contos de fadas, que não são o evangelho do Espiritismo o que quer que seja que digam os críticos que dele não sabem mais.

No entanto, se bem que o dado seja falso em sua aplicação, ela não está menos fundada sobre o princípio da individualidade e da independência da alma; é a alma distinta do corpo e a possibilidade de reviver sobre um outro envoltório posto em ação, a

idéia com a qual é sempre útil de familiarizar a opinião. A impressão que disso resta não está perdida para o futuro, e ela é mais salutar do que as peças onde se põe em cena o descaramento das paixões.

ALEXANDRE DUMAS. - MONTE-CRISTO.

"Escutai, Valentim; jamais sentistes por alguém uma dessas simpatias irresistíveis que fazem tudo que, vendo uma pessoa pela primeira vez, credes conhecê-la há muito tempo, e vos perguntais onde e quando a vistes; se bem que, não podendo vos lembrar nem do lugar nem do tempo, chegais a acreditar que estais num mundo anterior ao nosso, e que essa simpatia não é senão uma lembrança que desperta?" *(Monte-Cristo, 3-* parte, cap. XVIII, o Recinto de luzerna.)

"Jamais ousastes vos elevar um golpe de asa nas esferas superiores que Deus povoou de seres invisíveis e excepcionais. - E vós admitis, senhor, que essas esferas existem; que os seres excepcionais e invisíveis se misturem conosco? - Por quê? É que vedes o arque respirais, e sem o qual não poderíeis viver? - Então, não vemos esses seres dos quais falais. - Se feito; vede-os quando Deus permite que se materializem..." *(Monte-Cristo, 3-* parte, cap. IX, Ideologia.)

"E eu, senhor (Villefort), eu vos digo que não é nisso que assim credes. Esta noite, dormi um sono terrível, eu me via de alguma sorte dormir, como se a minha alma tivesse já planado acima de meu corpo; meus olhos, que me esforçava para abrir, se fechavam apesar de mim; e, no entanto... com meus olhos fechados, eu vi, no lugar mesmo onde estais, entrar sem ruído uma forma branca." *(Monte-Cristo, 4-* parte, cap. XIII, senhora Mairan.)

"Uma hora antes de expirar, ele me disse: Meu pai, a fé de nenhum homem pode ser mais viva do que a minha, porque vi e ouvi falar uma alma separada de seu corpo." *(François Picaut,* continuação de *Monte-Cristo.)*

Não há, nestes pensamentos, senão uma pequeníssima crítica a fazer, é a qualificação de *excepcionais* dada aos seres invisíveis que nos cercam; esses seres nada têm de excepcionais, uma vez que são as almas dos homens, e que todos os homens, sem exceção, devem passar por este estado. Fora disso, não se dirá que essas idéias sejam hauridas textualmente na Doutrina?

BIBLIOGRAFIA.

A ALMA, demonstração de sua realidade, deduzida do estudo dos efeitos do clorofórmio e do curare sobre a economia animal, pelo Sr. RAMON DE LA SAGRA, membro correspondente do Instituto da França (Academia das ciências morais e políticas), da academia real das ciências dos Países Baixos, etc.(1). (1) Um vol. in-12, preço 2 fr. 50; pelo correio 2 fr, 75. Casa Germer-Baillîère, lívr, 17, rue de i'Ecole-de-Médecine.

Dissemos, num artigo acima, página 205, que as pesquisas da ciência, mesmo tendo em vista um estudo exclusivamente material, conduziriam ao espiritualismo, pela impossibilidade de explicar certos efeitos com a ajuda unicamente das leis da matéria; de outra parte, muitas vezes repetimos que na catalepsia, na letargia, na anestesia(2)- *(2) Anestesie,* suspensão da sensibilidade: do grego, a. *privação, e aisthauomai.)* pelo clorofórmio ou outras, no sonambulismo natural, no êxtase e em certos estados patológicos, a alma se revela por uma ação independente do organismo, e dá, pelo seu isolamento, a prova patente de sua existência. Não falamos nem do magnetismo, nem do sonambulismo artificial, nem da dupla vista, nem das manifestações espíritas que a ciência oficial não

reconheceu ainda, mas dos fenômenos sobre os quais ela é capaz de experimentar cada dia.

A ciência procurou a alma com o escalpelo e o microscópio no cérebro e nos gânglios nervosos, e não a encontrou; a análise dessas substâncias não lhe deu senão do oxigênio, do hidrogênio, do azoto e do carbono, de onde ela concluiu que a alma não é parte distinta da matéria. Se não encontra a razão é muito simples: ela se faz da alma uma idéia fixa preconcebida; ela se afigura dotada das propriedades da matéria tangível; é sob esta forma que a procura, e, naturalmente, não poderia reconhecê-la, mesmo que ativesse sob os olhos. Do fato de que certos órgãos são os instrumentos das manifestações do pensamento, em destruindo esses órgãos, ela detém a manifestação, tira a conseqüência, pouquíssimo filosófica, de que são esses órgãos que pensam, absolutamente como se uma pessoa que tivesse cortado o fio telegráfico e interrompido a transmissão de um telegrama, pretendesse ter destruído aquele que o enviou.

O aparelho telegráfico nos oferece, por comparação, uma imagem exata do funcionamento da alma no organismo. Suponhamos que um indivíduo receba um despacho, e que lhe ignorando a procedência, se entrega às pesquisas seguintes. Ele segue o fio transmissor até o seu ponto de partida; feito o caminho, ele procura seu remetente ao longo do fio e não o encontra; o fio o conduz a Paris, ao escritório, ao aparelho; "Foi daqui, diz ele, que o despacho partiu, disto não posso duvidar; é um fato materialmente demonstrado;" ele explora o aparelho, desmonta-o, desloca-o para nele procurar seu remetente, e não encontrando senão madeira, cobre, uma roda, ele diz a si mesmo: "Uma vez que o despacho partiu daqui, e que aqui não encontro ninguém, foi esse mecanismo que concebeu o despacho; isto me está demonstrado não menos materialmente." Nesse momento um outro indivíduo, se colocando ao lado do aparelho, se põe a repetir o despacho palavra por palavra, ele diz: "Como podeis supor, vós, homem de inteligência, que esse mecanismo de matéria inerte, destrutível, haja podido conceber o pensamento do despacho que recebestes, conhecer o fato que esse despacho vos informou? Se a matéria tivesse a faculdade de pensar, por que o ferro, a pedra, a madeira não teriam as idéias? Se essa faculdade depende da ordem e do arranjo das partes, por que o homem não construiria autômatos pensantes? Jamais vos veio ao espírito crer que essas bonecas que dizem: papá, mama, têm a consciência do que fazem? Não tendes, ao contrário, admirado a inteligência do autor desse mecanismo engenhoso?"

Aqui, o novo interlocutor é a alma que concebe o pensamento; o aparelho é o cérebro onde ele se concentra e se formula; a eletricidade é o fluido diretamente impregnado do pensamento encarregado de levá-lo ao longe, como o ar leva o som; os fios metálicos são os cordões nervosos destinados à transmissão do fluido; o primeiro indivíduo é o sábio na perseguição da alma, que segue os cordões nervosos, procura-a no cérebro, e não a encontrando ali, conclui que é o cérebro que pensa; ele não ouve a voz que lhe grita: "Obstinastes em procurar-me dentro, ao passo que estou fora, olhai ao lado e me verás; os nervos, o cérebro e os fluidos não pensam mais que o fio metálico, o aparelho telegráfico e a eletricidade; esses não são senão os instrumentos da manifestação do pensamento, engenhosamente combinados pelo inventor da máquina humana."

De todos fenômenos espontâneos bastante freqüentes, tais como a catalepsia, a letargia, o sonambulismo natural e o êxtase, mostraram a alma agindo fora do organismo; mas a ciência os desdenhou deste ponto de vista. Ora, eis que uma nova descoberta, a anestesia pelo clorofórmio, de uma incontestável utilidade nas operações cirúrgicas, e da qual, por isto mesmo se é bem forçado a estudar os efeitos, torna a cada dia a ciência testemunha desse fenômeno, colocando, por assim dizer, anua alma do paciente; é a voz que grita: "Olhai, pois, fora, e não dentro, e tu me verás;" mas há pessoas que têm olhos e não vêem, ouvidos e não ouvem.

Entre os numerosos fatos desse gênero, o seguinte se produziu na prática do Sr. Velpeau:

"Uma senhora que não havia manifestado nenhum sinal de dor enquanto eu a desembaraçava de um volumoso tumor, despertou sorrindo e me disse: "Sei bem que terminou; deixai-me retornar inteiramente e vou vos explicar isto....Não senti absolutamente nada, logo acrescentou ela, mas eis como soube que estava operada. No meu sono, fui fazer uma visita a uma senhora de meu conhecimento, para conversar sobre uma criança pobre que tínhamos a colocar. Enquanto conversávamos, essa senhora me disse: Credes estar neste momento em minha casa, não é? Pois bem! minha cara amiga, enganai-vos completamente, porque estais em vossa casa, em vossa cama, onde se vos faz a operação atualmente mesmo. Longe de me alarmar com a sua linguagem, respondi-lhe ingenuamente: Ah! se é assim, peco-vos a permissão de prolongar um pouco minha visita, a fim de que tudo esteja acabado quando eu reentrar na casa. Eis como, abrindo os olhos, antes mesmo de estar inteiramente desperta, pude vos anunciar que já estava operada."

O clorofórmio oferece milhares de exemplos tão concludentes como este.

Comunicando este fato e outros análogos à Academia de ciências, em 4 de março de 1850, o Sr. Velpeau exclamou: "Que fonte fecunda para a psicologia e a fisiologia, quanto esses atos que vão até separar o espírito da matéria, ou a inteligência do corpo!"

O Sr. Velpeau, portanto, viu *a* alma funcionar fora do organismo; pôde constatar-lhe a existência por sua independência; ele ouviu a voz que lhe dizia: Eu estou fora e não dentro; por que, pois fez profissão de fé de materialismo? Ele disse depois que está no mundo dos Espíritos: "O orgulho do sábio, que não queria se dar um desmentido." No entanto, não teve medo de retornar sobre certas opiniões científicas errôneas que havia publicamente professado. Em seu *Tratado de medicina operatória,* ele diz: "Evitar a dor nas operações é uma quimera que não é permitido perseguir hoje. Instrumento cortante e dor, em medicina operatória, são duas palavras que não se apresentam uma sem a outra ao espírito dos doentes, e das quais é preciso admitir necessariamente a associação." O clorofórmio veio lhe dar um desmentido sobre este ponto, como sobre a questão da alma. Por que aceitou um e não o outro? mistério das fraquezas humanas!

Se, em suas lições o Sr. Velpeau tivesse dito aos seus alunos: "Senhores, se vos disse que não encontraríeis a alma na extremidade de vosso escalpelo, e se tem razão, porque ela não está ali, e lá a procuraríeis em vão como eu mesmo o fiz; mas estudai as manifestações inteligentes nos fenômenos da anestesia e tereis a prova irrecusável de sua existência; foi lá que eu a encontrei, e todo observador de boa fé a encontrará. Em presença de semelhantes fatos, não é mais possível negá-la, uma vez que se pode constatar a sua ação independente do organismo, e que se a pode isolar, por assim dizer, à vontade." Falando assim, não teria feito senão completar o pensamento que tinha emitido diante da Academia das ciências. Com uma tal linguagem, apoio da autoridade de seu nome, ele teria feito uma revolução na arte médica. Foi uma glória que ele repudiou, e que lamenta amargamente hoje, mas da qual outros herdarão.

Tal é a tese que vem de ser desenvolvida, com um notável talento, pelo Sr. Ramon de la Sagra, na obra que é objeto deste artigo. O autor nela descreve com método e clareza, do ponto de vista da ciência pura que lhe é familiar, todas as fases da anestesia pelo clorofórmio, pelo éter, pelo curare (1) (1)0 curare é uma substância eminentemente tóxica, que os selvagens do Orenoco retiram de certas plantas, e com a qual umedecem a ponta das flechas que produzem ferimentos mortais.) e outros agentes, segundo as suas próprias observações e as dos mais acreditados autores, tais como Velpeau, Gerdy, Bouisson, Flourens, Simonin, etc. A parte técnica e científica nela ocupa um grande lugar, mas isso era necessário para uma demonstração rigorosa. Ela contém além disto fatos numerosos onde haurimos aquilo que reportamos acima. Igualmente lhe emprestamos as conclusões seguintes:

"Uma vez que é um fato perfeitamente constatado pelos fenômenos anestésicos, que o éter extingue a vida dos nervos condutores das impressões dos sentidos, tudo em deixando livres as faculdades intelectuais, torna-se incontestável também, que essas faculdades não dependem essencialmente dos órgãos nervosos. Ora, como os órgãos dos sentidos, que proporcionam as impressões, não agem senão pelos nervos, é claro que estes estando paralisados, todo o organismo da vida animal, da vida de relação, permanecem aniquilados para essas faculdades intelectuais que, não obstante, funcionam. Forçoso é, pois, confessar que sua existência, ou antes sua realidade, não depende essencialmente de seu organismo, e que, desde então, elas procedem de um princípio diverso dele, independente dele, podendo funcionar sem ele e fora dele.

"Eis, pois, a realidade da alma rigorosamente demonstrada, incontestavelmente estabelecida, sem que nenhuma observação fisiológica possa atingi-la. Podemos ver sair desta conclusão como jatos de luz que clareiam os horizontes distantes, que, no entanto, não abordaremos, porque esse gênero de estudo sai do quadro que nos traçamos.

"O ponto de vista psicológico sob o qual acabamos de apresentar os efeitos das substância anestésicas sobre a economia animal, e as conseqüências que disto deduzimos em favor da realidade da existência da alma, devem sugerir a esperança de que um método semelhante, aplicado ao estudo de outros fenômenos análogos da vida, poderia conduzir ao mesmo resultado.

"Nenhuma dedução poderia ser mais justa, porque os efeitos fisiológicos e psicológicos que se mostram durante a embriaguez alcoólica, o delírio patológico, o sono natural e magnético, o êxtase e mesmo a loucura, oferecem a maior semelhança, em muitos pontos, com os efeitos e substância anestésicas que acabamos de estudar nesta obra. Uma tal concordância de diversos fenômenos, procedendo de causas diferentes, em favor de uma conclusão idêntica, não deve nos surpreender. Ela não é senão a conseqüência daquilo que provamos: a *realidade da existência de uma essência distinta da matéria* no organismo humano, e à qual são devolvidas as funções intelectuais que somente a matéria jamais poderia preencher.

"Seria aqui o lugar de examinar uma outra questão, de fazer uma incursão no domínio do magnetismo animal, que sustenta a permanência das faculdades sensoriais fora dos sentidos, quer dizer, da visão, da audição, do gosto, do odor, durante a paralisia completa dos órgãos que, no estado normal, proporcionam essas impressões. Mas esta doutrina, da qual não queremos nem contestar nem sustentar a verdade, não é admitida pela ciência fisiológica, o que é suficiente para que a eliminemos de nossas pesquisas atuais."

Este último parágrafo prova que o autor fez, para a demonstração da alma, o que o Sr. Flammarion fez para a de Deus; quer dizer que teve de se colocar no próprio terreno da ciência experimental e que quis tirar unicamente dos fatos oficialmente reconhecidos, a prova de sua tese. Ele nos promete uma outra obra, que não pode deixar de ter um grande interesse, na qual serão estudados, do mesmo ponto de vista, os diversos fenômenos que não faz senão mencionar, tendo se limitado àqueles da anestesia pelo clorofórmio.

Essa prova não é certamente necessária para afirmar a convicção dos Espíritas, nem dos espiritualistas; mas, depois de Deus, a existência da alma sendo a base fundamental do Espiritismo, devemos considerar como eminentemente útil à Doutrina toda obra que tende a demonstrar-lhe os princípios fundamentais. Ora, a ação da alma, abstração feita do organismo, estando provada, é um ponto de partida que do mesmo modo que a pluralidade das existências e o perispírito cada vez mais, e por dedução lógica, conduz a todas as conseqüências do Espiritismo.

Com efeito, o exemplo reportado acima, antes de qualquer outro, do qual o Sr. Velpeau nada desconfiava publicando-o, e se tivéssemos podido citá-los todos, ver-se-ia

que os fenômenos anestésicos provam, não somente a realidade da alma, mas a do Espiritismo.

É assim que tudo concorre, como foi anunciado, para abrir o caminho da Doutrina nova; chega-se a ela por uma multidão de saídas que convergem para um centro comum, e uma multidão de pessoas lhe levam a sua pedra, uns conscientemente, os outros sem o querer.

A obra do Sr. Ramon de Ia Sagra é uma daquelas com a publicação das quais estamos felizes em aplaudir, porque, se bem que nela seja feita a abstração do Espiritismo, pode-se considerá-las, do mesmo modo que o *Deus na Natureza* do Sr. Flammarion, ea *Pluralidade das Existências* do Sr. Pezzani, como as monografias dos princípios fundamentais da Doutrina, às quais dão a autoridade da ciência.

ALLANKARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO **NO. 8** **AGOSTO 1868**

O MATERIALISMO E O DIREITO

O materialismo, se ostentando como não o fez em nenhuma outra época, colocando-se como regulador supremo dos destinos morais da Humanidade, teve por efeito assustar as massas pelas conseqüências inevitáveis de suas doutrinas para a ordem social; por isto mesmo, provocou, em favor das idéias espiritualistas, uma enérgica reação que deve lhe provar que está longe de ter as simpatias tão gerais quanto o supõe, *e* que estranhamente se ilude se espera um dia impor suas leis ao mundo.

Seguramente, as crenças espiritualistas dos tempos passados são insuficientes para este século; elas não estão ao nível intelectual de nossa geração; estão, em muitos pontos, em contradição com os dados certos da ciência; elas deixam no espírito um vago incompatível com a necessidade do positivo que domina na sociedade moderna; têm, além disto, o imenso erro de se impor pela fé cega e proscrever o livre exame; daí, sem nenhuma dúvida, o desenvolvimento da incredulidade na maioria; é bem evidente que se seus homens não fossem alimentados, desde sua infância, senão de idéias de natureza a serem confirmadas mais tarde pela razão, não haveria incrédulos. Quantas pessoas levadas à crença do Espiritismo nos disseram: Se nos tivessem sempre nos apresentado Deus, a alma e a vida futura de maneira racional, jamais teríamos duvidado!

Do fato de que um princípio recebe má ou falsa aplicação, segue-se que se deve rejeitá-lo? Ocorre nas coisas espirituais como na legislação de todas as instituições sociais: é preciso apropriá-las aos tempos, sob pena de sucumbir. Mas em lugar de apresentar alguma coisa melhor do que o velho espiritualismo clássico, o materialismo preferiu tudo suprimir, o que o dispensava de procurar, e parecia mais cômodo àqueles *a* quem a idéia de Deus e do futura importuna. O que se pensaria de um médico que, achando que o regime de um convalescente não é bastante substancial para o seu temperamento, lhe prescrevesse não comer absolutamente nada?

O que se admira de encontrar na maioria dos materialistas da escola moderna é o espírito de intolerância levado aos seus últimos limites, eles que reivindicam, sem cessar, o direito de liberdade de consciência. Seus próprios correligionários políticos não encontram graça diante deles, desde que fazem profissão de espiritualismo, testemunha o Sr. Jules Favre a propósito de seu discurso na Academia *(Figaro,* de 8 de maio de 1868); o Sr. Camille Flammarion, injuriosamente zombado e denegrido, num outro jornal cujo nome esquecemos, porque ousou provar Deus pela ciência. Segundo o autor desse panfleto, não se pode ser sábio senão com a condição de não crer em Deus; Chateaubriand não é senão um mesquinho escritor e um caduco. Se os homens de tão incontestável mérito são tratados com tão pouco comedimento, os Espíritas não devem se lamentar de serem um pouco zombados com respeitos às suas crenças.

Há, neste momento, da parte de um certo partido, um levante geral contra as idéias espiritualistas em geral, nas quais o Espiritismo se encontra naturalmente englobado. O

que ele procura não é um Deus maior e mais justo, é o Deus-matéria, menos incômodo, porque não há contas para lhe prestar. Ninguém contesta, a esse partido, o direito de ter a sua opinião, de discutir as opiniões contrárias, mas o que não se poderia lhe conceder, é a pretensão, ao menos singular para os homens que se colocam como apóstolos da liberdade, de impedir os outros de crerem à sua maneira e de discutirem as doutrinas que partilham. Intolerância por intolerância, uma não vale mais do que a outra.

Um dos melhores protestos que lemos contra as tendências materialistas foi publicado no jornal o *Droit,* sob o título de: O *materialismo e o direito.* A questão ali está tratada com uma notável profundeza e uma perfeita lógica do duplo ponto de vista da ordem social e da jurisprudência. A causa do espiritualismo sendo a do Espiritismo, aplaudimos a tão enérgica defesa da primeira, quando mesmo ali se faz abstração da segunda; é porque pensamos que os leitores da *Revista* nela verão com prazer a reprodução desse artigo.

(Extrato do jornal *lê Droit,* de 14 de maio de 1868).

A geração presente atravessa uma crise intelectual com a qual não há que se inquietar excessivamente, mas da qual seria imprudência deixar o desfecho ao acaso. Desde que a Humanidade pensa, acreditou-se na alma, princípio imaterial, distinto dos órgãos que o servem; foi feita mesmo imortal. Acreditava-se numa Providência, criadora e senhora dos seres e das coisas, no bem, no justo, na liberdade do arbítrio humano, em uma vida futura que, para valer mais do que o mundo em que estamos, não tem necessidade, como disse o poeta, senão de existir. Modernos doutores, que começam a se tornar barulhentos, mudaram tudo isso. O homem foi conduzido por eles à dignidade do animal, e o animai reduzido a um agregado material. A matéria e as propriedades da matéria, tais seriam os únicos objetos possíveis da ciência humana; o pensamento não seria senão um produto do órgão que lhe é sede, e o homem, quando as moléculas orgânicas que constituem a sua pessoa se desagregam e retornam aos elementos, pereceria inteiramente.

Se as doutrinas materialistas devessem ter jamais a sua hora de triunfo, os jurisconsultos filósofos, é preciso dize-lo em sua honra, seriam os primeiros vencidos. Que teriam a fazer assuas regras e as suas leis no mundo onde a lei da matéria fosse toda a lei? As ações humanas não podem ser senão fatos automáticos, se o homem é todo matéria. Mas, então, onde está a liberdade? E se a liberdade não existe, onde estará a lei moral? Com qual título uma autoridade qualquer poderia pretender dominar a expansão fatal de uma força toda física, e necessariamente legítima desde que ela é fatal? O materialismo arruina a lei moral, e com a lei moral o direito, a ordem civil inteiramente, quer dizer, as condições de existência da Humanidade. De tais conseqüências imediatas, inevitáveis, valem seguramente a pena que com elas sonhem. Vejamos, pois, como se reproduz essa velha doutrina materialista, que não se viu despontar, até o presente, senão nos piores dias.

Quase sempre houve materialistas, teóricos ou práticos, seja pelo desvio do sentido comum, seja para justificar hábitos inferiores de viver. A primeira razão de ser do materialismo está na enfermidade da inteligência humana. Cícero disse, em termos muito crus, que não há qualquer tolo que não tenha encontrado algum filósofo para defendê-lo: *Nihil tam absurde dici potest quod non dicatur ab aliquo philosophorum.* A segunda razão de ser está nos maus pendores do coração humano. O materialismo prático, que se reduz a algumas vergonhosas máximas, sempre apareceu nas épocas de decomposição moral ou social, como as da Regência e do Diretório. O mais freqüentemente, quando houve pretensões mais altas, o materialismo filosófico foi uma reação contra as exigências exageradas das doutrinas ultra-espiritualistas ou religiosas. Mas, em nossos dias, ele se produz com caráter novo; chama-se científico. A história natural seria toda a ciência do homem; nada existiria daquilo que ela não tem por objeto, e, como ela não tem por objeto o espírito, o espírito não existe.

Para quem quer nisto pensar, o materialismo é bem, com efeito, um perigo, não da ciência verdadeira, mas da ciência incompleta e presunçosa; é uma planta má que cresce sobre nosso solo. De onde vêm as tendências materialistas, mais ou menos reveladas por tantos sábios? De sua constante ocupação em estudar e manipular a matéria? Pode ser um pouco. Mas elas vêm, sobretudo, de seus hábitos de espírito, da prática exclusiva de seu método experimental. O método científico pode se reduzir a estes termos: Não recolher senão fatos, induzir muito prudentemente a lei desses fatos, banir absolutamente todas as procuras das causas. Não se admirará, depois disto, que inteligências de visão curta, débeis nalgum lugar, deformadas, como nos tornamos todos pelo mesmo trabalho intelectual ou físico muito contínuo, desconhecendo a existência dos fatos morais aos quais não convém a aplicação de seu instrumento lógico, e, por uma transmissão insensível, passam da ignorância metódica à negação.

No entanto, se esse método exclusivamente experimental pode se achar em falta, é bem no estudo do homem, ser duplo, espírito e matéria, cujo próprio organismo não pode ser senão o produto e o instrumento da força oculta, mas essencialmente una, que o anima. Não se vê no organismo humano senão um agregado material! Por que cindir o homem e não querer metodicamente considerar nele um princípio, se nele há dois? Pode-se gabar pelo menos de assim explicar todos os fenômenos da vida? O materialismo fisiológico, que prepara o materialismo filosófico, mas que não o conduz necessariamente, está tocado de impossibilidade em cada passo. A vida, o que quer que se diga, é um movimento, o movimento da alma informando o corpo; e a alma é assim o motor que move e transporta, por uma ação desconhecida e inconsciente, os elementos dos corpos vivos. Em conduzindo sistematicamente o estudo do homem físico às condições do estudo dos corpos desorganizados; não vendo nas forças vivas de cada parte do organismo senão as propriedades da matéria; em localizando essas forças em cada uma dessas partes; em não considerando a vida senão como uma manifestação física, um resultado, então que ela é talvez um princípio; em descartando a unidade do princípio da vida como uma hipótese, quando isto pode ser uma realidade, sem dúvida cai-se no materialismo fisiológico, para depois escorregar rapidamente no materialismo filosófico; mas conclui-se sobre um recenseamento e um exame incompleto dos fatos; acreditou-se não caminhar senão apoiado na observação, e se afastou o fato capital que domina e determina todos os fatos particulares.

O materialismo da nova escola não é, pois, um resultado demonstrado do estudo; é uma opinião preconcebida. O fisiologista não admite o espírito; mas o que de admirar? é uma causa, e ele se põe no estudo com um método que lhe proíbe precisamente a procura das causas. Nós não queremos submeter a causado espiritualismo a uma questão de fisiologia controvertida e sobre a qual poder-se-ia nos recusar o bom direito. O sentido íntimo me revela a existência da alma com uma bem outra autoridade. Quando o materialismo fisiológico for tão verdadeiro quanto é discutível, as nossas convicções espiritualistas não ficariam menos inteiras. Por força do testemunho do senso íntimo, confirmado pelo assentimento de mil gerações que se sucederam sobre a Terra, repetiríamos o velho adágio: "A verdade não destrói a verdade," e esperaríamos o tempo que a conciliação se faça. Que peso não se sente aliviar quando se vê que, por negar a alma e dar essa declaração como um resultado da ciência, o sábio, de sua própria confissão, partiu metodicamente desta idéia de que a alma não existe!

Lemos muitos livros de fisiologia, em geral muito mal escritos; o que nos tocou foi o vício constante dos raciocínios do fisiologista organicista, quando ele sai de seu assunto para se fazer filósofo. Vê-se-o, freqüentemente, tomar um efeito por uma causa, uma faculdade por uma substância, um atributo por um ser, confundir as existências e as forças, etc., e raciocinar em conseqüência. Acreditar-se-ia numa aposta. Algumas vezes transpõe incríveis distâncias sem suspeitar do caminho que faz. Que espírito exato e limpo, por exemplo, nunca pôde compreender este pensamento tão conhecido de

Cabanis e de Broussais que "o cérebro produz, *segrega o* pensamento?" De outras vezes, o homem positivo, o homem da ciência, o homem da observação e dos fatos, nos dirá seriamente que o cérebro "armazena as idéias." Ainda um pouco, ele os desenhará. É isto metáfora ou aranzel?

Não se pedirá jamais à ciência natural para tomar partido pró ou contra a alma humana; mas que não se resolva ela ignorar o que não é objeto de suas investigações? Com qual direito ousa ela jurar que não há nada depois dela, depois de se ter feito uma lei de não ver? Que ela não guarde um pouco desta reserva que nos convém a todos, sobretudo àqueles que têm a pretensão de não avançar senão com certeza? A que título o anatomista tomará sobre ele declarar que a alma não existe, porque não a pode encontrar sob o seu escalpelo? Pelo menos começou ele a demonstrar rigorosamente, cientificamente, por experiências e fatos, segundo o método que ele preconiza, que seu escalpelo pode atingir tudo, mesmo um princípio imaterial?

Qualquer que o seja em todas essas questões, o materialismo se dizendo científico, sem valer mais por isto, se expõe à luz, e nos é preciso ver o que seria o direito materialista. Ai! o estado social materialista nos ofereceria um muito triste e vergonhoso espetáculo. Há uma coisa de início certa, é que, se o homem não existe senão por seu organismo, essa massa material e automática que será doravante todo o homem, provido de um encéfalo para segregar as idéias, será irresponsável por todos os movimentos que produzirá (1). (1) Como o fígado é irresponsável pela bile que secreta.

Com ela não seria preciso senão que o encéfalo de uma outra massa material ache de segregar as idéias de justiça ou de injustiça; porque essas idéias de justiça ou de injustiça não são aplicáveis senão a uma força livre, existindo por si mesma, capaz de querer e de se abster. Não se traz à razão a torrente ou a avalanche.

Portanto a liberdade, quer dizer, a vontade de agir ou de não agir, não existiria neste mundo, e o direito mais. Nesse estado, todas as forças terão um pleno e absoluto poder de expansão. Tudo será legítimo, lícito, permitido, dizemos mesmo ordenado; porque é claro que todo fato que não seja o ato de uma vontade livre, que não se produza como um ato moralmente obrigatório ou moralmente proibido, é um fato obrigatório, que pode bem vír-se chocar com um fato contrário do mesmo caráter, mas que cai, como todos os fatos físicos, sob o império inelutável das leis naturais.

Basta expor tais leis para disto fazer justiça. Foi o sistema de Spinoza, que muito resolutamente colocou o princípio do direito da força. Os fortes, diz Spinoza, são feitos para dominar os fracos ao mesmo título que os peixes para nadar, e os maiores para comer os menores. No sistema materialista, o que se chamaria o direito não poderia ser um princípio diferente. Mas que homem dotado de censo ousaria reconhecer um tal sistema, que lhe bastaria tão-somente para a refutação do materialismo, uma vez que dele decorre necessariamente? No entanto, se quer que esse princípio da força se ache de fato limitado por si mesmo? Nada se ganhará, ou pouca coisa, com esse flagrante desmentido do princípio. Admitamos, querendo-se, que a substância pensante (continuamos a falar a língua dos materialistas) concorde nos indivíduos para regularizar essa expansão da força, a que ela chegará? No máximo a um conjunto de regras que terá por base o interesse, e, ainda, como não há outras leis senão as leis da matéria, essa legislação não terá nenhum caráter obrigatório; cada um poderá infringi-la se sua matéria pensante o aconselha e se sua força o permita. Assim, nessa singular doutrina, não se teria mesmo um estado social construído sobre o plano da triste sociedade de Hobbes.

Não falamos ainda senão das condições primeiras de todo estado social. Mas em toda sociedade civilizada, consagra-se a propriedade individual; contrata-se, vende-se, louva-se, associa-se, etc. O casamento funda a família; toda uma nova ordem de relações dele nasce. Pela educação do lar e pela educação pública, as tradições se perpetuam. Assim se forma um espírito nacional e se desenvolve a civilização. Nossa sociedade

materialista terá ela seu direito civil? Impossível supô-lo; porque o direito civil, em seu conjunto, tem por princípio a justiça, e a justiça não pode ser senão uma palavra, ou uma contradição numa doutrina que não conhece senão a matéria e as propriedades da matéria. Chega-se assim, inevitavelmente, a concluir (a menos de desarrazoar a propósito) que o estado civil da sociedade materialista é o estado de bestial idade.

Não dizemos nada de mais avançando que o materialismo é destrutivo, não de tal moral, mas de toda moral; não de tal estado civil, mas de todo estado civil, de toda sociedade. É preciso recuar com ele além das regiões da barbárie, além da *selvageria.* Deve-se por isto prescrevê-lo? Não apraz a Deus. Assim reconhecido o seu caráter, não pediríamos, no entanto, que seu ensino fosse interditado, nós o defenderíamos se necessário contra toda compressão pela força, tendo em vista que o professor não fala senão em seu próprio nome. A liberdade nos é tão cara (os leitores deste jornal o sabem); ela leva consigo tais benefícios; temos uma tal confiança no bom sentido público, que não conceberíamos nenhuma inquietação em ver tudo claro, toda tribuna aberta a toda idéia.

Mas a questão não se apresentaria mais nos mesmos termos se ocorresse que o professor falasse numa cátedra do Estado, retribuída pelo orçamento. Errado ou com razão o Estado ensina; pode ensinar doutrinas cujas conseqüências mais próximas são destrutivas do Estado? Estará à discrição de todo professor fazer o Estado endossar todas as doutrinas que ele poderia conceber? A questão não é uma. Os professores do Estado são funcionários públicos; se o ensino não pode ser e não o é senão um ensino oficial. O estado é a garantia daquilo que eles dizem; *responde por eles diante da juventude e das famílias.* Se com as grandes palavras da independência do professorado se recusasse o seu controle, far-se-ia opressor do Estado, pela mais hipócrita das opressões, porque colocaria à sua conta as doutrinas que ele desaprova.

Sem dúvida, a autoridade superior deve aos seus professores, freqüentemente embranquecidos pelo estudo, consideração, comedimento, uma grande confiança, como aos seus generais, aos seus administradores e aos seus magistrados; mas ela não lhes deve o sacrifício do mandato, que é sempre presumido ter do país. O professor não é mais independente do Estado do que o general que tomasse o comando de uma insurreição.

H. THIERCELIN.

O jornal LA SOLIDARITÉ

O jornal *La Solidarité,* do qual falamos na Revista de junho de 1868, página 176, continua a se ocupar do Espiritismo, com o tom de discussão séria que caracteriza essa folha eminentemente filosófica.

Sob o título de: *Pesquisa psicológica a propósito do Espiritismo,* o número de 1- de julho contém um artigo do qual extraímos as passagens seguintes:

"Há bem poucos jornais que possam se dizer independentes. Ouvi falar de uma verdadeira independência, aquela que permite tratar um assunto sem preocupação de partido, de Igreja, de escola, de faculdade, de academia; melhor que isto: sem preocupação do público, de seu próprio público de leitores e de assinantes, e não se inquietando senão de procurar a verdade e dize-la. La *Solidahté* tem esta vantagem muito rara de desafiar mesmo a suspensão de assinaturas, - porque ele não vive senão de sacrifícios, - e de estar colocado muito alto nas regiões do pensamento para ter medo das flechas do ridículo.

"Tratando-se do Espiritismo, sabíamos que não satisfaríamos a ninguém, nem os crentes, nem os incrédulos; ninguém, se esses não são talvez as pessoas que não têm nenhum partido tomado sobre a questão. Aqueles sabem que não sabem. Esses são os sábios; são pouco numerosos."

O autor descreve em seguida o fenômeno material das mesas girantes, que explica pela eletricidade humana, declarando nada tendo a ver ali que acuse uma intervenção estranha. É o que dissemos desde o começo. Ele continua:

"Tanto que não se tenha senão a explicar o movimento automático dos objetos, não se tem necessidade de ir além daquilo que é adquirido nas ciências físicas. Mas a dificuldade aumenta quando se chega aos fenômenos de natureza intelectual.

"A mesa, depois de ser contentada de dançar, se coloca logo a responder às perguntas. Desde então, como duvidar que ali não houvesse uma inteligência? A crença vaga nos Espíritos havia suscitado o movimento dos objetos materiais, porque é evidente que, sem esse *apriori,* jamais não se estaria avisado de fazer as mesas girarem. Esta crença, encontrando-se confirmada pelas aparências, deveria levar a dar um passo a mais. Sendo dado o Espírito como causa do movimento das mesas, deveria vir o pensamento de interrogá-lo.

"As primeiras manifestações inteligentes, disse o Sr. Allan Kardec, ocorreram por meio das mesas se levantando e batendo com um pé um número determinado de pancadas, e respondendo, assim, *por sim* ou por *não,* segundo a convenção, a uma pergunta colocada. Obteve-se em seguida respostas mais desenvolvidas pelas letras do alfabeto: o objeto móvel batendo um número de pancadas correspondentes ao número de ordem de cada letra, chegou-se assim a formular palavras e frases respondendo às perguntas colocadas. A justeza das respostas, sua correlação excitaram a admiração. O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que ele era *Espírito* ou *Gênio,* se dá um nome e fornece diversas informações por sua conta."

"Esse meio de correspondência era longo e incômodo, como o observa muito justamente o Sr. Allan Kardec. Não tardou a substituir a cestinha, depois a prancheta. Hoje, esses meios estão geralmente abandonados, e os crentes se reportam ao que escreve maquinalmente a mão do *médium,* sob o ditado do Espírito.

"É difícil saber qual é a parte do médium nos produtos mais ou menos inspirados de sua pena; não é mais fácil do que determinar o grau de automatismo de uma cestinha ou de uma prancheta, quando estes objetos são colocados sob mãos vivas. Mas a correspondência pela mesa, se ela é lenta e pouco cômoda, permite constatar a passividade do instrumento. Para nós, a relação intelectual por meio da mesa está tão bem estabelecida quanto a da correspondência telegráfica. O fato é real. Somente trata-se de saber se o correspondente de além-túmulo existe. Há um Espírito, um ser invisível com o qual se corresponde, ou bem os operadores são vítimas de uma ilusão e não estão em relação senão consigo mesmos? Tal é a questão.

"Atribuímos à eletricidade emitida pela máquina humana os movimentos mecânicos das mesas, não procuramos em outra parte senão na alma humana o agente que imprime, a esses movimentos, um caráter inteligente. Em se representando a eletricidade como um fluido elástico de extrema sutileza, que se interpõe entre as moléculas dos corpos e as rodeia como a de uma atmosfera, pode-se muito bem compreender que a alma, graças a esse envoltório, faça sentir sua ação sobre todas as partes do corpo, sem nele ocupar um lugar determinado, e que a unidade do *eu* esteja por toda a parte ao mesmo tempo onde pode chegar a sua atmosfera. A ação por contato ultrapassa, então, a periferia do corpo, e as vibrações etéreas ou fluídicas, em se comunicando de uma atmosfera à outra, podem produzir, entre os seres em relação, efeitos à distância. Aí está todo um mundo a estudar. As forças neles se influenciam e se transformam segundo as leis dinâmicas que nos são conhecidas, mas seus efeitos variam com o ritmo dos movimentos moleculares e segundo esses movimentos se exerçam por vibração, ondulação ou oscilação. Mas, quaisquer que sejam essas teorias que estão longe de atingir a positividade necessária para tomar lugar na ciência, nada se opõe a que consideremos o *eu* humano como estendendo à mesa a ação de sua espontaneidade,

dela se servindo como de um apêndice ao seu sistema nervoso, para manifestar os movimentos voluntários.

"O que mais freqüentemente ilude nessas espécies de correspondências telegráficas, é que o *eu* de cada assistente não pode mais se reconhecer na resultante da coletividade. A representação subjetiva que se faz no espírito do médium pelo concurso dessa espécie de fotografia pode não se assemelhar a nenhum dos assistentes, se bem que a maioria, sem dúvida, disso tenha fornecido alguns traços. No entanto, é raro, observando-se com cuidado, que não se encontra mais particularmente a imagem de uns dos operadores que foi um instrumento passivo da força coletiva. Não é um Espírito ultramundano que fala na sala, é o espírito do médium, mas o espírito do médium duplicado talvez do espírito de tal assistente que o domina, freqüentemente com o desconhecimento de um e do outro, e exaltado pelas forças que lhe vêm, como de diversas correntes eletromagnéticas, do concurso dado pelos assistentes (1). (1) Ver, para *a* resposta à várias proposições contidas neste artigo, *O Livro dos Médiuns,* cap. IV, *Sistemas. -* Introdução de *O Livro dos Espíritos. - O que é o Espiritismo?* cap. I, *Pequena conferência.*

"Vimos muitas vezes a personalidade do médium se trair por faltas de ortografia, por erros históricos ou geográficos que ele comete habitualmente e que não podem ser atribuídos a um *Espírito* verdadeiramente distinto de sua própria pessoa.

"Uma coisa das mais comuns nos fenômenos dessa natureza é a revelação de segredos que o interrogador não acredita conhecidos de ninguém; mas ele esquece que esses segredos são conhecidos daquele que interroga, e que o médium pode ler em seu pensamento. É preciso para isto uma certa relação mental; mas essa relação se estabelece por uma derivação da corrente nervosa que envolve cada indivíduo, quase como se poderia desviar a centelha elétrica interceptando a linha telegráfica e nela substituindo um novo fio condutor. Uma tal faculdade é muito mais rara do que se pensa. A comunicação de pensamento é um fato admitido por todas as pessoas que se ocupam do magnetismo, e é fácil, a cada um, se convencer da freqüência e da realidade do fenômeno.

"Somos obrigados a deslizar sobre essas explicações muito imperfeitas. Elas não bastam, nós o sabemos, para infirmar a crença dos Espíritos naqueles que crêem ter provas sensíveis de sua intervenção.

"Não podemos lhes opor provas da mesma natureza. A crença nas individualidades espirituais não só nada tem de irracional, mas não a temos por muito natural. Nossa convicção profunda, sabe-se, é que o *eu* humano persiste em sua identidade depois da morte, e que ele se reencontra, depois de sua separação do organismo terrestre, com todas as suas aquisições. Que a pessoa humana, então, esteja revestida de um organismo de natureza etérea, é o que nos parece perfeitamente provável. O *perispírito* desses senhores, portanto, não nos repugna. O que é, pois, que nos separa? Nada de fundamental. Nada, se isso não é a insuficiência de suas provas. Não achamos que as relações espíritas entre os mortos e os vivos sejam constatadas pelos movimentos das mesas, pelas correspondências, pelos ditados. Cremos que os fenômenos físicos se explicam fisicamente, e que os fenômenos psíquicos são *causados* pelas forças inerentes à alma dos operadores. Falamos daquilo que vimos e estudamos com muito cuidado. Não conhecemos nada até aqui entre as inspirações dos médiuns que não tenha sido podido produzir por um cérebro vivo sem o concurso de alguma força celeste, e a maioria de suas produções estão abaixo do n ível intelectual do meio em que vivemos.

"Num próximo artigo, examinaremos as doutrinas filosóficas e religiosas do *Espiritismo,* e notadamente aquelas das quais o Sr. Allan Kardec apresentou a síntese em seu último volume, intitulado *A Gênese Segundo o Espiritismo."*

Sem dúvida, haveria muitas coisas a se responder sobre este artigo; no entanto, não o refutaremos, porque isso seria repetir o que muitas vezes escrevemos sobre o mesmo

assunto. Estamos felizes em reconhecer, com o autor, que a distância que o separa ainda de nós é pouca coisa: não é senão o fato material das relações diretas entre o mundo visível e o mundo invisível; e, no entanto, essa pouca coisa é muito pelas suas conseqüências.

De resto, há se anotar que, se ele não admite essas relações, não as nega, não mais, de maneira absoluta; não repugna mesmo à sua razão conceber-lhe a possibilidade; com efeito, esta possibilidade decorre muito naturalmente daquilo que ele admite. O que lhe falta, disse ele, são as provas do fato das comunicações. Pois bem! essas provas lhe chegarão cedo ou tarde; ele as encontrará, seja na observação atenta das circunstâncias que acompanham certas comunicações medianímicas, seja na inumerável variedade das manifestações espontâneas que se produziram antes do Espiritismo, e se produzem ainda nas pessoas que não o conhecem ou não crêem nele, e nas quais, conseqüentemente, não se poderia admitir a influência de uma idéia preconcebida. Seria preciso ignorar os primeiros elementos do Espiritismo para crer que o fato das manifestações não se produzem senão entre seus adeptos.

À espera, e então mesmo que ali deveria se deter a sua convicção, seria a desejar que todos os materialistas o fossem nesse ponto; devemos, pois, nos felicitar de contá-lo entre os homens de valor pelo menos simpáticos à idéia geral, e dever um jornal recomendável por seu caráter sério e sua independência, combater conosco a incredulidade absoluta em matéria de espiritualidade, tão bem quanto os abusos que fizeram do princípio espiritual. Caminhamos para o mesmo objetivo por caminhos diferentes, mas convergindo para um ponto comum e se aproximando cada vez mais as idéias; algumas dissidências sobre as questões de detalhe não devem nos impedir de nos estendermos a mão.

Neste tempo de efervescência e de aspiração para um melhor estado de coisas, cada um traz a sua pedra na edificação do mundo novo; cada um trabalha de seu lado, com os meios que lhes são próprios; o Espiritismo traz o seu contingente que não está ainda completo; mas como ele não é exclusivo, não rejeita nenhum concurso; aceita o bem que pode servir à grande causa da Humanidade, de qualquer parte que venha, fosse mesmo da de seus adversários.

Assim como dissemos em começando, não empreendemos refutar a teoria exposta no *Solidarité* sobre *a* fonte das manifestações inteligentes, dela não diremos senão poucas palavras.

Essa teoria não é outra, como se vê, senão um dos primeiros sistemas eclodidos na origem do Espiritismo, quando a experiência não tinha ainda elucidado a questão; ora, é notório que essa opinião está hoje reduzida a algumas raras individualidades. Se ela estivesse com a verdade, por que não teria prevalecido? Como se daria que milhões de Espíritas, que experimentam há quinze anos no mundo inteiro em todas as línguas, que se recrutam em maioria na classe esclarecida, que contam em suas fileiras homens de saber e de incontestável valor intelectual, tais como os médicos, os engenheiros, os magistrados, etc., tenham constatado a realidade das manifestações, se ela não existisse? Pode-se, razoavelmente, admitir que todos se tenham iludido? Que não se tenham encontrado entre eles homens dotados de muito bom senso e de perspicácia para reconhecer a verdadeira causa? Essa teoria, como dissemos, não é nova, e não passou desapercebida entre os Espíritas; ao contrário, ela foi seriamente meditada e explorada por eles, e é precisamente por que foi desmentida pelos fatos, impossibilitada de explicá-los todos, que ela foi abandonada.

É um grave erro crer que os Espíritas vieram com a idéia preconcebida da intervenção dos Espíritos nas manifestações; se foi assim com alguns, a verdade é que a maioria não chegou à crença senão depois de ter passado pela dúvida ou pela incredulidade.

É igualmente um erro crer que, sem o *a prior!* da crença nos Espíritos jamais se teria achado em fazer girar as mesas. O fenômeno das mesas girantes e falantes era conhecido do tempo de Tertuliano, e na China de tempo imemorial. Na Tartária e na Sibéria, conheciam as *mesas voadoras* (1). (1) Revista Espírita, de outubro de 1859, página 279.

Em certas províncias da Espanha, servem-se de peneiras mantidas suspensas pelas pontas de tesouras. Aqueles que interrogam crêem que são os Espíritos que respondem? De modo algum; perguntai-lhes o que é, disto nada sabem: é a mesa, é a peneira dotadas de um poder desconhecido; eles interrogam esses movimentos como os de uma varinha mágica, sem irem além do f ato material.

Os fenômenos Espíritas modernos não começaram pelas mesas, mas por pancadas *espontâneas,* batidas nas paredes e nos móveis; esses ruídos espantaram, surpreenderam; seu modo de percussão tinha alguma coisa de insólita, um caráter intencional, uma persistência que parecia chamar a atenção sobre um ponto determinado, como quando alguém bate para advertir. Os primeiros movimentos das mesas ou outros objetos foram igualmente espontâneos, como o são ainda hoje em certos indivíduos que não têm nenhum conhecimento do Espiritismo. É aqui como na maioria dos fenômenos naturais que se produzem naturalmente, e passam, no entanto, desapercebidos, ou cuja causa permanece ignorada, até o momento em que os observadores sérios e mais esclarecidos lhes prestam sua atenção, os estudam e os exploram.

Assim, de duas teorias contrárias, negadas na mesma época, uma cresce com o tempo em conseqüência da experiência, se generaliza, ao passo que a outra se extingue; em favor da qual há presunção de verdade e de sobrevivência? Não damos isto como uma prova, mas como um fato que merece ser levado em consideração.

O Sr. Fauvety se apoia sobre que nada encontrou nas comunicações medianímicas que ultrapasse a capacidade do cérebro humano; está ainda aí uma velha objeção cem vezes refutada pela própria Doutrina Espírita. É que o Espiritismo jamais disse que os Espíritos fossem seres fora da Humanidade? Elevem, ao contrário, *destruir o preconceito,* que faz deles seres excepcionais, anjos ou demônios, intermediários entre o homem e a divindade, espécie de semi-deuses.

Ele repousa sobre este princípio de que os Espíritos não são outros senão os homens despojados de seu envoltório material ;que o mundo visível se derrama incessantemente no mundo invisível pela morte, e este no mundo carnal pelos nascimentos.

Desde que os Espíritos pertencem à Humanidade por que gostar-se-ia que tivessem uma linguagem sobre-humana? Sabemos que alguns dentre eles dela não sabem mais, e, freqüentemente, muito menos do que certos homens, uma vez que se instruem com estes últimos; aqueles que não eram capazes de fazer obras-primas quando vivos, não as farão mais como Espíritos; o Espírito de um Hotentote não falará como um acadêmico, e o Espírito de um acadêmico, que não é senão um ser humano, não falará como um deus.

Não é, pois, na excentricidade de suas idéias e de seus pensamentos, na superioridade excepcional e de seu estilo, que se deve procurar a prova da origem espiritual das comunicações, mas nas circunstâncias que atestam que, numa multidão de casos, o pensamento não pode vir de um encarnado, fosse ele mesmo da última trivial idade.

Desses fatos ressalta a prova da existência do mundo invisível no meio do qual vivemos, e por isto os Espíritos do mais baixo estágio o provam tão bem quanto os mais elevados. Ora, a existência do mundo invisível em nosso meio, parte integrante da Humanidade terrestre, escoadouro das almas desencarnadas, e fonte das almas encarnadas, é um fato capital, imenso; é toda uma revolução nas crenças; é a chave do passado e do futuro do homem, que procuraram em vão todas as filosofias, como os sábios procuraram em vão a chave dos mistérios astronômicos, antes de conhecerem a

lei de gravitação. Que se siga a fieira das conseqüência forçadas deste único fato: a existência do mundo invisível ao nosso redor, e se chega a uma transformação completa, inevitável, nas idéias, à destruição dos preconceitos e dos abusos que deles decorrem, e, conseqüentemente, a uma modificação das relações sociais.

Eis para onde tende o Espiritismo. Sua doutrina é o desenvolvimento, a dedução das conseqüências do fato principal que vem revelar a existência; estas conseqüências são inumeráveis, porque, passo a passo, elas tocam a todos os ramos da ordem social, ao físico tanto quanto ao moral. É o que compreendem todos aqueles que se deram ao trabalho de estudá-lo seriamente, e que se o compreenderá, ainda mais, mais tarde, mas não aqueles que, não lhe tendo visto senão a superfície pensam que está inteiramente numa mesa que gira ou nas pueris questões de identidade de Espíritos.

Para maior desenvolvimento sobre certas questões tratadas neste artigo, remetemos ao primeiro capítulo de A Gênese: *Caráter da revelação espírita.* (1) (1) Publicado em brochura separada; preço 15, pelo correio 20 c.

O PARTIDO ESPÍRITA

Um de nossos correspondentes de Sens nos transmitiu as observações seguintes, sobre a qualificação de *partido* dada ao Espiritismo, a propósito de nosso artigo do mês de julho, sobre o mesmo assunto.

"Num artigo do último número da Revista, intitulado: *O partido espírita,* dissestes que, uma vez que se dá esse nome ao Espiritismo, ele o aceita. Mas deve-se aceitá-lo? isto merece talvez um exame sério.

"Todas as religiões, assim como o Espiritismo, não ensinam senão que todos os homens são irmãos, que são todos os filhos de um mesmo pai que é Deus? Ora, deveria haver partidos entre os filhos de Deus? Não é uma ofensa ao Criador? porque o próprio dos partidos é armar os homens uns contra os outros; e pode a imaginação conceber crime maior do que armar os filhos de Deus uns contra os outros?

"Tais são, senhor, as reflexões que acreditei dever submeter à nossa apreciação; talvez seria oportuno submetê-los também à dos benevolentes Espíritos que guiam os trabalhos do Espiritismo, a fim de conhecer a sua opinião. Talvez esta questão seja mais grave do que parece à primeira vista; de minha parte, me repugnaria pertencer a um partido; creio que o Espiritismo deve considerar os partidos como uma ofensa a Deus."

Somos perfeitamente da opinião de nosso honrado correspondente, cuja intenção não podemos senão louvar; cremos, no entanto, seus escrúpulos um pouco exagerados no caso do qual se trata, por falta, sem dúvida, de ter examinado suficientemente a questão.

A palavra *partido* implica, por sua etimologia, a idéia de divisão, de cisão, e, conseqüentemente, a de luta, de agressão, de violência, de intolerância, de ódio, de animosidade, de vingança, todas coisas contrárias ao espírito do Espiritismo. Não tendo o Espiritismo nenhum desses caracteres, uma vez que os repudia, por suas próprias tendências não é um partido na acepção vulgar da palavra, e nosso correspondente tem grande razão em repelir essa qualificação, desse ponto de vista.

Mas ao nome de *partido* se liga também a idéia de um poder, físico ou moral, bastante forte para pesai na balança, bastante preponderante para que se pode contar com ele; em aplicando-o ao Espiritismo, pouco conhecido ou desconhecido, era lhe dar uma ato de notoriedade de existência, um lugar entre as opiniões, constatara sua importância, e, como conseqüência, provocar-lhe o exame, o que não cessa de pedir. Sob este aspecto, deveria tanto menos repudiar essa qualificação, tudo em fazendo suas reservas sobre o sentido a ela ligado, que, partido do alto, dá um desmentido oficial

àqueles que pretendem que o Espiritismo é um mito sem consistência, que se tenham gabado de tê-lo enterrado vinte vezes. Pode-se julgar da importância dessa palavra no ardor da inabilidade com a qual certos órgãos da imprensa dele se apoderaram para dele fazerem um espantalho.

Foi por esta consideração, e nesse sentido, que dissemos que o Espiritismo aceita o título de partido, uma vez que se lho dá, por que cresceu aos olhos do público; mas não entendemos fazê-lo perder a sua qualidade essencial, a de doutrina filosófica moralizadora, que faz a sua glória e a sua força; longe de nós, pois, o pensamento de transformar em *partidários* os adeptos de uma doutrina de paz, de tolerância, de caridade e de fraternidade. A palavra *partido,* aliás, não implica sempre a idéia de luta, de sentimentos hostis; não se diz: o partido da paz, o partido das pessoas honestas? O Espiritismo já provou, e provará sempre, que pertence a esta categoria.

De resto, o que quer que se faça, o Espiritismo não pode se impedir de ser um partido. O que é, com efeito, um partido, abstração feita da idéia de luta? é uma opinião que não é partilhada senão por *uma parte* da população; mas esta qualificação não é dada senão às opiniões que completam um número de adeptos bastante considerável para chamar a atenção e desempenhar um papel. Ora, a opinião Espírita não sendo ainda a de todo o mundo, é necessariamente um partido em relação às opiniões contrárias que o combatem, até que as tenha ligado todas. Em virtude desses princípios, ele não é agressivo; não se impõe; não subjuga; não pede para ele senão a liberdade de pensar à sua maneira, seja; mas do momento que é atacado, tratado como pária, ele deve se defender, e reivindicar para si o que é de direito comum; deve, é seu dever, sob pena de ser acusado de negar a sua causa que é a de todos seus irmãos em crença, que não poderá abandonar sem negligência. Ele entra, pois, forçosamente luta, por repugnância que disto sinta; não é o inimigo de ninguém, é verdade; mas tem inimigos que procuram esmagá-lo: é por sua firmeza, sua perseverança e sua coragem que lhes imporá; suas armas são diferentes daquelas de seus adversários, é ainda verdade; mas nisto não é menos para eles, e malgrado a si, um partido, o que não lhe teriam dado este título, se não o tivessem julgado bastante forte para contrabalançá-los.

Tais são os motivos pelos quais acreditamos que o Espiritismo poderia aceitar a qualificação de partido que lhe está sendo dada por seus antagonistas, sem que a tivesse tomado por si mesmo, por que seria levantar a luva que lhe era lançada; pensamos que ele o poderia sem repudiar os seus princípios.

PERSEGUIÇÕES.

Pelo fim de 1864, uma perseguição foi pregada contra o Espiritismo, em diversas cidades do Sul, e seguida de alguns efeitos. Eis um extrato de um desses sermões que nos foi enviado na época, com todas as indicações necessárias para constatar-lhe a autenticidade; apreciar-se-á nossa reserva em não citar nem os lugares, nem as pessoas.

"Fugi, cristãos; fugi desses homens perdidos, e essas mulheres más que se dão a práticas que a Igreja condena! Não tenhais nenhum comércio com esses loucos e essas loucas;

abandonai-os a um isolamento absoluto. Fugi deles ou de pessoas perigosas. Não os suporteis ao vosso lado, e expulsai-os do lugar santo, cuja indignidade lhes interdita o acesso.

"Vede esses homens *perdidos* e essas mulheres más que se escondem na sombra, e que se reúnem em segredo para propagarem suas ignóbeis doutrinas; segui-os comigo em seus *antros;* não se diriam os conspiradores de baixa condição social divertindo-se nas trevas para ali formar seus infames complôs? Eles conspiram claramente, com efeito, com a ajuda de Satã, contra nossa santa mãe, a Igreja que Jesus estabeleceu para reinar

sobre a Terra. Que fazem ainda esses homens ímpios e essas mulheres sem vergonha? Eles *blasfemam Deus;* negam as sublimes verdades que, durante os séculos, inspiraram o mais profundo respeito aos seus ancestrais; eles se enfeitam de uma falsa caridade da qual não conhecem senão o nome, e que lhes serve de manto para esconder sua *ambiçáo\ Eles se introduzam, como os lobos raptores, em vossas residências para seduzir vossas filhas e vossas mulheres e querem vos perder a todos sem retorno;* mas vós expulsareis de vossa presença como seres malfazejos!

"Compreendestes, cristãos! quem são aqueles que eu assinalo à vossa reprovação! São os *Espíritas]* E por que eu não os nomeei? É tempo de repeli-los e de maldizer as suas doutrinas infernais!"

Os sermões deste gênero estavam na ordem do dia naquela época. Se exumamos este documento de nossos arquivos, depois de quatro anos, foi para responder à qualificação de *partido perigoso,* dada nestes últimos tempos aos Espíritas por certos órgãos da imprensa. Na circunstância precitada, de que lado foi a agressão, a provocação, em uma palavra, o espírito de partido? Podia-se levar mais longe a excitação ao ódio dos cidadãos uns contra os outros, à divisão das famílias? De tais pregações não lembram as da época desastrosa em que essas mesmas regiões foram ensangüentadas pelas guerras de religião em que o pai estava armado contra o filho, e o filho contra o pai? Não os julgaremos do ponto de vista da caridade evangélica, mas no da prudência. É bem político excitar assim as paixões fanáticas numa região onde o passado é ainda tão vivo? onde a autoridade, freqüentemente, tem dificuldade em prevenir os conflitos? É prudente ali passear novamente os brandões da discórdia? Querer-se-ia, pois, renovar ali a cruzada contra os Albigenses e a guerra dos Cévennes? Quantos sermões semelhantes foram pregados contra os protestantes, e as represálias sangrentas eram inevitáveis. O mesmo se faz hoje ao Espiritismo, porque não tendo ainda existência legal, se crê tudo permitido a seu respeito.

Pois bem! qual foi, em todos os tempos, a atitude dos Espíritas em presença dos ataques dos quais foi objeto? A da calma e da moderação. Não se deveria abençoar uma doutrina cuja força é bastante grande para pôr um freio às paixões turbulentas e vingativas? Observai, no entanto, que os Espíritas n ao formam em nenhuma parte um corpo constituído; que não são arregimentados em congregações obedecendo a uma palavra de ordem; que não há entre eles nenhuma filiação patente ou secreta; eles sofrem muito simplesmente e individualmente a influência de uma idéia filosófica, e esta idéia, livremente aceita pela razão e não imposta, basta para modificar suas tendências, porque têm a consciência de estar na verdade. Eles vêem essa idéia crescer sem cessar, se infiltrar por toda a parte, ganhar terreno cada dia; eles têm fé em seu futuro, porque ela está segundo os princípios da eterna justiça, responde às necessidades sociais, e se identifica com o progresso, cuja marcha é irresistível; é porque são calmos diante dos ataques dos quais ela é objeto; creriam dar uma prova de desconfiança em sua força, se a sustentassem pela violência e por meios materiais. Eles se riem desses ataques, uma vez que eles não chegaram senão a propagá-la mais rapidamente, atestando a sua importância.

Mas os ataques não se limitam à idéia. Se bem que a cruzada contra os Espíritas não seja mais abertamente pregada, como o era há alguns anos, seus adversários não se lhes tornaram mais benevolentes, nem mais tolerantes; a perseguição que não lhes é menos exercida sendo possível e de mão oculta contra os indivíduos que ela atinge, não somente na liberdade de sua consciência, que é um direito sagrado, mas mesmo em seus interesses materiais. Na falta de raciocínio, os adversários do Espiritismo esperam ainda derrubá-lo pela calúnia e pela compressão; eles se enganam, sem dúvida, mas à espera há algumas vítimas. Ora, não é preciso dissimular que a luta não está terminada; os adeptos devem, pois, se armar de resolução para caminhar com firmeza no caminho que lhes está traçado.

Não foi somente em vista do presente, mas sobretudo em previsão do futuro, que acreditamos dever reproduzir a instrução adiante, sobre a qual chamamos a séria atenção dos adeptos. Ela é, além disto, um desmentido dado àqueles que procuram apresentar o Espiritismo como um partido perigosos para ordem social. Queira Deus que todos os partidos não obedeçam senão a semelhantes inspirações: a paz não tardaria a reinar sobre a Terra.

(Paris, 10 de dezembro de 1864; méd. Sr. Delanne.)

Meus filhos, estas perseguições, como tantas outras, cairão e não podem ser nocivas à causa do Espiritismo; os bons Espíritos velam pela execução das ordens do Senhor: nada tendes a temer; no entanto, é uma advertência para vos manter em guarda e agir com prudência. É uma tempestade que estoura, como *é* preciso esperar ver estourar muitas outras, assim como vos anunciamos; porque não se deve crer que os vossos inimigos se darão facilmente por batidos; não, eles lutarão pé a pé até que estejam convencidos da impossibilidade. Deixai-os, pois, lançar seu veneno sem vos inquietar do que possam dizer, uma vez que sabeis bem que nada podem contra a doutrina que deve triunfar assim mesmo; eles bem o sentem, e está aí o que os exaspera e redobra o seu furor.

Deve-se esperar que, na luta, farão algumas vítimas, mas aí está a prova pela qual o Senhor reconhecerá a coragem e a perseverança de seus verdadeiros servidores. Que mérito teríeis em triunfar sem dificuldade? Como valentes soldados, as feridas serão as mais recompensadas; e que glória para aqueles que saírem da refrega mutilados e cobertos de honrosas cicatrizes! Se um povo inimigo viesse invadir vosso país, não sacrificaríeis os vossos bens, a vossa vida por sua independência? Porque, pois, os lamentaríeis por alguns salpicos que recebeis numa luta da qual conheceis o resultado inevitável, e onde estais assegurados da vitória? Agradecei, pois, a Deus por vos ter colocado na primeira linha, para que sejais os primeiros a recolherem as palmas gloriosas que serão o prêmio de vosso devotamento à santa causa. Agradecei aos vossos perseguidores que vos dão a oportunidade de mostrar a vossa coragem e de adquirir mais mérito. Não vades à frente da perseguição, nem a procureis; mas se ela vem, aceitai-a como uma das provas da vida, porque é uma delas, e uma das mais proveitosas para o vosso adiantamento, segundo a maneira pela qual a suportardes. Ocorre com esta prova como todas as outra: pela vossa conduta, podeis fazer que ela seja fecunda ou sem fruto para vós.

Vergonha para aqueles que tiverem recuado e que tiverem preferido o repouso da Terra ao que lhes estava preparado, porque o Senhor levará em conta seus sacrifícios! Ele lhes dirá: "Que pedis, vós que nada perdestes, nada sacrificastes; que não renunciastes nem a uma noite de vosso sono, nem a um pedaço de vossa mesa, nem deixado uma parte de vossas vestes no campo de batalha? Que fizestes durante esse tempo? enquanto os vossos irmãos corriam diante do perigo? Vós vos mantivestes afastados para deixar passar a tempestade e vos mostrar depois do perigo, ao passo que os vossos irmãos estavam resolutamente lutando."

Pensai nos mártires cristãos! Eles não tinham como vós as comunicações incessantes do mundo invisível para reanimar a sua fé, e, no entanto, não recuavam diante do sacrifício nem de sua vida, nem de seus bens. De resto, o tempo dessas cruéis provas passou; os sacrifícios sangrentos, as tortura, as fogueiras não se renovarão mais; as vossas provas são mais morais do que materiais; por conseguinte, serão menos penosas, mas nem por isto serão menos merecedoras, por que tudo é proporcional ao tempo. Hoje é o espírito que domina; é porque o espírito sofre mais do que o corpo. A predominância das provas espirituais sobre as provas materiais é um indício do adiantamento do espírito. Sabeis, aliás, que muitos daqueles que sofreram pelo

cristianismo vêm concorrer ao coroamento da obra, e são aqueles que sustentam a luta com mais coragem; eles acrescentam assim uma palma àquelas que já conquistaram.

O que vos digo, meus amigos, não é para vos convidar a vos lançardes de cabeça baixa na luta; eu vos digo ao contrário: Agi com prudência e circunspecção, no próprio interesse da Doutrina, que perderia com um zelo irrefletido; mas se um sacrifício *é* necessário, fazei-o sem reclamar, e pensai que uma perda temporária nada é junto da compensação que disso recebereis.

Não vos inquieteis com o futuro da Doutrina; entre aqueles que a combatem hoje, mais de um lhe será defensor amanhã. Os adversários se agitam; num momento dado, eles quererão se reunir para dar um grande golpe e derrubar o edifício começado, mas os seus esforços serão vãos, e a divisão se dará em suas fileiras. Os tempos se aproximam em que os acontecimentos favorecerão a eclosão daquilo que semeais. Considerai a obra na qual trabalhais, sem vos preocupar do que se pode dizer ou fazer. Vossos inimigos têm tudo o que podem para vos empurrar fora dos limites da moderação, afim de poderem dar um pretexto à suas agressões; seus insultos não têm outro objetivo, mas a vossa indiferença e a vossa paciência os confundem. À violência continuai a opor, pois, *a* doçura e a caridade; fazei o bem àqueles que vos querem o mal, a fim de que, mais tarde, possam distinguir o verdadeiro do falso. Tendes uma arma poderosa: a do raciocínio; servi-vos dela, mas não a mancheis jamais pela injúria, o supremo argumento daqueles que não têm boa razão para dar; esforçai-vos, enfim, pela dignidade de vossa conduta, em fazer respeitar em vós o título de Espírita.

São *Luís.*

ESPIRITISMO RETROSPECTIVO

A MEDIUNIDADE PELO COPO DÁGUA EM 1706

Na casa do duque de Orléans.

Pode-se compreender, sob o titulo geral de *Espiritismo retrospectivo,* os pensamentos, as doutrinas, as crenças e todos os fatos espíritas anteriores ao *Espiritismo moderno,* quer dizer, em 1850, época na qual começaram as observações e os estudos sobre essas espécies de fenômenos. Não foi senão em 1857 que estas observações foram coordenadas em corpo de doutrina metódica e filosófica. Esta divisão nos parece útil para a história do Espiritismo.

O fato seguinte foi narrado nas Mémories du duc de Saint-Simon: (1) (1) Ver o número de junho de 1868, páginas 161 e 167.

"Lembro-me também de uma coisa que ele (o duque de Orléans) me contou no salão de Marly, sobre o ponto de sua partida para a Itália, cuja singularidade, verificada pelo acontecimento, convida-me a não omiti-la. Ele era curioso de todas as espécies de artes e de ciências, e, com agudeza de espírito, havia tido, em toda a sua vida, a fraqueza tão comum na corte dos filhos de Henri II, que Catherine de Médicis havia, entre outros males, trazido da Itália. Ela tinha, tanto quanto havia podido, procurado ver o diabo, sem nisto ter podido chegar; ao que me foi freqüentemente dito, e a ver coisas extraordinárias, e a saber o futuro. A Sery tinha uma jovem em sua casa, de oito ou nove anos, que ali nasceu e dali jamais saiu, e que tinha a ignorância e a simplicidade dessa idade e dessa educação. Entre outras patifarias de curiosidades ocultas, das quais o duque de Orléans muitas tinha visto em sua vida, se lhe produziu uma delas que pretendia fazer ver, num copo cheio d'água, tudo o que se quisesse saber.

Ele pediu algum jovem e inocente para nele olhar, e essa jovem foi achada própria para isto. Divertiram-se, pois, em querer saber o que se passava então mesmo nos lugares distantes, e a jovem via e passava o que via a pouco e pouco. Esse homem pronunciava baixinho alguma coisa sobre o copo cheio de água, e logo nele se olhava com sucesso.

"As velhacarias que o Sr. duque de Orléans, freqüentemente tinha tolerado convidaram-no a uma prova que pôde tranqüilizá-lo. Ele ordenou baixinho a uma de suas pessoas, ao ouvido, de ir imediatamente, à casa da senhora de Nancré, e ali bem examinar tudo o que havia, o que se fazia, a posição e mobiliário do quarto, e a situação de tudo o que ali se passava, e, sem perder um momento nem falar a ninguém, de lhe vir dizer ao ouvido. Num instante a incumbência foi executada, sem que ninguém percebesse do que era, e a jovem sempre no quarto. Desde que o Sr. duque de Orléans foi instruído, disse à jovem para olhar na casa da senhora de Nancré e o que ali se passava. Logo ela lhes contou, palavra por palavra, tudo o que havia visto o enviado do Sr. duque de Orléans. A discrição do rosto, das aparências, das vestes, das pessoas que ali estavam, sua situação no quarto, as pessoas que jogavam em duas mesas diferentes, aqueles que olhavam ou que conversavam sentados ou de pé, a disposição dos móveis, em uma palavra, tudo. Imediatamente o Sr. duque de Orleans o enviou a Nancré, que disse ter encontrado tudo como a jovem havia dito, e como o criado que ali estivera primeiro tinha narrado ao ouvido do Sr. duque de Orléans.

"Ele quase não me falava dessas coisas porque tomei a liberdade de censurá-las. Tomei a de *injuriado* nesse relato, e de dizer-lhe o que acreditava poder afastá-lo de acrescentar fé e de se divertir com esses prestígios, num tempo sobretudo em que deveria ter o espírito ocupado de tantas grandes coisas. "Não é tudo, disse-me ele, e não vos contei isto senão para vos trazer o resto;" e, em seguida, contou-me que, encorajado pela exatidão daquilo que a jovem havia visto no quarto da senhora de Nancré, tinha querido ver alguma coisa mais importante, e o que se passaria na morte do rei, mas sem procurá-lo no tempo em que não se poderia ver no copo. Ele pediu, pois, em seguida, à jovem, que jamais tinha ouvido falar em Versailles, nem visto ninguém senão ele da corte. Ela olhou e lhe explicou longamente tudo o que via. Fez com justeza a descrição do quarto do rei em Versailles, e do mobiliário que se encontrou, com efeito, em sua morte.

Ela o descreveu perfeitamente em seu leito e quem estava de pé junto ao leito ou no quarto, um menino com a ordem, seguro pela senhora de Ventadour, sobre o qual ela se admira porque o tinha visto na casa da senhorita de Sery. Ela lhes fez conhecer a senhora de Maintenon, afigura singular de Fayon, a senhora duquesa de Orléans, a senhora duquesa, a senhora princesa de Conti; ela falou sobre o Sr. duque de Orléans; em uma palavra, lhes fez conhecer o que lá via de príncipes, de senhores, de domésticos ou de criados. Quando ela havia dito tudo, o Sr. duque de Orléans, surpreso por não lhes ter dado a conhecer Monsenhor, monsenhor o duque de Bourgogne, monsenhor o duque de Berry, perguntou se ela não via os rostos de tal e tal modo, ela respondia constantemente que não, e repetia aqueles que ela via. Era o que o duque de Orléans não podia compreender e do que se espantou muito comigo, procurando em vão a razão. O acontecimento o explicou. Estava-se então em 1706. Todos os quatro estavam então cheios de vida e de saúde e todos os quatro tinham morrido antes do rei. Foi a mesma coisa com o Sr. Príncipe, com o Sr. duque, e com o Sr. príncipe de Conti, que ela não viu, ao passo que ela viu os filhos dos dois últimos, o Sr. do Maine, os seus, e o Sr. conde de Toulouse. Mas até o acontecimento, este último ficou na obscuridade. Essa curiosidade acabada, o Sr. duque de Orléans quis saber o que ele se tornaria. Então não o foi mais no copo. O homem que lá estava, ofereceu-lhe mostrá-lo, como pintado na parede do quarto, contanto que não tivesse medo de ali se ver; e, ao cabo de um quarto de hora de alguns fingimentos diante de todos eles, a figura do Sr. duque de Orléans, vestido como estava então e em sua grandeza natural, apareceu de repente sobre a parede como uma pintura

com uma coroa fechada sobre a cabeça. Ela não era nem da França, nem da Espanha, nem da Inglaterra, nem imperial; o Sr. duque de Orléans, que a considerou de todos os seus olhos, jamais pôde advinhá-la, nem dela jamais havia visto semelhante; ela não tinha senão quatro círculos, e nada no alto. Essa coroa lhe cobria a cabeça.

"Da obscuridade precedente e desta, aproveitei a ocasião para lhe mostrar de novo as espécies de curiosidades, as justas mentiras do diabo, que Deus permite para punir as curiosidades que ele proíbe, o nada e as trevas que disso resultam em lugar da luz e da satisfação que se procura. Seguramente, ele estava bem longe de ser regente do reino e de imaginá-lo. Talvez era o que essa coroa singular lhe anunciava. Tudo isto se passou em Paris, na casa de sua amante, em presença de sua mais estreita intimidade, na véspera do dia em que me contou, e eu o achei tão extraordinário que lhe dei lugar aqui, não para prová-lo, mas para dá-lo a conhecer."

A veracidade do duque de Saint-Simon é tanto menos suspeita quanto ele era oposto a essas espécies de idéias; não se pode, pois, duvidar que ele haja reportado fielmente o relato do duque de Orléans. Quanto ao fato em si mesmo, não é provável que o duque o tenha inventado por prazer. Os fenômenos que se produzem em nossos dias, aliás, provam-lhe a possibilidade; o que então passava por alguma coisa maravilhosa, é agora um fato muito natural. Não se pode, certamente, colocá-lo à conta da imaginação da menina, que, aliás, sendo desconhecido do indivíduo, não poderia lhe servir de comparsa. As palavras pronunciadas sobre o copo d'água não tinham, sem dúvida, outro objetivo senão de dar ao fenômeno uma aparência misteriosa e cabalística, segundo as crenças da época; mas elas podiam muito bem exercer uma ação magnética inconsciente, e isto com tanto mais razão quanto esse homem parecia dotado de uma vontade enérgica. Quanto ao fato do quadro que fez aparecer sobre a parede, não se pode, até o momento, dar-lhe nenhuma explicação.

De resto, a magnetização preliminar da água não parece ser indispensável. Um de nossos correspondentes da Espanha nos citou, há alguns dias, o fato seguinte, que se passou sob seus olhos há uns quinze anos, numa época e num país onde o Espiritismo era desconhecido, e onde ele mesmo possuía incredulidade até em seus últimos limites. Em sua família tinha-se ouvido falar da faculdade que certas pessoas têm de ver numa garrafa cheia d'água, e não se lhe dava mais importância do que às crenças populares. No entanto, quis-se tentar por curiosidade. Uma jovem, depois de um instante de concentração, viu um seu parente do qual fez o retrato exato; ela o viu sobre uma montanha, a algumas léguas de lá, onde se poderia supor que pudesse estar, depois de descer num barranco, subir de novo, e fazer diferentes idas e vindas. Quando o indivíduo retornou e que se lhe perguntou de onde vinha e o que tinha feito, disto ficou muito surpreso, porque não tinha comunicado a sua intenção a ninguém. Aqui a imaginação está ainda completamente fora de causa, uma vez que o pensamento de nenhum dos assistentes poderia agir sobre o espírito da jovem.

A influência da imaginação, sendo a grande objeção que se opõe a esse gênero de fenômenos, como a todos os da mediunidade em geral, não se poderia se recolher com maior cuidado os casos onde está demonstrado que essa influência não pode ocorrer. O fato seguinte é um exemplo não menos concludente.

Um outro de nossos assinantes de Palermo, na Sicília, esteve recentemente em Paris; em sua ausência, sua filha, que jamais veio a Paris, recebeu o número da *Revista,* onde é assunto o copo d'água; ela quis tentar, e o seu desejo era dever seu pai. Ela não o viu, mas viu várias ruas por cuja descrição que ela lhe fez, em lhe escrevendo, reconheceu facilmente pelas ruas da Paix, Castiglione e Rivoli. Ora, essas ruas eram precisamente aquelas por onde ele tinha passado no mesmo dia em que a experiência foi feita. Assim, esta jovem senhora não via seu pai, que ela conhecia, que desejava ver, sobre o qual seu pensamento foi concentrado, ao passo que ela vê o caminho que ele percorreu, e que não conhecia. Que razão dar a esta bizarria? Os Espíritos nos disseram

que as coisas tinham se passado dessa maneira para dar uma prova irrecusável de que a imaginação ali não esteve por nada.

Completaremos, pelas reflexões seguintes, o que dissemos sobre o mesmo assunto no número de junho.

O copo, com ou sem água, assim como a garrafa, desempenham evidentemente, neste fenômeno, o papel de agentes *hipnóticos; a* concentração da visão e do pensamento sobre um ponto provocam um desligamento mais ou menos grande da alma, e, conseqüentemente, o desenvolvimento da visão psíquica. (Vera *Revista* de janeiro de 1860, página 6, *Detalhes sobre o hipnotismo.)*

Esse gênero de mediunidade pode dar lugar a modos especiais de manifestações, a percepções novas; é um meio a mais de constatar a existência e a independência da alma, e, por isto mesmo, um assunto de estudo muito interessante; mas, como dissemos, seria um erro crer que esteja aí um meio melhor do que um outro de saber tudo o que se deseja, porque há coisas que devem nos ser ocultas ou que não podem ser reveladas senão num tempo dado. Quando o momento de conhecê-las é chegado, delas se é instruído por um dos mil meios dos quais dispõem os Espíritos, quer se seja ou não Espírita; mas o copo d'água não é mais eficaz do que um outro. Do fato de que os Espíritos dele se serviram para dar conselhos salutares para a saúde, não se segue que esse seja um procedimento infalível para triunfar de todos os males, mesmo daqueles que não devem ser curados. Se uma cura é possível para os Espíritos, estes últimos dão seus conselhos por um meio medianímico qualquer, e por todo médium apto para esse gênero de comunicação. A eficácia está na prescrição, e não no modo segundo o qual ela é dada.

O copo d'água não é maior garantia contra a intromissão dos maus Espíritos; a experiência já provou que os Espíritos mal intencionados se servem desse meio como dos outros para induzir em erro e abusar da credulidade. Em que se lhes poderia opor um obstáculo mais poderoso! Dissemos muitas vezes, e não poderíamos muito repeti-lo: *Não há mediunidade ao abrigo dos maus Espíritos, e não existe nenhum procedimento material para afastá-los.* O melhor, o único preservativo, está em si mesmo; é pela sua própria depuração que se os afasta, como pela limpeza do corpo se preserva dos insetos nocivos.

A REENCARNAÇÃO NO JAPÃO

São *Francisco Xavier e o bonzo Japonês.*

O relato seguinte foi extraído da história de São Francisco Xavier, pelo Pé. Boubours. É uma discussão teológica entre um bonzo japonês, chamado Tucarondono, e São Francisco Xavier, então missionário no Japão.

"Não sei se tu me conheces, ou, dizendo melhor, se tu me reconheces, disse Tucarondono a Francisco Xavier. - Não me lembro de jamais vos ter visto, respondeu-lhe este.

"Então o bonzo, gargalhando e se voltando para outros bonzos, seus confrades, que tinha trazido consigo: Vejo bem, disse-lhes, que não teria dificuldade para vencer um homem que tratou comigo mais de cem vezes, e que faz parecer não meter jamais visto. Em seguida, olhando Xavier com um sorriso de desprezo: Não te resta nada, prosseguiu ele, das mercadorias que me vendeste no porto de Frénasoma?

"Em verdade, replicou Xavier com um semblante sempre sereno e modesto, em minha vida jamais fui comerciante, e jamais vi Frénasoma. -Ah! que esquecimento e que bobagem! retomou o bonzo, se fazendo de admirado, e continuando as suas gargalhadas: -O que! pode ocorrer que tenhas esquecido isso? - Lembrais de mim na lembrança, replicou docemente o Pai, vós que tendes mais de espírito e de memória do que eu. - Eu

o quero muito, disse o bonzo, muito orgulhoso do louvor que Xavier lhe havia dado. Faz justamente hoje mil e quinhentos anos que tu e eu, que éramos comerciantes, fizemos nosso tráfico em Frénasoma, e que comprei de ti cem peças de seda em muito bom negócio. Lembras-te disto agora?

"O santo, que julgava onde ia o discurso do bonzo, lhe perguntou honestamente que idade ele tinha. - Tenho cinqüenta e dois anos, disse Tucarondono. -Como pode ocorrer, replicou Xavier, que fôssemos comerciantes há quinze séculos, se não há senão um meio século que estais no mundo, e como traficamos naquele tempo, vós e eu, em Frénasoma, se a maioria dentre vós outros bonzos ensinais que o Japão não era senão um deserto há mil e quinhentos anos?

"Escutai-me, disse o bonzo; tu ouvirás os oráculos, e ficarás de acordo que temos mais conhecimentos das coisas passadas do que deles não o tendes, vós outros, das coisas presentes.

"Deves saber, pois, que o mundo jamais teve começo, e que as almas, propriamente falando, não morrem. *A alma se liberta do corpo onde estava encerrada; ela procura um outro saudável e vigoroso, onde renascemos, ora com o sexo mais nobre, ora com o sexo imperfeito,* segundo as diversas constelações do céu e os diferentes aspectos da lua. Essas mudanças de nascimento fazem com que nossas fortunas também mudem. Ora, é a recompensa daqueles que viveram santamente, de ter a memória fresca de todas as vidas que se traçou nos séculos passados, e de se representar a si mesmo, inteiramente quanto se foi depois de uma eternidade, sob a forma de príncipe, de comerciante, de homem de letras, de guerreiro e sob outras figuras. Ao contrário, alguém, como tu, sabe tão pouco seus próprios negócios, que ignora o que foi e o que fez durante o curso de uma infinidade de séculos, mostra que seus crimes o tornaram digno da morte tantas vezes quanto perdeu a lembrança das vidas que trocou."

Nota. Não se pode supor que Francisco Xavier haja inventado esta história que não lhe era vantajosa, nem suspeitar da boa fé de seu historiador, o Pé. Bouhours. De um outro lado, não é menos certo que era uma armadilha estendida ao missionário pelo bonzo, uma vez que sabemos que a lembrança das existências anteriores é um caso excepcional, de que, em todos os casos, ela não comporta jamais detalhes tão precisos; mas o que ressalta desse fato, é que a doutrina da reencarnação existia no Japão nessa época, em condições idênticas, salvo a intervenção das constelações e da lua, às que são ensinadas em nossos dias pelos Espíritos. Uma outra semelhança não menos notável é a idéia de que a precisão da lembrança é um sinal de superioridade; os Espíritos nos dizem, com efeito, que nos mundos superiores à Terra, onde o corpo é menos material e a alma num estado normal de desligamento, a lembrança do passado é uma faculdade comum a todo o mundo; ali se lembram as existências anteriores, como nos lembramos dos primeiros anos de nossa infância. É bem evidente que os Japoneses não estão nesse grau de desmaterialização, que não existe sobre a Terra, mas o fato prova que disto têm uma intuição.

CARTA DO SR. MONICO

Ao jornal de Mahouna, de Guelma (Argélia)

O jornal *la Mahouna,* de 26 de junho de 1868, publicou a carta seguinte, que reproduzimos com *prazer,* endereçando ao autor as nossas mais sinceras felicitações.

"Senhor diretor,

"Venho de ler um artigo no *Indépendant,* de Constantinopla, de 20 do corrente, apreciando o papel pouco delicado que teria desempenhado um certo Sr. Home, segundo este jornal (na Inglaterra), iniciando por estas linhas: "Os Espíritas, sucessores dos

feiticeiros da idade média, não se limitam mais a indicar aos *imbecis,* seus adeptos, os tesouros ocultos, eles se arranjam para descobri-los em seu proveito." Segue apreciação, etc...

"Permiti-me, senhor redator, servir-me de vosso honrado jornal para protestar energicamente contra o autor dessas linhas tão pouco literárias e tão ofensivas para os adeptos dessas novas idéias, idéias muito certamente desconhecidas, uma vez que são tão falsamente apreciadas.

"O Espiritismo sucede aos feiticeiros, como a astronomia sucedeu aos astrólogos. Quer dizer que esta ciência, tão difundida hoje, que esclareceu o homem fazendo-o conhecer as imensidades siderais que *as* religiões primitivas tinham conformado ao seu ideal e para servir aos seus interesses, esposou todas as elucubrações fantásticas e grosseiras dos astrólogos de outrora?

"Não o pensais.

"Do mesmo modo, o Espiritismo, tão depreciado por aqueles que não o conhecem, vem destruir os erros dos feiticeiros e revelar uma ciência nova à Humanidade. Ele vem explicar esses fenômenos até aqui incompreendidos, que a ignorância popular atribuía *ao milagre.*

"Longe de esposar as superstições de uma outra época, que os feiticeiros, os mágicos, etc., toda essa multidão de párias rebeldes à civilização, empregando esses meios a fim de explorar a ignorância e de especular sobre os vícios, ele vem, digo eu, destruí-los e ao mesmo tempo trazer a serviço do homem uma força imensa bem superior a todas aquelas trazidas pelas filosofias antigas e modernas.

"Essa força é esta: *conhecimento do passado e do futuro* reservado ao homem, respondendo a estas perguntas: De onde venho? Para onde vou? "Essa dúvida terrível, que pesava sobre a consciência humana, o Espiritismo vem explicá-la; não só teoricamente e por abstração, mas materialmente, quer dizer, por *provas acessíveis aos nossos sentidos, e* fora de todo aforismo e sentença teológica.

"As antigas opiniões, freqüentemente nascidas da ignorância *e* da fantasia, desaparecem pouco a pouco para darem lugar a convicções novas, fundadas sobre a observação, e cuja realidade é das mais manifestas; a marca dos velhos preconceitos se apaga, e o homem mais refletido, estudando com mais atenção esses fenômenos reputados *sobrenaturais,* neles encontrou o *produto de uma vontade se manifestando fora dele.*

"Pelo fato dessa manifestação, o universo aparece, para o Espírita, como mecanismo conduzido por um número infinito de inteligências, um imenso governo onde cada ser inteligente tem a sua parte de ação sob o olhar de Deus, seja no estado de homem, seja no estado de alma ou Espírito. A morte para ele não é um espantalho fazendo tremer, nem o nada; ela não é senão o ponto extremo de uma fase do ser e o começo de uma outra, quer dizer, muito simplesmente uma transformação.

"Eu me detenho, não tendo a pretensão de fazer um curso de Espiritismo, ainda menos a de convencer o meu adversário; mas não posso deixar ofender urna doutrina proclamando por princípio *a liberdade de consciência e as máximas do Cristianismo mais depuradas,* sem protestar de toda a minha alma.

"O Espiritismo tem por inimigo aqueles que não o estudaram, nem a sua parte filosófica, nem a sua parte experimental; é por isto que qualquer um, sem se dar ao trabalho de se esclarecer, se arroga o direito, *apriori,* de tratá-lo de absurdo.

"Mas, infelizmente para o homem, isto tem sido sempre assim cada vez que uma nova idéia surgiu; aí está a história para prová-lo.

"O Espiritismo estando em acordo com as ciências de nossa época (ver *a Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo),* seus representantes mais autorizados, e todos os escritos saídos do seu seio, declararam que estava pronto para aceitar *todas as idéias* baseadas nas verdades científicas e rejeitar aquelas que seriam

reconhecidas estarem *manchadas de erro;* em uma palavra, que ele quer caminhar à frente do progresso humano.

"Os adeptos desta Doutrina, em lugar de se esconderem na sombra e de reunirem nas catacumbas, procedem de todo outro modo; é em plena luz e publicamente que emitem as suas idéias e se exercitam na prática de seus princípios. A opinião espírita está representada na França por cinco revistas ou jornais; na Inglaterra, na Alemanha, na Itália e na Rússia por quinze folhas hebdomadárias; nos Estados Unidos da América, esse país de liberdade e de progresso de todo gênero, por numerosos jornais ou revistas, e os adeptos do Espiritismo se contam nesse país por milhões, que involuntariamente e sem reflexão o autor do artigo do *Indépendant* trata de *imbecis.*

"Nossa época tão distante dos atos de intolerância religiosa, e das excomunhões do Vaticano, deveria melhor inspirar o respeito às opiniões contrárias.

"Aceitai, etc.

"JULESMONICO."

O mesmo jornal, de 17 de julho, contém um outro artigo do Sr. Monico, que anuncia dever nele publicar uma série em resposta a alguns ataques dos antagonistas do Espiritismo. Nele vemos igualmente anunciada, como estando no prelo, uma brochura do mesmo autor, intitulada: *a Liberdade de consciência* e devendo aparecer na primeira quinzena do mês de agosto. Preço: 1 franco.

BIBLIOGRAFIA.

O ESPIRITISMO EM LYON, jornal bimensal que aparece em Lyon desde 15 de fevereiro, prossegue com perseverança e sucesso o curso de sua publicação. Como dissemos na época, e como ele mesmo disse, não é um jornal com pretensões literárias; seu objetivo mais modesto é o de popularizar, pela modicidade de seu preço, as sadias idéias sobre a Doutrina. Ele é feito fora de todo pensamento de especulação, porque o excesso das despesas materiais é derramado na caixa de socorro. É, pois, uma obra de devotamento daqueles que empreenderam essa pesada tarefa. Pelo bom espírito no qual é concebida a sua redação e o objetivo louvável a que se propõe, não pode deixar de se conciliar as simpatias e os encorajamentos de todos os Espíritas sinceros. Lemos com um vivo prazer, no cabeçalho dos últimos números, um aviso pelo qual anuncia que o Sr. senador prefeito do Rhône autorizou-lhe a venda na via pública. Fazemos votos pela sua prosperidade, uma vez que deve aproveitar à Doutrina e aos infelizes. A falta de espaço nos obriga a remeter ao próximo número as reflexões que nos sugeriram alguns de seus artigos, entre os quais notamos um deles (N° de 15 de julho) muito sabiamente concebido, sobre o processo do Sr. Home.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO | NO. 9 | SETEMBRO 1868

CRESCIMENTO E DECRESCIMENTO DO VOLUME DA TERRA

A PROPÓSITO DE A GÊNESE

Nosso correspondente de Sens, do qual publicamos no número precedente a observação sobre o *partido espírita,* acrescentou-lhe uma outra, em sua carta, sobre o crescimento do volume da Terra, e que a abundância das matérias nos forçou a adiar.

"Eu vos peço ainda, senhor, a permissão de vos submeter uma reflexão que me veio lendo a vossa última obra sobre a Gênese. Na página 161 há isto: "Na época em que o globo terrestre era uma massa incandescente, não continha um átomo a mais nem de menos do que hoje." No entanto, os Espíritos disseram que não há duas leis diferentes para a formação dos corpos principais e dos corpos secundários; e depois, li em alguma parte, que as plantas restituem à terra mais do que elas lhe emprestam. Não sei se isto está bem constatado e cientificamente demonstrado, mas segundo esse dado e outros, sem falar dos aerolitos que são hoje um fato incontestado, não poderia ocorrer que se descobrisse um dia que o nosso globo adquire ainda volume, o que contraria essa asserção?"

É verdade que as plantas restituem ao solo mais do que elas lhe tiram; mas o globo não se compõe unicamente da parte sólida, a atmosfera dele faz parte integrante; ora, está provado que as plantas se alimentam tanto, e mesmo mais, dos fluidos aeriformes hauridos na atmosfera do que de elementos sólidos absorvidos pelas raízes. Tendo em vista a quantidade de plantas que viveram sobre a Terra desde a sua origem, sem falar dos animais, os fluidos atmosféricos estariam há muito tempo esgotados se não se alimentassem numa fonte permanente; esta fonte está na decomposição das matérias sólidas, orgânicas e inorgânicas, que restituem à atmosfera o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e os outros gases que dela tinham trasfegado. É, pois, uma permuta constante, uma transformação perpétua -que se realiza na superfície do globo. Ocorre aqui exatamente como com a água que se eleva em vapores e cai em chuva, e cuja quantidade é sempre a mesma. O crescimento dos vegetais e dos animais se operam com a ajuda dos elementos constitutivos do globo, seus restos, por consideráveis que sejam, não acrescentam um átomo à massa. Se a parte sólida do globo aumentar, por esta causa, de maneira permanente, isto será às custas da atmosfera que diminuiria tanto, e acabaria por ser imprópria à vida.

Na origem da Terra, as primeiras camadas geológicas se formaram das matérias sólidas momentaneamente volatizadas pelo efeito da alta temperatura, e que, mais tarde, condensadas pelo resfriamento, se precipitaram. Incontestavelmente, elas elevaram um pouco a superfície do solo, que, sem isto, teria se detido na camada granítica, mas sem nada acrescentar à massa total, uma vez que não era senão um deslocamento de matéria. Quando a atmosfera, purgada dos elementos estranhos que tinham em suspensão, encontrou-se em seu estado normal, as coisas seguiram o curso regular que tiveram desde então. Hoje, a menor modificação na constituição da atmosfera traria

forçosamente a destruição dos seres vivos atuais; mas então, provavelmente, formar-se-iam novas raças em outras condições de vitalidade.

Considerada deste ponto de vista, a massa do globo, quer dizer, a soma das moléculas que compõem o conjunto de suas partes sólidas, líquidas e gasosas, é incontestavelmente a mesma desde a sua origem. Se sofresse uma dilatação ou uma condensação, seu *volume* aumentaria ou diminuiria, sem que a *massa* sofresse nenhuma alteração. Se, pois, a Terra aumentasse de massa pela junção de novas moléculas, isto seria pelo efeito de uma causa estranha, uma vez que não poderia haurir em si própria os elementos necessários ao seu crescimento.

Algumas pessoas pensam que a queda de aerolitos possa ser uma causa de aumento de volume da Terra; outras, sem se ocuparem dos caminhos e meios, se fundam sobre o princípio de que uma vez que os animais e as plantas nascem, crescem *e* morrem, os corpos planetários devem estar submetidos à mesma lei.

Primeiro, a origem dos aerolitos é ainda problemática, pensou-se mesmo por muito tempo que eles poderiam se formar nas regiões superiores da atmosfera terrestre, pela condensação das matérias gaseificadas provenientes da própria Terra; mas, supondo que tenham uma fonte estranha ao nosso globo, que provenham de restos de alguns planetas despedaçados, ou que se formem espontaneamente pela condensação da matéria cósmica interplanetária, caso que poder-se-ia considerá-los como *abortos planetários,* sua queda acidental não poderia dar lugar a um crescimento sensível, e ainda menos regular de nosso globo.

De um outro lado, a assimilação que se pretendesse fazer entre as plantas e os planetas não é justa, porque isto seria fazer destes últimos seres orgânicos, o que não é admissível.

Segundo uma outra opinião, o globo pode aumentar pelo afluxo da matéria cósmica interplanetária que haure em seu curso através do espaço, e que deposita incessantemente em sua superfície novas moléculas. Esta doutrina nada tem de irracional, porque, neste caso, o crescimento ocorreria pela união e superposição, como para todos os corpos inorgânicos; mas, além de que se poderia perguntar onde pararia esse crescimento, ela é ainda muito hipotética para ser admitida como princípio. Não é senão um sistema combatido por sistemas contrários, porque, segundo outros, a Terra em lugar de adquirir, despende, pelo efeito de seu movimento, quer dizer, que ela abandona ao espaço uma parte de suas moléculas, e que, assim, em vez de aumentar, ela diminui. Entre essas duas teorias, a ciência positiva ainda não se pronunciou, e é provável que não o poderá logo, por falta de meios materiais de observação. Está-se, pois, reduzido a formular raciocínios baseados sobre as leis conhecidas, o que pode dar probabilidades, mas não ainda certezas.

Eis, em resposta à pergunta proposta, a opinião motivada do eminente Espírito que ditou os sábios *estudos uranográficos* reportados no capítulo VI de a Gênese.

(Sociedade de Paris, julho de 1868.- Médium Sr. Desliens.)

"Os mundos se esgotam envelhecendo e tendem a se dissolver para servirem de elementos deformação de outros universos. Eles restituem pouco a pouco, ao fluido cósmico universal do espaço, o que dele tiraram para se formar. Além disso, todos os corpos agem pela fricção; o movimento rápido e incessante do globo através do fluido cósmico tem por efeito diminuir-lhe constantemente a massa, se bem que numa quantidade inapreciável num tempo dado (1). (1) Em seu movimento de translação ao redor do Sol, a velocidade da Terra é de 400 léguas por minuto. Tendo a Terra 9.000 léguas de circunferência no equador, em seu movimento de rotação sobre seu eixo, cada ponto do equador percorre, conseqüentemente, 9.000 léguas em vinte e quatro horas, ou 6,3 léguas por minuto.

"A existência dos mundos pode, na minha opinião, dividir-se em três períodos. *Primeiro período:* Condensação da matéria durante a qual o volume do globo diminui consideravelmente, a massa permanecendo a mesma; é o período da infância. - *Segundo período:* contração, solidificação da crosta, eclosão dos germes, desenvolvimento da vida até o aparecimento do tipo mais perfectível. Neste momento o globo está em toda a sua plenitude: é a idade da virilidade; ele perde, mas muito pouco, de seus elementos constitutivos. À medida que seus habitantes progridem *espiritualmente,* ele passa o período de decrescimento *material;* ele perde, não só em conseqüência do atrito, mas também pela desagregação das moléculas, como uma pedra dura que, roída pelo tempo, acaba por cair em pó. Em seu duplo movimento de rotação e de translação, ele deixa no espaço parcelas fluidificadas de sua substância, até o momento em que a sua dissolução será completa.

"Mas, então, como a força atrativa está em sua massa, - eu não digo do volume, - a massa diminuindo, suas condições de equilíbrio no espaço são modificadas; dominado por globos mais poderosos aos quais não pode fazer mais contrapeso, seguem-se desvios em seus movimentos, em sua posição com relação ao Sol; sofrem novas influências, e daí nascem mudanças nas condições de existência de seus habitantes, à espera de que ele desapareça da cena do mundo.

"Assim, nascimento, vida e morte; infância, virilidade e decrepitude, tais são as três fases pelas quais passa toda aglomeração de matéria orgânica ou inorgânica. Só o espírito, que não é matéria, é indestrutível."

GALILEU.

Em que se tornam os habitantes de um mundo destruído? Eles fazem o que fazem os habitantes de uma casa que é demolida: vão se estabelecer em outros lugares em melhores condições; os globos não são, por si mesmos, senão estações temporárias; mas é provável que quando um globo chega ao seu período de dissolução, há muito tempo deixou de ser habitado, porque, então, ele não pode mais forneceres elementos necessários à manutenção da vida.

Tudo na Natureza é problema insolúvel fazendo-se abstração do elemento espiritual; ao contrário, tudo se explica, clara e logicamente, levando-se em conta este elemento.

Há de se notar que, segundo a ordem de idéias expressas na comunicação acima, o fim de um mundo coincidiria com a maior soma de progresso de seus habitantes, compatível com a natureza desse mundo, em lugar de ser o sinal de uma reprovação que os votaria, para a maior parte, à condenação eterna.

A ALMA DA TERRA.

A questão precedente nos conduz naturalmente à alma da Terra, freqüentemente debatida e diferentemente interpretada.

A alma da Terra desempenha um papel principal na teoria de formação de nosso globo pela incrustação de quatro planetas; teoria da qual demonstramos a impossibilidade material segundo as observações geológicas e os dados da ciência experimental (ver a Gênese, cap, VII, n° 4 e seguintes). Para o que concerne à alma, nos apoiaremos igualmente sobre os fatos.

Esta questão prejulga uma outra: A Terra é um ser vivo? Sabemos que certos filósofos, mais sistemáticos do que práticos, consideram a Terra e todos os planetas como seres animados, fundando-se sobre o princípio de que tudo vive na Natureza, desde o mineral até o homem. De início, cremos que há uma diferença capital entre o movimento molecular de atração e de repulsão, de agregação e de desagregação do mineral e o princípio vital da planta; há efeitos diferentes que acusam causas diferentes, ou pelo

menos uma modificação profunda na causa primeira, se ela for única. (Gênese, cap. X, nº 16 a 19.)

Mas admitamos por um instante que o princípio da vida tenha sua fonte no movimento molecular, não se poderia contestar que seja mais rudimentar ainda no mineral do que na planta; ora, daí a uma alma cujo atributo essencial é a inteligência, a distância é grande; ninguém, cremos, pensou em dotar um calhau ou um pedaço de ferro da faculdade de pensar, de querer e de compreender. Mesmo fazendo todas as concessões possíveis a esse sistema, quer dizer, em nos colocando no ponto de vista daqueles que confundem o princípio vital com a alma propriamente dita. A alma do mineral não estaria senão no estado de germe latente, uma vez que nele não se revela por nenhuma manifestação.

Um fato não menos patente do que aquele que acabamos de falar é que o desenvolvimento orgânico está sempre em relação com o desenvolvimento do princípio inteligente; o organismo se completa à medida que as faculdades da alma se multiplicam. A escala orgânica segue constantemente, em todos os seres, a progressão da inteligência, desde o pólipo até o homem; e isso não poderia ser de outra maneira, uma vez que falta à alma um instrumento apropriado à importância das funções que ela deve preencher. De que serviria à ostra ter a inteligência do macaco sem os órgãos necessários à sua manifestação? Se, pois, a Terra fosse um ser animado servindo de corpo a uma alma especial, esta alma deveria ser ainda mais *rudimentar do* que a do pólipo, uma vez que a Terra não tem mesmo a vitalidade da planta, ao passo que, pelo papel que se atribui a essa alma, sobretudo na teoria da incrustação, dela se faz um ser dotado de razão e do livre arbítrio mais completo, um Espírito superior, em uma palavra, o que não é nem racional, nem conforme à lei geral, porque jamais o Espírito foi mais aprisionado e mais dividido. A idéia da alma da Terra, entendida nesse sentido, tão bem quanto aquela que faz da Terra um animal, deve, pois, ser alinhada entre as concepções sistemáticas e quiméricas.

O animal, o mais ínfimo, aliás, tem a liberdade de seus movimentos; ele vai onde quer, e caminha quando isto lhe apraz; ao passo que os astros, esses seres supostamente vivos e animados por inteligências superiores, seriam submetidos a movimentos perpetuamente sistemáticos, sem jamais poder sair de sua rota; seriam, em verdade, bem menos favorecidos do que o último pulgão. Se, segundo a teoria da incrustação, as almas dos quatro planetas que formaram a Terra, tiveram a liberdade de reunir seus envoltórios, elas teriam, pois, a de ir onde quisessem, de mudar à sua vontade as leis da mecânica celeste; por que não a têm mais?

Há idéias que se refutam a si mesmas, e sistemas que caem desde que se lhes pesquisem seriamente as conseqüências. O Espiritismo seria com razão ridicularizado por seus adversários se se fizesse editor responsável de utopias que não suportam o exame. Se o ridículo não o matou, é que ele não mata senão o que é ridículo.

Pela alma da Terra, pode-se entender, mais racionalmente, a coletividade dos Espíritos encarregados da elaboração e da direção de seus elementos constitutivos, o que já supõe um certo grau de adiantamento e de desenvolvimento intelectual; ou melhor ainda, o Espírito ao qual está confiada a alta direção dos destinos morais e do progresso de seus habitantes, missão que não pode ser reconhecida senão a um ser eminentemente superior em saber e em sabedoria. Neste caso, propriamente falando, não é a alma da Terra, porque esse Espírito não está nela nem encarnado, nem subordinado ao seu estado material; é um chefe nomeado para a sua direção, como um general é nomeado para conduzir um exército. Um Espírito, encarregado de uma missão tão importante quanto aquela do governo de um mundo, não poderia ter caprichos, ou Deus seria muito imprevidente confiando a execução de seus decretos soberanos a seres capazes de fazê-los fracassar por sua má vontade; ora, segundo a doutrina da

incrustação, seria a má vontade da alma da lua que seria a causa da Terra ter ficado incompleta.

Numerosas comunicações, dadas em diversos lugares, vieram confirmar esta maneira de encarar a questão da alma da Terra; delas não citaremos senão uma única que as resume todas em poucas palavras.

Sociedade Espírita de Bordeaux, abril de 1862.

A Terra não tem alma que propriamente lhe pertença, porque não é um ser organizado como aqueles que são dotados da vida; ela as tem por milhões que são os Espíritos encarregados de seu equilíbrio, de sua harmonia, de sua vegetação, de seu calor, de sua luz, das estações, da encarnação dos animais que sobrevivem, assim como a dos homens. Isto não é dizer que esses Espíritos são a causa desses fenômenos: eles os presidem como os funcionários de um governo presidem a cada um dos órgãos da administração.

A Terra progrediu à medida que se formou; ela progride sempre, sem jamais se deter, até o momento em que tiver atingido o máximo de sua perfeição. Tudo o que é vida e matéria nela, progride ao mesmo tempo, porque, à medida que o progresso se realiza, os Espíritos encarregados de velar por ela e por seus produtos, progridem de seu lado pelo trabalho que lhes incumbe, ou cedem o lugar a Espíritos mais avançados. Nesse momento, ela toca a uma transição do mal ao bem, do medíocre ao belo.

Deus, criador, é a alma do universo, de todos os mundos que gravitam no infinito, e os Espíritos encarregados, em cada mundo, da execução de suas leis, são os agentes de sua vontade, sob a direção de um delegado superior. Este delegado pertence necessariamente à ordem dos Espíritos mais elevados, porque seria injuriar a sabedoria divina acreditar que ela entregasse à fantasia de uma criatura imperfeita o cuidado de velar pelo cumprimento do destino de milhões de suas próprias criaturas.

PERGUNTA. -Os Espíritos encarregados da direção e da elaboração dos elementos constitutivos de nosso globo podem nele se encarnar? RESPOSTA. - Certamente, porque, no estado de encarnação, tendo uma ação mais direta sobre a matéria, podem fazer o que lhes seria impossível como Espíritos, do mesmo modo que certas funções, por sua natureza, incumbem mais especialmente ao estado espiritual. A cada estado são atribuídas missões particulares.

Os habitantes da Terra não trabalham pelo seu adiantamento material? Considerai, pois, todos os Espíritos encarnados como fazendo parte daqueles que estão encarregados de fazê-la progredir ao mesmo tempo que eles mesmos progridem. É a coletividade de todas essas inteligências, encarnadas e desencarnadas, nela compreendido o delegado superior, que constitui, propriamente falando, a alma da Terra da qual cada um de vós faz parte. Encarnados e desencarnados são as abelhas que trabalham na edificação do favo, sob a direção do Espírito chefe; este é a cabeça, os outros são os braços. PERGUNTA. - O Espírito chefe também pode se encarnar? RESPOSTA. - Sem nenhuma dúvida, quando disto recebe a missão, o que ocorre quando a sua presença entre os homens é julgada necessária ao progresso.

Um de vossos guias espirituais.

DA PROTEÇÃO DO ESPÍRITO DOS SANTOS PATRON.

A questão seguinte nos foi proposta recentemente por um de nossos assinantes:

Todo preconceito de seita e de idéia mística à parte, a qualificação de santo denota uma certa superioridade espiritual, porque, para merecer este título, é preciso ser

distinguido por atos meritórios quaisquer. Segundo isto, e a coisa sendo considerada do ponto de vista espírita, os santos, sob a evocação do quais se nos coloca em nosso nascimento, não se tornam nossos protetores naturais, e quando se celebra a festa patronímica de algum, aquele da qual leva o nome não é atraído pela simpatia, e não se associa, ao menos pelo pensamento, se não pela sua presença?

Há nesta pergunta dois pontos a serem considerados, que é preciso examinar separadamente.

Melhor do que ninguém, os Espíritas sabem que o pensamento atrai o pensamento, e que a simpatia dos Espíritos, sejam beatificados ou não, é solicitada por nossos sentimentos a seu respeito. Ora, o que determina, em geral, a escolha dos nomes? É uma veneração particular pelo santo que o leva? a admiração por suas virtudes? a confiança em seus méritos? o pensamento de dar-lhe por modelo ao recém-nascido? Perguntai à maioria daqueles que lhe escolheram se sabem o que era, o que fez, quando viveu, por que se distinguiu, se conhecem uma única de suas ações. Excetuando alguns santos cuja história é popular, quase todos são totalmente desconhecidos, e, sem o calendário, o público não saberia mesmo se existiram. Nada pode, pois, solicitar o seu pensamento para um antes do que para o outro. Admitamos que, para certas pessoas, o título de santo basta, e que *se* pode tomar um nome de confiança do momento em que ele está na lista dos benfeitores levantados pela Igreja, sem que se tenha necessidade de deles saber mais: é uma questão de fé.

Mas, então, para essas próprias pessoas, quais são os motivos determinantes? Há dois deles que predominam quase sempre. O primeiro, freqüentemente, é o desejo de agradar a algum parente ou amigo, do qual se quer lisonjear o amor-próprio dando seu nome ao recém-nascido, sobretudo se se espera dele alguma coisa, porque se fosse um pobre diabo, sem crédito e sem consistência, não se lhe faria esta honra. N isto visa-se muito mais à proteção do homem do que à do santo.

O segundo motivo é ainda mais mundano. O que se procura quase sempre num nome é a forma graciosa, uma consonância agradável; num certo mundo sobretudo, se quer nomes bem importantes, que tenham uma marca de distinção. Deles há que se recusa impiedosamente, porque não gabam nem ao ouvido nem à vaidade, fossem eles dos santos ou dos santos mais dignos de veneração. E depois, freqüentemente, o nome é uma questão de moda como a forma de um penteado.

É preciso convir que esses santos personagens devem, em geral, ser pouco tocados pelos motivos da preferência que se lhes concede; eles não têm, em realidade, nenhuma razão especial de se interessar, mais do que a outros, por aqueles que levam o seu nome, em comparação com esses parentes distantes dos quais não se lembram senão quando deles se espera uma herança.

Os Espíritas, que compreendem o princípio das relações afetivas entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual, agiriam de outro modo em semelhante circunstância. No nascimento de uma criança, os pais escolheriam, entre os Espíritos, beatificados ou não, antigos ou modernos, amigos, parentes ou estranhos à família, um daqueles que, de seu conhecimento, deram provas irrecusáveis de sua superioridade, pela sua vida exemplar, os atos meritórios que realizaram, a prática das virtudes recomendadas pelo Cristo: *a* caridade, a humildade, a abnegação, o devotamento desinteressado à causa da Humanidade, em uma palavra, por tudo o que sabem ser uma causa de adiantamento no mundo dos Espíritos; eles o invocariam solenemente e com fervor, pedindo-lhe para se unir ao anjo guardião da criança para protegê-la na vida que vai percorrer, guiá-la por seus conselhos e suas boas inspirações; e, em sinal da aliança, dariam à criança o nome desse Espírito. O Espírito veria nessa escolha uma prova de simpatia, e aceitaria com alegria uma missão que seria um testemunho de estima e de confiança.

Depois, à medida que a criança crescesse, se lhe ensinaria a história de seu protetor; se lhe repetiria suas boas ações; ela saberia porque leva esse nome, e esse

nome a lembraria, sem cessar, um belo modelo a seguir. É, então, que à festa de aniversário do protetor invisível não deixaria de se associar, porque teria seu lugar no coração dos assistentes.

A POLTRONA DOS ANTEPASSADOS

Foi-nos dito que, na casa de um escritor e poeta de grande renome, existe um uso que parecerá estranho a quem não seja Espírita. Na mesa da família há sempre uma poltrona vazia; essa cadeira é fechada por um cadeado, e nela ninguém se senta: é o lugar dos antepassados, dos avós e dos amigos que deixaram este mundo; está aí como um respeitoso testemunho de afeto, uma piedosa lembrança, um chamado à sua presença, e para dizer que vivem sempre no espírito dos sobreviventes.

A pessoa que nos citou este fato, como o tendo de boa fonte, acrescenta: "Os Espíritas repelem com razão as coisas de pura forma; mas se há uma que possam adotar sem derrogar seus princípios, sem contradita, é esta."

Seguramente, está aí um pensamento que jamais nascerá no cérebro de um materialista; ele não só atesta a idéia espiritualista, mas é eminentemente Espírita, e não nos surpreende de nenhum modo da parte de um homem que, sem arvorar abertamente a bandeira do Espiritismo, muitas vezes afirmou a sua crença nas verdades fundamentais que dele decorrem.

Há, nesse uso, alguma coisa de tocante, de patriarcal, e que impõe o respeito. Quem, com efeito, ousaria pô-la em ridículo? esta não é uma dessas fórmulas estéreis que nada dizem à alma: é a expressão de um sentimento que parte do coração, o sinal sensível do laço que une os presentes aos ausentes. Nessa cadeira, vazia em aparência, mas que o pensamento ocupa, está toda uma profissão de fé, e além disto, todo um ensinamento para os grandes, tanto quanto para os pequenos. Para as crianças, é uma eloqüente lição, embora muda; e que não falta de deixar salutares impressões. Aqueles que forem educados nessas idéias jamais serão incrédulos, porque, mais tarde, a razão virá confirmar as crenças nas quais terão sido embalados. A idéia da presença, ao seu redor, de seus avós ou de pessoas veneradas, será para eles um freio mais poderoso do que o medo do diabo.

CÍRCULO DA MORAL ESPÍRITA

EM TOULOUSE

Estamos felizes de anunciar que uma sociedade acaba de ser oficialmente autorizada em Toulouse sob o título de *Círculo da Moral Espírita.* Felicitamos os fundadores pela escolha desse título que mostra claramente o objetivo que se propuseram, ao mesmo tempo que resume perfeitamente o caráter essencial da Doutrina. Se é verdade que *nobreza obriga,* não o é menos dizer que *título obriga,* a menos de mentir à sua bandeira; estamos convencidos de que os membros dessa reunião saberão justificá-lo. Pela própria severidade de seu regulamento, do qual tomamos conhecimento, eles provam a sua firme intenção de agir como verdadeiros espíritas.

Houve outrora, em Paris, uma sociedade por muito tempo florescente da *moral cristã;* porque não haveriam as *sociedades da moral Espírita?* Este seria o melhor meio de impor silêncio aos zombadores, *e* de fazer calar as prevenções que alimentam, contra o

Espiritismo, aqueles que não o conhecem. A qualidade de membro de uma sociedade que se ocupa de moral teórica e prática, é um título de estima e confiança, mesmo para os incrédulos, porque é o equivalente da de membro de uma sociedade de pessoas honestas, e todo Espírita sincero deve ter a honra dela fazer parte. Os gracejadores ousarão dizer que são sociedades de simplórios, de loucos ou de imbecis? A palavra *círculo,* adotada pela sociedade de Toulouse, indica que ela não se limita às sessões comuns, mas que, além disto, é um lugar de reunião, onde os membros podem vir conversar sobre o objeto especial de seus estudos.

AS MEMÓRIAS DE UM MARIDO

Pelo Sr. Fernand Duplessis.

Os traços que se encontram por toda a parte do Espiritismo são como as inscrições e as medalhas antigas que atestam, através dos séculos, o movimento do espírito humano. As crenças populares contêm, sem contradita, os traços, ou melhor, os germes das idéias espíritas em todas as épocas e em todos os povos, mas misturadas às lendas supersticiosas, como o ouro das minas está misturado à ganga. Não é ali somente que é preciso procurá-las, é na expressão dos sentimentos íntimos, porque é aí que se as encontra, freqüentemente, no estado de pureza. Se se pudesse sondar todos os arquivos do pensamento, ficar-se-ia surpreso de ver a que ponto elas estão enraizadas no coração humano, desde a vaga intuição até aos princípios limpamente formulados. Ora, quem, pois, fê-las nascer antes do aparecimento do Espiritismo? Dir-se-á que é uma influência de associação? Elas ali nascem espontaneamente, porque estão na Natureza; mas, freqüentemente, elas foram abafadas ou desnaturadas pela ignorância e pelo fanatismo. Hoje o Espiritismo, passado ao estado de filosofia, vem arrancar essas plantas parasitas, e constituir um corpo de doutrina do que não era senão uma vaga intuição.

Um de nossos correspondentes de Joinville-sur-Marne, o Sr. Petit-Jean, ao qual já devemos numerosos documentos sobre este assunto, deles nos manda um dos mais interessantes, que estamos felizes em acrescentar aos que já publicamos.

"Joinville, 16 de julho de 1868.

"Eis ainda os pensamentos Espíritas! Aqueles têm tanto mais de importância quanto eles não são, como muitos outros, o produto da imaginação, ou uma idéia explorada pelos romancistas; é a exposição de uma crença partilhada pela família de um convencional e expressada na circunstância mais grave da vida, onde não se pensa em jogar com as palavras.

"Eu as hauri numa obra literária, tendo por título: *As Memórias de um Marido,* que não são outras senão o relato detalhado da vida do Sr. Fernand Duplessis. Essas Memórias foram editadas em 1849, por Eugène Sue, ao qual o Sr. Fernand Duplessis as remeteu, com a missão de entregá-las à publicidade, a título, segundo suas próprias expressões, de expiação para ele e de ensinamentos para os outros. Eu vos dou a análise das passagens que têm mais relação com a nossa crença."

"A senhora Raymond, assim como seu filho, prisioneiros políticos, recebem a visita do Sr. Fernand Duplessis, seu amigo. Esta visita deu lugar a uma conversação, em conseqüência da qual a senhora Raymond teve a seguinte conversa com seu filho (página 121):

"Vejamos, meu filho, - replicou a senhora Raymond com um tom de afetuosa censura, - foi ontem que demos nossos primeiros passos nesta carreira onde se deve agradecer a Deus por um dia sem angústias? É que se persegue, é que se atinge o objetivo onde estaremos sem dor, sem perigos e, freqüentemente, sem martírio? É que

não nos dissemos cem vezes que a nossa vida não nos pertence, mas a essa santa causa da liberdade pela qual teu pai morreu sobre o cadafalso? É que desde que tens a idade da razão não fomos habituados a este pensamento de que um dia eu poderia ter que fechar tuas pálpebras como tu poderás fechar as minhas? É de que há de que se entristecer antecipadamente? Jamais me vês sombria, banhada em lágrimas, porque vivo sempre com a lembrança querida e sagrada de teu pai, do qual beijei a fronte ensangüentada, e que enterrei com as minhas mãos? Não temos fé, como nossos pais, os Gauleses, no renascimento indefinido de nossos corpos e de nossas almas, que vão alternativamente povoar a imensidade dos mundos? Para nós, o que é a morte? o começo de uma outra vida, nada de mais. Estamos neste lado da cortina, passamos do outro, onde imensas perspectivas esperam nossos olhares. Quanto a mim, não sei se é porque sou filha de Eva, acrescenta a senhora Raymond com um meio sorriso, mas o fenômeno da morte jamais me inspirou senão uma excessiva curiosidade."

Página 208. - "O pensamento da morte excita, sobretudo em Jean, uma curiosidade muito viva. Espiritualista por essência, ele partilha com a sua mãe, seu tio e Charpentier, a viril crença que foi a de nossos pais, os Gauleses. Segundo o admirável dogma druídico, o homem sendo imortal, alma e corpo, espírito e matéria, ele iria assim, alma e corpo, incessantemente renascer e viver de mundo em mundo, se elevando a cada nova migração para uma perfeição infinita como a do Criador.

"Somente esta valente crença explica, aos meus olhos, o desprendimento soberbo com o qual Jean e sua mãe encaravam os terríveis problemas e lançam tanta perturbação e pavor nas almas fracas, habituadas a ver na morte o nada ou o fim da vida *física,* ao passo que a morte não é senão a hora de um renascimento completo que uma outra vida espera com suas novidades misteriosas.

"Mas, ah! não me era dado partilhar esta crença; eu via, com um doloroso pavor, se aproximar o dia fatal em que Jean seria julgado pelo tribunal de Paris. Chegado esse dia, *a* senhora Raymond pediu-me para acompanhá-la a essa temível sessão; em vão quis desviá-la desse desígnio, em meu medo de uma condenação à morte dada contra Jean; no entanto, eu não ousava expressar-lhe as minhas apreensões; ela adivinhou o meu pensamento. Meu caro senhor Duplessis, disse-me ela, o pai de meu filho foi morto no cadafalso pela liberdade; eu o enterrei piedosamente com as minhas mãos...se meu filho deve também morrer pela mesma causa, eu saberei cumprir o meu dever com mão firme... Credes que se possa condenar Jean à morte?... Eu creio, eu, que não se pode condená-lo senão à imortalidade. (Textual.) Dai-me o vosso braço, senhor Duplessis... Acalmai a vossa emoção, e vamos à Câmara de Paris.

"Jean foi condenado *a* morte e deveria ser executado no segundo dia depois. Eu fui vê-lo em sua prisão, e esperava apenas ter a força de resistir a essa última e fúnebre entrevista. Quando eu entrei, ele fazia, sob a vigilância de um soldado, a sua toalete matinal com um cuidado tão minucioso quanto se estivesse em sua casa. Ele veio a mim estendendo-me as mãos; depois, olhando-me no rosto, disse-me com ansiedade: - Meu Deus! meu bom Fernand, como estás pálido!... Que tens, pois? - É que eu ! exclamei afundando em lágrimas e me lançando ao seu pescoço, tu mo perguntas! - Pobre Fernand! respondeu-me, tocado pela minha emoção, acalma-te... coragem! - E és tu que me encorajas neste momento supremo! disse-lhe eu; mas és, pois, como tua mãe, dotado de uma força sobre-humana?

"-Sobre-humana!... não; nos dás muita honra, replicou ele sorrindo; mas minha mãe e eu sabemos o que é a morte... e ela não nos amedronta... /Vossa *alma muda de corpo, como os nossos corpos mudam de roupas; vamos reviverem outro lugar e esperar ou nos juntar àqueles que amamos...* Graças a esta crença, meu amigo, e à curiosidade de ver os mundos novos, misteriosos; enfim, graças à consciência do acontecimento próximo de nossas idéias e à certeza de deixar depois de si a memória de um homem honesto, tu o reconhecerás, a partida deste mundo não oferece nada do todo assustador, ao contrário."

"Jean Raymond não foi executado; sua pena foi comutada em uma detenção perpétua, e foi transferido à citadela de Doullens."

BIBLIOGRAFIA

O REGIMENTO FANTÁSTICO POR VICTOR DAZUR(1)

(1) Um grande vol. in-12, preço: 3 fr. 50 c.; pelo correio, 4 fr.

Esta obra foi impressa em Lyon e não traz nenhum nome de editor; está dito simplesmente que é encontrada em Paris, em todas as livrarias. Nós a procuramos na livraria Internationale, 15, boulevard Montmartre.

Tomamos as passagens seguintes do relatório que o *Siècle* deu desta obra em seu folhetim de 22 de junho de 1868:

"É uma espécie de romance filosófico, onde a maioria das paixões que atualmente apaixonam os espíritos são tratadas sob uma forma original e dramática; o espiritualismo e o materialismo, a imortalidade da alma e o nada, *o* livre arbítrio e o fatalismo, a responsabilidade *e* a irresponsabilidade, as penas eternas e a expiação, depois a guerra, a paz universal, os exércitos permanentes, etc.

"Todas essas questões não são discutidas com muito método e profundidade, mas o são todas com uma certa erudição, com uma boa fé evidente, com alegria quase sempre, com espírito freqüentemente, e algumas vezes com eloqüência.

"Em suma, a obra é de um homem liberal, amigo do progresso, da perfectibilidade *e* do espiritualismo, amigo da paz, embora evidentemente militar.

"Eis, de resto, como o autor fala de si mesmo:

"O autor, que se deu nesse livro o nome de François Pamphile, tem a insigne honra de ser cabo no exército francês, quando teve o sonho estranho que forma o plano da obra que ireis ler, se não tiverdes nada melhor a fazer. Mais tarde o nosso militar escreveu seu sonho, em seguida divertiu-se em embelezá-lo quando para isto tinha tempo."

"O *Regimento fantástico,* de Victor Dazur, é, pois, um sonho como o *Paris en Amérique,* do Sr. Laboulaye, mas é um sonho que nos transporta a um mundo todo imaginário.

"O cabo François Pamphile entra em sua caserna, depois de ter tomado, com alguns camaradas, sua parte nas alegrias de uma festa pública em Paris. Farto de barulho, de música, de espetáculos em pleno vento, de iluminações, de fogos de artifício, o estômago bem fortalecido e a consciência tranqüila, não tendo tido querela com ninguém, não tendo ferido com seu sabre nenhum *civil,* dormiu com um sono profundo. Ao cabo de um tempo que ele não pôde apreciar, pareceu-lhe que sua cama levantou-se como se estivesse supenso num balão à maneira de barquinha de aeróstato.

"Ele abre os olhos e se vê no espaço; um panorama móvel se estende abaixo dele; ele vê Paris desaparecer, depois o campo, depois a Terra. Parece-lhe fazer uma das viagens aerostáticas de nosso colaborador Flammarion, de quem se declara um leitor assíduo, e de quem louva com entusiasmo o belo livro espiritualista que tem por título *a Pluralidade dos Mundos habitados.*

"De repente, falta-lhe o ar; ele sufoca; mas entra numa outra atmosfera; sua respiração retoma; percebe um outro globo que seus estudos astronômicos o fazem reconhecer pelo planeta *Marte.* Ele se sente atraído para este planeta, cujo globo cresce rapidamente aos seus olhos. Ele treme, caindo segundo as leis da gravidade, e ali se sente esmagado; teme um choque terrível; mas não! Ei-lo estendido sobre uma espessa grama, aos pés de árvores maravilhosas, cheias de pássaros não menos maravilhosos.

"Ele se crê num mundo novo, passado do grau de cabo ao grau de primeiro homem. Ele chama uma Eva. É a canção do *Rói Dagobert* que lhe responde.

"O espanto de nosso cabo redobra vendo que o cantor é um grande folgazão vestido com o uniforme de sargento-mor da infantaria de linha francesa.

"- Quem sois? disse-lhe esse sargento, que tem o ar tão surpreso quanto ele.

" - Major, responde François Pamphile, eu sou cabo; venho do planeta Terra que deixei involuntariamente esta noite; e gostaria que tivésseis a gentileza de me dizer o nome do planeta em que caí.

" - Este planeta, é Soraí-Kanor, lógico!

"-Soraí-Kanor?...Eu supunha que era o planeta Marte. Parece que me enganei.

" - Não vos enganastes. Somente nosso planeta, que os terrenos chamam Marte, é chamado pelos nossos astrônomos Soraí-Kanor.

"O cabo se admira que o sargento saiba o nome dado pelos habitantes da Terra ao seu planeta. Mas o sargento lhe informa que não deixou a Terra senão depois de sua morte terrestre, e que ele era rei da França.

"A esta resposta inesperada, o cabo se descobre, quer dizer, tira o boné de algodão que tinha na cabeça.

"O rei sargento-mor disse-lhe para não lhe prestar tanta homenagem, uma vez que não é mais do que um simples sub-oficial. Na Terra, chamava-se François P; em Marte, ele pertence ao *regimento fantástico,* um regimento composto da maioria dos soberanos que reinaram sobre o globo terrestre. O coronel é Alexandre o Grande; o tenente-coronelJúlio César (que não reinou, propriamente falando), e o major Péricles (que reinou menos ainda). O regimento conta três batalhões, e cada batalhão oito companhias. O comandante do primeiro batalhão é Sésostris e o ajudante-mor Átila; o comandante do segundo batalhão, Charlemagne e o ajudante-mor Charles-Quint; o comandante do terceiro batalhão, Aníbal; e o ajudante-mor, Mithridate.

"Cada companhia é composta dos soberanos de uma mesma nação. A companh ia francesa é a primeira do segundo batalhão e tem porcapitãoLuísXIV, o que prova, por parêntese, que ofavordomina em Marte como na Terra, porque François I^{a}, que não é senão sargento-mor, seguramente era um maior capitão do que Luís XIV, e tinha a mais para ele a antigüidade.

"Os cantineiros do regimento fantástico são Semíramis, Cleópatra, Elizabeth, Catarina II. Do mesmo modo que todos os oficiais *e* os soldados do regimento são antigos soberanos ou homens que exerceram a soberania, todos os cantineiros e os serventes de cantina são antigos soberanos. Só os músicos são antigos compositores: Beethoven, Mozart, Glück, Puccini, Haydn, Bellini. O regimento não adotou o uniforme francês senão depois do reinado de Napoléon I^{o}, cujas campanhas entusiasmaram Alexandre o Grande. Depois, o regimento seguiu todas as variações de nosso costume militar, o que não é dizer pouco. Foi também depois do reinado de Napoléon I^{o} que a língua francesa foi adotada como a língua regulamentar do regimento. Todavia, não foi sob o império que a língua francesa brilhou mais. De resto, o vencedor de Austerlitz não está entre os militares do regimento fantástico. Não o está sobre Marte; talvez num mundo superior, talvez num mundo inferior: François I^{o} o ignora.

"Outros soberanos jamais figuraram no regimento fantástico; outros o deixaram depois de vários séculos de serviço; alguns, depois de vários milhares de séculos. O regimento não muda nunca de guarnição, e jamais faz a guerra. É uma espécie de regimento penitenciário onde os soberanos, homens e mulheres, não são colocados senão para expiar os crimes enormes que cometeram durante o seu reinado.

"Muito bem, mas os músicos Beethoven, Mozart e os outros, que grandes crimes cometeram para ficarem presos nesse regimento expiatório? É o que o autor negligencia em nos ensinar.

"O suplício habitual dos militares e dos cantineiros do regimento é o suplício de Tântalo. Os guerreiros que, sobre a Terra, se compraziam no sangue e na carnagem, conservaram seus belicosos instintos que o som do clarim desperta, sem cessar, e que os exercícios e os simulacros de combate superexcitam sem que lhes seja jamais possível satisfazer-se; porque o poder divino, que sobre a Terra permite a guerra, em Marte a proíbe.

"Os voluptuosos e as voluptuosas sofrem um suplício semelhante. Todos, homens e mulheres, conservam a beleza que gozaram na mais bela época de sua vida, mas estão submetidos a uma causa fisiológica que os condenam a uma castidade absoluta.

"Um outro castigo, que os desola mais ainda, é o suplício das recordações. Uma memória extremamente lúcida lembra-lhes os atos de sua vida terrestre. Só uma ocupação contínua chega a distraí-los; mas a disciplina é rigorosa; *a* cada instante, são condenados à detenção, à prisão ou à *sala de recordações.* Na detenção e na prisão, lhes são permitidas ainda algumas distrações, mas na sala de recordações não se lhes permite nenhuma. Ali se encontram encerrados em meio de todos os instrumentos de suplício e de tortura empregados em todos os reinados; sobre as paredes, são pintados a fresco todos os sofrimentos e todos os homicídios ordenados pelos reis.

"Quando Luís XI é encerrado na sala das recordações, ele é colocado numa caixa de ferro em uso em seu reinado, e colocado em frente do cadafalso de Nemours, cujo sangue goteja sobre a cabeça de seus filhos. Philippe o Belo é estendido sobre uma fogueira de onde ele vê o suplício dos Templários. Ferdinand, o Católico, é amarrado sobre um cavalete, a cabeça voltada para um auto-de-fé.

O nosso cabo ouve Nero se lamentar nestes termos com seu camarada Calígula:

- Os três quartos do tempo, sou punido com castigo ou detenção. Se reclamo contra uma punição, ela me é aumentada. Quando não estou na detenção, estou no pelotão de punição, e quando eu não estou no pelotão de punição, estou no trabalho pesado do quartel. Enfim, sou acabrunhado por vexações de todas as espécies, sem contar os meus outros sofrimentos. Eis que há muitos séculos isto dura. Quando isto acabará?"

- Mas é um inferno o vosso regimento fantástico, disse o bom Pamphile a François I^{o}.

'-Não, respondeu-lhe este, porque as penas aqui não são eternas. *O grande Desconhecido,* que é a justiça suprema, não pronuncia condenação eterna, tendo em vista que as *faltas finitas, tão grandes que elas sejam, não poderiam merecer penas infinitas,* Nosso planeta e certos outros não são infernos, mas purgatórios onde os homens, numa ou em várias existências sucessivas, pagam as *dívidas morais que contraíram em uma existência anterior.*

"Conversando familiarmente, ora com o sargento maior François I^{o}, ora com o simples infante Charles V, ora com o seu confrade o cabo Charles VII, o cabo Pamphile recebe as instruções e as revelações sobre o que interessa no mais alto grau à Humanidade. Enfim, em uma audiência que lhe concede o coronel Alexandre o Grande, no círculo dos oficiais, o antigo conquistador lhe expõe um projeto de congresso internacional universal que o encarrega de propor à Terra para estabelecer para sempre em nosso globo a paz, a concórdia e a fraternidade.

"-Meu coronel, exclama Pamphile entusiasmado, vosso projeto é tão lógico, me parece de tal modo indispensável e a idéia é em si tão natural, que me parece que logo será conhecido na Terra, todo o mundo dirá lá embaixo: como ocorre que não se haja pensado antes em estabelecer um congresso universal?

"Apesar da esperança do bom cabo, duvidamos que os diferentes governos de nosso planeta se apressem em acolher o projeto de Alexandre; mas o congresso da paz, que se reunirá em Berna em setembro próximo, não pode deixar de tomá-lo em consideração. Nós o recomendamos em especialmente ao relator encarregado de estudar qual poderia ser a constituição dos *Estados Unidos da Europa*

"E.-D. DE BIÉVILLE."

Se o Sr. Victor Dazur (sem dúvida, este nome é um pseudônimo) se inspirou na *Pluralité dês mondes habites,* do Sr. Flammarion, do qual se declara um leitor assíduo, ele também largamente respigou nas obras espíritas. Salvo o quadro do qual se serviu, sua teoria filosófica das penas futuras, da pluralidade das existências, do estado dos espíritos desligados do corpo, da responsabilidade moral, etc., é evidentemente hauridas na doutrina do Espiritismo, do qual reproduz não só a idéia, mas, freqüentemente, mesmo a forma.

As passagens seguintes não pode deixar dúvida sobre este ponto. "Tu sonhas, meu amigo, pensei; tu sonhas! Todos esses soberanos da Terra que recomeçam uma nova existência sobre o planeta Marte, esse gênio de corpo diáfano e de asas azuis, todos sentem o Espiritismo... E, no entanto, quando tu despertas, não crês nessa invenção. Depois, dirigindo-me a François I^o^, eu lhe disse:

" - Major, vem-me ao espírito uma idéia singular; essa idéia me faz supor que tudo o que vejo e tudo o que ouço desde que cheguei aqui não é senão o efeito de um sonho. Dizei-me, eu vos peço, a vossa opinião. Pensais, como eu, que sonho?

" - Mas não! não sonhais, respondeu-me François I^o^ com ar tão indignado quanto se lhe tivesse feito uma pergunta muito estúpida. Não, não sonhais! Se sonhásseis, desfilaria diante de vosso espírito uma multidão de quimeras sem pé nem cabeça. Os acontecimentos dos quais serieis testemunha não teriam entre si nenhuma relação razoável. " - Mas, isso não é tudo, major. O que me faz ainda crer que sonho, é que me tateei, e que não encontrei o corpo... Tateio-me ainda agora, e não o encontro mais. No entanto, eu me sinto viver e me vejo com os braços e as pernas. Vai sem dizer que esses braços e essas pernas sendo impalpáveis, não são senão aparências fantásticas. Eu poderia bem explicar essas aparências, mas para isto me seria preciso, eu que não creio no Espiritismo, admitir certa teoria Espírita, que, verdadeira ou falsa, é, em todos os casos, bastante engenhosa.

"Essa teoria pretende que o Espírito de um corpo está cercado de um *perispírito,* quer dizer, de um envoltório semi-material, que pode tomar a forma desse corpo e tornar-se visível em certos casos. Uma vez admitido o perispírito, a mesma teoria pretende que um indivíduo pode algumas vezes ser visto, no mesmo instante, em dois lugares, mesmo muito distantes um do outro, o corpo dormindo de uma parte e a aparência do corpo, quer dizer, o perispírito, agindo de outra parte.

"Se esta afirmação for verdadeira, eu me encontraria pondo em prática a teoria da qual venho de falar. Poder-se-ia ver, neste momento, o meu corpo dormir em Paris, enquanto vedes meu perispírito como meu corpo poderia fazê-lo. Mas não acreditaria numa coisa tão extraordinária senão se ela estivesse provada.

"Seria ainda adotar o Espiritismo admitindo como real essa reunião de potentados reunidos aqui, naquilo que pretendem, para expiar os crimes que cometeram estando sobre a Terra.

"-Se o quereis, disse-me François I^O^., não creiais no que tens diante dos olhos. Suponde um instante que em lugar de estar sobre este planeta, estais no domínio ideal da razão, e dizei-me se credes que os homens que fazem o mal, qualquer que seja a sua classe na sociedade, podem estar isentos do purgatório depois de sua morte terrestre? - Major, não sei o que vos responder. - Mas sei no entanto o que pensais. Pensais que o purgatório existe, não importa aonde, mas somente para as pessoas que ocupem os graus mais elevados da escala social. E o que vos leva a pensar nisto é que as faltas das pessoas altamente colocadas no mundo, são muito mais aparentes do que as dos simples particulares. Mas ides logo modificar essa idéia pensando que, para o Ser supremo, nãoháfaltasescondidas.Com efeito, o Grande Desconhecido vê constantemente sobre a Terra simples particulares que fazem, relativamente, tanto mal em sua pequena esfera de

ação, quanto o fizeram em seus Estados certos tiranos desonrados pela história. Os simples particulares dos quais falo, em lugar de exercerem sua tirania num reino, a exercem em sua família e nas pessoas que o cercam, fazendo sofrer sem piedade mulher, filhos e subordinados. Esses tiranos não têm senão um cuidado, que é de gozar da vida escapando do código penal do país que habitam. Ora, eu vos pergunto, credes que essas pessoas malfazejas, que passam algumas vezes por seres virtuosos aos olhos de quem não conhece sua vida, credes, digo eu, que esses seres malfazejos são logo transportados para uma morada de delícias? - Não, eu não o creio. - Não admitis que contrataram, fazendo o mal, uma certa dívida moral? - Sim, major, eu o admito. - Pois bem! então, não deveis vos admirar que certos planetas sejam verdadeiros purgatórios onde os homens, *em uma ou várias existências, pagam as dívidas que contraíram numa existência anterior.*

" - Mas, major, os sofrimentos que todo homem sente no curso da vida não pagam suficientemente o mal que pôde fazer desde a idade da razão até à morte?

" - Isso não se poderia senão para um pequeníssimo número de indivíduos, porque, o mais freqüentemente, o mal que um homem faz recai sobre um certo número de seus semelhantes, o que multiplica tanto a soma do mal pessoal, e torna, quase sempre, a dívida tão grande que esse homem não poderia pagá-la no curso de sua curta existência. Ora, *quando não se pôde pagar suas dívidas numa vida, forçosamente, é preciso pagá-las numa outra,* porque, no fato de dívidas criminais, o Grande Desconhecido dispôs as coisas de maneira que não há bancarrota possível.

"Estando isso admitido, bem admitis também que é possível que monstros como Nero, Calígula, Héliogabale, Borgia e tantos outros dos quais não se pode enumerar os crimes, tenham podido pagar semelhantes dívidas pelos poucos males que eles sofreram em sua vida. Ora, de duas uma: esses homens, em sua morte, caíram no nada, ou bem recomeçaram uma nova existência; admitindo-se que tenham caído no nada, admite-se muito naturalmente que deveram fazer uma bancarrota enorme. Convireis que a idéia de uma semelhante bancarrota revolta o espírito, ao passo que admitindo-se que cada um deles recomeçou uma nova existência, o espírito se acha satisfeito pensando que *essas novas vidas não podem ser senão existências de expiação ou, dizendo melhor, de purificação).(1)* 1 - Se o efeito da injustiça ou do mal que um homem comete com relação a um outro homem pára no indivíduo, a necessidade da reparação será individual; mas se, por contragolpe, esse mal prejudica, passo a passo, a cem indivíduos, a sua dívida será centuplicada, porque serão cem reparações a realizar. Quanto mais vítimas tiver feito, diretamente ou indiretamente, mais haverá indivíduos que lhe pedirão conta de sua conduta. É assim que a responsabilidade e o número das reparações aumentam com a extensão da autoridade da qual se está revestido, se é responsável diante de indivíduos que jamais se conheceu, mas qu'e sofreram as conseqüências de nossos atos.

- Major não é mais simples admitir a condenação eterna para os monstros de que falais? -Convenho que é mais simples, mas não mais lógico. A lógica, que deve ser a alma da justiça, recusa admitir a condenação eterna, porque as *faltas finitas não poderiam merecer penas infinitas."*

Segue uma dissertação das mais impressionantes e das mais lógicas que lemos contra o inferno e as penas eternas, sobre a justiça da proporcionalidade das penas, e sobre a doutrina do trabalho, mas que a sua extensão não nos permite reproduzir.

- Major, disse o cabo Pamphile, eu vos farei notar que a negação do inferno eterno, assim como a proporcionalidade das penas, é o próprio fundo da doutrina dos Espíritas; ora, eu já vos disse que não creio no Espiritismo. - Então... crede no inferno eterno, se isto lhe dá prazer."

Entre os soberanos que o cabo Pamphile encontra no planeta Marte, há os que viviam ao tempo do dilúvio, dos reis da Assíria, ao tempo da torre de Babel, dos Faraós ao tempo da passagem do mar Vermelho para os Hebreus, etc., e cada um dá sobre

esses acontecimentos explicações que, para a maioria, têm o mérito, senão de prova material, ao menos da lógica.

Em suma, o quadro escolhido pelo autor para emitir as suas idéias, é feliz, até na própria negação do Espiritismo que acaba, em definitivo, em uma afirmação indireta. Diremos, como o *Siécle* que, sob uma forma em aparência leviana, todas as questões ali são tratadas com uma certa erudição, com uma boa fé evidente, quase sempre com alegria, freqüentemente com espírito, e algumas vezes com eloqüência. Acrescentaremos que não conhecendo o autor, se este número lhe cai à mão, desejamos que nele encontre a expressão de nossas sinceras felicitações, porque fez um livro interessante e muito útil.

CONFERÊNCIAS SOBRE A ALMA Pelo Sr. Alexandre Chaseray (1) (1) Pequeno volume in-12; preço, 1 fr. 50; pelo correio, 1 fr. 75. Casa Germer-Baillière, 17, rua da Ecole-de-médecine.

As obras modernas onde o princípio da pluralidade das existências está afirmado incidentemente são inumeráveis; mas esta da qual falamos nos parece uma daquelas onde é tratado de maneira mais completa; o autor se prende, além disto, em demonstrar que a idéia cresce e se impõe cada dia mais aos Espíritos mais esclarecidos. Nos fragmentos que reportamos adiante, as notas são do autor.

"A transmigração das almas, disse o Sr. Chaseray, é uma idéia filosófica ao mesmo tempo das mais antigas e das mais modernas. A metempsicose faz o fundo da religião dos Indianos, religião muito anterior ao judaísmo, e Pitágoras pode ter essa crença dos Brahmanes, se for verdade que ele penetrou na índia; mas é provável que a trouxe do Egito, onde ele residiu muito tempo. A civilização reinava nas margens do Nilo, vários milhares de anos antes do nascimento de Moisés, e, no dizer de Heródoto, os sacerdotes egípcios foram os primeiros que anunciavam que a alma é imortal e que ela passa sucessivamente em todas as espécies de animais antes de entrar num corpo de homem.

"Os Gregos, de seu lado, não abandonaram jamais completamente a metempsicose. Aqueles dentre eles que não admitiam, em sua integridade, a doutrina de Pitágoras, acreditavam vagamente com Platão que a alma imortal havia existido em alguma parte, antes de se manifestar sob a forma humana, ou acreditavam no rio Letes e no renascimento do homem na Humanidade. Entre os primeiros cristãos, muitos neófitos entendiam reter seus antigos dogmas, o que para eles parecia bom; os Maniquens, por exemplo, tinham conservado os dois princípios do bem e do mal e *a* migração das almas; foi assim que os heresiarcas vindo a se multiplicar os Pais e os Concílios tiveram tanto afazer para conduzir os espíritos a uma fé uniforme. Definitivamente vitoriosa, a Igreja apostólica baniu de seu império a metempsicose, a qual foi substituída pelo dogma do julgamento irrevogável e da divisão dos humanos em eleitos e em condenados. O purgatório foi introduzido mais tarde como corretivo de uma decisão muito inflexível.

"Do mesmo modo que não considerei muito como um progresso o Espiritualismo de Santo Tomás, do qual não vejo nenhum traço nos livros santos, do mesmo modo ainda não julgo nem feliz nem conforme a antiga doutrina do pecado original, que estabelece uma solidariedade tão estreita entre todas as gerações de homens, a afirmação dogmática consistente em dizer que a existência de cada um de nós é sem raízes no passado e acaba no paraíso ou num inferno eternos. Está aí, em minha opinião, uma heresia filosófica contra a qual o espírito moderno reage com força.

"De todas as partes, retorna-se à transmigração da alma. Mas concebe-se geralmente, em nossos dias, uma metempsicose mais ampla do que aquela da qual se atribuía a crença aos Antigos. O espírito de indução, tendo transposto os limites da Terra e reconhecido, nos sóis e nos planetas, mundos habitáveis, não pôde mais limitar os destinos do homem ao globo terrestre. Em lugar de ver a alma percorrendo, sem cessar, o círculo das plantas, dos animais e da espécie humana, ou renascendo constantemente na Humanidade, pôde-se imaginá-la alçando o seu vôo para os mundos infinitos (1). (1) Era tão natural aproveitar do resultado glorioso aberto à alma pelas descobertas astronômicas, que não posso crer que a metempsicose de Pitágoras haja sido realmente a que o vulgo dela pensa; porque

Pitágoras conhecia o verdadeiro sistema do mundo; o duplo movimento de rotação e de translação da Terra; a imobilidade relativa do Sol; a importância das estrelas fixas, das quais cada uma é um sol e o centro de um grupo de planetas muito provavelmente habitados; o caminho e o retorno dos planetas: nada de tudo isto era ignorado por Pitágoras. Este filósofo, instruído pelos sábios sacerdotes egípcios, que não revelavam seus segredos senão a um pequeno número de iniciados, acreditou dever, ao seu exemplo, manter secreta esta parte de sua ciência. Um de seus discípulos, menos escrupuloso, a divulgou; mas como faziam falta as provas e as verdades se achavam perdidas no meio de erros e de sonhos místicos, a revelação passou desapercebida. Não basta emitir uma idéia justa, é preciso saber fazê-la aceitar ; também Copérnico e Galileu, os vulgarizadores do verdadeiro sistema cosmológico, dele são considerados como os inventores, embora a sua noção primeira se perca na noite dos tempos.

"Não tenho senão a dificuldade da escolha em fazer citações para mostrar que a fé tem uma série de existências, umas anteriores, outras posteriores à vida presente, cresce e *se* impõe cada dia mais aos espíritos esclarecidos.

"Comecemos por Jean Reynaud. Este filósofo insiste sobre a ligação natural que apresentam as duas idéias de preexistência e de vida futura.

"Examinando-se, diz ele, todos os homens que passaram pela Terra, desde que a era das religiões sábias começou, ver-se-á que a grande maioria viveu na consciência mais ou menos atrasada de uma existência prolongada pelos caminhos invisíveis deste lado como além dos limites desta vida. Há, com efeito, uma espécie de simetria tão lógica que deveu seduzir as imaginações à primeira vista; o passado ali faz equilíbrio ao futuro, e o presente não é senão o pivô entre o que não é mais e o que não é ainda. O platonismo despertou essa luz precedentemente agitada por Pitágoras, e delas sã serviu para esclarecer as mais belas almas que hajam honrado os tempos antigos (2)." *(2) Terre et Ciei.*

"Este julgamento de Jean Reynaud se encontra plenamente confirmado pela seguinte nota de Lagrange, o elegante tradutor do poema de Lucrécio:

"De todos os filósofos que viveram antes do cristianismo, nenhum sustentou a imortalidade da alma sem estabelecer preliminarmente a sua preexistência; um desses dogmas eram considerados como a conseqüência natural do outro. Acreditava-se que a alma deveria sempre existir, porque ela sempre existiu; e estava-se persuadido, ao contrário, de que em concordando que ela havia sido engendrada com o corpo, não se estava mais no direito de negar que ela deveria morrer com ele." - Nossa alma, disse Platão, existia em alguma parte antes de estar nesta forma de homens; eis porque não duvido que ela não seja imortal."

"O velho druidismo, prossegue o autor de *Tierre et Ciel*, fala ao meu coração. Esse mesmo solo que habitamos hoje teve antes de nós um povo cheio de heróis, que estavam habituados a se considerar como tendo freqüentado o universo de longa data antes de sua encarnação atual, fundando assim a esperança de sua imortalidade sobre a convicção de sua preexistência."

"Um de nossos melhores historiadores dá também grandes elogios ao principal ensino dos druidas; Henri Martin é de opinião que nossos pais, os Gauleses, representam no mundo antigo "a maisfirme, a mais clara noção da imortalidade como jamais o foi (1)."
(1) Histoire de France, 4ª ed., t.1.

"Eugène Sue disse, a seu turno, da fé druídica:

"Segundo esta sublime crença, o homem imortal, espírito em matéria, vindo de baixo, e indo para o alto, transita por esta Terra e nela mora passageiramente, assim como tinhamoradoedeve morar nessas outras esferas inumeráveis que brilham, no meio dos abismos do espaço (2)." (2) (Feuilleton de *la Presse,* de 19 de outubro de 1854.)

Nem todos os antigos autores desconheceram o belo lado da religião dos druidas, testemunham estes versos de Lucano:

Vobis auctoribus, umbrae
Non tácitas Erebi sedes, Ditisque profundi
Pallida regna petunt: *regit idem spiritus artus*
Orbe alio: longas (canitis si cognita) vitae

Mors media est.

"Segundo vós, Druidas, as sombras não descem nas silenciosas moradas do Erebo, nos pálidos reinos do deus do abismo. *O mesmo Espírito anima um novo corpo numa outra esfera.* A morte (se vossos hinos contêm a verdade) é o meio de uma longa vida."

"Já no século dezessete, Cyrano de Bergerac dizia, imitando os sacerdotes gauleses:

"Morremos mais de uma vez; e, como não somos senão partes de um universo, mudamos deforma para retomar a vida em outra parte; o que não é um mal, uma vez que é um caminho para aperfeiçoar o seu ser e para chegar a um número infinito de conhecimentos."

"Vários de nossos contemporâneos, sem parecer se inspirarem nos druidas, no entanto, anunciam também que o destino da alma é viajar de mundo em mundo.

"Lê-se, por exemplo, na *Profession de foi du dix-neuvième siècle,* de Eugène Pelletan:

"Pela irresistível lógica da idéia, acredito poder afirmar que a vida

mortal terá o espaço infinito por lugar de peregrinação.....O homem irá,

pois, sempre, de sol em sol, subindo sempre, como sobre a escada de Jacó, a hierarquia da existência; passando sempre, segundo o seu mérito e segundo o seu progresso, do homem ao anjo, do anjo ao arcanjo."

"E na *Rénovation religieuse,* do Sr. Patrice Larroque, antigo reitor da Academia:

"Pode-se conjeturar que a maioria dos outros globos que se movem no espaço, levam, como a Terra, seres organizados e animados, e que esses globos serão os teatros sucessivos de nossas vidas futuras."

"Lamennais expressa a idéia de renascimento de maneira tão precisa, embora muito restrita:

"O progresso, disse ele, possível ao indivíduo sob sua forma orgânica atual estando cumprido, ele retorna à massa elementar esse organismo usado, e reveste um outro organismo mais perfeito (1)." *(1) De la société première et de sés* tois, liv.lll.

"Assinalemos ainda o trecho seguinte do discurso pronunciado pelo Sr. Guéroult, da *Opinion nationale,* sobre o túmulo do padre Enfantin:

"Ninguém foi mais religioso do que Enfantin; ninguém viveu, tanto quanto ele, em presença da vida eterna da qual esta vida, que nos escapa a cada instante, não é senão uma das etapas inumeráveis."

"Um de nossos mais célebres romancistas dá a pensar que crê na passagem dos seres inferiores a espécies superiores, e, principalmente, dos animais à Humanidade:

"Explicará quem quiser, disse George Sand, essas afinidades entre o homem e certos seres secundários na criação. Elas são tão reais quanto as antipatias e os terrores insuperáveis que nos inspiram certos animais inofensivos....É talvez que todos os tipos, partido especialmente de cada raça de animais, se reencontram no homem. Os fisionomistas constataram semelhanças físicas; quem pode negar as semelhanças morais? Não há entre nós de raposas, de lobos, de leões, de águias, de besouros, de moscas? A grosseria humana, freqüentemente, é baixa e feroz como o apetite do porco..."

"George Sand se mostra mais explícita a respeito das migrações das almas nas linhas seguintes da mesma obra (2). (2) Histoire de ma vie.

"Se não devemos aspirar à beatitude dos puros espíritos do país das quimeras, se devemos entrever sempre além desta vida um trabalho, um dever, provas e uma organização limitada em suas faculdades frente ao infinito, pelo menos nos é permitido pela razão, e nos é ordenado pelo coração, de contar com uma seqüência de

existências progressivas em razão de nossos bons desejos.....

Podemos considerar esta Terra como um lugar de passagem e contar com o despertar mais doce no berço que nos espera em outra parte. De mundos em mundos, podemos, em nos libertando da animalidade, que combate neste mundo nosso espiritualismo, nos tornar próprios a revestir um corpo mais puro, mais apropriado às nossa necessidade da alma, menos combatido e menos entravado pelas enfermidades da vida humana, tal como a sofremos neste mundo.

"Citemos ainda um romancista, Balzac. Os romancistas desta ordem, do mesmo modo que os poetas fora de linha, abordam as questões mais elevadas, e sabem semear de traços profundos seus escritos de uma forma agradável e leve. É assim que, em os *Misérables,* Victor Hugo deixa cair de sua pena esta vaga interrogação: "De onde viemos? e se está bem seguro de que nada fizemos antes de nascer?" Não é senão pensando, e sem tomar partido de sustentar uma tese filosófica, que o autor da *Comédie humaine* fala das existências sucessivas. Também não posso senão pegar no ar este pensamento de vários de seus romances.

"Eis, por exemplo, algumas linhas do *Lys dans Ia vallée:*

"O homem é composto de matéria e de espírito; a animalidade vem chegar nele, e o anjo nele começa. Daí essa luta que suportamos entre um destino futuro que pressentimos e as lembranças de nossos instintos inferiores, dos quais não estamos inteiramente desligados: um amor carnal e um amor divino."

"E encontro em *Séraphita,* esse romance místico onde Balzac expõe com um interesse e um encanto tão poderosos a doutrina religiosa do Sueco Swedenborg:

"As qualidades adquiridas e que se desenvolvem lentamente em nós são os laços invisíveis que ligam cada um de nossos *existers* um ao outro."

"Enfim, nas *Comédienssans le savoir,* asibila, a senhora Fontaine, pergunta a Gazonal:

- De que flor gostais? " - Da rosa.

- De que cor gostais? " - O azul.

" - Que animal preferis?

- O cavalo. Por que estas perguntas? perguntou ele a seu turno.

- O homem prende-se a todas as formas por seus estados anteriores, disse ela sentenciosamente; daí vêm os seus instintos, e os seus instintos dominam o seu destino."

"Michelet testemunha sua simpatia pelas mesmas idéias, quando chama o cão um *candidato à humanidade,* e quando diz falando dos pássaros:

"Que são eles? almas esboçadas, almas especializadas ainda em tais funções da existência, candidatos à vida mais geral e mais vastamente harmônica a que chegou a alma humana (1)." (1) O *Oiseau.*

"Pierre Leroux não crê que o homem tenha passado pelos tipos inferiores dos animais e das plantas. Em sua opinião, os indivíduos se perpetuam no seio da espécie e o homem renasce indefinidamente na Humanidade. A solidariedade entre todos os membros da família humana é então evidente; *o bem que um homem faz a seus semelhantes retorna à sua própria vantagem, uma vez que deles não se separa na morte, senão para retomar logo a se misturar a eles.* Sustentando a perpetuidade do ser no seio da espécie, Pierre Leroux se afasta dos autores que acabo de citar e não encontro muitas aprovações (1); (1) Goethe parecia partilhar esta maneira de ver, quando exclama, em uma de suas cartas, à encantadora senhora de Stein: "Por que o destino nos ligou tão estreitamente? Ah! nos tempos recuados, tu foste minha irmã ou minha esposa! Conheceste o menor de meus traços, espreitaste a vibração da mais pura de minhas fibras, soubeste ler-me com um olhar, a mim, que um olhar humano dificilmente penetra!" *(Revue germanique,* dezembro de 1865.) Victor Meunier não está longe de crer também no renascimento do homem sobre a Terra: "A sorte daqueles que virão depois de nós, disse ele, não me acha indiferente, longe disto! Tanto quanto não me está demonstrado, nós náo nos sucederemos a nós mesmos." *(La Science et lês savants en* 1865, 2º semestre.) mas ele não é menos um defensor

ardente da idéia geral e de uma importância extrema que liga a vida atual a uma série de existências.

"Depois de haver dito que a criança, vindo ao mundo, não é, como o pretendia a escola de Locke, *uma tabula rasa; e* que é injuriar a Divindade supor que ela tira do nada novas criaturas, que ela embeleza ao acaso com seus dons, ou que fere ao acaso em sua cólera. Pierre Leroux conclui por estas palavras:

"Assim, de toda a necessidade, é preciso admitir ou o sistema indeterminado das metempsicoses, ou o sistema determinado de renascimento na Humanidade que eu sustento (2). *(2) De l'Humanité.*

"Estou longe de repelir, de maneira absoluta, o sistema de renascimento na Humanidade; mas a Humanidade teve um começo, posterior mesmo ao da maioria das espécies de animais e vegetais que cobrem o nosso globo; a Humanidade terá um fim; e, uma vez que a alma não perece, é preciso que o ser permanente, o eu, mergulhe suas raízes em outra parte do que na Humanidade, e encontre o seu desenvolvimento futuro em outra parte do que na Humanidade, forma transitória."

As numerosas citações que o autor faz, e que estão longe de ser completas, provam o quanto é geral a idéia da pluralidade das existências, e que dentro em pouco ela terá passado ao estado de verdade adquirida. Sobre outros pontos, ele se afasta completamente da Doutrina Espírita; estamos longe de partilhar a sua opinião sobre todas as questões que trata em seu livro, notadamente no que concerne à divindade, à qual atribui um papel secundário, e a natureza íntima da alma, da qual contesta a espiritualidade. Seu sistema é uma espécie de panteísmo que costeia o Espiritismo, e parece ser um termo médio para certas pessoas que não querem nem o ateísmo, nem o nihilismo, nem o espiritualismo dogmático. Por incompleto que seja, esse não é menos um notável progresso sobre as idéias materialistas, das quais está sempre mais distante do que dos nossos. Salvo alguns pontos muito controvertidos, a obra contém objetivos muito profundos e muito justos, aos quais o Espiritismo não pode senão associar-se.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

O QUE FIZERAM DE MIM?

Extraímos a comunicação seguinte do jornal Espírita *lê Salut,* que se publica em New Orléans, número de 1º de junho de 1868:

- Filhos, eu vos escrevi: "Quando vossa boa união me chamar, virei a vós;" e a vossa boa união me chamou, e eis-me aqui.

Velareis agora como meus apóstolos de outrora. Fazei como os bons e não façais como os maus; que ninguém renegue, que ninguém traia! ides vos sentar na mesma mesa que reúne os amigos de minha fé e de meu coração; que ninguém seja nem Pedro, nem Judas!

Oh! meus bons filhos, olhai ao vosso redor e vede! minha cruz, um instrumento glorioso de meu vil suplício, domina os edifícios da tirania....e eu, não vim senão para pregaraliberdadeeafelicidade.com a minha cruz mergulharam-se os corpos no sangue e as consciências na mentira! com a minha cruz, disseram aos homens: "Obedecei aos vossos senhores, curvai-vos diante dos opressores! "E eu dizia: "Sois todos os filhos de um mesmo pai, sem distinção senão de vossos méritos, resultante de vossa liberdade.

Eu tinha dito aos grandes: "Rebaixai-vos!" e aos pequenos: "Levantai-vos!" E elevaram os grandes e abaixaram os pequenos.

Que se fez de mim, de minha memória, de minha lembrança, de meu apostolado? Um sabre! - Sim, e há deles ainda que são feitos os agentes dessa infâmia!... Oh! se se pudesse sofrer na morada celeste, eu sofreria!... e vós, vós deveis sofrer... e devereis

estar prontos para tudo pela redenção que comecei, não fosse senão para arvorar sobre a mesma montanha o mesmo sinal de reunião!... Ele será visto e compreendido, e deixarão tudo para defendê-lo, para abençoá-lo e amá-lo.

Filhos, ide para o céu com a fé, e toda a Humanidade vos seguirá sem medo e com amor! Sabereis depressa, na prática, o que é o mundo, se a teoria não vos ensinou.

Tudo o que vos foi dito pela prática do verdadeiro cristianismo não é senão a sombra da verdade! O triunfo que vos espera está tanto acima dos triunfes humanos e daqueles de vossos pensamentos, quanto as estrelas do céu estão acima dos erros da Terra!

Oh! quando verão como Tome! Quando terão tocado!... Vós vereis! vós vereis! As paixões vos farão obstáculos, depois elas vos farão socorro, por que serão as boas paixões depois das más paixões.

Pensai em mim, quando fordes partir o meu pão e beber o meu vinho, em vos dizendo que içareis, pela eternidade, a bandeira dos mundos... Oh! sim, dos mundos, porque reunirão passado, o presente e o futuro a Deus.

JESUS.

O jornal publica esta comunicação sem dar informações sobre as circunstâncias nas quais foi obtida; parece, no entanto, que deve ter sido numa festa comemorativa da ceia, ou algum ágape fraternal entre adeptos. Qualquer que o seja, ela leva, na forma e no fundo dos pensamentos, na simplicidade junto à nobreza do estilo, uma marca de identidade que não se poderia desconhecer. Ela atesta, da parte dos assistentes, disposições de natureza a lhes merecer esse favor, e nós não podemos senão felicitá-los por isso. Pode se ver que as instruções dadas na América sobre a caridade e a fraternidade não perdem em nada às que são dadas na Europa; é o laço que unirá os habitantes dos dois mundos.

LIGA INTERNACIONAL DA PAZ

Fomos solicitados a levar ao conhecimento dos leitores da Revista Espírita que as adesões e as subscrições à *Ligue Internationale de la paix* são recebidas na casa dos Srs. Dolfus, Mieg e Cia. tesoureiros da liga, rue Saint-Fiacre n° 9, e no secretariado, rue Roquépine, n° 18, onde se pode igualmente procurar todas as informações e dirigir todas as comunicações. Recebemos, ao mesmo tempo, uma brochura contendo o relatório da primeira assembléia geral, os discursos dos oradores, e diversos documentos úteis para fazerem conhecer o objetivo dessa associação. Ela se encontra na livraria Guillaumin, rue Richelieu, 14, preço, 1 fr.

Deferimos com tanto mais boa vontade o convite que nos é feito, quanto todos os Espíritas são, por princípio, os amigos da paz, e simpatizam com todas as instituições ou projetos tendo por objetivo fazer desaparecer o flagelo da guerra. Sua Doutrina, que conduz à fraternidade universal, fazendo desaparecer os antagonismos de raças, de povos e de cultos, é por ela mesma um poderoso elemento para a paz geral.

NO PRELO

Para aparecer no fim de setembro.

O ESPIRITISMO NA BÍBLIA, ensaio sobre as idéias psicológicas entre os antigos hebreus; por *Henri Stecki,* de São Petersburgo. Brochura de 150 a 200 páginas; formato *do O que é o Espiritismo.*

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO **NO. 10** **OUTUBRO 1868**

MEDITAÇÕES

Por C. TSCHOKKE

(Artigo enviado de São Petersburgo.)

Entre os livros de alta piedade, cujos autores, penetrados das verdadeiras idéias cristãs, tratam todas as questões religiosas e abstratas com um zelo esclarecido, isento de preconceitos e de fanatismo, um daqueles que gozam na Alemanha de uma grande estima, merecida sob todos os aspectos, é, sem contradita, o que tem por título *Heures de piété* (Stunden der Andach), por C. Tschokke, escritor suíço distinto, autor de muitas obras literárias, escritas em língua alemã e muito apreciadas na Alemanha; este livro teve, desde 1815, mais de quarenta edições. Os supostos *ortodoxos,* mesmo protestantes, acham em geral que este livro é muito liberal em suas idéias, em matéria de religião, e que o autor não se apoia muito sobre os dogmas e as decisões dos Concílios; mas os crentes esclarecidos, aqueles que procuram as consolações na religião e desejam adquirir as luzes necessárias para compreender-lhe as verdades, depois de ter lido e meditado, prestarão plena justiça às luzes e à tocante piedade do autor.

Damos aqui a tradução de duas meditações contidas nesse livro notável, porque elas encerram idéias inteiramente espíritas, expostas com justeza perfeita, há mais de cinqüenta anos. Em uma e na outra, se encontram uma definição muito exata e admiravelmente elaborada do *corpo espiritual ou perispírito,* idéias muito sadias e muito lúcidas sobre a *ressurreição e a* pluralidade das existências, através das quais já penetra na luz da sublime doutrina da *reencarnação,* esta pedra angular do Espiritismo moderno.

W. *Foelkner.*

141ª MEDITAÇÃO
Do *nascimento e da morte.*

O nascimento e a morte ambos estão cercados de trevas impenetráveis. Ninguém sabe de onde veio, quando Deus o chamou; ninguém sabe aonde irá quando Deus o chamar. Quem poderia me dizer seja não existi, antes de tomar o meu corpo atual? O que é este corpo que pertence tão pouco ao meu eu, que, durante uma existência de cinqüenta anos, eu não o terei mudado várias vezes como a uma roupa? Não tenho mais a mesma carne e o mesmo sangue que tinha quando amamentava, nos anos de minha juventude e na idade da maturidade; as partes de meu corpo que me pertenceram durante a primeira idade, há muito tempo foram dissolvidas e evaporadas. Só o Espírito resta o mesmo durante todas as variações que sofre o meu envoltório terrestre. Que necessidade tinha eu para a minha existência do corpo que possuia sendo criança? Se

existi antes dele, onde eu estava? E quando estiver desembaraçado de minha roupa atual, onde estarei? Ninguém me responde. Vim aqui como por milagre e é por milagre que desaparecerei. O nascimento e a morte lembram ao homem esta verdade tão freqüentemente esquecida por ele, de que ele se encontra sob o poder de Deus.

Mas essa verdade é ao mesmo tempo um consolo. O poder de Deus, é o poder da sabedoria, o encanto do amor. Se o começo e o fim de minha vida estão envolvidos de trevas, devo pensar que isto deve ser um benefício para mim, como tudo o que vem de Deus é benefício e graça. Quando tudo ao meu redor proclama a sua sabedoria suprema e a sua bondade infinita posso acreditar que as trevas que cercam o berço e o caixão mortuário são as únicas exceções? Pode ser que já vivi uma vez, várias vezes mesmo? Quem conhece os mistérios da natureza dos Espíritos? (1) (1) É preciso lembrar que estas linhas foram escritas cinqüenta anos antes das revelações dos Espíritos recolhidas pelo Espiritismo *(Nota do tradutor.)*

Minha presença sobre a Terra não seria talvez uma fraca imagem da existência eterna? Não vejo já aqui a minha passagem da eternidade na eternidade, como num espelho opaco?

Ousaria me embalar de estranhos pressentimentos? Esta vida seria verdadeiramente uma imagem em miniatura da existência eterna? Que seria seja tive várias existências, se cada uma de minhas existências e uma hora de vigília da infância de meu Espírito, e cada mudança de meu envoltório, de suas relações ou o que se chama morte, uma sonolência, para um despertar com forças novas? É verdade que me é impossível saber quantas vezes e como existi, antes que Deus me tivesse chamado à minha existência atual; mas a criança que amamenta disso sabe mais que eu de suas primeiras existências? Tanto perdeu pois, para não poder se lembrar de seu primeiro riso e de suas primeiras lágrimas? Quando tiver avançado em idade, disso não se lembrará mais, muito certamente, mas saberá o que foi em seus primeiros anos; saberá que sorriu, que chorou, que velou, dormiu, sonhou, tudo como os outros. Se é possível neste mundo, por que seria impossível que um dia, depois de uma viagem mais elevada de meu Espírito imortal, este possa se lembrar e analisar seu caminho percorrido, as circunstâncias diferentes nas quais se encontrou durante sua viagem e nos mundos que habitou? Em que grau de idade estou colocado agora? Assemelho-me ainda à criança que esquece depois de uma hora os acontecimentos da hora precedente e não está em estado de guardar a lembrança de um sonho que, tendo-a levado pelo sono à vida exterior, separou-a da vigília precedente; mas me pareço a uma criança que, no entanto, já sabe reconhecer os seus pais. Esquece os prazeres e os desgostos do momento que passa; mas, a cada despertar, reconhece de novo seus traços queridos. Ocorre assim comigo: reconheço também meu Pai, meu Deus no Todo Eterno. Eu o teria procurado em meus olhares, tê-la-ia chamado, mesmo quando ninguém tivesse me falado Dele; por que a lembrança do Pai celeste é, diz-se, inata em cada homem. Todos os povos guardam esta lembrança, mesmo os mais selvagens, cujas ilhas solitárias, banhadas pelo Oceano, jamais foram abordadas por viajantes civilizados. *Inata,* diz-se; talvez deveria se dizer *herdada,* transportada de uma vida anterior, tudo como a criança reporta de um sonho anterior num sonho posterior, a lembrança de sua mãe.

Mas eu caio nos sonhos! Quem está no estado de aprová-los ou de rejeitá-los? Eles se assemelham às primeiras lembranças, muito vagas e muito fracas, que uma criança tem de alguma coisa que lhe parece ter ocorrido nesses momentos de vigília passados. Nossas mais audaciosas suposições, quando mesmo as cremos verdadeiras, não são senão o reflexo fugidio e confuso de nossos sentimentos datando de um passado esquecido. De resto, não os censuro. Mesmo em as supondo quiméricas, elas levantam o meu Espírito, porque em olhando a nossa vida terrestre como uma hora de uma criança no leite, que vasta e incomensurável perspectiva de eternidade se abre diante de mim! Que será, pois, a juventude mais avançada, a plena maturidade de meu Espírito imortal,

quando tiver ainda muitas vezes velado, sonhado e subido um maior número de degraus da escala espiritual?

O dia da morte terrestre se tornará, então, meu novo dia de nascimento para uma vida mais elevada e mais perfeita, o começo de um sono que será seguido de um despertar mais restaurador. A graça divina me sorrirá com um amor maior do que a afeição com a qual uma mãe terrestre sorri ao seu filho desperto do sono, no momento em que ele abre os olhos.

143ª MEDITAÇÃO
Da Transfiguração após a morte.

Se tenho o direito de burguesia em dois mundos, se pertenço não só à vida terrestre, mas também à vida Espiritual, é bem perdoável, penso, me ocupar às vezes do que me espera nesta última, para a qual um vago ardor me atrai sem cessar... Eu me mantenho inteiramente de boa vontade, em lembrar, com aqueles que me foram caros e que a morte me arrebatou, do que com aqueles que, neste mundo, me enchem de alegria pela sua presença, porque os primeiros não deixaram de existir, embora privados de um corpo material. A destruição de um corpo não conduz à destruição do Espirito. Continuo a vosquerer, meus amigos ausentes, meus caros defuntos! Depois temo não ser mais igualmente o objeto de vossa afeição? Não certamente, nenhum mortal tem o poder de separar os Espíritos reunidos por Deus, do mesmo modo nenhum túmulo tem esse poder.

Embora a sorte que me espera em um outro mundo me esteja oculta, me é permitido, penso, meditar algumas vezes sobre este assunto e tratar de adivinhar, pelo que vejo aqui, o que me poderia me ocorrer lá. Se nos é recusado sobre a Terra ver, devemos tratar de manter em nós a fé que tudo vivifica. -Jesus Cristo falou, freqüentemente, em alegorias elevadas, do estado da alma depois da morte do corpo, e seus discípulos gostavam também de conversar sobre este assunto com seus confidentes, assim como com aqueles que duvidam da possibilidade da ressurreição dos mortos.

A doutrina da ressurreição dos corpos foi uma das mais antigas da religião judaica. Os Fariseus a ensinavam, mas de maneira grosseira e material, pretendendo que todos os corpos enterrados nos túmulos deveriam necessariamente se tornar um dia o envoltório e o instrumento dos Espíritos que os haviam animado durante a vida terrestre, - opinião que foi plenamente refutada por uma outra parte religiosa judaica, os Saduceus. O Cristo, convidado um dia a se pronunciar entre estas duas opiniões contrárias, demonstrou que os dois partidos religiosos judeus tinham chegado, à força de aberrações, a erros inteiramente opostos; que a imortalidade da alma, quer dizer, a continuação de sua existência no outro mundo, ou a ressurreição dos mortos, poderia ter lugar e se produzir infalivelmente, sem dever ser uma ressurreição grosseiramente material dos corpos, providos de todas as exigências e de todos os sentidos terrestres necessários à sua conservação e à sua reprodução. Os Saduceus reconheceram a verdade de suas palavras: "Mestre, respondestes muito bem!" disseram eles. (Luc; cap. XX, *v.* de 27 a 39.)

O que Jesus não discutia publicamente, senão muito raramente em detalhe, deveria ser o assunto de suas conversas íntimas com seus discípulos. Eles tinham a mesma idéia que a sua sobre o estado da alma depois da morte e sobre a doutrina judaica concernente à ressurreição. "Insensatos que sois, disse o apóstolo Paulo, não vedes que o que semeais não retoma da vida, não morre *antes?* E quando semeais, não semeais o corpo da planta que deve nascer, mas unicamente o grão, como o do trigo ou de qualquer outra coisa. O corpo, como uma semente, é agora colocado na terra cheia de corrupção e ele ressuscitará incorruptível. É colocado na terra como um corpo animal e ressuscitará como um corpo *espiritual. Como há um corpo animal, há também um corpo espiritual.* A carne e

o sangue não podem possuir o reino de Deus e a corrupção não possuirá essa herança incorruptível.(1. Cor. cap. XV, *v.* de 37 a 50.)

O corpo humano, composto de elementos terrestres, retornará à terra e entrará nos elementos que compõem os corpos das plantas, dos animais e dos homens. Esse corpo é incapaz de uma vida eterna; sendo corruptível, ele não pode herdar a incorruptibilidade. O *corpo espiritual* nascerá da morte, quer dizer, que o *eu espiritual se* elevará como *transfigurado* acima das partes do corpo ferido pela morte, numa maior liberdade e provido de um *envoltório espiritual.*

Esta doutrina do Evangelho, tal como saiu das revelações de Jesus e de seus discípulos, corresponde admiravelmente com o que sabemos já agora da natureza do homem. É irrecusável que o Espírito ou a alma, além do corpo terrestre, está, em realidade, revestido de um corpo espiritual, o qual, tudo como a reprodução da flor de uma semente apodrecida, se libera para a morte do corpo material.

Diz-se, freqüentemente, por alegoria, que o sono é o irmão da morte; ele o é em realidade. O sono não é senão a retirada do Espirito, ou da alma, *o abandono provisório feito por ele das partes exteriores e mais grosseiras do corpo.* A mesma coisa ocorre no momento da morte. Durante o sono, nessas partes de nosso corpo abandonadas por algum tempo pela nossa personalidade mais elevada, não reside senão a vida vegetal. O homem permanece num estado de insensibilidade, mas seu sangue circula em suas veias, sua respiração continua; todas as funções de sua vida vegetal estão em plena atividade, assemelhando-se às da vida inconsciente das plantas. Essa retirada passageira do elemento espiritual do homem parece de tempos em tempos necessária para o elemento material, porque este último acaba por se destruir, por assim dizer, a si mesmo, por um uso muito prolongado, e se enfraquece ao serviço do Espírito. A vida vegetal abandonada a si mesma, e deixada em repouso pela atividade do Espírito, pode, então, continuar a trabalhar sem entraves pela sua restauração, segundo as leis da Natureza. Eis porque, em seguida a um sono feito em estado de saúde, sentimos nosso corpo como repousado, e nosso Espírito com isto se alegra; mas, depois da morte, a vida vegetal abandona também os elementos materiais do corpo que lhe deviam a sua ligação, e eles se desagregam.

O corpo abandonado pelo Espírito, ou a alma, pode, em certos casos, nos parecer com vida, mesmo quando *a morte verdadeira já se consumou,* quer dizer, quando o *elemento espiritual* já o deixou. O cadáver abandonado de seu Espírito continua a respirar, seu pulso bate; diz-se: "Ele vive ainda." De um outro lado, pode chegar às vezes que a força vital, tendo positivamente abandonado algumas partes do corpo, estas estão verdadeiramente expostas, ao passo que o Espírito e o corpo permanecem unidos nas outras partes do corpo onde ainda reside a força vital.

O sono, um dos maiores segredos da existência humana, merece as nossas observações mais constantes e mais atentas; mas as dificuldades que essas observações apresentam se tornam tanto maiores quanto, para fazê-las, o Espírito observador é forçado a sujeitar-se às leis da natureza material e deixá-la agir, para lhe dar a faculdade de se prestar mais facilmente ao seu uso e às suas experiências. Todo sono é o alimento da força vital. Nela o Espírito não participa em nada, porque o sono é tão completamente independente do Espírito quanto a digestão, a transformação dos alimentos em sangue, o crescimento dos cabelos, ou a separação do corpo dos líquidos inúteis. O estado de vigília é uma consumação da força vital, a sua expansão fora do corpo e a sua ação exterior; o sono é uma assimilação, uma atração dessa força de fora. É porque encontramos o sono não só nos homens e nos animais, mas também nas plantas, que, aproximando-se a noite, formam corolas de suas flores ou deixam pender suas folhas depois de havê-las pregueado.

Qual é, pois, o estado de nosso elemento espiritual, durante a sua retirada de nossos sentidos exteriores? Ele não está mais apto a receber as impressões de fora, pelo

uso de seus olhos, de seus ouvidos, pelo gosto, pelo olfato e pelo toque; mas poder-se-ia dizer que, durante esses momentos, o nosso *nós* se aniquila? Se assim ocorre, nosso corpo recebe cada manhã um *outro* Espírito, uma outra *alma,* no lugar daquela que seria destruída. O Espírito tendo-se retirado de seus sentidos, continua a viver e a agir, embora não podendo se manifestar senão imperfeitamente, tendo renunciado, por algum tempo, aos instrumentos dos quais tem o habito de se servir comumente.

Os sonhos são tantas provas da continuação da atividade do Espírito. O homem desperto lembra-se de ter sonhado, mas essas lembranças, o mais freqüentemente, são vagas ou obscuras pelas vivas impressões que se precipitam subitamente para o Espírito em seu despertar, por intermédio dos sentidos. Se mesmo nesse momento ele ignora de quais visões esteve ocupado durante seu sono, ele conserva, no entanto, no momento de um despertar súbito, a consciência de que sua atenção é destacada por alguma coisa que o tinha preocupado até ali dentro de si mesmo.

O sono se compõe sempre de visões, de desejos e de sentimentos, mas que se formam, de maneira independente, objetos exteriores, uma vez que os sentidos do homem permanecem inativos; é porque raramente deixam uma impressão viva e durável na memória. O Espírito deveria, pois, estar ocupado, embora depois do sono não possamos nos recordar dos resultados de sua atividade. Mas que homem está em estado de se lembrar das milhares dessas visões rápidas que se apresentam ao seu Espírito, mesmo no estado de vigília em tal ou tal hora do dia? Por isso tem o direito de pretender que seu Espírito não teve visões justo no momento em que estava antes de tudo ativo e meditando?

Durante o sono, o Espírito conserva o sentimento de sua existência, tão bem quanto durante seu estado de vigília. Mesmo durante seu sono, ele sabe se distinguir perfeitamente os objetos de sua visões. Cada vez que lembramos de um sonho, achamos que era o nosso próprio eu que, com sentimento muito imperfeito de sua individualidade, flutuava entre as imagens de sua própria fantasia. Podemos esquecer os acessórios dos sonhos que não produziram sobre nós senão uma fraca impressão, e durante as quais nosso Espírito não reagiu fortemente por seus desejos e seus sentimentos; conseqüentemente, poderíamos também esquecer que tínhamos então o sentimento de nossa existência, mas isso não é uma razão de supor que este último tem estado um único momento suspenso, porque dele não nos lembramos mais!

Há homens que, preocupados por graves reflexões, não sabem, mesmo no estado de vigília, o que se passa ao seu redor. Seu Espírito, tendo se retirado das partes exteriores do corpo e dos órgão de seus sentidos, se concentra e não se ocupa senão de si mesmo, e, exteriormente, parecem sonhar ou dormir de olhos abertos. Masquem poderia negar que tenham guardado plenamente o sentimento de sua existência, durante esses momentos de profunda meditação, embora não vejam com seus olhos e ouçam com seus ouvidos? Uma outra prova da *continuação incessante do sentimento de nossa existência e de nossa identidade é* o poder que o homem possui de despertar a si mesmo numa hora por ele fixada antecipadamente.

Por conseqüência, não se pode dizer de um homem mergulhado num sono mais ou menos profundo que perdeu a consciência de si mesmo, quando, ao contrário, ele traz em si mesmo o sentimento de sua existência, mas sem poder manifestá-lo. É justamente o caso dos desmaios, quando o elemento espiritual se retira de si mesmo por efeito de uma perturbação, passageira e parcial, de sua vida vegetal, porque o Espírito foge de tudo o que é morto, e não se prende senão graças à sua força vital, ao que, por si mesma, não é senão matéria inerte. O homem desmaiado não dá nenhum sinal exterior de existência, mas dela não fica privado, não mais do que durante seu sono. Muitas pessoas desmaiadas, do mesmo modo que os dorminhocos, conservam freqüentemente a lembrança de algumas visões que tiveram durante esse estado, que tanto se aproxima do da morte; outros os esquecem. Há desmaios durante os quais todo o corpo permanece

lívido, frio, privado de respiração e de movimento e se parece inteiramente com um cadáver, ao passo que o Espírito, achando-se ainda em comunicação com alguns de seus sentidos, compreende tudo o que se passa ao seu redor, sem poder, como nos casos de catalepsia, dar nenhum sinal exterior de vida e de conhecimento. Quantas pessoas puderam desta maneira ser enterradas vivas, com pleno conhecimento de tudo o que se ordenava para o seu enterramento, por seus parente ou seus amigos enganados por uma fatal aparência! (1)- (1) O célebre fisiologista alemão, o doutor Buchner, publicou em 1859, no n° 349, de *Diedascalia,* jornal científico que aparece em Darmstadt, um artigo sobre o uso do clorofórmio, no final do qual acrescenta estas palavras muito notáveis na boca do autor de *Force et Matière:* " A descoberta do clorofórmio e de seus efeitos extraordinários é não só de uma grande significação para a ciência médica, mas também para duas de nossas principais ciências: a *fisiologia* e, - que com isto não se admire muito, - a *filosofia." O* que leva o doutor materialista a dizer que, mesmo sob o aspecto psicológico, o uso do clorofórmio, tem algum peso, é que os pacientes tendo sido encontrados, durante as operações que sofreram, num estado de semi atordoamento produzido pelo efeito do clorofórmio, várias vezes declararam, depois de seu despertar, que, durante a operação, não tinham sentido nem dor, nem sentimento de angústia ou de medo, mas que cada vez tinham ouvido perfeitamente tudo que se passava e se dizia ao seu redor, sem, no entanto, estar no estado de fazer um movimento qualquer, nem de deslocar um único de seus membros.

Este fato não vem provar positivamente a possibilidade da existência do Espírito fora da matéria, que morre, desde que o Espírito que a vivificava a deixa definitivamente?

O próprio magnetismo também não oferece provas, por assim dizer palpáveis, da existência da alma independente da matéria, e como é tratada pelos sábios e as academias? Em lugar de lhe prestar toda a sua atenção, e se aplicar de estudá-lo seriamente, limitam-se a negá-lo, o que, certamente, é mais cômodo, mas não honra as nossas sábias corporações.

(Nota do tradutor.)

Um outro estado muito notável do homem nos dá a prova da atividade não interrompida do Espírito e de seu conhecimento de si mesmo que não se perde jamais, mesmo quando, em seguida, ele não o lembre mais. É o estado de sonambulismo. O homem adormece em seu sono comum. Ele não ouve, não vê e não sente nada; mas, subitamente, tem o ar de despertar, não de seu sono, *mas em si mesmo.* Ele ouve, mas não com seus ouvidos; ele vê, mas não com seus olhos; ele sente, mas não pela sua epiderme. Ele caminha, fala, faz muitas coisas e preenche várias funções, com o espanto geral dos assistentes, com maior circunspecção e mais perfeição do que em seu estado de vigília. Ele se lembra nesse estado, mui distintamente, dos acontecimentos ocorridos enquanto velava, mesmo aqueles que esquece durante sua vigília, quando se acha de posse de todos os seus sentidos. Depois de permanecer nesse estado, durante algum tempo, o sonâmbulo retoma de novo o sono comum, e quando dele é tirado, não lembra absolutamente nada de tudo o que se passou. Ele esqueceu tudo o que disse e fez, e, freqüentemente, recusa-se a dar fé ao que os espectadores contam dele. Poder-se-ia, no entanto, negar ao seu Espirito o conhecimento de si mesmo, assim como a sua admirável atividade durante o sono sonambúlico? Quem o ousaria? O sonâmbulo, caído de novo no sono, que *constitui seu despertar interior,* se lembra perfeitamente, desse estado incompreensível para si mesmo, de tudo o que fez e pensou antes num estado semelhante, e do qual tinha perdido completamente a lembrança durante o estado de vigília de seus sentidos exteriores.

Como explicar esse fenômeno? Como ocorre que um homem que dorme possa não só ver e ouvir com seus sentidos exteriores inativos, mas isto mais positivamente, mais perfeitamente do que em estado de vigília? Porque sabemos que o corpo não é outra coisa senão o vaso ou o envoltório da alma; que, sem ele, não pode nada sentir, e que o olho de um cadáver vê tão pouco quanto o olho de uma estátua. É, pois, a alma e unicamente a alma que sente, vê e ouve o que se passa fora dela. O olho, o ouvido, etc., não são senão os instrumentos e as disposições favoráveis do envoltório exterior para proporcionar, à alma, as impressões de fora. Mas há circunstâncias nas quais esse envoltório grosseiro, achando-se cansado ou prejudicado, a alma o transporta, por assim

dizer, e continua a sua ação, sem ter para isto necessidade de seus sentidos exteriores. Então, ela reage com um acréscimo de vigor, mas de modo diferente de seu estado comum ou de vigília, contra o que não está morto no homem.

É, pois, bem a alma que é o ser sentindo e não o corpo; por conseqüência, é ela que forma o verdadeiro corpo do Espírito, e o corpo material não é senão o seu vigamento exterior, a *sua cobertura, o seu envoltório.* A experiência e os exemplos inumeráveis nos provam suficientemente que o Espírito jamais perde a sua atividade e a consciência de seu eu, mesmo quando não pode se lembrar minuciosamente cada momento particular de sua existência. Sabendo que o Espírito, absorvido em profundas reflexões, perde de vista seu próprio corpo e tudo o que o cerca; que, em certas doenças, ele pode se encontrar na impossibilidade absoluta de agir sobre as partes exteriores de seu corpo, e pode, algumas vezes, dele prescindir completamente (como no estado de sonâmbulismo), para a execução de seus desígnos, devemos compreender claramente como o Espírito imortal, tendo deixado seu envoltório material e perecível, conserva, depois de sua morte terrestre, a consciência e o sentimento de sua existência, embora se achando fora do estado de poder manifestá-lo aos vivos por intermédio do cadáver, uma vez que este não lhe pertence mais. Compreendemos, ao mesmo tempo, o que é o *corpo espiritual,* do qual fala o apóstolo Paulo; o que devemos entender pelo corpo imperecível que deve renascer do corpo perecível (1 Cor., XV, 4); como a fraqueza se abate e é semeada no túmulo, e como a força se levanta e se lança para o céu, madura para uma vida melhor (1. Cor., XV, 43). Aí está a verdadeira ressurreição da morte, a ressurreição espiritual. O que é pó em nós deve retornar ao pó e às cinzas; mas o Espírito, vestido de um corpo transfigurado, carrega doravante a imagem do céu, tudo como até então tinha levado a imagem da Terra (1. Cor., XV, 49). O corpo terrestre, apodrecendo no túmulo, não sente mais nada, mas também jamais nada sentiu por si mesmo. Era, pois, o corpo espiritual, a alma, que percebia e sentia tudo. Ela continuará também a fazê-lo, livre de seu vaso quebrado, mas somente de maneira infinitamente mais delicada e mais pronta. O Espírito, tendo consciência de si mesmo, em seu envoltório espiritual, poderá, então, tão bem e infinitamente melhor ainda admirar a glória de Deus em suas criações, e possuir, ao mesmo tempo, a faculdade de ver e de amar aqueles que lhe são caros; mas ele não sentirá mais necessidades materiais e sensuais, não terá mais lágrimas. Tornar-se-á a imagem do céu, que é a sua verdadeira pátria.

Que sentirei eu no momento em que tu me chamares a ti, meu Criador, meu Pai! no momento de minha transfiguração, quando, cercado de meus bem-amados chorando ao meu redor e *vendo meus bem amados que me precederam se aproximarem de mim,* eu os bendirei todos com um amor igual! E quando, santificado por Jesus Cristo, participando de seu reino, eu me apresentar diante de ti, ó meu Deus! adorando-te e com o reconhecimento mais vivo, a veneração mais profunda, a admiração sem limites! Que meu Espírito imortal esteja *bastante maduro então para* experimentar essa felicidade suprema! *Amém.*

DOUTRINA DE LAO-TSEU
FILÓSOFO CHINÊS.

Devemos a notícia seguinte à cortesia e ao zelo esclarecido de um de nossos correspondentes de Saigon (Cochinchina).

"No sexto século antes de nossa era, quase ao mesmo tempo, por conseguinte, que Pitágoras, e dois séculos antes de Sócrates e Platão, vivia na província de Lounan, na China, Lao-Tseu, um dos maiores filósofos que jamais existiram. Descendente da mais ínfima origem, Lao-Tseu não teve outros meios de se instruir do que a reflexão e

numerosas viagens. Chegado à idade de mais ou menos cinqüenta anos, seja porque seus discípulos filosóficos desenvolvidos pelo estudo tenham enfim dado seu fruto, seja porque ele haja inconscientemente combinado esse fruto com uma revelação particular, ele escreveu seu livro *Da razão suprema e da virtude,* obra considerada como autêntica, apesar de sua antigüidade, pelos historiadores chineses de todas as seitas, e contanto mais de autoridade quanto, certamente, não foi incluída no incêndio dos livros ordenados pelo imperador Loang-ti, duzentos anos antes da era cristã.

Para maior clareza, dizemos de início o que Lao-Tseu designava pela palavra fãs; era uma denominação dada por ele ao primeiro ser; impossibilitado que estava de chamá-lo por seu nome eterno e imutável, ele o qualificava de seus principais atributos: fãs, razão *suprema.* Parece, à primeira vista, que a palavra chinesa... (Aqui nosso correspondente transcreve essa palavra em caracteres chineses que nosso impressor não pode reproduzir), cuja pronúncia figurada é fãs, com alguma analogia, do ponto de vista fonético, como TMosdosgregos ou o Deus dos latinos, de onde veio nossa palavra D/eu; e, no entanto, ninguém crê que a língua chinesa e a língua grega hajam jamais tido pontos comuns. Aliás, a anterioridade reconhecida da nação e da civilização chinesas basta para provar que essa expressão é um idiotismo chinês (1). (1)É quase supérfluo dizer que a palavra chinesa fãs não tem nenhuma relação de sentido com a palavra francesa fãs, que dela não é senão a pronúncia figurada.

O fãs, ou a razão suprema universal de Lao-Tseu, tem duas naturezas ou modos de ser: o mundo espiritual ou imaterial, e o mundo corpóreo ou material. É a natureza espiritual que é a natureza perfeita; foi dela que o homem emanou; será a ela que deverá retornar em se libertando dos laços materiais do corpo; o aniquilamento de todas as paixões materiais, o afastamento dos prazeres mundanos, são os meios eficazes de se tornar digno dela e de a ela retornar. Mas escutemos o próprio Lao-Tseu falar. Eu me servirei da tradução de Pauthier, sinólogo tão erudito quanto consciencioso. Seus trabalhos sobre a filosofia chinesa e sua doutrina são tanto mais notáveis e isentos de suspeição quanto, morto há muito tempo, ignorava até o nome da Doutrina Espírita.

Na seção vinte e um da razão suprema, Lao-Tseu estabelece uma verdadeira cosmogonia:

"As formas materiais do grande poder criador não são senão as emanações do fãs; foi o fãs que produziu os seres materiais existentes. (Antes) não era senão uma confusão completa, um caos indefinível; era um caos! Uma confusão inacessível ao pensamento humano.

"No meio desse caos, havia um princípio sutil, vivificante; esse princípio sutil, vivificante, era a suprema verdade.

"No meio desse caos, havia seres, mas seres em germes; seres imperceptíveis, indefinidos.

"No meio desse caos, havia um princípio de fé. Desde a antigüidade até os nossos dias, seu nome não desapareceu. Ele examina com cuidado o bom de todos os seres. Mas nós, como conhecemos as virtudes da multidão? Por esse **tas**, essa razão suprema.

"Os seres com formas corpóreas foram formados da matéria primeira, confusa.

"Antes da existência do céu e da Terra, não era senão um silêncio imenso, um vazio incomensurável e sem formas perceptíveis.

"Só, ele existia, infinito, imutável. Ele circulava no espaço sem experimentar nenhuma alteração.

"Pode-se considerá-lo como a mãe do universo; eu, eu ignoro o seu nome, mas o designo por seus atributos, e o digo *Grande, Elevado.*

"Sendo (reconhecido) grande, elevado, eu o chamo: extensão ao longe.

"Sendo (reconhecido) extensão ao longe, eu o chamo: distante, infinito.

"Sendo (reconhecido) distante, infinito, eu o chamo: o que é oposto a mim.

"O homem tem a sua lei na Terra;

"A Terra tem a sua lei no céu;
"O céu tem a sua lei no Ias ou a razão suprema universal;
"A razão suprema tem a sua lei em si mesma."

Em outro lugar, Lao-Tseu disse:

"É preciso se esforçar para chegarão último grau da incorporeidade, para poder conservara maior imutabilidade possível.

"Todos os seres aparecem na vida, e cumprem os seus destinos; nós contemplamos as suas renovações sucessivas. Esses seres materiais se mostram, sem cessar, com novas formas exteriores. Cada um deles retorna à sua origem.

"Retornar à sua origem significa fazer-se em repouso: "Fazer-se em repouso significa prestar seu mandato; "Prestar seu mandato significa tornar-se eterno; "Saber que se torna eterno (ou imortal) significa ser esclarecido;

"Não saber que se torna imortal é estar entregue ao erro e a todas as espécies de calamidades.

"Sabendo-se que se torna imortal contém-se, abarcam-se todos os seres;

"Abarcando todos os seres numa comum afeição, é-se justo, eqüitativo para todos os seres;

"Sendo justo e eqüitativo para todos os seres, possuem-se os atributos do soberano;

"Possuindo os atributos do soberano tem-se da natureza divina; "Tendo da natureza divina chega-se a estar identificado com o tas;

"Estando identificado com a razão suprema universal subsiste-se eternamente; o próprio corpo sendo posto à morte, não se tem a temer nenhum aniquilamento."

Vejamos agora qual é a moral do filósofo chinês.

"O santo homem não tem um coração inexorável; ele faz o seu coração segundo o coração de todos os homens

"O homem virtuoso devemos tratá-lo como um homem virtuoso; o homem vicioso devemos igualmente tratá-lo como um homem virtuoso: Eis a sabedoria e a virtude.

"O homem sincero e fiel devemos tratá-lo como um homem sincero e fiel; o homem não sincero e infiel, devemos igualmente tratá-lo como um homem virtuoso. Eis a sabedoria e a sinceridade."

Essas máximas correspondem ao que nós chamamos *indulgência e caridade; o* Espiritismo, em nos mostrando que o progresso é uma lei da Natureza, precisa melhor esse pensamento em dizendo que é preciso tratar o homem vicioso como podendo e *devendo* um dia, eem conseqüência de suas existências sucessivas, tornar-se virtuoso, do que devemos lhe forneceres meios, em lugar de relegá-lo entre os párias da condenação eterna, e em pensando que nós mesmos talvez tenhamos sido piores do que ele.

Toda a doutrina de Lao-Tseu respira a mesma mansidão, o mesmo amor pelos homens, unidos a uma elevação extraordinária de sentimentos. Sua sabedoria se revela, sobretudo, na passagem seguinte, na qual ele reproduz o célebre axioma da sabedoria antiga: *Conhece-te a ti mesmo,* sem que tenha tido conhecimento da fórmula de Tales:

"Aquele que conhece os homens é instruído;

"Aquele que se conhece a si mesmo é verdadeiramente esclarecido.

"Aquele que subjuga os homens é poderoso;

"Aquele que se doma a si mesmo é verdadeiramente forte.

"Aquele que realiza as obras difíceis e meritórias deixa uma lembrança durável na memória dos homens.

"Aquele que não dissipa sua vida é imperecível;

"Aquele que morre e não é esquecido tem uma vida eterna."

É certo, assim como faz notar o eminente tradutor, que não se encontrou no Grego, antes de Aristóteles, uma seqüência de sorites tão longamente seguidas. Quanto aos

próprios princípios, eles constituem, seguramente, uma doutrina, e se é verdade que ela nada tem de incompatível com o que a razão admite, por que não seria tão boa quanto outras que sustentam apenas a discussão? "A verdadeira religião, diz-se, necessária à salvação, deveu começar com o gênero humano;" ora, uma vez que é essencialmente *una,* como a verdade, como Deus, a religião primitiva já era o Cristianismo, do mesmo modo que o Cristianismo, desde ü Evangelho, é a religião primitiva consideravelmente desenvolvida.

Não se vêem expostos, nesta série de ensinos, os próprios princípios que servem de base ao Espiritismo, com, no entanto, em um único ponto, a leve tendência panteísta da não distinção, ou antes da identificação da criatura santificada com o Criador? tendência que, se ela é viciosa, pode dever-se à influência do meio onde vivia o filósofo Lao-Tseu, em uma muito longa seqüência talvez, dada a essa notável cadeia de argumentos, ou, enfim, à imperfeita interpretação feita por nós de seu próprio pensamento.

Se, pois, assim como está averiguado, Lao-Tseu recolocado, pelos séculos, entre essas vozes poderosas de sabedoria e de razão, que as leis providenciais e naturais das sociedades humanas fazem surgir em certas épocas, para protestar energicamente contra um estado de dissolução social, e conduzir os espíritos aos destinos eternos do gênero humano; se a sua doutrina pode ser a base da verdadeira religião, a qual, assim como o vimos, sendo necessária à salvação, ela deveu existir de todos os tempos. Uma vez que os princípios filosóficos do Espiritismo não são, em substância, senão os de Lao-Tseu, não se pode considerar a verdade da Doutrina Espírita como estando provada, moralmente, fora dos ensinos do Cristo?

Nota. -Como se vê, os Chineses não são inteiramente tão bárbaros quanto se o crê geralmente; eles são de longa data nossos primogênitos em civilização, e, alguns dentre eles, serviram de exemplos a mais de um de nossos contemporâneos em fato de filosofia. Como ocorre, pois, que um povo que teve sábios como Lao-Tseu, Confúcio e outros, tenha ainda costumes tão pouco em harmonia com tão belas doutrinas? Poder-se-ia disto dizer igualmente de Sócrates, Platão, Solon, etc., com relação aos Gregos; do Cristo, cujos preceitos estão longe de ser praticados por todos os cristãos.

Os trabalhos desses homens, que aparecem de vez em quando entre os povos, como meteoros da inteligência, jamais são estéreis; são sementes que ficam durante longos anos no estado latente, que não aproveitam senão a algumas individualidades, mas que as massas são incapazes de assimilar. Os povos são lentos em se modificar, até o momento em que um abalo violento venha tirá-los de seu torpor.

Há que se notar que a maioria dos filósofos pouco se ocupa em pôr em prática as suas idéias; inteiramente no trabalho da concepção e da elaboração eles não têm nem o lazer, nem às vezes mesmo a aptidão necessária para a execução daquilo que concebem. Esse cuidado incumbe a outros que nele penetram, e são freqüentemente esses mesmos trabalhos, habilmente postos em execução, que servem, ao cabo de vários séculos, para movimentar os povos e esclarecê-los.

Poucos Chineses, à parte alguns letrados, sem dúvida, conhecem Lao-Tseu; hoje que a China está aberta às nações ocidentais, não haveria nada de impossível em que estas contribuíssem para vulgarizar os trabalhos do filósofo em seu próprio país; e quem sabe se os pontos de contato que existem entre a sua doutrina e o Espiritismo não serão um dia um traço de união para a aliança fraterna das crenças? O que é perfeitamente certo, é que quando todas as religiões reconhecerem que elas adoram o mesmo Deus sob nomes diferente, elas lhe concederão os mesmos atributos de soberanas bondade e justiça; elas não se diferenciarão senão pela forma da adoração, os antagonismos religiosos cairão. É a este resultado que o Espiritismo deve chegar.

FUNERAIS DA SENHORA VICTOR HUGO.

A senhora Victor Hugo, morta em Bruxelas, foi trazida de novo para a França para ser enterrada, em 30 de agosto último, em Villequiers (Seine-lnférieure), junto de sua filha e de seu genro. O Sr. Victor Hugo acompanhou-a até a fronteira. Sobre o túmulo, o Sr. Paul Meurice pronunciou as seguintes palavras:

"Eu gostaria somente de dizer-lhe adeus por todos nós.

"Sabeis bem, vós que a cereais - pela última vez! - o que era, - o *que é* esta alma tão bela e tão doce, este adorável espírito, este grande coração.

"Ah! este grande coração sobretudo! Como ela amava amar! como ela amava ser amada! como ela sabia sofrer com aqueles que amava!

"Ela era a mulher do maior homem que há, e, pelo coração, se elevava a esse gênio. Igualava-o quase, à força de compreendê-lo.

"E é preciso que ela nos deixe! é preciso que a deixemos!

"Ela já, ela reencontrou o que amar. Ela reencontrou seus dois filhos, aqui - e lá (mostrando o túmulo de sua filha e o céu.)

"Victor Hugo disse-me na fronteira, ontem à noite: *"dizei à minha filha que, em me esperando, eu lhe envio sempre a sua mãe."* Foi dito, e *creio que foi ouvido."*

"E agora, adeus, pois! adeus pelos presentes! adeus pelos ausentes! adeus nossa amiga! adeus nossa irmã!

"Adeus, mas até breve!"

O Sr. Paul Foucher, irmão da senhora V. Hugo, na carta que escreveu na *France, para* dar conta da cerimônia, termina com estas palavras: "Nós nos separamos desolados, mas calmos e persuadidos mais do que nunca de que o desaparecimento de um seré um encontro dado para ele em hora indefinida."

Nesta ocasião, cremos dever lembrar a carta do Sr. Victor Hugo ao Sr. Lamartine, quando da morte da mulher deste último, em data de 23 de maio de 1863, e que a maioria dos jornais da época reproduziu.

"Caro Lamartine,

"Uma grande infelicidade vos fere, tenho necessidade de colocar o meu coração perto do vosso. Eu venerava aquela que amáveis. Vosso alto espírito vê além do horizonte; percebeis distintamente a vida futura.

"Não é a vós que é necessário dizer: esperai. Sois daqueles que sabem, e que esperam.

"Ela é sempre a vossa companheira, invisível, mas presente. Perdestes a mulher, mas não a alma. Caro amigo, vivamos nos mortos.

"Tuus
"VICTOR HUGO."

As palavras pronunciadas pelo Sr. Victor Hugo, e o que ele escreveu em muitas circunstâncias, provam que ele crê, não só nessa vaga imortalidade à qual, com bem poucas exceções, todo o gênero humano crê, mas nessa imortalidade nitidamente definida, que tem um objetivo, satisfaz à razão e dissipa a incerteza sobre a sorte que nos espera; que nos representa as almas ou Espíritos daqueles que deixaram *a* Terra como seres concretos, individuais, povoando o espaço, vivendo em nosso meio com a lembrança daquilo que fizeram neste mundo, beneficiando-se do progresso intelectual e moral realizado, conservando suas afeições, testemunhas invisíveis de nossas ações e de nossos sentimentos, comungando pensamentos com aqueles que lhes são caros; em uma palavra, nessa imortalidade consoladora que enche o vazio deixado pelos ausentes, e pela qual se perpetua a solidariedade entre o mundo espiritual e o mundo corpóreo. Ora, aí está sobretudo o Espiritismo. O que lhe acrescenta? a prova material daquilo que

não era até ele senão uma sed utora teoria. Enquanto certas pessoas chegaram a esta crença pela intuição e o raciocínio, o Espiritismo partiu do fato e da observação.

Sabe-se em conseqüência de que dolorosa catástrofe, o Sr. Victor Hugo perdeu sua filha e seu genro, o Sr. Charles Vacquerie, em 4 de setembro de 1843. Eles iam por barco a vela, de Villequiers a Caudebec, em companhia do tio do Sr. Vacquerie, antigo marinheiro, e de um filho de dez anos. Um golpe de vento fez soçobrar a embarcação, e todos os quatro pereceram.

O que de mais significativo, de um cunho mais profundo e mais justa idéia da imortalidade do que estas palavras: *dizei à minha filha que em me esperando, eu lhe envio sempre a sua* mãe! Que calma, que serenidade, que confiança no futuro! Não se diria sua filha simplesmente partida para uma viagem, à qual fez dizer: "Envio-te tua mãe em esperando que vá vos reencontrar?" Quanta consolação, força e esperança não se haure nesta maneira de compreender a imortalidade! Não é mais a alma perdida no infinito, que a própria certeza de sua sobrevivência não deixa nenhuma esperança de reencontrar; deixando para sempre a Terra e aqueles que ela amou, que ela esteja nas delícias da beatitude contemplativa ou nos tormentos eternos do inferno, a separação é eterna. Compreende-se o amargor dos desgostos com uma tal crença; mas, para esse pai, sua filha está sempre lá; ela receberá a sua mãe ao sair de seu exílio terrestre, e ouve as palavras que lhe faz dirigir!

Quem a isto chegou é Espírita, porque, se quiser refletir seriamente, não pode escapar a todas as conseqüências lógicas do Espiritismo. Aqueles que repelem esta qualificação é porque não conhecem do Espiritismo senão os ridículos quadros da crítica zombeteira, e dele fazem uma falsa idéia. Se se dessem ao trabalho de estudá-lo, de analisá-lo, de sondar-lhe a importância, estariam felizes, ao contrário, por encontrar idéias que fazem a sua felicidade, uma sanção capaz de afirmar a sua fé. Eles não diriam mais unicamente: "Creio porque isso me parece justo," mas: "Creio porque compreendo."

Coloquemos em paralelo os sentimentos que animaram o Sr. Victor Hugo nesta circunstância, e em todas aquelas em que o seu coração recebeu semelhantes feridas, a definição da imortalidade que deu o *Fígaro,* de 3 de abril de 1868, sob a rubrica de: *Dicionário do Figaro:*

IMORTALIDADE, *conto de enfermeiros, para tranqüilizar seus clientes.*

EFEITO MORALIZADOR DA REENCARNAÇÃO.

O *Figaro,* de 5 de abril de 1868, o mesmo jornal que, dois dias antes, publicava esta definição da imortalidade: *"Conto de enfermeiros, para tranqüilizar seus clientes,"* e a carta reportada no artigo precedente, continha o seguinte artigo:

"O compositor E... crê firmemente na migração das almas. Ele conta de boa vontade que foi, nos séculos anteriores, escravo grego, depois palhaço e compositor italiano célebre, mas ciumento e impedindo seus confrades de produzirem...

" - Disso sou muito punido hoje, acrescenta com filosofia, cabe a meu turno ser sacrificado aos outros e de me ver barrar os caminhos!

"Esta maneira de se consolar vale bem uma outra."

Esta idéia é do puro Espiritismo, porque, não só é o princípio da pluralidade das existências, mas o da expiação do passado, pela pena de talião, nas existências sucessivas, segundo a máxima: "É-se punido por onde se pecou." Esse compositor se explica, assim, as suas tribulações; delas se consola pelo pensamento que não tem senão o que merece; a conseqüência deste pensamento é que, para não merecê-lo de novo, é de seu próprio interesse procurar se melhorar; isto não vale mais do que estourar os miolos com um tiro, ao que o conduziria logicamente o pensamento do nada?

Esta crença é, pois, uma causa poderosa e muito natural de moralização; ela é surpreendente para a atualidade e o fato material das misérias que se suporta, e que, por falta de se poder explicá-las são colocadas à conta da fatalidade ou da injustiça de Deus; ela é compreensível para todo o mundo, para a criança e para o homem mais iletrado, porque não é nem abstrata nem metafísica; não há ninguém que não compreenda que se pode já ter vivido.e que se já se viveu, pode-se reviver ainda. Uma vez que não é o corpo que pode reviver, é a sanção mais patente da existência da alma, de sua individualidade e de sua imortalidade.

É, pois, para popularizá-la que devem tender os esforços de todos aqueles que se ocupam seriamente da melhoria das massas; é para eles uma poderosa alavanca com a qual farão mais do que pela idéia dos diabos e do inferno, dos quais hoje se riem.

Como ela está na ordem do d ia, germina de todos os lados, a sua lógica a faz aceitar facilmente, ela abre muito naturalmente aos Espíritas uma porta para a propagação da Doutrina. Que se liguem, pois, a esta idéia, da qual ninguém ri, que é aceita pelos pensadores mais sérios, e conduzirão mais prosélitos por esse caminho do que pelas manifestações materiais. Uma vez que é hoje a corda sensível, é a que é preciso atacar, e quando ela tiver vibrado, o resto virá por si mesmo. Àqueles, pois, que só o nome do Espiritismo assusta, dele não faleis; falai da pluralidade das existências, dos numerosos escritores que preconizam essa idéia; falai também, aos aflitos sobretudo, como o fez Victor Hugo, da presença ao nosso redor de seres queridos que perdemos; eles vos compreenderão, e, mais tarde, ficarão muito surpresos de ser Espíritas sem disto terem desconfiado.

UMA PROFISSÃO DE FÉ MATERIALISTA

O *Figaro,* de 3 de abril de 1868, continha a carta seguinte a propósito dos debates que ocorreram por esta época no Senado, a proposta de certas lições professadas na Escola de medicina.

"Paris, 2 de abril de 1868.

"Senhor redator,

"Um erro que me concerne escapou na última conversa do doutor Flavius. Eu não assisti à lição de abertura do Sr. Sée, no ano último, e não tinha por conseqüência nenhum direito a um papel nesse assunto. De resto, é um erro na forma e não no fundo; mas a cada um os seus atos. É preciso substituir o meu nome pelo do meu amigo Jaclard, o que não crê mais do que eu na alma imortal. E, verdadeiramente dizendo, não vejo mais em todo o Senado senão o Sr. Sainte-Beuve que ousou, se for possível, nos confiarocuidadode seus molares ou da direção de seu tubo digestivo.

"E, uma vez que tenho a palavra, permite-me ainda uma palavra. É preciso acabar com uma brincadeira que começa a se tornar irritante, além do que ela tem um ar de recuo. A Escola de medicina, disse o doutor Flavius, mais forte em parto do que em filosofia, não *é* nem ateia nem materialista; ela é positivista.

"Mas, em verdade, o que é o positivismo senão um ramo dessa grande escola materialista que vai de Aristóteles e de Epicuro até Bacon, até Dederot, até Virechow, Moleschoff e Büchner, sem contar os contemporâneos e compatriotas que não nomeio - e por causa disto.

"A filosofia de A. Comte teve a sua utilidade e a sua glória num tempo em que o Cousinismo reinava dominante. Hoje que a bandeira do materialismo foi levantada na Alemanha por nomes ilustres, na França por pessoas jovens no número das quais tenho o

orgulho e a pretensão de me contar, é bom que o positivismo reentre no papel modesto que lhe convém. Sobretudo, é bom que não afete por maior tempo, a respeito do materialismo, seu mestre e seu ancestral, um desdém ou reticências que são pelo menos inoportunas.

"Recebei, senhor redator, a certeza de minha distinta consideração.

"A. REGNARD,

"Antigo interno dos hospitais."

O materialismo, como se vê, tem também seu fanatismo; há alguns anos somente não teria ousado se ostentar tão audaciosamente; hoje ele sustenta abertamente o desafio ao espiritualismo, e o positivismo não é mais bastante radical a seus olhos; ele tem suas manifestações públicas e publicamente ensinou à juventude; além do mais tem o que censura nos outros, a intolerância que vai até à intimidação. Que se imagine o estado social de um povo imbuído de semelhantes doutrinas!

Esses excessos, no entanto, têm a sua utilidade, a sua razão de ser; eles assustam a sociedade, e o bem sai sempre do mal; é preciso o excesso do mal para fazer sentir a necessidade do melhor, sem isto o homem não sairia de sua inércia; ele permaneceria impassível diante de um mal que se perpetuaria em favor de sua pouca importância, ao passo que um grande mal desperta a sua atenção e o faz procurar os meios de remediá-lo. Sem os grandes desastres chegados no começo das estradas de ferro, e que assustaram, os pequenos acidentes isolados, passando quase desapercebidos, ter-se-iam negligenciado as medidas de segurança. Assim ocorre no moral como no físico: quanto mais os abusos são excessivos mais o fim deles se aproxima.

A causa primeira do desenvolvimento da incredulidade está, como dissemos muitas vezes, na insuficiência das crenças religiosas, em geral, para satisfazer a razão, e em seu princípio de imobilidade que lhe proíbe toda concessão sobre seus dogmas, mesmo diante da evidência; se, em lugar de permanecerem atrasadas, elas tivessem seguido o movimento progressivo do espírito humano, em se mantendo sempre ao nível da ciência, é verdade que elas diferenciariam um pouco do que eram do princípio, como um adulto difere da criança no berço, mas a fé, em lugar de se extinguir, teria aumentado com a razão, porque ela é uma necessidade para a Humanidade, e elas não teriam aberto a porta à incredulidade que vem solapar o que dela resta; elas colhem o que semearam

O materialismo é uma conseqüência da época de transição em que estamos; não é um progresso, muito longe disto, mas um instrumento de progresso. Ele desaparecerá em provando a sua insuficiência para a manutenção da ordem social, e para a satisfação dos espíritos sérios que procuram o porquê de cada coisa; para isto seria preciso que se o visse em obra. A Humanidade, que tem necessidade de crer no futuro, jamais se contentará com o vazio que lhe deixa depois dele, e procurará alguma coisa melhor para enchê-lo.

PROFISSÃO DE FÉ SEMI-ESPÍRITA.

Em apoio às reflexões contidas no artigo precedente, reproduziremos com prazer a carta seguinte, publicada pela *PetitPresse,* de 20 de setembro de 1868.

"Lês Charmettes, setembro de 1868. "Meu caro Barlatier, "Sabeis a canção:

Quando se é Basco e bom cristão...

"Sem ser Basco, sou bom cristão, e o cura de minha aldeia, que comeu ontem minha sopa de couves, permitiu-me vos contar a nossa conversa.

"-Ides, pois, disse-me ele, retomar o Re/ *Hen ri?-Janio* com maior boa vontade, respondi, quanto *vivi naquele tempo.-Meu* digno cura deu um pulo.

"Então lhe dei parte de minha convicção de que tínhamos já vivido e de que viveremos ainda. Nova exclamação do bravo homem. Mas, enfim, ele me concede que as crenças cristãs não excluem esta opinião, e me deixa seguir o meu rumo.

"Ora, meu caro amigo, crede bem que não quis me divertir com a candura de meu cura, e de que esta convicção da qual falo está fortemente enraizada em mim. Já vivi sobea Ligue, sob Henri III e Henri IV. Quando eu era criança, minhas avós me falavam de Henri IV e me narravam de um bom homem que eu não reconhecia totalmente, um monarca grisalho, escondido numa gola pregueada, devotado ao excesso e não tendo jamais ouvido falar da Belle Gabrieíle. Era o do pai Péréfixe. O do Henri IV que conheci, batalhador, amável, leviano, um pouco descuidado, é o verdadeiro; é o que já contei, o que vos contarei ainda.

"Não riais. Quando vim a Paris pela primeira vez, reconheci-me por toda a parte nos velhos quarteirões e tenho uma vaga lembrança de me ter achado na rua da Ferronnerie, no dia em que o povo perdeu seu bom rei, o que tinha querido que cada Francês colocasse a galinha na panela no domingo. O que eu era naquele tempo? Pouca coisa, sem dúvida, um cadete de Provence ou de Gascogne; mas se eu tivesse estado nas guardas de meu herói, isto não me espantaria.

"Com desejo de revê-lo logo, pois, meu primeiro folhetim da *Seconde Jeunese du roiHenri,* e crede-me

"À disposição,
"PONSON DU TERRAIL"

Quando o Sr. Ponson du Terrail lançava o ridículo ao Espiritismo, ele não desconfiava, e talvez não desconfie ainda hoje, que uma das bases fundamentais desta Doutrina é precisamente a crença da qual faz uma profissão de fé tão explícita. A idéia da pluralidade das existências e da reencarnação, evidentemente, ganha a literatura, e não nos surpreenderíamos que Méry, que se lembrava tão bem do que havia sido, não tenha despertado, em mais de um de seus confrades, lembranças retrospectivas, e não seja, entre eles, o primeiro iniciador do Espiritismo, porque o lêem, ao passo que não lêem os livros espiritas. Ali encontram uma idéia racional, fecunda, e a aceitam.

A *Petite-Presse* publica neste momento, sob o título de Sr. *Médard,* cujo dado é todo espírita; é a revelação de um crime pelo aparecimento da vítima em condições muito naturais.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS.

INFLUÊNCIA DOS PLANETAS SOBRE AS PERTURBAÇÕES DO GLOBO TERRESTRE.

Extraímos o que se segue de uma carta que nos foi dirigida de Santa Fé de Bogotá (Nova Granada), por um de nossos correspondentes, o Sr. doutor Ignacio Pereira, médico, cirurgião, membro fundador do Instituto homeopático dos Estados Unidos de Colômbia:

"Há três anos que, pela mudança das estações, em nosso país, a deverão, tendo se tornado muito longa, sobrevieram a algumas plantas doenças inteiramente desconhecidas em nosso país; as batatas inglesas foram atacadas da gangrena seca e, pelas observações microscópicas que fiz nas plantas atingidas dessa doença, reconheci que ela é produzida por um parasita vegetal chamado *perisporium solani.* Há três anos nosso globo tem sido vítima de desastres de todas as espécies; as inundações, as epidemias, as epizootias, a fome, os furacões, as comoções do mar, os tremores de terra têm, alternativamente, assolado diversos países.

"Sabendo que quando um cometa se aproxima da Terra, as estações se desregularizam, pensei que esses astros poderiam, igualmente, produzir uma ação sobre os seres orgânicos, ocasionar perturbações climatéricas, causas de certas doenças, e talvez influir sobre o estado físico do globo, pela produção de fenômenos diversos.

"O espírito de meu irmão que interroguei a esse respeito, limitou-se a me responder que nisso não é um cometa que age, mas o planeta Júpiter que, a cada quarenta anos, está em seu período de maior aproximação da Terra, recomendando-me para não prosseguir este estudo sozinho.

"Preocupado com sua resposta, estudei a crônica de quarenta anos atrás, e achei que, então, as estações foram irregulares como hoje, nos países; sobreveio ao trigo a doença conhecida sob o nome de *anublo;* houve também pestes sobre os homens e sobre os animais; tremores de terra que causaram grandes desastres.

"Esta questão me parece importante; é porque, se julgais a propósito submetê-la aos Espíritos instrutores da Sociedade Parisiense dos Estudos Espíritas, eu vos seria muito reconhecido de me fazer conhecer a sua opinião."

RESPOSTA
(Paris, 18 de setembro de 1868.)

Não há, na Natureza, um fenômeno, de tão pouca importância que seja, que não seja regulado pelo exercício das leis universais que regem a criação. Ocorre o mesmo nos grandes cataclismos, e se males de todas as espécies maltratam a Terra em certas épocas, é não somente porque é necessário que assim seja, em razão de suas conseqüências morais, mas é também porque a influência dos corpos celestes uns sobre os outros, as reações compostas de todos os agentes naturais, devem fatalmente trazer um tal resultado.

Estando tudo submetido a uma série de leis, eternas como a que os criou, uma vez que não poderia remontará sua origem, não há um fenômeno que não esteja submetido a uma lei de periodicidade, ou de série, que lhe provoca o retorno em certas épocas, nas mesmas condições, ou em seguindo, como intensidade, uma lei de progressão geométrica, crescente ou decrescente, mas contínua. Nenhum cataclismo pode nascer espontaneamente, ou, se seus efeitos parecem tais as causas que o provocam são postas em ação desde um tempo mais ou menos longo. Não são, pois, espontâneas senão em aparência, u ma vez que delas não há nenhuma que não seja preparada de longa data, e que não obedeça a uma lei constante.

Partilho, pois, inteiramente da opinião expressa pelo Espírito de Jenaro Pereira, quanto à periodicidade das irregularidades das estações; mas quanto à sua causa, ela é mais complexa do que se supôs.

Cada corpo celeste, além das leis simples que presidem à divisão dos dias e das noites, das estações, etc., sofre revoluções que necessitam dos milhares de séculos para o seu perfeito cumprimento, mas que, como as revoluções mais breves, passam por todos os períodos, desde o nascimento até um auge de efeito, depois do qual há decrescimento até ao último limite, para recomeçar em seguida a percorrer as mesmas fases.

O homem não abarca senão as fases de uma duração relativamente curta, e da qual pode constatar a periodicidade; mas há as que compreendem longas gerações de seres, e mesmo de sucessão de raças, cujos efeitos, por conseguinte, têm para ele as aparências da novidade e da espontaneidade, ao passo que, se seu olhar pudesse se levar a alguns de séculos atrás, ele veria, entre esses mesmos efeitos e suas causas, uma correlação que ele não supõe mesmo. Esses períodos, que confundem a imaginação

dos humanos pela sua extensão relativa, no entanto, não são senão instantes na duração eterna.

Lembrai-vos do que disse Galileu, em seus estudos uranográficos e tivestes o feliz pensamento de intercalar em vossa Gênese, sobre o tempo, o espaço e a sucessão indefinida dos mundos, e compreendereis que a vida de uma ou de várias gerações, com relação ao conjunto, é como uma gota d'água no Oceano. Não vos admireis, pois, de não poder agarrar a harmonia das leis gerais que regem o universo; o que quer que façais, não podeis ver senão um pequeno canto do quadro, é porque tantas coisas vos parecem anormais.

Num mesmo sistema planetário, todos os corpos que dele dependem reagem uns sobre os outros; todas as influências físicas aí são solidárias, e não há um único dos efeitos que designais sob o nome de grandes perturbações, que não seja a conseqüência do componente das influências de todo esse sistema. Júpiter tem as suas revoluções periódicas como todos os outros planetas, e essas revoluções não são sem influência sobre as modificações das condições físicas terrestres; mas seria um erro considerá-las como a causa única ou preponderante dessas modificações. Elas intervém por uma parte, como as de todos *os* planetas do sistema, como os próprios movimentos terrestres intervém para contribuir para modificar as condições dos mundos circunvizinhos. Vou mais longe: digo que os sistemas reagem uns sobre os outros, em razão da aproximação ou do afastamento que resulta de seu movimento de translação através das miríades de sistemas que compõem a nossa nebulosa. Vou mais longe ainda: digo que a nossa nebulosa, que é como um arquipélago na imensidade, tendo também o seu movimento de translação através das miríades de nebulosas, sofre a influência daquelas das quais se aproxima. Assim, as nebulosas reagem sobre as nebulosas, os sistemas reagem sobre os sistemas, como os planetas reagem sobre os planetas, como os elementos de cada planeta reagem uns sobre os outros, e, assim, cada vez mais até o átomo; daí, em cada mundo, as revoluções locais ou gerais, que não parecem perturbações senão porque a brevidade da vida não permite ver os seus efeitos parciais.

A matéria orgânica não poderia escapar a essas influências; as perturbações que ela sofre podem, pois, alterar o estado físico dos seres vivos, e determinar algumas dessas doenças que maltratam de maneira geral sobre as plantas, os animais e os homens; essas doenças, como todos os flagelos, são para a inteligência humana um estimulante que a leva, pela necessidade, *à* procura dos meios de combatê-las, e à descoberta das leis da Natureza.

Mas a matéria orgânica reage, a seu turno, sobre o espírito; este, por seu contato e sua ligação íntima com os elementos materiais, sofre também influências que modificam as suas disposições, sem, no entanto, tirar-lhe seu livre arbítrio, superexcitam ou abrandam a sua atividade, e, por isto mesmo, contribuem ao seu desenvolvimento. A efervescência, que se manifesta às vezes em toda uma população, entre os homens de uma mesma raça, não é uma coisa fortuita, nem o resultado de um capricho; ela tem a sua causa nas leis da Natureza. Essa efervescência, de início inconsciente, que não é senão um vago desejo, uma aspiração indefinida por alguma coisa de melhor, um desejo de mudança, se traduz por uma surda agitação, depois por atos que preparam as revoluções morais, as quais, crede-o bem, têm também a sua periodicidade, como as revoluções físicas, porque tudo se encadeia. Se a vida espiritual não estivesse circunscrita pelo véu material, verieis essas correntes fluídicas que, como milhares de fios condutores, ligam as coisas do mundo espiritual e do mundo material.

Quando se vos disse que a Humanidade chegou a um período de transformação, e que a Terra deve se elevar na hierarquia dos mundos, não vejais nessas palavras nada de místico, mas, ao contrário, o cumprimento de uma das grandes leis fatais no universo contra as quais toda má vontade humana se quebra.

Eu diria, em particular, ao Sr. Ignácio Pereira: Estamos longe de vos convidar a renunciar aos estudos que fazem parte de vossa futura bagagem intelectual; mas compreendeis, sem dúvida, que esses conhecimentos devem ser, como todos os outros, o fruto de vossos trabalhos e não o de nossas revelações. Podemos vos dizer: Fazeis rota falsa, e mesmo vos designar o verdadeiro caminho, mas pertence à vossa iniciativa levantar os véus dos quais estão ainda envolvidas as manifestações naturais que, até aqui, escaparam às vossas investigações, e de descobrir as leis pela observação dos fatos; observai, analisai, classificai, comparai, e da correlação dos fatos deduzireis, mas não vos apressais em concluir de maneira absoluta.

Eu terminarei em vos dizendo: Em todas as vossas pesquisas, tomai exemplo sobre as leis naturais, elas são todas solidárias entre si; e é esta solidariedade de ações que produz a imponente harmonia de seus efeitos. Homens, sede solidários, e avançareis harmonicamente para o conhecimento da felicidade e da verdade.

F.ARAGO.

Permiti-me acrescentar algumas palavras, como complemento, à comunicação que vem de vos dar o eminente Espírito de Arago.

Sim, certamente, a Humanidade se transforma como já se transformou em outras épocas, e cada transformação é marcada por uma crise que é, para o gênero humano, o que são as crises de crescimento para os indivíduos; crises freqüentemente penosas, dolorosas, que carregam com elas as gerações e as instituições, mas sempre seguidas de uma fase de progresso material e moral.

A Humanidade terrestre, chegada a um de seus períodos de crescimento, está em pleno, há um século, no trabalho da transformação; é porque ela se agita por todas *as* partes, presa de uma espécie de febre e como movida por uma força invisível, até que ela tenha retomado a sua situação sobre novas bases. Quem a vir, então, encontra-la-á muito mudada em seus costumes, seu caráter, suas leis, suas crenças, em uma palavra, em todo o seu estado social.

Uma coisa que vos parecerá estranha, mas que por isso não é menos uma rigorosa verdade, é que o mundo dos Espíritos que vos cerca sofre o contragolpe de todas as comoções que agitam o mundo dos encarnados; digo mais: nele toma uma parte ativa. Isto nada tem de surpreendente para quem sabe que os Espíritos não fazem senão um com a Humanidade; que dela saem e que nela devem reentrar; é, pois, natural que se interessem pelos movimentos que se operam entre os homens. Ficai, pois, certos de que, quando uma revolução social se realiza sobre a Terra, ela movimenta igualmente o mundo invisível; todas as paixões boas e más ali são superexcitadas como entre vós; uma indizível efervescência reina entre os Espíritos que ainda fazem parte de vosso mundo e que esperam o momento de nele reentrar.

À agitação dos encarnados e dos desencarnados se juntam às vezes, e freqüentemente mesmo, porque tudo se mantém na Natureza, as perturbações dos elementos físicos; é então, por um tempo, uma verdadeira confusão geral, mas que passa como um furacão, depois do qual o céu volta a se tornarsereno, e a Humanidade, reconstituída sobre novas bases, imbuída de novas idéias, percorre uma nova etapa de progresso.

É no período que *se* abre que se verá o Espiritismo florir, e que ele dará os seus frutos. É, pois, para o futuro, mais do que para o presente, que trabalhais; mas era necessário que esses trabalhos fossem elaborados antes, porque preparam os caminhos da regeneração pela unificação e a racionalidade das crenças. Felizes aqueles que os aproveitam desde hoje, será para eles tantos ganhos e dificuldades poupadas.

Doutor BARRY.

VARIEDADES

BELO EXEMPLO DE CARIDADE EVANGÉLICA.

Um ato de caridade realizado pelo Sr. Ginet, cantoneiro de Saint-Julien-sous-Montmelas, é contado pelo *Écho de Fourvière:*

No dia 1° de janeiro, ao cair da noite, achava-se acocorada na praça de Saint-Julien uma mendiga de profissão, coberta de feridas infectas, vestida de maus farrapos deteriorados, e, além disto, tão má que todo o mundo a temia; ela não respondia ao bem que lhe era feito senão por pancadas ou injúrias. Tomada de um enfraquecimento súbito, ela teria sucumbido no meio da rua sem a caridade de nosso cantoneiro, que, superando a sua repugnância, tomou-a em seus braços e levou-a para a sua casa.

Esse pobre homem não tem senão um alojamento muito restrito para ele, para sua mulher doente e seus três filhinhos; não tem outro recurso que o seu módico salário. Ele colocou a velha mendiga sobre um pouco de palha que seu vizinho lhe deu, e dela cuidou durante toda a noite, procurando aquecê-la.

Ao amanhecer, essa mulher, enfraquecendo-se cada vez mais, lhe disse: "Eu tenho dinheiro comigo, e vo-lo dou por vossos cuidados. "Ela acrescentou estas palavras: "O Sr. cura..." depois ela expirou. O cantoneiro, sem se ocupar do dinheiro, correu a procurar o cura; mas era muito tarde. Ele se apressou em seguida em advertir os parentes, que moram numa paróquia vizinha e que estão numa posição fácil. Eles chegam, e sua primeira palavra é esta: "Minha irmã tinha dinheiro com ela, onde está ele?" e o cantoneiro respondeu: "Ela mo disse, mas com isto não me inquietei." Procuram, este o encontra, com efeito, mais de 400 fr. em um de seus bolsos.

Completando a sua obra, o caridoso trabalhador, com a ajuda de uma vizinha, amortalhou a pobre morta. Algumas pessoas eram de opinião que, na noite seguinte, ele colocasse o caixão num galpão fechado e vizinho. "Não, disse ele; esta mulher não é um cão, mas uma cristã." Ele a guardou durante a noite em sua casa, com a luz acesa.

Às pessoas que lhe expressavam a sua admiração e o convidavam a pedir uma recompensa: "Oh! disse ele, não é o interesse que me faz agir. Dar-me-ão o que quiserem, mas eu não pedirei nada. Posso, na posição em que estou, me encontrar no mesmo caso, e ficarei muito feliz se tiverem piedade de mim."

- Que relação têm este fato com o Espiritismo? perguntaria um incrédulo. - É que a caridade evangélica, tal como a recomenda o Cristo, sendo uma lei do Espiritismo, todo ato verdadeiramente caridoso é um ato Espírita, e a ação desse homem é a aplicação da lei de caridade no que ela tem de mais puro e de mais sublime, porque ele fez o bem, não só sem esperança de retorno, sem pensar em suas cargas pessoais, mas quase com a certeza de ser pago com ingratidão, contentando-se em dizer que em semelhante caso, ele teria querido que se fizesse a mesma coisa para ele. - Este homem é espírita? - Nós o ignoramos, mas isto não é provável; em todos os casos, se não o é na letra o é no espírito. - Se ele não é espírita, não foi o Espiritismo que o levou a esta ação? - Seguramente. - Então, por que o Espiritismo disso se faz um mérito? - O Espiritismo não reivindica em seu proveito a ação desse homem, mas se glorifica de professar os princípios que o levaram a realizá-la, sem ter jamais tido a pretensão de possuir o privilégio de inspirar os bons sentimentos. Ele honra o bem por toda a parte onde se o encontra; e quando seus próprios adversários o pratica, ele os oferece como exemplo aos seus adeptos.

É deplorável que os jornais tenham menos zelo em reproduzir as boas ações, em geral, do que os crimes e os escândalos; se há um fato que testemunhe da perversidade humana, pode-se estar certo de que será repetido em toda a linha, como atração à curiosidade dos leitores. O exemplo é contagioso; por que não colocar antes sob os olhos da massa o do bem do que o do mal? Há aí uma grande questão de moralidade pública, que trataremos mais tarde, com todos os desenvolvimentos que ela comporta.

UM CASTELO ASSOMBRADO.

A narração do fato adiante nos foi remetida por um de nossos correspondentes de São Petersburgo.

Um velho general húngaro, muito conhecido por sua bravura, recebem uma grande herança, pede a sua demissão e escreve ao seu administrador que lhe quer comprar uma propriedade que estava à venda e que para ele escolheu.

O intendente responde imediatamente em aconselhando ao general de não comprar a dita propriedade, tendo em vista que ela era assombrada pelos Espíritos.

O velho corajoso insiste, dizendo que é uma razão a mais para lhe fazer essa compra, e lhe impõe de terminar no mesmo instante.

A propriedade é, pois, comprada, e o novo senhorio se põe a caminho para ir lá se instalar. Ele chega às onze horas da noite na casa de seu intendente, não longe do castelo onde ele quer ir imediatamente. - Por favor, disse-lhe seu velho servidor, esperai amanhã e fazei-me a honra de passar a noite em minha casa. - Não, disse-lhe seu senhor, quero passá-la em meu castelo. O intendente é, pois, obrigado a acompanhá-lo com vários camponeses levando tochas; mas eles não querem ali entrar e se retiram, deixando só o novo proprietário.

Este tinha com ele um velho soldado que jamais o tinha deixado, e um enorme cão que teria estrangulado um homem com um só golpe.

O velho general se instalou na biblioteca do castelo, acendeu as velas, colocou um par de pistolas sobre a mesa, pegou um livro e se estendeu sobre um sofá esperando os fantasmas, porque ele estava seguro de que, se deles os houvesse no castelo, esses não seriam os mortos, mas bem os vivos; foi também por isto que ele tinha armado as pistolas e que tinha feito seu cão deitar sob o sofá; quanto ao velho soldado, eleja roncava num quarto vizinho à biblioteca.

Pouco tempo se escoou; o general crê ouvir barulho no salão, escuta atentamente, e o barulho redobra. Seguro de seu acontecimento, ele toma em uma mão uma vela, na outra uma pistola, e entra no salão onde não vê ninguém; procura por toda a parte, levanta mesmo as cortinas: não há nada, absolutamente nada. Ele retorna, pois, à biblioteca, retoma seu livro, e apenas dele leu algumas linhas quando o barulho se faz ouvir com muito mais força do que na primeira vez. Ele retoma uma vela e uma pistola, entra de novo no salão e vê que se abriu a gaveta de uma cômoda. Convencido, desta vez, de que havia negócio de ladrões, e não vendo ninguém, chama seu cão e lhe diz: Procura! O cão se põe a tremer em todos seus membros e retorna a se esconder sob o canapé. O próprio general começa a tremer, entra na biblioteca, se deita sobre o sofá, mas não pôde fechar o olho a noite toda. Em nos contando este fato, o general nos disse: "Não tive medo senão duas vezes, há dezoito anos, quando no campo de batalha, uma bomba estourou a meus pés; a segunda vez, quando vi o medo se apoderar de meu cão."

Abster-nos-emos de qualquer comentário sobre o fato muito autêntico reportado acima, e nos contentaremos em perguntar, aos adversários do Espiritismo, como o sistema nervoso do cão foi abalado.

Além disso, perguntaremos como a superexcitação de um médium, tão forte que ela seja, pode produzir a escrita direta, quer dizer, pode forçar um lápis a escrever por si mesmo.

Outra questão: Cremos que o fluido nervoso retido, e concentrado num recipiente, poderia igualar e superar mesmo a força do vapor; mas o dito fluido, estando livre, poderia levantar e deslocar os móveis pesados, como isto ocorre freqüentemente?

CH.PÉREYRA.

BIBLIOGRAFIA

Correspondência inédita de Lavater com a Imperatriz Maria da Rússia, sobre o futuro da alma. - O interesse que se deu a essas cartas, que publicamos na *Revista,* sugeriu aos Srs. Lacroixe Cia., da livraria internacional, 15, boulevard Montmartre, a feliz idéia de delas fazer uma publicação à parte. A divulgação dessas cartas não pode ter senão um efeito muito útil sobre as pessoas estranhas ao Espiritismo. - Broch. grande in-8 Preço: 50 cent

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO **NO. 11** **NOVEMBRO 1868**

EPIDEMIA DA ILHA MAURICE

Descrevemos, na revista de julho de 1867, página 208, a terrível enfermidade que devasta a ilha Maurice (antiga ilha da França) há dois anos. O último correio nos traz as cartas de dois irmão em crença daquele país. Em uma se acha a passagem seguinte:

"Consenti em me desculpar de ter permanecido tanto tempo sem vos dar as minhas notícias; certamente, não era o desejo que me faltava, mas bem a possibilidade; porque o meu tempo estando dividido em duas partes, uma para o trabalho que me faz viver, a outra para a doença que nos mata, tenho muito poucos instantes para empregar conforme os meus gostos. No entanto, estou um pouco mais tranqüilo; eis um mês que não tive a febre; é verdade que é nesta época que ela parece abrandar um pouco; mas, ai! é recuar para melhor saltar, porque os próximos calores, sem dúvida, vão lhe restituir ainda o seu vigor primeiro. Também, muito convencida da certeza dessa perspectiva, vivo no dia-a-dia, me livrando, tanto quanto possível, das vaidades humanas, a fim de facilitar a minha passagem para o mundo dos Espíritos onde, francamente, não estarei de nenhum modo descontente por me encontrar, em boas condições, bem entendido."

Um incrédulo disse um dia, a propósito de uma pessoa que expressava um pensamento análogo a respeito da morte: "É preciso ser Espírita para ter dessas idéias!" Sem o querer, fazia o mais belo elogio do Espiritismo. Não é um grande benefício que a calma com a qual ele faz considerar o termo fatal da vida que tantas pessoas vêem se aproximar com medo? Quanto de angústias e de tormentos são poupados àqueles que encaram a morte como uma transformação de seu ser, uma transição instantânea sem interrupção da vida espiritual! Eles esperam a partida com serenidade, porque sabem aonde vão e o que serão; o que acrescenta à sua tranqüilidade é a certeza, não só de reencontrar aqueles que lhes são caros, mas de não estarem separados daqueles que permanecem junto deles; de os ver e de os ajudar mais facilmente e melhor do que quando vivos; eles não lamentam as alegrias deste mundo, porque sabem que as terão maiores, mais suaves, sem mistura de tribulação. O que causa a apreensão da morte é o desconhecido; ora, para os Espíritas, a morte não tem mais mistérios.

A segunda carta contém o que segue:

"É com um sentimento de profunda gratidão que venho vos agradecer os sólidos princípios que haveis inculcado em meu espirito, e que, sozinhos, me deram a força e a coragem de aceitar com calma e resignação as rudes provas que tive que sofrer há um ano, pelo fato da terrível epidemia que dizima a nossa população. Já são sessenta mil almas que partiram!

"Como deveis imaginá-lo, a maioria dos membros em Port-Louis, formando nosso pequeno grupo que começava a tão bem funcionar, tiveram que sofrer, como eu, nesse desastre geral. Por uma comunicação espontânea de 25 de julho de 1866, foi-nos anunciado que seríamos obrigados a suspenderes nossos trabalhos; três meses depois,

fomos forçados a não continuar, em conseqüência da doença de vários dentre nós, e a morte de nossos parentes e de nossos amigos. Até esta hora não pudemos recomeçar, se bem que todos os nossos médiuns estejam existindo, assim como os principais membros de nosso grupo. Várias vezes tentamos nos reunir de novo, mas sem poder consegui-lo. Foi porque cada um de nós foi obrigado a tomar conhecimento isoladamente de vossa carta, datada de 26 de outubro de 1867 à senhora de G... onde se encontra a comunicação do doutor Demeure, que nos dá grandes e muito justas informações sobre tudo o que nos ocorre; cada um de nós tem podido apreciar-lhe a justeza para o que lhe concerne; porque há a constatar que a doença tomou tantas formas múltiplas, que os médicos jamais puderam ficar de acordo: cada um segue um método particular.

"No entanto, o jovem doutor Labonté parece ser aquele que melhor definiu a doença; posso crer que ele está na verdade do ponto de vista material, uma vez que passou por todos os sofrimentos dos quais se fez o narrador (1).

(1) O Sr. doutor Labonté descreveu a epidemia da ilha de Saint-Maurice numa brochura que lemos com interesse, e onde se revela o observador sério e judicioso. É um homem devotado à sua arte, e tanto quanto se pode julgá-lo de longe, por analogia, nos parece ter bem caracterizado essa singular doença, do ponto de vista fisiológico; infelizmente, no que concerne à terapêutica, ela frustra todas as previsões da ciência. Em um caso excepcional como este, o insucesso não prejulgaria nada contra o saber do médico. O Espiritismo abre à ciência médica horizontes inteiramente novos em demonstrando o papel preponderante do elemento espiritual na economia e num grande número de afecções, onde a medicina fracassa, porque ela se obstina em não procurar-lhe a causa senão na matéria tangível O conhecimento da ação do perispírito sobre o organismo acrescentará um novo ramo à patologia, e modificará profundamente o modo de tratamento de certas enfermidades, cuja verdadeira causa não será mais um problema.

Do nosso ponto de vista espiritualista, poderíamos ali ver uma aplicação do prefácio O *Evangelho segundo o Espiritismo,* porque o período nefasto que atravessamos foi marcado, no início, por uma chuva extraordinária de estrelas cadentes, caídas em Maurice na noite de 13 para 14 de novembro de 1866. Se bem que este fenômeno seja conhecido por haver sido muito freqüente de setembro a novembro, em certas épocas periódicas, ele não foi menos notável do que, desta vez, as estrelas cadentes foram tão numerosas, que elas impressionaram e fizeram estremecer aqueles que as observaram. Esse imponente espetáculo permanecerá gravado em nossa memória, porque foi precisamente depois desse acontecimento que a doença tomou um caráter desolador. Desde esse momento, ela se tornou geral e mortal, o que, hoje, pode nos autorizar a pensar, como nos disse o doutor Demeure, que chegamos ao período da transformação dos habitantes da Terra, por seu adiantamento moral.

"A propósito de calmantes que o doutor Demeure recomenda, falastes de castanhas da índia, cujo em prego seria mais vantajoso do que a quinina que afeta os órgão cerebrais. Não conhecemos esta planta; mas depois da leitura de vossa carta, onde dela é feita menção, o nome de uma outra me veio ao espírito por intuição; é o *Croton tiglium,* vulgarmente chamado em Maurice *Peão da índia;* eu o empreguei como sudorífico, com muito sucesso; somente as folhas, porque a semente é um veneno violento. Consenti, eu vos peço, em perguntarão doutor Demeure o que pensa dessa planta, e se aprova o emprego que dela fiz, como calmante, porque partilho completamente de sua opinião sobre o caráter dessa doença esquisita, que me parece uma variante do ramannenza a ou febre de Madagascar, menos as manifestações exteriores."

Se se pudesse duvidar um único instante da vulgarização universal da Doutrina Espírita, esta dúvida desapareceria em vendo os felizes que ela faz, as consolações que proporciona, a força e a coragem que dá nos momentos mais penosos da vida, porque está na natureza do homem procurar o que pode assegurar a sua felicidade e a sua tranqüilidade. Aí está o mais poderoso elemento de propagação do Espiritismo, e que ninguém lho tirará, a menos que dê mais do que ele dá. Para nós é uma grande satisfação ver os benefícios que ele esparrama; cada aflito consolado, cada coragem

abatida levantada, cada progresso moral operado, nos paga ao cêntuplo por nossos trabalhos e nossas fadigas; está aí também uma satisfação que não está no poder de ninguém nos retirar.

Estas cartas, lidas na Sociedade de Paris, deram lugar às comunicações seguintes, que tratam a questão do duplo ponto de vista local e geral, material e moral.

(Sociedade de Paris, 16 de outubro de 1860.)

Em todos os tempos, fizeram preceder os grandes cataclismos fisiológicos de sinais manifestos da cólera dos deuses. Fenômenos particulares precediam a irrupção do mal, como uma advertência de se preparar para o perigo. Essas manifestações, com efeito, tiveram lugar, não como presságio sobrenatural, mas como sintomas da iminência da perturbação.

Como se teve razão em vos dizer, nas crises em aparência as mais anormais que dizimam alternativamente as diferentes regiões do globo, nada está deixado ao acaso; elas são a conseqüência das influências dos mundos e dos elementos uns sobre os outros (outubro de 1868, página 313); elas são preparadas de longa data, e sua causa é, por conseguinte, perfeitamente normal.

A saúde é o resultado do equilíbrio das forças naturais; se uma doença epidêmica maltrata em alguma parte, ela não pode ser senão a conseqüência de uma ruptura desse equilíbrio; daí o estado particular da atmosfera e os fenômenos singulares que nela se podem observar.

Os meteoros conhecidos sob o nome de estrelas cadentes são compostos de elementos materiais como tudo o que cai sob os sentidos; eles não aparecem senão graças à fosforescência desses elementos em combustão, e cuja natureza especial desenvolve às vezes no ar respirável influências deletérias e mórbidas. As estrelas cadentes eram em Maurice, não o presságio, mas a causa segundado flagelo. Porque a sua ação se exerceu em particular sobre essa região? Primeiro, porque ela é um dos meios destinados, como disse muito bem o vosso correspondente, a regenerar a Humanidade e a Terra propriamente dita, provocando a partida dos encarnados e a modificação dos elementos materiais; e também, porque as causa que determinam essas espécies de epidemia em Madagascar, no Senegal e por toda a parte onde a febre palustre e a febre amarela exercem suas devastações, não existindo em Maurice, a violência e a persistência do mal deveriam determinar a procura séria de sua fonte, e atrair a atenção sobre a parte que ali podiam tomar as influências de ordem *psicológica.*

Aqueles que sobreviveram, em contato forçado com os doentes e os moribundos, foram testemunhas de cenas das quais não se deram conta de início, mas cuja lembrança lhes retornará com a calma, e que não podem ser explicadas senão pela ciência espírita. Os fatos das aparições, de comunicação com os mortos, de previsões seguidas de realização, ali foram muito comuns. Passado o desastre, a lembrança de todos esses fatos surgirá e provocará reflexões que conduzirão, pouco a pouco, a aceitar as nossas crenças.

Maurice vai renascer! o ano novo verá se extinguir o flagelo do qual foi a vítima, não pelo efeito dos remédios, mas porque a causa terá produzido o seu efeito; outros climas sofrerão, a seu turno, os apertos de um mal da mesma natureza ou de toda outra, determinando os mesmos desastres e conduzindo aos mesmos resultados.

Uma epidemia universal teria semeado o pavor na Humanidade inteira e detido por muito tempo o vôo de todo o progresso; uma epidemia restrita, atacando alternativamente e sob formas múltiplas cada centro de civilização, produzirá os mesmos efeitos salutares e regeneradores, mas deixará intactos os meios de ação dos quais a ciência pode dispor. Aqueles que morrem são feridos pela impossibilidade, mas aqueles que vêem a morte em sua porta procuram novos meios de combatê-la. O perigo torna inventivo; e, quando todos

os meios materiais estiverem esgotados, todos serão constrangidos a pedir a saúde aos meios espirituais.

É assustador, sem dúvida, pensarem perigos dessa natureza, mas, uma vez que são necessários e não terão senão felizes conseqüências, é preferível, em lugar de esperá-los tremendo, preparar-se para afrontá-los sem medo, quaisquer que sejam os resultados. Para um materialista, é a morte horrenda e o nada em sua conseqüência; para o espiritualista eem particular para o Espírita, que importa o que ocorrerá! Se escapa ao perigo, a prova o encontrará sempre inabalável; se morre, o que conhece da outra vida lhe fará encarar a passagem sem empalidecer.

Preparai-vos, pois, para tudo, e quaisquer que sejam a hora e a natureza do perigo, estai compenetrados desta verdade: que a morte não é senão uma palavra vã, e que não há nenhum sofrimento que as forças humanas não possam dominar. Aqueles nos quais o mal for insuportável, serão somente aqueles que o terão recebido com o riso nos lábios e a negligência no coração, querdizer, que se crerão fortes em sua incredulidade.

Clélie DUPLANTIER.

(Sociedade; Paris, 23 de outubro de 1868.)

O *croton Tiglium,* certamente, pode ser empregado com sucesso, sobretudo em doses homeopáticas, para acalmar as cãibras e restabelecer a circulação normal do fluido nervoso; pode-se igualmente dele se fazer uso de maneira local, em friccionando a pele com uma infusão leve, mas não seria prudente generalizar-lhe o uso. Não está aqui um medicamento aplicável a todas as doenças, nem a todas as fases da doença. No caso em que seria de uso público, não deveria ser aplicado senão por indicação de pessoas podendo constatar-lhe a utilidade e apreciar-lhe os efeitos; de outro modo, aquele que dele teria já provado a ação salutar, poderia, num caso dado, ser-lhe inteiramente insensível, ou mesmo sentir-lhe os inconvenientes. Não é um desses medicamentos neutros que não fazem nenhum mal quando não produzem nenhum bem. Ele não deve ser empregado senão em casos especiais e sob a direção de pessoas possuindo conhecimentos suficientes para dirigir-lhe a ação.

Eu espero, aliás, que não seja necessário provar-lhe a eficácia, e que uma era mais calma se prepara para os infelizes habitantes de Maurice. Eles hão estão ainda livres, muito longe disto; mas, salvo exceção, os ataques não são em geral mortais, a menos que incidentes de outras naturezas venham lhe dar um caráter de gravidade particular. A doença em si mesma chega a seu fim. A ilha está no período de convalescença; pode ali ter algumas pequenas recrudescências, mas tenho todo lugar de crer que a epidemia, doravante, irá diminuindo até a extinção completa dos sintomas que a caracterizam.

Mas qual será a sua influência sobre os habitantes de Maurice que terão sobrevivido ao desastre? Que conseqüências deduzirão as manifestações de todas as naturezas das quais foram as testemunhas involuntárias? As aparições, das quais um grande número foram objeto, produzirão o efeito que se tem direito de esperá-lo? As resoluções tomadas sob o domínio do medo, do remorso e das censuras de uma consciência perturbada, não serão reduzidas a nada quando a tranqüilidade renascer?

Seria de desejar que a lembrança dessas cenas lúgubres se gravassem de maneira indelével em seu espírito e os obrigasse a modificarem sua conduta reformando suas crenças; porque eles devem estar bem persuadidos de que o equilíbrio não se restabelecerá de maneira completa senão quando os Espíritos estiverem tanto despojados de sua iniqüidade, quanto a atmosfera será purificada dos miasmas deletérios que provocaram o nascimento e desenvolvimento do mal.

Entramos cada dia mais no período transitório que deve levar à transformação orgânica da Terra e à regeneração de seus habitantes. Os flagelos são os instrumentos

dos quais se serve o grande cirurgião do universo para extirpar do mundo, destinado a caminhar em frente, os elementos gangrenados que lhe provocaram as desordens incompatíveis com o seu novo estado. Cada órgão, ou melhor dizendo, cada região, será alternativamente remexida por flagelos de naturezas diversas. Aqui, a epidemia sob todas as suas formas, em outra parte a guerra, a fome. Todos devem, pois, se preparar para suportar a prova nas melhores condições possíveis, em se melhorando, em se instruindo, a fim de não ser surpreendido pelo imprevisto. Já algumas regiões foram provadas, mas seus habitantes estariam num erro completo se se fiassem na era de calma que vai suceder à tempestade, para tombarem seus antigos erros. É um tempo de descanso que lhes é concedido para entrarem um caminho melhor; se não o aproveitam, o instrumento de morte os provará até conduzi-los ao arrependimento. Felizes aqueles que a prova feriu primeiro, porque terão para se instruir, não só os males que sofreram, mas o espetáculo daqueles dos quais seus irmão em humanidade serão atingidos ao seu turno. Esperamos que um tal exemplo lhes seja salutar, e que entrem, sem hesitar, no caminho novo que lhes permitirá caminhar de acordo com o progresso.

Seria de desejar que os habitantes de Maurice não fossem os últimos a aproveitarem a severa lição que receberam.

Doutor DEMEURE.

O ESPIRITISMO POR TODA A PARTE

A AMIZADE DEPOIS DA MORTE, PELA SENHORA ROWE

Nada é mais instrutivo e ao mesmo tempo mais concludente em favor do Espiritismo, do que ver as idéias sobre as quais ele se apoia, professadas por pessoas estranhas à Doutrina, e antes mesmo de seu aparecimento. Um de nossos correspondentes de Anvers, que já nos transmitiu preciosos documentos sob esse aspecto, dirige-nos o resumo seguinte de uma obra inglesa, cuja tradução, na 5ª edição, foi publicada em Amsterdam, em 1753. Talvez jamais os princípios do Espiritismo tenham sido formulados com tanta precisão. Ela é intitulada:

A amizade depois da morte, contendo as cartas dos mortos aos vivos: pela senhora Rowe.

Página 7. -Os Espíritos bem-aventurados se interessam ainda pela felicidade dos mortais, e *fazem com freqüência visita aos seus amigos.* Eles poderiam mesmo aparecer aos seus olhos, se as leis do mundo material não os proibissem. O esplendor de seus *veículos* (1)- (1) Ver-se-á mais adiante que, por *veículo,* o autor entende o corpo fluidico. e o domínio que têm sobre as forças que governam as coisas materiais e sobre os órgãos da visão poderiam facilmente lhes servir para se fazerem visíveis. Nós consideramos, freqüentemente, como uma espécie de milagre que vós não nos percebeis, porque não estamos longe de vós em relação ao lugar que ocupamos, mas unicamente pela diferença de estado em que estamos.

Página 12, *carta III: de um filho único, morto na idade de dois anos, à sua mãe.* - Desde o momento em que minha alma se livrou de sua incômoda prisão, achei-me um ser ativo e racional. Admirado de vos ver chorar por uma pequena massa, apenas capaz de respirar, que eu acabava de deixar, e da qual estava encantado por me encontrar desembaraçado, parecia-me que estáveis descontente de minha feliz libertação. Eu encontrava uma tão justa proporção, tanta agilidade, e uma luz tão brilhante no novo veículo que acompanhava o meu Espírito, que eu não podia bastante me espantar de que vos afligísseis pela feliz mudança que eu tinha feito. Então eu conhecia tão pouco a diferença dos corpos materiais e imateriais, que me imaginava estar inteiramente visível para vós quanto estáveis para mim.

Página 37, *carta VIII.* - Os gênios celestes que cuidam de vós nada negligenciaram, durante o vosso sono, para arrancar de vosso coração esse ímpio desejo. Algumas vezes vos conduziram aos lugares cobertos de uma sombra lúgubre; lá ouvistes os prantos amargos dos Espíritos infortunados. Outras vezes, as recompensas da constância e da resignação que desenvolveram aos vossos olhos a glória que vos espera, se, fiéis ao vosso dever, vos ligardes pacientemente à virtude.

Página 50, *carta X.* - Como, minha cara Léonore, pudestes temer-me? Quando eu era mortal, quer dizer, capaz de loucura e de erro, eu jamais tinha feito o mal; muito menos vo-lo faria no estado de perfeição e de felicidade em que estou. Não resta a menor mancha de vício nem de malícia nos Espíritos virtuosos; quando eles romperam a sua prisão terrestre, tudo neles é amável e benfazejo; o interesse que tomam pela felicidade dos mortais é infinitamente mais terno e mais puro do que antes.

O medo que se tem geralmente de nós no mundo nos pareceria incrível, se não nos lembrássemos de nossas loucuras e de nossos preconceitos; mas não fazemos senão gracejar nas vossas ridículas apreensões. Não teríeis mais razão em vos assustar e fugir uns dos outros, do que nos temer, nós que não temos nem o poder nem a vontade de vos inquietar? Ao passo que desconheceis os vossos benfeitores, trabalhamos para desviar mil perigos que vos ameaçam, e para avançar os vossos interesses com o ardor mais generoso. Se vossos órgãos estivessem aperfeiçoados e vossas percepções tivessem adquirido o alto grau de delicadeza em que chegarão um dia, então saberíeis que os Espíritos etéreos, -ornados da flor de uma beleza divina e de uma vida imortal, não são feitos para produzir em vós o terror, mas o amor e os prazeres. Eu gostaria de vos curar de vossas injustas prevenções, em vos reconciliando com a sociedade dos Espíritos, a fim de estar melhor no estado de vos advertir dos riscos e dos perigos que ameaçam a vossa juventude.

Página 54, carta *XI.* - Vosso restabelecimento surpreende os próprios anjos que, se ignoram os diversos limites que o soberano dispensador colocou para a vida humana, não deixam de fazer, freqüentemente, justas conjeturas sobre o curso das causas secundárias e sobre o período da vida dos humanos.

Página 68, carta *XIV.* - Desde que deixei o mundo, freqüentemente, tive a felicidade de ter o lugar de vosso anjo guardião. Testemunha invisível da lágrima que a minha morte vos arrancou, foi-me, enfim, permitido abrandar as vossas dores, em vos informando que sou feliz.

Página 73, carta *XVI.* - Como os seres imateriais podem, sem ser percebidos, se misturarem nas companhias, tive a curiosidade, na noite última, de descobrir os vossos pensamentos sobre o que vos tinha ocorrido na noite precedente. Para esse efeito, eu me encontrava no meio daquela assembléia em que estáveis. Lá, ouvi que gracejáveis com alguns de vossos amigos familiares sobre o poder da prevenção e a força de vossa imaginação. No entanto, senhor, não sois tão visionário e tão extravagante quanto o dissestes. Não há nada de mais real do que aquilo que vistes e ouvistes; e deveis disto crer nos vossos sentidos, de outro modo fazeis degenerarem vício a vossa desconfiança e a vossa modéstia. Não tendes mais, meu caro irmão, senão algumas semanas para viver; os vossos dias estão contados. Eu tive a permissão, o que ocorre raramente, de vos dar alguma advertência de vosso destino que se aproxima. Vossa vida, eu o sei, não foi manchada por nenhuma ação baixa ou injusta; no entanto, aparece em vossos costumes certas leviandades que pedem de vossa parte uma pronta e sincera reforma. Faltas que, de início, parecem uma bagatela, degeneram em crimes enormes.

Epístola dedicatória, página 27. -A Terra que habitais será um dia uma morada deliciosa, se todos os homens, cheios de estima pela virtude, nela praticarem fielmente as santas máximas. Julgai, pois, do excesso de nossa felicidade, uma vez que, ao mesmo tempo que aproveitamos de todas as vantagens de uma virtude generosa e perfeita, sentimos os prazeres tanto acima daqueles dos quais gozais, do que o céu o é da Terra,

o tempo da eternidade e o finito do infinito. Os mundanos são incapazes de gozar dessas delícias. Que gosto encontraria, em nossas augustas assembléias, um voluptuoso? o vinho e a carne dela são banidos, o invejoso secaria de dor contemplando a nossa felicidade; o avaro não acharia riqueza; o brincalhão desocupado se entediaria mortalmente de não mais encontrar o meio de matar o tempo. Como uma alma interessada poderia encontrar *prazer* na amizade terna e sincera que se pode considerar como uma das principais vantagens que possuímos no céu? é a verdadeira morada da amizade.

O tradutor diz, em seu prefácio, página 7:

"Espero que a leitura de seu livro possa levar à religião cristã uma certa ordem de pessoas, cujo número não se acha senão muito grande nesse reino que, sem consideração aos princípios da religião natural e revelada, tratam a imortalidade da alma como pura quimera. É em estabelecera certeza dessa imortalidade que a nossa autora se prende principalmente."

Página 9: - "Não era propriamente para os filósofos incrédulos que ele escrevia; era, como o dissemos, para uma certa classe de pessoas, muito numerosas no belo mundo, que inteiramente ocupadas com divertimentos frívolos do século, encontraram *a arte funesta de esquecera imortalidade da alma, de se atordoar sobre as verdades da fé, e de afastar de seu espírito idéias tão consoladoras.* Bastava-lhes, pois, para satisfazer este desejo, inventar espécies de fábulas e de apólogos cheios de episódios vivos, etc."

Nota. O tradutor não parece crer na comunicação dos Espíritos, uma vez que pensa que os relatos da senhora Rowe são fábulas ou apólogos inventados pela autora em apoio de sua tese. No entanto, achou este livro tão útil que o achou capaz de conduzir os incrédulos à fé na imortalidade da alma. Mas há ali uma singular contradição, porque para provar que uma coisa existe, é preciso mostrar-lhe a realidade e não a ficção; ora, foi precisamente o abuso das ficções que destruiu a fé nos incrédulos. O simples bom senso diz que não é com um romance da imortalidade, por engenhoso que seja, que se provará a imortalidade. Se, em nossos dias, as manifestações dos Espíritos combatem a incredulidade com tanto sucesso, é porque elas são uma realidade.

Segundo a perfeita concordância de forma e de fundo que existe entre as idéias desenvolvidas no livro da senhora Rowe e o ensino atual dos Espíritos, não se pode duvidar de que o que ela escreveu não seja o produto de comunicações reais.

Como ocorre que um livro tão singular, de natureza a atiçar a curiosidade no mais alto grau, bastante difundido, uma vez que tinha chegado à sua quinta edição, e que foi traduzido, haja produzido tão pouca sensação, e que uma idéia tão consoladora, tão racional e tão fecunda em resultados, tenha permanecido no estado de letra morta, ao passo que, em nossos dias, bastou alguns anos para que ela tivesse feito a volta ao mundo? Outro tanto poder-se-ia dizer de uma multidão de invenções e de descobertas preciosas que caem no esquecimento em seu aparecimento, e florescem alguns séculos mais tarde quando a necessidade delas se faz sentir. É a confirmação deste princípio de que: as melhores idéias abortam, quando elas vêm prematuramente, antes que os espíritos estejam maduros para aceitá-las.

Dissemos muitas vezes que se o Espiritismo tivesse vindo um século mais cedo, não teria tido nenhum sucesso; eis aqui a prova evidente, porque esse livro, seguramente, é do mais puro e do mais profundo Espiritismo. Para que se pudesse compreendê-lo e apreciá-lo, seria preciso que as crises morais pelas quais o espírito humano passou há um século, e que lhe ensinaram a discutir as suas crenças; mas seria preciso também que o niilismo, sob suas diferentes formas, como transição entre a fé cega e fé raciocinada, provasse a sua impossibilidade em satisfazer as necessidades sociais e as legítimas aspirações da Humanidade. A rápida propagação do Espiritismo, em nosso época, prova que ele veio em seu tempo.

Se se vêem, ainda hoje, pessoas que têm sob os olhos todas as provas, materiais e morais, da realidade dos fatos espíritas, e que, apesar disto, se recusam à evidência e ao raciocínio, com mais forte razão dever-se-ia encontrá-las muito mais há um século; é que seu espírito é ainda impróprio para assimilar essa ordem de idéias; elas vêem, ouvem e não compreendem, o que não acusa uma falta de inteligência, mas uma falta de aptidão especial; elas são como as pessoas a quem, embora muito inteligentes, falta o sentido musical para compreender e sentir as belezas da música; é o que é preciso entender quando se diz que a hora não é chegada.

A CASA DO PAI TOMÁS,
Pela senhora BEECHER STOWE

Lê-se o que se segue no tomo II dessa obra, que teve um sucesso popular nos dois mundos:

Página 10. - Meu pai era um aristocrata. Eu creio que, em *alguma existência anterior,* ele deve ter pertencido às classes da ordem social mais elevada, e que tinha trazido com ele, nesta, todo o orgulho de sua antiga casta: porque esse orgulho lhe era inerente; estava na medula de seus ossos, se bem que ele fosse de uma família pobre e plebéia.

Página 128. - Evidentemente as palavras que ele havia cantado na própria tarde, atravessavam-lhe o espírito, palavras de súplicas dirigidas à infinita misericórdia. Seus lábios se movimentavam fracamente, e, em raros intervalos, uma palavra deles escapava. -Seu espírito se perde, disse o doutor. - Não, ele retorna a si, disse Saint-Clare com energia.

Esse esforço o esgota. A palidez da morte se espalha sobre a sua face, mas com ela uma admirável expressão de paz, como se algum Espírito misericordioso o tivesse abrigado sob suas asas. Ele assemelhava-se a uma criança que dorme de cansaço.

Ele permaneceu assim alguns instantes; uma mão todo-poderosa repousou sobre ele. Mas, no momento em que o Espírito ia tomar seu vôo, abriu seus olhos, que ilumina súbito luar de alegria, como se ele reconhecesse um ser amado, e murmurou baixinho: "Minha mãe!... sua almatinha voado!"

Página 200. - Oh! como a alma perversa ousa penetrar nesse mundo tenebroso do sono, cujos limites incertos avizinham de tão perto as cenas assustadoras e misteriosas da retribuição!

Nota. É impossível expressar mais claramente a idéia da reencarnação, da origem de nossos pendores e da expiação sofrida nas existências posteriores, uma vez que está dito que aquele que foi rico e poderoso pode renascer na pobreza. É notável que essa obra foi publicada nos Estados Unidos, onde o princípio da pluralidade das existências terrestres há muito tempo é repelido. Ela apareceu em torno de 1850, na época das primeira manifestações espíritas, quando a doutrina da reencarnação não era ainda proclamada na Europa; a senhora Beecher Stowe a tinha haurido, em sua própria intuição; nela encontrou a única razão plausível das aptidões e das propensões inatas.

O segundo fragmento citado é bem o quadro que entrevê o mundo dos Espíritos no momento de sua libertação.

DO PECADO ORIGINAL SEGUNDO O JUDAÍSMO.

Pode ser interessante, para aqueles que o ignoram, conhecer a doutrina dos Judeus com respeito ao pecado original; pedimos emprestada a explicação seguinte ao jornal

israelita, *la Famille de Jacob,* que se publica em Avignon, sob a direção do grande rabino Benjamin Massé; número de julho de 1868.

"O dogma do pecado original está longe de estar entre os princípios do Judaísmo. A lenda profunda que o Talmud (Nida XXXI, 2) e que representa os anjos fazendo a alma humana, no momento em que ela vai se encarnar num corpo terrestre, prestar juramento de se manter pura durante a sua estada neste planeta, a fim de retornar pura junto do Criador, é uma poética afirmação de nossa inocência primitiva e de nossa independência moral da falta de nossos primeiros pais, Essa afirmação, contida nos livros tradicionais, está conforme o verdadeiro espírito do Judaísmo.

"Para definir o dogma do pecado original, bastar-nos-á dizer que se toma pela letra o relato da Gênese, do qual se desconhece o caráter lendário, e que, partindo desse ponto de vista errado, aceitam-se cegamente todas as conseqüências que dele decorrem, sem se importar com a sua incompatibilidade com a natureza humana e com os atributos necessários e eternos que a razão reporta à natureza divina.

"Escravos da letra, afirmam-se que a primeira mulher foi seduzida pela serpente, que ela comeu de um fruto proibido por Deus, e que ela o fez comer a seu esposo, e que, por esse ato de revolta aberta contra a vontade divina, o primeiro homem e a primeira mulher incorreram na maldição do céu, não só por eles, mas por seus filhos, mas por sua raça, mas pela Humanidade inteira, para a Humanidade cúmplice por qualquer ausência da duração que ela se encontra dos culpados, cúmplice de seu crime, do qual ela é, conseqüentemente, responsável em todos seus membros presentes e futuros.

"Segundo essa doutrina, a queda e a condenação de nossos primeiros pais foram uma queda e uma condenação para a sua posteridade; desde então, para o gênero humano, os males inumeráveis que teriam sido sem fim, sem a mediação de um Redentortão incompreensível quanto o crime e a condenação que o chamam. Do mesmo modo que o pecado original de um único foi cometido por todos, do mesmo modo a expiação de um único será a expiação de todos; a Humanidade, perdida por um único, será salva por um só: a redenção é a conseqüência inevitável do pecado original.

"Compreende-se que não discutimos essas premissas com as suas conseqüências, que não são para nós mais aceitáveis do ponto de vista dogmático do que do ponto de vista moral.

"Nossa razão e nossa consciência jamais se acomodarão com uma doutrina que apaga a personalidade humana e a justiça divina, e que, para explicar as suas pretensões, nos faz viver todos juntos, na alma como no corpo, do primeiro hornem, ensinando-nos que, embora numerosos que sejamos na sucessão das idades, fazemos parte de Adão em espírito e matéria, que tomamos parte em seu crime, e que devemos ter a nossa parte nessa condenação.

"O sentimento profundo de nossa liberdade moral se recusa a essa assimilação fatal, que nos tiraria nossa iniciativa, que nos acorrentaria apesar de nós num pecado longínquo, misterioso, do qual não temos consciência, e que nos faria sofrer um castigo ineficaz, uma vez que aos nossos olhos ele não seria merecido.

"A idéia indefectível e universal que temos da justiça do Criador se recusa muito mais energicamente ainda em crer no compromisso, na falta de um só, dos seres livres criados sucessivamente por Deus na seqüência dos séculos.

"Se Adão e Eva pecaram, só a eles pertence a responsabilidade de sua ação má; só a eles sua queda, sua expiação, sua redenção por meio de seus esforços pessoais para reconquistar a sua nobreza. Mas nós, que viemos depois deles, que, como eles, temos sido o objeto de um ato idêntico da parte do poder criador, e que devemos, a esse título, ser de um prêmio igual ao do nosso primeiro pai aos olhos de nosso Criador, nós nascemos com a nossa pureza e a nossa inocência, das quais somos os únicos senhores, os únicos depositários, e cuja perda ou conservação não dependem absolutamente de nossa vontade, quanto das determinações de nosso livre arbítrio.

"Tal é, sobre esse ponto, a doutrina do Judaísmo, que não poderia nada admitir que não esteja nada conforme à nossa consciência esclarecida pela razão."

B. M.

OS LAZERES DE UM ESPÍRITA NO DESERTO

Reproduziremos, sem comentários, as passagens seguintes de uma carta que nos escreveu, no mês de março último, um de nossos correspondentes, capitão no exército da África.

"O Espiritismo se estende no norte da África, e ganhará o centro se os Franceses para lá se dirigirem. Ei-lo que penetra em Laghouat, nos limites do Saara, em 33° de latitude. Eu emprestei os vossos livros; alguns de meus camaradas leram; discutimos, e força *e razão* ficaram para a doutrina.

"Há alguns anos entrego-me ao estudo da anatomia, da fisiologia e da psicologia comparadas. A mesma corrente de idéias me arrasta para o estudo dos animais. Pude me dar conta, pela observação, que todos os órgãos, todos os aparelhos, se simplificam em descendo para as raças e as espécies inferiores. Como a Natureza é bela para estudar! Quanto sente-se o espírito por toda a parte difundido? Algumas vezes passo longas horas a seguir os hábitos e os movimentos da vida dos insetos e dos répteis destas regiões; assisto às suas lutas, aos seus esforços, às suas astúcias para assegurar a sua existência; contemplo a batalha das espécies. O Saara, nos limites dos quais estamos acampados há mais de um ano, tão deserto para os meus camaradas, parece-me, ao contrário, bem povoado; onde eles acham o exílio, eu encontro a liberdade! É que eu sei que Deus está por toda a parte, e que cada um carrega a felicidade em si mesmo. Que eu esteja no pólo ou no equador, meus amigos do espaço ali me seguirão, e sei que os caros invisíveis podem povoar as mais tristes solidões. Não é que eu desdenhe a sociedade de meus semelhantes, nem que seja indiferente às afeições que tenho conservado na França, oh não! porque me tarda rever e abraçar a minha família e todos aqueles que me são caros, mas é unicamente para testemunhar que se pode ser feliz em qualquer ponto do g lobo em que se encontre, quando se toma Deus por guia. Para o Espírita jamais há isolamento; ele se sabe, se sente constantemente cercado de seres benevolentes, com os quais está em comunhão de pensamentos.

"Vossa última obra, a *Gênese,* que acabo de ler, e sobre diversos capítulos dos quais muito particularmente me detive, revela-me os mistérios da criação e dá um golpe terrível aos preconceitos. Essa leitura me fez um bem imenso e abriu-me novos horizontes. Já compreendo a nossa origem, e vejo no meu corpo material o último anel da animalidade sobre a Terra; eu sabia que o espírito, durante a sua gestação corpórea, toma uma parte ativa na construção de seu ninho e apropria o seu envoltório às suas novas necessidades. Essa teoria da origem do homem poderá parecer, aos orgulhosos, atentatória à grandeza e à dignidade humanas, mas ela será aceita no futuro por causa de sua simplicidade e sua extensão surpreendentes.

"A geologia, com efeito, nos faz ler no grande livro da Natureza. Por ela, achamos que as espécies de hoje teriam por avós as espécies cujos restos se encontram nas camadas terrestres; não se pode mais negar que há uma progressão contínua no desenvolvimento das formas orgânicas, quando vemos os tipos mais simples aparecerem primeiro. Esses tipos foram modificados pelos instintos dos próprios animais providos de órgãos apropriados às suas novas necessidades e ao seu desenvolvimento. De resto, a Natureza muda os tipos quando a necessidade isto faz sentir; a vida multiplica os seus órgãos e os especializa. As espécies saem umas das outras, sem que seja necessária a intervenção miraculosa. Adão não saiu armado de todas as peças das mão do Criador; muito certamente um chimpanzé o deu à luz.

"As espécies não são absolutamente independentes umas das outras; elas se ligam por uma filiação secreta, e pode-se mesmo considerá-las como solidárias até a humanidade. Como o dissestes tão judiciosamente, desde o zoófito até o homem, há uma cadeia cujos anéis têm um ponto de contato com o anel precedente. E do mesmo modo que o espírito se eleva e não pode ficar estacionário, do mesmo modo também o instinto do animal progride, e cada encarnação lhe faz transpor um degrau da escala dos seres. As fases dessas metamorfoses se completam por milhares de anéis, e as formas rudimentares, das quais algumas amostras se encontram nos terrenos silurianos, nos dizem por onde passou a animalidade.

" Não deve mais nisso haver véu entre a Natureza e o homem, e nada deve permanecer oculto. A Terra é nosso grande domínio: cabe a nós estudar-lhe as leis; foram a ignorância e a preguiça que criaram os mistérios. Quanto Deus nos aparece maior na harmonia e na unidade de suas leis!

"Eu lamento sinceramente as pessoas que se entediam. Porque é uma prova de que não pensam em ninguém, e que seu espírito é vazio como o estômago de um indivíduo que tem fome."

FENÔMENO DE LINGÜÍSTICA

"O *Quatterly Journal o psychological medicine* publica um relatório muito curioso sobre uma menina que substituiu à língua falada ao seu redor, uma série de palavras e de verbos formando todo um idioma do qual ela se serve, e do qual não se pode desabituá-la.

"A criança tem agora quase cinco anos. Até a idade de três anos, ela permaneceu sem falar e não sabia pronunciar senão as palavras "papá" e "mama". Quando ela se aproximava de seu quarto ano, a sua língua se desamarrou de repente, *e* hoje ela fala com toda a facilidade e a volubilidade de sua idade. Mas de tudo o que ela diz, as duas palavras "papá" e "mama" que aprendeu primeiro, são as únicas emprestadas à língua inglesa. Todas as outras nasceram em seu pequeno cérebro e sobre seus pequenos lábios, e não têm mesmo nenhuma relação com essa corrupção de palavras das quais se servem as crianças que brincam habitualmente com ela.

"Em seu dicionário, *Gaan* significa God(Deus); *migno- migno,* water (água); odo tosend for, ou take away (enviar, ou reenviar), segundo está colocada; *gar,* horse (cavalo).

"Um dia, disse o doutor Hun, ela veio estando chovendo. Fizeram a criança entrar e lhe proibiram de sair antes que a chuva tivesse cessado. Ela se colocou na janela e disse:

" - Gaan odo migno-migno, feu odo. (Deus, envia a chuva, traz as luzes do sol.)

"A palavra *feu* aplicada no mesmo sentido que na língua à qual ela pertencia, me tocou. Verifiquei que a criança jamais havia ouvido falar francês, coisa muito singular, e que seria interessante bem constatar, porque a criança tomou várias palavras à língua francesa, tais como "tout", "mói", e a negação "ne pás".

A criança tem um irmão que é seu primogênito em mais ou menos dezoito meses. Ela lhe ensinou a sua língua, sem lhe emprestar nenhuma das palavras das quais ele se serve.

"Seus pais estão muito desolados com esse pequeno fenômeno; tentaram freqüentemente ensinar-lhe o inglês, dar-lhe o nome inglês das coisas que ela designa de outro modo em seu idioma: ela o recusa absolutamente. Tentaram afastá-la das crianças de sua idade, de não pô-la em comunicação senão com pessoas idosas, falando inglês e não conhecendo nada de sua pequena gíria. Era de esperar que uma criança que se tinha mostrado tão ávida de comunicar os seus pensamentos quanto de inventar uma língua nova, procurasse aprender o inglês quando ela se encontrasse no meio de pessoas não falando senão esta língua. Mas não foi nada disto.

"Logo que ela se achou com as pessoas que não tinha o hábito de ver, ela se pôs em seguida a lhes ensinar a sua língua, e momentaneamente, pelo menos, os pais renunciaram dela desabituá-la."

Este fato tendo sido discutido na *Sociedade Espírita de Paris,* um Espírito dele deu a explicação na comunicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 9 de outubro de 1868; méd., Sr. Nivard.)

O fenômeno da pequena inglesa, falando uma língua desconhecida àqueles que a cercam, e se recusando a se servir da sua, é o fato mais extraordinário que se produziu desde muitos séculos.

Fatos surpreendentes ocorreram em todos os tempos, em todas as épocas, que foram o espanto dos homens, mas eles tinham os similares ou os semelhantes; isto não os explicava, sem dúvida, mas eram vistos com menos surpresa. Este do qual foi questão é talvez único em seu gênero. A explicação que se lhe pode dar não é nem mais fácil, nem mais difícil do que as outras, mas a sua singularidade é surpreendente, é o essencial.

Eu disse a palavra surpreendente; é bem, não a causa, mas a razão do fenômeno. Ele toca de admiração: foi por isto que se produziu. Hoje que o progresso fez um certo caminho, não se contentará em falar do fato, como se fala da chuva e do bom tempo; querer-se-á procurar-lhe a causa. Os médicos nada têm aí para ver; a fisiologia é estranha a essa singularidade; se a criança fosse muda, ou não pudesse senão dificilmente articular algumas palavras que não se compreendesse em conseqüência da insuficiência de seus órgãos vocais, os sábios diriam que isto se prende às más disposições fisiológicas, e que em fazendo desaparecer essas más disposições, a criança reentraria no livre uso da palavra. Mas tal não é aqui o caso; a criança, ao contrário, é loquaz, tagarela; ela fala facilmente, chama as coisas a seu modo, explica-as na forma que lhe convém e vai mais longe: ela ensina a sua língua aos seus camaradas, quando está provado que não se pode lhe ensinar a sua língua materna, e que ela não quer mesmo a isto se prestar.

A psicologia é, pois, a única ciência na qual deve-se procurar a explicação deste fato. A razão, o objetivo especial, venho de dize-lo: seria preciso tocar os espíritos e solicitar as suas pesquisas. Quanto à causa, vou tentar vo-la dizer.

O Espírito encarnado no corpo dessa criança conheceu a língua, ou antes, as línguas que fala, porque faz uma mistura. No entanto, essa mistura é feita conscientemente e constitui uma língua da qual as diversas expressões são emprestadas àquelas que esse Espírito conheceu em outras encarnações. Em sua última existência, ele teve a idéia de criar uma língua universal, a fim de permitir aos homens de todas as nações se entenderem e aumentar assim a facilidade das relações e o progresso humano. Para este efeito, havia começado a compor essa língua que constituía de fragmentos de várias daquelas que conhecia e gostava mais. A língua inglesa lhe era desconhecida; ele havia ouvido falar dos Ingleses, mas achava a sua língua desagradável e a detestava. Uma vez na erraticidade, o objetivo que tinha se proposto em sua vida ali o perseguiu; entregou-se ao trabalho e a compor um vocabulário que lhe é particular. Encarnou-se entre os Ingleses com o desprezo que tinha por sua língua, e com a determinação bem decretada de não falá-la. Ele tomou posse de um corpo cujo organismo flexível lhe permite dominar a palavra. Os laços que o prendem a esse corpo são bastante elásticos para mantê-lo num estado de semi-liberdade que lhe deixa a lembrança bastante distinta de seu passado, e o sustenta em sua resolução. De um outro lado, ele é ajudado por seu guia espiritual, que vigia para que esse fenômeno tenha lugar com regularidade e perseverança, a fim de chamara atenção dos homens. De resto, o Espírito encarnado tinha consentido na produção do fato. Ao mesmo tempo que ele

ostenta o desprazer da língua inglesa, cumpre a missão de provocar as pesquisas psicológicas.

L. NIVARD pai.

Nota. - Se esta explicação não pode ser demonstrada, pelo menos ela tem por si a racionalidade e a probabilidade. Um Inglês que não admite o princípio da pluralidade das existências, e que não tinha conhecimento da comunicação acima, arrastado pela irresistível lógica, disse, em falando desse fato, que ele não poderia se explicar senão pela reencarnação, se fosse verdade que se poderia reviver sobre a Terra.

Eis, pois, um fenômeno que, pela sua própria estranheza, cativando a atenção, provoca a idéia da reencarnação, como a única razão plausível que se lhe possa dar. Antes que este princípio estivesse na ordem do dia, muito simplesmente ter-se-ia achado o fato bizarro, e, sem dúvida, em tempos mais recuados, ter-se-ia considerado essa criança como enfeitiçada. Não juraremos mesmo que hoje essa não fosse a opinião de certas pessoas. O que não *é* menos digno de nota é que este fato se produziu precisamente num país ainda refratário à idéia da reencarnação, mas à qual será levado pela força das coisas.

MÚSICA DO ESPAÇO.

Extrato de uma carta de um jovem a um de seus amigos, guarda de Paris:

"Mulhouse, 27 de março de 1868.

"Há mais ou menos cinco anos, - eu não tinha então senão dezoito anos, e ignorava até o nome do Espiritismo, -fui testemunha e o objeto de um fenômeno estranho do qual me dei conta há alguns meses somente, depois de ter lido *O Livro dos Espíritos e O Livro dos Médiuns.* Esse fenômeno consistiu numa música invisível que se fazia ouvir no ar ambiente do quarto, e acompanhava o meu violino sobre o qual eu tomava ainda lições nessa época. Isso não era uma sucessão de sons, como aqueles que eu produzia no meu instrumento, mas acordes perfeitos, cuja harmonia era tocante; dir-se-ia uma harpa tocada com delicadeza e sentimento; algumas vezes, estávamos reunidos numa dezena de pessoas, e a ouvíamos todos sem exceção; mas se alguém viesse escutar por pura curiosidade, tudo cessava, e desde que o curioso partisse, o efeito se reproduzia imediatamente. Lembro-me de que o recolhimento contribuía muito para a intensidade dos sons. O que havia de singular, e que isto não ocorria senão entre cinco e oito horas da noite. No entanto, um domingo, um realejo passava diante da casa, cerca de uma hora depois do meio-dia, e tocava uma música que me pôs atento; logo a música invisível se fez ouvir no quarto, acompanhando aquela ária.

"Naqueles momentos, eu sentia uma agitação nervosa que me cansava sensivelmente e me fazia mesmo sofrer; era como uma espécie de inquietação; ao mesmo tempo todo o meu corpo irradiava um calor que se fazia sentir a 10 centímetros mais ou menos.

"Desde que li *O Livro dos Médiuns,* tentei escrever, uma força quase irresistível levava a minha mão da esquerda para a direita por um movimento febril, acompanhado de uma grande agitação nervosa; mas não tinha ainda traçado senão caracteres ininteligíveis."

Esta carta nos tendo sido comunicada, escrevemos ao jovem para lhe pedir algumas explicações complementares. Eis as respostas às perguntas que lhe endereçamos, e que farão facilmente prejulgar as perguntas.

1 ° O fato passou-se em Mulhouse, não em meu quarto, mas naquele onde me exercitava mais comumente, e situado numa casa vizinha, em companhia de dois amigos dos quais um tocava flauta e o outro violino; este último era aquele que me dava as lições. Não se produziu em nenhum outro lugar;

2° Era necessário que eu tocasse; e se, às vezes, eu me repousava por muito tempo, vários sons, e algumas vezes vários acordes se faziam ouvir como para me convidar a continuar. No entanto, no dia em que essa música se produziu em conseqüência de um realejo, eu não tocava;

3° Essa música tinha um caráter bastante acentuado para poder ser notado; eu não tive o pensamento de fazê-la;

4° Ela parecia vir de um ponto bem determinado, mas que viajava constantemente no quarto; fixava-se durante alguns instantes, de sorte que se podia designar com o dedo o lugar de onde ela provinha; mas quando se acercava desse lugar descobrindo-lhe o segredo, ela mudava logo de lugar e se fixava em outra parte, ou se fazia ouvir em diferentes lugares;

5° Esse efeito durou cerca de três meses, desde o mês de fevereiro de 1862. Eis como cessou:

Um dia estávamos reunidos, meu patrão, um outro empregado e eu ; conversávamos de coisas e de outras, quando meu patrão me dirigiu, sem preâmbulo, esta pergunta: "Credes nos fantasmas? - Não," respondi. Ele continuou a me questionar, e eu decidi contar-lhe o que se passava. Ele me escutou com muita admiração; quando terminei, ele me bateu nas costas dizendo: "Falarão de vós." Disso falou a um médico, que se diz muito sábio em física, e que lhe explicou o fato dizendo que eu era um *sensitivo,* um *magnetizado.* Meu patrão, procurando se dar conta da coisa, veio um dia me encontrar no quarto, e me mandou tocar. Obedeci, e a música invisível se fez ouvir durante alguns segundos, muito distintamente para mim, vagamente para o patrão e para os assistentes. O patrão ali tomou todas as espécies de maneiras, mas sem nada poder obter a mais.

No domingo seguinte, eu retornei ao quarto; foi aquele onde a música se fez ouvir em conseqüência do realejo, sem que eu tocasse. Esta foi a última vez; desde então nada de semelhante se produziu.

Nota. Antes de atribuir um fato à intervenção dos Espíritos, é preciso estudar-lhe cuidadosamente todas as circunstâncias. Aquele do qual se trata aqui tem bem todos os caracteres de uma manifestação; é provável que tenha sido produzido por algum Espírito simpático ao jovem, no objetivo de conduzi-lo às idéias espíritas, e chamar a atenção de outras pessoas sobre estas espécies de fenômenos. Mas, então, dir-se-á, por que esse efeito não se produziu de maneira mais retumbante? Os Espíritos não são obrigados a saber de todos os motivos que os fazem agir; mas deve-se supor que julgaram o que se passou suficiente para a impressão que queriam produzir. Aliás, a cessação do fenômeno no próprio momento em que se lhe desejava a continuação, deveria ter por resultado provar que a vontade do jovem ali não estava por nada, e que não havia fraude. Essa música sendo ouvida pelas pessoas presentes, exclui todo efeito de ilusão ou de imaginação, tão bem quanto a idéia de um conto inventado; além disto, o jovem não tendo então nenhuma noção do Espiritismo, não se pode suporque sofresse a influência de idéias preconcebidas; não foi senão depois de vários anos que ele pôde explicar o fenômeno. Quantidade de pessoas estão no mesmo caso; o Espiritismo lhes remete em memória os fatos perdidos de vista que elas colocavam à conta da alucinação, *e* das quais podem doravante se dar conta. Os fenômenos espontâneos são o que se pode chamar o *Espiritismo experimental natural.*

O ESPIRITUALISMO E O IDEAL.

NA ARTE E NA POESIA DOS GREGOS
Por CHASSANG(1)
(1) 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Casa dos Srs. Didier et *C',* 35, quai dês Augustins.

Nosso número do mês de agosto continha a reprodução de um notabilíssimo artigo, tirado do jornal *lê Droit,* sobre as funestas conseqüências do materialismo, do ponto de vista da legislação e da ordem social; *Ia Patrie,* de 30 de julho de 1868, deu o relatório de uma obra sobre a influência do espiritualismo nas artes. Esses dois artigos são o corolário e o complemento um do outro: no primeiro provam-se os perigos do materialismo para a sociedade, e no segundo demonstra-se a necessidade do espiritualismo, sem o qual as artes e a poesia estão privadas de seu elemento vital.

Com efeito, o sublime da arte e da poesia é de falar à alma, de elevar o pensamento acima da matéria que nos restringe, e da qual aspiramos, sem cessar, sair; mas para fazer vibrar as cordas da alma é preciso ter uma alma que vibre em uníssono. Como aquele que não crê senão na matéria, poderia se inspirar e se tornar o intérprete de pensamentos e de sentimentos que estão fora da matéria? Seu ideal não sai do terra-a-terra, e ele é frio, porque não fala nem ao coração nem ao Espírito, mas somente aos sentidos materiais. O belo ideal não está no mundo material; é preciso, pois, procurá-lo no mundo espiritual, que é o da luz para os cegos; na impossibilidade de isto alcançar, criou a escola realista que não sai deste mundo, porque ali está todo o seu horizonte; o verdadeiro belo estando fora da capacidade de certos artistas, eles declaram que o belo é feio. A fábula da raposa que tem a cauda cortada permanece sempre u ma verdade.

A época em que a fé religiosa era ardente e sincera é também aquela em que a arte religiosa produziu as mais belas obras-primas; o artista se identificava com seu sujeito, porque ele o via com os olhos da alma e o compreendia; era o seu próprio pensamento que ele dava; mas à medida que a fé foi embora, o gênio inspirador partiu com ela. Não é preciso, pois, se espantar se a arte religiosa está hoje em plena decadência; não é o talento que faz falta, é o sentimento.

Ocorre o mesmo com o ideal em todas as coisas; as obras de arte não cativam senão quando elas fazem pensar. Pode-se admirar o talento plástico do artista, mas não se pode suscitar um pensamento que não existe nele; ele pinta um mundo que não vê, não sente nem compreende; também cai às vezes no grotesco; sente-se que ele visa ao efeito, e é tentado a fazer do novo torturando a forma; eis tudo.

Pode-se dizer outro tanto da música moderna; ela faz muito barulho; exige do executante uma grande agilidade dos dedos e da garganta, uma verdadeira deslocação; ela movimenta as fibras do ouvido, mas não as do coração. Esta tendência da arte para a materialidade perverteu o gosto do público, cuja delicadeza do sentido moral se encontra enfraquecida (1). (1) Ver a *Revista* de dezembro de 1860, página 366, e janeiro de 1861, página 4: *A arte paga e a arte espirita.*

A obra do Sr. Chassang é a aplicação dessas idéias à arte em geral, e à arte grega em particular. Reproduzimos com *prazer* o que disso disse o autor no relatório de *Ia Patrie,* porque é uma prova a mais da enérgica reação que se opera em favor das idéias espiritualistas, e que, como dissemos, toda defesa do espiritualismo *racional* abre o caminho do Espiritismo, que dele é o desenvolvimento, combatendo os seus mais tenazes adversários: o materialismo e o fanatismo.

O Sr. Chassang é o autor da história *ó e Apollonius de Tyane,* da qual demos conta na *Revista* de outubro de 1862, página 289.

"Esse livro, de um caráter todo especial, não foi feito por ocasião dos recentes debates sobre o materialismo, e é certamente independente da vontade do autor que as circunstâncias viessem lhe dar uma espécie de atualidade. Em o escrevendo, o Sr. Chassang não entendia fazer obra de metafísico, mas de simples literato. No entanto,

como as grandes questões da metafísica estão eternamente na ordem do dia, e que toda obra literária verdadeiramente digna desse nome supõe sempre algum princípio filosófico, esse livro de uma inspiração espiritualista muito decidida, encontra-se em correlação com as preocupações do momento.

"O Sr. Chassang deixa a outros a refutação do materialismo do ponto de vista filosófico puro. Sua tese é toda estética. O que entende provar é que a literatura e a arte não estão menos interessadas do que a vida moral no triunfo das doutrinas espiritualistas. *Do mesmo modo que o materialismo despoetiza a vida, e se faz um cruel prazer desencantar o homem em lhe tirando toda a esperança,* toda consolação no meio dos males que o assediam, do mesmo modo ele suprime sem piedade da literatura e da arte o que ele chama as ilusões ou as mentiras, e, sob o pretexto de verdade, proclamando o *realismo,* faz uma lei aos artistas e aos escritores de não exprimir senão o que é.

"As doutrinas espiritualistas, ao contrário, abrem em todos os sentidos o caminho às nobres aspirações: elas entretêm o homem do futuro e da imortalidade; elas dizem ao poeta e ao artista que há um belo ideal do qual as mais belas criações humanas não são senão pálidos reflexos, e sobre o qual deve sempre fixar os olhos quem quer encantar os seus contemporâneos e viver para a posteridade.

"Depois de ter, em sua introdução, desenvolvido este dado do ponto de vista geral, o Sr. Chassang procura-lhe a prova na mais bela das literaturas e nas maiores das artes que tenham excitado a admiração dos homens, na literatura e na arte dos antigos Gregos. Para uma semelhante demonstração, uma ordem rigorosa e didática é antes de se fugir do que de se procurar; também, depois da introdução que expõe os princípios, vêm não capítulos estreitamente unidos e metodicamente ligados, mas estudos isolados que, todos, se ligam ao mesmo assunto, se inspiram do mesmo sentimento e convergem ao mesmo fim. O livro tem assim, ao mesmo tempo, a unidade no conjunto e a variedade nas partes.

"É primeiro um tratado sobre o que o autor chama com propósito o *espiritualismo popular* entre os Antigos, quer dizer, as crenças dos Gregos e dos Romanos sobre o destino das almas depois da morte. Ele mostra que se, entre essas crenças, há erros evidentes, esses erros repousam, no entanto, todos sobre a esperança de uma outra vida. O culto dos mortos não contém, com efeito, implicitamente uma profissão de fé espiritualista? A última vitória do materialismo seria a de suprimi-lo, e seus adeptos deveriam logicamente chegar a isso; de outro modo, para que levantar a pedra do túmulo? para que, sobretudo, cercar o túmulo de respeito, se nada há atrás dele? Assim fala o Sr. Chassang." OCTAVESACHOT.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

DA REGENERAÇÃO DOS POVOS DO ORIENTE

Recebemos da Síria uma carta muito interessante sobre o estado moral dos povos do Oriente e os meios de cooperar para a sua regeneração. A especialidade desta carta não nos permite publicá-la em nossa Revista; diremos somente que o nosso honrado correspondente, iniciado nos conhecimentos dos povos da Europa, encara a questão como profundo filósofo, como homem desligado de todo preconceito de seita, que conhece o terreno e não tem nenhuma ilusão sobre as dificuldades que semelhante assunto apresenta.

Ele vê no Espiritismo, que estudou seriamente, uma poderosa alavanca para combater os preconceitos que se opõem à emancipação moral e intelectual de seus compatriotas, em razão mesmo das idéias que constituem o fundo de suas crenças e às quais seria preciso dar uma direção mais racional. Tendo em vista concorrer a essa obra,

ou pelo menos colocar-lhe as primeiras bases, ele concebeu um projeto que consentiu nos submeter, pedindo-nos para solicitarmos também a opinião dos bons Espíritos.

A comunicação que nos foi dada a esse respeito é instrutiva para todo o mundo, sobretudo nas circunstâncias atuais, foi porque acreditamos dever publicá-la. Ela contém uma sábia apreciação das coisas, e conselhos dos quais outros poderão aproveitar se possível, e que, em especializando-os, encontram também sua aplicação na maneira mais proveitosa de propagar o Espiritismo.

(Paris, 18 de setembro de 1868.)

Não é somente o Oriente, é a Europa, é o mundo inteiro que agita uma surda fermentação que a menor causa pode transformar em conflagração universal, quando o momento tiver chegado. Como disse com razão o Sr. X..., é sobre as ruínas que *se* edificam as coisas novas, e antes que a grande renovação seja um fato realizado, os trabalhos humanos e a intervenção dos elementos devem *acabar* de desobstruir o solo do pensamento dos erros do passado. Tudo concorre para essa obra imensa; a hora da ação se aproxima rapidamente, e devem ser encorajadas todas as inteligências para que se preparem para a luta. A Humanidade deixa suas fraldas para cingir a roupa viril; ela sacode o jugo secular; o momento não poderia ser mais propício. Mas não se deve dissimular que a tarefa é rude, e que mais de um artesão será esmagado pela máquina que terá posto em movimento, por não ter sabido descobrir o freio capaz de dominar o ímpeto da Humanidade muito bruscamente emancipada.

Ter a razão, a verdade por si, trabalhar em vista do bem geral, sacrificar seu bem-estar particular ao interesse de todos, é muito, mas não é suficiente. Não se pode dar tudo de uma vez todas as liberdades a um escravo acostumado pelos séculos a um jugo severo. Não é senão gradualmente, em medindo a extensão das andadeiras aos progressos inteligentes e sobretudo morais da Humanidade, que a regeneração poderá se realizar. A tempestade que dissipa os miasmas deletérios dos quais uma região está infectada, é um cataclismo benfazejo; mas aquela que rompe todos os diques, e que, não obedecendo a nenhum freio, derruba tudo em sua passagem, é deplorável, e sem nenhuma conseqüência útil. Ela aumenta as dificuldades em lugar de contribuir para fazê-las desaparecer.

Todos aqueles que desejarem concorrer utilmente ao trabalho regenerador devem pois, antes de tudo, se preocupar com a natureza dos elementos sobre os quais lhe é possível agir, e combinar suas ações em razão do caráter, dos costumes, das crenças daqueles que querem transformar. Assim para alcançar, no Oriente, o objetivo que perseguem na América e na Europa ocidental todos os espíritos de elite, é preciso seguir um caminho idêntico quanto ao conjunto, mas essencialmente diferente nos detalhes, quer dizer, que em semeando a instrução, em desenvolvendo a moralidade, em combatendo os abusos consagrados pelo tempo, chegar-se-á ao mesmo resultado, em qualquer lugar que se agir, mas a escolha dos meios deverá sobretudo ser determinada pelo gênio particular daqueles aos quais se dirigirem.

O espírito de reforma sopra em toda a Ásia; ele deixou na Síria, na Pérsia, e em todos os países vizinhos, sangrentos destroços; a idéia nova ali germinou, irrigada com o sangue dos mártires;

é preciso aproveitar do impulso dado às inteligências, mas evitar cair nas faltas que provocaram essas perseguições. *Não se instrui o homem em chocando de frente os seus preconceitos, mas em examinando, em modificando o mobiliário de seu espírito de maneira de tal modo gradual, que ele chegue a renunciar por si mesmo aos erros pelos quais outrora ele teria sacrificado a sua vida.* Não é preciso lhe dizer: "Isto *é* mau, aqui é bom," mas levá-lo, pelo ensino literário e pelo exemplo, a apreciar cada coisa sob o seu verdadeiro aspecto. Não se impõem a um povo idéias novas; para ele que as aceite sem

perturbação lamentável, é preciso habituá-lo a elas pouco a pouco em lhe fazendo reconhecer as vantagens, e não as colocar como princípio senão quando estiver certo de que terão para elas uma imponente maioria.

Há muito o que fazer no Oriente, mas somente a ação do homem seria impotente para operar uma transformação radical. Os acontecimentos aos quais tocamos contribuirão por uma parte para essa transformação. Eles habituarão os Orientais a um novo gênero de existência; eles solaparão, em suas bases, os preconceitos que presidem à legislação da família. Será somente depois disto que o ensino virá lhes dar o último golpe.

Aplaudimos com todas as nossas forças a obra do Sr. X..., o espírito no qual ela está concebida; nós lhe prometemos, além disso, a nossa assistência, e o aconselhamos a recorrer a nós todas as vezes que encontrar algumas dificuldades embaraçosas. Que se apresse em pôr-se à obra; os acontecimentos vão rápido, e mal seu trabalho terá terminado, quando o momento propício terá chegado! Que não perca tempo e conte com o nosso concurso, que lhe é adquirido como a todos aqueles que perseguem com desinteresse o cumprimento dos desígnios providenciais.

CLÉLIE DUPLANTIER.

A MELHOR PROPAGANDA.

(Sociedade de Paris; 23 de outubro de 1868. Médium, Sr. Nivard.)

Se há poucos médiuns, esta noite, será preciso que haja penúria de Espíritos; ao contrário, eles são muito numerosos; uns são os habituais que vêm nos instruir ou se instruírem eles mesmos; os outros, em grande número, são recém-chegados para vós. Eles vieram sem carta de entrada, é verdade; mas com o consentimento e e o convite dos Espíritos habituais. Muitos desses Espíritos sentem-se felizes por assistir à sessão, e o são sobretudo de nela haverem vários Espíritas que amam e que dirigem, e que tiveram o pensamento de se colocar entre vós.

Há muitos Espíritas no mundo, mas seu grau de instrução sobre a Doutrina está longe de ser suficiente para se fazer classificar entre os Espíritas esclarecidos. Eles têm luzes, sem dúvida, mas a prática, geralmente, lhes faz falta; ou se praticam, têm necessidade de ser secundados, *a* fim de levarem, nos esforços que tentam, mais persuasão e menos entusiasmo. Quando falo de prática do Espiritismo, quero dizer a parte que concerne à propaganda; pois bem! para esta parte, mais difícil do que se crê, é preciso, para exercê-la com eficácia, estar bem penetrado da filosofia do Espiritismo e também de sua parte moral. A parte moral é fácil de conhecer; ela pede para isso pouco esforço; em compensação, é a mais difícil de praticar, porque só o exemplo pode fazê-la bem compreender. Fareis compreender melhor a virtude dando-lhe o exemplo do que em definindo-a. Ser virtuoso é fazer compreender e amar a virtude. Não há nada a responder àquele que faz o que convida os outros a fazer. Portanto, para a parte moral do Espiritismo, nenhuma dificuldade na teoria, muitas na prática.

A parte filosófica apresenta mais dificuldades para ser compreendida, e, conseqüentemente, pede mais esforços. Os adeptos que tentam ser militantes devem se pôr em obra para bem conhecê-la, porque é a arma com a qual combaterão com mais sucesso. É útil que não se extasiem sobre os fenômenos materiais, e que deles dêem a explicação sem muito desenvolvimento. Eles devem reservar esses desenvolvimentos para a análise dos fatos de ordem inteligente, sem, no entanto, nisto muito dizer, porque não se deve fatigar o espírito das pessoas novatas no Espiritismo. Explicações concisas, exemplos bem escolhidos, adaptando-se bem à questão que se discute, eis tudo o que é preciso. Mas, eu o repito, para ser conciso, não é preciso dele saber menos; para dar exemplos ou explicações bem apropriadas ao assunto, é necessário possuir a fundo a

filosofia do Espiritismo. Esta filosofia está resumida em O *Livro dos Espíritos, e* o lado prático em O *Livro dos Médiuns.* Se conheceis bem a substância dessas duas obras, que são obras dos Espíritos, tereis certamente a felicidade de conduzir muitos de vossos irmãos a esta crença tão consoladora, e muitos daqueles que crêem serão colocados sobre o seu verdadeiro terreno: o do amor e da caridade.

Assim, pois, meus amigos, aqueles dentre vós que desejarem, e todos devem desejá-lo, fazer partilhar suas crenças aos seus irmãos, que querem chamá-los ao banquete de consolação que o Espiritismo oferece a todos os seus filhos, devem moralmente pregar o Espiritismo praticando-lhe a moral, e intelectualmente difundindo ao seu redor as luzes que hauriram ou haurirão nas comunicações dos Espíritos.

Tudo isto é fácil, não é preciso senão querer. Pois bem! meus caros amigos, em nome de vossa felicidade, de vossa tranqüilidade, em nome da união e da caridade, eu vos convido a querer.

Um Espírito.

O VERDADEIRO RECOLHIMENTO

Sociedade de Paris, 16 de outubro de 1868; médium Sr. Bertrand.)

Se pudésseis ver o recolhimento dos Espíritos de todas as ordens que assistem às vossas sessões, e isto durante a leitura de vossas preces, não só serieis tocados, mas ficaríeis envergonhados de ver que o vosso recolhimento, que eu qualifico somente de silêncio, está bem longe de se aproximar do dos Espíritos, dos quais um bom número vos são inferiores. O que chamais vos recolher durante a leitura de vossas belas preces é observar um silêncio que ninguém perturba; mas se vossos lábios não se movimentam, se vosso corpo está imóvel, vosso Espírito vagueia e deixa de lado as sublimes palavras que deveríeis pronunciar do mais profundo de vosso coração, em vo-las assimilando pelo pensamento.

Vossa matéria observa o silêncio; certamente, seria vos fazer injúria em dizer o contrário; mas vosso Espírito tagarela não o observa, e perturba, nesse instante, por vossos pensamentos diversos, o recolhimento dos Espíritos que vos cercam. Ah! se os visse prosternados diante do Eterno, pedindo o cumprimento de cada uma das palavras que ledes, vossa alma com isto estaria emocionada, e lamentaria a sua pouca atenção passada, faria um retorno sobre si mesma, e pediria a Deus, de todo o coração, o cumprimento dessas mesmas palavras que ela não pronunciava senão com os lábios. Pediríeis aos Espíritos para vos tornar *dóceis aos seus conselhos,* e eu, Espírito que vos fala, depois da leitura de vossas preces, e das palavras que venho de repetir, que eu poderia assinalar mais de um que continuaria todo ainda pouco dócil aos conselhos que acabo de dar, e com sentimentos todo ainda pouco caridosos para seu próximo.

Sem dúvida, sou um pouco duro; mas creio não sê-lo senão para aqueles que o merecem e cujos mais secretos pensamentos não podem ser ocultados aos Espíritos. Eu não me dirijo, pois, senão àqueles que vêm aqui pensando em toda outra coisa do que nas lições que devem aqui vir procurar e nos sentimentos que devem aqui trazer. Mas aqueles que oram do fundo de sua alma pedirão também, depois da leitura de minha comunicação, por aqueles que vêm aqui e daqui partem sem terem orado.

Qualquer que o seja, peço àqueles que consentiram me emprestar um ouvido atento, de continuarem a pôr em prática os ensinos e os conselhos dos Espíritos; a isto os convido em seu interesse, porque não sabem tudo o que podem perder em não fazê-lo.

DECOURSON.

BIBLIOGRAFIA

O Espiritismo na Bíblia Ensaio sobre a psicologia dos antigos Hebreus, por Henri Stecki (1). (1) Um pequeno volume in-12; preço, 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 25 c. Casa dos Srs. Lacroix e C[a], Librairie Internationale, 15, boulevard Montmartre, em Paris; e no escritório da *Revista Espirita.*

Sabe-se que a Bíblia contém uma multidão de passagens em relação com os princípios do Espiritismo; mas como encontrá-los nesse labirinto? É preciso fazer desse livro uma leitura atenta, o que poucas pessoas têm o tempo e a paciência de o fazer. Em alguns mesmo, em razão sobretudo da linguagem freqüentemente figurada, a idéia espírita não aparece de maneira clara senão depois de reflexão.

O autor deste livro fez da Bíblia um estudo aprofundado, e só o conhecimento do Espiritismo lhe deu a chave de coisas que lhe pareciam inexplicáveis ou ininteligíveis antes. Foi assim que ele pôde se esclarecer com certeza sobre as idéias psicológicas dos antigos Hebreus, ponto sobre o qual os comentadores não estavam de acordo. Devemos, pois, ser agradecidos por ter colocado essas passagens em luz, num resumo sucinto, e ter assim poupado ao leitor pesquisas longas e fastidiosas. Às citações ele acrescenta comentários necessários à inteligência do texto, e que revelam nele o Espírita esclarecido, mas não fanático de suas idéias, e que vê do Espiritismo por toda a parte.

O nome do autor indica que ele não é Francês; ele disse em seu prefácio que é Polonês, e explica em quais circunstâncias foi levado ao Espiritismo e os recursos morais que hauriu nesta Doutrina. Embora estrangeiro, ele escreve o francês, como de resto a maioria dos povos do Norte, principalmente os Poloneses e os Russos, com uma perfeita pureza; seu livro é escrito com clareza o que é um grande mérito em matérias filosóficas, porque nada é menos próprio à vulgarização das idéias que um autor quer propagar, do que esses livros cuja leitura cansa ao ponto de dar dor de cabeça, e cujas proposições são uma seqüência de enigmas indecifráveis para o comum dos leitores.

Em resumo, o Sr. Stecki fez um livro útil, do qual todos os Espíritas lhe serão agradecidos.

Nós lhe agradecemos pessoalmente pelo gracioso epíteto dedicatório que consentiu colocar no topo de sua obra.

O ESPIRITISMO EM LYON

Esse jornal, que aparece desde 15 de fevereiro, e do qual falamos várias vezes, prossegue o seu caminho com sucesso, graças ao zelo e ao devotamento de seus diretores. Sua obra é tanto mais meritória quanto, novatos no que concerne à manutenção do jornal, tiveram que lutar contra as dificuldades na inexperiência. Mas em forjando se torna forjador, assim seguimos com o vivo interesse os progressos desse jornal que ganhou consideravelmente, desde a sua origem, pela forma e pelo fundo. Nós o felicitaríamos pelo espírito de tolerância e de moderação dos quais se fez uma lei, se essa não fosse uma das qualidades sem as quais não se poderia dizer verdadeiramente Espírita, e uma conseqüência da máxima que toma por divisa: *Fora da caridade não há salvação;* também fazemos votos sinceros para a sua prosperidade. O último número, o de 15 de outubro, contém vários artigos muito interessantes, sobre os quais chamamos a atenção de nossos leitores.

DOS DESTINOS DA ALMA

Com considerações proféticas para reconhecer o tempo presente e os sinais da aproximação dos últimos dias; nova edição, precedida de um chamado aos católicos de boa fé e ao futuro concilio. Por A. D'0rient(1).- (1) Um grande vol. grande in-8 Preço: 7 fr. 50, Casa Srs. Didier e C", 35, quai dês Augustins, e Ad. Lainé, 19, rue dês Saints-Pères.

Nesta obra, de uma importância capital, o autor se apoia sobre a pluralidade das existências, como a teoria mais racional, sobre o progresso indefinido da alma pelo trabalho realizado nas existências sucessivas, a responsabilidade de cada um segundo as suas obras, a não eternidade absoluta das penas, o corpo fluídico, etc., em uma palavra, sobre os princípios que fazem a base do Espiritismo; e, no entanto, foi publicado em 1845, nova prova do movimento que já se opera neste sentido antes mesmo do aparecimento da Doutrina Espírita, que veio sancionar pelos fatos, e coordenar estas idéias esparsas. O autor iludiu-se de ali reunir o clero, em respeitando os dogmas católicos, tudo em os interpretando de maneira mais lógica; sua esperança foi frustrada, porque seu livro foi colocado no índex. Limitamo-nos a anunciá-lo, nos reservando de consagrar-lhe um artigo especial, quando tivermos tido o tempo de examiná-lo a fundo.

À espera, citaremos o parágrafo seguinte da introdução, que especifica o objetivo que o autor se propôs.

"Ressurreição dos corpos, presciência de Deus, vidas sucessivas ou purgatórios das almas, tais são as três questões, onde tudo o que se prende aos destinos de nossa alma se liga, que nos propusemos de apresentar sob novos aspectos, às meditações dos católicos e de todos os homens que gostam de refletir sobre si mesmos. O que temos a dizer não toca às verdades essenciais que importa a todo o gênero humano conhecer e de crer com uma inteira certeza: essas verdades, que são do domínio da fé, são também completas e asseguradas de que é necessário que elas sejam, e não temos a pretensão de lhe acrescentar nada de nós mesmos. Não queremos senão propor humanamente sobre essas matérias, teorias humanas, que é muito permitido ignorar ou de não crer sem prejuízo para a sua alma; e todos os nossos esforços não têm outro objetivo senão o de esclarecer com o facho da ciência os fatos obscuros, onde as luzes da revelação faltam, e que a fé não definiu completamente."

AVISO

Os Srs. assinantes que não quiserem experimentar o atraso no envio da *Revista,* são rogados a renovarem sua assinatura antes de 31 de dezembro.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11º ANO **NO. 12** **DEZEMBRO 1868**

SESSÃO ANUAL COMEMORATIVA DOS MORTOS

(Sociedade de Paris, 1° de novembro de 1868)

DISCURSO DE ABERTURA PELO SR. ALLAN KARDEC (1)

(1) A primeira parte desse discurso foi tomada de uma publicação anterior sobre a *Comunhão de pensamentos,* mas que era necessário iembrar, por causa da sua ligação com a idéia principal.

O *Espiritismo é uma religião?*

"Em qualquer lugar que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, eu me encontro ali no meio delas." (S. Mateus, cap. XVIII, v. 20.)

Caros irmãos e irmãs espíritas,

Estamos reunidos, neste dia consagrado pelo uso à comemoração dos mortos, para dar àqueles de nossos irmãos que deixaram a Terra, um testemunho particular de simpatia; para continuar as relações de afeto e de fraternidade que existiam entre eles e nós quando vivos, e para chamar sobre eles as bondades do Todo-Poderoso. Mas porque nos reunir? Não podemos fazer, cada um em particular, o que nos propomos fazerem comum? Que utilidade pode nisto terem se reunir assim num dia determinado?

Jesus no-lo indica pelas palavras que reportamos acima. Esta utilidade está no resultado produzido pela comunhão de pensamentos que se estabelece entre pessoas reunidas com um mesmo objetivo.

Mas compreende-se bem toda a importância desta palavra: *Comunhão de pensamentos?* Seguramente, até este dia, poucas pessoas dela se fizeram uma idéia completa. O Espiritismo, que tantas coisas nos explica pelas leis que nos revela, vem ainda nos explicar a causa, os efeitos e o poder desta situação do Espírito.

Comunhão de pensamento quer dizer pensamento comum, unidade de intenção, de vontade, de desejo, de aspiração. Ninguém pode desconhecer que o pensamento seja uma força; mas é uma força puramente moral e abstrata? Não; de outro modo não se explicariam certos efeitos do pensamento, e ainda menos da comunhão de pensamento. Para compreendê-lo, é preciso conheceras propriedades e a ação dos elementos que constituem a nossa essência espiritual, e é o Espiritismo que no-lo ensina.

O pensamento é o atributo característico do ser espiritual; é ele que distingue o espírito da matéria: sem o pensamento, o espírito não seria espírito. A vontade não é um atributo especial do espírito, é o pensamento chegado a um certo grau de energia; é o pensamento tornado força motora. É pelo pensamento que o espírito imprime aos membros e ao corpo os movimentos num sentido determinado. Mas se ele tem o poder de agir sobre os órgãos materiais, quanto esta força deve ser maior sobre os elementos fluídicos que nos cercam! O pensamento age sobre os fluidos ambientes, como o som

age sobre o ar; esses fluidos nos trazem o pensamento como, o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer com toda a verdade que há nesses fluidos ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Uma assembléia é um foco de onde irradiam pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos onde cada um produz uma nota. Disto resulta uma multidão de correntes e de eflúvios fluídicos dos quais cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro de música, cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido do ouvido.

Mas, do mesmo modo que há raios sonoros harmônicos ou discordantes, há também pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmônico, a impressão é agradável; se é discordante, a impressão é penosa. Ora, por isto, não há necessidade de que o pensamento seja formulado em palavras; a irradiação fluídica não existe menos, quer ela seja expressada ou não; se todos são benevolentes, todos os assistentes nele experimentam um verdadeiro bem-estar, e se sentem comodamente; mas se é misturada com alguns pensamentos maus, eles produzem um efeito de uma corrente de ar gelado no meio tépido.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se sente numa reunião simpática; ali reina como uma atmosfera moral saudável, onde se respira comodamente; dali se sai reconfortado, porque se está impregnado de eflúvios salutares. Assim se explicam também a ansiedade, o mal-estar indefinível que se sente num meio antipático, onde os pensamentos malévolos provocam, por assim dizer, correntes fluídicas doentias.

A comunhão de pensamentos produz, pois, uma espécie de efeito físico que reage sobre o moral; é o que só o Espiritismo poderia fazer compreender. O homem o sente instintivamente, uma vez que procura as reuniões onde ele sabe encontrar essa comunhão; nessas reuniões homogêneas e simpáticas, ele haure novas forças morais; poder-se-ia dizer que ali recupera as perdas fluídicas que ele faz cada dia pela irradiação do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material.

A esses efeitos da comunhão de pensamentos junta-se um outro que lhe é conseqüência natural, e que importa não perder de vista: é a força que adquire o pensamento ou a vontade, pelo conjunto dos pensamentos ou vontades reunidas. Sendo a vontade uma força ativa, esta força é multiplicada pelo número das vontades idênticas, como a força muscular é multiplicada pelo número dos braços.

Estabelecido este ponto, concebe-se que nas relações que se estabelecem entre os homens e os Espíritos, haja, numa reunião onde reina uma perfeita comunhão de pensamentos, uma força atrativa ou repulsiva que um indivíduo isolado nem sempre possui. Se, até o presente, as reuniões muito numerosas são menos favoráveis, é pela dificuldade de obter uma homogeneidade perfeita de pensamentos, o que se prende à imperfeição da natureza humana sobre a Terra. Quanto mais as reuniões são numerosas, mais nela se misturam elementos heterogêneos que paralisam a ação dos bons elementos, e que são como os grãos de areia numa engrenagem. Não ocorre o mesmo nos mundos mais avançados, e esse estado de coisas mudará sobre a Terra, à medida que os homens se tornarem melhores.

Para os Espíritas, a comunhão de pensamentos tem um resultado mais especial ainda. Vimos o efeito dessa comunhão de homem a homem; o Espiritismo nos prova que ela não é menor dos homens para os Espíritos, e reciprocamente. Com efeito, se o pensamento coletivo adquire força pelo número, um conjunto de pensamentos idênticos, tendo o bem por objetivo, terá mais força para neutralizar a ação dos maus Espíritos; também vemos que a tática destes últimos é de levar à divisão e ao isolamento. Sozinho, um homem pode sucumbir, ao passo que se sua vontade está corroborada por outras vontades, ele poderá resistir, segundo o axioma: *A união faz a força,* axioma verdadeiro no moral como no físico.

De um outro lado, se a ação dos Espíritos malévolos pode ser paralisada por um pensamento comum, é evidente que a dos bons Espíritos será secundada; sua influência salutar não encontrará obstáculos; seus eflúvios fluídicos, não sendo detidos por correntes contrárias, se derramarão sobre todos os assistentes, precisamente porque todos os terão atraído pelo pensamento, não cada um em seu proveito pessoal, mas em proveito de todos, segundo a lei de caridade. Descerão sobre eles em língua de fogo, para nos servir de uma admirável imagem do Evangelho.

Assim, pela comunhão de pensamentos, os homens se assistem entre si, e, ao mesmo tempo, assistem os Espíritos e são por eles assistidos. As relações do mundo visível e do mundo invisível não são mais individuais, são coletivas, e, por isto mesmo mais poderosas para o proveito das massas, como para o dos indivíduos; em uma palavra, ela estabelece a solidariedade, que é a base da fraternidade. Cada um não trabalha só para si, mas para todos, e em trabalhando todos cada um nisso encontra sua conta; é o que o egoísmo não compreende.

Graças ao Espiritismo, pois, compreendemos o poder e os efeitos do pensamento coletivo; explicamo-nos melhor o sentimento de bem-estar que se experimenta num meio homogêneo e simpático; mas sabemos igualmente que ocorre o mesmo com os Espíritos, porque eles também recebem os eflúvios de todos os pensamentos benevolentes que se elevam para eles, como uma emanação de perfume. Aqueles que são felizes sentem uma maior alegria desse concerto harmônico; aqueles que sofrem dele sentem um maior alívio.

Todas as reuniões religiosas, seja qualquer culto a que pertençam, são fundadas sobre a comunhão de pensamentos; é aí, com efeito, que ela deve e pode exercer toda a sua força, porque o objetivo deve ser o desligamento do pensamento das amarras da matéria. Infelizmente, a maioria se afastou deste princípio, à medida que fizeram da religião uma questão de forma. Disto resultou que, cada um fazendo consistir seu dever no cumprimento da forma, se acredita quite com Deus e com os homens, quando praticou uma fórmula. Disto resulta ainda que *cada um vai aos lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, por sua própria conta, e, o mais freqüentemente, sem nenhum sentimento de confraternização em relação aos outros assistentes: ele está isolado no meio da multidão, e não pensa no céu senão para si mesmo.*

Não era certamente assim que o entendia Jesus quando disse: "Quando estiverdes vários reunidos em meu nome, eu estarei em vosso meio." Reunidos em meu nome, quer dizer, com um pensamento comum; mas não se pode estar reunidos em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios, a sua doutrina; ora, qual é o princípio fundamental da doutrina de Jesus? A caridade em pensamentos, em palavras e em ações.

Os egoístas e os orgulhosos mentem quando se dizem reunidos em nome de Jesus, porque Jesus os desaprova por seus discípulos.

Tocados por esses abusos e desvios, há pessoas que negam a utilidade das assembléias religiosas, e, por conseguinte, dos edifícios consagrados a essas assembléias. Em seu radicalismo, eles pensam que melhor seria construir hospícios do que templos, tendo em vista que o templo de Deus está por toda a parte, que ele pode ser adorado por toda a parte, que cada um pode pedir em sua casa e a toda hora, ao passo que os pobres, os doentes e os enfermos têm necessidade de lugares de refúgio.

Mas do fato de que são cometidos abusos, de que se afastou do caminho reto, segue-se que o caminho reto não existe, e que de tudo o que se abusa seja mau? Falar assim é desconhecer a fonte e os benefícios da comunhão de pensamento que deve ser a essência das assembléias religiosas; é ignorar as causas que a provocam. Que materialistas professem semelhantes idéias, se o concebe; porque, por eles, em todas as coisas fazem abstração da vida espiritual; mas da parte de espiritualistas, e melhor ainda de Espíritas, isto seria um contra-senso. O *isolamento religioso, como o isolamento social, conduz ao egoísmo.* Que alguns homens sejam bastante fortes por si mesmos, bastante e

largamente dotados pelo coração, para que sua fé e sua caridade não tenham necessidade de ser aquecidas em um foco comum, é possível; mas não ocorre assim com as massas, a quem é preciso um estimulante, sem o qual elas se poderiam deixar ganhar pela indiferença. Além disto, qual é o homem que possa se dizer bastante esclarecido para não ter nada a aprender no que toca aos seus interesses futuros? bastante perfeita para abster-se de conselhos na vida presente? É sempre capaz de se instruir por si mesmo? Não; ele precisa da maioria dos ensinamentos diretos de religião e de moral, como em matéria de ciência. Sem contradita, esse ensinamento pode ser dado por toda a parte, sob a abóbada do céu como sob a de um templo; mas por que os homens não teriam lugares especiais para negócios do céu, como os têm para os negócios da Terra? Por que não teriam assembléias religiosas, como eles têm assembléias políticas, científicas e industriais? Está aí uma bolsa onde se ganha sempre sem fazer ninguém perder nada. Isto não impede as fundações em proveito dos infelizes; mas dizemos além que *quando os homens compreenderem melhor seus interesses do céu, haverá menos gente nos hospícios.*

Se as assembléias religiosas, nós falamos em geral, sem fazer alusão a nenhum culto, muito freqüentemente se afastaram do objetivo primitivo principal, que é a comunhão fraterna do pensamento; se o ensino que ali é dado nem sempre segue o movimento progressivo da Humanidade é que os homens não realizam todos os progressos ao mesmo tempo; o que eles não fazem num período, o fazem num outro; à medida que se esclarecem, vêem as lacunas que existem em suas instituições, e as preenchem; eles compreendem que o que era bom em uma época, em relação ao grau da civilização, torna-se insuficiente num estado mais avançado, e restabelecem o nível. O Espiritismo, nós o sabemos, é a grande alavanca do progresso em todas as coisas; ele marca uma era de renovação. Saibamos, pois, esperar, e não pecamos a uma época mais do que ela pode dar. Como as plantas, é preciso que as idéias amadureçam para serem colhidos seus frutos. Saibamos, além disto, fazer as concessões necessárias às épocas de transição, porque nada, na Natureza, se opera de maneira brusca e instantânea.

Dissemos que o verdadeiro objetivo das assembléias religiosas deve ser a *comunhão de pensamentos;* é que, com efeito, a palavra *religião* quer dizer *laço*; uma religião, em sua acepção ampla e verdadeira, é um laço que *religa* os homens numa comunhão de sentimentos, de princípios e de crenças; consecutivamente, esse nome foi dado a esses mesmos princípios codificados e formulados em dogmas ou artigos de fé. É nesse sentido que se diz: a *religião política',* no entanto, mesmo nesta acepção, a palavra *religião* não é sinônimo de *opinião;* ela implica uma idéia particular: a de *fé conscienciosa;* é porque se diz também: a *fé política.* Ora, os homens podem se alistar, por interesse, num partido, sem ter a fé desse partido, e a prova disto é o que o deixam, sem escrúpulo, quando encontram seu interesse em outra parte, ao passo que aquele que o abraça por convicção é inabalável; ele persiste ao preço dos maiores sacrifícios e é a abnegação dos interesses pessoais que é a verdadeira pedra de toque da fé sincera. No entanto, se a renúncia a uma opinião, motivada por interesse, é um ato de covardia desprezível, ela é respeitável, ao contrário, quando é o fruto do reconhecimento do erro em que se está; é, então, um ato de abnegação e de razão. Há mais coragem e grandeza em reconhecer abertamente que se está errado, do que persistir, por amor-próprio, naquilo que se sabe ser falso, e para não dar um desmentido a si mesmo, o que acusa mais teimosia do que firmeza, mais orgulho do que julgamento, e mais fraqueza do que força. É mais ainda: é a hipocrisia, porque se quer parecer o que não se é; é, além disso má ação, porque é encorajar o erro por seu próprio exemplo.

O laço estabelecido por uma religião, qualquer que lhe seja o objeto, é, pois, um laço essencialmente moral, que religa os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não é somente o fato de compromissos materiais, que se quebram à

vontade, ou do cumprimento de fórmulas que falam aos olhos mais do que ao espírito. O efeito desse laço moral é de estabelecer entre aqueles que une, como conseqüência da comunhão de objetivos e de sentimentos, a *fraternidade e a solidariedade, a* indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que se diz também: a religião da amizade, a religião da família.

Se assim é, dir-se-á, o Espiritismo é, pois, uma religião? Pois bem, sim! sem dúvida, Senhores; no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e disto nos glorificamos, porque é a doutrina que fundamenta os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre as bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza.

Por que, pois, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Pela razão de que não há senão uma palavra para expressar duas idéias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; que ela desperta exclusivamente uma idéia de forma, e que o Espiritismo não a tem. Se o Espiritismo se dissesse religião, o público não veria nele senão uma nova edição, uma variante, querendo-se, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com um cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das idéias de misticismo, e dos abusos contra os quais a opinião freqüentemente é levantada.

O Espiritismo, não tendo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não se poderia, nem deveria se ornar de um título sobre o valor do qual, inevitavelmente, seria desprezado; eis porque ele se diz simplesmente: doutrina filosófica e moral.

As reuniões espíritas podem, pois, ser mantidas religiosamente, quer dizer, com recolhimento e o respeito que comporta a natureza séria dos assuntos dos quais ela se ocupa; pode-se mesmo ali dizer, se for possível, as preces que, em lugar de serem ditas em particular, são ditas em comum, sem ser por isto que se entendam por *assembléias religiosas.* Que não se creia que esteja aí um jogo de palavras; a nuança é perfeitamente clara, e a aparente confusão não vem senão da falta de uma palavra para cada idéia.

Qual é, pois, o laço que deve existir entre os Espíritas? Eles não são unidos entre si por nenhum contrato material, por nenhuma prática obrigatória; qual é o sentimento no qual devem se confundir todos os pensamentos? É um sentimento todo moral, todo espiritual, todo humanitário: o da caridade para todos, de outro modo dito: o amor do próximo que compreende os vivos e os mortos, uma vez que sabemos que os mortos sempre fazem parte da Humanidade.

A caridade é a alma do Espiritismo: ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes; é porque pode se dizer que não há verdadeiro Espírita sem caridade.

Mas a caridade é ainda uma dessas palavras de sentido múltiplo, da qual é necessário bem compreender toda a importância; e se os Espíritos não cessam de pregá-la e de defini-la, é que, provavelmente, reconhecem que isto é ainda necessário.

O campo da caridade é muito vasto; ele compreende duas grandes divisões que, por falta de termos especiais, podem designar-se pelas palavras: *Caridade beneficente e caridade benevolente.* Compreende-se facilmente a primeira, que é naturalmente proporcional aos recursos materiais dos quais se dispõe; mas a segunda está ao alcance de todo o mundo, do mais pobre como do mais rico. Se a beneficência é forçosamente limitada, nenhuma outra senão a vontade pode pôr limites à benevolência.

O que é preciso, pois, para praticar a caridade benevolente? Amar seu próximo como a si mesmo: ora, amando-se ao seu próximo quanto a si mesmo, se o amará muito; se agirá para com outrem como se gosta que os outros ajam para conosco, não se desejará nem se fará mal a ninguém, porque não gostaríamos que no-lo fizessem.

Amar seu próximo é, pois, abjurar todo sentimento de ódio, de animosidade, de rancor, de inveja, de ciúme, de vingança, em uma palavra, todo desejo e todo

pensamento de prejudicar; é perdoar os seus inimigos e restituir o bem onde haja o mal; é ser indulgente para com as imperfeições de seus semelhantes e não procurar a palha no olho de seu vizinho, então que não se vê a trave que está no seu; é ocultar ou desculpar as faltas de outrem, em lugar de se comprazer em pô-las em relevo pelo espírito de denegrir; é ainda não se fazer valer às custas dos outros; de não procurar esmagar ninguém sob o peso de sua superioridade; de não desprezar ninguém por orgulho. Eis a verdadeira caridade benevolente, a caridade prática, sem a qual a caridade é uma palavra vã; é caridade do verdadeiro Espírita como do verdadeiro cristão; aquela sem a qual aquele que diz: Fora *da caridade não há salvação,* pronuncia a sua própria condenação, neste mundo tão bem quanto no outro.

Quantas coisas haveria a se dizer sobre este assunto! Quantas belas instruções nos dão, sem cessar, os Espíritos! Sem o medo de ser muito longo e de abusar de vossa paciência, senhores, seria fácil demonstrar que, em se colocando do ponto de vista do interesse pessoal, egoísta, querendo-se, porque todos os homens não estão ainda maduros para uma abnegação completa, para fazer o bem unicamente pelo amor ao bem, seria, digo eu, fácil de demonstrar que têm tudo a ganhar agindo da maneira e tudo a perder agindo de outro modo, mesmo em suas relações sociais; depois, o bem atrai o bem e a proteção dos bons Espíritos; o mal atrai o mal e abre a porta à maldade dos maus. Cedo ou tarde o orgulhoso é castigado pela humilhação, o ambicioso pelas decepções, o egoísta pela ruína de suas esperanças, o hipócrita pela vergonha de ser desmascarado; aquele que abandona os bons Espíritos por eles é abandonado, e, de queda em queda, se vê, enfim, no fundo do abismo, ao passo que os bons Espíritos levantam e sustentam aquele que, em suas maiores provas, não deixa de confiar na Providência e não desvia jamais do caminho reto; aquele, enfim, cujo secretos sentimentos não escondem nenhum pensamento dissimulado de vaidade ou de interesse pessoal. Portanto, de um lado, ganho assegurado; do outro, perda certa; cada um, em virtude de seu livre arbítrio, pode escolher a chance que quer correr, mas não poderá tomar senão de si mesmo as conseqüências de sua escolha.

Crerem um Deus todo-poderoso, soberanamente justo e bom; crer na alma e em sua imortalidade; na preexistência da alma como única justificativa do presente; na pluralidade das existências como meio de expiação, de reparação e de adiantamento intelectual e moral; na perfectibilidade dos seres mais imperfeitos; na felicidade crescente na perfeição; na eqüitativa remuneração do bem e do mal, segundo o princípio: a cada um segundo as suas obras; na igualdade da justiça para todos, sem exceções, favores nem privilégios para nenhuma criatura; na duração da expiação limitada à da imperfeição; no livre arbítrio do homem, que lhe deixa sempre a escolha entre o bem e o mal; crer na continuidade das relações entre o mundo visível e o mundo invisível, na solidariedade que religa todos os seres passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados, considerar a vida terrestre como transitória e uma das fases da vida do Espírito, que é eterno; aceitar corajosamente as provações, tendo em vista o futuro mais invejável do que o presente; praticar a caridade em pensamentos, em palavras e em ações na mais ampla acepção da palavra; se esforçar cada dia para ser melhor do que na véspera, extirpando alguma imperfeição de sua alma; submeter todas as suas crenças ao controle do livre exame e- da razão, e nada aceitar pela fé cega; respeitar todas as crenças sinceras, por irracionais que nos pareçam, e não violentar a consciência de ninguém; ver, enfim, nas diferentes descobertas da ciência a revelação das leis da Natureza, que são as leis de Deus: eis o *Credo, a religião do Espiritismo,* religião que pode se conciliar com todos os cultos, quer dizer, com todas as maneiras de adorar a Deus. É o laço que deve unir todos os Espíritas em uma santa comunhão de pensamentos, à espera que una todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal.

Com a fraternidade, filha da caridade, os homens viverão em paz, se poupando os males inumeráveis que nascem da discórdia, filha, a seu turno, do orgulho, do egoísmo, da ambição, do ciúme e de todas as imperfeições da Humanidade.

O Espiritismo dá aos homens tudo o que é preciso para sua felicidade neste mundo, porque lhes ensina a se contentarem com aquilo que têm; que os Espíritas sejam, pois, os primeiros a aproveitarem os benefícios que ele traz, e que inaugura entre eles o reino da harmonia, que resplandecerá nas gerações futuras.

Os Espíritos que nos cercam aqui são inumeráveis, atraídos pelo objetivo que nos propusemos em nos reunindo, a fim de darem aos nossos pensamentos a força que nasce da união. Doemos àqueles que nos são caros uma boa lembrança e um testemunho de nossa afeição, os encorajamentos e as consolações àqueles que deles têm necessidade. Façamos de maneira que cada um receba a sua parte dos sentimentos de caridade benevolente, da qual estaremos animados, e que esta reunião traga os frutos que todos estão no direito de esperá-los.

ALLANKARDEC.

Depois desse discurso, foi dada a leitura de uma comunicação espontânea, ditada pelo Espírito do Sr. H. Dozon sobre a solenidade de Todos os Santos, o 1 ° de novembro de 1865, e que é lida cada ano na sessão comemorativa.

TODOS-OS-SANTOS.

A festa de Todos-os-Santos, meus bons amigos, é uma festa que, para a maioria daqueles que não possuem a verdadeira fé, os entristece e lhes faz derramar lágrimas em lugar de alegrá-los. Vede, desde a humilde choupana até o palácio, quando o dobre de finados lembra o nome do esposo ou da esposa, de um pai, de uma mãe, de um filho, de uma filha, chora-se; parece que tudo está acabado, que não têm nada mais a esperar neste mundo, e, no entanto, eles oram! Qual é, pois, essa prece? É um pensamento dado ao ser amado, mas sem esperança; os prantos abafam a prece; por quê? Ah! é que eles duvidam; não têm essa fé viva que traz a esperança, que nos sustenta nas grandes lutas. É que não compreenderam que a vida deste mundo não é senão uma partida, uma separação momentânea; é que, em uma palavra, aqueles que lhes ensinaram a orar não tinham, eles mesmos, a fé verdadeira, a fé que se apoia sobre a razão.

Mas é chegada a hora em que estas belas palavras do Cristo vão ser, enfim, compreendidas; "Meu pai deve ser adorado, não mais somente nos templos, mas por toda a parte, em Espírito e em verdade." O tempo virá em que elas se realizarão. Belas e sublimes palavras! Sim, meu Deus, não sois adorado somente nos templos, mas o sois sobre a montanha e por toda a parte. Sim, aquele que molhou seus lábios no cálice bendito do Espiritismo, ora não só neste dia, mas cada dia; o viajante ora em seu caminho, o operário durante o seu trabalho; aquele que pode dispor de seu tempo o emprega no alívio de seus irmãos que sofrem.

Meus irmãos, regozijai-vos, porque em muito pouco tempo, vereis grandes coisas! Quando eu estava sobre a Terra, eu via a Doutrina grande e bela, mas estava muito longe de poder compreendê-la em toda a sua grandeza e em seu verdadeiro objetivo. Também vos direi: Redobrai de zelo; consolai aqueles que sofrem, porque há seres que foram de tal modo afligidos durante a sua vida, que têm necessidade de ser sustentados e ajudados na luta. Vós sabeis o quanto a caridade é agradável a Deus: praticai-a, pois, sob todas as formas; praticai-a em nome dos Espíritos dos quais festejais a lembrança neste dia, e eles vos abençoarão!

H. DOZON.

Depois das preces habituais *(ver a Revista Espírita* de novembro de 1865), trinta e duas comunicações foram obtidas pelos médiuns presentes, em número de dezoito. Tendo em vista a impossibilidade de publicá-las todas, a Sociedade escolheu as três seguintes, para serem juntadas ao discurso acima, do qual ela pediu a impressão. As outras acharão lugar nas coletâneas especiais que serão publicadas ulteriormente.

I

Um grande Espírito, Larochefoucauld, disse em uma de suas obras, que se deveria temer diante da vida e diante da morte! Certamente, se se deve temer, é de ver sua existência incerta, perturbada, completamente defeituosa; é de ter realizado um trabalho estéril, inútil para si e para os outros; é de ter sido um falso amigo, um mau irmão, um conselheiro pernicioso; é de ser mau filho, pai irrefletido, cidadão injusto, desconhecendo seus deveres, seu país, as leis que vos regem, a sociedade e a solidariedade.

Quantos deles vi, de meus amigos, espíritos brilhantes, engenhosos, instruídos, faltar freqüentemente ao objetivo profundo da vida! Eles construíam hipóteses mais ou menos absurdas: aqui a negação, lá, a fé ardente; em outra parte, se faziam neófitos de tal ou tal sistema de governo, de filosofia, e lançando, muito freqüentemente, ai de mim! suas belas inteligências num fosso, de onde não podiam mais sair senão contundidas e magoadas para sempre.

A vida com suas asperezas, seus dissabores e suas incertezas, é, no entanto, uma bela coisa! Como! vós sais de um embrião, de um nada, e trazeis para vosso redor os beijos, os cuidados, o amor, o devotamento, o trabalho, e isto não seria nada senão a vida! Como ocorre, pois, que, para vós, seres fracos, sem força, sem linguagem, gerações inteiras tenham criado os campos, sem cessar explorados, da economia humana? Economia de saber, de filosofia, de mecânica, de ciência diversas; milhares de cidadãos corajosos usaram seus corpos e suas vigílias para vos criar os mil elementos diversos de vossa civilização. Desde as primeiras letras até uma definição sábia, acha-se tudo o que pode guiar e formar o espírito; pode-se ver hoje, porque tudo é luz. A sombra das épocas sombrias desapareceu para sempre, e o adulto de dezesseis anos pode contemplar e admirar um levantar do sol e analisá-lo, pesar o ar, e, com a ajuda da química, da física, da mecânica, e da astronomia, criar para si mil gozos divinos. Com a pintura, reproduziu uma paisagem; com a música, inscreveu algumas dessas harmonias que Deus derrama em profusão nas harmonias infinitas!

Com a vida, pode se amar, dar, distribuir muito; pode-se fazer sol às vezes e clarear seu interior, sua família, sua sociedade, ser útil, cumprir a sua missão. Oh! sim, a vida é uma bela coisa, palpitante, cheia de fogo e de expansão, cheia de fraternidade e desses deslumbramentos que deixam para último plano nossas pequenas misérias.

Ó vós todos, meus caros condiscípulos da rua Richilieu; vós, meus fiéis de 14; vós todos que, tantas vezes, interrogastes a existência em vos perguntando a palavra do fim; a vós que abaixais a cabeça, incertos diante da última hora, diante desta palavra: *Morte,* que significa para vós: vazio, separação, desagregação, a vós eu venho dizer: Levantai a cabeça e esperai; não mais fraqueza, não mais terror; porque, se vossos estudos conscienciosos e as religiões de nossos pais não vos deixaram senão o desgosto da vida, senão a incerteza e a incredulidade, é que, estéril em tudo, a ciência humana mal dirigida não alcança senão o nada. Vós todos, que amais a Humanidade e resumis a esperança futura pelo estudo das ciências sociais, por sua aplicação séria, eu vos digo: Esperai, crede e procurai. Como eu, deixastes passara verdade; nós a abandonamos, e ela bateu à nossa porta que lhe tínhamos obstinadamente fechado. Doravante, amareis a vida, amareis a morte, essa grande consoladora; porque quereis por uma vida exemplar evitar o recomeço; quereis esperar no limiar da erraticidade todos aqueles que amais, não só a

vossa família, mas a geração inteira que guiastes, para lhes desejar as boas-vindas e a emigração em mundos superiores.

Eu vejo, vós o vedes, e todos, vivemos. A reencarnação, que tanto nos fez rir, é o problema resolvido que tanto procuramos. E aí está, esse problema, sob vossa mão, cheio de atrativos, de promessas ardentes; vossos pais, vossas esposas, vossos filhos, a multidão dos amigos, querem vos responder; estão todos reunidos, esses queridos desaparecidos aos vossos olhos; eles falarão ao vosso espírito, à vossa razão; eles vos darão verdades, e a fé é uma lei bem amada; mas interrogai-os com perseverança.

Ah! a morte nos dava medo e tremíamos! Eis-me, no entanto, eu, Guillaumin, um incrédulo, um incerto, levado à verdade. Mil e mil espíritos se comprimem, esperam a vossa decisão; gostam da lembrança e da peregrinação aos cemitérios! É um primeiro passo em respeito aos mortos; mas esses mortos estão todos vivos; em lugar de urnas funerárias, e de epitáfios mais ou menos verdadeiros, eles vos pedem uma troca de pensamentos, de conselhos, um terno comércio de espírito, essa comunhão de idéias que engendra a perseverança, a vontade, os atos de devotamento, e esse fortalecedor e consolador pensamento de que a vida se retempera na morte, e que se pode, doravante, apesar de Larochefoucault e outros grandes gênios, não tremer nem diante da vida, nem diante da morte.

Deus é a exuberância, é a vida em tudo e sempre. Cabe a nós compreender a sua sabedoria nas fases diversas pelas quais ele purifica a Humanidade.

GUILLAUMIN (Méd. Sr. Leymarie).

II

Escolher maio meu momento sempre foi uma de minhas imperícias contínuas, e vir neste dia, em meio desta numerosa reunião de Espíritos e de encarnados, é bem realmente um ato de audácia, do qual só minha timidez pode ser capaz; mas vejo em vós tanto de bondade, de ternura, de amenidade; sinto tão bem que em cada um de vós posso encontrar um coração afetuoso, compassivo, e a indulgência sendo a menor das qualidades que animam os vossos corações, apesar de minha audácia eu não me perturbo e conservo toda a minha presença de espírito que, freqüentemente, em circunstâncias menos imponentes, me faz falta.

Mas, direis, que vem, pois, fazer, com a sua verbiagem insinuante, esse desconhecido que, em lugar e categoria de um instrutor, vem monopolizar um médium útil? Quanto ao presente tendes razão; também, me empenho em dar a conhecer o meu desígnio, para não me apropriar por muito tempo de um lugar que usurpo.

Em uma passagem do discurso pronunciado hoje pelo vosso Presidente, uma reflexão vibrou em meu ouvido, como só pode vibrar uma verdade, e, confundido na multidão dos Espíritos atentos, subitamente me pus a descoberto. Fui ainda severamente julgado por uma multidão de Espíritos que, baseando-se em suas lembranças e a reputação de uma apreciação trazida de outros tempos, subitamente reconheceram em mim o misantropo selvagem, o urso da civilização, o austero crítico das instituições em desacordo com o seu próprio julgamento. Ai de mim! quanto um erro faz sofrer, e que longo tempo dura o mal feito às massas pela tola pretensão de um orgulhoso de humildade, de um louco de sentimento!

Sim, tendes razão: o isolamento em matéria religiosa e social não pode engendrar senão o egoísmo, e, sem que muito freqüentemente disto se dê conta, o homem se torna misantropo deixando seu egoísmo dominá-lo. O recolhimento, produzido pelo efeito do silêncio grandioso da Natureza falando à alma, é útil, mas sua utilidade não pode produzir seus frutos enquanto que o ser, que ouve falara Natureza à sua alma, relaciona com os homens a verdade de sua moral; mas, se aquele que sente, em face da criação, sua alma voar para as regiões de uma era pura e virtuosa, não se serve de suas sensações, ao despertar, no meio das instituições de sua época, senão para censurar os abusos que a

sua Natureza sensitiva lhe exagera porque dela sofrem, se não encontra para endireitar os erros dos humanos senão fel e ressentimento, sem lhes mostrar docemente o verdadeiro caminho tal qual o descobriu na própria Natureza, oh! então, infeliz dele, se não se serve de sua inteligência senão para fustigar, em lugar de pensar as feridas da sociedade!

Sim, tendes razão: viver só no meio da Natureza é ser egoísta e ladrão, porque o homem foi criado para a sociabilidade; e isto é tão verdadeiro que eu, o selvagem, o misantropo, o bravio eremita, venho aplaudir esta passagem do discurso aqui pronunciado: O isolamento social e religioso conduz ao egoísmo.

Uni-vos, pois, nos esforços e por pensamentos; amai sobretudo. Sede bons, dóceis, humanos; dai à amizade o sentimento da fraternidade; pregai, pelo exemplo de vossos atos; os salutares efeitos de vossas crenças filosóficas; sede Espíritas de fato e não somente de nome; e logo os loucos de meu gênero, os utopistas do bem, não terão mais necessidade de sofrer sobre as faltas de uma legislação sob a qual devem viver, porque o Espiritismo compreendido e sobre tudo praticado reformará tudo com a superioridade dos homens.

J. -J. ROUSSEAU (Méd. Sr. Morin).

III

O perfume que exala de todos os bons sentimentos é uma prece constante que se eleva para Deus, e todas as boas ações são ações de graça ao Eterno.

Senhora Victor Hugo.

O devotamento por reconhecimento é um impulso do coração; o devotamento por amor é um impulso da alma.

Senhora DAUBAN.

O reconhecimento é um benefício que recompensa aquele que o merece. A gratidão é um ato do coração que dá, ao mesmo tempo, a alegria do bem àquele porquem se deve ser reconhecido, e àquele que o é.

VÉZY.

A ingratidão é punida como ação má pelo abandono do qual ela é objeto, comoa gratidão é recompensada pela alegria que proporciona.

LECLERC.

O dever da mulher é de trazer ao homem todas as consolações e os encorajamentos necessários à sua vida de vicissitudes e trabalhos penosos. A mulher deve ser o seu sustentáculo, o seu guia. O facho que clareia o seu caminho e deve impedi-lo de falir; se ela falta à sua missão, ela é punida; mas, se apesar de seu devotamento, o homem repele os impulsos de seu coração, ela é duplamente recompensada por ter persistido no cumprimento de seus deveres.

Delphine DEGIRARDIN.

A dúvida é o veneno lento que a alma faz absorverá matéria e do qual ela recebe o primeiro castigo. A dúvida é o suicídio da alma, que leva infalivelmente à morte do corpo. - Uma alma se suicidar é difícil compreender; mas não é morrer o de viver na sombra quando se sente a luz ao seu redor? Afastai, pois, de vosso Espírito o véu que vos esconde os esplendores da vida, e vede esses sóis radiosos que vos dão a luz: aí está a verdadeira luz; ai está o objetivo ao qual devereis chegar pela fé.

JOBARD.

O egoísmo é a paralisação de todos os bons sentimentos. O egoísmo é a deformidade da alma, que trespassa a matéria em vos fazendo amar tudo o que se dirigi a ela e em repelir tudo o que se dirige aos outros. O egoísmo é a negação da sublime sentença do Cristo, sentença invertida ignominiosamente: "Fazei aos outros o que não gostaríeis que se vos fizessem."

PLACIDE.

A suscetibilidade, eis um defeito de uso de todo o mundo, e cada um, não digais o contrário, dela está de alguma sorte carregado.

Fora, pois! se soubésseis o quanto é ridículo ser suscetível, e o quanto esse defeito torna infeliz, eu vos asseguro que ninguém gostaria de ser atingido por ele, porque *se* gosta de ser belo.

GAY.

O orgulho é o guarda-chuva social de todos e que cada um rejeita sobre o gracioso amor-próprio; certamente! é preciso ter do amor-próprio e do orgulho, é o que dá a ambição do bem (sem jogo de palavras), mas muito, isto perturba o espírito e corrompe o coração.

MANGIN.

A ambição, se vem de dizer! mas sabeis qual é a ambição que não impede a alma de se elevar para os esplendores do infinito? Pois bem! é aquela que vos leva a fazer o bem. Todas as outras ambições vos conduzem ao orgulho e ao egoísmo, flageles da Humanidade.

BONNEFON.

Meus caros amigos, os Espíritos que acabam de vos falar, não só estão felizes por manifestarem sua presença, mas têm a alegria de pensar que cada um de vós se esforçará em se corrigir e pôr em prática as sábias lições que vos deram, e aquelas que, em cada uma de vossas sessões, vêm vos trazer. Crede-o, os Espíritos são para vós o que vossos pais foram ou deveriam ser. Ralham convosco tudo em vos aconselhando, tudo em vos ajudando; e quando não os escutais, vos dizem que vos abandonam; revoltam-se contra vós; depois, apenas vos falaram duramente e retornam a vós em vos encorajando e se esforçando para impelirem vossos pensamentos para o bem. Sim, os Espíritos vos amam como o bom pai ama a seus filhos; eles se apiedam de vós, cuidam de vossos dias e afastam de vós todo mal que pode vos chegar, como a mãe cerca o seu filho de todos os mais delicados cuidados, de todas as atenções necessárias à sua fragilidade. Deus lhes deu uma missão; deu-lhes a coragem de cumpri-la e cada um desses bons Espíritos, qualquer que seja o seu grau na hierarquia espiritual, não falirá em sua tarefa; eles compreendem, sentem, vêem esses esplendores divinos que devem ser a sua recompensa; eles vão adiante, e gostariam de vos levarem continuação, vos conduzir diante deles se o pudessem. Eis porque ralham convosco, eis porque vos aconselham. A vosso turno, orai por eles, a fim de que a vossa indocilidade não os impeça de continuar seus benefícios por vós, e que Deus continue a lhes dar a força de vos ajudar.

SÃO LUÍS (Méd. Sr. Bertrand).

CONSTITUIÇÃO TRANSITÓRIA DO ESPIRITISMO.

I

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O Espiritismo teve, como todas as coisas, seu período de criação, e até que todas as questões, principais e acessórias, que a ele se ligam, tivessem sido resolvidas, ele não pôde dar senão resultados incompletos; pode-se lhe entrever o objetivo, pressentir-lhe as conseqüências, mas unicamente de maneira vaga. Da incerteza sobre os pontos ainda não determinados deveriam, forçosamente, nascer divergências sobre a maneira de considerá-los; a unificação não poderia ser senão a obra do tempo; ela é feita gradualmente, à medida que os princípios são elucidados. Não será senão quando a Doutrina houver abarcado todas as partes que ela comporta, que formará um todo harmonioso, e será somente então que se poderá julgar verdadeiramente o Espiritismo.

Enquanto o Espiritismo não foi senão uma opinião filosófica, não podia ter entre os adeptos senão a simpatia natural produzida pela comunhão das idéias, mas nenhum laço sério poderia existir por falta de um programa nitidamente definido. Tal é, evidentemente, a principal causa do pouco de coesão e de estabilidade dos grupos e sociedades que se formaram. Também nós, constantemente e com todas as nossas forças, afastamos os Espíritas de fundarem prematuramente alguma instituição especial apoiada sobre a Doutrina, antes que esta não estivesse assentada sobre bases sólidas, seria expor-se a fracassos inevitáveis cujos efeitos teriam sido desastrosos pela impressão que teriam produzido sobre o público e o desencorajamento que disso teria resultado entre os adeptos. Esses fracassos teriam talvez retardado de um século o progresso definitivo da Doutrina, à impossibilidade da qual ter-se-ia imputado um insucesso que, em realidade, não teria sido senão o resultado da imprevidência. Por falta de saber esperar para chegar ao ponto, os muito apressados e os impacientes, em todos os tempos, comprometeram as melhores causas (1). (1) Tratamos especialmente a questão das instituições espiritas, num artigo da *Revista,* de julho de 1866, página 193, ao qual remetemos para maiores desenvolvimentos.

Não se deve pedir às coisas senão aquilo que elas podem dar, à medida que elas estão em estado de produzir; não se pode exigir de uma criança o que se pode esperar de um adulto, nem de uma árvore jovem, recentemente plantada, o que produzirá quando estiverem toda a sua força. O Espiritismo, em via de elaboração, não poderia dar senão resultados individuais; os resultados coletivos e gerais serão os frutos do Espiritismo completo que se desenvolverá sucessivamente.

Se bem que o Espiritismo não haja dito ainda a sua última palavra sobre todos os pontos, ele se aproxima de seu complemento, e o momento não está longe em que lhe será necessário dar uma base forte e durável, suscetível, no entanto, de receber todos os desenvolvimentos que as circunstâncias ulteriores comportarem, e dando toda segurança àqueles que se perguntam quem lhe tomará as rédeas depois de nós.

Sem dúvida, a Doutrina é imperecível porque repousa sobre as leis da Natureza, e porque, melhor do que todas as outras, ela responde às legítimas aspirações dos homens; no entanto, sua difusão e sua instalação definitiva podem ser avançada sou retardadas pelas circunstâncias, das quais algumas estão subordinadas à marcha geral das coisas, mas outras são inerentes à própria Doutrina, à sua constituição e à sua organização; é destas das quais vamos nos ocupar especialmente no momento.

Se bem que a questão de fundo seja em tudo preponderante e acaba sempre por prevalecer, a questão de forma tem aqui uma importância capital; ela poderia mesmo dominar momentaneamente e suscitar entraves e atrasos segundo a maneira pela qual for resolvida.

Teríamos, pois, feito uma coisa incompleta e deixado grande embaraço ao futuro, se não tivéssemos previsto as dificuldades que poderiam surgir. Foi tendo em vista isso evitar que, com o concurso dos bons Espíritos que nos assistem em nossos trabalhos, elaboramos um plano de organização para o qual aproveitamos a experiência do

passado, a fim de evitar os escolhos contra os quais se têm chocado a maioria das doutrinas que apareceram no mundo. Esse plano podendo se prestar a todos os desenvolvimentos que o futuro reserva, foi por isto que demos a esta constituição a qualificação de *transitória.*

O plano adiante foi concebido há muito tempo, porque sempre estivemos preocupados com o futuro do Espiritismo; nós o fizemos pressentirem diversas circunstâncias, vagamente, é verdade, mas suficientemente para mostrar que isso não é hoje uma concepção nova, e que, tudo em trabalhando na parte teórica da obra, dela não negligenciamos o lado prático.

Antes de abordar o fundo da questão, parece-nos útil lembrar algumas passagens do relatório que apresentamos à Sociedade de Paris, em 5 de maio de 1865, a propósito da caixa do Espiritismo, e que foi publicado na *Revista* de junho de 1865, página 161. As considerações que ele encerra se ligam diretamente ao nosso assunto, dos quais elas são as preliminares indispensáveis.

II

Extrato do relatório da caixa do Espiritismo feito à Sociedade de Paris, em 5 de maio de 1865.

Muito se tem falado dos produtos que retiro de minhas obras; ninguém sério, seguramente, crê em meus milhões, apesar da afirmação daqueles que dizem ter de boa fonte que tenho um trem principesco, carro de luxo com quatro cavalos e que, em minha casa, não se caminha senão sobre os tapetes de Aubusson. *(Revista,* de junho de 1862, página 179.) O que quer que se tenha dito, além disto, o autor de uma brochura que conheceis, e que prova, por cálculos hiperbólicos, que meu orçamento de receitas ultrapassa a lista civil do mais poderoso soberano da Europa, porque, só na França, vinte milhões de Espíritas são meus tributários *(Revista,* de junho de 1863, página 165), é um fato mais autêntico que seus cálculos, é que eu jamais pedi algo a ninguém, que ninguém jamais me deu nada para mim pessoalmente; em uma palavra, que *eu não vivo às custas de ninguém,* uma vez que, sobre as somas que me foram voluntariamente confiadas, no interesse do Espiritismo, nenhuma parcela foi extraviada em meu proveito (1).- (1) Essas somas se elevam nesta época ao total de 14.100 francos cujo emprego em proveito exclusivo da Doutrina, foi justificado pelas contas.

Minhas imensas riquezas proveriam, pois, de minhas obras espíritas. Se bem que essas obras tenham tido um sucesso inesperado, basta seja pouco iniciado nos negócios de livraria, para saber que não é com livros filosóficos que se amontoam milhões em cinco ou seis anos, quando não se tem sobre a venda senão um direito de autor de alguns centavos por exemplar. Mas que seja forte ou fraco, esse produto sendo o fruto de meu trabalho, ninguém tem o direito de se imiscuir no emprego que dele faço; quando mesmo ele se elevasse a milhões, do momento que a compra dos livros, assim também como a assinatura da *Revista, é* facultativa e não *é* imposta *em nenhuma circunstância,* mesmo para assistir às sessões da Sociedade isto ninguém vê. Comercialmente falando, eu estou na posição de todo homem que recolhe o fruto de seu trabalho; corro a chance de todo escritor que pode triunfar, como pode fracassar(1). (1)Àqueles que perguntaram por que meus livros são vendidos, em lugar de serem dados, respondemos que nós o faríamos se tivéssemos encontrado um impressor que nos imprimisse por nada, um comerciante que fornecesse o papel grátis, as livrarias que não exigissem nenhum abatimento para se encarregarem de divulgá-los, uma administração de correios que os transportasse por filantropia, etc À espera disto, como não temos os milhões para satisfazer esses encargos, somos obrigados a dar-lhes um preço.

Se bem que, sob esse aspecto, eu não tenha nenhuma conta a prestar, creio útil, para a própria causa à qual me devoto, dar algumas explicações.

Direi primeiro que minhas obras, não sendo minha propriedade exclusiva, sou obrigado a comprá-las de meu editor e pagá-las como uma livraria, com exceção da *Revista;* que o benefício se acha singularmente diminuído pelos sem valores e as distribuições gratuitas feitas no interesse da Doutrina, a pessoas que, sem isto, seriam obrigadas a passar sem elas. Um cálculo bem fácil prova que o preço de dez volumes perdidos ou dados, pelos quais não devo menos pagar, basta para absorver o beneficio de cem volumes. Isto seja dito a título de informação e como parêntese. Tudo somado, e balanço feito, resta no entanto alguma coisa. Suponde a cifra que quiserdes; o que dela faço? Está aí o que mais preocupa certas pessoas.

Quem viu o nosso interior outrora e o vê hoje, pode atestar que nada mudou na nossa maneira de viver desde que me ocupo de Espiritismo; ela é tudo tão simples agora quanto era outrora. É, pois, certo que meus benefícios, tão enormes que sejam, não servem para nos dar os gozos do luxo. *É,* pois, que teria a mania de entesourar para ter o prazer de contemplar o meu dinheiro? Não penso que meu caráter e meus hábitos hajam podido fazê-lo supor. Por que isto se passa? do momento que não me aproveita, quanto mais a soma *é* fabulosa, mais a resposta é embaraçosa. Um dia, dela se saberá a cifra exata, assim como o emprego detalhado, e os contadores de histórias os terão para seus gastos imaginários; hoje limito-me a alguns dados gerais para pôr um freio às suposições ridículas. Para esse efeito, devo entrar em alguns detalhes íntimos, pelo que vos peço perdão, mas que são necessários.

Em todos os tempos tivemos do que viver, muito modestamente, é verdade, mas o que teria sido pouco para certas pessoas nos basta, graças aos nossos gostos e aos nossos hábitos de ordem e de economia. À nossa pequena renda veio se juntar, como suplemento, o produto das obras que publiquei antes do Espiritismo, e o de um modesto emprego que tive que deixar quando os trabalhos da Doutrina absorveram todo o meu tempo.

Tirando-me da obscuridade, o Espiritismo veio me lançar num outro caminho; em pouco tempo encontrei-me arrastado num movimento que estava longe de prever. Quando concebi a idéia de O *Livro dos Espíritos,* minha intenção era de não me pôr em evidência e de permanecer desconhecido; mas, prontamente extravasado, isto não me foi possível: tive que renunciar aos meus gostos de retiro, sob pena de abdicar a obra empreendida e que crescia cada dia; foi-me preciso seguir-lhe o impulso e tomar-lhe as rédeas. Se meu nome tem agora alguma popularidade, seguramente não foi por mim que a tenha procurado, porque é notório que não a devo nem à propaganda, nem à camaradagem da imprensa, e que jamais aproveitei de minha posição e de minhas relações para me lançar no mundo, quando isto me teria sido tão fácil. Mas, à medida que a obra crescia, um horizonte mais vasto se abria diante de mim, e alargava-lhe os limites; compreendi, então, a imensidade de minha tarefa, e a importância do trabalho que me restava a fazer para completá-la; as dificuldades *e* os obstáculos, longe de me assustarem, redobravam a minha energia; eu vi o objetivo, e resolvi alcançá-lo com a assistência dos bons Espíritos. Eu sentia que não tinha tempo a perder, e não o perdi nem em visitas inúteis, nem em cerimônias ociosas; esta foi a obra de minha vida; a ela dei todo o meu tempo, sacrifiquei o meu repouso, a minha saúde, porque o futuro estava escrito diante de mim em caracteres irrecusáveis.

Sem nos afastar de nosso gênero de vida, esta posição excepcional não nos criou menores necessidades às quais unicamente meus recursos não me permitiam prover. Seria difícil de se imaginar a multiplicidade das despesas que ela acarreta, e que eu teria evitado sem isto.

Pois bem! senhores, o que me proporcionou esse suplemento de recursos, foi o produto de minhas obras. Eu o digo com alegria, foi com o meu próprio trabalho, com o fruto de minhas vigílias que provi, em maior parte pelo menos, as necessidades materiais da instalação da Doutrina. Assim trouxe uma grande cota - parte à caixa do Espiritismo;

aqueles que ajudam a propagação das obras não poderão, pois, dizer que trabalham para me enriquecer, uma vez que o produto de todo livro vendido, de toda assinatura da *Revista,* aproveita à Doutrina e não à um indivíduo.

Não era tudo prover o presente; seria preciso também pensar no futuro, e preparar uma fundação que, depois de mim, pudesse ajudar aquele que me substituísse na grande tarefa que teria que realizar; essa fundação, sobre a qual devo me calar ainda, liga-se à propriedade que eu possuo, e é em vista disso que aplico uma parte de meus ganhos para melhorá-la. Como estou longe dos milhões com os quais me gratificaram, duvido muito que, apesar de minhas economias, meus recursos pessoais não permitam dar a essa fundação o complemento que gostaria de lhe ver em minha vida; mas uma vez que a sua realização está nos objetivos dos meus guias espirituais, se não o fizer por mim mesmo, é provável que um dia ou outro, isto se fará. À espera, eu elaboro os planos.

Longe de mim, senhores, o pensamento de tirar a menor vaidade do que venho de vos expor; foi preciso a perseverança de certas diatribes para me obrigar, embora a contragosto, a romper o silêncio sobre alguns fatos que me concernem. Mais tarde, todos aqueles que a malevolência pôde desnaturar serão esclarecidos por documentos autênticos, mas o tempo dessas explicações não veio ainda; a única coisa que me importa para o momento é que sejais edificados sobre o destino dos fundos que a Providência fez passar por minhas mãos, qualquer que seja a sua origem. Eu me considero como depositário, mesmo daqueles que ganho, com maior razão daqueles que me são confiados.

Se alguém me perguntasse um dia, sem curiosidade, bem entendido, e por puro interesse pela coisa, o que faria de um milhão se o tivesse, eu lhe teria respondido que hoje seu emprego seria muito diferente daquele que teria sido no princípio Outrora eu teria feito da propaganda por uma ampla publicidade; agora reconheço que isto teria sido inútil, uma vez que os nossos adversários dela se encarregaram às suas custas. Não me colocando, então, grandes recursos à minha disposição para este objetivo, os Espíritos quiseram provar que o Espiritismo deve seu sucesso à sua própria força.

Hoje que o horizonte se alargou, que o futuro sobretudo se desenrolou, as necessidades de uma ordem diferente se fazem sentir. Um capital, como aquele que supondes, receberia um emprego mais útil. Sem entrar nos detalhes que seriam prematuros, diria simplesmente que uma parte serviria para converter a minha propriedade numa casa especial de retiro espírita, cujos habitantes recolheriam os benefícios de nossa Doutrina moral; a outra para constituir uma renda *inalienável* destinada: 1° à manutenção do estabelecimento; 2° a assegurar uma existência independente àquele que me sucederá e àqueles que o ajudarão em sua missão; 3° a subvencionar as necessidades correntes do Espiritismo sem correra sorte de produtos eventuais, como fui obrigado a fazê-lo, uma vez que a maior parte de meus recursos repousa sobre o meu trabalho que terá um fim.

Eis o que farei, mas se esta satisfação não me for dada, sei que, de um modo ou de outro, os Espírito que dirigem o movimento proverão a todas as necessidades em tempo útil; é porque não me inquieto com isto de nenhum modo, e me ocupo daquilo que é para mim a coisa essencial: o arremate dos trabalhos que me restam a terminar. Isto feito, partirei quando aprouver a Deus chamar-me.

III
Dos *Cismas.*

Uma questão que se apresenta ao pensamento desde o início é a dos cismas que poderão nascer no seio da Doutrina; o Espiritismo deles estaria preservado?

Não, seguramente, porque haverá, sobretudo no começo, que lutar contra as idéia e pessoais, sempre absolutas, tenazes, lentas em se unir às idéias de outrem, e contra a

ambição daqueles que querem ligar, quando mesmo, seu nome a uma inovação qualquer; que criam as novidades unicamente para poder dizer que não pensam e não fazem como os outros; ou porque seu amor-próprio sofre por não ocupar senão um lugar secundário; ou, enfim, que vêem com despeito um outro fazer o que não fizeram, e, além disto, triunfar. Mas como dissemos cem vezes: "Quem é que vos barra o caminho? Quem vos impede de trabalhar de vosso lado? Quem vos proíbe revelar as vossas obras? A publicidade vos está aberta como a todo o mundo; daí alguma coisa de melhor do que é, a isto ninguém se opõe; sede melhores apreciados pelo público, ele vos dará a preferência."

Se o Espiritismo não pode escapar às fraquezas humanas, com as quais é preciso contar, ele pode paralisar-lhe as conseqüências, e é o essencial.

Há que se notar que os numerosos sistemas divergentes, eclodidos na origem do Espiritismo, sobre a maneira de explicar os fatos, desapareceram à medida que a Doutrina se completou pela observação e uma teoria racional; é mal, hoje, se esses primeiros sistemas encontrem ainda alguns raros partidários. Está aí um fato notório de onde se pode concluir que as últimas divergências se apagarão com a completa elucidação de todas as partes da Doutrina; mas haverá sempre os dissidentes de partido tomado, interessados, por uma causa ou por uma outra, em manterem-se afastados: é contra a sua pretensão que é preciso premunir-se.

Para assegurar a unidade no futuro, uma condição é indispensável, é que todas as partes do conjunto da Doutrina sejam determinadas com precisão e clareza, sem nada deixar no vago; por isto fizemos de sorte que nossos escritos não pudessem dar lugar a nenhuma interpretação contraditória, e trataremos que isto seja sempre assim. Quando for dito decididamente e sem ambigüidade que dois e dois são quatro, ninguém poderá pretender que se quis dizer que dois e dois são cinco. Poderão, pois, se formar *ao lado* da Doutrina seitas que não lhe adotarão os princípios, ou todos os princípios, mas não na Doutrina pela interpretação do texto, como delas se formaram tão numerosas sobre o sentido das próprias palavras do Evangelho. Aí está um primeiro ponto de uma capital importância.

O segundo ponto é de não sair do círculo das idéias práticas. Se é verdade que a utopia da véspera, freqüentemente, seja a verdade do dia seguinte, deixemos ao dia seguinte o cuidado de realizar a utopia da véspera, mas não embaracemos a Doutrina de princípios que seriam considerados como quimeras e a fariam ser rejeitada pelos homens positivos.

O terceiro ponto, enfim, é inerente ao caráter essencialmente progressivo da Doutrina. Do fato de que ela não se embala de sonhos irrealizáveis para o presente, não se segue que ela se imobilize no presente. Exclusivamente apoiada sobre as leis da Natureza, ela não pode mais variar do que essas leis, mas se uma nova lei se descobrir, a ela deverá se unir; ela não deve fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar; assimilando todas as idéias reconhecidas justas, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, ela não será jamais ultrapassada, e aí está uma das principais garantias de sua perpetuidade.

Se, pois, uma seita se forma a seu lado, fundada ou não sobre os princípios do Espiritismo, acontecerá de duas coisas uma: ou essa seita estará na verdade, ou ela não o estará; mas se ela não estiver, cairá por si mesma sob o ascendente da razão e do senso comum, como já tantas outras caíram há séculos; se suas idéias são justas, não fosse senão sob um ponto, a Doutrina, que procura o bem e o verdadeiro por toda a parte onde se encontrem, se as assimila, de sorte que em lugar de ser absorvida, ela é que absorve.

Se alguns de seus membros vierem a dela se separar, será por crerem fazer melhor; se fazem realmente melhor, ela os imitará; se fazem mais bem, ela se esforçará para fazê-lo outro tanto, e mais se isto se puder; se fazem o mal, ela os deixará fazer, certa de

que, cedo ou tarde, o bem se impõe sobre o mal, e o verdadeiro sobre o falso. Eis a única luta que ela iniciará.

Acrescentemos que a tolerância, conseqüência da caridade, que é a base da moral espírita, lhe faz um dever respeitar todas as crenças. Querendo ser aceita livremente, por convicção e não por constrangimento, proclamando a liberdade de consciência como um direito natural imprescritível, diz ela: Se *tenho razão, os outros acabarão por pensar como eu, se estou errada, acabarei por pensar como os outros.* Em virtude desses princípios, não lançando a pedra em ninguém, ela não dará nenhum pretexto a represálias, e deixará aos dissidentes toda a responsabilidade de suas palavras e de seus atos.

O programa da Doutrina não será, pois, invariável senão sobre os princípios passados ao estado de verdades constatadas; para os outros, ela não os admitirá, como sempre o fez, senão a título de hipóteses até a confirmação. Se lhe for demonstrado que ela está no erro sobre um ponto, ela se modificará sobre esse ponto.

A verdade absoluta é eterna, e, por isto mesmo, invariável; mas quem pode se gabar de possuí-la inteiramente? No estado de imperfeição de nossos conhecimentos, o que nos parece falso hoje, pode ser reconhecido verdadeiro amanhã, em conseqüência da descoberta de novas leis; assim é na ordem moral como na ordem física. É contra essa eventualidade que a Doutrina jamais deve se encontrar de surpresa. O princípio progressivo, que ela inscreve em seu código, será, como dissemos, a salvaguarda de sua perpetuidade, e sua unidade será mantida precisamente porque ela não repousa sobre o princípio da imobilidade. A imobilidade, em lugar de ser uma força, torna-se uma causa de fraqueza e de ruína para quem não segue um movimento geral; ela rompe a unidade, porque aqueles que querem ir adiante se separam daqueles que se obstinam em permanecer atrás. Mas, tudo em seguindo o movimento progressivo, é preciso fazê-lo com prudência e se guardar de se envergonhar nos sonhos das utopias e dos sistemas. É preciso fazê-lo a tempo, nem muito cedo nem muito tarde, e com conhecimento de causa.

Compreende-se que uma Doutrina assentada sobre tais bases deve ser realmente forte; ela desafia toda concorrência e neutraliza as pretensões de seus competidores. É para este ponto que os nossos esforços tendem a conduzir a Doutrina Espírita.

A experiência, aliás, já justificou esta previsão. Tendo a Doutrina marchado neste caminho desde a sua origem, ela constantemente avançou, mas sem precipitação, olhando sempre se o terreno onde ela coloca o pé é sólido, em medindo seus passos sobre o estado da opinião. Ela fez como o navegador que não caminha senão com a sonda na mão e consultando os ventos.

IV
O *chefe do Espiritismo.*

Mas quem será encarregado de manter o Espiritismo neste caminho? Quem disto terá mesmo a força? Quem terá o lazer e a perseverança de se dar ao trabalho incessante que exige uma semelhante tarefa? Se o Espiritismo estiver entregue a si mesmo, sem guia, não é de se temer que se desvie de seu caminho? que a malevolência, da qual será por muito tempo ainda o alvo, não se esforce em lhe desnaturar o espírito? Aí está, com efeito, uma questão vital, e cuja solução é de um interesse maior para o futuro da Doutrina.

A necessidade de uma direção central superior, guardiã vigilante da unidade progressiva e dos interesses gerais da Doutrina, é de tal modo evidente que já se inquieta de não ver ainda o condutor despontar no horizonte. Compreende-se que, sem uma autoridade moral, capaz de centralizar os trabalhos, os estudos e as observações, de dar o impulso, de estimular o zelo, de defender o fraco, de sustentar as coragens vacilantes, de ajudar com conselhos da experiência, de fixar a opinião sobre os pontos incertos, o Espiritismo corre o risco de caminhar à deriva. Não só esta direção é necessária, mas é

preciso que ela esteja em condições de força e de estabilidade suficientes para desafiar as tempestades.

Aqueles que não querem nenhuma autoridade não compreendem os verdadeiros interesses da Doutrina; se alguns pensam poder se passar de toda direção, a maioria, aqueles que não crêem em sua infalibilidade e não têm uma confiança absoluta em suas próprias luzes, sentem a necessidade de um ponto de apoio, de um guia, não fosse senão para ajudá-los a caminhar com mais garantia e segurança. (Ver a *Revista* de abril de 1866, p. 111: O *Espiritismo independente.)*

Estando estabelecida a necessidade de uma direção de quem o chefe terá seus poderes? Será aclamado pela universalidade dos adeptos disseminados no mundo inteiro? É uma coisa impraticável. Se eles se impuser com sua autoridade privada, será aceito por uns, rejeitado pelos outros, e vinte pretendentes podem surgir que levantarão bandeira contra bandeira; isso será, ao mesmo tempo, o despotismo e a anarquia. Um tal ato seria o fato de um ambicioso, e nada seria menos próprio do que um ambicioso, por isto mesmo orgulhoso, para dirigir uma Doutrina baseada sobre a abnegação, o devotamento, o desinteresse e a humildade; colocado fora do princípio fundamental da Doutrina, ele não poderia senão falsear-lhe o espírito. É o que ocorreria inevitavelmente se não tivesse tomado antecipadamente medidas eficazes para evitar esse inconveniente.

Admitamos, no entanto, que um homem reunisse todas as qualidades requeridas para o cumprimento de seu mandato, e que chegasse à direção superior por um caminho qualquer: os homens se seguem e não se assemelham; depois de um bom pode vir um mau; com o indivíduo pode mudar o espírito da direção; sem maus desígnios, ele pode ter objetivos mais ou menos justos; se quiser fazer prevalecer suas idéias pessoais, poderá fazer a Doutrina desviar, suscitar divisões, e as mesmas dificuldades se renovarão em cada mudança. É preciso não perder de vista que o Espiritismo não está ainda na plenitude de sua força; do ponto de vista da organização, é uma criança que somente começa a caminhar; importa, pois, no início sobretudo, premuni-lo contra as dificuldades do caminho.

Mas, dir-se-á, um dos messias anunciados, que devem tomar parte na regeneração, não estará *à* frente do Espiritismo? É provável; mas como não terão na fronte uma marca para se fazerem reconhecer, que não se afirmarão *senão por seus atos, e* não serão, para a maioria, reconhecidos portais senão depois de sua morte, segundo o que terão feito durante sua vida; que, aliás, não haverá messias perpetuamente, é preciso prever todas as eventualidades. Sabe-se que sua missão será múltipla; que deles haverá em todos os graus da escala, e nos diversos ramos da economia social, onde cada um exercerá sua influência em proveito das idéias novas, segundo a especialidade de sua posição; todos trabalharão, pois, para o estabelecimento da Doutrina, seja em uma parte, seja em uma outra, uns como chefes de Estados, os outros como jurisconsultos, outros como magistrados, sábios, literatos, oradores, industriais, etc.; cada um fará suas provas em sua parte, desde o proletário até o soberano, sem *que nada além de suas obras o distinga do comum dos homens.* Se um deles deve tomar parte na direção administrativa do Espiritismo, é provável que estará colocado providencialmente em posição de ali chegar pelos meios legais que serão adotados; as circunstâncias, em aparência fortuitas, o conduzirão, sem desejo premeditado de sua parte, sem mesmo que tenha consciência de sua missão. *(Revista Espírita. Os messias do Espiritismo,* fevereiro e março de 1868, páginas 45 e 65.)

Em semelhante caso, o pior de todos os chefes seria aquele que se desse por eleito de Deus. Como não é racional admitir que Deus confie tais missões a ambiciosos ou a orgulhosos, as virtudes características de um verdadeiro messias, devem ser, antes de tudo, a simplicidade, a humildade, a modéstia, em uma palavra, o desinteresse material e moral mais completo; ora, tão-só a pretensão de ser um messias seria a negação dessas qualidades essenciais; ela provaria, naqueles que se orgulhassem de semelhante título,

ou uma tola presunção se for de boa fé, ou uma insigne impostura. Não faltarão intrigantes, supostamente Espíritas, que quererão se elevar por orgulho, ambição ou cupidez; outros que exibirão pretensas revelações com a ajuda das quais procurarão colocar-se em relevo, e fascinar as imaginações muito crédulas. É preciso prever também que, sob falsas aparências, os indivíduos poderiam tentar se apoderar do governo com o pensamento determinado de soçobrar o navio em o fazendo desviar-se de sua rota. Ele não soçobrará, mas poderá experimentar deploráveis atrasos, que é preciso evitar. Aí estão, sem contradita, os maiores escolhos dos quais o Espiritismo deve se guardar; quanto mais ele toma consistência, mais seus adversários lhe endereçarão armadilhas.

É, pois, do dever de todos os Espíritas sinceros frustrar as manobras da intriga que podem se urdir nos menores centros, como nos maiores. Eles deverão desde logo repudiar, da maneira mais absoluta, quem se puser por si mesmo como messias, seja como chefe do Espiritismo, seja como simples apóstolo da Doutrina. Conhece-se a árvore por seus frutos; esperai, pois, que a árvore haja dado os frutos antes de julgar se é bom, olhai ainda se os frutos estão vidrados. (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XXI, n° 9, *Caracteres do verdadeiro profeta.)*

Alguém que conosco se entretivesse nesse assunto, proporia o expediente seguinte: seria de fazer designar os candidatos pelos próprios Espíritos, em cada grupo ou sociedade espírita. Além de que esse meio não obviaria todos os inconvenientes, ele teria nesse modo de proceder, que a experiência já demonstrou, e que seria supérfluo lembrar aqui. É preciso não perder de vista que a missão dos Espíritos é de nos instruir, de nos melhorar, mas não de se substituir à iniciativa de nosso livre arbítrio; eles nos sugerem pensamentos, nos ajudam com seus conselhos, sobretudo no que toca às questões morais, mas deixam ao nosso julgamento o cuidado da execução das coisas materiais, que eles não têm por missão nos poupar. Eles têm, em seu mundo, atribuições que não são as deste mundo; pedir-lhes o que está fora dessas atribuições, é expor-se às mentiras dos Espíritos levianos. Que os homens se contentem em serem assistidos e protegidos por bons Espíritos, mas que não descarreguem sobre eles a responsabilidade que incumbe ao papel de encarnado.

Esse meio, aliás, suscitaria mais embaraços do que se pensa, pela dificuldade de fazer todos os grupos participarem dessa eleição; isso seria uma complicação nos órgãos, e os órgão são muito menos suscetíveis de se desorganizar quanto sejam mais simplificados.

O problema é, pois, de constituir uma direção central, em condições de força e de estabilidade que a coloquem ao abrigo das flutuações, que respondem a todas as necessidades da causa e opõem como barreira absoluta às astúcias da intriga e da ambição. Tal é o objetivo do plano, do qual vamos dar um rápido esboço.

V

Comissão central.

Durante o período de elaboração, a direção do Espiritismo deveu ser individual; era necessário que todos os elementos constitutivos da Doutrina, saídos no estado de embriões de uma multidão de focos, tendessem a um centro comum para ali serem controlados e colecionados, e que uma única pessoa presidisse à sua coordenação para estabelecer a unidade no conjunto e a harmonia em todas as partes. Se tivesse sido de outro modo, a Doutrina teria se parecido com esses edifícios híbridos levantados por vários arquitetos, ou bem a um mecanismo cujas engrenagens não se entrosem com precisão umas nas outras.

Nós o dissemos, porque é uma verdade incontestável, claramente demonstrada hoje: a Doutrina não poderia mais sair em todas as partes de um único centro quanto toda

a ciência astronômica de um único observatório; e todo centro que tivesse tentado constituí-la sobre suas únicas observações teria feito alguma coisa incompleta e teria se encontrado, numa infinidade de pontos, em contradição com os outros. Se mil centros tivessem querido fazer sua doutrina, delas não teria havido duas semelhantes em todos os pontos. Se tivessem estado de acordo quanto ao fundo, teriam inevitavelmente diferido pela forma; ora, como há muitas pessoas que vêem a forma antes que o fundo, teria havido tantas seitas quanto formas diferentes. A unidade não poderia sair senão do conjunto e da comparação de todos os resultados parciais; é porque a concentração dos trabalhos era necessária. (Gênese, cap. I, *Caracteres da revelação espírita,* n°51 e seguintes.)

Mas o que era uma vantagem para um tempo tomar-se-ia mais tarde um inconveniente. Hoje que o trabalho de elaboração está terminado, no que concerne às questões fundamentais; que os princípios gerais da ciência estão estabelecidos, a direção, de individual que deveu ser no começo, deve se tornar coletiva; primeiro, porque chega um momento em que seu peso excede as forças de um homem, e, em segundo lugar, porque há mais garantia para a manutenção da unidade numa reunião de indivíduos, dos quais cada um não tem senão a sua voz na assembléia, e que nada podem sem o concurso uns dos outros, do que em um único que pode abusar de sua autoridade e querer fazer predominar suas idéias pessoais.

Em lugar de um chefe único, a direção será dada a uma *comissão central* ou *conselho superior* permanente, - pouco importa o nome, -cuja organização e atributos serão definidos de maneira a nada deixar ao arbítrio. Essa comissão será composta de doze membros ou mais, que deverão, para esse efeito, reunir certas condições desejadas, e de um número igual de conselheiros. Segundo as necessidades, poderá ser secundada por membros auxiliares ativos. Ela se completará por si mesma, segundo as regras igualmente determinadas, de natureza a evitar todo favoritismo, à medida das vagas por extinções ou outras causas. Uma disposição especial fixará o modo de nomeação dos doze primeiros.

Cada membro presidirá a seu turno durante um ano, e aquele que cumprirá essa função será designado por sorteio.

A autoridade do presidente é puramente administrativa; ele dirige as deliberações da comissão, fiscaliza a execução dos trabalhos e a expedição dos negócios; mas fora das atribuições que lhe são conferidas pelos estatutos constitutivos, ele não pode tomar nenhuma decisão sem o concurso da comissão. Portanto, nada de abusos possíveis, nada de alimentos à ambição, nada de pretextos de intrigas nem de ciúmes, nada de supremacia ofensiva.

A comissão, ou conselho superior, será, pois, a cabeça, o verdadeiro chefe do Espiritismo, chefe coletivo, não podendo nada sem o consentimento da maioria, e, em certos casos, sem o de um congresso ou assembléia geral. Suficientemente numeroso para se esclarecer pela discussão, ele não o será bastante para que ali haja confusão.

Os congressos serão formados de delegados das sociedades particulares, regularmente constituídas, e colocadas sob o patrocínio da comissão por sua adesão e pela conformidade de seus princípios.

Para o público dos adeptos, a aprovação ou a desaprovação, o consentimento ou a recusa, as decisões, em uma palavra, de um corpo constituído, representando uma opinião coletiva, terão forçosamente uma autoridade que jamais teriam emanando de um único indivíduo, que não representa senão uma opinião pessoal. Freqüentemente rejeita-se a opinião de um só, ou se crê humilhado de a ela se submeter, então que se defere sem dificuldade a de vários.

É bem entendido que se trata aqui de uma autoridade moral, no que concerne à interpretação e à aplicação dos princípios da Doutrina, e não de um poder disciplinar

qualquer. Essa autoridade será, em matéria de Espiritismo, o que é a de uma academia em matéria de ciência.

Para o público estranho, um corpo constituído tem mais ascendente e preponderância; contra os adversários, sobretudo, ele apresenta uma força de resistência e possui meios de ação que um indivíduo não poderia ter; ele luta com infinitamente mais vantagem. Ataca-se uma individualidade, se a suprime; não ocorre o mesmo com um ser coletivo.

Há igualmente, num ser coletivo, uma garantia de estabilidade que não existe quando tudo repousa sobre uma única cabeça; que o indivíduo seja impedido por uma causa qualquer tudo pode ser entravado. Um ser coletivo, ao contrário, se perpetua sem cessar; que ele perca um ou vários de seus membros, nada periclita.

A dificuldade, dir-se-á, será a de reunir, de modo permanente, doze pessoas que estejam sempre de acordo.

O essencial é que elas estejam de acordo sobre os princípios fundamentais; ora, essa será uma condição absoluta de sua admissão, como da de todos os participantes da direção. Sobre as questões pendentes de detalhe, pouco importa sua divergência, uma vez que é a opinião da maioria que prevalece. Àquele cuja maneira de ver for justa, não faltará boas razões para justificá-la. Se um deles, contrariado de não poder fazer admitir suas idéias se retira, as coisas não deixarão de seguir seu curso, e não haverá lugar de lamentá-lo, uma vez que faria prova de uma suscetibilidade orgulhosa pouco espírita, e que poderia tornar-se uma causa de perturbação.

A causa mais comum de divisão entre co-interessados é o conflito dos interesses, e a possibilidade para um de suplantar o outro em seu proveito. Essa causa não tem nenhuma razão de ser desde o instante que o prejuízo de um não pode aproveitara os outros, que são solidários e não podem senão perder em lugar de ganhar com a desunião. Esta é uma questão de detalhe, prevista na organização.

Admitamos que entre eles se encontre um falso irmão, um traidor, ganho pelos inimigos da causa, que poderia ele, uma vez que não tem senão sua voz nas decisões? Suponhamos que, por impossível, a comissão inteira entre num mau caminho: os congressos estarão lá para colocá-la em ordem.

O controle dos atos da administração estará nos congressos, que poderão decretar a censura ou uma acusação contra a comissão central, por causa de infração ao seu mandato, de desvio dos princípios reconhecidos, ou de medidas prejudiciais à Doutrina. É por isso que ela se referirá aos congressos nas circunstâncias em que julgar que a sua responsabilidade poderia estar empenhada de maneira grave.

Se, pois, os congressos são um freio para a comissão, esta haure uma nova força em sua aprovação. Assim é que esse chefe coletivo depende em definitivo da opinião geral, e não pode, sem perigo para si mesmo, se afastar do caminho reto.

Quando a comissão for organizada, dela faremos parte a título de simples membro, tendo nossa parte de colaboração, sem reivindicar, para nós, nem supremacia, nem título, nem qualquer privilégio.

As atribuições gerais da comissão serão anexadas, como dependências locais:

1° Uma *biblioteca* onde se encontrarão reunidas todas as obras que interessam ao Espiritismo, e que poderão ser consultadas no local ou dadas em leitura;

2° Um *museu,* onde serão reunidas as primeiras obras da arte espírita, os trabalhos medianímicos mais notáveis, os retratos dos adeptos que terão bem merecido da causa por seu devotamento, os dos homens que o Espiritismo honra, embora estranhos à Doutrina, como benfeitores da Humanidade, grandes gênios missionários do progresso, etc. (1).- (1) O futuro museu já possui oito quadros de grande dimensão, que não esperam senão um local conveniente, verdadeiras obras-primas da arte, especialmente executadas tendo em vista o Espiritismo, por um artista de renome, que generosamente os doou à Doutrina É a inauguração da arte espirita por um homem que reúne a fé sincera ao talento dos grandes mestres. Deles faremos, em tempo útil, um relatório detalhado

3° Um *dispensário* destinado às consultas médicas *gratuitas,* e ao tratamento de certas afecções, sob a direção de um médico patenteado;
4° Uma caixa de socorro e de previdência, em condições práticas;
5° U ma casa de retiro;
6° Uma sociedade de adeptos, tendo sessões regulares.

VI
Obras *fundamentais da Doutrina.*

Muitas pessoas lamentam que as obras fundamentais da Doutrina sejam de um preço muito elevado para um grande número de leitores, e pensam, com razão, que se delas fossem feitas edições populares a baixo preço, seriam bem mais difundidas, e que a Doutrina com isto ganharia.

Nós somos completamente desta opinião; mas as condições nas quais são editadas não permitem que isso seja de outro modo no estado atual das coisas. Esperamos chegar um dia a esse resultado, com a ajuda de uma nova combinação que se liga ao plano geral da organização; mas essa operação não pode ser realizada senão estando empreendida sobre uma ampla escala; unicamente de nossa parte, ela exigiria, seja capitais que não temos, seja cuidados materiais que nossos trabalhos, que reclamam todas as nossas meditações, não nos permitem dar. Também a parte comercial propriamente dita foi negligenciada, ou, melhor dizendo, sacrificada ao estabelecimento da parte doutrinária. O que importava, antes de tudo, era que as obras fossem feitas e as bases da Doutrina colocadas.

Quando a Doutrina estiver organizada pela constituição da comissão central, nossas obras se tornarão a propriedade do Espiritismo na pessoa dessa mesma comissão, que dela terá gerência e dará os cuidados necessários à sua publicação por meios mais próprios a popularizá-las. Deverá igualmente se ocupar de sua tradução nas principais línguas estrangeiras.

A *Revista* foi, até hoje, e não podia ser senão uma obra pessoal, tendo em vista que ela faz parte de nossas obras doutrinárias, tudo em servindo de anais ao Espiritismo. É lá que todos os princípios novos são elaborados e colocados em estudo. Era, pois, necessário que ela conservasse o seu caráter individual para a fundação da unidade.

Fomos muitas vezes solicitados para fazê-la aparecer em épocas mais próximas; por lisongeiro que fosse para nós esse desejo, não pudemos a ele aceder; primeiro, porque o tempo material não nos permitia esse acréscimo de trabalho, e, em segundo lugar, ela não deveria perder o seu caráter essencial, que não é de um jornal propriamente dito.

Hoje que a nossa obra pessoal se aproxima de seu fim, as necessidades não são mais as mesmas; a *Revista* se tornará, como todas nossas outras obras feitas e a fazer, a propriedade coletiva da comissão, que dela tomará a direção, para a maior utilidade do Espiritismo, sem que renunciemos, por isto, a lhe dar a nossa colaboração.

Para completar a obra doutrinária, resta-nos publicar várias obras, que não lhes são a parte menos difícil, nem a menos penosa. Se bem que delas não possuamos todos os elementos, e que o seu programa esteja traçado até o último capítulo, poderíamos dar-lhe cuidados mais assíduos e as ativar se, pela instituição da comissão central, fôssemos liberados de detalhes que absorvem uma grande parte de nosso tempo.

VII
Atribuições da comissão.

As principais atribuições da comissão central serão:

1° O cuidado dos interesses da Doutrina e a sua propagação; a manutenção de sua unidade pela conservação da integridade dos princípios reconhecidos; o desenvolvimento de suas conseqüências;

2° O estudo dos princípios novos, suscetíveis de entrarem no corpo da Doutrina;

3° A concentração de todos os documentos e informações que podem interessarão Espiritismo;

4° A correspondência;

5° A manutenção, a consolidação e a extensão dos laços de fratern idade entre os adeptos e as sociedades particulares dos diferentes países;

6° A direção da *Revista,* que será o jornal oficial do Espiritismo, e à qual poderá ser juntada uma outra publicação periódica;

7° O exame e a interpretação das obras, artigos de jornais, e todo escrito interessando à Doutrina. A refutação dos ataques, se tiverem lugar;

8° A publicação de obras fundamentais da Doutrina, nas condições mais próprias à sua vulgarização. A confecção e a publicação daquelas das quais daremos o plano, e que não teríamos o tempo de fazer quando vivo. Os encorajamentos dados às publicações que poderão ser úteis à causa;

9° A fundação e a conservação da biblioteca, dos arquivos e do museu;

10° A administração da caixa de socorro, do dispensário e da casa de retiro;

11° A administração dos negócios materiais;

12° A direção das sessões da sociedade;

13° O ensino oral;

14° As visitas e instruções às reuniões e sociedades particulares que se colocarão sob seu patrocínio.

15° A convocação dos congressos e assembléias gerais.

Essas atribuições serão repartidas entre os diferentes membros da comissão, segundo a especialidade de cada um, os quais, se necessário, serão assistidos por um número suficiente de membros auxiliares ou de simples empregados.

Em conseqüência, entre os membros da comissão, haverá:

Um secretário geral para correspondência, e as atas das sessões da comissão;

Um redator - chefe para a *Revista* e as outras publicações;

Um bibliotecário arquivista, encarregado além disto do exame e dos relatórios de obras e artigos de jornais;

Um diretor da caixa de socorro, encarregado além disto da direção do dispensário, das visitas aos doentes e aos necessitados, e de tudo o que se relacione à beneficência. Ele será secundado por uma comissão de beneficência, tomada no seio da sociedade, e formada de pessoas caridosas de boa vontade;

Um administrador contábil, encarregado dos negócios e dos interesses materiais;

Um diretor especial para os assuntos concernentes às publicações;

Oradores para o ensino oral, encarregados além disto de visitar as sociedades dos departamentos, e dar-lhes instruções. Poderão ser tomados entre os membros auxiliares e os adeptos de boa vontade, que receberão, para esse efeito, um mandato especial.

Qualquer que seja a extensão ulterior dos negócios e do pessoal administrativo, a comissão será sempre limitada ao mesmo número de membros titulares.

Até o presente, tivemos que bastar quase somente a nós mesmos para este programa; também algumas de suas partes foram negligenciadas ou não puderam ser senão esboçadas, e as que são mais especialmente de nossa alçada, deveram sofrer inevitáveis atrasos, pela necessidade de nos ocupar de tantas coisas, então que o tempo e as forças têm limites, e que uma única absorveria o tempo de um homem.

VIII

Caminhos e meios.

É deplorável, sem dúvida, ser obrigado a entrar em considerações materiais para alcançar um objetivo todo espiritual; mas é preciso observar que a própria espiritualidade da obra se liga à questão da Humanidade terrestre e de seu bem-estar; que não se trata mais unicamente da emissão de algumas idéias filosóficas, mas de fundar alguma coisa de positiva e de durável, para a extensão e a consolidação da Doutrina, à qual será preciso fazer produzir os frutos que ela é suscetível de dar. Pensar que estamos ainda no tempo em que alguns apóstolos podiam se pôr a caminho com seu bastão de viagem, sem cuidado de sua morada e de seu pão cotidiano, seria uma ilusão logo destruída por uma amarga decepção. Para fazer alguma coisa de sério, é preciso se submeter às necessidades que impõem os costumes da época em que se vive; essas necessidades são diferentes daquelas dos tempos da vida patriarcal; o próprio interesse do Espiritismo exige, pois, que se calculem esses meios de ação para não se ser detido em caminho. Calculemos, pois, uma vez que estamos num século onde é preciso contar.

As atribuições da comissão central serão bastante numerosas, como se vê, por necessitar uma verdadeira administração. Cada membro tendo funções ativas e assíduas, se não se tomassem senão homens de boa vontade, os trabalhos poderiam sofrer com isso, porque ninguém teria o direito de fazer censuras aos negligentes. Para a regularidade dos trabalhos e da expedição dos negócios, é necessário ter homens sobre cuja assiduidade se possa contar, e cujas funções não sejam de simples atos de complacência. Quanto mais tivessem dependência por seus recursos pessoais, menos se submeteriam a ocupações assíduas; se não os têm, não podem dar seu tempo. É preciso, pois, que sejam retribuídos, assim como o pessoal administrativo; com isto a Doutrina ganhará em força, em estabilidade, em pontualidade, ao mesmo tempo que esse será um meio de prestar serviço a pessoas que deles podem ter necessidade.

Um ponto essencial, na economia de toda administração previdente, é que a sua existência não repouse sobre produtos eventuais que possam faltar, mas sobre recursos fixos, regulares, de maneira que sua marcha, onde quer que chegue, não possa ser entravada. É preciso, pois, que as pessoas que serão chamadas a dar o seu concurso não possam conceber nenhuma inquietação pelo seu futuro.

Ora, a experiência demonstra que se devem considerar como essencialmente aleatórios os recursos que não repousem senão sobre o produto de cotizações, sempre facultativas, quaisquer que sejam os compromissos contratados, e de uma cobertura freqüentemente difícil. Assentar despesas permanentes e regulares sobre recursos eventuais, seria uma falta de previdência, que se poderia um dia se lamentar. As conseqüências são menos graves, sem dúvida, quando se trata de fundações temporárias que duram o que elas podem; mas aqui, é uma questão de futuro. A sorte de uma administração como esta não pode estar subordinada às probabilidades de um negócio comercial; ela deve ser, desde o seu início, senão tão florescente, ao menos tão estável que o será daqui um século. Quanto mais a sua base for sólida, menos ela estará exposta aos golpes da intriga.

Em semelhante caso, a mais vulgar prudência quer que se lhe capitalizem, de maneira inalienável, os recursos à medida que eles chegam, a fim de constituir uma renda perpétua, ao abrigo de todas as eventualidades. A administração regulando suas despesas sobre sua renda, a sua existência não pode, em nenhum caso, ser comprometida, uma vez que terá sempre os meios de funcionar. Ela pode, em começando, ser organizada sobre uma menor escala; os membros da comissão podem ser provisoriamente limitados a cinco ou seis, o pessoal e as despesas administrativas reduzidas à sua mais simples expressão, salvo na proporção do desenvolvimento ao crescimento dos recursos e das necessidades da causa, mas ainda que falte o necessário.

Pessoalmente, e bem que parte ativa da comissão, não seremos de nenhuma carga ao orçamento, nem por proveitos, nem por indenizações de viagens, nem por uma causa qualquer; se jamais pedimos a ninguém por nós, o faríamos ainda menos nesta circunstância; nosso tempo, nossa vida, todas as nossas forças físicas e intelectuais pertencem à Doutrina. Declaramos, pois, formalmente que nenhuma parte dos recursos que disporá a comissão será desviada em nosso proveito.

Ao contrário, nós lhe levaremos nossa cota-parte:

1° Pela entrega dos produtos de nossas obras feitas e a fazer;

2° Pelo transporte de valores mobiliários e imobiliários.

Fazemos, pois, votos para a realização de nosso plano, no interesse da Doutrina, e não para disso nos fazer uma posição da qual não temos necessidade. É para preparar os caminhos dessa instalação que consagramos, até hoje, o produto de nossos trabalhos, assim como o dissemos mais acima. Se nossos meios pessoais não nos permitem fazer mais, teremos ao menos a satisfação de lhe ter colocado a primeira pedra.

Suponhamos, pois, que, por um caminho qualquer, a comissão central seja, num tempo dado, posta em condições de funcionar, o que supõe uma renda fixa de 25 a 30.000 francos, em se restringindo pelo início, os recursos de todas as naturezas dos quais disporá, em capitais e produtos eventuais, constituirão a *Caixa geral do Espiritismo,* que será o objeto de uma contabilidade rigorosa. As despesas obrigatórias estando reguladas, o excedente da renda aumentará o fundo comum; é proporcionalmente aos recursos desse fundo que a comissão provera às diversas despesas úteis ao desenvolvimento da Doutrina, sem que jamais possa disso fazer seu proveito pessoal, nem uma fonte de especulação de nenhum de seus membros. O emprego dos fundos e a contabilidade serão, aliás, submetidos à verificação de comissários especiais delegados para esse efeito pelos congressos ou assembléias gerais.

Um dos primeiros cuidados da comissão será de se ocupar das publicações, desde que para isto tenha a possibilidade, sem esperar poder fazê-lo com ajuda da renda; os fundos destinados a este uso não serão, em realidade, senão uma antecipação, uma vez que reingressarão pela renda das obras, cujo produto retornará ao fundo comum. É um negócio de administração.

Para dar a essa instituição uma existência legal, ao abrigo de toda contestação, dar-lhe, além disso, o direito de adquirir, de receber e de possuir, ela será constituída, se *isto for julgado necessário,* por ato autêntico, sob forma de sociedade comercial anônima, por noventa e nove anos, indefinidamente prorrogável, com todas as estipulações necessárias para que jamais possa se afastar de seu objetivo, e que os fundos não possam ser desviados de sua destinação.

Sem entrar aqui nos detalhes que seriam supérfluos e prematuros, devemos, no entanto, dizer algumas palavras sobre duas instituições acessórias da comissão, a fim de que não se equivoque sobre o sentido que nós lhes ligamos; queremos falar da caixa de socorro e da casa de retiro.

O estabelecimento de uma caixa geral de socorro é uma coisa impraticável, e que apresentaria sérios inconvenientes, assim como o demonstramos em um artigo especial. *(Revista* de julho de 1866, página 193.) A comissão não pode, pois, se empenhar num caminho que seria logo forçada a abandonar, nem nada empreender que não esteja certa de poder realizar. Ela deve ser positiva, e não se embalar de ilusões quiméricas; é o meio de caminhar por muito tempo e com segurança; por isto, ela deve em tudo permanecer nos limites do possível.

Essa caixa de socorro não pode e não deve ser senão uma instituição local, de uma ação circunscrita, cuja prudente organização poderá servir de modelo às do mesmo gênero, que as sociedades particulares poderiam criar. Será pela multiplicidade que elas poderão prestar serviços eficazes, e não em centralizando os meios de ação.

Ela será alimentada: 1 ° Pela porção reservada para esta destinação na renda da caixa geral do Espiritismo; 2° Pelos donativos especiais que lhe serão feitos. Ela capitalizará as somas recebidas de maneira a se constituir em renda; será sobre essa renda que ela dará os recursos temporários ou vitalícios, e cumprirá as obrigações de seu mandato, as quais serão estipuladas em seu regulamento constitutivo.

Um projeto de casa de retiro, na acepção completa da palavra, não poderá ser realizada no início, em razão dos capitais que semelhante fundação exigiria, e, além disto, porque é preciso deixar à administração o tempo de se assentar e de caminhar com regularidade, antes de pensar em complicar as suas atribuições por empreendimentos onde ela poderia fracassar. Abarcar todas as coisas antes de estar assegurado dos meios de execução, seria uma imprudência. Compreender-se-ia facilmente se se refletisse em todos os detalhes que comportam os estabelecimentos desse gênero. É bom, sem dúvida, ter boas intenções, mas, antes de tudo, é preciso poder realizá-las.

IX
Conclusão.

Tais são as bases principais da organização que nos propomos dar ao Espiritismo, se as circunstâncias nos permitirem; deveríamos desenvolver-lhes mais largamente os motivos, a fim de fazer-lhe conhecer o espírito. Os detalhes serão o objeto de uma regulamentação minuciosa, onde todos os casos serão previsto de maneira a levantar todas as dificuldades de execução.

Conseqüente com os princípios de tolerância e de respeito de todas as opiniões que o Espiritismo professa, não pretendemos impor essa organização a ninguém, nem constranger quem quer que seja a ela submeter-se. Nosso objetivo é de estabelecer um primeiro laço entre os Espíritas, que o desejam há muito tempo e lamentam de seu isolamento. Ora, esse laço, sem o qual o Espiritismo, permanecendo no estado de opinião individual, sem coesão, não pode existir senão com a condição de se ligar a um centro por uma comunidade de vistas e de princípios. Esse centro não é uma *individualidade,* mas um foco de atividade coletiva, agindo no interesse geral, e onde a autoridade pessoal se apaga.

Se não tivesse existido, qual teria sido o ponto de união dos Espíritas disseminados em diferentes países? Não podendo comunicar suas idéias, suas impressões, suas obrigações a todos os outros centros particulares, eles mesmos disseminados, e freqüentemente sem consistência, eles teriam ficado isolados, e a difusão da Doutrina com isto teria sofrido. Seria preciso, pois, um ponto de chegada, e de onde tudo pudesse irradiar. O desenvolvimento das idéias espíritas, longe de tornar esse centro inútil, fará dele sentir melhor a necessidade, porque a necessidade de se aproximar e de se formar um feixe será tanto maior quanto o número dos adeptos seja mais considerável.

Mas qual será a extensão do círculo de atividade desse centro? Está destinado a reger o mundo, e ase tornar o árbitro universal da verdade? Se houvesse esta pretensão, isto seria compreender mal o espírito do Espiritismo que, por isto mesmo proclama os princípios do livre exame e da liberdade de consciência, repudia o pensamento de se erigir em autocracia; desde o início, ele entraria num caminho fatal.

O Espiritismo tem princípios que, em razão de que são fundados sobre as leis da Natureza, e não sobre as abstrações metafísicas, tendem a se tornar, e serão certamente um dia, os da universalidade dos homens; todos os aceitarão, porque serão verdades palpáveis e demonstradas, como aceitaram a teoria do movimento da Terra; mas pretender que o Espiritismo seja por toda a parte organizado da mesma maneira; que os Espíritas do mundo inteiro estejam sujeitos a um regime uniforme, a uma mesma maneira de proceder; que devam esperara luz de um ponto fixo para o qual deverão fixar seus olhares, seria uma utopia tão absurda quanto de pretender que todos os povos da Terra

não formem um dia senão uma única nação, governada por um único chefe, regida pelo mesmo código de leis, e sujeitos aos mesmos usos. Se há leis gerais que podem ser comuns a todos os povos, essas leis serão sempre, nos detalhes da aplicação e da forma, apropriadas aos costumes, aos caracteres, aos climas de cada um.

Assim o será com o Espiritismo organizado. Os Espíritas do mundo inteiro terão princípios comuns que os ligarão à grande família pelo laço sagrado da fraternidade, mas cuja aplicação poderia variar segundo as regiões, sem, por isto, que a unidade fundamental seja rompida, sem formar seitas dissidentes se atirando a pedra e o anátema, o que seria anti-espírita ao primeiro chefe. Eles poderão se formar, e se formarão inevitavelmente, grandes centros gerais em diferente países, sem outro laço senão a comunidade de crença a solidariedade moral, sem subordinação de um ou outro, sem que o da França, por exemplo, tenha as pretensões de se impor ao Espíritas americanos e reciprocamente.

A comparação dos observatórios, que citamos mais acima, é perfeitamente justa. Há observatórios em diferentes pontos do globo; todos, seja qual nação a que pertençam, são fundados sobre os princípios gerais e reconhecidos da astronomia, o que não os torna, por isto, tributários uns dos outros; cada um regula seus trabalhos como o entende; comunicam-se as suas observações, e cada um põe em proveito pela ciência, as descobertas de seus confrades. Ocorrerá o mesmo nos centros gerais do Espiritismo; serão os observatórios do mundo invisível, que se emprestarão reciprocamente o que tiverem de bom e de aplicável aos costumes das regiões onde estarão estabelecidos: seu objetivo sendo o bem da Humanidade, e não a satisfação das ambições pessoais. O Espiritismo é uma questão de fundo; ligar-se à forma seria uma puerilidade indigna da grandeza do assunto; eis porque os centros diversos, que estarão no verdadeiro espirito do Espiritismo, deverão se estender a mão fraterna, e se unir para combater seus inimigos comuns: a incredulidade e o fanatismo.

BIBLIOGRAFIA.

El critério espiritista Revista quincenal dei Espiritismo.

Esse jornal, que se publica em Madrid, há um ano, sob o título de *El critério, Revista quincenal cientifica,* vem de retomar seu primeiro título que lhe havia sido proibido sob o governo espanhol precedente. O diretor o anunciou nesses termos, num suplemento do n° 17:

"Com a imensa alegria do triunfo, merecido não por nossas débeis forças, mas pela bondade de nossa causa, nos dirigimos hoje aos nossos constantes protetores, aos amigos que, na infelicidade, nos encorajaram e sustentaram.

"A intolerância do governo anterior nos havia proibido o exercício da mais frutuosa das liberdades: a do estudo, quando um dia, triste pela decepção, felizes porque foi o primeiro da luta, quisemos publicar o *Critério espiritista.* Vão ver a resposta que nos foi dada pelo secretário ministerial.

"Governo da província; sessão de imprensa. - Depois de ter examinado o primeiro número do jornal do qual sois o editor e o diretor, vi que, por seu caráter especial, suas tendências e a escola filosófica que ele procura desenvolver, deve ser compreendido entre aqueles que assinala o segundo parágrafo do artigo 52 da lei em vigor sobre a imprensa; eu vos previno que não me é possível autorizar o dito número nem os seguintes, se, preliminarmente, não tiverem sido examinados e aprovados pela censura eclesiástica. Deus vos guarde, etc.

"Madrid, 17 de julho de 1867."

"Em 10 de agosto seguinte recebemos o despacho cuja cópia segue abaixo.

"Secretaria eclesiástica em Madrid. - Em conseqüência da desfavorável censura com a qual foi atingido o primeiro número da Revista o *Critério espiritista,* que dirigis, tenho o dever de manifestar que não posso, de nenhum modo, permitir, de minha parte, a publicação da dita Revista. Deus vos guarde, etc.

"Madrid, 6 de agosto de 1867."

"Estes documentos não serão para a maior glória de seus autores, dos quais nos abstemos de entregar os nomes à publicidade, por conveniência. Hoje podemos aparecer à luz, e o *Critério científico* está substituído pelo *Critério espiritista.* A direção está instalada na Calledel Arco de Santa Maria, n° 25, quarto 2°; é para lá que poderão se dirigir os adeptos que quiserem fazer parte da Sociedade Espírita Espanhola, fundada em 1865, e que teve que suspender suas sessões pelos mesmos motivos que haviam impedido a publicação do jornal."

O regulamento da sociedade, que temos sob os olhos, está concebido num excelente espírito, *e* não podemos senão aplaudir as disposições que ele encerra. Ela se coloca sob o patrocínio do Espirito de Sócrates, e seu objetivo está claramente definido nos dois primeiros artigos:

"1° Está constituído um circulo privado sob a denominação de *Sociedade Espírita Espanhola,* cujo objeto é o estudo do Espiritismo, principalmente no que se prende à moral e ao conhecimento do mundo invisível ou dos Espíritos; 2° A sociedade não poderá, em nenhum caso, se ocupar de questões políticas, nem de discussões ou controvérsias religiosas que tenderiam a lhe dar o caráter de uma seita."

Estas disposições são de natureza a tranqüilizar aqueles que supusessem à Sociedade tendências perturbadoras. No momento de uma revolução que acaba de quebrar os entraves postos à liberdade de pensar, de falar e de escrever, onde as massas emancipadas, geralmente, são tentadas a ultrapassar os limites da moderação, a sociedade nem seu órgão pensam em disso tirar proveito por se afastar do objetivo exclusivamente moral e filosófico da Doutrina. Ela não só se proíbe a política, mas mesmo as controvérsias religiosas, por espírito de tolerância e de respeito pela consciência de todos. O próprio diretor do jornal se abstém de estigmatizar pela publicidade os nomes dos signatários dos decretos que interditaram o seu jornal, para não entregá-los à repreensão pública. É que o Espiritismo, bem *compreendido, é* por toda a parte o mesmo: uma garantia de ordem e de moderação. Ele não vive de escândalo; tem muito o sentimento de sua dignidade, e vê as coisas de muito alto, para se abaixar às personalidades que acusam sempre da pequenez de espírito e jamais se aliam à nobreza do coração.

O primeiro número do *Critério espiritista* contém os artigos seguintes:

Introdução, por Alverico Peron. -O dia dos mortos, comunicação assinada por Sócrates, obtida na sociedade de Sevilha. - A faculdade medianínica. - A Bíblia, comunicação assinada por Sócrates. - Sessão de magnetismo. - As metades eternas, comunicação de Sócrates. - Carta de um Espírita. - Carta ao Sr. Alverico Peron, por Allan Kardec, e comunicação de São Luís sobre a nova situação do Espiritismo na Espanha. - *Revista Espírita* de Paris

Convidamos com insistência os nossos irmãos espíritas da Espanha a sustentarem com todo o seu poder esse órgão de sua crença. Pela sabedoria e a prudência de sua redação, ele não pode deixar de servir utilmente *a* nossa causa. Será um laço que estabelecerá as relações entre os adeptos disseminados sobre os diferentes pontos da

Espanha. O diretor, Sr. Alverico Peron, não é um recém-chegado em nossas fileiras; seus esforços para a propagação da Doutrina datam do ano de 1858, e nos lembramos com prazer a *Formula del epiritismo,* que ele consentiu em nos dedicar.

AVISO

A *Revista Espírita* começará em 1 ° de janeiro próximo seu décimo-segundo ano. Os Srs. assinantes que não quiserem experimentar o atraso, são chamados a renovar sua assinatura antes de 31 de dezembro.

O número de janeiro será, como de hábito, dirigido a todos os antigos assinantes; os números seguintes não o serão senão à medida de suas renovações.

Nós nos propusemos publicar, com o último número deste ano, um índice geral alfabético de todos os assuntos tratados, seja na *Revista,* seja nas outras obras, de maneira a facilitar nas pesquisas; mas esse trabalho, muito mais considerável do que o tínhamos suposto, para fazê-lo completo, não pôde ser terminado em tempo útil; nós o publicaremos com um de nossos próximos números, e será enviado a todos os assinantes.

Publicaremos também proximamente um *catálogo* de todas as obras que podem interessar à Doutrina: sejam aquelas que foram publicada sem vista do Espiritismo, sejam aquelas que, publicadas fora e em diferentes épocas, têm uma afinidade de princípios com as novas crenças. Este será um guia para a formação de bibliotecas espíritas. Quando isso ocorrer, a indicação das obras será seguida de uma curta apreciação para dar-lhe a conhecer o espírito, e chamado será feito do número da *Revista* onde dele tiver sido dado conta.

ALLANKARDEC.